

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ECI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - PPGCI

KARIANE REGINA LAURINDO

**VOZES COTISTAS: A HISTÓRIA ORAL DOS ESTUDANTES NEGROS NAS
POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS EM BIBLIOTECONOMIA**

BELO HORIZONTE
2025

KARIANE REGINA LAURINDO

**VOZES COTISTAS: A HISTÓRIA ORAL DOS ESTUDANTES NEGROS NAS
POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS EM BIBLIOTECONOMIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de Doutor em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Memória social, patrimônio e produção do conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Rubens Alves da Silva

BELO HORIZONTE
2025

L385v

Laurindo, Kariane Regina.

Vozes cotistas [recurso eletrônico] : a história oral dos estudantes negros nas políticas de ações afirmativas em Biblioteconomia / Kariane Regina Laurindo. - 2025. 1 recurso online (361 f. : il., color.) : pdf.

Orientador: Rubens Alves da Silva.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

Referências: f. 246-259.

Apêndice: f. 260-361.

Exigência do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Ciência da informação – Teses. 2. Programas de ação afirmativa na educação – Teses. 3. História oral - Teses. 4. Biblioteconomia – Teses. 5. I. Silva, Rubens Alves da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação. III. Título.

CDU: 02:378

Ficha catalográfica: Maianna Giselle de Paula - CRB: 6/2642

Biblioteca Profª Etelvina Lima, Escola de Ciência da Informação da UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ECI - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Às 14h00 horas do dia 6 de Junho de 2025, por conferência web (Sala 1 ECI UFMG), realizou-se a sessão pública para a defesa de tese de Doutorado de Kariane Regina Laurindo. A presidência da sessão coube ao Rubens Alves da Silva (Orientador). Inicialmente, o presidente fez a apresentação da Comissão Examinadora assim constituída: Franciéle Carneiro Garcês da Silva (UNIR), Carolina dos Santos Bezerra Perez (UFJF), Ana Paula Meneses Alves (UFMG), Daniel Alves de Jesus Figueiredo (UFMG) e Rubens Alves da Silva (UFMG). Em seguida, a candidata fez a apresentação do trabalho que constitui sua tese de doutorado, intitulada : "Vozes cotistas: a história oral dos estudantes negros nas políticas de ações afirmativas em Biblioteconomia". Seguiu-se a arguição pelos examinadores e logo após a Comissão reuniu-se sem a presença da candidata e do público e decidiu considerar aprovada a tese de doutorado com registro de sua relevância intelectual, o resultado final foi comunicado publicamente à candidata pelo presidente da Comissão: a banca salienta a relevância e importância da tese para área, e indica o trabalho para publicação em artigos e livro e a concorrer os respectivos prêmios, a saber – Prêmio Ancib de Melhor Tese, Prêmio UFMG de Melhor Tese, Prêmio Capes de Melhor Tese. Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão e lavrou a presente ata que depois de lida e aprovada, foi assinada pela Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 6 de Junho de 2025.

Rubens Alves da Silva (UFMG)

Franciéle Carneiro Garcês da Silva (UNIR)

Carolina dos Santos Bezerra Perez (UFJF)

Ana Paula Meneses Alves (UFMG)

Daniel Alves de Jesus Figueiredo (UFMG)



Documento assinado eletronicamente por **Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Usuário Externo**, em 16/06/2025, às 12:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Alves de Jesus Figueiredo, Professor do Magistério Superior**, em 17/06/2025, às 07:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Carolina dos Santos Bezerra Perez, Usuária**



Externa, em 17/06/2025, às 08:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Meneses Alves, Professora do Magistério Superior**, em 17/06/2025, às 08:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rubens Alves da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 17/06/2025, às 12:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4298098** e o código CRC **7E6AD265**.

DEDICATÓRIA

Para Neusa, Nilma, Rodrigo, Aparecida, Dagoberto, Isildinha, Cida, Francilene, Carla, Franciéle, Virgínia, Sueli, Andreia, Lívia, Petrônio e Sandra.

AGRADECIMENTOS

Nas normas e modelos para elaboração de trabalhos acadêmicos, como a tese, por exemplo, a seção Agradecimentos consta como um elemento pré-textual opcional para a pessoa pesquisadora. Contudo, como uma boa pesquisadora que sou (permitam-me a ironia ou brincadeira), esta possibilidade de o elemento pré-textual Agradecimentos ser opcional trouxe-me várias dúvidas. Será que existe a possibilidade de haver trabalhos como a tese, com uma trajetória de anos, e a pessoa pesquisadora optar por não agradecer a nada nem a ninguém? E será que essa possibilidade existiria para uma estudante cotista racial? Calma, este não é mais um tema para uma próxima pesquisa, caro leitor, ou quem sabe seja?

A questão é que eu não poderia, de forma alguma, mesmo diante de tantos anseios, deixar de preencher este elemento pré-textual, que para mim sim é obrigatório. Por isso, creio que para você, caro leitor, não seja um clichê eu iniciar minhas gratulações reconhecendo os que me antecederam. Obrigada, percursores da ciência social, em especial a todos os grupos do movimento negro que, em união por séculos de injustiças, sobreviveram e viveram para possibilitar o meu acesso a este espaço que é a pós-graduação. É muito provável que, sem as ações afirmativas, eu não estaria escrevendo este agradecimento; por isso, faço coro aos estudantes de Biblioteconomia que participaram da construção deste trabalho: “as cotas salvaram minha vida”. Dentre as possibilidades pelas quais sou imensamente grata, uma foi o privilégio de, neste período, estar alicerçada financeiramente pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através de auxílio financeiro religiosamente debitado em minha conta, possibilitando-me calma para concentrar minha energia nas demandas da pesquisa. Com isso, sou imensamente grata ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da UFMG; estar em uma universidade de excelência dentro de um programa tão conceituado é um divisor de águas para o campo profissional. Seguindo esta linha, agradeço ao professor e meu orientador Rubens Alves da Silva, com quem tenho certeza de que voltaremos a trabalhar juntos, mas sob a pauta das comunidades quilombolas. Tecendo dentro do espaço geográfico onde está a UFMG, não posso deixar de agradecer imensamente à cidade de

Belo Horizonte, lugar que trago como meu segundo lar, e, com a cidade, às amigas e aos amigos que levo comigo no coração, aos colegas que ingressaram nesta jornada junto comigo. Muito, muito obrigada! Dialogando sobre colegas, não poderia deixar de mencionar uma colega preta, símbolo de resistência, que foi a responsável pelo meu ingresso no doutorado: Franciéle Carneiro Garcês-da-Silva foi quem me falou e, graças às deusas, insistiu para que eu participasse do processo seletivo, mesmo que por teste. Franciéle, você é parte disso.

E como seria essa longa trajetória sem os amigos? Pois bem, seria insana. Para não esquecer de nenhum nome, não citarei nomes; só o que posso dizer é que, sem a minha forte e resistente rede de amigas e amigos, consegui concluir mais essa trajetória. A todos vocês, o meu eterno agradecimento.

Por fim, agradeço às duas mulheres da minha vida: Isolete Maria de Souza, minha avó, e Márcia do Nascimento, minha mãe. Mãe e vó, minha trajetória só existe por causa da criação e da educação que vocês me deram. Mediante tantos e tantos sacrifícios, vocês duas me proporcionaram o melhor da vida, e como sou grata a vocês por isso! Além de toda a discussão sobre justiça social e igualdade, eu trocaria tudo para possibilitar um terço do que vocês me possibilitaram; então, não só agradeço como dedico a vocês este trabalho. É pra você, mãe, é pra você, vó!

Agora eu compreendo o que é ganhar cem. É quando a lição é bem feita. Quando saímos da escola, estávamos furiosos e pensando: os brancos... não hão de saber mais do que nós! Passados uns dias, ela pediu aos alunos brancos para ficarem na aula. Dizia-lhes que os alunos pretos eram os mais esforçados, os mais estudiosos os mais capacitados nos deveres escolares (Carolina Maria de Jesus, 2014, p. 130).

RESUMO

Em 2022, a Lei 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas, completou uma década. Essa lei versa sobre políticas de ações afirmativas para o ingresso no ensino superior, com o objetivo de promover a equidade entre as diferentes camadas sociais e raciais no Brasil. Dentre suas atribuições, o sistema de cotas foi criado para fomentar a democratização atual, em que o Estado viabiliza a equidade no ensino superior para acolher historicamente pessoas que estão à margem da sociedade ao longo do processo sócio-histórico brasileiro. Assim, busca-se proporcionar algum meio de reparar incontáveis séculos de injustiças sofridas por um longo período do sistema escravocrata, que subordinou a população negra a uma estrutura de subalternização, tanto durante o período de escravidão quanto após a abolição. Refletindo sobre o papel da Ciência na perpetuação de concepções falhas, como as teorias evolucionistas do século XIX, questiona-se: qual foi a posição adotada pelas áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação ao longo desse percurso? Tendo em vista que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação são campos de atuações relevantes na disseminação da informação, na divulgação e manutenção da pesquisa científica, é importante compreender como os futuros profissionais da informação, como os cotistas raciais que se tornarão bibliotecários, por exemplo, compreendem a lei que possibilitou sua entrada em uma instituição pública. Por meio da metodologia de História Oral, os cotistas bibliotecários descrevem suas experiências nos espaços educacionais, bem como toda a estrutura das universidades em que estão cursando, revivendo suas memórias. Essas narrativas compuseram um discurso que pode abranger os cotistas raciais nos cursos de graduação em Biblioteconomia. Portanto, levando em consideração a construção e implementação de uma política de cotas que possibilita a entrada de grupos étnico-raciais em instituições de ensino público, buscando uma reparação histórica e uma democratização do acesso, surge a seguinte questão de pesquisa: qual a percepção de discentes negros cotistas nos cursos de Biblioteconomia sobre as cotas raciais? A presente pesquisa tem como objetivo geral identificar a percepção dos ingressantes por cotas raciais dos cursos presenciais de Biblioteconomia de instituições públicas brasileiras sobre suas vivências enquanto sujeito negro optante pela política de cotas raciais. Deste modo, os objetivos específicos do estudo serão: a) Registrar e analisar as narrativas dos estudantes cotistas raciais de Biblioteconomia sobre suas percepções e experiências no ensino superior, com ênfase nos significados atribuídos à política de cotas e suas vivências acadêmicas; b) Investigar as dimensões racial, social e acadêmica das vivências dos estudantes cotistas de Biblioteconomia, identificando os desafios enfrentados, as formas de enfrentamento do racismo (se houver) e as potencialidades percebidas no contexto universitário; e, c) Analisar como as narrativas dos estudantes cotistas raciais de Biblioteconomia podem contribuir para as práticas de ensino da Biblioteconomia e Ciência da Informação, possibilitando a promoção de uma equidade racial e inclusiva no campo. Essa pesquisa contribui tanto do ponto de vista epistemológico quanto político. No aspecto epistemológico, está ligada à produção de conhecimento nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, bem como em diversas outras áreas do conhecimento. Já no aspecto político, contribui para a comunidade, proporcionando um retorno social. A pesquisa está inserida na linha de pesquisa de Memória Social, Patrimônio e Produção do Conhecimento do Programa de Pós-graduação em Ciência da

Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Obteve como resultado 16 narrativas que compuseram a história oral de estudantes cotistas raciais dos cursos de Biblioteconomia de universidades públicas estaduais e federais do Brasil. Os estudantes que compuseram a pesquisa são oriundos das regiões Sul, Sudeste, Norte e Nordeste. Dentre a análise dos resultados, pode-se observar que os estudantes compreendem as cotas raciais como essenciais para a sua entrada no ensino superior, reconhecendo que o ensino público que tiveram não seria suficiente para uma concorrência justa entre todos os candidatos. Entretanto, também foi evidenciado que, para estes estudantes, apenas as cotas que possibilitam o ingresso não são suficientes, e sim formas para a manutenção da permanência dos estudantes durante o seu percurso escolar acadêmico. Como conclusão, a presente pesquisa revela fatos sobre os estudantes que são relevantes para a comunidade acadêmica que queira realmente proporcionar uma educação equânime em seu espaço. Foram diversas as denúncias que os estudantes relataram em suas oralidades, dentre estas o posicionamento neutro tanto dos cursos de Biblioteconomia quanto das Universidades como um todo, com relação a denúncias de racismo, a falta de uma comunidade diversa dentro dos espaços, incluindo principalmente a falta de professoras e professores negros, bem como a baixa em estímulos para a construção de conversas com a comunidade acadêmica sobre as questões raciais. Desta maneira, a presente pesquisa pode ser utilizada pelas Universidades e cursos de Biblioteconomia como um direcionamento para a educação de estudantes, professores e técnicos sobre as relações étnico-raciais e sobre as cotas raciais dentro do espaço, na tentativa de desassociá-la de um entendimento pejorativo que leva o estudante cotista para o lugar do que está se apropriando de vagas alheias, ou como aquele que não possui capacidade intelectual, sendo destinada para o entendimento de que cotas são esmolas.

Palavras-chave: Lei 12.711/2012. Cotas Raciais. Ações afirmativas. Biblioteconomia e Ciência da Informação. História Oral.

ABSTRACT

In 2022, Law 12.711/2012, known as the Quotas Law, completed a decade. This law deals with affirmative action policies for entry into higher education, with the aim of promoting equity between the different social and racial strata in Brazil. Among its attributions, the quota system was created to foster current democratization, in which the state makes equity in higher education possible in order to welcome people who have historically been on the margins of society throughout Brazil's socio-historical process. The aim is to provide a means of redressing countless centuries of injustice suffered during a long period of slavery, which subordinated the black population to a structure of subordination, both during the period of slavery and after abolition. Reflecting on the role of science in perpetuating flawed conceptions, such as the evolutionist theories of the 19th century, the question arises: what was the position adopted by the areas of Library and Information Science along this path? Given that Librarianship and Information Science are relevant fields of activity in the dissemination of information and the dissemination and maintenance of scientific research, it is important to understand how future information professionals, such as racial quota students who will become librarians, for example, understand the law that made it possible for them to enter a public institution. Using oral history methodology, the quota librarians describe their experiences in educational spaces, as well as the entire structure of the universities they are attending, reliving their memories. These narratives compose a discourse that can encompass racial quota holders in undergraduate Library Science courses. Therefore, taking into account the construction and implementation of a quota policy that enables ethnic-racial groups to enter public education institutions, seeking historical reparation and democratization of access, the following research question arises: what is the perception of black quota students in Library Science courses about racial quotas? The general objective of this study is to identify the perception of those entering the classroom Library Science courses at Brazilian public institutions who have opted for racial quotas about their experiences as black people. The specific objectives of the study will be: a) To record and analyze the narratives of racially-quota Librarianship students about their perceptions and experiences in higher education, with an emphasis on the meanings attributed to the quota policy and their academic experiences; b) To investigate the racial, social and academic dimensions of the experiences of racially-quota Librarianship students, identifying the challenges faced, the ways of confronting racism (if any) and the potential perceived in the university context; and c) Analyze how the narratives of racially-quota Library Science students can contribute to the teaching practices of Library and Information Science, enabling the promotion of racial equity and inclusiveness in the field. This research contributes from both an epistemological and a political point of view. From an epistemological point of view, it is linked to the production of knowledge in the areas of Library and Information Science, as well as in various other areas of knowledge. On the political side, it contributes to the community, providing a social return. The research is part of the Social Memory, Heritage and Knowledge Production research line of the Postgraduate Program in Information Science at the Federal University of Minas Gerais. It resulted in 16 narratives that made up the oral history of racially-quota students on Library Science courses at state and federal public universities in Brazil. The students who took part in the research come from the South, Southeast, North and Northeast regions. The analysis of

the results shows that the students see the racial quotas as essential for them to enter higher education, recognizing that the public education they had would not be enough for fair competition between all candidates. However, it was also clear that, for these students, the quotas alone are not enough to enable them to enter university, but rather ways of keeping them there throughout their academic career. In conclusion, this research reveals facts about the students that are relevant to the academic community that really wants to provide an equitable education in its space. There were several complaints that the students reported in their speeches, including the neutral position of both library science courses and universities as a whole with regard to complaints of racism, the lack of a diverse community within the spaces, including mainly the lack of black professors, as well as the lack of stimuli for building conversations with the academic community about racial issues. In this way, this research can be used by universities and library science courses as a guideline for educating students, teachers and technicians about ethnic-racial relations and racial quotas within the space, in an attempt to disassociate it from a pejorative understanding that takes the quota student into the box of one who is appropriating other people's vacancies, or as one who lacks intellectual capacity, being destined for the understanding that quotas are handouts.

Keywords: *Law 12.711/2012. Racial quotas. Affirmative action. Library and Information Science. Oral History.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Percorso educacional da população negra no Brasil até a abolição.....	42
Figura 2 – Reportagem do Jornal O Exemplo de dezembro de 1904.....	45
Figura 3 – Capa do Jornal da Marcha.....	50
Figura 4 – Cartaz da campanha Não deixe sua cor passar em branco - use o bom c/senso	54
Figura 5 – Formação da primeira turma do curso de Biblioteconomia no Brasil	68
Figura 6 – A Redenção de Cam.....	90
Figura 7 – Porcentagem dos participantes por região	110
Figura 8 – Relação participantes por universidades.....	111

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Linha do tempo entre Biblioteconomia e as relações raciais no Brasil 62

LISTA DE ABREVIATURAS

ADPF	Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental
BCI	Biblioteconomia e Ciência da Informação
BDTD	Banco de dados de teses e dissertações
BN	Biblioteca Nacional
BRAPCI	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CI	Ciência da Informação
CNA	Congresso Nacional Africano
DEM	Democratas
EAD	Ensino à Distância
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FAED	Centro de Ciências da Educação
HO	História Oral
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IES	Instituições de Ensino Superior
LDB	Diretrizes e Bases da Educação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
ONGs	Organizações não Governamentais
PL	Projeto de Lei
STF	Supremo Tribunal Federal
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UNF	Universidade do Norte Estadual Fluminense
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Federal de Santa Catarina
UNB	Universidade de Brasília
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	AÇÕES AFIRMATIVAS: UMA REVOLUÇÃO SILENCIOSA	30
2.1	AÇÕES AFIRMATIVAS: CONTEXTO INTERNACIONAL	33
2.2	DO PASSADO AO PRESENTE: SOBRE AS AÇÕES AFIRMATIVAS NO BRASIL	35
2.2.1	O negro e a educação no Brasil: a hipocrisia da meritocracia e do mito da democracia racial	38
2.2.2	Ações afirmativas: um futuro com possibilidades.....	48
2.3	LEI 12.711/2012: A LEI DE COTAS	52
3	BIBLIOTECONOMIA E A INFORMAÇÃO NO ÂMBITO SOCIAL: FOCO NAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	64
3.1	SIM! É POSSÍVEL NOVAS PERSPECTIVAS PARA A BIBLIOTECONOMIA: UMA LIGAÇÃO INTERDISCIPLINAR COM A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	70
3.1.1	E o que seria da pesquisa sem aqueles na linha de frente?	74
3.2	DA BIBLIOTECONOMIA À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: A RESPONSABILIDADE DIANTE DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA SOCIEDADE	76
3.2.1	Informação no âmbito social	79
3.3	A CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL: RESPONSABILIDADE SOCIAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO	80
4	VIVÊNCIAS E PERCEPÇÕES: QUEM É O NEGRO NO ENSINO SUPERIOR?	85
4.1	COMO SE COMPREENDE O NEGRO: O PROJETO HEGEMÔNICO DA BRANQUITUDE.....	86
4.2	O NEGRO NO ENSINO SUPERIOR: UMA TRANSGRESSÃO AO PROJETO HEGEMÔNICO DA BRANQUITUDE	95
5	PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	99
5.1	UNIVERSO DA PESQUISA	99
5.2	PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS: HISTÓRIA ORAL..	101
5.3	PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS	106
6	COTISTA EU ? : APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	108

6.1	A HISTÓRIA ORAL DOS INGRESSANTES COTISTAS NO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA	109
7	O QUE TÊM A NOS DIZER OS COTISTAS RACIAIS DOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA?: DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	118
7.1	ACESSO E INGRESSO	119
7.2	VIVÊNCIAS ACADÊMICAS.....	136
7.3	IDENTIDADE E RELAÇÕES RACIAIS.....	161
7.4	PERCEPÇÕES SOBRE A POLÍTICA DE COTAS	188
7.5	IMPLICAÇÕES PARA A BIBLIOTECONOMIA.....	203
7.6	PROJETO DE FUTURO.....	215
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	231
	REFERÊNCIAS.....	246
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	260
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO COM ALUNOS COTISTAS RACIAIS DOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA	265
	APÊNDICE C – FORMULÁRIO	267
	APÊNDICE D – A HISTÓRIA ORAL DAS PESSOAS ESTUDANTES COTISTAS: TRANSCRIÇÃO COMPLETA	269
	Neusa	269
	Nilma	273
	Rodrigo.....	280
	Aparecida.....	286
	Dagoberto	288
	Isildidinha.....	293
	Cida	302
	Francilene	304
	Carla	310
	Virgínia	318
	Franciéle.....	322
	Sueli	330
	Andreia.....	333
	Lívia	340

Petronio	345
Sandra	356

1 INTRODUÇÃO

*Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem
É o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir,
(trecho da música “Amarelo” interpretada por Emicida).*

Permita que eu fale¹. Assim como na pequena estrofe da música acima apresentada, este trabalho é igualmente um relato pessoal desta pesquisadora que vos fala. Portanto, permitam-me usar de uma ação acadêmica para um pretexto pessoal que é comunicar a quem teve o interesse ou a obrigação de buscar esta leitura para conhecer um pouco sobre ações afirmativas, cotas raciais, a Lei 12.711/2012 (Brasil, 2012) ou a vida acadêmica da pesquisadora, isto porque todas essas dimensões se entrecruzam.

O curso de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina no ano de 2013 teve inicialmente 40 pessoas aprovadas no vestibular, sendo quatro pessoas optantes das cotas raciais e eu era uma delas. A opção pelo ingresso via cotas raciais me foi, de início, um recurso que me facilitaria a entrada em uma universidade pública. Compreendida como um recurso que facilita a entrada de pessoas negras no ensino superior, este vem também carregado de impressões, e dentre elas as de que: “quem usa cotas é burro”; “as cotas são para pessoas incapazes, é uma ajuda”; “o cotista está tirando o lugar de alguém que estudou de verde”; ou “cota é esmola”.

E esse foi, sim, de início, o meu primeiro entendimento sobre as cotas raciais para o ensino superior. O motivo de, mesmo sob tantos argumentos negativos, eu ainda ter me utilizado? Confesso que não sei, talvez em um inconsciente camuflado, eu realmente acreditasse que precisava de ajuda e que receber uma “esmola” de vez em quando não seria problema. Contudo, não houve a idealização de que as cotas me eram um direito. E é sobre isso que este trabalho pretende tratar. Os entendimentos de outros ingressantes por cotas raciais, como eu, sobre esta ação afirmativa.

Conforme estabelecido na Constituição Federal de 1988, todas as pessoas, independentemente de seu sexo, raça ou etnia, possuem o direito igualitário de acesso à educação, a fim de exercer plenamente sua cidadania

¹ Esta pesquisa alternará a primeira e a terceira pessoa, em consonância com a metodologia da Escrivência (termo de Conceição Evaristo), que fundamenta minha escrita e meu posicionamento como pesquisadora.

(Brasil, 1988). Todavia, as instituições brasileiras, inclusive as instituições educacionais, foram amplamente influenciadas por um padrão de formação baseado em sua composição populacional, conferindo cargos e oportunidades com base nas representações individuais, sejam elas relacionadas ao gênero ou à raça, e classificando-as em categorias.

De acordo com os dados obtidos no Censo Demográfico² por educação, do fim do último século, o percentual de indivíduos autodeclarados pretos que concluíram a graduação era de pouco mais de 2% e, 83% para pessoas brancas no ano de 2000³ (IBGE, 2000). A questão educacional representa apenas uma parcela do intrincado cenário da formação do país. Dessa forma, constata-se a existência de um sistema de racismo institucional, o qual deixou desigualdades dentro de instituições como órgãos governamentais, empresas privadas e estabelecimentos de ensino, com base na raça das pessoas, por exemplo⁴.

A abolição da escravatura em 1888, cem anos antes da legislação que prega a igualdade, não garantiu aos negros⁵ uma vida em sociedade igualitária, ao contrário, foram marginalizados e alocados em posições de subalternidade. Entretanto, as frentes negras em movimento por defesa de direitos e um sistema mais justo para os negros se destacaram (Carneiro, 2002).

O Movimento negro organizado tornou-se, então, um dos maiores impulsionadores na formulação e construção de leis que vieram a surgir em prol da comunidade negra brasileira, com ações como, a inclusão da história e cultura afro-brasileira na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) a Lei nº 10.639/03 que posteriormente incluiu a Lei nº 11.645/08, as quais implementaram a obrigatoriedade da inclusão nos currículos escolares da “História e cultura afro-brasileira e indígena” (Brasil, 2003, 2008).

Tamanha desigualdade apontada nos dados do censo do último milênio, no Censo de 2000, foram uma das motivadoras para as discussões de promoção de inclusão de políticas de ações afirmativas na educação no Brasil. Assim, oriunda da luta do movimento negro por ações afirmativas, a Lei Federal nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas para o ensino superior, determina a

² Censo Demográfico 2000, amostra por educação (IBGE, 2000).

³ A opção de escolha da referida pesquisa é crucial para compreendermos o cenário da educação superior antes da Lei. 12.711/2012 (Brasil, 2012).

⁴ Brancos são maioria em empregos de elite e negros ocupam vagas sem qualificação (Gomes, 2018).

⁵ O termo Negro será utilizado para a somatória de pretos e pardos, como define o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

reserva de 50% das vagas em instituições vinculadas ao Ministério da Educação (MEC), nos cursos de graduação das instituições de ensino superior e das instituições federais de ensino técnico e de nível médio (Brasil, 2012).

Essas vagas são destinadas a estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas, das quais um percentual destina-se a candidatos autodeclarados pretos ou pardos e indígenas, incluindo também pessoas com deficiência, em proporção ao censo estatístico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Brasil, 2012), recentemente foi incluída uma porcentagem para pessoas remanescentes quilombolas (Verdério, 2023).

Promulgada em 29 de agosto de 2012, a Lei Federal 12.711 (Brasil, 2012) é uma conquista indiscutível do protagonismo histórico dos movimentos negros, persistentes nas ações de mobilização política e negociação junto ao poder público, de modo a pressionar a garantia de leis comprometidas com o combate as desigualdades sociais e a discriminação étnica e racial no Brasil, entre as quais a política inclusiva das cotas raciais se destaca.

A legislação em questão, que tem contribuído para o aumento progressivo da presença de indivíduos de ascendência africana no ensino superior, somente se concretizou na prática a partir dos anos 2000, quando foram divulgados os primeiros editais de ações afirmativas que contemplavam cotas raciais nas universidades públicas essa implementação ocorreu por meio de decretos ou leis estaduais, sendo também promovida por meio da iniciativa da autonomia universitária⁶ (Vaz, 2022).

Sendo assim, entre as instituições pioneiras na promoção de ações afirmativas das cotas raciais destaca-se a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que seguiu a Resolução nº 196 de 2002⁷ no vestibular de 2003 (Vaz, 2022). Em 2003, a Universidade do Norte Estadual Fluminense, (UNEF) do Rio de Janeiro, abriu edital para processo seletivo por reserva de vagas e, também, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) adotou o procedimento, em

⁶ A autonomia universitária consiste em: “Os objetivos que a Constituição (art. 207) prevê às universidades – pesquisa, ensino e extensão – e o regulamento jurídico próprio – a autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial [...]” (Reis; Assis, 2021, *online*).

⁷ A Resolução nº 196 de 2002 determinava a reserva de vagas para a população afrodescendente, também para a pós-graduação (UNEB, 2002).

obediência à Lei Estadual nº 4.151/2003⁸ (Campos, 2005). Na esfera Federal, por iniciativa própria, a Universidade de Brasília (UnB) aderiu em 2004 ao regime das cotas raciais (Caetano, 2015).

Tais iniciativas estimularam outras instituições a aderirem à política das cotas. Com efeito, divididas nas categorias de cotas sociais e raciais, várias instituições de ensino vinculadas ao MEC passaram cronologicamente a atender a política de ação afirmativa, assim, ao longo de mais de duas décadas pessoas se inscrevem para usufruir deste direito reparatório de um processo histórico em que a desigualdade socioeconômica e exclusão étnica e racial persiste como um problema não resolvido.

No âmbito nacional, em 2022 completaram-se dez anos da criação da Lei 12.711/12 (Brasil, 2012), cujo objetivo é estabelecer uma política de ações afirmativas que visa promover o acesso a universidades por parte de um contingente representativo das “minorias”, conforme descrito sociologicamente. Essa política, diante da precária condição estrutural subalterna, busca efetivar um meio de reparação histórica e promover a equidade entre as diversas camadas sociais e raciais no Brasil⁹.

Dessa forma, busca-se corrigir as injustiças humanas e sociais decorrentes de um longo período do sistema escravocrata, que subjugou a população negra a uma condição estrutural de subalternização de longa duração.

Nessa perspectiva, as políticas de cotas raciais no ensino superior têm como objetivo desvincular a imagem elitizada que muitas vezes é associada às universidades. Ao garantir a promoção de uma educação igualitária para todos os ingressantes no ensino superior, tais políticas reconhecem a diversidade dos corpos que adentram esses espaços e, conseqüentemente, promovem a formação de profissionais de diferentes origens. Uma vez que o legado colonizador ainda permeia a sociedade brasileira, privilegiando a branquitude por meio da adoção da meritocracia elitista e perpetuando a concentração dos altos

⁸ Apesar da institucionalização da Lei Estadual nº 3.524 (Rio de Janeiro, 2000), em dezembro de 2000, ela só foi regulamentada em 2001 para o vestibular de 2002, este era o Sistema de Acompanhamento do Desempenho dos Estudantes do Ensino Médio Mantido pelo Poder Público (SADE), que determinava 50% de vagas para alunos de escolas públicas. E por intermédio do SADE, foram separadas cotas para pessoas negras no processo seletivo de 2003 (Campos, 2005).

⁹ Se passaram dez anos da criação da Lei nº 12.711/2012 (Brasil, 2012), contudo, de acordo com a redação dada pela Lei nº 13.409 (Brasil, 2016), determina que as instituições devem implementar o sistema de cotas no processo de ingresso até o ano de 2016.

cargos profissionais que refletem a autoridade social, é fundamental refletir sobre o papel da educação na superação dessa realidade perversa que comprometem os direitos democráticos de cidadania e a justiça social (Barbosa,1996).

Há que se considerar que, assim como o Estado, a Ciência também contribuiu para esta realidade social, por meio da disseminação de inúmeras pesquisas com um enviesado viés científico que serviram para justificar a hierarquia das relações étnico e raciais. Como exemplo, no Brasil principalmente no século XIX os Institutos Histórico e Geográfico, os Museus, as Faculdades de Direito e de Medicina foram responsáveis por massiva divulgação de suas pesquisas com um “embasamento científico irrefutável” que comprovava teorias raciais evolutivas, ratificando a teoria de uma superioridade racial (Schwarcz, 1993).

Por meio de instituições geridas pelo Estado, “intelectuais”¹⁰ disseminaram informações embasadas em suas pesquisas que seriam, por muito tempo, as informações norteadoras para a perpetuação de uma parcela da sociedade estigmatizada até a atualidade. Além disso, é advento desse movimento “científico” que os espaços de informação foram formados como “o lugar para as elites”, dentre os espaços: as bibliotecas, museus e universidades, estabelecimentos destinados apenas a uma pequena parcela da sociedade.

Ao refletir sobre o papel da Ciência na perpetuação de concepções equivocadas, como as propaladas teorias evolucionistas do século XIX, questiona-se: como as áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI), se situam na seara deste debate? Ao considerar que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação são áreas dedicadas à condução e disseminação da informação, responsáveis pela divulgação e manutenção da pesquisa científica.

A relevância dessa problematização se justifica ao considerar que as políticas de cotas desempenham um papel crucial ao trazer diversidade para as universidades, permitindo que uma nova geração, representante da pluralidade étnica e racial do país, ingresse nas diversas áreas do conhecimento. Esses estudantes, no futuro, atuarão como profissionais na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, enriquecendo ainda mais o campo com suas perspectivas e experiências.

¹⁰ Dentre eles destacam-se: Nina Rodrigues (1862 - 1906), José Correia Picanço (1745 - 1823), Cesare Lombroso (1835 - 1909), Paul Broca (1824 - 1880), Francis Galton (1822 - 1911), dentre outros.

E como estes ofícios devem focar no compromisso com a sociedade e porque não dizer, a transformação social a partir de uma leitura crítica da realidade que se está inserido, como profissional, esta pessoa e cidadã(o), urge compreender melhor as necessidades informacionais que demandam atendimento para o enfrentamento e superação da realidade sobre a discriminação e o racismo estrutural que historicamente vitima as populações negras no Brasil.

Com base nessa compreensão, a pesquisa com estudantes cotistas raciais da área de Biblioteconomia busca investigar a percepção e compreensão deles em relação à lei que possibilitou seu ingresso em universidades públicas. Como as futuras bibliotecárias e bibliotecários negros e negras se veem e se inserem dentro dessas instituições? Por meio da metodologia de História Oral, os estudantes cotistas que estão cursando Biblioteconomia descrevem suas experiências nos espaços educacionais, bem como na estrutura das universidades, revivendo suas memórias. Essas narrativas compõem um discurso que pode contemplar a vivência dos estudantes cotistas raciais nos cursos de Biblioteconomia, dentro das Instituições de Ensino Superior (IES).

Portanto, ponderando a construção e implementação de uma política de cotas que possibilita aos grupos étnico-raciais o ingresso em instituições de ensino superior público, com o intuito de uma reparação histórica visando uma democratização para o presente, se forma a seguinte questão de pesquisa: **qual a percepção dos discentes negros cotistas nos cursos de Biblioteconomia sobre as cotas raciais?**

A presente pesquisa tem como objetivo geral: **identificar a percepção dos ingressantes por cotas raciais, dos cursos presenciais de Biblioteconomia de instituições públicas brasileiras, sobre suas vivências enquanto sujeito negro que é optante pela política de cotas raciais.**

Deste modo os objetivos específicos do estudo serão:

- a) Registrar e analisar as narrativas dos estudantes cotistas raciais de Biblioteconomia sobre suas percepções e experiências no ensino superior, com ênfase nos significados atribuídos à política de cotas e suas vivências acadêmicas;
- b) Investigar as dimensões racial, social e acadêmica das vivências dos estudantes cotistas de Biblioteconomia, identificando os desafios

enfrentados, as formas de enfrentamento do racismo (se houverem) e as potencialidades percebidas no contexto universitário;

- c) Analisar como as narrativas dos estudantes cotistas raciais de Biblioteconomia podem contribuir para as práticas de ensino da Biblioteconomia e Ciência da Informação, possibilitando na promoção de uma equidade racial e inclusiva no campo;

A presente pesquisa se justifica nos âmbitos, **pessoal, social e acadêmico**. No âmbito pessoal, tal pesquisa se justifica, pois, como mulher negra oriunda de universidade pública e ingressante pelo programa de cotas raciais, estou inserida no cerne da problemática da pesquisa. A experiência acadêmica como cotista não só garantiu o meu ingresso em uma Instituição de Ensino Superior, como também me fez consciente de como o preconceito se faz presente na vida acadêmica de pessoas optantes por cotas ou pelo fato de serem pessoas negras.

Foi a partir da experiência como universitária que percebi atitudes racistas cometidas contra mim, por docentes e colegas, das quais, por vezes, foi questionada a minha criatividade atribuída à pretensa inabilidade para a construção de trabalhos acadêmicos. Assim como, estiveram presentes em discursos da branquitude, situações de constrangimento em público de pessoas cotistas e a evidente preferência a colegas não negras em seleções de bolsas para participação de projetos e publicações científicas justificadas por uma suposta intelectualidade nata de pessoas brancas.

Ainda no campo pessoal, este estudo está vinculado à minha experiência ao participar da Comissão para proposição e elaboração de normativas para a implementação de Ações Afirmativas nos Programas de Pós-Graduação do Centro de Ciências da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (FAED/UDESC). Ao integrar a Comissão, percebi que compete ao Conselho não apenas organizar o ingresso, mas também assegurar a permanência dos pós-graduandos. Foi durante essa experiência, já como discente do mestrado, que participei de discussões árdias com professores que, de forma explícita, manifestaram sua “preocupação” quanto às injustiças que as cotas nos programas de pós-graduação poderiam, segundo eles, trazer para pessoas brancas.

Neste sentido, a pesquisa também se justifica no âmbito social por possibilitar às IES identificarem como os alunos oriundos de cotas raciais

percebem o preconceito por serem cotistas e o racismo por serem pessoas negras dentro das instituições. Essa pesquisa permitirá avaliar de forma mais profunda como o preconceito de raça, e suas interseccionalidades¹¹ estão configurados dentro do ambiente acadêmico, em especial, nas áreas de Biblioteconomia e CI.

No âmbito acadêmico, justifico que esta pesquisa é importante por ter uma escassa literatura que evidencie percepções de pessoas optantes por cotas, assim como sobre o racismo nos ambientes públicos de ensino superior nacional, em especial, aquele vivido e percebido por ingressantes cotistas no campo biblioteconômico-informacional¹².

Nesse sentido, essa pesquisa visa compreender como o campo pode contribuir para a construção de espaços de educação que enfoquem a equidade racial e a diversidade cultural no ambiente universitário.

Ainda no âmbito acadêmico, o presente projeto se justifica visto que, segundo Ancona Lopez (2010, p. 6), “[...] é responsável por fazer a mediação entre o que o pesquisador quer saber e as informações que se pode construir a partir da realidade”, além de dar continuidade a estudos de temática semelhante. A pesquisa está inserida nas áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação, uma vez que trata do bibliotecário e do uso estratégico da informação por meio do levante de registros informacionais, fontes de informação além de beneficiar especificamente os profissionais e pesquisadores voltados aos estudos que englobam o trabalho informacional em diferentes cenários, educação e formação do bibliotecário.

Portanto, a presente pesquisa visa contribuir, de forma epistemológica e política, para reforçar a pertinência do tema em estudo na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação. A contribuição epistemológica se justifica pelo fato de que a questão está em evidência na produção de conhecimento no campo, em sintonia com sua emergência em diversas outras áreas, como Antropologia, Geografia, Psicologia/Psicanálise, Sociologia, entre outras. Já o acionamento da categoria “política” encontra afinidade com o pensamento de Judith Butler, em consonância com o compromisso “ético e político” que deve ser considerado no contexto das produções acadêmicas e

¹¹ O termo Interseccionalidade neste trabalho está alicerçado pelas referências de: Akotirene, 2023.

¹² Vide pesquisa de Laurindo e Silva (2023).

científicas (BUTLER, 2018). Assim, a pesquisa se preocupa com a formação de estudantes de Biblioteconomia e Ciência da Informação, conscientes e críticos da realidade social em que estão inseridos, isto é, atentos à importância do protagonismo de seu papel e de sua atuação enquanto profissionais da área.

Por fim, ressalta-se que o presente projeto está estruturado em oito seções. Esta, introdutória na qual se busca apresentar a temática nuclear do estudo, destacar seus objetivos, perguntas centrais, bem como as justificativas para a delimitação do universo dos estudantes cotistas raciais em Biblioteconomia como tema de pesquisa.

A seção seguinte, intitulada “Ações afirmativas: uma revolução silenciosa”, que consiste num esforço de abordagem do arcabouço teórico da tese, abordando o tópico ações afirmativas sob o entendimento destas no contexto internacional, a busca por descortinar o passado do Brasil quanto a políticas de ações afirmativas que favoreceram brancos, europeus e ricos, exibir o percurso educacional da população negra no Brasil, destacar a participação do movimento negro para a criação de ações afirmativas para a promoção de uma sociedade equânime e o percurso da Lei 12.711/2012 (Brasil, 2012).

Na terceira seção “Biblioteconomia e a Informação no Âmbito Social: Foco nas Relações Étnico-Raciais”, é empregado a discussão sobre a criação do curso de Biblioteconomia em conjunto com as relações étnico-raciais no Brasil, com uma linha temporal que demonstra as proximidades de eventos importantes para os dois cenários e como estes não podem ser desassociados. A seção visa evidenciar que as áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação negligenciaram a temática étnico-racial, bem como apresenta pesquisas, pesquisadores e ações que estão em contraponto com essas faltas, além de evidenciar a importância de uma educação antirracista para os bibliotecários atuantes em bibliotecas.

Esta seção também é dedicada a abordagem dos conceitos de informação e fontes de informação no âmbito da CI, com o intuito de apresentar ao leitor que, fontes de informação podem ser encontradas em diferentes suportes, incluindo a narrativa dos ingressantes cotistas, além de documentos bibliográficos, tendo como princípio básico o de entender uma fonte de informação como útil para quem a utiliza. Na continuidade, busca-se discutir os paradigmas sociais da informação, compreendido pelas correntes epistemológicas referentes aos conceitos de informação étnico-racial.

Na quarta seção, “Vivências e percepções: quem é o negro no ensino superior?”, a presente seção analisou a formação da identidade do negro sob a nocividade do racismo na formação de sua subjetividade enquanto indivíduo. Pautada em autores atemporais como Virginia Bicudo, Frantz Fanon e Neusa Santos Souza, além de outros, versou-se sobre a formação de uma identidade coletiva que foi moldada para um projeto hegemônico em que a branquitude protagonizava o ser superior e os não brancos eram a base de sustentação deste projeto. Bem como, abordar a apuração para a compreensão da atual identificação do negro, relatando que a sua autodeclaração, além de uma descrição característica, é também uma ação política de afirmação e empoderamento.

A quinta seção é apresentada a metodologia utilizada para a composição da pesquisa, com os procedimentos metodológicos adotados, a caracterização e a delimitação do universo de pesquisa, bem como os instrumentos e procedimentos para coleta e organização dos dados. Na sequência, a sexta seção “Cotista eu?: apresentação dos resultados” está voltada para a apresentação dos resultados levantados na entrevistas via método de História Oral. Em seguida a sétima seção “O que tem a nos dizer os cotistas raciais dos curso de Biblioteconomia?: discussão e análise dos dados” as categorias de análise são apresentadas para a composição das objetivos da pesquisa.

Por fim, a seção “Considerações finais” retoma os Objetivos e a Questão de Pesquisa, apresenta como a pesquisa alcançou os objetivos propostos e respondeu à questão de pesquisa, além de apresentar as Principais Descobertas, os principais resultados da análise das narrativas, organizando-os em torno das categorias de análise e destacando os pontos de convergência e divergência nas experiências dos estudantes.

Isto posto, cabe ainda acrescentar ao final, em complemento a estruturação da tese, registram-se as referências seguida dos Apêndices — cujo conteúdo são o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e a carta de cessão firmando o compromisso de segurança ética da pesquisa com os entrevistados, o questionário de caracterização utilizado nas entrevistas o esquema do roteiro de entrevistas, o formulário de captação de participantes, e por fim as transcrições completas das narrativas das pessoas estudantes participantes.

2 AÇÕES AFIRMATIVAS: UMA REVOLUÇÃO SILENCIOSA

Não é apenas sobre igualdade; é, sobretudo, sobre a nossa liberdade! A liberdade de sermos quem quisermos ser! É sobre a nossa liberdade roubada, usurpada, prometida, e nunca cumprida! É sobre o resgate da nossa humanidade negada! Livia Sant'Anna Vaz (2022, p.18).

O resgate de uma humanidade negada, como mencionado por Vaz (2022), demanda muito esforço mental, físico e, principalmente, coletivo. As atuais políticas de ações afirmativas são resultado desses esforços que, para alguns, foram apenas um vislumbre, mas que possibilitaram a seus descendentes a expectativa por uma possibilidade: a de acessos à educação, à saúde e ao entendimento de que possuem direitos e não só deveres perante a sociedade. Assim, podem contestar as inúmeras injustiças que cercavam seus antepassados e ainda continuam, mas agora sob o véu da dissimulação.

Dissimulada porque atualmente, felizmente, há leis que, mesmo minimamente, tentam barrar atitudes de ódio como o racismo. Contudo, são legislações muito recentes, algumas ainda nem sequer são aplicadas por uma parcialidade dos agentes da lei, como exemplo a Lei 14.532/2023, que pune com reclusão de dois a cinco anos, sem a possibilidade de fiança para o réu que cometer injúria racial (Brasil, 2023).

Todavia, a história do Brasil nem sempre foi assim, fundamentada em leis que buscam garantir a segurança física e mental de sua população negra. Contudo, desde a sua "descoberta", o território possuiu leis que beneficiaram essa comunidade, como aquelas que asseguraram o direito à terra e, conseqüentemente, à moradia e à possibilidade de produzir seu próprio alimento, garantindo a segurança alimentar desse grupo.

No decorrer do século XVI, o Estado português inaugurou outro momento da conquista do Brasil, lançando mão da política de doação de grandes extensões de terra a fidalgos lusos, filhos da baixa e média nobreza e da pequena elite empreendedora lusa, que não herdavam a fortuna e outras honrarias de seus pais. Essa política pública foi adotada a fim de explorar a terra de modo a regular e preservar a conquista diante dos interesses de outras nações europeias. Assim, o Estado luso constituiu a primeira política social e pública em solo brasileiro (Fonseca, 2024, p. 21-22).

Assim, temos a primeira política pública do país logo no seu primeiro século de "descobrimento", contudo esta deixava de lado a população indígena, primeiros residentes do território, e as pessoas escravizadas, os negros africanos. Como apresentado por Fonseca (2024), essa política visava o projeto de criação de mais um território luso, ou seja, compreendia na formação de

construir um espaço de reprodução dos valores, da cultura e das estruturas económicas portuguesas, adaptado às necessidades e ao contexto colonial.

Com essa política, consolidava-se uma estrutura de poder que não só ignorava as nações originárias e os negros trazidos como escravizados, mas que os relegava a uma posição subalterna, excluindo-os de qualquer direito de posse ou de proteção de sua própria terra e cultura. Dessa forma, o Brasil colonial se desenvolveu a partir de uma política de ocupação, exploração e dominação que tinha como objetivo o benefício das classes dominantes lusas, promovendo a desigualdade e a marginalização dos povos indígenas e negros (Mbembe, 2018).

A lei que beneficiou os primeiros habitantes portugueses, não foi a única legislação a ser utilizada para a garantia desse Estado próspero. Havia a necessidade de mão de obra qualificada para dar seguimento ao projeto exploratório do território. Os indígenas que aqui viviam iniciaram nessa labuta, a princípio por meio do escambo, onde trocavam trabalho por ornamentos, e posteriormente sob trabalho escravo, mas devido a sua semelhança física com os “descobridores” foram tratados como almas que deveriam ser salvas e não mais escravizadas (Fonseca, 2024).

Por isso, surge a necessidade de exportar mão de obra, mas não qualquer mão de obra, era necessária uma que fosse qualificada e que atuasse em áreas como a agricultura e engenharias. E o recurso foi exportar essa manufatura dos povos que a dispunham, como os povos africanos (Funari, 1996).

O trabalho então necessário demandava uma força de trabalho qualificada, e seria caro para o Estado Português arcar com esse custo, assim optou-se pela economia do trabalho escravo, da população africana. Terrivelmente, ou felizmente para os lusos, essa população não era digna de que suas almas fossem salvas e assim, perante uma robusta legislação elaborada pela Igreja Católica o trabalho escravo com populações de origem africanas foi regulamentado e cumprido a risca sem nenhum desrespeito à Lei no Brasil. A lei que permitia o trabalho escravo de africanos foi assinada pelo Papa Nicolau V, em 1455 (Fonseca, 2024). Fonseca (2024, p. 31) descreve a Lei, em que foi pautada na passagem bíblica Gênesis, cap. 9, versículos 18-28¹³,

¹³ 18 Os filhos de Noé que saíram da arca foram Sem, Cam e Jafé. Cam é o pai de Canaã. 19 Esses foram os três filhos de Noé; a partir deles toda a terra foi povoada. 20 Noé, que era agricultor, foi o primeiro a plantar uma vinha. 21 Bebeu do vinho, embriagou-se e ficou nu dentro da sua tenda. 22 Cam, pai de Canaã, viu a nudez do pai e foi contar aos dois irmãos que estavam

Com base nessa passagem bíblica e com o embasamento de teólogos, o papa Nicolau V assina, em 8 de janeiro de 1455, a bula *Romanus Pontifex*, autorizando os portugueses a invadir, capturar e sujeitar à perpétua escravidão os sarracenos, pagãos e outros Inimigos de Cristo. Nicolau V também concedeu ao Estado monárquico português o direito de se apossar de terras e mares já descobertos ou daqueles que porventura descobrisse, legitimando o direito internacional desse Estado de conquistar o mundo com base nos interesses cristãos e fortalecendo o espírito dos cruzados e descobridores, tais como os da Ordem de Cristo, do grão mestre infante D. Henrique. Essa bula foi “abençoada” (ratificada) pelos papas Calixto III e Sixto IV, em 1455 e 1481, ou seja, antes de o continente americano fazer parte da expansão ultramarina.

Assim, essas duas leis moldam o princípio da colonização no Brasil. Forjado sob leis que eram benéficas apenas a determinados grupos, como os europeus, se dá também a construção da nossa história que é refletida atualmente, moldando pensamentos e convicções da sociedade brasileira. É com base nesses princípios da colonização que o Estado criou técnicas para tornar a população negra um grupo subalternizado, condicionando-o a categoria de inferior.

Mesmo o trabalho escravo sendo o sustentáculo da formação e desenvolvimento do país, ele não foi reconhecido com tamanha importância, ao contrário, foram mais de 300 anos do período escravocrata que se beneficiou dessa exploração, e que na abolição não manifestou esforço para uma tentativa de retribuição ou reparação por séculos de violações contra o povo negro (Funari, 1996).

Apenas na década de 1930, houveram leis em que se vislumbrava um acesso à população negra, como a Lei do 2/3, o Decreto 19.482/1930, dispõe sobre a localização e amparo de trabalhadores nacionais (Brasil, 1931), com isso os negros poderiam pleitear trabalho de carteira assinada com mais garantias, entretanto, eram barrados nos recrutamentos que exigiam “boa aparência”, “Além dos baixos salários oferecidos, havia o critério racista e eugênico da ‘boa aparência’” (Fonseca, 2024, p.90). A mesma lei limitava a entrada, no território nacional, de passageiros estrangeiros de terceira classe, ou seja, países do sul global (Brasil, 1931), cenário nada promissor para a população negra brasileira.

do lado de fora. 23 Mas Sem e Jafé pegaram a capa, levantaram-na sobre os ombros e, andando de costas para não verem a nudez do pai, cobriram-no. 24 Quando Noé acordou do efeito do vinho e descobriu o que seu filho caçula lhe havia feito, 25 disse: "Maldito seja Canaã! Escravo de escravos será para os seus irmãos". 26 Disse ainda: "Bendito seja o Senhor, o Deus de Sem! E seja Canaã seu escravo. 27 Amplie Deus o território de Jafé; habite ele nas tendas de Sem, e seja Canaã seu escravo". 28 Depois do Dilúvio Noé viveu trezentos e cinquenta anos (Bíblia, 2024).

Foram ações, como estas, legalizadas pelo Estado Nacional, que atualmente reverberam a realidade em que pessoas negras estão vinculadas a um imaginário social que ainda as coloca em um lugar de subalternização e dominação racial. Os processos colonizadores ainda resistem, apontando para uma dualidade entre “o ser superior” e o “ser inferior” (Quintero *et al.*, 2019). Assim, a aplicação de ações afirmativas, mais que uma tentativa de reparação histórica, tem representações muito caras para a população negra, representações estas que veremos nesta seção, com início a conhecer sobre o movimento de ações afirmativas no contexto internacional.

2.1 AÇÕES AFIRMATIVAS: CONTEXTO INTERNACIONAL

Num contexto internacional, Vaz (2022) infere que o termo Ações Afirmativas, tem sua origem nos Estados Unidos da América, em 1935, estipulada para Lei nacional sobre as relações trabalhistas, e em 1961 no Governo de John Kennedy o termo foi mencionado também para o contexto racial, contudo sem pautar ações para políticas de igualdade racial no país.

Obtendo o título de país com políticas de ações afirmativas mais duradoura a Índia desde a elaboração da sua Constituição em 1950, visto as desigualdades provenientes do sistema de castas, realiza medidas que possibilitam a igualdade étnico-racial, “Nela, tais políticas não se restringem à reserva de vagas para acesso ao ensino superior, sendo também aplicadas nas legislaturas, nos serviços públicos e no mercado de trabalho” (Vaz, 2022, p. 24).

Na África o Sul, onde a população é diversificada em contingentes raciais, étnicos e linguísticos.

Os brancos são divididos entre aqueles de origem britânica e os africânderes. Os negros são divididos em indianos, *coloureds* e *africanos* (2,5%, 8,9% e 79%, respectivamente, segundo o censo sul-africano de 2001). Na população africana há diversos grupos étnicos (os maiores são os Xhosa e os Zulu) e nove idiomas oficiais. Com o inglês e o africâner incluídos, a África do Sul tem um total de onze idiomas oficiais (Silva, 2006, p. 136-137).

Em 1948 com o *Apartheid*, instituído oficialmente pelo *National Party*, *delibera* leis segregacionistas no país permitindo uma vasta desigualdade étnico-racial em todas as áreas que moldam a estrutura da sociedade sul africana (GEMAA, 2024).

Com um acesso desigual na educação, em que o sistema de educação superior era dividido entre universidades brancas e negras, com o fim do

Apartheid em 1990 e com a eleição de 1994 o Congresso Nacional Africano (CNA) propunha um sistema educacional com um acesso mais igualitário na África do Sul.

Algumas dessas práticas de inclusão de estudantes negros existiram durante o *apartheid* em universidades historicamente brancas de idioma inglês – tradicionalmente mais liberais e inclusivas. Desde 1994, o governo nacional tem dado cada vez mais apoio, ameaçando com sanções as universidades que não atingirem uma determinada meta de distribuição racial (Silva, 2006, p. 139).

No Canadá as políticas de ações afirmativas é destaque para a igualdade de gênero. Tido como um dos países com mais mulheres com nível superior e com um alto número de mulheres com participação na política, o país promove um empoderamento feminino em que cada vez mais mulheres ocupam diversas áreas como as empresariais (Moraes, 2017).

Na América Latina podemos citar países como Colômbia, Argentina. Na Colômbia, os processos políticos impulsionados por organizações negras, indígenas, grupos de esquerda e outros segmentos resultaram na aprovação da Constituição Política do país,

Este instrumento normativo, por meio do Artigo Transitório 55 – AT55 criou as condições institucionais para o surgimento da Lei 70 ou Lei das Negritudes de 1993, considerados marcos jurídicos fundamentais na construção de políticas de ação afirmativa e de “afroreparaciones” de caráter ao mesmo tempo econômico-social, simbólico e multicultural em prol de populações negras, afro-colombianas, palenqueras e raizais (Santos, 2016, p. 144).

Quanto a Argentina, país da América do Sul que fortemente assume uma identidade branca que descende apenas de europeus, as barreiras do racismo são contundentes para a população negra e indígena. Com um forte processo de branqueamento que quase dizimou toda a sua população não branca, as estruturas para esta sociedade foram por anos moldada para não os atender também. Nos últimos anos, mesmo com recursos limitados, foram desenvolvidas diversas experiências e modalidades de inclusão de afrodescendentes nas Instituições de Ensino Superior da região. Contudo, cabe discorrer que a Argentina inseriu em 1991 cotas eleitorais e para cargos públicos ocupados por mulheres (Lazo Fuentes, 2005; Loango; Silva, 2022).

A Costa Rica, as discussões para as propostas de ações afirmativas são mais uma expectativa do que uma realidade, o país ainda priorizando quase exclusivamente políticas universais. Grupos de afrodescendentes estão atuantes nas propostas para um debate sobre a necessidade de implementação de

políticas de ações afirmativas, impulsionado pela criação de duas comissões governamentais, cujos trabalhos trarão maior clareza sobre a situação dos afrodescendentes costarriquenhos (Lazo Fuentes, 2005; Valadares, 2011).

Podemos também citar outros países onde são debatidos a implementação de ações afirmativas externas para grupos vulneráveis, como a Austrália, Nigéria, o Paquistão e a Malásia. Nesses contextos, as políticas são direcionadas não apenas para questões raciais, mas também para promover a igualdade de gênero e a inclusão social de grupos economicamente desfavorecidos. Esses países reconhecem a importância de garantir oportunidades equitativas para a população historicamente marginalizadas, seja por meio de programas educacionais, políticas de emprego ou acesso a recursos sociais, reduzindo as desigualdades de gênero e das classes sociais (GEMAA, 2024; Lazo Fuentes, 2005; Vaz, 2022).

A seguir será apresentado como as ações afirmativas se desenvolvem no contexto brasileiro com foco para as cotas raciais na educação superior.

2.2 DO PASSADO AO PRESENTE: SOBRE AS AÇÕES AFIRMATIVAS NO BRASIL

Aparentemente, acredita-se que os debates sobre ações afirmativas no Brasil sejam um assunto recente ou atual do século XXI. Talvez as discussões tão acirradas sobre a temática se devam ao grupo que ela favorece e não à motivação em si. Políticas de ações afirmativas, ou cotas, têm por principal motivação promover a inclusão, valorização e acessibilidade de determinados grupos a determinados espaços.

E o Brasil, já está nesse cenário há alguns anos, antes mesmo de uma Lei que garanta o acesso de estudantes negros em universidades públicas. O País já era atuante em políticas de cotas. Contudo, estas favoreciam a grupos que já tinham seus privilégios, um exemplo foi a Lei do Boi, primeira lei de cotas na educação brasileira. Sob a Lei federal n.º 5.465, de 3 de julho de 1968, que estabelecia reserva de vagas no nível de ensino federal para filhos de agricultores, com 50% para ensino superior e 30% para o ensino médio, que esteve vigente por mais de vinte anos (Brasil, 1968; Laurindo; Silva, 2023; Magalhães, 2015).

Nada mais que uma estratégia para a burguesia rural manter seus descendentes à frente dos espaços de elite, pois era utilizada por filhos de agricultores ricos que possuíam condições financeiras para manter seus herdeiros estudando na Capital,

Mas pensar a “lei do boi” apenas como um privilégio de grupos ligados à atividade agropecuária não abrange todas as possibilidades ligadas aos interesses da classe dominante agrária. Além da modernização da agricultura, outro projeto modernizador implementado pela ditadura civil-militar foi a reforma universitária. Identificada como um conjunto de medidas voltadas para a maximização do setor com menor custo, a reforma universitária fazia parte do Programa Estratégico de Desenvolvimento do governo federal, assumindo o ensino superior uma posição central dentro do plano nacional de desenvolvimento. (Magalhães, 2015, p. 13).

Em contraponto a Lei do Boi no mesmo ano, em 1968, funcionários do Ministério do Trabalho trazem para o então ministro Jarbas Passarinho um Projeto de Lei (PL) que previa a tentativa de diminuir as disparidades no mercado de trabalho entre negros e brancos, contudo foi negada (Fonseca, 2024). Fonseca (2024), declara que entre as motivações para a não concessão da PL foi devido as pressões de personalidades como a carta que a escritora Rachel de Queiroz, enviou ao ministro:

Pois na verdade o que não se pode, Senhor Ministro, é pactuar com o crime, discutir com a discriminação, reconhecer a existência da discriminação (...) E eu digo mais: é preferível que continue a haver discriminação encoberta e ilegal, mesmo em larga escala, do que vê-la reconhecida oficialmente pelo governo – já que qualquer regulamentação importaria num reconhecimento (Queiroz 1968 apud Fonseca, 2024, pg. 94).

A Lei do Boi durou até 1985 (Brasil, 1968); já a PL pela equidade no mercado de trabalho foi engavetada. Por que será? Como bem menciona a referida autora, um reconhecimento implicaria em uma dívida a ser paga, e o Estado, principalmente a sua população rica e branca, não queria arcar com esse custo.

Além da Lei do Boi, o Brasil possui algumas outras políticas de cotas que favoreceram outros grupos, como políticas afirmativas para brancos europeus. Um exemplo foi o empreendimento na política de branqueamento da população brasileira entre 1870 e 1930 (Schwarcz, 1993). Durante esse período, o governo incentivou a imigração de europeus e proibiu a negra, com a justificativa de que o negro impedia o desenvolvimento brasileiro.

A Constituição de 1934, em seu Capítulo III, estabeleceu um decreto-lei que impôs cotas à entrada de imigrantes no Brasil. Essa medida limitou a

imigração a 2% da quantidade de imigrantes da mesma nacionalidade que haviam entrado no país entre 1884 e 1933. Em outras palavras, nos cinquenta anos anteriores à promulgação da Constituição de 1934, apenas 2% do total de imigrantes estrangeiros da mesma nacionalidade que já viviam no Brasil poderiam ser admitidos,

§ 6º A entrada de imigrantes no território nacional sofrerá as restrições necessárias à garantia da integração étnica e capacidade física e civil do imigrante, não podendo, porém, a corrente imigratória de cada país exceder, anualmente, o limite de dois por cento sobre o número total dos respectivos nacionais fixados no Brasil durante os últimos cinquenta anos (Brasil, 1934).

Por comparação, 4,5 milhões de africanos foram trazidos ao Brasil de 1500 a 1888, eles são esse grupo limitado a entrar no país como pessoas livres, enquanto os brancos europeus foram os primeiros beneficiários de uma ação afirmativa no Brasil possibilitando uma massiva imigração de europeus nos séculos XIX e XX (Seyferth, 2002).

Além dessas, há de se citar os processos de terras arrendadas para europeus, a destacar os italianos no período de 1850 a 1930, amplamente divulgados pelo governo brasileiro, que estimulava a imigração para atender à necessidade de trabalhadores nas plantações de café após a abolição da escravidão, ou seja, para substituir o trabalho feito pelas pessoas escravizadas.

O governo do Brasil estabeleceu leis de estímulo, como a Lei de Terras de 1850, que regulamentava a aquisição de terras por imigrantes e incentivava a imigração subsidiada. Isso implicava que o governo brasileiro arcava com as despesas de transporte de famílias completas da Itália, além de garantir moradia e emprego assim que elas desembarcassem. Essas políticas receberam um grande financiamento dos fazendeiros de São Paulo, que frequentemente também apoiavam diretamente a imigração (DNA Cidadania, 2024).

Enquanto isso, no Brasil desde 1850 vigorava a Lei nº 601 de 18 de setembro, assinada por Dom Pedro II a Lei previa que a obtenção de terras fosse por compra e não mais por meio do trabalho (Brasil, 1850), marcando a desigualdade fundiária no país, excluindo a população negra do acesso à terra,

Aprovada apenas duas semanas após a Lei Eusébio de Queirós, a lei nº 601 de 18 de setembro de 1850 estabelecia o fim da apropriação de terras: nenhuma terra poderia mais ser apropriada através do trabalho, mas apenas por compra do estado. As terras já ocupadas seriam medidas e submetidas a condições de utilização ou, novamente, estariam na mão do estado, que as venderia para quem definisse (Terceiro, 2020, *online*).

Há alguns séculos, o Brasil já é atuante em políticas de ações afirmativas; contudo, favoreceu grupos sociais de pessoas brancas e europeias. Talvez seja

esse grupo o motivo para a não polemização por parte da sociedade quanto ao favorecimento que tais políticas possibilitaram, o que não ocorre quando o grupo muda para os que até então eram os diretamente prejudicados.

Atualmente, além de promoverem a inclusão, a valorização e a acessibilidade para determinados grupos em determinados espaços, as ações afirmativas também visam à correção de desigualdades estruturais, utilizando-se de medidas que se destinam a proporcionar a igualdade de oportunidades para grupos sociais vulnerabilizados pelo percurso social, cultural, educacional e político do país.

2.2.1 O negro e a educação no Brasil: a hipocrisia da meritocracia e do mito da democracia racial

Antes de adentrarmos na temática da Lei 12.711/2012 (Brasil, 2012), é necessário versar sobre o que levou à disparidade no cenário educacional superior no Brasil. Um dos vários discursos contrários a esta legislação trata da ação de desconsiderar o mérito daqueles que realmente fizeram por merecer sua estada no ensino superior, uma forma ilusória pela qual, na sociedade atual, acredita-se que os sujeitos, através de seus resultados pessoais e dedicação, podem alcançar seus objetivos.

Convenhamos que se a meritocracia realmente fosse legítima, seriam os descendentes de pessoas escravizadas os grandes beneficiários dela, visto que foram mais de três séculos de trabalho escravo, sob as condições mais desumanas a se imaginar.

A se fazer saber, compreende-se por meritocracia¹⁴, segundo aqueles que se beneficiam dela, como,

A meritocracia é um sistema social no qual o sucesso do indivíduo depende principalmente dos resultados obtidos por ele. Os resultados de cada um são avaliados em processos seletivos que estimulam a competição e levam em conta o conhecimento, a habilidade e até o esforço das pessoas. Na sociedade meritocrática, as recompensas, as posições de poder, os recursos sociais e os privilégios são distribuídos levando-se em conta esses resultados e o mérito de cada pessoa (Mendes, 2024).

Contudo, ainda assumindo este delírio de uma meritocracia que realmente possibilite aos indivíduos as mesmas oportunidades, Petrônio Domingues (2005,

¹⁴ O termo Meritocracia neste trabalho está alicerçado pelas referências de: Carneiro, 2011; Gomes, 2022; Mendes, 2024; e Vaz, 2022.

p. 169) nos oferta uma outra definição, um tanto mais adequado ao que realmente se trata da meritocracia no Brasil,

Em uma sociedade marcada pelas contradições de classe, gênero e raça, o mérito não passa de um discurso ideológico. [...] Em uma sociedade capitalista e racista, as oportunidades na vida não são igualitárias. Portanto, mérito não é um valor absoluto.

Deste modo, um sistema social que afirma valorizar o mérito e a capacidade de cada indivíduo, distribuindo recompensas, poder e privilégios com base nisso, ignora as desigualdades estruturais que historicamente excluíram determinados grupos, especialmente os negros. No Brasil, onde o racismo e as disparidades socioeconômicas são profundos, a meritocracia se torna um discurso falacioso. Ela mascara as barreiras que impedem o acesso equitativo a oportunidades e finge que todos partem do mesmo ponto de largada.

Entretanto, o cenário que se vê no Brasil é a perpetuação de um sistema que, ao invés de premiar o esforço e o talento, reforça privilégios herdados e mantém a desigualdade. Ainda assim, é nessa conjuntura que se reforça a falácia da democracia racial¹⁵ no país, que aparentemente vive em um estado de união fraternal entre as três raças irmãs (negros, indígenas e brancos).

A obra de Gilberto Freyre, "Casa-Grande & Senzala", publicada originalmente em 1933, oferece uma profunda análise da formação da família brasileira sob o regime patriarcal. A literatura opressora, afirma que o processo de escravidão não foi tão ruim para os africanos, seus descendentes e os indígenas no Brasil, bem como a miscigenação trata-se, para o autor, de um romance entre os senhores brancos e as mulheres escravizadas negras e indígenas. De acordo com o autor, "É curioso observar que Minas Gerais parece ter sempre tomado a dianteira nos movimentos de democratização social do Brasil, contra os preconceitos de branquidade e de legitimidade" (Freyre, 2003, p.554).

A teoria da democracia racial brasileira indica que devido ao Brasil ser constituído majoritariamente por uma população miscigenada, pela união entre os povos portugueses, negros e indígenas, isso confere ao Brasil, então, a ideia de uma única raça, a raça brasileira. Devido a essa falsa igualdade de uma identidade racial única, nasce a falácia de uma democracia racial (Laurindo, 2021, p 59).

¹⁵ Optou-se pelo uso do termo "falácia" da democracia racial e não o "mito", em respeito a culturas africanas e indígenas que relacionam o mito em uma concepção diferente da ocidental, para algumas sociedades africanas e indígenas, o mito não se refere a algo que está apenas no imaginário ou nas lendas, mas se constitui na concretude da vida.

Portanto, evocar as palavras de Abdias do Nascimento (1980, p. 15) é mais do que necessário para evitar cair no discurso hipócrita da chamada democracia racial no Brasil:

A história do Brasil é uma versão concebida por brancos, para brancos e pelos brancos, exatamente como toda a sua estrutura econômica, sócio-cultural, política e militar tem sido usurpada da maioria da população para o benefício exclusivo de uma elite branca/brancóide, supostamente de origem ário-européia.

Assim, é necessário reconhecer que as políticas afirmativas, longe de serem uma concessão, são uma tentativa de corrigir essas distorções históricas, proporcionando um mínimo de justiça social em um país que ainda carrega as cicatrizes de seu passado escravocrata. Enfim, a hipocrisia.

A polêmica obra de Gilberto Freyre (2003), que se refere ao contexto escravocrata no Brasil, sob uma visão romantizada. É também, incontestavelmente fonte de muitos dados sobre as relações sociais e culturais do Brasil Colonial por meio da relação entre “senhores” e as pessoas escravizadas. Construída sob um enviesamento muito controverso, a obra, ainda assim, fornece subsídios para pesquisas, dentre elas a compreensão sobre o percurso educacional do negro. Em sua obra, o autor, talvez, mesmo que acidentalmente, denuncia como se dava a dedicação do Estado para a educação da população negra,

Os colégios dos jesuítas nos primeiros dois séculos, depois os seminários e colégios de padre, foram os grandes focos de irradiação de cultura no Brasil colonial. Aqueles estenderam tentáculos até os matos e sertões. Descobriram os primeiros missionários, que andavam nus e à toa pelos matos meninos quase brancos, descendentes de normandos e portugueses. E procuraram recolher aos seus colégios esses joões-felpudos. Foi uma heterogênea população infantil a que se reuniu nos colégios dos padres, nos séculos XVI e XVII: filhos de caboclos arrancados aos pais; filhos de normandos encontrados nos matos; filhos de portugueses; mamelucos; meninos órfãos vindos de Lisboa. Meninos louros, sardentos, pardos, morenos, cor de canela. **Só negros e moleques parecem ter sido barrados das primeiras escolas jesuíticas. Negros e moleques retintos** (Freyre, 2003, p. 501, grifo nosso).

A história da educação da população negra, como observado por Freyre (2003), está de modo direto introduzida na formação do Brasil tal como o conhecemos hoje. A exclusão dos negros das primeiras iniciativas educacionais não foi uma mera coincidência, mas sim um reflexo das hierarquias raciais que se perpetuaram ao longo dos séculos. Enquanto a educação era reservada a uma parcela heterogênea da população, que incluía descendentes de

colonizadores, mamelucos e órfãos brancos, a população negra foi historicamente barrada do acesso à educação.

Compreendido o cenário hipócrita da nação brasileira de uma narrativa onde estamos em uma democracia racial e, através do mérito, os sistemas institucionais são válidos e justos, observemos em uma linha do tempo, indícios de que tornam estas concepções falaciosas.

Com os estudos de Vaz (2022), Jesus (2024), Fonseca (2024), Gomes (2017), Fonseca e Barros (2016) Fonseca (2016) e Domingues (2016), torna-se possível compreender como se desenvolveu a conjuntura da educação para a população negra desde o período colonial até a abolição, destacando o impacto profundo que essas exclusões históricas tiveram no acesso à educação e na mobilidade social dos negros no Brasil.

Com base nos estudos dos autores mencionados, a figura 1 foi elaborada com o objetivo de propor uma visualização clara, apresentando uma linha do tempo que destaca algumas das ações de impedimento ao acesso à educação pela população negra.

Figura 1- Percurso educacional da população negra no Brasil até a abolição



Estatuto do Ateneu da cidade do Natal, exige que alunos sejam libertos ou ingênuos (ingênuo era o nome referido as pessoas filhas de mulheres escravizadas após a lei do ventre livre).

4 de novembro de 1848



12 de maio de 1851

Decreto nº 1331-A (Couto Ferraz) regulamenta o ensino e proíbe a matrícula de meninos não vacinados ou que padeçam de moléstias graves bem como escravos.

17 de fevereiro de 1854



1º de junho de 1854

Regulamento para instrução primária da província do Mato Grosso proíbe a matrícula de escravos e doentes contagiosos.

2 de dezembro de 1854



14 de maio de 1854

Regulamento da para matrículas na Casa dos Educandos Artífices na Província do Maranhão e veda a admissão de escravos.

2 de fevereiro de 1855



8 de janeiro de 1857

Regulamento nº 376 da Província do Rio Grande do Norte proíbe escravos no Colégio de Educandos Artífices.

9 de agosto de 1858



24 de janeiro de 1859

Escola noturna da Província de Santa Catarina admite escravos com licença dos senhores.

7 de setembro de 1874





Fonte: Elaborada pela autora (2024), com base em (Domingues, 2016; Fonseca, 2016; Fonseca, 2024; Fonseca; Barros, 2016; Gomes, 2017; Cunha Junior, 2013; Jesus, 2024; Vaz, 2022).

É bem verdade que, após a abolição, não tivemos nenhuma Lei que proibisse o acesso de negros nas escolas, contudo não explicitamente vedado, mas sutilmente impedido. Em seu estudo sobre a educação da população negra entre 1931 a 1937, Petrônio Domingues (2016) relata como mecanismos muito sutis foram determinantes para dificultar o acesso à educação pelo povo negro no Brasil.

O autor faz referência a meios dificultadores como o preenchimento de formulários por responsáveis para o ingresso escolar, visto que a maioria da população negra era analfabeta poucos podiam preenchê-lo; a exigência de vestimentas/ uniformes e material escolar que eram caros; e, pais brancos que não queriam seus filhos estudando com negros (Domingues, 2016; Cunha Junior, 2013).

Além desses obstáculos, também eram frequentes as manifestações negativas de professores em relação aos alunos negros. Em 1904, no jornal O Exemplo do Rio Grande do Sul, o jornal da imprensa negra com o mais longo

Transcrição *ipsis litteris* do texto oficial: [...] O objecto de nosso artigo é outro muito diverso: é o dizer que aqui, neste solo rio-grandense, onde tudo é grande, onde tudo é fértil, onde tudo floresce, onde as artes, a industria e o commercio á sombra benefica de leis liberais tanto vulto vão tomando, aqui tambem ha caracteres pequeninos, esterilizadores das vocações, estioladores dos talentos, que entendem que a arte é monopolio de determinados individuos e que deve ser inaccessivel a outros, aqui tambem está enthronado o maior dos bandidos, o mais vil dos assassinos das classes inferiores, o mais audaz, o mais cynico dos canalhas - o preconceito de cores - esse verme pestileito essa torpeza que penetrou em algumas aulas do Estado.

Disso é que se vae ocupar nosso artigo, disso é que vamos fallar com o coração cheio de amargura e o cerebro de indignação.

Não ha ahi pessoa do povo, desse povo que tudo soffre desde a humilhação ao martyrio com resignação christã, quem não saiba a maneira porque são tratadas em muitas de nossas aulas, principalmente no interior, as creanças de côr preta; o mal começa no descaso dos professores e termina nos máos tratos que lhes são infringidos pelos condiscipulos.

Aqui, nas aulas publicas, as crianças de côr preta, são uma especie de boneca de lustrador que somente vão á escola para polir os bancos: os professores nada ensinam aos negrinhos e aproveitam-nos muito bem como seu creadinho.: o aluno de côr preta á quem vae ao armazém fazer as compras do professor, ao correio buscar e levar a correspondência.

Conheci uma senhora, professora em Caçapava que votava tal ogeriza ás crianças de côr preta que, quando iam matricular em sua aula uma criança que não fosse branca, era tal a raiva que della se apoderava que não poucas vezes teve acessos hystericos; outras ocasiões, dando expansão á sua cólera em torrentes de palavras, vociferava furiosa: - Onde se viu negro na escola! Negro só serve para a cosinha!...- E eu sem criada, tendo necessidade de fazer certos serviços de casa que não estão de accordo com a minha _ posição! Pode-se supportar que as negrinhas venham para a escola em vez de se alugarem em casa das famílias que como eu estão precisando de quem as sirva?! Está ahi para que seirviu o tal 13 de maio!

E assim proseguia em seu rosario de vigorosas herezias em face da razão.

E isso se vê mais ou menos aperfeiçoado, por toda parte e por toda parte também são nossas crianças as vítimas dos maiores vexames e sofrimentos (Ramos, 1904).

A reportagem de Ramos (1904) é apenas um vislumbre do tratamento destinado às pessoas negras na educação básica. Os maus-tratos citados pelo jornalista são impeditivos para que as crianças negras frequentem as escolas; além das agressões sofridas pelos seus colegas, que em muitos casos são reflexos reproduzidos, elas são violentadas pelos professores. Assim, questiona-se: qual era, então, a libertação que essa população havia realmente recebido?

A reportagem em questão é datada de 1904, dezesseis anos após a abolição, e quinze anos após a segunda constituição do Brasil, as experiências vividas por essas crianças não apenas ilustram a brutalidade de um sistema excludente, mas também ressaltam a urgência de combatermos as heranças desse passado sombrio, trabalhando por uma educação inclusiva que reconheça e valorize a diversidade.

Este cenário desigual ainda está perpetuado na população, excluindo o discurso da meritocracia. Comunidades são assoladas pela violência e pelas desigualdades para o simples acesso ao ambiente escolar. São inúmeros os anos letivos em que escolas públicas têm suas aulas suspensas devido a operações policiais¹⁶ e à violência que, além de causar uma lacuna significativa no ensino, também acarreta uma fragilidade psíquica para estudantes e professores. Isso sem falar nos casos dos percursos exaustivos que estudantes, principalmente da zona rural¹⁷, devem percorrer para chegar à aula, acordando extremamente cedo, com fome e tendo que realizar caminhadas exaustivas para chegarem a suas escolas. É dessa gritante disparidade entre a realidade vivida e o idealizado discurso meritocrático que o Brasil precisa urgentemente debater e encontrar soluções que reconheçam e mitiguem essas profundas desigualdades, pois a ideia de uma competição justa e equitativa se esvai diante de obstáculos tão significativos e estruturais.

Portanto, compreender o percurso educacional do negro no Brasil é essencial para dismantelar as falácias da meritocracia e da democracia racial e

¹⁶ Polícia faz operação no Complexo da Maré; 42 escolas suspenderam as aulas na comunidade. (Araújo; Bom Dia Rio, 2025).

¹⁷ Longas distâncias e formação de educadores impõem desafios às escolas do campo: Estudantes perdem aulas e levam até sete horas para ir e voltar do colégio na zona rural (Moreira, 2019).

para expor como o Estado, desde seus primórdios, negligenciou a formação intelectual da população negra. Essa exclusão não só limitou as oportunidades de ascensão social, mas também consolidou as bases de um país profundamente desigual, onde as disparidades educacionais continuam a ser sentidas.

Nesta subseção, pudemos observar como a educação foi um dos principais instrumentos de manutenção das desigualdades raciais no país. Essa reflexão é crucial para o debate sobre políticas de reparação, como as cotas raciais, que buscam corrigir essa dívida histórica.

2.2.2 Ações afirmativas: um futuro com possibilidades

A trajetória do país em relação às políticas de ações afirmativas ou cotas é remota. Contudo, devesse a este passado conceder uma certa credibilidade, pois ele nos serviu para a constatação de que se revertermos recursos, mecanismos e esforços podemos sim viabilizar a ascensão de determinados grupos sociais, o que pode ocasionar na perpetuação de várias gerações em uma posição de supremacia.

Assim destacado, as experiências de cotas no passado do país e o percurso educacional da população negra, são factuais para a criação das políticas atuais de ações afirmativas, que buscam estabelecer uma equiparação no regime desequilibrado do projeto nacional, ao oferecer oportunidades para grupos historicamente marginalizados e excluídos. Essas políticas buscam corrigir desigualdades estruturais e promover a justiça social, garantindo que a diversidade seja contemplada e que os direitos de todos possam ser atendidos.

Como bom aluno dessa cartilha, o movimento negro foi e é indispensável para a comunidade negra brasileira devido às muitas conquistas em diversos campos. Tendo em vista uma abolição que não trouxe nenhum projeto de integração entre o negro e a sociedade, foi o movimento negro o responsável por tentar tratar os danos causados na pós-escravidão no país.

Sendo atuante na organização de sindicatos trabalhistas, nas Organizações não Governamentais (ONGs), nas políticas públicas específicas, nas ações afirmativas, dentre outras, como bem cita Petrônio Domingues (2008).

Nesse sentido, Sueli Carneiro (2002, p. 210) ressalta a importância do movimento negro, no que tange aos,

Avanços significativos se processaram no combate ao racismo do ponto de vista legal, constituindo uma nova e vigorosa área de atuação e produção de conhecimento, a do “Direito e Relações Raciais”, com crescente engajamento de operadores do direito, instituições jurídicas e a proliferação dos SOS Racismo, tanto no Brasil como em alguns países da América Latina.

A autora também salienta o avanço na organização das comunidades remanescentes quilombolas, nos meios de comunicação, além do movimento feminista negro e outros que são expressões da luta negra por direitos básicos e por humanidade (Carneiro, 2002).

Em 20 de novembro de 1995, o movimento negro unido em suas diversas denominações, uniram-se e marcharam, em prol de reivindicar a sua dignidade por muito não reconhecida. A marcha reuniu mais de 30 mil pessoas que almejavam desconstruir a falácia da democracia racial no Brasil. Esse foi o momento de exigir ações concretas e pautas para a população negra, visto que as denúncias eram muitas, mas pouco se fazia. Entre seus pleitos, a marcha tinha o de reivindicar o dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi dos Palmares, como dia nacional da consciência negra (Fundação Perseu Abramo, 1996).

A marcha que teve como seu destino de caminhada uma seção no congresso onde além da reivindicação da data, o movimento tinha três projetos básicos defendidos pelo então deputado Paulo Paim: primeiro, que a história da população afrodescendentes seja reescrita; segundo, que as comunidades quilombolas tenham a sua titulação de terras; e o terceiro, uma indenização para os descendentes de pessoas escravizadas (Fundação Perseu Abramo, 1996).

A figura a seguir apresenta a capa do Jornal da Marcha, a edição discute a importância da marcha como uma ação unificada, envolvendo diversas parcerias, incluindo sindicalistas, setores populares, mulheres, estudantes e organizações não governamentais. Também aborda a luta contínua contra o racismo, a necessidade de ações efetivas do Estado e a busca por direitos e igualdade para a população negra no Brasil. Além disso, o jornal inclui entrevistas, convocações e informações sobre eventos relacionados à marcha, bem como artigos sobre a história da resistência negra e a importância da união na luta contra a discriminação racial.

Figura 3 - Capa do Jornal da Marcha

Jornal da Marcha
São Paulo • outubro de 1995 • 300 anos da imortalidade de Zumbi dos Palmares

EDITORIAL

Este ano celebramos três séculos da imortalidade de Zumbi dos Palmares. A realização de uma Marcha a Brasília se apóia, portanto, nos referenciais mais profundos de nossa memória coletiva no Brasil: a luta contra a opressão desumanizadora do racismo.

Somente a força contínua e perene, através de sucessivas gerações, de nossa ação militante garante a coesão, os elementos aglutinadores necessários para o êxito de uma iniciativa política com a dimensão da Marcha que estamos impetuosamente desencadeando.

A boa nova percorre todos os recantos do país: os negros preparam-se para ir a Brasília. Não se trata mais de dizer que o Estado se omite, que o Estado não faz. Nós vamos a Brasília dizer o que o Estado deve fazer.

Já fizemos todas as denúncias. O mito da democracia racial está reduzido a cinzas, como o boneco incendiado da Princesa Isabel. Queremos agora exigir ações efetivas do Estado - um requisito de nossa maioria política.

Idealizada pelo Movimento Negro, a Marcha vai-se construindo como uma ação unificada envolvendo novas parcerias, que atestam o crescimento de nossa base social e o alargamento das frentes de luta contra o racismo: sindicalistas, setores populares, mulheres, estudantes, organizações não governamentais, comunidades rurais.

A Marcha é assim uma espécie de ponte entre este momento, extremamente fecundo mas sob o predomínio de ações pulverizadas, e um outro cujas iniciativas se pautarão em um programa político amplo, delineado na efervescência de um movimento de massas e projetado a partir de uma ótica negra.

Vamos todos a Brasília, no 20 de Novembro! Todos aqueles que desejarem participar de alguma forma da construção da Marcha podem fazê-lo. Celebraremos Zumbi reafirmando nossa disposição de luta contra a miséria e a marginalização a que somos submetidos pela exploração racista. Valeu, Zumbi!

Executiva Nacional da Marcha

ZUMBI
INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data: 10/10/95
cod: 011-20010

**MARCHA
CONTRA O
RACISMO.
PELA
IGUALDADE
E A VIDA.**

**Brásília, 20 de
novembro de 1995**

Fonte: Jornal da Marcha (1995).

Após a marcha, representantes do movimento negro e políticos (dentre eles a Senadora Benedita da Silva, Sueli Carneiro, Hélio Santos, Vicentinho, Jamal, Lula, dentre outros) reuniram-se com o então presidente Fernando Henrique Cardoso. O governo criou um grupo de trabalho interministerial com a participação de negros. Entre suas providências, esse grupo pretende combater com mais força o preconceito racial e desenvolver políticas de valorização do negro em todos os aspectos da cidadania. Essa foi a primeira vez que o Estado Brasileiro reconheceu ser racista (Fundação Perseu Abramo, 1996).

Quanto a titulação de terras para comunidades remanescentes quilombolas ainda é um caminho que se faz com adversidades, porém com a insistência dos remanescentes a justiça tem se mantido, contudo, o Estado promove ações para barrar esse movimento tornando o processo moroso (Laurindo, 2021). Sobre a indenização essa foi uma das pautas barganhadas para a criação do Estatuto da Igualdade Racial, Lei 12.288/2010 (Brasil, 2010).

Na educação, sim uma ação sólida, o movimento negro mostra-se presente em cruciais vitórias obtidas, para a população negra como, a inserção nos currículos escolares no ensino fundamental e médio de escolas públicas e privadas, da temática sobre a história e cultura afro-brasileira, bem como o estudo sobre Áfricas, com a tentativa de desconfigurar a tradição dos livros didáticos vinculados a estereótipos racistas.

Esta ação do movimento negro originou a Lei 10.639/2003, ou nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), ela estabelece as diretrizes e bases da educação nacional incluindo a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira tanto no âmbito público quanto na educação privada (Brasil, 2003).

Ainda no campo da educação, a luta por ações afirmativas compreendidas no programa de cotas raciais impulsionadas pelo movimento negro, gerando discussões para a criação de projetos de Lei (Domingues, 2008). Assim, em 29 de agosto de 2012, o Planalto sancionou a Lei Federal nº 12.711 que reserva uma porcentagem das vagas em Instituições de Ensino Superior Público para candidatos que se autodeclarem negros remanescentes de escolas públicas durante o ensino médio (Brasil, 2012).

A marcha de 1995, que reuniu milhares de pessoas em defesa da dignidade e da igualdade racial, é um marco que ilustra o engajamento contínuo e a resiliência do movimento negro na luta contra a falácia da democracia racial. Este movimento se reafirma, não apenas como um vetor de denúncia, mas também como uma força essencial para a formulação de políticas que busquem corrigir as desigualdades estruturais do país.

Por fim, compreende-se que a trajetória histórica do Brasil na construção e implementação de políticas de ações afirmativas, especialmente aquelas voltadas para a população negra, reforçam a importância de uma mobilização contínua em prol da justiça social e da reivindicação de direitos. A atuação incisiva do movimento negro, ao longo de décadas, consolidou avanços em

diversas esferas, incluindo o campo educacional com a inclusão de temáticas afro-brasileiras nos currículos e a política de cotas raciais, que visam equilibrar as oportunidades educacionais e, por consequência, sociais.

2.3 LEI 12.711/2012: A LEI DE COTAS

Dentre os avanços, constituídos por um percurso longínquo do movimento negro, temos a Lei de Cotas. Após a Marcha Zumbi, a participação dos negros na construção de ações públicas tornou-se mais constante, e grupos em prol da igualdade racial e contra o racismo estiveram presentes em ações que buscavam o mesmo no mundo, assinando acordos e compromissos internacionais de ações afirmativas (Fonseca, 2024).

Como exemplo, a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Conexa, realizada na cidade de Durban na África do Sul em 2001. Onde o Brasil assumiu mundialmente as consequências devastadoras para a população negra em resultado da escravidão, que em decorrência desta ação, a população negra ainda sofre suas mazelas,

Reconhecemos que a escravidão e o tráfico escravo, incluindo o tráfico de escravos transatlântico, foram tragédias terríveis na história da humanidade, não apenas por sua barbárie abominável, mas também em termos de sua magnitude, natureza de organização e, especialmente, pela negação da essência das vítimas; ainda reconhecemos que a escravidão e o tráfico escravo são crimes contra a humanidade e assim devem sempre ser considerados, especialmente o tráfico de escravos transatlântico, estando entre as maiores manifestações e fontes de racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata; e que os Africanos e afrodescendentes, Asiáticos e povos de origem asiática, bem como os povos indígenas foram e continuam a ser vítimas destes atos e de suas consequências (Declaração..., 2001, p. 12).

Como legado a conferência de Durban, foi um referencial para as políticas públicas contra o racismo, trazendo como conquista a adoção de cotas para estudantes negros nas universidades públicas brasileiras (Vaz, 2022).

Promulgada em 29 de agosto de 2012, a Lei nº 12.711 “Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências” (Brasil, 2012). Popularmente conhecida como lei das cotas, ela determina que,

As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas ou em escolas

comunitárias que atuam no âmbito da educação do campo conveniadas com o poder público (Brasil, 2012).

Antes da sua implementação a Lei causou um grande burburinho perante a sociedade brasileira, como mencionado anteriormente na introdução, algumas instituições já haviam adotado a política de ingresso para o ensino superior. Entre as instituições pioneiras na implementação de ações afirmativas no ensino superior, com destaque para a política de cotas raciais, encontra-se a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que, seguindo a Resolução nº 196 de 2002, incorporou as cotas raciais ao seu processo seletivo já no vestibular de 2003, firmando-se como referência no tema (Vaz, 2022).

Ainda em 2003, a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), situada no Rio de Janeiro, publicou edital com reserva de vagas para candidatos autodeclarados negros, e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) passou a adotar o mesmo procedimento, desta vez com respaldo na Lei Estadual nº 4.151/2003 (Campos, 2005).

Na esfera federal, destacam-se as iniciativas da Universidade de Brasília (UnB), que em 2004, por decisão interna, implementou as cotas raciais em seus processos seletivos, tornando-se a primeira universidade federal a adotar essa política afirmativa como uma ação institucional proativa (Caetano, 2015). Essas iniciativas abriram caminhos para que outras universidades brasileiras seguissem pelo mesmo viés, consolidando a política de cotas raciais no ensino superior público como instrumento de democratização e inclusão social.

Entre suas diretrizes, destaca-se a exigência de que os candidatos ao ensino superior se autodeclarem como pretos, pardos, indígenas e mais recentemente remanescentes quilombolas. Mais uma reivindicação do movimento negro, que visa afirmar a identidade negra e promover a autoestima de um grupo que, por muito tempo, se sentiu envergonhado ou até mesmo negou sua cor.

A afirmação por meio de autodeclaração da população negra, há muito tempo é uma das bandeiras do movimento negro, que ao constatar no Censo Geral de 1980 apenas 5,8% da população se declarou preta. Mediante isso, o movimento negro com parcerias organizou a *campanha Não deixe a sua cor passar em branco- use o bom c/senso*, para o Censo Geral de 1990 (Jesus, 2024).

Figura 4 - Cartaz da campanha Não deixe sua cor passar em branco - use o bom c/senso



Fonte: SMABC (2010).

A campanha é uma tentativa de barrar as consequências psicológicas na população negra, advindas da ideologia do embranquecimento que tentou fazer do Brasil um país menos negro, essa ideologia criou estratégias que ocasionaram a população negra de ter vergonha de ser negro.

[...] um dos principais objetivos do projeto de embranquecimento foi a despolitização da população negra por meio da não identificação com a sua origem e pertença racial. [...] Nesse sentido, a ideologia do embranquecimento — que propagava que, por meio de relacionamentos interraciais entre “brancos” e “não brancos”, dentro de poucas gerações não existiriam mais negros, indígenas ou pessoas fenotipicamente mestiças no Brasil — parece ter atuado mais no enfraquecimento de uma consciência política racial, do que na real extinção desses povos. Se eu não me reconheço como negro, como reivindicar do Estado brasileiro algum tipo de reparação histórica pelo mal que ele impôs aos meus antepassados sequestrados e escravizados e que são diretamente responsáveis pela minha atual situação de subalternização, bem como pela manutenção da distinção entre brancos e não brancos, dominadores e dominados, colonizadores e colonizados? (Silva, 2023, p.5 - 11).

Assim a autodeclaração para o acesso das cotas raciais, faz parte de uma campanha que por muito tempo promove a identidade e a valorização da população negra, permitindo que esses indivíduos se reconheçam e se afirmem

em sua ancestralidade. As cotas são uma ressignificação da identidade racial negra.

Esse processo é essencial para contrabalançar os efeitos da ideologia do embranquecimento, que buscou silenciar e deslegitimar as vozes negras ao longo da história. Ao se autodeclararem, os candidatos não reivindicam apenas seu espaço nas instituições de ensino, mas também desafiam as narrativas que perpetuaram a vergonha e o apagamento de suas identidades. Desta forma, a autodeclaração torna-se uma ferramenta poderosa de resistência e afirmação, contribuindo para que todos possam se orgulhar de suas origens.

Com efeito, a sociedade brasileira não atentou para tal aspecto. Em contrapartida, a implementação da Lei de Cotas Raciais nas universidades públicas, embora representasse um avanço para a comunidade negra, suscitou inúmeras críticas. Frequentemente disfarçadas sob uma retórica aparentemente neutra, essas objeções mascaravam, em sua essência, preconceitos racistas. Nesse sentido, Santos (2012, p. 405) explana que,

[...] a resistência à adoção de políticas de ações afirmativas no ensino superior, notadamente cotas para negros, tem se pautado nos seguintes argumentos: o do mérito (“a meritocracia individual estaria sendo negada na adoção do sistema de cotas”), o da definição de quem pode ser considerado negro (“o Brasil é um país mestiço”) ou mesmo o jurídico (“a regulamentação de cotas é o reconhecimento da existência de discriminação do ponto de vista jurídico legal”).

Santos (2012), nesse entendimento colabora com um importante trabalho intitulado “Ações afirmativas e educação superior no Brasil: um balanço crítico da produção”, no qual o autor faz uma massiva pesquisa que destaca a crescente dos estudos acadêmicos de 2001 a 2011 sobre a adoção de políticas afirmativas no ensino superior. O estudo faz uma observação da permanência dos ingressantes cotistas nas universidades ao demonstrar uma equiparação entre os alunos não cotistas e o seu rendimento escolar entre os optantes por cotas raciais em diferentes áreas do conhecimento.

Como resultado, Santos (2012) apresenta uma equiparação que desmistifica argumentos de que cotistas não teriam a mesma qualidade no desenvolvimento acadêmico. A contribuição do autor se fez um ano antes de sancionada a Lei nº 12.711/2012 (Brasil, 2012), a qual já demonstrou um salto considerável na aplicação das cotas raciais para a comunidade negra dentro dos ambientes acadêmicos (Jesus, 2024).

A presente pesquisa não tem por objetivo aprofundar-se nos discursos contrários à Lei 12.711/2012 (Brasil, 2012), visto que foram, e ainda são, inúmeras as tentativas de desqualificá-la. Contudo, alguns fatos são importantes de serem mencionados. Como citado, antes de a Lei 12.711/2012 (Brasil, 2012) ser publicada, algumas universidades tomaram a iniciativa, sendo as primeiras estaduais. Estas, por sua vez, não causaram muito tumulto quando iniciaram a ação de inclusão por cotas raciais em seus cursos. Contudo, quando a Universidade Federal de Brasília (UNB) instituiu o ingresso em 2004, os ânimos se inflamaram (Vaz, 2022).

Em 2009 o partido político Democratas (DEM) ajuizou a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 186/DF, questionando se os critérios de cotas da UnB por, segundo o partido, não estar de acordo com a Constituição Federal. A ADPF 186/DF foi uma ADPF que questionou a constitucionalidade do Plano de Metas de Inclusão Étnico-Racial da Universidade (STF, 2012).

Em argumentações de índole racista, o DEM sustentou que aconteceriam danos irreparáveis se a matrícula na universidade fosse realizada pelos candidatos aprovados com base nas cotas raciais, “a partir de critérios dissimulados, inconstitucionais e pretenciosos da Comissão Racial”. Acusaram o sistema adotado pela instituição de criar uma espécie de “tribunal racial”. Ainda, arguíram que “a ofensa aos estudantes preteridos porque não pertencem à raça “certa” é manifesta e demanda resposta urgente do Judiciário” (Bublitz, 2016).

Em abril de 2012 o Supremo Tribunal Federal (STF), no julgamento da ADPF, afirmou que “a inclusão social deve ser promovida por meio de ações afirmativas que garantam a diversidade no espaço acadêmico” (STF, 2012), e destacou que a UNB estava na vanguarda dessas práticas, contribuindo para a construção de um ambiente mais igualitário (STF, 2012).

Em suma, utilizou-se o STF dos seguintes argumentos e reflexões para o referido julgamento: a) “Paradoxo da igualdade”: entendeu o STF por aplicar “tratamento desigual para os desiguais” no caso concreto. Em outras palavras, o princípio da igualdade tem de ser interpretado de maneira mais profunda do que simplesmente sua leitura estrita. Assim, a igualdade que emana do princípio não é aquela que trata todos da mesma maneira, objetivamente, mas sim com um caráter subjetivo que, respeitando a pluralidade étnico-classista da sociedade, “modula” seus efeitos para que os menos favorecidos recebam um tratamento diferenciado dos demais, de modo que a partir desta modulação, todos estejam em um parâmetro igualitário; b) Aspecto cronológico: através de uma prolongada construção histórica, refere o STF que “A noção de “raça”, que insiste em dividir e classificar os seres humanos em “categorias”, resulta de um processo político-social que, ao longo da história, originou o racismo, a discriminação e o preconceito segregacionista.” Ao decorrer do tema abordado, o Supremo trabalha a ideia do quão delicado é enquadrar determinado indivíduo em

determinada raça – aqui, no sentido de categoria social. Explana-se também a idéia de que um indivíduo pode receber um “enquadramento” diverso, dependendo da localidade a qual se encontram e às leis as quais o território está submetido (Bublitz, 2016).

Além da ADPF 186/DF, em uma tentativa de insurgência contra as cotas raciais, em 2008 uma elite branca, tentando defender arduamente o pacto de proteção da branquitude ao criar um manifesto contra as cotas em universidades públicas, conhecido como *Manifesto dos 113*, trata-se de uma carta no blog do jornalista Reinaldo Azevedo e divulgada/ assinada por diversas personalidades.

Com matéria intitulada *Manifesto Anticotas Cidadãos anti-racistas contra as leis raciais* publicado no jornal Folha de S. Paulo (2008), o manifesto em um dos trechos, destaca que cotas para negros nas universidades são anticonstitucionais e promovem um racismo para com as pessoas brancas,

Nós, intelectuais da sociedade civil, sindicalistas, empresários e ativistas dos movimentos negros e outros movimentos sociais, dirigimo-nos respeitosamente aos juízes da corte mais alta, que recebeu do povo constituinte a prerrogativa de guardião da Constituição, para oferecer argumentos contrários à admissão de cotas raciais na ordem política e jurídica da República. Na seara do que Vossas Excelências dominam, apontamos a Constituição Federal, no seu artigo 19, que estabelece: “É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios criar distinções entre brasileiros ou preferências entre si.” O artigo 208 dispõe que: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um.” Alinhada com os princípios e garantias da Constituição Federal, a Constituição Estadual do Rio de Janeiro, no seu Artigo 9º, determina que: “Ninguém será discriminado, prejudicado ou privilegiado em razão de nascimento, idade, etnia, raça, cor, sexo, estado civil, trabalho rural ou urbano, religião, convicções políticas ou filosóficas, deficiência física ou mental, por ter cumprido pena nem por qualquer particularidade ou condição.” As palavras da lei emanam de uma tradição brasileira, que cumpre exatos 120 anos desde a Abolição da escravidão, de não dar amparo a leis e políticas raciais. No intuito de justificar o rompimento dessa tradição, os proponentes das cotas raciais sustentam que o princípio da igualdade de todos perante a lei exige tratar desigualmente os desiguais (Folha de S. Paulo, 2008, *online*).

Dentre estes intelectuais estão algumas personalidades famosas como: o cantor Caetano Veloso, a historiadora Lilia Moritz Schwarcz, Moacyr Góes Cineasta, Serge Goulart do diretório nacional do PT, a professora Gláucia Villas Boas, o poeta e compositor Antonio Cícero, José Carlos Miranda do movimento negro, o escritor e poeta Ferreira Gullar, a Pró-Reitora Acadêmica da Universidade de Franca Hercidia Mara Facuri Coelho, o artista plástico Luiz Alphonsus de Guimaraens, a ex ministra da saúde Nisia Trindade Lima, o cineasta Zelito Vianna, dentre outros.

O que todos eles têm em comum? São personalidades de diversas áreas como da indústria cultural, da Sociologia, Antropologia, História, etc, são pessoas que influenciam comportamentos como visto na carta de Rachel de Queiroz se posicionando contra a PL da equidade trabalhista entre negros e brancos, além disso, essas pessoas também podem influenciar, inclusive, pessoas cotistas que podem se sentir envergonhados com o uso da política em seu benefício.

Ademais, como visto anteriormente, a maioria dessas pessoas é descendente de imigrantes que atualmente se beneficia das políticas de ações afirmativas que enriqueceram e privilegiaram seus antepassados. Um fato a ser mencionado é que, dos 113, 65 são professores (Folha de S. Paulo, 2008), em sua grande maioria professores universitários. São essas pessoas que se declaram contra receber os ingressantes cotistas nas universidades. Um fato a se pensar: se as instituições geridas por estas pessoas têm o interesse em promover ações para o grupo cotista racial?

As tentativas de barrar, ou desqualificar a Lei são inúmeras, dentre elas as fraudes, pessoas se declaram negras e usam de subterfúgios para comprovar sua afrodescendência, como mencionado por Vaz (2022) uma Afroconveniência ou Afro-oportunismo, o discurso de que a educação devido às cotas será precarizada, produzindo gerações de pessoas não abastadas de conhecimento, ou analfabetos funcionais (Jesus, 2024).

Ainda assim, o que pouco se fala, e que muito se emprega na tentativa de causar um pânico na sociedade em que os brancos serão preteridos nas universidades. Contudo torna-se importante mencionar que não existem cotas exclusivas pra negros. Como versa a Lei a reserva de 50% das vagas estão destinadas aos que estudaram integralmente o ensino médio em escolas públicas ou em escolas comunitárias (Brasil, 2012). Assim, estudantes negros que por ventura fizeram o ensino médio em escolas particulares não tem direito ao ingresso por cotas raciais, então não basta ser negro, é necessário que tenha estudado em escolas públicas.

Este argumento deveria desmistificar o bicho papão do negro ladrão de vagas no ensino superior, mas devido ao racismo estrutural do país é mais conveniente acreditar em supostas injustiças que a população branca pode sofrer do que na real intenção da lei.

Ainda no entendimento de que as cotas raciais não são para todos os negros, que mesmo, ricos estão vulneráveis a opressões raciais, passivos das violências causadas pelos diversos tipos de racismos. Dentro das universidades os estudantes que ingressam por cotas raciais ainda têm que lidar com dificuldades para estudar, muitos enfrentam uma dupla ou tripla jornada de trabalho, além disso, vivenciam as experiências racistas advindas dos colegas, do corpo técnico e docentes das instituições. Por isso, é necessária a responsabilização das universidades para criarem ações que evitem a evasão escolar e o racismo dentro dos seus espaços (Jesus, 2024; Vaz, 2022).

Ainda assim, sob essas limitações, críticas e as diversas tentativas de acabar com as cotas, não há dúvidas de que a política de cotas tem sido um instrumento essencial para promover uma democratização efetiva no ensino superior no Brasil. Há sólidos fundamentos sociais, políticos e jurídicos que sustentam e justificam a sua permanência, manutenção e aprimoramento, reafirmando seu papel crucial na construção de uma sociedade equânime.

Como exemplo, de que a caminhada das cotas deve continuar, o último censo trouxe como resultado um aumento 167% de ingressantes por ações afirmativas nas universidades, sendo o critério racial o segundo mais utilizado (Inep, 2023). Ainda no mesmo censo foi constatado que o número de alunos negros no ensino superior cresceu obtendo 48,3%.

A política é, portanto, um passo fundamental para garantir e combater as desigualdades históricas que ainda marcam a trajetória educacional do país, contribuindo para um futuro mais justo para esse grupo historicamente desfavorecido.

As cotas para o ensino superior são uma proposta para a mobilidade social da população negra no país. Afinal, foram mais de 300 anos de escravidão, 136 anos de um racismo tão nocivo quanto a escravidão para esse grupo, após a abolição, contra pouco mais de vinte anos de cotas raciais, se levarmos em conta as universidades que por autonomia administrativa antecederam a Lei 12.711/2012 (Brasil, 2012), assim este é um processo que ainda necessita de muita atenção e dedicação por parte do poder público bem como de toda a sociedade brasileira.

Como determinava, a legislação da Lei 12.711/2012 (Brasil, 2012), previa que em dez anos após a sua publicação, aconteceria uma revisão da mesma, para se fazer saber das necessidades de continuidade ou termino da referida lei.

Assim esta revisão se deu em 2023, durante o terceiro mandato do governo Lula, onde o presidente sancionou o texto que atualiza a Lei de Cotas, com algumas determinações como:

Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o caput deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservadas aos estudantes oriundos de famílias **com renda igual ou inferior a 1 (um) salário mínimo per capita**. [...] Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos, indígenas e **quilombolas** e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). § 1º No caso **de não preenchimento das vagas segundo os critérios estabelecidos no caput deste artigo, as remanescentes deverão ser destinadas, primeiramente, a autodeclarados pretos, pardos, indígenas e quilombolas ou a pessoas com deficiência** e, posteriormente, completadas por estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escola pública. § 2º Nos concursos seletivos para ingresso nas instituições federais de ensino superior, **os candidatos concorrerão, inicialmente, às vagas disponibilizadas para ampla concorrência** e, se não for alcançada nota para ingresso por meio dessa modalidade, passarão a concorrer às vagas reservadas pelo programa especial para o acesso às instituições de educação superior de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como dos que tenham cursado integralmente o ensino médio em escola pública. [...] Art. 6º O Ministério da Educação e os ministérios responsáveis pelas políticas de promoção da igualdade racial, de implementação da política indígena e indigenista, de promoção dos direitos humanos e da cidadania e de promoção de políticas públicas para a juventude serão responsáveis pelo acompanhamento e avaliação do programa especial de que trata esta Lei, ouvida a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai). [...] Art. 7º A cada 10 (dez) anos a contar da data de publicação desta Lei, será promovida a avaliação do programa especial para o acesso às instituições de educação superior de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como dos que tenham cursado integralmente o ensino médio em escola pública. Parágrafo único. **O Ministério da Educação divulgará, anualmente, relatório com informações sobre o programa especial de acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio, do qual deverão constar, pelo menos, dados sobre o acesso, a permanência e a conclusão dos alunos beneficiários e não beneficiários desta Lei.** Art. 7º-A. **Os alunos optantes pela reserva de vagas no ato da inscrição do concurso seletivo que se encontrem em situação de vulnerabilidade social terão prioridade para o recebimento de auxílio estudantil** de programas desenvolvidos nas instituições federais de ensino. Art. 7º-B. As instituições federais de ensino superior, no âmbito de sua autonomia e observada a importância da diversidade para o desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação, **promoverão políticas de ações afirmativas para inclusão de pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência em seus programas de pós-graduação** stricto sensu. Art. 7º-C. Após 3 (três) anos da divulgação dos resultados do censo do IBGE, o Poder Executivo deverá adotar metodologia para atualizar anualmente os percentuais de pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência em relação à população das unidades da Federação, na

forma da regulamentação. (Brasil, 2012, Inclusão e Redação dada pela Lei nº 14.723, de 2023, grifo nosso).

Alguns avanços para a promoção de uma educação mais diversa foram consolidados com a atualização da Lei de Cotas, que amplia e reforça o acesso de grupos historicamente marginalizados ao ensino superior. Como a prioridade no auxílio estudantil para estudantes em situação de vulnerabilidade social busca garantir não apenas o acesso, mas também a permanência dos cotistas, contribuindo para que esses alunos tenham condições de concluir seus cursos e se desenvolverem academicamente sem estarem em jornadas duplas ou triplas para poderem se sustentar e manter-se nos estudos.

O ajuste de critério de renda para reserva de vagas e inclusão de estudantes quilombolas como beneficiários, também é uma demonstração de priorizar o acesso a todas as camadas da sociedade, tornando o espaço de ensino mais amplo quanto a diversidade racial, política e socioeconômica.

Além disso, a solicitação para que as instituições de ensino promovam ações afirmativas também nos programas de pós-graduação demonstram um compromisso contínuo com a diversidade em níveis avançados de formação, reforçando a importância de uma representatividade ampliada para o desenvolvimento científico e tecnológico do país.

Dessa forma, a atualização da Lei de Cotas em 2023 reafirma o papel do Estado na promoção da igualdade e no enfrentamento das desigualdades raciais e sociais no Brasil. Essa reforma da legislação demonstra um avanço significativo no compromisso com a democratização do ensino superior, ao buscar tornar a educação uma ferramenta de transformação social e justiça para grupos historicamente excluídos.

A lei não apenas assegura a entrada desses estudantes, mas também estabelece políticas que fortalecem sua permanência e sucesso acadêmico, essencial para a construção de uma sociedade mais equitativa e diversa, que realmente possa possibilitar uma mobilidade social de ascensão para estes grupos. Em consonância a 12.711/2012 (Brasil, 2012) temos a 12.990/2014 (Brasil, 2014) que,

Reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União.

Para Fonseca (2024) lei de cotas raciais para concursos públicos é uma extensão das cotas para o ensino superior, proporcionando uma ascensão, política, econômica e social da população negra, promovendo uma mobilidade social. Pois é através do ensino que se promove a mobilidade social, é onde ocorrem as trocas de experiências e conhecimentos científicos, econômicos, políticos e sociais entre aqueles que irão governar e administrar a nação.

Assim, a presença negra nas universidades públicas exerce um impacto profundo nas esferas sociais, culturais, ao desafiar estereótipos, ampliar perspectivas e fortalecer a representatividade em espaços historicamente elitizados. Esse movimento não apenas enriquece o ambiente acadêmico, mas também transforma a sociedade ao próximo de uma realidade mais plural e equitativa, onde a diversidade é reconhecida e valorizada como um bem coletivo (Fonseca, 2024; Jesus, 2024; Vaz, 2022).

Alcançaremos esta ascensão social porque somos capazes, e esse não é um discurso meritocrata, lograremos porque mesmo como escravos nossos antepassados foram civilizadores desta nação, como bem retrata Fonseca (2024, p. 43),

A contribuição africana para a nação tem sido imensa não somente pelo seu trabalho manual, mas também pela sua produção musical, industrial, artística, científica e, sobretudo institucional, nos âmbitos social e religioso. Ainda que na condição de escravizado, o negro é um civilizador.

Civilizador, pois, mesmo como as mais diversas tentativas adversas de um sistema educacional desigual temos Antonieta de Barros. Mulher negra, jornalista, uma das primeiras mulheres eleitas no Brasil e a primeira negra brasileira a assumir um mandato popular, natural de Santa Catarina, que criou o dia do professor, além de ser destaque na defesa pela educação e do acesso ao conhecimento como ferramentas de emancipação social e política (Nunes, 2001).

A trajetória de Antonieta de Barros representa a resistência e a importância da inclusão de vozes negras no cenário político e educacional, abrindo caminho para futuras gerações. Antonieta de Barros é um exemplo de como a educação transforma realidades e promove a justiça, demonstrando que o reconhecimento e a valorização das pessoas negras em espaços de liderança são essenciais para uma sociedade mais justa e plural.

As políticas de cotas, assim, representam mais do que um acesso: elas são uma reposição histórica e um compromisso com um futuro mais justo, onde o potencial de cada indivíduo possa se manifestar em sua plenitude, livre de opressões e preconceitos. Portanto, cada avanço na educação e no mercado de trabalho é um passo em direção a uma sociedade que regularmente e valoriza, efetivamente, a contribuição negra como parte essencial de sua identidade e desenvolvimento.

A presente seção propôs recuperar, na literatura sobre as ações afirmativas, um histórico nos âmbitos nacional e internacional, e as políticas de ações afirmativas voltadas para a população negra na sociedade brasileira e as legislações que as garantem, o percurso educacional do negro no Brasil e o Movimento Negro e a sua importância para a existência de políticas de ações afirmativas para a população negra.

A seguir será empregado a discussão teórica sob autores quanto o papel da Biblioteconomia e a Ciência da Informação no âmbito social com foco nas relações étnico-raciais.

3 BIBLIOTECONOMIA E A INFORMAÇÃO NO ÂMBITO SOCIAL: FOCO NAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Uma das formas de exercer a autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade.
Neusa Santos Souza (2021, p. 45).

A Biblioteconomia no Brasil tem desempenhado um papel crucial na preservação e disseminação do conhecimento ao longo de sua história. Com o passar do tempo, as pessoas bibliotecárias passaram a ser vistas não apenas como guardiãs de acervos, mas como agentes de inclusão e transformação social.

À medida que a sociedade brasileira se torna mais complexa e interconectada, os desafios para a profissão se multiplicam, exigindo uma postura crítica e ativa dos bibliotecários na defesa do acesso à informação. Nesse contexto, compreender a história da Biblioteconomia brasileira sem considerar o contexto étnico-racial do país é tratá-las como se fossem questões independentes.

Recentemente, durante uma oficina de letramento racial que ministrei para ingressantes do curso de Biblioteconomia em uma Universidade Federal, fui questionada por um professor do curso sobre um concurso realizado pela instituição, com vagas destinadas a professores cotistas raciais. Ele perguntou o porquê, apesar das vagas reservadas, apenas uma pessoa negra participou do concurso. Em seguida, afirmou que, devido a essa “baixa adesão”, os concursos seguintes não incluíram ações afirmativas, sob o argumento de que não havia demanda.

Devido ao tempo limitado, a resposta que dei ao professor foi breve, mas gostaria de ter aprofundado o que pretendo discutir nesta seção. Quando o professor aponta uma “escassez” no número de candidatos negros que se beneficiam das ações afirmativas, a questão que deveríamos levantar não é o fato de eles não utilizarem as cotas, mas sim o porquê disso. Por que pessoas negras não estão se beneficiando das cotas para ingresso no funcionalismo público?

Para compreender um pouco desse problema precisamos rever o histórico da Biblioteconomia no país, e observar esse histórico em conjunto com a cronologia da história nacional, como vimos na seção anterior com a linha do tempo do percurso educacional do negro no Brasil.

Vejamos, de acordo com Russo (1966) e Castro (2000), em 1911 o Decreto 8.835 determina a criação do primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil realizado na Biblioteca Nacional (BN), sob pressão do então diretor da BN, Manuel Cícero Peregrino da Silva, com início das aulas no mês de abril de 1915.

Em uma linha temporal que temos a então abolição da escravidão em 1888, observa-se um intervalo de apenas vinte e três anos entre a libertação de pessoas que foram escravizadas por mais de 300 anos, e privadas de uma educação, e a criação do primeiro curso de Biblioteconomia do país. Talvez essa seria uma resposta direta ao questionamento do professor: como esperar que, em pouco mais de um século desde a Lei Áurea, Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888 (Brasil, 1888), as pessoas negras tivessem superado as profundas marcas da escravidão, quando as estatísticas ainda demonstram as desvantagens sociais, econômicas e educacionais dessa população?¹⁸

A herança da escravidão permanece viva, impactando diretamente o acesso e a permanência dessas pessoas em espaços de poder, como a carreira docente em universidades públicas.

Em uma linha temporal podemos ter uma melhor visualização dessa configuração do País. O quadro a seguir apresenta uma linha do tempo que destaca alguns eventos importantes relacionados à história das bibliotecas, da Biblioteconomia, da educação da população negra e minoritária no Brasil bem como de momentos políticos.

Quadro 1 - Linha do tempo entre Biblioteconomia e as relações raciais no Brasil

Ano	Evento
1568	Fundação da primeira biblioteca brasileira por jesuítas no Brasil Colonial.
Século XVII	Ordens religiosas (Franciscanos, Carmelitas e Beneditinos) introduzem livros e bibliotecas no Brasil Colonial.
1604	Antônio Gonçalves, jesuíta português, atua como o primeiro bibliotecário no Brasil.
1807	Chegada da família real portuguesa ao Brasil, trazendo seu acervo pessoal.
1810	Acervo da família real é instalado na Ordem Superior Terceira do Carmo, fundando futuramente a Biblioteca Nacional.
1814	Biblioteca Nacional é aberta ao público.
1824	Primeira constituição brasileira garante educação primária 'gratuita a todos os cidadãos', exceto para negros escravizados, pois não eram considerados cidadãos.
1837	Lei nº 1 proíbe escravos e africanos livres de frequentarem escolas públicas na província do Rio de Janeiro.
1854	Decreto Couto Ferraz regulamenta o ensino, proibindo escravos de frequentarem as escolas.
1888	Abolição da Escravatura no Brasil.

¹⁸ “Enquanto 55,7% dos brasileiros são negros (IBGE), apenas 35,09% dos servidores públicos ativos do executivo federal são negros, segundo o Sistema Integrado de Administração de Pessoal (Siape) de 2020.” (Fonasefe, 2024).

1911	Criação do primeiro curso de Biblioteconomia na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, a partir do Decreto 8.835 de 11 de julho.
1915	Início das aulas do curso de Biblioteconomia.
1922	Encerramento do primeiro curso de Biblioteconomia, que em sua permanência foi influenciado pela <i>École Nationale des Chartes</i> , da França. O que demonstra que os participantes deveriam ter um elevado conhecimento.
1929	Criação do segundo curso de Biblioteconomia, no <i>Mackenzie College</i> , São Paulo.
1940	Rubens Borba de Moraes reinstala o curso de Biblioteconomia na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.
1962	Biblioteconomia torna-se uma profissão de nível superior. Exigindo a obrigatoriedade de diploma para exercer a profissão.
1965	Tornou-se obrigatório o voto feminino, sendo equiparado ao dos homens. Mulheres negras, a base da sociedade, poderiam escolher os seus representantes.
1985	Permitido o voto facultativo para analfabetos. Os negros eram a maior parte dos analfabetos.
1988	Constituição Federal que garante igualdade de todos perante a lei e a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

Fonte: Elaborada pela autora (2024), com base em (Almeida; Baptista, 2013; Fonseca; Barros, 2016; Brasil, 1988; Brasil, 2016; Câmara dos Deputados, 2021; Castro, 2000; Fonseca, 2007; Russo, 1966; Barreto, 2022, Vaz, 2022).

O quadro começa em 1568 com a fundação da primeira biblioteca pelos jesuítas no Brasil Colonial e segue com marcos como a chegada da família real portuguesa em 1807, que trouxe um acervo significativo, e a fundação da Biblioteca Nacional em 1810. Podemos observar também, leis e decretos que restringiam a educação a pessoas negras e escravizadas no século XIX, como o Decreto Couto Ferraz de 1854.

A história da Biblioteconomia no Brasil é marcada por momentos cruciais, desde a criação do primeiro curso na área em 1911 e sua subsequente expansão nas décadas seguintes. Paralelamente, avanços significativos nos direitos civis, como a instauração do voto feminino obrigatório em 1965 e a concessão do voto facultativo aos analfabetos em 1985, reverberam diretamente na população negra.

Essas conquistas são intrinsecamente ligadas à população negra, pois mulheres negras, que constituem a base da sociedade brasileira, obtiveram o direito de escolher seus representantes legais. Além disso, a maioria da população analfabeta na época era composta por indivíduos negros, tornando a extensão do voto a esse grupo um passo vital para a inclusão e a representatividade.

Além disso, a Constituição Federal brasileira promulga o direito à igualdade de todos (Almeida; Baptista, 2013; Fonseca; Barros, 2016; Câmara dos Deputados, 2021; Brasil, 2016; Brasil, 1988; Barreto, 2022).

A pretensão desta linha cronológica, que interliga fatos relacionados às bibliotecas, à formação dos cursos de Biblioteconomia, às relações étnico-raciais

e a fragmentos do cenário político-eleitoral no Brasil, é proposital para que possamos compreender como esses aspectos estão interconectados ao longo da história do país.

Ao evidenciar marcos significativos, como a fundação da primeira biblioteca em 1568, a criação do primeiro curso de Biblioteconomia em 1911 e as leis que impactaram a inclusão e a exclusão da população negra na educação e na cidadania, o quadro proporciona uma visão abrangente das transformações sociais e educacionais, refletindo como esses eventos moldaram o panorama atual das bibliotecas e da educação no Brasil.

Desta maneira, questiona-se sobre: o ilusório entendimento de que hoje somos todos iguais, como versa a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), e, portanto, temos as mesmas oportunidades para ocupar cargos públicos, ignora completamente a construção histórica da sociedade contemporânea. Em outras palavras, trata-se de um discurso que promove a meritocracia, sustentado pela falácia de uma democracia racial no Brasil.

Ao observarmos, por exemplo, o ambiente das bibliotecas, somos confrontados com um espaço historicamente erudito, onde o conhecimento é frequentemente definido como culto, civilizado e letrado.

Almeida e Baptista (2013, p.2) ilustram muito bem esse ambiente erudito, possível à poucos, “A forma de admissão do primeiro curso foi por exame que se compunha de prova escrita de português e provas orais de geografia, literatura, história universal e de línguas: francês, inglês e latim”. Pergunto: quem tinha acesso a essa educação em meados da década de 1910, no Brasil? Ou melhor, quem tem acesso a essa educação nos dias de hoje no país? Para não muito, podemos observar na figura 5 o perfil racial dos primeiros alunos do primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil,

Figura 5 – Formação da primeira turma do curso de Biblioteconomia no Brasil



Fonte: Biblioteca Nacional (2018).

Esse contexto reforça barreiras sociais e culturais, excluindo saberes tradicionais e marginalizados, que raramente encontram representação ou valorização (Cardoso, 2015). Assim, a estrutura que molda essas instituições reflete e perpetua as desigualdades raciais e sociais, ao invés de atuar como um espaço democrático de acesso ao conhecimento para todos.

Assim como no histórico das bibliotecas, as universidades também carregam a noção de serem espaços tradicionalmente reservados para as elites (Rothen, 2010). Essa percepção reflete uma estrutura educacional que tende a privilegiar especificamente certos grupos sociais, mantendo o acesso ao conhecimento formal restrito a uma parcela da população, mesmo visto que avançamos em políticas públicas. Ainda que não perfeitas elas existem e causam mudanças no cenário social.

Da mesma maneira, o ambiente acadêmico reproduz dinâmicas de exclusão, onde o conhecimento produzido e legitimado reflete majoritariamente a visão de mundo das classes dominantes. Isso reforça uma posição de saberes que desconsidera ou marginaliza experiências e epistemologias de grupos historicamente oprimidos, como a população negra e indígena, perpetuando uma falsa ideia de meritocracia, como bem nos lembrou o então professor ao dizer que os concursos seguintes foram ofertados sem ações afirmativas devido a uma “baixa demanda” de pessoas cotistas raciais.

Em suma, tanto bibliotecas como universidades (e aqui incluímos os cursos de graduação em Biblioteconomia), são espaços que perpetuam a função histórica da exclusão de grupos marginalizados, funcionando como mecanismos de manutenção de uma posição social e racial. Embora promovidas como locais de acesso democrático ao conhecimento, essas instituições frequentemente reproduzem uma lógica que privilegia saberes eurocêntricos e elitizados, deixando de lado as vozes e as vivências da população negra, indígena e outras comunidades historicamente inferiorizadas.

Essa perpetuação do privilégio é visível não apenas na estrutura curricular e nos conteúdos legitimados, mas também nas barreiras institucionais de acesso e permanência, como a falta de representatividade de docentes e profissionais negros e a ausência de uma verdadeira valorização das epistemologias não ocidentais (Silva; Saldanha; Pizarro, 2018). Para que bibliotecas e universidades se tornem de fato espaços de transformação social, é necessário romper com essas estruturas de exclusão e criar condições para uma educação e um acesso ao conhecimento verdadeiramente inclusivo (Almeida; Santos, 2018; Barbosa, 1996; Bernardino, 2002; Cardoso, 2015).

Ainda nesse entendimento, tanto bibliotecas quanto universidades confluem com uma formação voltada para a branquitude, atendendo às demandas desse pacto narcísico onde as necessidades de conhecimento devem atender a um conjunto hegemônico. Nesse viés, a branquitude é compreendida como a sustentação dos privilégios que pessoas brancas sempre e ainda hoje recebem, mantendo assim, redes e laços que propiciem esse entendimento de superioridade, inclusive as epistemologias (Bento, 2022).

Contudo, felizmente a história vem ganhando um novo rumo. No Brasil temos nos deleitado com excelentes produções que promovem uma reflexão crítica sobre a presença de epistemologias afrocentradas e a valorização dos saberes tradicionais.

3.1 SIM! É POSSÍVEL NOVAS PERSPECTIVAS PARA A BIBLIOTECONOMIA: UMA LIGAÇÃO INTERDISCIPLINAR COM A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Quando Chimamanda Ngozi Adichie (2019), nos alerta para risco do perigo da história única, da história oficial ou a história dos vencedores a autora aborda como uma narrativa histórica construída sob versões hegemônicas são capazes de exterminar ou impossibilitar grupos e que novas versões sejam contadas, permitindo uma averiguação mais apurada sobre essas histórias únicas,

É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna. [...] O poder é habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mais de fazer que ela seja sua história definitiva (Adichie, 2019 p.22-23).

E assim foi por muito tempo na história única da Biblioteconomia e outras áreas do conhecimento, como, por exemplo, a Ciência da Informação (CI). Por muitos anos se “acreditava” haver uma sólida e única vertente epistemológica para estas áreas exclusivamente oriundas do norte global, salvaguarda as contribuições Ranganathan, bibliotecário indiano que contribuiu para dar à Biblioteconomia fundamentos filosóficos, mas que, contudo, teve que estudar Biblioteconomia na Grã-Bretanha, em Londres, para exercer o cargo de bibliotecário na Universidade de Madras na Índia em 1924, (IBICT, 2020).

Nos últimos anos, essa concepção de uma história epistêmica única de Biblioteconomia e CI vem sendo questionada. Esses esforços, liderados por intelectuais, pesquisadoras e pesquisadores comprometidos com a diversidade e a inclusão, têm desafiado a hegemonia do pensamento eurocêntrico nas áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação, abrindo espaço para uma abordagem mais plural, que apoia e valoriza as contribuições das populações que foram invisibilizadas.

Esses trabalhos não apenas ampliam o escopo teórico das áreas, mas também inspiram transformações práticas nas bibliotecas e nos espaços de informação, tornando-os mais inclusivos e representativos da realidade multicultural do país. Assim, as novas gerações de bibliotecários e profissionais da informação têm a oportunidade de atuar em consonância com uma visão de mundo mais inclusiva, que acompanha o valor de diferentes formas de conhecimento e promove a equidade no acesso à informação.

A destacar o trabalho de Francilene Cardoso (2015), *O negro na biblioteca: mediação da informação para a construção da identidade negra*. A autora aborda como as bibliotecas públicas podem ser espaços que reforçam uma visibilidade negativa ou positiva dos negros nesse espaço, o que resulta na visitação desse público a espaços em que sua identidade é construída de forma negatizada ou simplesmente excluída do mesmo.

No campo da Biblioteconomia, Franciéle Carneiro Garcês Silva e Rubens Alves da Silva (2022) destacam, com base no princípio da ausência de Grada Kilomba, a escassez de pensadores, pesquisadores e intelectuais negros e negras nos ambientes acadêmicos e nas bibliotecas. Essa lacuna contribui para a propagação de um pensamento hegemônico branco-eurocêntrico no ensino.

Além disso, é importante ressaltar as publicações promovidas por Lima e Silva (2018), que discutem a Biblioteconomia para uma vertente afrodiaspórica; Valério e Campos (2020), ao dissertarem sobre a necessidade de uma educação antirracista no ensino de Biblioteconomia; Silva (2021) que versa sobre a interseccionalidade dentro das áreas da Biblioteconomia e CI.

Esses autores fazem parte de um movimento crescente de bibliotecárias e bibliotecários negros pesquisadores que buscam destacar a importância de estudos que abordam as interseções entre classe, raça e gênero. Muitas vezes, essas análises são realizadas a partir da perspectiva dos estudos pós-coloniais, anticapitalistas, antirracistas e antissexistas.

Esse movimento visa trazer à tona as necessidades de uma formação e atuação que promovam a diversidade étnica e desenvolvam estratégias para combater o racismo estrutural e a hegemonia que ainda permeiam o campo.

Ao longo desta seção serão apresentados trabalhos e pessoas pesquisadoras das áreas envolvidas nas discussões étnico-raciais, contudo, cabe aqui mencionar alguns nomes importantes para os estudos étnico-raciais tanto em Biblioteconomia quanto na Ciência da Informação como: Ana Claudia Borges Campos, docente do departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo, com estudos voltados para as políticas de ações afirmativas antes mesmo da Lei 12.711 (Brasil, 2012); Mirian de Albuquerque Aquino, professora do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba Com diversas orientações de trabalhos voltados para as discussões raciais; Joselina da Silva, Professora de Sociologia nos Cursos de Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará atuante em pesquisas

ligadas às relações raciais, gênero, movimentos sociais e religiões afro-brasileiras; Maria Aparecida Moura¹⁹, professora do departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais que possui um vasto currículo ligado aos temas da oralidade, memória, saberes populares e culturas tradicionais; Rubens Alves da Silva, professor de Sociologia no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais que atua em projetos como o Observatório do Racismo, dentre muitos outros que serão abordados nas seções que seguem esta pesquisa.

Em 2023 fomos agraciados com a excelente obra de Franciéle Carneiro Garcês-da-Silva, intitulado *Biblioteconomia Negra: das epistemologias negro-africanas à teoria crítica racial*. A obra além de nos proporcionar um rico referencial para as áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) é também uma denúncia de como o campo, por muito tempo, vêm promovendo uma exclusão, ou por que não dizer, o banimento de teorias e conhecimentos que não são oriundos do norte global, desqualificando o que em seu entendimento não é ciência e tão pouco pode gerar conhecimentos (Garcês-da-Silva, 2023).

De acordo com a autora a BCI vem, desde o seu início fortalecendo o Princípio da ausência, o epistemicídio e o *apartheid* epistêmico, de regiões do sul global e latinas. Essa exclusão sistemática evidencia que, por décadas, as epistemologias negro-africanas e outras vozes subalternizadas foram silenciadas, criando um ambiente acadêmico marcado pela hegemonia de saberes eurocêntricos e estadunidenses. Garcês-da-Silva (2023) nos convida a romper com essa tradição, propondo um olhar crítico e inclusivo que permite a valorização de outras formas de conhecimento, essenciais para a construção de uma Biblioteconomia verdadeiramente democrática e diversa. Assim, a obra se torna não apenas uma contribuição acadêmica, mas um chamado para uma transformação profunda nas práticas e no pensamento da BCI.

Ainda versando sobre as abordagens que buscam dimensionar as áreas da Biblioteconomia e CI, é importante mencionar o destaque para as pesquisas, e se tratando disso, o acesso para o pesquisador divulgar seu material em formatos que possam alcançar os diversos públicos também é um obstáculo.

¹⁹ Por muito tempo a professora Cida Moura foi a única professora negra da ECI/UFMG. Ela se tornou a primeira professora titular negra da história da Universidade Federal de Minas Gerais, em seus 85 anos de fundação (Memórias, 2020).

Visto que, por exemplo, os serviços de editoras em sua maioria podem ser onerosos, fazendo com que apenas um pequeno grupo tenha acesso e assim consiga disponibilizar suas pesquisas e/ou trabalhos em forma de livros, por exemplo. Para essa que também é uma problemática, para epistemologias afrocentradas, temos um recurso, que vem possibilitando a pessoas pesquisadoras uma outra saída, como o projeto da editora Selo Nyota.

Com uma equipe formada por pessoas bibliotecárias, o Selo Nyota se dedica a publicar livros de mulheres, populações negras e indígenas, e da população LGBTQIA+, resultantes de pesquisas nas áreas de Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Comunicação e Ciência da Informação. Sua missão é promover o conhecimento científico de populações historicamente invisibilizadas na ciência brasileira, garantir representatividade no meio acadêmico, incentivar o acesso gratuito às publicações e colocar o autor como protagonista no processo criativo. A equipe do Selo oferece serviços de revisão, avaliação científica e divulgação, além de enviar exemplares aos autores para o lançamento de suas obras, visando disseminar e visibilizar conhecimentos e experiências dessas comunidades (Nyota, 2024).

O site da editora possui um catalogo com suas publicações onde todas estão com acesso gratuito. Dentre as diversas obras de grande importância para o contexto biblioteconômico informacional a destacar a tetralogia das edições de: *Bibliotecári@s negr@s*, obras organizadas com artigos de pessoas autoras negras e antirracistas.

Outro nome importante a mencionar para essa lista, de pessoas atuantes na pesquisa, mesmo ela não tendo atuado nas áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação, vai para Virgínia Bicudo. Neta de pessoas que foram escravizadas, Virgínia Bicudo em 1945 defendeu sua dissertação de mestrado sobre o *Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*, primeiro trabalho de mestrado do Brasil sobre as relações raciais (Silva, 2022).

Infelizmente devido a esse princípio da ausência, epistemicídio e *apartheid* epistêmico abordado por Garcês-da-Silva (2023), Virgínia Bicudo não recebeu o reconhecimento devido ao seu trabalho percussor dentro do espaço acadêmico. Espaço este que historicamente falhou em conformidades, não valorizando a presença de cientistas negros, perpetuando a invisibilidade de suas contribuições, como a de Bicudo.

Assim, é necessário não apenas reconhecer a importância de sua pesquisa, mas também ressaltar a necessidade de uma mudança na forma como a história da ciência é narrada, garantindo que vozes como a de Virgínia Bicudo e tantas outras pessoas pesquisadoras negras sejam valorizadas e celebradas como parte fundamental do patrimônio intelectual e acadêmico do Brasil.

3.1.1 E o que seria da pesquisa sem aqueles na linha de frente?

A história da Biblioteconomia no Brasil é marcada por um movimento contínuo de adaptação e expansão. Desde sua origem, focada na preservação de grandes acervos, até o momento atual, onde se valoriza a democratização da informação e o uso de tecnologias digitais, a profissão evoluiu de forma significativa. No entanto, é importante destacar que essa trajetória está profundamente vinculada às transformações sociais e políticas do país. Por isso, a pessoa bibliotecária precisa atuar não apenas como um organizador de informações, mas também como um defensor do acesso equitativo ao conhecimento e da inclusão social.

Além das mudanças tecnológicas, a Biblioteconomia no Brasil enfrenta desafios relacionados à inclusão social e à democratização da informação. Bibliotecários têm sido chamados a atuar como agentes de transformação social, promovendo o acesso equitativo ao conhecimento em uma sociedade marcada por profundas desigualdades. Conforme abordado por Lima e Silva (2018) a pessoa bibliotecária contemporânea deve ser uma facilitadora de acesso, trabalhando para romper barreiras socioeconômicas e culturais que limitam o acesso ao conhecimento.

Lima e Silva(2018) estão em consonância com Targino (1997, p. 28, 64, grifo da autora), quando a autora enfatiza sobre a prática bibliotecária,

[...] **práxis bibliotecárias** refere-se às ações engendradas pelos profissionais de informação direcionadas ao crescimento e desenvolvimento humano, haja vista que o valor da práxis reside na sua função social. [...] Pensar o trabalho como instrumento de ação transformadora exige do indivíduo postura de permanente estado de alerta para exercer sua consciência crítica no que se refere à atividade que exerce e ao significado social desta atividade.

Visto a importância da pesquisa acadêmico científica para relações étnico-raciais em Biblioteconomia e Ciência da informação, faz-se importante destacar aqueles que estão no front do cerne da profissão bibliotecário. Aquelas pessoas

que atuam diretamente com o público. E por que esse destaque se faz de extrema importância? O objetivo central desta pesquisa está em identificar as percepções do futuro profissional bibliotecário cotista negro ou negra.

Compreende-se a importância da pessoa pesquisadora, contudo, dos futuros graduados em Biblioteconomia apenas alguns vão se dedicar a pesquisa, em sua maioria as pessoas formadas vão para a atuação direta em ambientes informacionais diversos: bibliotecas escolares, públicas, comunitárias, universitárias e especializadas, empresas, centros de documentação, centros de pesquisa, espaços culturais dentre outros.

Assim, o impacto de pessoas negras nesses ambientes, seja como gestores, atendentes ou no processamento técnico, é fundamental para a promoção da diversidade e da representatividade. A presença de profissionais negros não apenas enriquece as práticas informacionais, mas também contribui para a construção de um ambiente mais inclusivo e acolhedor, capaz de atender às necessidades de todas as comunidades.

As autoras Andrea Sousa Silva e Sandra Regina Fontes (2017), destacam a importância do bibliotecário atuante nos espaços informacionais introduzindo a aplicação da Lei 10.639/03 (Brasil, 2003). Sendo a autora Sandra Regina Fontes, bibliotecária escolar e única bibliotecária negra da rede municipal de Florianópolis até o ano de 2024, sua vivência no espaço é também uma resistência. Segundo as autoras,

Ao refletir sobre diversidade étnica na biblioteca e a aplicação da Lei nº 10.639/03 vimos o quanto é importante que o bibliotecário tenha um olhar apurado da profissão e possa dar visibilidade para a diversidade étnica e cultural. Há a necessidade de afirmação da existência dos afro brasileiros (representatividade) para ampliar as possibilidades de atuação das bibliotecas, e dessa maneira, poder fortalecer o ideal de sociedade democrática (Silva; Fontes, 2017, p. 211-212).

O corpo negro dentro de um espaço tradicionalmente visto como um espaço de e para as elites é, por si só, uma transgressão às concepções que historicamente moldaram a sociedade. A representatividade desse corpo negro vai além das competências técnicas exigidas pela profissão; ele é, antes de tudo, um corpo político, carregado de significados que desafiam estruturas de poder, racismo e exclusão (Souza, 2021).

Sua presença reafirma a necessidade de reconfigurar esses espaços, que por muito tempo foram negados a populações marginalizadas. Mais do que ocupar uma função, o corpo negro carrega consigo uma história de resistência,

e sua atuação nesses ambientes é um ato que questiona e transforma as dinâmicas de poder, ampliando as perspectivas sobre quem tem o direito de estar e de ser nesses lugares.

Garcês-da-Silva (2023), indica alguns nomes que são notáveis para a atuação bibliotecária como, Regina Santos da Silva Tonini a frente da gestão da Biblioteca da Petrobrás por mais de 40 anos, Julieta Caetano junto ao alicerçamento da Biblioteca central da Universidade Estadual de Feira de Santana e Ana Virginia Teixeira da Paz Pinheiro na sua atuação por 38 na Biblioteca Nacional.

No eixo internacional, como mencionado anteriormente temos o indiano Ranganathan, bibliotecário atuante que criou as cinco leis da Biblioteconomia (IBICT, 2020). Garcês-da-Silva (2023) repara uma injustiça epistêmica ao salvaguardar os nomes de Elonníe Junius Josey e Dorothy Burnett Porter Wesley ambos bibliotecários estadunidenses que além de atuação prática efetivaram um movimento em virtude das discussões críticas raciais em Biblioteconomia em um país com fortes leis de segregação.

Isto posto, respondendo ao questionamento que dá título a esta subseção, *“E o que seria da pesquisa sem aqueles na linha de frente?”*, e direcionando esta reflexão especialmente aos futuros bibliotecários negros cotistas, é crucial reconhecer que sua atuação não apenas fortalece a pesquisa, mas também impacta diretamente o cotidiano das práticas biblioteconômicas.

Esses profissionais são agentes de mudança, cujo trabalho na linha de frente, nas bibliotecas e nos centros de informação, transforma a maneira como o conhecimento é produzido, distribuído e acessado. Eles são fundamentais na construção de uma Biblioteconomia que se compromete com a equidade, a inclusão e a justiça social.

3.2 DA BIBLIOTECONOMIA À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: A RESPONSABILIDADE DIANTE DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA SOCIEDADE

Trabalhar com as questões étnico-raciais na perspectiva da Biblioteconomia e Ciência da Informação exige explicitar melhor o conceito de informação apropriado neste projeto, a partir do diálogo estabelecido entre as variações de abordagens teóricas disciplinares constitutivas do campo.

Originada no bojo da revolução científica que se iniciou pós Segunda Guerra Mundial e no que foi a Guerra Fria, a área Ciência da Informação é um campo bastante jovem, se comparado a outros como por exemplo a Biblioteconomia, que no registro de Saracevic (1996, p.48): “A biblioteconomia tem uma longa e orgulhosa história, remontada a três mil anos, devotada à organização, à preservação e ao uso dos registros gráficos humanos”.

Segundo este autor, a CI é influenciada por duas disciplinas que a caracterizam como área interdisciplinar, sendo elas a Documentação e a Recuperação da Informação. Na descrição dele, esta interdisciplinaridade foi construída através de um profícuo diálogo entre teorias, envolvendo autores da área, que contribuiu para definir temas, construir objetos e formular problemas sobre os quais a área é levada a considerar:

a) efetividade b) comunicação humana c) conhecimento d) registros do conhecimento e) informação f) necessidades de informação g) usos da informação h) contexto social i) contexto institucional j) contexto individual l) tecnologia da informação [...] Então, pelo imperativo dos problemas propostos, a CI é um campo interdisciplinar. (Saracevic, 1996, p. 47- 48).

Tomando como princípio os estudos de Saracevic (1996), observa-se que a CI enquanto campo de estudo tem a preocupação com os fatores ligados à sociedade, bem como o seu desenvolvimento, mediante o uso da Informação. Desta maneira, no campo da CI os estudos demandam uma exaustiva pesquisa sobre a sua matéria prima que é a Informação.

Vários autores, (Capurro e Hjørland, 200; Gomes, 2017; Araújo, 2018) chamam atenção para a variação semântica e referencial do uso do conceito de Informação, ao longo da sua introdução e desenvolvimento como categoria nuclear da área.

Como exemplo, Capurro e Hjørland (2007) discorrem sobre a não fluidez de um conceito único, nem entre autores nem entre áreas. Os autores no trabalho intitulado *O conceito de informação*, considerado referência para os estudos sobre informação, trazem um apanhado geral entre autores da CI e de outras áreas como nas Ciências Naturais e Ciências Humanas e Sociais, e com toda a abrangência alcançada não é possível encontrar um consenso no conceito de Informação, nesse sentido os autores inferem, “Que diferença faz se usarmos uma ou outra teoria ou conceito de informação?” (Capurro; Hjørland, 2007, p. 193).

Para Capurro e Hjørland (2007), a informação é mutável de acordo com a necessidade do pesquisador. Dessa maneira, a informação terá um sentido diferente para áreas diferentes e ainda assim, não estão em conflito por sua diferença, pois ela ultrapassa o sentido do único e do indissociável, ao contrário, a informação pode ser “muitas” ao mesmo tempo (Capurro; Hjørland, 2007).

Estes autores defendem que o conceito de informação está intrinsecamente ligado a um processo de subjetivação que engloba múltiplas representações. A informação pode ser considerada tanto como um componente objetivo quanto subjetivo, variando de acordo com o indivíduo que a estuda ou necessita. Trata-se de um conceito complexo que depende do contexto e das necessidades daqueles que a utilizarão.

A partir da crítica às definições do conceito de informação evidenciadas nos teóricos da área, estes dois autores propõe uma definição do conceito formulado com foco nos sujeitos e o que estão em busca de informar, isto é, a “[...] informação é o que é informativo para uma determinada pessoa[...]” (Capurro; Hjørland, 2007, p. 155).

Capurro e Hjørland são referências na elaboração do conceito de informação em diálogo com a antropologia. É acrescentando ao diálogo com estes autores, a contribuição teórica do filósofo Jürgen Habermas, quem desenvolve uma reflexão em torno da questão da interação entre sujeitos e ação comunicativa, que a autora, Henrriette Gomes (2017) propõe uma definição de Informação associada à ideia de “conhecimento em estado de compartilhamento”:

Compreende-se aqui informação como conhecimento em estado de compartilhamento, que se caracteriza como produto do esforço de colocar em comum, o que move a ação comunicativa, guardando em si a própria potência promotora de novas ações de comunicação, a partir das quais podem emergir revisões e até a geração de novos conhecimentos (Gomes, 2017, p. 31).

Nessa perspectiva, no trabalho intitulado *O que é ciência da informação*, Araújo (2018) disserta sobre o pragmatismo do conceito de informação, o autor aborda a grande mudança por ela passada ao longo dos anos nos estudos da CI perpassando pelos conceitos do físico, semântico até o pragmático. No passar dos anos os estudos observaram a informação passar pelo: sentido tecnicista, o de significância e o de entendimento do sentido da informação observando os contextos do sujeito.

Em sua obra, por fim, Araújo (2018, p.84-85) propõe algumas considerações ao conceito de informação no âmbito da Ciência da Informação,

a) o primeiro conceito de informação na ciência da informação é mais restrito e está vinculado à sua dimensão material, física, sendo o fenômeno estudado a partir de uma perspectiva quantitativa e positivista; b) nos anos seguintes tomou o corpo um conceito um pouco mais amplo voltado para a dimensão cognitiva, sendo informação algo associado à interação entre dados (aquilo que está na mente dos sujeitos), esse é o estudo relacionado a identificação de significados, interpretações; c) por fim, as tendências contemporâneas implicam um grau maior de complexidade e abstração, com a inserção de informação no escopo da ação humana e no âmbito de contextos socioculturais concretos.

Desta maneira, se faz importante compreender a informação e as práticas informacionais para a evolução das discussões de âmbito racial, como a tratada nesta pesquisa. Assim, será investigado a tendência contemporânea exibida por Araújo (2018), entendendo a informação para a esfera social, sendo ela capaz de abordar as discussões propostas para esta pesquisa.

3.2.1 Informação no âmbito social

A informação compreendida para o âmbito social tem implicações de extrema importância para a humanidade. Nesse sentido, Harari (2018) que aborda a informação para o aspecto do coletivo, define o quanto à sociedade, dividida em grupos, busca a (des)informação que lhes agrada. Nesse caso podemos fazer uma ligação com a indagação do professor mencionado anteriormente, no início desta seção, ele constrói uma falácia sem bases experimentais a partir da visão particular e uma experiência isolada. O uso coletivo da informação por tais grupos determina ao sujeito a uma concepção de “conhecimento ignorante” ou manipulado, pois o conhecimento não é algo individual e sim um processo adquirido pela interação social.

Portanto, ainda no entendimento da importância da informação, Bezerra, Schneider e Brizola (2017) abordam sobre o gosto informacional e como ele pode produzir sujeitos conscientes de seus direitos e deveres a partir da busca correta pela informação.

Com isso, pode-se afirmar que para diferentes autores a informação não tem um conceito próprio e único o que a torna autoexplicável para quem a utiliza. Assim, o conceito de informação utilizado para a presente pesquisa parte das práticas informacionais que emergem do paradigma social da informação. Deste modo, ao identificar a percepção dos ingressantes por cotas raciais, dos cursos

presenciais de Biblioteconomia de instituições públicas brasileiras, sobre suas vivências enquanto sujeito negro que é optante pela política de cotas raciais, corrobora com as práticas informacionais voltadas para o âmbito social da informação.

3.3 A CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL: RESPONSABILIDADE SOCIAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

O conceito de informação étnico-racial surge para asseverar a responsabilidade social da Ciência da Informação na construção de instrumentos voltados para a democratização da informação. Conceito elaborado por Oliveira (2010), a informação étnico-racial atua na reflexão dentro da CI para dar visibilidade ao conteúdo afrodescendente contribuindo assim, para uma ciência que como bem menciona Saracevic (1996, p.60), é um campo de estudos onde “[...] a tarefa massiva de tornar mais acessível um acervo crescente de conhecimento”.

Na busca de uma ciência que democratize a informação para os sujeitos proporcionando a estes uma posição de centralidade nas diversas relações sociais, e nesse sentido inclui-se as relações étnico-raciais, torna-se fácil enxergar a CI como propulsor, enquanto campo interdisciplinar de investigação científica a área, que pode contribuir e muito para pesquisas sobre raça e etnia, possibilitando combater os conflitos existentes nas relações sociais, como o preconceito racial e étnico.

E é nessa perspectiva, que Oliveira (2010, p. 56-57), define o conceito de informação étnico-racial,

Operacionalmente, o conceito de informação etnicorracial incorpora dois aspectos: um objetivo e um subjetivo. O primeiro diz respeito aos conteúdos disponibilizados nos diversos suportes informacionais. O segundo refere-se ao potencial de produção de conhecimento acerca dos fundamentos sociais, históricos, políticos e culturais de um grupo étnico. [...] O conceito de informação etnicorracial aplicado a afrodescendência permite-nos dizer que engloba a documentação legal, os textos didáticos, os manifestos, bibliografias, iconografias, todo material informacional visual e não-visual – oral, escrito, digital – oriundo do Governo, das Universidades, das Secretarias Municipais e Estaduais, das ONGs, Movimento Negro, Museus, Arquivos, Centros de Informação etc, produzido com vistas à promoção da igualdade racial na sociedade brasileira e, dentre outras políticas, que tratam e regulam as relações étnicas baseadas na diversidade humana.

Assim, definido na perspectiva de uma produção documental de estudantes negras e negros considera-se o conceito de informação étnico-racial para a presente pesquisa. Corroborando a essa produção destaca-se o trabalho de Sousa e Albuquerque (2020), que confeccionaram o *Glossário de informação étnico-racial*. Oriundo de pesquisas bibliográficas sobre o conteúdo afro-brasileiro as pesquisadoras identificaram as palavras mais frequentes e criaram um glossário com as mesmas, subsidiando assim a compreensão de termos Afro usados no cotidiano.

Porquanto, retomando sobre a responsabilidade da CI, considera-se que é por meio da sua organização e representação que pesquisadoras e pesquisadores podem reduzir os efeitos da invisibilidade das temáticas étnico-raciais constatada na academia.

A representação da informação étnico-racial é responsabilidade ético-social da Ciência da Informação e caracteriza-se como um campo fértil para receber tratamento adequado, e a sua articulação com os fundamentos teóricos da Ciência da Informação tem a finalidade de resgatar, disseminar e agregar valor a esse tipo de informação [...]. (Sousa; Albuquerque, 2020 p. 14).

Como exemplo, dessa necessidade de um chamamento para a responsabilidade social das áreas, da Biblioteconomia e Ciência da Informação, as pesquisas sobre ações afirmativas mostram-se tímidas considerando todo o cenário movido pelas discussões sobre cotas raciais no país.

Em 2006, Nilma Lino Gomes organizou o livro intitulado *Tempos de lutas: as ações afirmativas no contexto brasileiro*, o qual contempla diversas áreas do conhecimento e aborda, por lentes de diferentes autoras e autores, a importância das ações afirmativas no Brasil, principalmente na área da educação com as cotas, inclusive as cotas raciais.

As discussões abordadas pelos autores expõem conjunturas que fornecem ao leitor e leitora importantes narrativas sobre a aplicação e manutenção das cotas, além de dilemas devido a posições contrárias ao ingresso de cotistas no ensino superior. Como demonstra Santos (2006, p. 47), “Se o momento atual pode ser visto pelo reconhecimento do racismo na sociedade brasileira, também deve ser observado que algumas propostas políticas encontraram resistência em décadas passadas”.

Ao observar os pressupostos abordados em *Tempos de lutas: as ações afirmativas no contexto brasileiro*, questiona-se o quadro de pesquisas em Biblioteconomia e CI referentes ao estudo das ações afirmativas. Em breve

pesquisa na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci²⁰) - base específica do campo informacional no país - no período do mês de junho de 2022, foram recuperados oito trabalhos com esse tema a partir da palavra-chave “ações afirmativas”, nos quais apenas quatro abordaram de fato, a saber: os trabalhos de Juliano Heinen (2008)²¹, Thiago Marrara e Gustavo Gil Gasiola (2011)²², Eliane Ribeiro Pereira, Antonio Jose Barbosa de Oliveira e Maria Cecília de Carvalho Chaves (2020)²³ e Vera Lucia Rodrigues Barbosa *et al.* (2017).

Seriam as questões étnico-raciais e os privilégios de branquitude nas áreas a resposta para a escassa demanda de pesquisas sobre as ações afirmativas no campo biblioteconômico-informacional? Embora nos últimos anos gerações de profissionais da área de Biblioteconomia e CI tenham pautado com maior afinco as questões étnico-raciais nas áreas, muitos influenciados pelas legislações criadas que obrigaram o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas redes de ensino brasileiras, o entendimento sobre a branquitude²⁴ e as facetas que envolvem as estruturas raciais ainda precisam de maior aprofundamento na Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Silva, Saldanha e Pizarro (2018), relatam a problemática do racismo na formação dos profissionais em Biblioteconomia e CI. De acordo com os autores, o pouco ou nulo emprego de discussões sobre temáticas da Cultura Africana e Afro-brasileira corroboram com um processo de branquitude e racismo dentro das áreas, para os autores,

Esse descaso reforça a invisibilidade destas populações (que são a minoria em acesso aos direitos, mas que compõem a maioria quantitativa do montante populacional brasileiro) pelo coletivo docente bibliotecário brasileiro. (Silva; Saldanha; Pizarro, 2018 p. 3828).

Nesse sentido, conforme versam Silva, Saldanha e Pizarro (2018), faz-se necessária/urgente a introdução nos currículos dos cursos de Biblioteconomia e CI as questões relacionadas a raça e racismo. Tal ação é emergente dentro das

²⁰ Optou-se pela BRAPCI, por reunir pesquisas da CI e Biblioteconomia de diferentes revistas e por sua relevância quanto à base de pesquisa para as áreas. Entretanto, cabe informar que se trata de breve pesquisa com o intuito de ilustrar a recuperação de pesquisas nas áreas sobre ações afirmativas.

²¹ As ações afirmativas como instrumento promotor da educação (Heinen, 2008).

²² Ações afirmativas e diversidade na pós-graduação (Marrara; Gasiola, 2011).

²³ Uma análise preliminar dos percursos acadêmicos dos estudantes ingressantes nos cursos da FACC/UFRJ (Pereira; Oliveira; Chaves, 2020).

²⁴ O termo Branquitude neste trabalho está alicerçado pelas referências de: Bento, 2022; e Jesus, 2024.

áreas, pois ainda estão presas às raízes racistas advindas do processo colonizador, configurando injustiças e permeando não só nas academias, como na sociedade, as tradições da meritocracia, da branquitude e da falácia da democracia racial (Laurindo, 2021).

A incorporação de discussões étnico-raciais e de estudos aprofundados sobre raça e racismo nos currículos de Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI) configura-se como uma imperativa responsabilidade política e histórica. Essa medida, aliada à aplicação do conceito de informação étnico-racial nas respectivas áreas, visa desconstruir o estigma de elitização historicamente associado a bibliotecas e universidades.

Ao promover uma abordagem mais inclusiva, essas instituições podem garantir o acesso equitativo aos seus serviços e recursos, democratizando o conhecimento e contribuindo para a redução das desigualdades sociais e raciais.

Desta maneira, as áreas da Biblioteconomia e CI possuem um importante papel no combate ao preconceito e, para desempenhá-lo, precisa entender a perspectiva daqueles que estão em formação visando que serão futuros bibliotecários e profissionais da informação. Os ingressantes por ações afirmativas podem sofrer no decorrer da sua vida acadêmica diversos tipos de preconceito, discriminação e racismo, haja vista, o projeto colonial que ainda está instaurado no imaginário social, na formação, na ciência e na literatura produzida dentro do país.

Como a informação é a base para todas as ações colonizadoras, é por intermédio da informação étnico-racial que necessitamos conscientizar os futuros profissionais, assim como entender sua compreensão sobre o papel das cotas, sejam elas raciais ou sociais.

Ainda, a maneira como são transmitidas as informações sobre raça, culturas africanas e afro-brasileiras influenciam nas realidades sociais das pessoas, assim como podem fortalecer o pensamento colonial racista dentro dos cursos. Dessa forma, somente pesquisando sobre a temática é que se poderá gerar uma prática possível de equidade de direitos nas relações étnico-raciais e também possibilitar o estabelecimento de políticas de informação dentro do campo bibliotecário-informacional.

Desta maneira, a presente pesquisa contribui com a formação de mais uma fonte de informação étnico-racial, ao buscar compreender as percepções de estudantes ingressantes por ações afirmativas nos cursos de Biblioteconomia

e Ciência da Informação acerca da temática racial e do papel das cotas, oferecendo subsídios para o desenvolvimento de práticas pedagógicas e políticas de informação mais equitativas e conscientes da diversidade étnico-racial brasileira.

A presente seção abordou a evolução da Biblioteconomia no Brasil e sua relação com as questões étnico-raciais no país. Destacou como a Biblioteconomia passou de um papel de preservação de acervos para um papel de agente de inclusão social, mas também aponta para os desafios enfrentados pela profissão em um contexto de desigualdades raciais e exclusão histórica.

Além disso, foi discutido a importância da informação étnico-racial e a responsabilidade social da Ciência da Informação na democratização do acesso à informação, ressalta a necessidade de valorizar as epistemologias afrocentradas e os saberes tradicionais, e de promover a diversidade e a representatividade nos espaços informacionais. A seção também aponta para a importância da pesquisa e da atuação de bibliotecários negros na transformação das práticas biblioteconômicas e na construção de uma Biblioteconomia mais inclusiva e socialmente engajada.

4 VIVÊNCIAS E PERCEPÇÕES: QUEM É O NEGRO NO ENSINO SUPERIOR?

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (Souza, 2021, p.15).

Tornei-me negra quando tinha 25 anos; foi no meu primeiro ano de faculdade, quando ingressei no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da universidade. Não que eu não soubesse que era, em minha educação familiar sempre me foi afirmado e reafirmado o meu pertencimento ao grupo negro; essa mesma educação também foi responsável pela criação frágil da minha autoestima. Desde nova, ouvia-se:

- Nós já somos negros, temos que ser limpinhos.
- A gente já é preto, por isso o cabelo tem que estar sempre arrumado.
- Nunca ande desarrumada, porque a gente já é preto.
- Não abra a bolsa dentro das lojas, porque somos negros.

Essas foram uma das frases que cresci ouvindo e que, moldaram como eu deveria me portar perante todos os outros. A expressão "já", por exemplo, funciona como um intensificador, expressando a ideia de que a condição de ser preto carrega um certo estigma ou preconceito, tornando a necessidade de estar sempre bem apresentada ainda maior. Em outras palavras, o "já" enfatiza que, a pessoa negra precisa se preocupar ainda mais com a aparência para evitar julgamentos negativos adicionais.

E assim, por 25 anos vivi, acreditando que essa era a forma de viver em sociedade. Desta forma, tamanha foi a minha surpresa quando descobri que, mesmo sabendo sobre a minha negritude, eu ainda não tinha me tornado negra. Parafraseando Souza (2021), tomei (e continuo tomando) consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico sobre mim, engendra uma estrutura de desconhecimento que por anos me aprisionou a uma imagem alienada, na qual eu deveria me reconhecer.

A presente seção pretende abordar as significações do corpo negro, tanto corpóreas quanto na sua subjetividade comportamental, explorando como essas dimensões se manifestam e são percebidas pelo indivíduo em sociedade.

4.1 COMO SE COMPREENDE O NEGRO: O PROJETO HEGEMÔNICO DA BRANQUITUDE

É inegável o crescente protagonismo dos estudos sobre saúde mental. Desde as pioneiras contribuições de Sigmund Freud, as pesquisas psicanalíticas têm sido cruciais para o desenvolvimento de tratamentos. Contudo, ao direcionarmos o olhar para os impactos nocivos do racismo na saúde mental da população negra, percebemos que a jornada rumo à compreensão e à mitigação desses efeitos ainda enfrenta inúmeros obstáculos.

Não que o tema não seja estudado, muito pelo contrário. No Brasil, por exemplo, somos agraciados com excelentes trabalhos que pautam essa discussão, a destacar autoras como Virgínia Bicudo (1910 - 2003), Neusa Santos Souza (1948 - 2008), Cida Bento (1952), Isildinha Baptista Nogueira (1954), dentre muitas outras pessoas das áreas da psicologia e psiquiatria estudantes da temática que, como nos lembra Garcês-da-Silva (2023) foram invisibilizadas pelo epistemicídio voltado aos estudos étnico-raciais.

Assim, por que se faz importante estudar sobre vivências e percepções com foco na população negra? Desde muito tempo a própria ciência foi responsável por criar e manter concepções racistas que ainda hoje formam o entendimento da sociedade pautado em uma relação racial de superioridade e inferioridade (Brito, 2023). Compreender como essa mal empreitada científica ainda se faz presente tanto na sociedade quanto nas pessoas atingidas por ela é mais que necessário.

Corroborando com a forma como a ciência foi conivente com o atual processo conservador do racismo e das relações raciais que desfavorecem o ser não branco, em 1976 foi publicada a obra de Jurandir Freire Costa "História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico", que abordava de forma contundente a formação e o desenvolvimento da psiquiatria no Brasil, com foco especial na atuação da Liga Brasileira de Higiene Mental²⁵ (Costa, 2011). A obra é fundamental para compreendermos, na sociedade brasileira a relação entre as ciências do comportamento mental, ideologias e o poder.

²⁵ A Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) foi uma instituição fundada em 1923, no Rio de Janeiro, com o objetivo de melhorar a assistência a pessoas com doenças mentais. A LBHM foi a principal instituição do movimento de higiene mental no Brasil (Seixas; Mota; Zilbreman, 2009).

Costa (2011) como denuncia, reflete sobre como no país as doutrinas psiquiátricas, sob a aparente objetividade científica, refletiam os preconceitos e valores da elite intelectual brasileira do início do século XX, ou seja, pautados em uma hegemonia racial, o autor discute a influência de ideologias como o racismo, a xenofobia e o moralismo nas práticas psiquiátricas da época são influenciadoras para a manutenção de grupos em um estado de alerta perante a sociedade, "A psiquiatria, ao invés de se constituir como um saber neutro e objetivo, revelava-se como um instrumento de poder, a serviço da manutenção da ordem social e da legitimação das desigualdades" (Costa, 2011, p.45).

Além disso, o autor declara que a psiquiatria brasileira dentro do contexto social, político e cultural, revela as conexões entre as práticas médicas e as dinâmicas de poder da sociedade (Costa, 2011). Com uma forte crítica a Liga Brasileira de Higiene Mental, "A Liga Brasileira de Higiene Mental, sob o pretexto de promover a saúde mental, propagava doutrinas que serviam para justificar o controle social e a exclusão de grupos considerados 'desviantes'." (Costa, 2011, p120), "As teorias sobre a 'degeneração racial' e a 'periculosidade social', amplamente difundidas pela Liga, revelavam os preconceitos racistas e xenófobos que permeavam a psiquiatria brasileira." (Costa, 2011, p150).

Desviantes, perigosos, degenerados, adjetivos uteis para o controle social da população negra. Controle social que vai muito além do cárcere. Existe um controle mental subjetivo que formula a compreensão tanto do branco quanto do negro sobre a sua identidade corpórea e psíquica. Entendimento este que formula a nossa compreensão sobre quem somos e como agimos em convívio social. Para isso, é necessário compreender o conceito de Vivências e Percepções do corpo negro para esta pesquisa.

Nogueira (2021), em sua obra "A cor do Inconsciente", aborda o sofrimento psicológico advindo do racismo. De acordo com a autora a compreensão feita pela pessoa negra sobre a sua cor é entender que, a cor da sua pele está diretamente ligada a discriminação, violência física e muitos outros complexos que se possa exigir de uma pessoa.

De fato, os atributos físicos que caracterizam o negro, e mais particularmente a cor da pele, expressam as representações que, historicamente, associam a essas características físicas atributos morais e/ou intelectuais que vão corresponder, no espectro das tipificações sociais, àquilo que se instaura na dimensão do *distante*, ou seja, àquilo que expressa o que está além do conjunto dos valores nos quais os indivíduos se reconhecem. Nessa rede, *negro e branco* se constituem como extremos, unidades de representação que

correspondem ao distante - objeto de um gesto de afastamento - e ao próximo - objeto de um gesto de adesão. (Nogueira, 2021, p. 66).

Dessa compreensão, as vivências e percepções do indivíduo negro ultrapassa a compreensão do “Eu” e sim do “Eu Negro” ou o “Eu não Branco”. Os atributos físicos que caracterizam esse corpo como menciona Nogueira (2021) estão, diretamente, perante a sociedade, atribuídos as concepções morais e intelectuais advindas desse corpo.

Assim o corpo negro deve ter sua atuação na sociedade sob determinados padrões, como, o serviçal, o agressivo, o sexual, etc,

Na sociedade atravessada por uma história de racismo e discriminação persistente, mesmo que silenciosamente, o pressuposto de que o negro deverá agir de acordo com certos estereótipos do comportamento do negro que habitam o Imaginário social, ou seja, o negro deverá agir sempre com paciência e moderação; não é suposto estar sujeito a emoções inerentes a um humano - ódio, raiva, amor - das pessoas ou do grupo. Deverá ser contentar com empregos que nada exigem de inteligência e pelo qual lhe paguem um salário de subsistência; ele se sentirá feliz em viver e criar sua família em habitações inadequadas (Nogueira, 2021, p. 131).

Portanto, nossas percepções sobre o que se é ser negro é lapidada pelas vivências que confluem para um projeto de hegemonia, lembrando que este projeto hegemônico foi fortemente sustentado pela ciência, de que este corpo negro está designado a cumprir sua função determinada de sermos do grupo serviçal, agressivo ou sexual, o mesmo projeto se faz por determinar que o “Normal” é o branco. Cida Bento (2022), em seu livro “O pacto da branquitude”, define este normal como:

O discurso europeu sempre destacou o tom da pele como base principal para distinguir status e valor. As noções de “bárbaros”, “pagãos”, “selvagens” e “primitivos” evidenciam a cosmologia que orientou a percepção eurocêntrica do outro nos grandes momentos de expansão territorial da Europa. [...] Analisando a visão do europeu sobre os não europeus, pode-se concluir que aquele ganhou em força e em identidade, uma espécie de identidade substituta, clandestina, subterrânea colocando-se como o “homem universal”, em comparação com os não europeus (Bento, 2022, p 28).

É justamente neste pacto de uma branquitude que se forma o plano hegemônico do superior e o inferior, do subalterno e do subjugador. A autora define a branquitude como um acordo não verbalizado que foca na preservação do grupo branco aos melhores lugares na sociedade, ou seja, trata-se de um acordo tácito que garante a manutenção de privilégios para pessoas brancas, perpetuando o poder e a influência desse grupo na sociedade (Bento, 2022).

O pacto da branquitude não tem apenas o grupo branco como o detentor da atenção, para que essa estrutura funcione é necessário o grupo que sustente esse pacto, no caso os não brancos, para este trabalho focarei no grupo negro, mas reforço que existem outras minorias que sustentam esta estrutura.

Os negros, para que sejam de valia ao projeto da branquitude, detêm determinadas funções, dentre elas as insuficiências advindas de sua raça. Compreende-se aqui o conceito de raça como o definido para a hierarquização de pessoas, e não o de definição biológica para classificar as espécies. O conceito de raça, que também foi muito utilizado pela ciência hegemônica, por muito tempo formalizou uma pré-determinação para grupos sociais, sendo os europeus o grupo com mais capacidade intelectual, e os não brancos aqueles nutridos de um intelecto infantil, simplório, ignorante, incapaz de ir além do braçal e vulnerável aos lampejos de sua natureza bruta, ou seja, o irracional (Bento, 2022; Nogueira, 2021; Souza, 2021).

Assim, está o negro dentro dessa complexa, porém engendrada, articulação social onde alguns são superiores e outros inferiores, estando o negro na segunda colocação. Esse projeto se ocupa da formação da identidade da pessoa negra. Identidade esta que é formada conforme suas vivências, são nas tratativas de socialização que as subjetividades do “Eu” se manifestam (Nogueira, 2021; Souza, 2021).

Desde a educação familiar até a vida em sociedade o negro está condicionado a uma especie de terreno psíquico, onde desde seu nascimento até a sua morte esta delimitado até onde ele deve ir, como deve seguir, e principalmente ater-se ao “seu lugar natural” em que na maioria dos casos é o da subalternidade. Assim, por muito tempo a identidade do negro foi compreendida e assegurada pelo projeto hegemônico pautado na superioridade da branquitude.

A superioridade da branquitude, embora inerente à sua construção social, é percebida de forma mais aguda pelo grupo não branco, que, ao se deparar com essa dinâmica, desenvolve uma compreensão mais aprofundada de seu próprio lugar na estrutura social. Ainda na obra de Nogueira (2021), a autora reflete sobre a significação social do corpo negro na sociedade brasileira, apresentando como o racismo, plano da manutenção da branquitude, se manifesta nas camadas mais profundas do inconsciente individual e coletivo do negro.

Nogueira (2021) infere que como o negro é frequentemente associado a estereótipos negativos, como criminalidade, hipersexualização e inferioridade intelectual ele internaliza estes estigmas afetando diretamente na sua autoestima e formação da sua identidade, compreendendo-se ao lugar a si destinado, sem grandes debates.

Assim, nós negros, formulamos nossa identidade. Pautada em uma aceitação da condição de ser negro. Entretanto aceitação não é bem a palavra a se usar, a aceitação vem de uma ação, a de concordar, e não é bem isso que o negro fez com sua negritude. Observemos a obra a seguir:

Figura 6 – A Redenção de Cam



Fonte: Google imagens (2025).

Na tela “A Redenção de Cam”, pintura realizada pelo artista espanhol Modesto Brocos, em 1895, demonstra essa aceitação não tão bem aceita. A pintura retrata a ideologia do branqueamento, muito presente no Brasil do final do século XIX. Na pintura vemos três gerações de uma família: uma avó negra, uma mãe mestiça, ou como comumente era chamado na época a mulata, e um

bebê branco. Visualmente a obra reforça a crença de que a miscigenação levaria ao embranquecimento da população brasileira e, conseqüentemente, ao progresso do país. Carneiro (2011, p.64), descreve esse processo,

Vem dos tempos da escravidão a manipulação da identidade do negro de pele clara como paradigma de um estágio mais avançado de ideal estético humano; acreditava-se que todo negro de pele escura deveria perseguir diferentes mecanismos de embranquecimento. Aqui, aprendemos a não saber o que somos e, sobretudo, o que devemos querer ser. Temos sido ensinados a usar a miscigenação ou a mestiçagem como carta de alforria do estigma da negritude: um tom de pele mais claro, cabelos mais lisos ou um par de olhos verdes herdados de um ancestral europeu são suficientes para fazer alguém que descenda de negros se sentir pardo ou branco, ou ser “promovido” socialmente a essas categorias. E o acordo tácito é que todos façam de conta que acreditam.

Assim, o negro subentende que nem progresso nem ascensão social seriam possíveis para o seu corpo negro. Em sua obra, Frantz Fanon (2008) discorre sobre a dicotomia da existência negra e a ascensão dentro da estrutura psíquica, contextualizando-a na hegemonia branca. Fanon analisa como a experiência do negro em um mundo dominado pela branquitude leva ao racismo internalizado, que, por sua vez, molda a identidade e a subjetividade, acarretando em notáveis impactos psicológicos e sociais.

De acordo com o autor o racismo força o negro e a negra a internalizar a inferioridade atribuída à sua raça, levando a uma alienação de si mesmo e de sua cultura, assim o sentimento de não aceitação de si, compelido a adotar “máscaras brancas”, ou seja, a assimilar os valores e comportamentos da cultura dominante para ser aceito, “Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser branco. Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco” (Fanon, 2008, p. 69).

Reconhecer-se negro, então, implica diretamente na tal da aceitação. Aceitação de todas as mazelas advindas dos estereótipos que formaram sobre o grupo. No mesmo livro o autor traz dois capítulos intitulados, “A mulher de cor e o branco” e “O homem de cor e a branca”, de acordo com o autor nesses dois capítulos não é possível que se exista um amor autêntico entre as relações interracialis, pois estas antes do amor estão no interior das relações sociais, e por sua vez ela é pautada em uma relação onde a pessoa negra está refém do sentimento de inferioridade que introjeta a beleza do corpo branco e a imperfeição do corpo negro (Fanon, 2008). Assim, o gosto romântico é político e não pessoal, como representado na obra A redenção de Cam.

Além disso, os capítulos abordam que a união entre brancos e negros, para o negro, é uma representação de ascensão na sociedade, indiferentemente da posição financeira do negro. Mesmo que o negro seja uma pessoa de posses, ele ainda será visto como negro (Fanon, 2008). Ademais, os capítulos abordam a objetificação sexual dos corpos negros, sendo a mulher negra a lasciva e promotora da luxúria, capaz de libertar os desejos mais primitivos dos homens brancos, ao ponto de não se conterem; e o homem negro, o dotado de um apetite sexual interminável, bem como o dotado de membros avantajados: “Diante do negro, com efeito, tudo se passa no plano genital.” (Fanon, 2008, p. 138).

Dessa forma, o projeto hegemônico branco formou a identidade do negro, aprisionando-nos em uma prisão psíquica de baixa autoestima, vulneráveis as violências do racismo, ao ponto de infligirmos aos nossos corpos e mentes a concepção de que não somos suficientes.

Virgínia Bicudo (2010), em sua dissertação, posteriormente transformada em livro em 1945, na obra “Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo”, defende o argumento de que existia na São Paulo, bem como no Brasil, da década de 1940 o preconceito Racial e não apenas o preconceito socioeconômico, como era defendido. Com base principal nos estudos empíricos realizados em São Paulo foram realizadas trinta entrevistas divididas entre negros, mulatos e brancos assim, também como por diferentes classes econômicas.

Compreendido como um estudo pioneiro sobre as relações raciais no Brasil, a autora aborda a compreensão do racismo e da discriminação no país, pautando-se sob, uma análise das atitudes raciais quanto aos os sentimentos, crenças e comportamentos relacionados à raça; a discussão sobre o preconceito sendo entendido também como racial, de acordo com a autora mesmo quando as diferenças de classe eram superadas, a ascensão social de pretos e mulatos não eliminava a discriminação baseada na cor da pele, “O preconceito de cor, no caso brasileiro, é um fenômeno complexo, que se mantém mesmo quando as diferenças de classe são superadas.” (Bicudo, 2010 p. 112); e, a autoestima e a identidade de pretos e mulatos, causando sentimentos de inferioridade e marginalização, “O preconceito racial afeta a autoestima e a identidade de pretos e mulatos, causando sentimentos de inferioridade e marginalização.” (Bicudo, 2010, p. 138).

Nesse trabalho percussor Bicudo (2010), escancara a irreabilidade de uma democracia racial no país, adicionado pontos que contribuem para os estudos da psique do negro a autora, além de nos presentear com uma dissertação, também faz uma denúncia contundente sobre a responsabilidade do branco na criação dessa estrutura de sociedade desfavorável para o negro, "Os sentimentos de inferioridade dos pretos e mulatos advém das atitudes dos brancos." (Bicudo, 2010, p. 140), trazendo para os brancos essa responsabilidade.

Neusa Santos Souza (2021), autora do livro "Tornar-se Negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social", explora as complexas dinâmicas psicológicas e sociais que envolvem a construção da identidade negra no Brasil. Em sua obra a autora traz dez histórias de vida de negros que estão em ascensão social no Rio de Janeiro na década de 1970. A autora discute sobre a negação da negritude, o negro em ascensão deve negar a si, o seu corpo, os seus traços negroides, a sua cultura, etc, contudo essa negação é fruto de diversas formas de discriminação e exclusão.

Entretanto, ainda negando a si próprio o negro em ascensão está em estado constante de alerta resultando em conflitos emocionais, mesmo ascendendo socialmente, a pessoa negra, permanece racializada (Souza, 2021), ou seja, ela sabe que ainda não alcançou o apogeu,

Foi com a disposição básica de ser gente que o negro organizou-se para a ascensão, o que equivale a dizer: foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco - ainda que tendo que deixar de ser negro - que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente (Souza, 2021, p. 50).

E nessa corrida incessante de "ser gente" que fomos mutilados, invisibilizados e por pouco quase conseguiram nos apagar. Um dos casos que a autora traz em sua obra é a história de vida de Luísa. O capítulo conta a história de Luísa desde a sua infância, onde questionava a sua negritude por não ser pobre, burra, suja ou ter os lábios grossos. Sabia que não era branca, mas não se reconhecia negra. Tinha inveja dos traços brancos, não gostava de pretos, tinha medo de se parecer com eles. Sua avó era a fonte dos pensamentos que levou para a vida. Nos relacionamentos amorosos, se sujeitava a tudo, sempre tinha que ser a melhor em tudo (Souza, 2021).

Além da história de Luísa, Souza (2021) aborda o quanto o ideal de brancura lacerou nossos corpos, com intervenções para mudar as

características físicas, uma das entrevistadas diz que quando jovem sua mãe usava por um pregador de roupas em seu nariz para que o nariz ficasse fino, assim como os constantes tratamentos para alisar os cabelos, dando a eles um aspecto de “arrumado”.

A autora borda, que após a abolição na sociedade capitalista, a imagem do negro era associada ao que não prestava, assim, os negros que queriam crescer na vida tinham que se desassociar da sua própria imagem. Dentro de diálogos, a autora discute também o mito negro. Seus interlocutores demonstram nas entrevistas como estão fadados a complexos que os ligam a estereótipos como o do negro sujo e de que o branco é limpo (Souza, 2021).

A obra que por muito tempo foi esquecida é responsável pelo conceito de que Ser Negro é um ato político, “A possibilidade de construir uma identidade negra - **tarefa eminentemente política** [...]” (Souza, 2021, p.116, grifo nosso).

Mas, afinal, por que afirmar-se ou declarar-se negro pode ser um ato político? Como visto anteriormente, a campanha “Não deixe sua cor passar em branco - use o bom senso” e a obra “A Redenção de Cam” mostram que a miscigenação não só se fez em uma abordagem visual, mas igualmente na psiquê do indivíduo negro, trazendo à tona a discussão sobre o **Colorismo**. Imaginemos como a pessoa, filha de um casal interracial, se compreende perante a sociedade. Para determinadas regiões do Brasil, a mesma pessoa pode ser lida como preta ou como branca; estas são identificadas como parda, nesse sentido, Carneiro (2011, p. 67) ilustra essa conjunção,

Isso tem impactado particularmente os negros brasileiros, em função de tal imaginário social, que indica uma suposta melhor aceitação social dos mais claros em relação aos mais escuros, o que parece ser o fator explicativo da diversidade de expressões que pessoas negras ou seus descendentes miscigenados adotam para se definir racialmente, tais como moreno-escuro, moreno-claro, morena-jambo, marrom-bombom, mulato, mestiço, caboclo, mameluco, cafuzo, ou seja, confusos, de tal maneira que acabam todos agregados na categoria oficial do IBGE: “pardo”! Algo que ninguém consegue definir como raça ou cor. Talvez o termo “pardo” se preste apenas a agregar os que, por terem sua identidade étnica e racial destrocada pelo racismo, pela discriminação e pelo ônus simbólico que a negritude contém socialmente, não sabem mais o que são ou, simplesmente, não desejam ser o que são.

Assim está a identidade do negro fragmentada, afinal quem sou eu, quando eu mesma não sei me reconhecer? É dentro deste espectro de ser branco demais para ser preto e ser preto demais para ser branco que o pardo se encontra. O colorismo atua precisamente nessa brecha identitária, explorando

as nuances de tonalidade da pele para hierarquizar e fragmentar a comunidade negra. Ao internalizar a preferência por tons mais claros, indivíduos negros podem ser levados a rejeitar sua própria negritude ou a buscar formas de embranquecimento simbólico como estratégia de aceitação social.

Essa manipulação da identidade se manifesta na adoção de termos ambíguos para descrever a própria cor, como apontado por Carneiro (2011), refletindo uma internalização do racismo e do desejo de se distanciar do estigma associado à pele preta. O colorismo, portanto, não apenas discrimina com base no tom de pele, mas também mina a construção de uma identidade negra coesa e politicamente engajada, perpetuando a lógica de divisão e enfraquecimento do movimento negro.

Souza (2021) defende a necessidade de construir uma identidade negra positiva, livre dos estigmas e estereótipos racistas. Na conclusão desta obra que foi a sua dissertação de mestrado a autora disserta sobre a necessidade da construção de uma nova identidade negra. Ela discute os efeitos clínicos que a busca de um ideal pode causar no sujeito negro, como o medo, a culpa, a depressão, dentre outros. Ressalta que, mesmo com dificuldade, é necessária a dedicação da criação de uma nova identidade positivada. Visto o índice no número de suicídios entre pessoas negras e brancas²⁶, o entendimento de si da maior parte da população negra ainda carece de atenção.

4.2 O NEGRO NO ENSINO SUPERIOR: UMA TRANSGRESSÃO AO PROJETO HEGEMÔNICO DA BRANQUITUDE

Buscar a ascensão social é um trabalho árduo, como evidenciam os apontamentos de Bicudo (2010), Carneiro (2011) Souza (2021), Bento (2022), Nogueira (2021) e Fanon (2008). De acordo com os autores o sujeito negro ainda está sob o controle dessa hegemonia, pois, para alcançar essa ascensão, precisa, de certa forma, destituir-se de si próprio. É como se seus traços negróides não coubessem em um “novo mundo”. Assim, desvincular-se das vivências que o direcionaram a determinados segmentos da sociedade ainda não é suficiente para desfazer as percepções que carrega sobre o “onde eu realmente deveria estar”, conforme o projeto hegemônico da branquitude.

²⁶ Índice de suicídio entre jovens e adolescentes negros cresce e é 45% maior do que entre brancos (Figueiredo, 2019).

Dessa maneira, quem é o negro no ensino superior? É aquele que transgride. Quando o negro busca a ascensão social através da educação superior, é um problema; ele atrapalha o projeto da hegemonia branca. O ingresso e a permanência em espaços não naturais para os negros, como as universidades, são uma transgressão ao projeto hegemônico da branquitude; por isso, são tão atacados e difamados.

Se para o negro compreender-se pertencente a esse lugar é um abalo, positivo, mais ainda um abalo, para o branco trata-se de uma perturbação, pois são quebras as narrativas da história única, são contranarrativas de histórias hegemônicas que desorganizam anos de um projeto que beneficiou este grupo. E também altera a sua psique agora os tempos são outros, mesmo assim, obras como a de Bicudo defendida em 1945, Fanon com sua primeira publicação em 1952 e a de Neusa Souza publicado originalmente em 1983, ainda são atuais e compreendem as nossas necessidades.

Por isso, se faz importante lembrarmos o projeto das associações de negros brasileiros que visou conscientizar a população preta da sua bela negritude na campanha “não deixe sua cor passar embranco”, assim as barreiras impostas pelo branco são fragmentadas, quando a consciência de um grupo em busca de reivindicações de formação e construção de informação para a criação de outras narrativas, que reivindicam o resgate da autoestima do corpo negro.

Nesse sentido, Bicudo (2010), cujo o pai nasceu ainda sobre a regência da Lei do ventre Livre, versa sobre a abolição da escravidão no Brasil, a autora cita que após o dia 13 de maio abolição o negro tem a liberdade física, mas no dia seguinte ele é abandonado, ele deixa as correntes no dia treze mais no dia quatorze ele é acorrentado por uma sociedade que continua o desprezando, que continua com o preconceito tornando o negro ainda cativo, mas em um sistema subjetivo.

O mesmo livro de Bicudo (2010), que foi publicado 65 anos depois da defesa da sua dissertação, incorpora um texto que a autora produziu para o Projeto Unesco, coordenado por Florestan Fernandes e Roger Bastide (Oliveira, 2022). O texto intitulado “Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor de seus colegas”, a autora analisou o cotidiano escolar e familiar dos alunos, com especial foco nas categorias raça, gênero e nacionalidade. Trazendo sua expertise em psicanálise e sociologia para a investigação, a autora faz um estudo de caso com crianças na escola, a pesquisa revelou que o

preconceito racial já se manifestava em idade escolar, influenciando as interações e relações entre as crianças, [...] alvos de preconceito ao serem transformadas em "crianças escoraçadas [...] crianças estigmatizadas como perversas" (Bicudo, 2010, p.36).

A autora também problematiza a relação de competição que existe entre os negros, mais uma estrutura da formação do projeto hegemônico da branquitude, em que faz dos negros rivais, segundo a autora o preto da classe social inferior tem uma atitude antagônica que resulta na falta de solidariedade com o próprio preto e manifesta uma simpatia com branco e as classes sociais intermediárias. Assim o grupo negro não quer uma aproximação ou a companhia de outros negros, mas, quer uma aproximação com o branco, no caso do mestiço ou como é tratado pela autora o mulato, ele sente ter mais direitos em ser branco então quando o indivíduo branqueia não só na cor, mas também na personalidade ele tem uma aceitação social maior possibilitando então, a sua mobilidade social (Bicudo, 2010).

Visto pelas lentes teóricas de Bicudo (2010), Carneiro (2011), Fanon (2008) e Souza (2021), não basta o fato de nos compreendermos negros, para desconstruir esse projeto hegemônico da branquitude é necessário nos tornarmos negros, sabendo que esta é uma incumbência cheia de grandes cargas.

Contudo, como já mencionado, os tempos são outros. Atualmente, o ingresso no ensino superior tem trazido resultados favoráveis para a comunidade preta e parda, tanto na busca pela ascensão social quanto pela recuperação de uma autoestima abalada.

Desse modo, saber quem atualmente é o negro no ensino superior é uma resposta que esta pesquisa busca compreender. Será que ele ou ela ainda está dentro da psique de um projeto que não o compreende dentro desses espaços, ou a história hoje é outra?

A presente seção analisou a formação da identidade do negro sob a nocividade do racismo na formação de sua subjetividade enquanto indivíduo. Pautada em autores atemporais como Virginia Bicudo, Frantz Fanon e Neusa Santos Souza, além de outros, versou-se sobre a formação de uma identidade coletiva que foi moldada para um projeto hegemônico em que a branquitude protagonizava o ser superior e os não brancos eram a base de sustentação deste projeto. Por fim, tratou-se da apuração para a compreensão da atual

identificação do negro, relatando que a sua autodeclaração, além de uma descrição característica, é também uma ação política de afirmação e empoderamento.

5 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Onde a História vê fragilidades a história oral encontra o seu sentido maior e o lugar a ser ocupado como área diferente e o seu destino original. (Meihy; Holanda, 2015, p. 34).

Ao adotar uma metodologia, o pesquisador determina as ações a serem executadas em seus estudos. Nesse contexto, a natureza da presente pesquisa é de origem aplicada, pois “[...] objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais.” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 51). Em relação ao problema de pesquisa, é de abordagem qualitativa. Segundo Minayo e Sanches (1993, p. 244), a abordagem qualitativa é entendida como a que,

[...] realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas.

Assim, se caracteriza de abordagem qualitativa, pois a partir dos procedimentos técnicos de pesquisa bibliográfica que segundo Neves, Jankoski e Schnaider (2013, p.2) descrevem a pesquisa bibliográfica como:

É o levantamento de um determinado tema, processado em bases de dados nacionais e internacionais que contêm artigos de revistas, livros, teses e outros documentos. Como resultado obtém-se uma lista com as referências e resumos dos documentos que foram localizados nas bases de dados.

Como procedimentos técnicos, a pesquisa também é documental, descrita por Prodanov e Freitas (2013, p. 55), como aquela que “[...] baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”.

A pesquisa proposta também se caracteriza como descritiva e exploratória em relação aos objetivos. Descritiva, pois “Expõe as características de uma determinada população ou fenômeno, demandando técnicas padronizadas de coleta de dados.” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 127), e exploratória porque, “Visa a proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele.” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 127).

5.1 UNIVERSO DA PESQUISA

O universo da pesquisa foi composto pelos **estudantes negros ingressantes por cotas raciais nos cursos presenciais de Biblioteconomia**

em instituições públicas brasileiras. A pesquisa foi realizada em âmbito nacional, abrangendo os cursos de Biblioteconomia de universidades públicas de todo o Brasil. Para compor a amostra para a pesquisa com estudantes foi enviado, via *Google Forms*²⁷, um formulário para os estudantes que demonstrassem interesse em participar²⁸. Para captar os participantes, foram utilizados os métodos de divulgação e recrutamento:

- **Contato com secretarias de cursos de Biblioteconomia**²⁹: Foram enviadas comunicações formais às secretarias dos cursos de Biblioteconomia de instituições públicas, solicitando o encaminhamento do convite de participação aos seus estudantes cotistas, cabendo as secretárias enviar ou não a solicitação de participação.
- **Rede de conhecidos e grupos profissionais**: O pedido de participação também foi divulgado em grupos de conhecidos e redes profissionais da área, que possam ajudar na identificação de possíveis participantes. Devido à ativa participação que possui em diversos grupos, sendo em um deles como representante discente da Associação de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB) posso estreitar o alcance com possíveis respondentes.
- **Método de coleta Bola de Neve**: Foi utilizado o **método bola de neve** como estratégia complementar para captar mais participantes. Esse método consiste em, após entrevistar os primeiros voluntários, pedir que eles indiquem outros colegas que se enquadrem nos critérios de inclusão da pesquisa. Dessa forma, amplia-se a rede de participantes, de maneira orgânica e eficiente (Vinuto, 2014). Contudo, devido ao número de pessoas que preencheram o formulário apenas uma pessoa se enquadra no método bola de neve.

²⁷ A ferramenta *Google Forms*, foi utilizada apenas para captar os possíveis respondentes da pesquisa. Sobre *Google Forms* (<https://workspace.google.com/intl/pt-BR/lp/forms/>).

²⁸ É importante mencionar que mesmo se utilizando do recurso dos formulários, esta pesquisa não se caracteriza também, como quantitativa visto que a pesquisa se tornar quantitativa deve ser pautada em dados estatísticos, “Pesquisa quantitativa: considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas[...]” (Prodanov; Freitas, 2013, p.69), o que não configura a proposta da presente pesquisa.

²⁹ Cursos de Graduação em Biblioteconomia no Brasil (Cursos... [2025]).

O uso do *Google Forms*, é uma ferramenta bastante utilizada para pesquisas acadêmicas, por se tratar de um aplicativo gratuito e de fácil acesso para pesquisadores e seus respondentes, ele fornece planilhas com gráficos dos dados da pesquisa contribuindo para a análise. Para esta pesquisa, o formulário foi composto apenas dos seguintes dados: 1º Enunciado explicando a pesquisa (vide apêndice C), 2º campo em que o respondente aceita ou não participar da pesquisa, e 3º campo para que o respondente possa preencher seus dados, caso aceite participar da entrevista, com e-mail e/ou número de *WhatsApp*, 4º campo solicitando nome da universidade, e o último solicitando se gostaria de indicar alguém para participar.

Quanto aos **critérios de inclusão** para participar da pesquisa, os estudantes devem atender aos seguintes critérios: Ser ingressante por cotas raciais em cursos presenciais de Biblioteconomia; estar matriculado(a) em uma instituição pública de ensino superior no Brasil; e, ter 18 anos ou mais. Já os **critérios de exclusão**, são: estudantes que não sejam ingressantes por cotas raciais; estudantes de instituições de Ensino à Distância (EAD); estudantes de instituições privadas; e, menores de 18 anos.

Logo após todos os trâmites exigidos pela Plataforma Brasil e com a anuência para dar início às entrevistas, no dia 20 de março de 2025 foi protocolado o parecer consubstanciado da Plataforma Brasil sob o CAAE: 85105924.4.0000.5149, que permitiu dar início a busca e entrevistas com as pessoas participantes. Devido a grande procura de pessoas participantes foi disponibilizado três semanas para compor o universo da pesquisa, onde 22 pessoas demonstraram interesse em participar.

Projetava-se para a pesquisa que se tivessem representantes de todas as regiões do país, possibilitando uma análise também por mapeamento geográfico, permitindo a averiguação das respostas conforme a região e, assim, precisar se estas influenciavam ou se comparavam conforme as respostas.

5.2 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS: HISTÓRIA ORAL

Quanto à coleta de dados, para a pesquisa documental e bibliográfica, foram inicialmente coletadas fontes de informação referentes à temática. Propôs-se realizar um levantamento em diversas fontes, tais como livros, artigos

científicos, dissertações, teses e outros, com o objetivo de elaborar a contextualização do tema, bem como seu embasamento teórico.

Esse levantamento foi realizado com uma massiva revisão de literatura no campo nacional e internacional sobre a adoção de ações afirmativas no ensino superior, inicialmente nas bases: BRAPCI, Banco de dados de teses e dissertações (BDTD) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sem recorte cronológico.

O percurso metodológico central, para alcançar os objetivos propostos desta pesquisa, está subordinado à metodologia de **História Oral (HO)**. A metodologia caracteriza-se através de um conjunto de procedimentos, iniciando com: a elaboração de um projeto, o encontro com os entrevistados/colaboradores, a gravação da entrevista, a transcrição da entrevista, conferência pelo colaborador do produto escrito, autorização para uso, arquivamento das gravações e publicação dos resultados (Meihy; Holanda, 2015).

Compreendendo que o objeto de estudo eram as pessoas cotistas raciais dos cursos de Biblioteconomia, foram as narrativas destas pessoas que construíram o objetivo geral da pesquisa. Em vista disso, a metodologia de história oral foi adequada para alcançar o objetivo, pois ela, a história oral, compreendeu a subjetividade dos sujeitos, respeitando-as indiferente de pré-conceitos sociais. De acordo com Meihy e Holanda (2015, p. 72),

Como o método, a história oral se ergue segundo alternativas que privilegiam as entrevistas com atenção essencial dos estudos. Trata-se de centralizar os testemunhos como ponto fundamental, privilegiado, básico, das análises. História oral como metodologia implica formular as entrevistas como um epicentro da pesquisa. Tudo giraria em torno delas, que atuariam como força centrífuga das preocupações.

Para o âmbito da Biblioteconomia e CI as entrevistas oriundas da metodologia de história oral representam uma fonte de informação, o **documento oral**. Sobre fontes de informação, para os autores que a abordam, tendo como exemplo, Paiva, Santos e Nascimento (2014, p. 57), trata-se de uma perspectiva positivista, “[...] todos os documentos gerados pelo sistema de comunicação científica são considerados fontes de informação”.

Já Baggio, Costa e Blattmann (2016, p. 33) inferem que “[...] as fontes de informação aparecem como uma ferramenta que auxilia na recuperação de informações para usuários inseridos em diferentes contextos”. Desta maneira,

as narrativas das pessoas cotistas contribuem efetivamente para as áreas da Biblioteconomia e CI construindo um documento oral perfeitamente integrado ao conceito de informação étnico-racial, contribuindo para as pautas antirracistas dentro dos campos com a formação de um documento de vertente a informação étnico-racial.

Para isso, faz-se importante mencionar que, para a pesquisa, o processo de história oral foi o de abordagem temática que, como versam Meihy e Holanda (2015, p. 38),

A história oral temática é a solução que mais se aproxima das expectativas acadêmicas que confundem história oral com documentação convencional. Aliás, o caráter documental decorrente das entrevistas é o cerne desse ramo.

Compreendendo que a presente pesquisa, pode gerar um documento para posterioridade, o uso da metodologia conta com etapas que garantem então, a composição desse documento oral capaz de colaborar com o montante do acervo da temática de informação étnico-racial dentro da Biblioteconomia e CI. Como já mencionados as etapas para aplicação da história oral de acordo com Meihy e Holanda (2015) elas perpassam pela³⁰,

1. Elaboração de um projeto, conciso e fundamentado teoricamente;
2. A busca e marcação dos encontros com entrevistados, que deve compreender ao grupo que representa a comunidade a ser analisada (é importante mencionar que quando se refere a comunidade os autores não ficam restritos a comunidade como um conjunto de habitantes residentes de um mesmo espaço geográfico, mas sim de um grupo social que possuem elementos que os caracterizam como tal). De acordo com os autores nesta etapa define-se o melhor lugar para se realizar a entrevista³¹;
3. A gravação da entrevista, através de gravadores de áudio e vídeo ou qualquer outro recurso tecnológico capaz de fazer a captura das

³⁰ O percurso de metodologia de história oral ao qual a pesquisa se baseia está fundamentado na obra de José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda intitulada “História Oral: Como Fazer, Como Pensar” de 2015.

³¹ Antes da pandemia do novo patógeno o Coronavirus Disease (COVID-19), para os autores as entrevistas deveriam ser em loco, contudo de acordo com Fabíola Holanda (2022), autora aqui utilizada, em entrevista, endossa que deve ser atualizado nas literaturas de história oral que as entrevistas podem e devem também serem realizadas via “*Streams né?! A gente faz a gente fez entrevistas. As vezes a pandemia nos colocou nesse lugar de fazer entrevistas distanciados né?! Ou seja, pelo WhatsApp, por Google, por Skype né?! Então, a gente se foi colocado nesse lugar. Então, é um recurso moderno né?!*” (Trecho recortado de Holanda (2022), a partir dos 17:07 min.).

entrevistas com qualidade para o arquivamento e recuperação da mesma;

4. A transcrição da entrevista, compreende em escrever *ipsis litteris* exatamente tudo que foi falado pelo entrevistado, seus vícios de linguagem, gírias, risos, e até as expressões e reações que por ocasião venham a surgir durante a entrevista;
5. Conferência pelo colaborador do produto escrito, a conferência consiste em apresentar para o entrevistado a transcrição da sua fala, esse momento ao se ler o entrevistado pode tanto incluir mais itens, que talvez tenha esquecido, ou excluir dados que lhe convém tirar;
6. Autorização para uso, após a conferência da escrita da sua fala o entrevistado concede o uso da mesma para a exposição de resultados de pesquisa, nesta etapa os autores indicam que além do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) seja feita também uma Carta de cessão (vide apêndice A) com explicação sobre o uso das entrevistas;
7. Arquivamento das gravações: o arquivamento deve ser realizado em plataforma digital com as transcrições e a gravação das entrevistas por um período mínimo determinado pelo pesquisador para possíveis recuperações necessárias;
8. Publicação dos resultados; a última etapa consiste em transcrever as entrevistas em forma de resultados encontrados na pesquisa, aqui são utilizados trechos que vão responder aos critérios de análise que pretendem responder aos objetivos da pesquisa, nessa etapa podem-se repetir trechos, utilizá-los unicamente ou em conjunto com outros documentos. A devolução dos resultados é condição básica para se justificar um projeto de história oral, pois a metodologia cumpre um papel social.

Observadas as etapas que compõem a metodologia de história oral, as entrevistas, são o núcleo do método. Com o recurso do uso de gravadores a partir dos anos 1960, o que possibilita aos pesquisadores o ato de “congelar” as falas, discursos, depoimentos ou entrevistas (Alberti, 2005). Assim, “A entrevista de história oral – seu registro gravado e transcrito – documenta uma versão [...]” (Alberti, 2005, p. 19).

Por isso, foi utilizado como instrumento para a coleta de dados a técnica de entrevista semiestruturada. No entendimento de que na forma semiestruturada a entrevista pode ter mais fluidez, como citam Prodanov e Freitas (2013, p. 106),

[...] não existe rigidez de roteiro; o investigador pode explorar mais amplamente algumas questões, tem mais liberdade para desenvolver a entrevista em qualquer direção. Em geral, as perguntas são abertas; [...].

As entrevistas foram conduzidas de forma **semiestruturada**, permitindo que as pessoas participantes compartilhassem suas vivências com flexibilidade. As entrevistas foram realizadas de maneira virtual, com duração aproximada de 30 minutos a 1 hora e 10 minutos, todas elas gravadas com consentimento prévio.

As gravações foram posteriormente transcritas para análise, e armazenada pela pesquisadora responsável, que fez o *download* dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local (*pen-drive*/HD externo), apagando todo e qualquer registro da “nuvem”, mantendo sob guarda por um período de cinco anos, após a defesa da tese.

Quanto as garantias éticas da pesquisa, as pessoas participantes foram convidadas a assinar um **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)** (vide apêndice A), onde foram informadas sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos, os riscos e benefícios envolvidos, assim como seus direitos de recusa ou desistência a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

A entrevista se iniciou com um questionário de caracterização (vide apêndice B), que visa traçar o perfil dos respondentes, em seguida, em uma conversa fluída foi iniciado o diálogo voltado para questões que propiciaram o alcance dos objetivos propostos pela pesquisa.

Após a coleta de dados, as entrevistas foram transcritas e analisadas qualitativamente, buscando identificar padrões, temas recorrentes e novas percepções sobre as experiências dos estudantes cotistas. As narrativas orais foram tratadas de maneira crítica, permitindo a produção de diretrizes e reflexões que contribuam para a compreensão dos impactos das cotas raciais nas universidades públicas.

5.3 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

E para a análise dos dados a técnica metodológica de história oral também foi utilizada. Empregada para coleta e análise de discursos, a história oral, visa apoiar o desenvolvimento de pesquisas nas áreas de representações sociais, uma vez que por meio da coleta de depoimentos busca resgatar as representações sociais e possibilitar, a partir de sua técnica, a coleta de discursos independentes, **pois representam pensamentos e opiniões de um grupo mediante histórias individuais.**

Além da análise dos discursos, os objetivos também se compõem da análise bibliográfica e documental encontrada no estudo. O processo para alcançar os objetivos propostos visa a análise dos dados das categorias estipuladas, sendo elas a saber³²:

1. Acesso e Ingresso:

- Motivações para optar pelas cotas.
- Expectativas em relação ao curso e à universidade.
- Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012).

2. Vivências Acadêmicas:

- Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico.
- Relação com colegas (cotistas e não cotistas).
- Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica.
- Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares.
- Apoio recebido (institucional, familiar, etc.).
- Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais).

3. Identidade e Relações Raciais:

- Percepções sobre raça, racismo e identidade negra.
- Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas).
- Estratégias de enfrentamento do racismo.
- Impacto da identidade racial na vivência acadêmica.
- Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área.

4. Percepções sobre a Política de Cotas:

- Significados atribuídos à política de cotas.
- Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política.
- Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial.
- Sentimentos e emoções associados à condição de cotista.

³² A metodologia de história oral não restringe o momento em que as categorias de análise devam ser criadas, permitindo que estas possam ser elaboradas até os momentos finais da pesquisa.

5. Implicações para a Biblioteconomia:

- Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial.
- Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa.
- Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia.
- Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais.

6. Projeto de Futuro:

- Expectativas em relação à carreira profissional.
- Planos e aspirações.
- Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial.

Diante disto, para compor a construção dos objetivos específicos a) Registrar e analisar as narrativas dos estudantes cotistas raciais de Biblioteconomia sobre suas percepções e experiências no ensino superior, com ênfase nos significados atribuídos à política de cotas e suas vivências acadêmicas; b) Investigar as dimensões racial, social e acadêmica das vivências dos estudantes cotistas de Biblioteconomia, identificando os desafios enfrentados, as formas de enfrentamento do racismo (se houverem) e as potencialidades percebidas no contexto universitário; e c) Analisar como as narrativas dos estudantes cotistas raciais de Biblioteconomia podem contribuir para as práticas de ensino da Biblioteconomia e Ciência da Informação, possibilitando na promoção de uma equidade racial e inclusiva no campo;

Desta maneira, espera-se que unindo as análises dos objetivos acima mencionados, torna-se possível compor a construção do objetivo geral desta pesquisa que é: identificar a percepção dos ingressantes por cotas raciais, dos cursos presenciais de Biblioteconomia de instituições públicas brasileiras, sobre suas vivências enquanto sujeito negro que é optante pela política de cotas raciais.

6 COTISTA EU ? : APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

No conhecimento-emancipação, o ato de conhecer está vinculado ao saber, sabor, saborear, à sapiência e ao sábio. O sábio não é o cientista fechado no seu gabinete ou laboratório. Mas é aquele que conhece o mundo através do seu mergulho no mundo. Esse conhecimento pode ser sistematizado na forma de teoria ou não. A teoria e a experiência prática são vistas como formas diferentes de viver e de sistematizar o conhecimento do mundo, pois é no mundo que a vida social se realiza. (Gomes, 2022, p.58-59).

Cotista, eu? O título desta seção é uma indagação ao estudante de Biblioteconomia que ingressou utilizando as cotas raciais. A motivação para essa indagação, como já muito mencionado, faz parte de uma inquietude pessoal: ao ingressar na universidade pública, reconheci-me negra; entretanto, é só no trajeto do mestrado que passo a compreender que na graduação eu também era estudante cotista, e o quanto a falta de informações sobre essa forma de ingresso não era algo particular, mas também uma incompreensão coletiva, e não apenas por parte dos estudantes.

Como já abordado, fiz parte do comitê para a promoção de ações afirmativas para os cursos de pós-graduação do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED/UDESC). Durante essa experiência, pude ouvir de professores universitários os mais diversos argumentos incabíveis sobre alunos provenientes de cotas raciais, como: “são semi-analfabetos”, “sou professor universitário, não posso ensinar um aluno a ler e escrever”, “mas as aulas vão ter que ser diferentes das de turmas comuns?”. Essas e muitas outras frases foram proferidas para pensar em cotas para a pós-graduação. Foi aí que me questionei como estes professores enxergavam os alunos cotistas da graduação.

Por essa razão, a epígrafe desta seção é sobre a teoria do conhecimento-emancipação dissertada por Nilma Lino Gomes (2022). Sim, é necessário adquirir conhecimento para conhecer e se autoconhecer; esta ação é um ato de conhecer o mundo através de uma experiência prática, para assim vivenciar o saber e o sabor da sabedoria do mundo.

Diante disto, a presente seção apresentará os dados coletados para a pesquisa. Serão apresentadas as histórias orais dos estudantes cotistas raciais dos cursos de Biblioteconomia, pois estes, ao concederem suas histórias, principiaram, talvez sem saber ou querer, um processo de conhecimento-emancipação de si próprios e, por sua vez, das cotas raciais.

6.1 A HISTÓRIA ORAL DOS INGRESSANTES COTISTAS NO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Conforme mencionado na metodologia, o sistema de coleta de participantes deu-se via preenchimento de formulário e indicações. Os formulários foram enviados para todas as universidades públicas que oferecem o curso de Biblioteconomia no Brasil; assim, foram enviados para os e-mails das secretarias dos cursos o formulário-convite de participação na pesquisa (vide apêndice C).

Após a manifestação de aceite em participar, as pessoas foram contactadas para um agendamento de conversa via aplicativo *Google Meet*³³. O motivo da escolha pelo aplicativo foi a facilidade e a gratuidade de uso, podendo ser usado de forma online em diferentes suportes físicos como notebooks e celulares.

Inicialmente, procurava-se construir uma representação de histórias de participantes de todas as regiões do país; contudo, infelizmente, a região Centro-Oeste não foi contemplada com participantes. Em quase um mês do período para arrecadar as pessoas participantes, não se obteve retorno de estudantes dessa região. Cabe mencionar que o encerramento da captação de pessoas deu-se devido a um limitante, para que fosse possível fazer uma análise concisa e completa para o que a metodologia da história oral necessita, e também para o tempo de que a pesquisa dispunha. Foi delimitado um número máximo de vinte participantes.

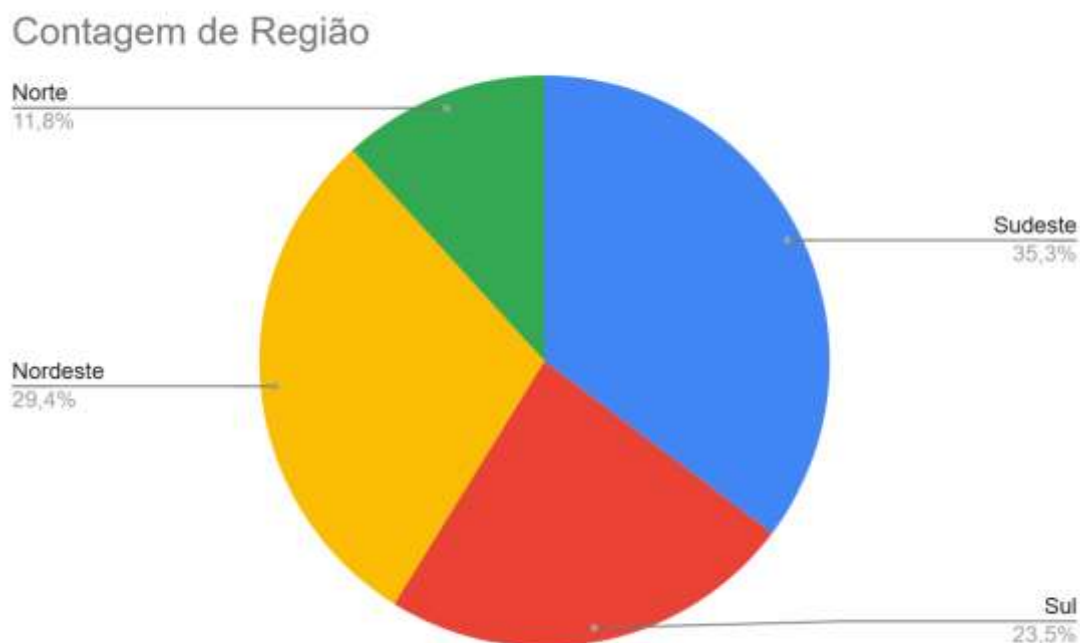
Então, do dia 21 de março ao dia 03 de abril, foram encontradas vinte e duas pessoas dispostas a participar da pesquisa. Dessas 22 pessoas, três marcaram a entrevista, mas não compareceram; foram feitas outras tentativas, mas elas não retornaram. Uma pessoa que fez a entrevista era estudante de curso EAD e, como esse era um dos critérios de exclusão, a entrevista foi excluída da análise. Outras duas pessoas não entregaram o TCLE assinado e, por isso, suas entrevistas também foram excluídas da análise.

Assim o número de participantes que compõem a construção deste trabalho foi de dezesseis pessoas, divididas em universidades federais e

³³ Acesse o aplicativo em: <https://meet.google.com/landing>.

estaduais públicas entre as regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Norte do Brasil, a saber:

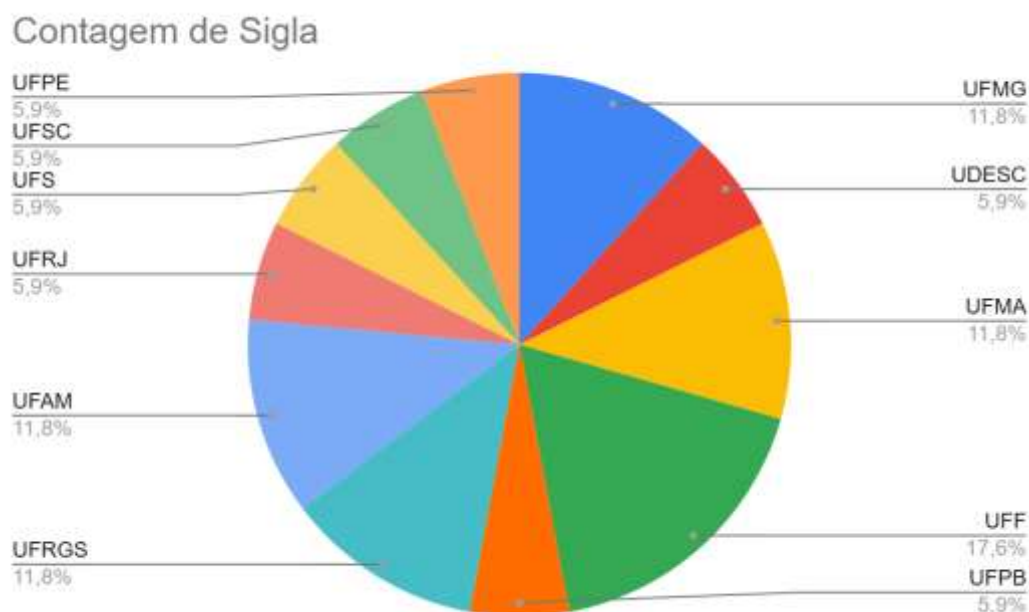
Figura 7 - Porcentagem dos participantes por região



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

As universidades dos participantes estão divididas entre instituições federais e estaduais, como a Universidade do Estado de Santa Catarina, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Sergipe, Universidade Federal do Amazonas, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Federal Fluminense.

Dentre a quantidade de participantes por universidades constam:

Figura 8 – Relação participantes por universidades

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Antes de iniciar a conversa para a formação da história oral de cada estudante, foi realizado com eles um questionário de caracterização (vide apêndice B), o questionário de caracterização coletou dados dos 16 indivíduos.

Os participantes apresentaram uma faixa etária diversificada, variando de 20 a 35 anos, e são originários de diversas localidades, incluindo Belo Horizonte (MG), São Luís (MA), Niterói (RJ), Patos (PB), Rio de Janeiro (RJ), Cachoeirinha (RS), Porto Alegre (RS), Frei Paulo (SE), Barreirinha (AM), Salvador (BA) e Serrano do Maranhão, com alguns residindo em cidades diferentes de sua naturalidade. Quanto à autodeclaração racial, a maioria se identifica como preto, com alguns se declarando pardo ou indicando que também poderiam ser considerados pardos (alguns demonstravam dúvida quanto ao seu pertencimento ao grupo preto ou pardo), e houve também participantes que preferiram se declarar como negros.

Em relação à situação laboral, os participantes apresentaram diferentes ocupações, incluindo estudantes, bolsistas (em diversas modalidades, como iniciação científica e permanência), estagiários, trabalhadores informais, CLT e servidores públicos. A fase do curso em que os participantes se encontram também varia, desde o início da graduação até a fase de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com anos de ingresso variando de 2019 a 2025. Quanto ao

histórico escolar, a maioria dos participantes frequentou escolas públicas, embora alguns tenham frequentado escolas particulares no ensino fundamental.

Passada a etapa da caracterização, foram informados aos participantes detalhes de pertinência ética da pesquisa, como a importância da leitura e assinatura do TCLE. Em seguida, com o consentimento dos participantes, iniciamos o diálogo para a formação da história oral de cada indivíduo. É importante mencionar que cada conversa foi realizada com a câmera aberta para que, além da escuta da narrativa, pudesse também ser observada a linguagem corporal dos participantes. Quanto às transcrições das entrevistas, foram realizadas com auxílio das plataformas *Youtube*³⁴ e do site *O Transcribe*³⁵.

A seguir, serão apresentadas as pessoas participantes, os perfis dos entrevistados foram constituídos a partir dos questionários de caracterização, um dos instrumentos de coleta de dados, que nos permite compreender melhor o relato de seus discursos. É importante mencionar que as transcrições das entrevistas estão disponíveis no Apêndice D.

Os nomes dos participantes foram alterados por nomes de pessoas autoras que estão contempladas na fundamentação da presente pesquisa.

Neusa

Neusa tem 20 anos, é natural de Belo Horizonte, MG, estuda na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde ingressou em 2022, estando atualmente na 4ª fase do curso. Atualmente, é estagiária em um escritório de advocacia. No que diz respeito à sua trajetória escolar, frequentou escolas particulares durante o ensino fundamental, o que lhe proporcionou uma base sólida em sua educação. Já no ensino médio, ela estudou em escolas públicas e se declara parda, reconhecendo a diversidade de suas origens e a importância da representatividade.

“A eu acho que a cota ela tem que existir sim porque não é igual não existe meritocracia não são todas as pessoas que tem a mesma oportunidade. Então, eu acho que sem a cota muitos estudantes negros não estariam na UFMG Inclusive eu, não estaria lá se não fosse pela cota.”

Nilma

³⁴ Acesse o site em: <https://www.youtube.com/>.

³⁵ Acesse o site em: <https://otranscribe.com/>.

Com 21 anos, natural de Belo Horizonte, Nilma, autodeclarada preta, concilia trabalhos informais com seus estudos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde cursa o 6º período, tendo ingressado em 2022. Seu histórico escolar revela uma trajetória que se iniciou em escolas particulares no ensino fundamental, seguida pela conclusão do ensino médio em instituições públicas.

“antigamente existe uma sala existe uma sala e essa sala tem portas e janelas antigamente a gente a gente ficava pro lado da porta depois deixavam a gente olhar pelas janelas agora a gente fica dentro da sala mas a gente fica atrás das cortinas porque a gente tá lá mas a gente tá tampado”

Rodrigo

Aos 26 anos, natural do sul da Bahia, Rodrigo, que se identifica como preto, dedica-se aos estudos na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), onde cursa o 3º período, tendo ingressado em 2024. Sua trajetória acadêmica é complementada por uma bolsa em laboratório dentro da universidade, e seu histórico escolar revela uma formação integralmente em escolas públicas. Atualmente, reside no sul do Brasil, em Florianópolis/SC.

“Eu acho que eu entendi que eu entrei numa luta, na verdade, eu me sinto hoje numa luta constante para que as coisas, elas possam melhorar.”

Aparecida

Nascida em São Luís e com 21 anos, Aparecida, estudante da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), se autodeclara preta e tem bolsa de iniciação científica. Cursando o 8º período, ela ingressou na universidade em 2021 e tem histórico escolar inteiramente público.

“a pessoa não tinha orgulho de ser preto. Então, com o passar do tempo, poder, eh, dizer isso com orgulho, “eu sou preta”, é assim, é uma algo a se comemorar, é algo a se comemorar.”

Dagoberto

Nascido em Niterói e com 26 anos, Dagoberto se autodeclara pardo e atualmente dedica-se à pesquisa acadêmica, financiada por uma bolsa de iniciação científica na Universidade Federal Fluminense (UFF). Cursando o 6º período, ele ingressou na universidade em 2022, tendo trilhado todo o seu percurso escolar em instituições públicas.

“O que eu já senti a respeito de ser um estudante cotista é que eu tinha que fazer valer a pena a oportunidade que eu recebi, porque não sou só eu, né, que tô precisando disso, tem muitas outras pessoas precisando”

Isildinha

Aos 29 anos, natural de Patos, Paraíba, mas residente em João Pessoa, Isildinha se autodeclara preta e concilia um estágio com uma bolsa de estudos na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde cursa o 9º período, tendo ingressado em 2020/2. Sua trajetória acadêmica é marcada por um histórico escolar inteiramente construído em instituições públicas.

“O que é a coragem, na verdade? A coragem é ir com medo mesmo assim. A coragem não é a ausência do medo, a coragem é você tá com medo, mas você vai lá e dá a cara a tapa e faz acontecer. Porque foram por causa de pessoas que não tiveram medo de fazer as coisas acontecerem que a gente tem nosso lugar de fala hoje em dia, né?”

Cida

Nascida na capital do Rio de Janeiro, Cida, de 21 anos, que se autodeclara preta, concilia um estágio com seus estudos na Universidade Federal Fluminense (UFF), onde cursa o 6º período, tendo ingressado em 2022. Sua trajetória escolar foi integralmente realizada em instituições públicas. Cida atualmente está fazendo estágio em uma biblioteca municipal.

“Ah, eu me entendo como vencedora, porque é graças às cotas que eu tô ali estudando, conseguindo ter uma profissão, né, me formar. Então não me sinto uma resistência tá ali, que cada coisa que eu já passei também.”

Francilene

Nascida em Cachoeirinha, Rio Grande do Sul, mas mora em Gravataí, Francilene tem 21 anos, identifica-se como parda e dedica-se integralmente aos estudos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). cursando o 5º período, ela ingressou na instituição em 2022, tendo construído seu histórico escolar inteiramente em escolas públicas.

“Eu não sei se talvez a sensação de que eu não tenho... eu não tenho tempo a perder, eu não tenho o privilégio [...] . Eu já estava ali no... no segundo semestre, ainda que no início, eu não tinha coragem de trocar porque eu já tinha passado por muita coisa até ali, eu já tinha gastado muito dinheiro com passagem, eh, eu já tinha gastado muito dinheiro com... com lanche, eu já tinha feito meus pais se sacrificarem muito. Então, ao mesmo tempo em que eu tinha uma vontade de não estar ali, eh, eu sentia que eu tinha que ficar ali, sabe?”

Carla

Nascida em Porto Alegre e com 23 anos, Carla se autodeclara negra e atualmente é bolsista dentro da universidade, conciliando essa atividade com seus estudos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde cursa o 4º período, tendo ingressado em 2020/2. Seu histórico escolar revela que cursou um ano do ensino fundamental em escola particular e o restante de sua formação em instituições públicas.

“para muitas pessoas negras isso realmente é, é um grande evento da universidade, sabe? Representa uma grande coisa, uma ascensão não só financeira, mas uma ascensão de, de vários aspectos para a família, sabe?”

Virgínia

Natural de Frei Paulo e com 23 anos, Virgínia se autodeclara preta e concilia um emprego formal (CLT) com os estudos na Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde está no 8º período, tendo ingressado em 2019. Sua trajetória escolar foi percorrida integralmente em instituições públicas.

“É tipo assim, só ter a oportunidade de tentar ingressar pela cota já foi muito para mim, porque eu venho do interior, de uma família pobre mesmo, que eu não teria essa oportunidade de entrar numa universidade particular, por exemplo. Estar numa universidade federal, sendo a primeira da minha família a se formar, então, já é muita coisa,”

Franciéle

Natural do Rio de Janeiro, com 25 anos, Franciéle se autodeclara preta, sendo a opção parda também considerada. Atualmente, ela usufrui de uma bolsa permanência enquanto conclui o 9º período e o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde ingressou em 2021. Seu histórico escolar é inteiramente proveniente de instituições públicas.

“Estar na universidade pública e eu tinha parado muito tempo de estudar, não imaginava que eu ia tirar uma nota boa, foi uma surpresa para mim quando a nota veio porque eu tinha parado de estudar tipo quatro anos atrás e passei,”

Sueli

Aos 25 anos, natural da cidade de Barreirinha, Sueli, que mora no interior, no Quilombo de Santa Tereza do Matupiri, no Amazonas, autodeclara-se preta quilombola e iniciou sua jornada acadêmica em 2025 na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), cursando o 1º período. Sua trajetória escolar foi integralmente realizada em instituições públicas. Não está trabalhando nem é bolsista, e vive a universidade com a ajuda dos pais.

“E assim a gente traz um pouquinho de orgulho de tá ali, de entrar ali, conseguir, eh, ver a tua família lá do interior feliz porque tu tá conseguindo aos poucos e é um gostinho muito delicioso de tô conseguindo.”

Andreia

Com 35 anos e natural de Salvador, Andreia, servidora pública que se autodeclara preta ou parda, atualmente cursa o 2º período na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde ingressou no segundo semestre de 2022. Sua trajetória escolar inclui o ensino fundamental em escola particular como bolsista e a conclusão do ensino médio em uma instituição pública. Antes do curso de Biblioteconomia, Andreia já tinha graduação em licenciatura em matemática.

“Eu vou colaborar porque eu sou fruto disso. Tá? Eu sou fruto de de você, eh, ver que tua família, tu é a primeira a se formar na universidade e tu passa no concurso para federal sendo a primeira negra da tua família a estar assumindo esse cargo.” Então, assim, é muito gratificante, sabe?”

Lívia

Com 23 anos, natural do Rio de Janeiro, Lívia se autodeclara preta ou parda, é bolsista e cursa o 6º período na Universidade Federal Fluminense (UFF), tendo ingressado em 2022/2. Sua trajetória escolar é com a parte da alfabetização em ensino particular, e o restante realizado em instituições públicas. Lívia tem uma filha de 4 anos, e o seu maior desejo era fazer UFF.

“Eu me sinto uma pessoa rara e eu não queria ser uma pessoa rara, eu queria muito encontrar pessoas parecidas comigo, similares a mim, eh, na faculdade, eh, ter uma identificação, uma sensação maior de pertencimento ao local, porque quando eu entrei, eu tive que me esforçar muito para ter essa sensação de pertencimento, de eu estou aqui porque eu merecia estar aqui, eh, porque eu tive nota e um monte de coisa, mas tive que trabalhar muito mentalmente isso.”

Petrônio

Aos 28 anos, natural de Recife, mas residente em Petrolina, Petronio se declara negro e atua como bolsista na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Cursando o 9º período, com ingresso em 2019/1, sua trajetória escolar foi construída inteiramente em escolas públicas.

“Então, a respeito da história das cotas raciais, né, eu achava que, na minha perspectiva, as cotas eram para servir a pessoas negras, pardas, indígenas, mas para mim se tornou uma coisa tão identitária para as pessoas que não têm entendimento de classe e sim só de raça, que eu abordei a questão, unir essas duas questões, né, entre questão de raça e classe.”

Sandra

Nascida em Serrano do Maranhão, Sandra de 22 anos, que se identifica como preta, encontra-se no 9º período da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), onde ingressou em 2021. Atualmente, ela concilia os estudos com um estágio, e sua trajetória escolar foi toda realizada em instituições públicas.

“Eu espero que as pessoas continuem adentrando a universidade, as pessoas negras continuem adentrando, utilizando desse desse marco legal, porque é direito, é uma coisa que foi tirada por muitos anos das pessoas pretas, o direito de estudar, o direito de de ter uma vida melhor.”

A presente seção apresentou os resultados coletados que formaram a história oral de cada estudante (vide apêndice D) ingressante por cotas raciais em cursos de Biblioteconomia. A seguir os dados apresentados serão analisados conforme as categorias de análise.

7 O QUE TÊM A NOS DIZER OS COTISTAS RACIAIS DOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA?: DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

*Existe muita coisa que não te disseram na escola
Cota não é esmola
Experimenta nascer preto na favela pra você ver
O que rola com preto e pobre não aparece na TV
Opressão, humilhação, preconceito
A gente sabe como termina, quando começa desse jeito
Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais
Cuida de criança, limpa casa, outras coisas mais
Deu meio dia, toma banho vai pra escola a pé
Não tem dinheiro pro busão
Sua mãe usou mais cedo pra poder comprar o pão.
(Cota Não é Esmola Canção de Bia Ferreira e Doralyce · 2018)*

Cota não é esmola, e sim, existe muita coisa que não nos contaram na escola. Uma delas foi sobre a enorme dívida que a sociedade brasileira tem com a população negra. Outra mentira é que, com a miscigenação, o Brasil tornou-se uma terra livre de preconceitos por sermos todos iguais, por sermos todos brasileiros. Dentre tantas mentiras muito bem engendradas, digamos que, para a nossa temática, uma das mais nocivas é o falso senso de uma meritocracia que nos possibilita uma caminhada justa e igualitária, onde todas as pessoas vão se deparar com os mesmos obstáculos e é apenas e exclusivamente através da nossa vontade e dedicação que alcançaremos nossos objetivos, em competência de igualdade.

A presente seção busca identificar nas falas das pessoas participantes suas vivências quanto ao seu status de pessoa cotista racial dentro de universidades públicas. Partindo dessa desconstrução de narrativas falaciosas, torna-se fundamental adentrar no universo das experiências concretas daqueles que acessaram o ensino superior através das cotas raciais. Suas vozes ecoam como um contraponto vivo a essas idealizações de igualdade e meritocracia, revelando as nuances de um sistema que, apesar de seus avanços, ainda carrega as marcas profundas de um passado escravocrata e de um presente permeado pelo racismo estrutural. Ao trazer à luz as vivências desses estudantes, esta seção almeja não apenas identificar os desafios enfrentados, mas também compreender como a política de cotas impacta em suas trajetórias acadêmicas e suas percepções sobre a sociedade brasileira.

Como mencionado na metodologia, o procedimento de análise de dados é realizado também por meio da história oral, com etapas a serem cumpridas. A análise dos dados coletados passou pela transcrição da entrevista, que

compreende em escrever *ipsis litteris* exatamente tudo o que foi falado pelo participante. Em seguida, foi realizado o envio das transcrições para os estudantes para que pudessem conferir a escrita, podendo tanto incluir mais itens que talvez tenham esquecido, quanto excluir dados que lhes convêm tirar. Nesse momento, os participantes apenas solicitaram reduzir alguns vícios de linguagem; apenas uma estudante incluiu um trecho em sua fala. Por fim, todos os dezesseis autorizaram a publicação de sua narrativa.

Diante disto, foram analisadas as falas dos estudantes cotistas segundo as sete categorias estipuladas, a saber: 1. Acesso e Ingresso; 2. Vivências Acadêmicas; 3. Identidade e Relações Raciais; 4. Percepções sobre a Política de Cotas; 5. Implicações para a Biblioteconomia; e 6. Projeto de Futuro. Cada categoria possui desdobramentos que esmiúçam as narrativas dos estudantes para uma melhor compreensão; contudo, como se trata de uma história contada que revive memórias, alguns desses desdobramentos podem não ser contemplados em todas as narrativas.

Além das narrativas, esta seção está alicerçada pela construção teórico conceitual explorada na fundamentação teórica abordada nesta pesquisa, e elas em conjunto com as narrativas fazem parte da análise que se seguirá.

7.1 ACESSO E INGRESSO

Para analisar as transcrições das entrevistas de História Oral, juntamente com teorias abordadas, a categoria "Acesso e Ingresso" desdobra-se em buscar compreender a motivação para optar pelas cotas, as expectativas em relação ao curso e à universidade, e as percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012) (Brasil, 2012).

Neusa

- **Motivações para optar pelas cotas:** Neusa relata que sua principal motivação para optar pelas cotas foi o desempenho abaixo do esperado no ENEM, influenciado pelas dificuldades de aprendizado durante a pandemia. Além disso, a inviabilidade financeira de arcar com uma faculdade particular a direcionou para a UFMG.
 - *"Bom eh... eu pensei em entrar pelas cotas porque eu não tive um desempenho muito bom quando eu fiz o Enem... eu imaginei que eu ia tirar uma nota ruim porque quando eu fiz o ensino médio eu tava na pandemia então eu tive o primeiro ano e o segundo e o terceiro eu não tive. então eu perdi todo aquele ensino..."*

- *"Eu não acreditei que eu tinha capacidade de estudar em alguma faculdade particular por questão de dinheiro porque é muito muito caro então eu pensei vou entrar na UFMG..."*
- **Expectativas em relação ao curso e à universidade:** Inicialmente, Neusa não tinha um direcionamento claro sobre qual curso escolher, mas se interessou por Biblioteconomia pela influência de sua tia e pela nota de corte mais baixa na UFMG, o que aumentou suas chances de ingresso. No entanto, Biblioteconomia não era sua primeira opção, demonstrando uma certa indecisão inicial.
 - *"...eu me inspirei um pouco na minha tia quando eu fui escolher para Biblioteconomia porque eu sempre conversava com ela e via como que era trabalhar, ela me contava então eu acabei me interessando pela área e quando eu vi que a nota de corte era mais baixa, era a mais baixa da UFMG Inclusive eu pensei acho que eu consigo entrar nessa faculdade..."*
 - *"Não foi a minha primeira opção de curso eu queria fazer biologia, psicologia alguns cursos um pouco mais práticos né?"*
- **Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012):** Neusa expressa sua opinião sobre a importância das cotas como mecanismo de reparação histórica e de promoção de igualdade de oportunidades, reconhecendo que muitos estudantes negros, inclusive ela, não teriam acesso à universidade sem essa política. Ela também relata ter enfrentado opiniões contrárias às cotas em seu círculo familiar, mas manteve sua convicção sobre a necessidade delas.
 - *"...eu acho que a cota ela tem que existir sim porque não é igual não existe meritocracia não são todas as pessoas que tem a mesma oportunidade. Então, eu acho que sem a cota muitos estudantes negros não estariam na UFMG Inclusive eu, não estaria lá se não fosse pela cota."*
 - *"...eu acredito que a cota Tem que existir sim porque tem que ter uma reparação histórica os negros quando foram libertados da escravidão não tinham nada e isso tem sequelas até hoje por isso que a maioria da das pessoas pobres e que estão abaixo da linha da pobreza são pessoas negras então sem essa cota como essas pessoas vão acessar a universidade se elas não têm o ensino de qualidade se elas não têm oportunidade se elas são obrigadas a trabalhar porque se não trabalhar não vai ter o que comer então eu acho que eu sempre tive essa linha de pensamento sabe."*
 - *"Bom eu tinha umas influências né?! o pessoal da minha família falava que cota não devia existir que era um absurdo e que negros e brancos tem a mesma capacidade logo, não deveria ter nenhum tipo de tratamento especial."*

Nilma

- **Motivações para optar pelas cotas:** Nilma relata que optou pelas cotas raciais não por necessidade de nota, mas por reconhecer que era um direito seu. Ela menciona a música "Cota não é esmola" e a discussão sobre o tema, ressaltando que via a cota como um direito a ser utilizado.
 - *"Entre pelas cotas raciais, não porque naquela época eu precisava em questão de nota, porque a nota eu tinha para entrar no curso, mas porque sabia eu que era um direito meu, eu sabia que era um*

direito meu e eu falei: 'Se tá ali para mim poder usar, eu vou usar sim'..."

- **Expectativas em relação ao curso e à universidade:** Nilma sempre quis estudar na UFMG e, apesar dos desafios, via a escolha do curso de Biblioteconomia como algo que cresceu muito em sua percepção, especialmente por gostar de ler.
 - *"Eu sou a primeira pessoa da minha família a entrar na faculdade federal, não a primeira em uma faculdade, mas a primeira uma federal."*
 - *"Então, quando eu entrei na faculdade, não foi muito um susto, até mesmo porque é aquela coisa que eu sempre quis entrar na UFMG."*
 - *"Eu adoro ler, sempre gostei de ler, sempre fui muito ratinha, tracinha de livro, e aí eu peguei e falei: 'Ah, Biblioteconomia'."*
- **Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012):** Nilma tem uma visão crítica sobre a implementação das cotas. Ela reconhece a importância da lei, mas aponta falhas no processo de validação da autodeclaração racial e na efetividade das ações afirmativas dentro da universidade.
 - *"Cota não é peça histórica, não é, reparação histórica teria que ser muitas outras coisas, mas assim, realmente é um mínimo, mínimo que a gente poderia ter, o mínimo do mínimo do mínimo do mínimo, porque assim, a gente ainda tem cota, mas a humilhação que a gente passa para conseguir, a gente tem que ser julgado por uma banca que muitas vezes não é preta, que não é amarela, que não parda, que não é indígena, falando assim: 'Você é ou você não é', sendo que a gente sabe que a gente é, no entanto, a gente se autodeclara, né?" "Ah eu não posso falar que não porque eu só a prova de que as cotas funcionam, mas, eu não posso também dizer que sim porque peca muito ainda peca muito mesmo."*

Rodrigo

- **Motivações para optar pelas cotas:** Rodrigo relata que a escolha pelo curso de Biblioteconomia foi influenciada por um amigo, que o informou sobre a menor concorrência e a possibilidade de ingresso através das cotas. Ele via as cotas como uma oportunidade de ingressar na universidade, considerando sua trajetória em escola pública como um obstáculo para concorrer com alunos de escolas particulares. Além disso, ele expressa que não se via inicialmente como parte do ambiente universitário.
 - *"Biblioteconomia é um curso menos concorrido, aí você pode tentar."*
 - *"As cotas é uma, é uma, é uma chance de você conseguir entrar, né?"*
 - *"Nossa, eu não tenho chance de, de concorrer com pessoas, né, que tiveram, enfim, sua trajetória em escolas particulares e afins."*
 - *"Não me via enquanto pessoa dentro da universidade, né? Eu não conseguia me enxergar dentro da universidade, porque, enfim, a gente sempre vê, são pessoas inteligentes, são pessoas e afins."*
- **Expectativas em relação ao curso e à universidade:** Inicialmente, Rodrigo não tinha uma escolha clara pelo curso de Biblioteconomia. Suas

expectativas sobre a universidade eram permeadas por uma sensação de que não seria fácil, com receio das dificuldades acadêmicas e da adaptação ao ambiente.

- *"Então, eu não escolhi Biblioteconomia."*
- *"Foi um misto de, de, de sentimentos. Foi tipo assim, meu Deus, como é que eu vou fazer uma graduação? Tipo, deve ser maior difícil, deve ser... Sabe? Passou todo esse pensamento na cabeça, tipo, meu Deus, eu não, não vou conseguir."*
- **Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012):** Antes de ingressar na universidade, Rodrigo tinha um entendimento superficial sobre as cotas, influenciado por opiniões diversas. Após o ingresso, passou a ver as cotas como um mecanismo de reparação histórica e afirma não ter vergonha de sua condição de cotista. Ele também relata ter enfrentado preconceito em relação a outras formas de ingresso, como pelo histórico escolar, que considera outra ação afirmativa.
 - *"Então, antes de entrar na universidade e ter acesso a todo esse conhecimento, eu via as cotas... Eu era mais tipo, quando alguém falava que as cotas eram boas, eu concordava, e quando alguém dizia que não era bom também, eu meio que concordava também, porque eu até então não tinha... Eu digo que eu criei uma identidade enquanto homem preto depois que eu entrei na universidade."*
 - *"E eu já tinha essa, e eu nunca tive, nunca tive vergonha, na verdade, de falar o que eu entrei por cota."*
 - *"Foi acho que a única discussão que eu tive onde eu falei que não, né, que essa é uma ação, mais uma das ações afirmativas que dá a oportunidade das pessoas entrarem na universidade, né?"*

Aparecida

- **Motivações para optar pelas cotas:** Aparecida relata que a cota foi essencial para acessar espaços que, de outra forma, seriam inacessíveis devido às desigualdades socioeconômicas e à falta de oportunidades.
 - *"Então, a cota, ela contribuiu muito para isso, para me levar a lugares que talvez, se não fosse por ela, eu não poderia estar hoje onde eu tô, por exemplo, em pesquisa numa universidade pública."*
 - *"Então, as cotas, ela ajudou, eh, a chegar assim em lugares que talvez, por conta das minhas condições serem inferiores às de outras pessoas, então ela acabou me ajudando bastante em relação a isso, a chegar em lugares que talvez, se não fosse por ela, eu não teria chegado até aqui."*
- **Expectativas em relação ao curso e à universidade:** Desde criança, Aparecida tinha o sonho de cursar Biblioteconomia, influenciada por uma prima bibliotecária e pela sua paixão por bibliotecas.
 - *"Eh, o curso era... sempre foi... era um sonho de infância assim."*
 - *"Eh, eu tenho uma prima que é bibliotecária e, além disso, desde criança, eu sempre fui muito assídua em relação à biblioteca."*
 - A universidade foi vista como um local de acolhimento, especialmente pela presença de outros estudantes e professores negros, o que contrastava com sua experiência anterior no IFMA.

- *"Da universidade em si, graças a Deus, foi o acolhimento aí e o acolhimento, eh, verbal, mas também assim, vendo o contexto assim, professores pretos, eh, assim, um local de acolhimento no sentido de ver, eh, várias pessoas pretas além de mim..."*
- **Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012):** Inicialmente, o entendimento sobre as cotas era limitado, para Aparecida, sendo vista de forma simplista como uma oportunidade para pessoas negras.
 - *"Era um conhecimento muito limitado, era tipo assim: 'Ah, eh, tu é preto, então, tenta'."*
 - *"Às vezes nem sabia o que se tratava, só era só tentar..."*
 - Com o tempo e a vivência na universidade, Aparecida aprofundou sua compreensão sobre a importância e o impacto das cotas na inclusão racial.
 - *"Mas tipo assim, quando a pessoa acaba, eh, conhecendo mais, acaba entendendo que a... a importância que ela tem, e eu só pude entender isso depois que eu entrei na universidade."*

Dagoberto

- **Motivações para optar pelas cotas:** Dagoberto entende o sistema de cotas como uma oportunidade de abrir espaço para pessoas que geralmente não teriam acesso a universidades, concursos e escolas, espaços predominantemente ocupados por pessoas brancas ou com maior poder aquisitivo.
 - *"Eu sempre entendi o sistema de cotas como uma espécie de oportunidade de abrir um espaço para pessoas que não geralmente não teriam esse espaço dentro, eh, das universidades, dentro dos concursos, dentro das escolas, um espaço que seria predominantemente ocupado com gente branca, ou pessoas com poder aquisitivo acima da média".*
 - Ele ingressou no curso pela afirmativa L1, que contempla tanto cotista racial quanto cotista de renda.
 - *"Então eu ingresso no curso pela afirmativa, se não me engano, L1, acho que um, que é tanto cotista racial quanto cotista de renda, né?"*
- **Expectativas em relação ao curso e à universidade:** Inicialmente, Dagoberto escolheu o curso de Biblioteconomia porque era o que sua nota permitia, e não por paixão pela leitura ou pelos livros.
 - *"Aí ela me incentivou, fui, fiz a prova, consegui média suficiente e escolhi o curso de Biblioteconomia porque, vou ser honesto, era o que a nota permitia. Não vou mentir, não vou dizer que eu entrei no curso porque eu sou apaixonado por leitura ou porque os livros me levam para um lugar mágico ou porque eu sou diferente dos outros garotos..."*
 - No entanto, ele acabou gostando do curso e se desenvolvendo bastante ao longo da formação.
 - *"...mas eu acabei gostando desse curso, vou dar um spoiler, acabei gostando dele, me desenvolvendo bastante, eh, ao longo da formação".*

- **Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012):** Dagoberto compreende que as cotas foram estabelecidas para facilitar o acesso de pessoas mais vulneráveis ao espaço universitário, que é público, mas nem sempre acolhe a todos da mesma forma.
 - *"Pelo meu entendimento, eu explicaria que as cotas foram estabelecidas justamente para facilitar o acesso de pessoas, eh, mais vulneráveis, né, no contexto social, ao espaço universitário, que é público, é para todos, entre aspas, mas não acolhe todos da mesma forma".*
 - Ele relata ter ouvido de um colega do ensino médio, um jovem branco de escola particular, que considerava as cotas uma "palhaçada", associando essa opinião ao sucateamento das escolas públicas e à falta de investimento na educação básica.
 - *"Olha, eu me lembro de ter tido uma conversa a respeito disso ainda no período da escola, do ensino médio, mais especificamente, em que eu escutei um colega meu falar que, abre aspas, 'para ele esse negócio de cota é uma palhaçada', fecha aspas. Eu não preciso nem de escrever que ele era um jovem branco que estudou praticamente a vida toda em escola particular, isso por declaração dele mesmo, né? E que se achava muito mais inteligente do que todo mundo porque ele teve acesso a uma educação que, eh, seria considerada superior à educação das instituições públicas. Isso a gente pode associar ao sucateamento, né, das escolas públicas, a pouca atenção que o ensino, ensino básico, que a educação básica recebe, né? Que muito se fala em investir em universidade, mas as pessoas não, as pessoas não estão atentas ao investimento da educação básica, que é o que vem antes, né? Que é, é o que leva o ser humano ao espaço universitário".*
 - Dagoberto discorda dessa visão, entendendo as cotas como uma tentativa de equilibrar o jogo e oferecer oportunidades a quem não as teria de outra forma.
 - *"Muita gente associa a isso a reparação histórica, a oportunidade de equilibrar um pouco o jogo, mesmo sabendo que ele não vai ser equilibrado, não é assim que as coisas funcionam".*

Isildinha

- **Motivações para optar pelas cotas:** Isildinha relata que tinha consciência de sua identidade como pessoa preta e via as cotas como a única forma de ingressar na universidade. Ela acreditava que, pela ampla concorrência, não conseguiria, e considerava seu direito exercer a opção pelas cotas.
 - *"Para mim, por mais que, porque assim, hoje em dia tá tendo essa questão, né, de que se uma pessoa preta tiver uma nota muito alta, ela não vai entrar com cota, ela vai deixar a cota para outra pessoa entrar. Mas na época que eu entrei no curso, não tinha isso ainda. E aí eu entrei porque assim, para no meu ponto de vista, seria a única forma de eu entrar na universidade, seria através das cotas, porque se fosse pela ampla concorrência, eu não iria*

conseguir, por mais que a nota fosse razoavelmente baixa, mas eu acredito que era um, é um, era um direito que eu tinha que exercer, meu. Então foi por isso que eu me inscrevi."

- **Expectativas em relação ao curso e à universidade:** Inicialmente, Isildinha não queria cursar Biblioteconomia, sendo sua segunda opção. No entanto, ao ter contato com o curso, apaixonou-se pela área, especialmente pela paixão que uma professora transmitiu. Suas expectativas se transformaram em um desejo de lutar pela valorização da Biblioteconomia e mostrar sua importância para a sociedade.
 - *"Bom, eu assim, eh, eu não queria estudar Biblioteconomia, na verdade, foi minha segunda opção. Eu queria cursar Direito, mas alguma coisa dentro de mim, toda vez na hora que eu fui fazer a escrita, ficou dizendo: 'Bota Biblioteconomia como segunda opção, bota Biblioteconomia como segunda opção'. Aí eu coloquei. Eh, eu não passei por causa de uma pessoinha só em Direito, mas eu passei em Biblioteconomia e aí eu comecei a estudar Biblioteconomia. [...] E Biblioteconomia foi uma paixão, eu me apaixonei, eh, quando eu tava no meu primeiro período, meu primeiro dia de aula, eu tive uma aula com a professora [cita o nome da professora], e ela falou muito da paixão dela pelo curso, ela, o amor dela transbordou, né? [...] E a partir do momento que eu entro em Biblioteconomia, que eu começo a estudar de fato, que eu começo a fazer pesquisas, porque eu sempre fui uma pessoa muito curiosa e o que era dado em sala de aula nunca era suficiente para mim, então eu sempre ia pesquisar mais, ia ler mais e a partir disso, eh, eu começo a entender a importância da Biblioteconomia para a sociedade, né? O curso de Biblioteconomia foi o segundo curso do país, deveria ser um dos cursos mais valorizados do Brasil, ele não é e isso se deve muito ao próprio profissional que não dá o seu devido valor. E aí a partir disso, eu começo a ver que é preciso ter uma luta pela Biblioteconomia. [...] então eu hoje eu vejo que não era para ser Direito, era para ser Biblioteconomia mesmo."*
- **Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012):** Isildinha demonstra ter consciência da importância das cotas para a inclusão de pessoas pretas, pardas e com deficiência na universidade, considerando-as uma forma de justiça social diante da dívida histórica do Brasil. Ela critica a visão de que cotas seriam exclusão, argumentando que o número de pessoas pretas na universidade ainda é muito baixo.
 - *"Então, antes de entrar na universidade, no curso de Biblioteconomia, quando eu tinha meus 18 anos, eu tinha tentado o SISU e eu tinha passado em Ciências Sociais e também foi por cota. Eh, falar propriamente da lei, eu não vou dizer que eu tenho conhecimento da lei, mas eu sei, eu sempre soube e sempre tive consciência da importância, né, das cotas para as pessoas pretas, com deficiência, pardas, porque a gente vive num país que historicamente, eh, ele tem uma dívida muito grande [...] e aí eu entendo a importância, né, de entrar com as cotas, eu entendo a importância das cotas, já bati muita boca com pessoas que ficavam dizendo e dizem até hoje que cota é exclusão, e não, mas não, porque apesar das cotas existirem, ainda existe um número muito*

mínimo de pessoas pretas ocupando o espaço dentro da Universidade Federal. [...] Aí eu disse: 'Querido, se todo mundo fosse igual, essa universidade ia ter mais de 50% de pessoas pretas, porque mais de 50% de pessoas pretas no Brasil existem.'"

Cida

- **Motivações para optar pelas cotas:** Cida revela uma motivação pragmática para optar pelas cotas, sua nota era baixa e ela precisava "recorrer a alguma coisa" para ingressar na universidade.
 - *"E não, fui mó cara de pau, eu, ó, nota tá baixa, tem que recorrer a alguma coisa [risos]"*.
- **Expectativas em relação ao curso e à universidade:** Inicialmente, Cida não tinha o desejo de cursar Biblioteconomia, seu objetivo era Farmácia. No entanto, após ser aprovada e conhecer o curso, ela se apaixona pela área.
 - *"porque eu queria fazer Farmácia, eu não queria fazer Biblioteconomia."*
 - *"Aí eu me apaixonei pelo curso, eu tô até agora."*
- **Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012):** Cida expressa que a Lei de Cotas foi essencial para sua entrada na universidade, considerando que a "salvou". Ela reconhece a necessidade da política de cotas, principalmente ao contrastar sua situação com a dificuldade de acesso e permanência na universidade.
 - *"O entendimento que assim salva vidas, né? É muito necessário, a gente precisa muito, porque me salvou."*

Francilene

- **Motivações para optar pelas cotas:**
 - *"Eu acho que eu pensei assim, ó, por ampla concorrência, pode ser que eu não consiga, então eu vou, vou colocar as cotas. Eu lembro que eu coloquei também aquela da pessoa que vem de escola pública. E também a cota racial."*
- **Expectativas em relação ao curso e à universidade:**
 - *"Então, o meu processo, ele foi bem turbulento porque não tinha conhecimento de nada."*
 - *"Então, um desses, desses cursos de vagas remanescentes era Biblioteconomia, porque quando eu fiz vestibular, eu não fiz para biblio, eu fiz para Educação Física, só que eu não, não, não consegui a nota suficiente, né? Então, só consegui para Biblioteconomia."*
- **Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012):**
 - *"Antes da graduação, eu lembro de só saber assim, que existe uma coisa chamada cotas raciais, mas não cheguei a ter um conhecimento sobre isso."*
 - *"E como eu não sabia absolutamente nada, porque eu não tive, eu não tive ninguém para me ajudar em todo esse processo de entrar na universidade, eu fiz tudo sozinha, fiz tudo sozinha e eu não sabia disso, eu não sabia que tinha uma lista que eu tinha que olhar"*

aquela lista e acompanhar aquilo lá. Então perdi a minha verificação racial..."

Carla

- **Motivações para optar pelas cotas:** Carla teve contato com a questão racial desde cedo em sua família e já tinha experiência com sua irmã utilizando o sistema de cotas. Ela compreende as cotas como uma forma de ascensão e reparação.
 - *"Eu tive contato com esse assunto desde muito cedo, assim, né? ãhn, porque eu tive uma abordagem racializada dentro de casa, né?"*
 - *"Para muitas pessoas negras isso realmente é, é um grande evento da universidade, sabe? Representa uma grande coisa, uma ascensão não só financeira, mas uma ascensão de, de vários aspectos para a família, sabe?"*
- **Expectativas em relação ao curso e à universidade:** Inicialmente, Carla estava em dúvida sobre qual curso escolher, considerando áreas como Saúde e Pedagogia. A escolha pela Biblioteconomia veio após uma pesquisa e pela sua afinidade com bibliotecas desde a escola.
 - *"No finalzinho ali do ensino médio, eu tava muito em dúvida do que cursar, assim."*
 - *"Eu sempre gostei de, eh, das bibliotecas escolares, sempre foi um espaço de refúgio, eu acho que acaba sendo padrão de comportamento da grande maioria que faz Biblio, né, de ter essa coisa afetiva muito forte com a biblioteca, né?"*
- **Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012):** Carla demonstra familiaridade com a política de cotas, influenciada por seus pais que participaram ativamente das discussões e lutas por sua implementação. Ela reconhece a necessidade das cotas para promover a inclusão, especialmente diante das desigualdades raciais observadas no ambiente universitário.
 - *"Ahã, era uma coisa que eu sempre ouvi dentro de casa, até porque meus pais são professores, né? Então, era uma coisa que, como eu já tinha visto a minha irmã, ãhn, entrando na universidade antes, né?"*
 - *"E eu vejo que é, é ainda, ainda tá muito desigual, sabe? Essa porcentagem tá muito desigual e parece assim, até relacionando ao pessoal dos indígenas, né?"*
 - *"Eu ainda acho que é muito necessário. Eu não, dentro do campus que eu tô, dentro da faculdade que eu tô, eu não vejo ainda essa igualdade ou essa equidade racial."*

Virgínia

- **Motivações para optar pelas cotas:**
 - *"Eu acho que eu pensei assim, ó, por ampla concorrência, pode ser que eu não consiga, então eu vou, vou colocar as cotas. Eu lembro que eu coloquei também aquela da pessoa que vem de escola pública. E também a cota racial."*
- **Expectativas em relação ao curso e à universidade:**

- *"Então, o meu processo, ele foi bem turbulento porque não tinha conhecimento de nada."*
- *"Então, um desses, desses cursos de vagas remanescentes era Biblioteconomia, porque quando eu fiz vestibular, eu não fiz para biblio, eu fiz para Educação Física, só que eu não, não, não consegui a nota suficiente, né? Então, só consegui para Biblioteconomia."*
- **Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012):**
 - *"Antes da graduação, eu lembro de só saber assim, que existe uma coisa chamada cotas raciais, mas não cheguei a ter um conhecimento sobre isso."*
 - *"E como eu não sabia absolutamente nada, porque eu não tive, eu não tive ninguém para me ajudar em todo esse processo de entrar na universidade, eu fiz tudo sozinha, fiz tudo sozinha e eu não sabia disso, eu não sabia que tinha uma lista que eu tinha que olhar aquela lista e acompanhar aquilo lá. Então perdi a minha verificação racial..."*

Franciéle

- **Motivações para optar pelas cotas:** Franciéle teve contato com a questão racial desde cedo em sua família e já tinha experiência com sua irmã utilizando o sistema de cotas. Seus pais também participaram ativamente da luta pelas cotas raciais. Ela expressa que não teve dúvidas em utilizar as cotas, demonstrando uma consciência e posicionamento claros sobre a importância dessa política.
 - *"Eu tive contato com esse assunto desde muito cedo, assim, né? Ahn, porque eu tive uma abordagem racializada dentro de casa, né? [...] Então, a gente, a gente sempre teve esse tipo de, de coisa discutida dentro de casa."*
 - *"Não tive muito um questionamento de não, ah, não utilizar, sabe?"*
- **Expectativas em relação ao curso e à universidade:** Franciéle inicialmente tinha dúvidas sobre qual curso escolher, considerando áreas como Saúde e Pedagogia. Sua escolha pela Biblioteconomia foi influenciada por sua afinidade com bibliotecas escolares e por uma ferramenta de orientação vocacional online. Suas expectativas em relação à universidade são moldadas por sua vivência e observação do ambiente acadêmico, onde percebe disparidades sociais e raciais.
 - *"no finalzinho ali do ensino médio, eu tava muito em dúvida do que cursar, assim."*
 - *"eu sempre gostei de, eh, das bibliotecas escolares, sempre foi um espaço de refúgio, eu acho que acaba sendo padrão de comportamento da grande maioria que faz Biblio, né, de ter essa coisa afetiva muito forte com a biblioteca, né?"*
 - *"só vai ter uma noção realmente de como é viver a vida de universitário quando tu entra na universidade, porque vai ter colegas ali que têm todos os acessos possíveis [...] e tu precisa, sei lá, fazer bolsa, precisa fazer estágio para conseguir pagar o, o básico, assim, pagar o transporte para ir para a faculdade, sabe? Esse tipo de coisa que é só, parece que são mundos diferentes, né, coexistindo ali."*

- **Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012):** Franciéle demonstra ter conhecimento sobre a Lei de Cotas e sua importância, ressaltando que, apesar dos desafios e resistências, a política é necessária para promover a inclusão e a equidade racial no ensino superior. Ela também aponta para a existência de fraudes e a necessidade de aprimoramento dos mecanismos de verificação.
 - *"E aí muito se fala de cota só como se fosse só cota racial, mas tem outras cotas, né? Como a cota de, de, e de quem vem da escola pública, né?"*
 - *"eu ainda acho que é muito necessário. Eu não, dentro do campus que eu tô, dentro da faculdade que eu tô, eu não vejo ainda essa igualdade ou essa equidade racial."*

Sueli

- **Motivações para optar pelas cotas:** Sueli relata que, após um período afastada dos estudos, decidiu usar as cotas para aumentar suas chances de ingresso na universidade. Ela menciona que sua nota era suficiente para a ampla concorrência, mas optou pelas cotas para garantir a vaga.
 - *"E aí a minha nota dava para ir para concorrência, mas aí dessa vez eu não quis arriscar e eu coloquei no... para cota para negros."*
- **Expectativas em relação ao curso e à universidade:** Inicialmente, Sueli tinha uma visão idealizada da Biblioteconomia, imaginando que passaria o dia lendo em uma biblioteca antiga. Suas expectativas em relação à universidade não são detalhadas no trecho, mas ela menciona que a escolha do curso foi influenciada por sua paixão pela leitura e pela bibliotecária que conheceu.
 - *"Então, desde... eu sempre fui uma criança muito precoce, né? Então, eu fui aprendendo algumas coisas, eu leio muito, até por isso escolhi Biblioteconomia, eu achava que eu ia ficar numa biblioteca lendo o dia inteiro, tá? Essa era a minha perspectiva de trabalho. Não é isso que eu faço o dia todo [risos], de ler muito e estar numa biblioteca, e uma biblioteca antiga, não é nova, não, tipo Harter, e era isso a minha perspectiva de trabalho, né?"*
- **Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012):** Sueli descreve a entrevista de heteroidentificação como a maior dificuldade no processo de ingresso. Ela expressa nervosismo e insegurança em relação a como se autodeclarar negra, mas relata que o processo foi esclarecido pelos entrevistadores.
 - *"Eu acho que a minha maior dificuldade nesse processo foi a entrevista de heteroidentificação. Eu fiquei muito nervosa, tá? Eh, eu fiquei... não sei... sei lá... eu acho que eu achei que ia ser tipo votação, sabe? E aí eu fiquei: 'Gente, mas o que que eu faço agora? Como é que eu vou dizer que eu sou negra? Como é que eu explico para eles? Como é que eu me entendo?', né? Só que aí tem... tem lá, tipo, eles explicam, né? Antes de você começar a falar, eles falam tipo: 'São fenótipos, tem que falar o que que você tem fenótipo de uma pessoa preta'."*

Andreia

- **Motivações para optar pelas cotas:** Andreia destaca que a cota racial, juntamente com a de escola pública e renda, foi essencial para sua entrada na universidade, considerando sua origem no interior e a inviabilidade de frequentar uma instituição particular.
 - *"É tipo assim, só ter a oportunidade de tentar ingressar pela cota já foi muito para mim, porque eu venho do interior, de uma família pobre mesmo, que eu não teria essa oportunidade de entrar numa universidade particular, por exemplo."*
 - *"Estar numa universidade federal, sendo a primeira da minha família a se formar, então, já é muita coisa"*
- **Expectativas em relação ao curso e à universidade:** A escolha pelo curso de Biblioteconomia foi influenciada por um professor, e a participante buscou conhecer mais sobre a área antes de ingressar.
 - *"Eh, eu escolhi biblioteconomia a partir de um professor que era historiador e bibliotecário, né, no ensino médio também."*
 - *"E aí eu pedi para ele pegar um livro na biblioteca para mim sobre o que era a biblioteconomia, porque eu não queria entrar assim, né, sem sem um conhecimento prévio de onde eu tava indo."*
 - A universidade é vista como um espaço de aprendizado e transformação, que proporciona diferentes formas de pensar e auxilia no desenvolvimento do senso crítico.
 - *"Tipo, eu sempre falo, eu sempre penso, na verdade, muito sobre isso, sobre como a universidade, ela te proporciona pensar diferente, né?"*
 - *"Você tem vários meios de pensar, você aprende a pensar, você aprende a pesquisar, principalmente no nosso curso de Biblioteconomia, até aprendi, eh, fontes de informação que realmente vão te auxiliar no que você quer."*
- **Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012):** O entendimento sobre as cotas raciais se aprofundou durante o ensino médio, especialmente no contexto de discussões políticas.
 - *"Então, é o meu momento mais assim, né, de conhecimento sobre essa causa, sobre a cota racial, né, que foi muito discutida junto com a eleição do Bolsonaro, a primeira eleição do Bolsonaro."*
 - *"No terceiro ano foi que ficou muito mais forte isso, que eu comecei até a defender, a debater sobre isso também, ainda no ensino médio."*
 - Apesar de reconhecer a importância das cotas, a participante relata sentir-se coagida ao falar sobre sua condição de cotista, devido a opiniões contrárias.
 - *"A gente faz o uso dela, que é a nossa, a nossa oportunidade, só que a gente ainda também se sente um pouco, pouco, eh, coagido, eu diria, sobre sobre falar que é cotista mesmo, né?"*
 - *"E aí eu tive que ouvir muito de pessoas que achavam, eh, totalmente errado ter essa essa cota, né?"*

Lívia

- **Motivações para optar pelas cotas:** Lívia relata que a comunidade onde vive sempre a incentivou a buscar as cotas caso não conseguisse ingressar na universidade de outra forma. Ela menciona a dificuldade de acesso à educação de qualidade, devido à escassez de recursos em sua comunidade quilombola, o que a levou a utilizar as cotas como forma de ingresso.
 - *"Bem como eu disse, eu sou do interior de Barreirinha, né? E sempre os, as, a base da nossa comunidade, eles sempre, eh, conversaram sobre isso abertamente, né, pra gente procurar buscar. Se não conseguíssemos passar, que entrássemos pelas cotas."*
 - *"E aí eu queria ampla concorrência, mas eu não consegui, mas eu acredito que se ao longo desses cinco anos eu tentasse pela cota, eu com certeza tinha entrado, mas aí não, aí quando foi esse ano, eu literalmente decidi, não vou, eh, fazer nada, não vou estudar, fiquei rebelde, né? Aí tá, parei, não queria nada com nada, aí quando fui, fiz o Enem, tá, vou meter a cara, fiz o Enem, aí fui tentando, vou tentar, se eu não conseguir passar em Odontologia, vou tentar o que der, aí fui, fui pelas notas, pelas cotas e aí até que eu não consegui, aí eu vim para pra Biblioteconomia, que era a minha segunda opção, aí tá, e consegui passar."*
- **Expectativas em relação ao curso e à universidade:** Inicialmente, o curso de Biblioteconomia surgiu como segunda opção, mas a participante demonstra entusiasmo em seguir a carreira, influenciada pela experiência de sua tia. Há uma expectativa de crescimento pessoal e profissional, buscando se destacar academicamente e futuramente almejando o doutorado.
 - *"Eh, eu amo ler, eu gosto de ler, então e a minha tia também, ela é bibliotecária e aí influenciou um pouco, né? Aí ela fala das, das experiências dela, então rega uma plantinha aqui dentro e aí eu fui, aí eu tá, eu vou me arriscar e ela super me apoiou também, os meus pais e aí eu fiz, graças a Deus consegui entrar."*
 - *"Bem, eu sonho com doutorado, né? Ah, não, eu vou ralar horrores, eu deixei minha família lá no interior, eu quero chegar no doutorado, eu vou chegar no doutorado com orgulho e com honestidade, eu vou chegar lá."*
- **Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012):** Lívia reconhece a importância das cotas como um facilitador para o ingresso de pessoas negras, indígenas e quilombolas na universidade. Ao mesmo tempo, expressa um sentimento inicial de vergonha por ter ingressado por cotas, superado pela consciência de seu próprio esforço e da luta de outros. Há uma crítica à falta de apoio e cuidado institucional com os cotistas, apontando para a necessidade de aprimoramento da política.
 - *"É só para facilitar mesmo. Uhum, pro aluno negro, indígena, quilombola entrar. É como se ele se o sistema tivesse te dando uma mão ali, aham, para te levantar, né? Mas mas vai ter que dar algo em troca uma hora ou outra."*
 - *"E é assim, vou te dizer, eu senti um pouco de vergonha quando eu entrei por cota, claro, né, eu senti um pouco de vergonha, aí*

não, mas depois quer saber, eu entrei porque eu me esforcei também, eu tô aqui, teve gente que veio muito antes de mim que lutou por isso e conseguiu, então eu vou conseguir também."

Petronio

- **Motivações para optar pelas cotas:** Petronio revela que sua compreensão inicial das cotas era focada na questão racial, mas sua vivência o levou a articular raça e classe social.
 - *"Então, a respeito da história das cotas raciais, né, eu achava que, na minha perspectiva, as cotas eram para servir a pessoas negras, pardas, indígenas, mas para mim se tornou uma coisa tão identitária para as pessoas que não têm entendimento de classe e sim só de raça, que eu abordei a questão, unir essas duas questões, né, entre questão de raça e classe."*
- **Expectativas em relação ao curso e à universidade:** Petronio uma visão idealizada da universidade como um espaço para o povo e para o desenvolvimento social.
 - *"Então, tipo assim, eu cheguei na universidade no sonho, né, de todo estudante, né, de estar na universidade...", "eu quando eu entrei na faculdade, eu pensei: 'A ciência é pro povo, né? É para além dos muros, né? É para desenvolver pro povo'."*
- **Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012):** Petronio destaca que sua visão sobre as cotas foi influenciada pelo movimento negro e não apenas por políticas governamentais.
 - *"Então, tipo assim, no ano 2018 de que eu tava estudando febrilmente, né, para a universidade, eu descobri que não foi o governo, eh, mais progressista, né, de 2013 a 2016, que criou as cotas, e sim o movimento negro que cresceu exigindo a, a, a, a cotas raciais, né?"*

Sandra

- **Motivações para optar pelas cotas:** Sandra tinha algum entendimento sobre as cotas devido às aulas de história sobre a escravidão no Brasil e a desigualdade histórica enfrentada pela população negra. Ela usou as cotas mesmo podendo ter passado pela classificação geral, em parte por desconhecimento do sistema do Sisu na época.
 - *"Eu espero que as pessoas continuem adentrando a universidade, as pessoas negras continuem adentrando, utilizando desse desse marco legal, porque é direito, é uma coisa que foi tirada por muitos anos das pessoas pretas, o direito de estudar, o direito de de ter uma vida melhor. "*
 - *"Eu entendia bem pouco, mas eu tinha um professor de história e ele falava muito sobre a questão da escravidão no Brasil e a questão de que o Brasil nunca vai conseguir trazer, nunca vai conseguir, praticamente, eh, pagar, em outras palavras, entre aspas, o que fizeram com a população negra por muitos anos. "*
 - *"Foi meio assim [risos], eu poderia não usar, só que depois eu soube, eu poderia ter usado, mas eu acabei usando sem saber, né? "*

- **Expectativas em relação ao curso e à universidade:** Inicialmente, Sandra queria cursar Arquivologia ou Jornalismo, mas acabou optando por Biblioteconomia. Sua principal motivação para entrar na universidade era sair de sua cidade natal. Ela tinha receio do desemprego na área de Biblioteconomia, mas reconhece as oportunidades que o curso lhe proporcionou.
 - *"Eh, eu entrei, eu queria fazer arquivologia, eu não sei, mas eu tinha a questão da Arquivologia primeiro. "*
 - *"Eu queria ser Jornalista, né? Vamos por aí, eu queria ser jornalista e tal, só que eu não sei por eh, eu não, eu tipo assim, eu venho de uma família que é pedagoga e eu também tinha aquele contraste, ah, eu queria fazer Pedagogia, eu não queria, não queria, não queria. "*
 - *"Eh, e o curso de Biblioteconomia, eu tinha muito medo do desemprego, sempre tive muito medo do desemprego, acho que é uma coisa que assola muito a gente da área de Biblioteconomia. "*
- **Percepções sobre o processo de ingresso e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012):** Sandra acredita que as cotas são um direito da população negra, como forma de reparar a desigualdade histórica. Ela critica a ideia de que usar cotas diminui o mérito do estudante. A participante elogia a nova configuração do SisU, que direciona o candidato para as cotas apenas se necessário.
 - *"Eu espero que as pessoas continuem adentrando a universidade, as pessoas negras continuem adentrando, utilizando desse desse marco legal, porque é direito, é uma coisa que foi tirada por muitos anos das pessoas pretas, o direito de estudar, o direito de de ter uma vida melhor. "*
 - *"E mesmo também com outras pessoas que eram contra, que não são pessoas negras, mas que eram contra a cota, por dizer que eh, tá minimizando a dor que a pessoa é, é menos por usar cotas, mas eu usei a cota mesmo. "*

A análise das entrevistas revela a profunda influência das cotas no acesso às universidades, com a cota racial frequentemente interligada às de escola pública e renda, como essencial para estudantes de origens socioeconômicas desfavorecidas. Para muitos, como Rodrigo, Neusa e Andreia, a cota representou a oportunidade de superar o desempenho aquém do esperado no ENEM, influenciado pelas falhas do ensino público e pela impossibilidade financeira de arcar com instituições privadas.

Nesse sentido, a colocação a esse respeito está em consonância com o que dizem Fonseca (2024), Gomes (2017), Jesus (2024) e Vaz (2022), quando destacam a precariedade do ensino escolar público como um limitante para que as massas possam ter as mesmas condições de ingresso em uma universidade. Esta afirmação quebra um dos discursos da meritocracia sobre o acesso por cotistas em universidades diminuir o prestígio das instituições,

De outro lado, talvez haja interesse em culpar os negros pelo desempenho medíocre apresentado pelo sistema escolar brasileiro desde a década de 1970, quando não interessava aos militares golpistas que a população tivesse uma formação crítica e consciente. Mas isso não pode ser debitado na conta da população negra, posto que ela não estava suficientemente e adequadamente representada nos departamentos, nos laboratórios, no universo do ensino superior (Fonseca, 2024, p.119-120).

A percepção de que as cotas representam uma "menor concorrência" ilustra essa desigualdade na educação pública. O uso das cotas foi um motivador pragmático para alguns, como Rodrigo, que via nessa política uma chance de competir em um sistema onde a trajetória no ensino público o colocava em desvantagem em relação a estudantes de escolas particulares. Essa percepção ecoa a crítica ao ensino público escolar, apontado como falho e desigual, o que reforça a necessidade de ações afirmativas para equilibrar as oportunidades.

Essa exposição também pode ser compreendida no percurso educacional da população negra no Brasil até a abolição (vide Figura 1), em que o Estado Brasileiro sempre, desde a chegada de pessoas africanas, investiu para a não ascensão dessa população. Uma das formas, e digamos que uma das mais bem engendradas, foi a restrição à educação.

A experiência de Francilene, que perdeu a verificação racial por falta de informação, ilustra as barreiras adicionais que alguns cotistas enfrentam no processo de ingresso. As universidades dificultam o acesso com uma falta de comunicação mais acessível para os estudantes; alguns, como no caso dos de origens socioeconômicas desfavorecidas, sequer tinham acesso à internet.

A compreensão inicial das cotas para alguns, participantes, era simplista, focada na questão racial como uma porta de entrada para pessoas negras. No entanto, a vivência universitária proporcionou uma articulação mais profunda entre raça e classe social, como observado na fala de Dagoberto, que ingressou pela cota que considerava ambos os critérios.

A dimensão da reparação histórica é central na visão de muitos entrevistados. Neusa e Isildinha expressam claramente que as cotas são um mecanismo necessário para compensar as desigualdades históricas e a falta de oportunidades enfrentadas pela população negra desde a escravidão. Entretanto, essa é a compreensão mais completa sobre a história das cotas raciais a que os participantes chegaram. Dentre os dezesseis participantes, apenas Petrônio mencionou o movimento negro, as discussões políticas antes da criação da lei e sobre como governos usam a pauta para sua imagem,

levando ao esquecimento toda uma construção de séculos dos movimentos e associações negras.

Isildinha argumenta que, apesar das cotas, o número de pessoas negras na universidade ainda é desproporcional à sua representatividade na sociedade. Em vista disso Vaz (2022, p.42) argumenta que,

Mesmo com a Proclamação da República, a Constituição republicana de 1891 não se preocupou com a expansão do direito à educação, realidade que perdurou por muitas décadas, atingindo sobretudo a população negra recém-liberta já submetida a um pós-abolição marginalizante e excludente de direitos.

Nem todos compartilham a visão das benfeitorias das Cotas raciais sem críticas. Nilma, embora reconheça a importância da lei, aponta falhas no processo de heteroidentificação e questiona se as cotas, por si só, constituem uma reparação histórica completa. A heteroidentificação, processo de validação da autodeclaração racial, foi mencionada por Sueli como a maior dificuldade no ingresso, gerando nervosismo e insegurança.

Talvez a insegurança seja um vestígio da fragmentação da identidade negra devido ao colorismo, “Talvez o termo “pardo” se preste apenas a agregar os que, por terem sua identidade étnica e racial destrocada pelo racismo, pela discriminação e pelo ônus simbólico que a negritude contém socialmente, não sabem mais o que são [...]” (Carneiro, 2011, p. 67).

A necessidade desse processo, embora fundamental para evitar fraudes, levanta questões sobre a sua implementação e o impacto emocional nos candidatos. A experiência de Nilma, que critica a banca de heteroidentificação por, muitas vezes, não ser composta por pessoas pertencentes aos grupos raciais contemplados pelas cotas, sublinha a complexidade e as potenciais injustiças desse processo. Para isso, Jesus (2024) discorre sobre como o processo de heteroidentificação necessita de uma dedicação íntegra e resistente por parte das instituições.

Em suma, as narrativas dos estudantes revelam que as cotas, incluindo a racial, a de escola pública e a de renda, foram cruciais para democratizar o acesso à universidade, proporcionando oportunidades para indivíduos que, de outra forma, seriam excluídos do ensino superior, possibilitando uma mobilidade social empregadas nesta pesquisa por Fonseca (2024) e Souza (2021). A compreensão sobre as cotas evoluiu para muitos, integrando a dimensão racial à socioeconômica.

Embora amplamente reconhecidas como um mecanismo de reparação histórica e de promoção da igualdade, a vivência desses estudantes demonstra que a política de cotas é um tema complexo e multifacetado, com impactos significativos em suas trajetórias e percepções sobre justiça social e igualdade de oportunidades.

A vivência de Andreia, em particular, destaca como a origem geográfica e a condição socioeconômica se somam à questão racial na necessidade das cotas, enquanto a experiência de Lívia traz à tona a importância do apoio comunitário e a necessidade de maior suporte institucional aos estudantes cotistas. A perspectiva de Petronio ressalta a influência do movimento social na gênese das cotas, e a trajetória de Sandra ilustra como o desconhecimento inicial não diminui a legitimidade do uso dessa política como um direito reparatório.

Em conjunto, as experiências reforçam a importância das cotas como um mecanismo crucial para o acesso à universidade, especialmente para aqueles que enfrentam barreiras socioeconômicas e raciais. Suas motivações, expectativas e percepções sobre a Lei de Cotas e o processo de ingresso enriquecem a análise inicial, evidenciando tanto o impacto positivo da política na democratização do ensino superior quanto os desafios e as complexidades que ainda persistem em sua implementação e na percepção da sociedade.

7.2 VIVÊNCIAS ACADÊMICAS

Para analisar as transcrições das entrevistas de História Oral, juntamente com teorias abordadas, a categoria " Vivências Acadêmicas Acesso e Ingresso" desdobra-se em buscar compreender as experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico, a relação com colegas (cotistas e não cotistas), a relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica, a participação em atividades acadêmicas e extracurriculares, o apoio recebido (institucional, familiar, etc.) e os desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais).

Neusa

- **Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico:** Neusa compartilha suas dificuldades de adaptação ao ritmo acadêmico da universidade, sentindo-se em desvantagem em relação aos colegas que tiveram um ensino médio mais completo. Esse sentimento de

inadequação contribuiu para a irregularidade em seu curso, com faltas e reprovações.

- *"ó no papel não deveria me sentir assim mas eu me sinto um pouco principalmente nas aulas quando eu vejo que as outras pessoas tiveram o ensino médio que as outras pessoas tiveram um conhecimento que eu não tenho que elas têm tempo mais tempo para fazer as coisas da faculdade que elas são mais dedicadas então eu sinto muito essa falta em mim sabe."*
- *"E inclusive o motivo de eu estar irregular no curso foi que eu... eu percebi isso essa semana eu tive esse pensamento eu tomei algumas bombas por falta eu não ia nas aulas, porque eu ia no começo do semestre eu ia em todas as aulas, anotava tudo mas quando eu via como a turma reagia e como que eu reagia as coisas eu começava a me sentir acho que não acolhida aí eu pensava na quarta seguinte eu pensava "acho que eu não vou na aula hoje aí depois acho que eu não vou na aula hoje também"..."*
- **Relação com colegas (cotistas e não cotistas):** Neusa não relata problemas significativos em suas interações com colegas, descrevendo o grupo como diverso. No entanto, ela menciona sua timidez e introversão como fatores que limitam seu contato com os outros estudantes.
 - *"...o grupo da minha sala é bem diverso nunca tive nenhum problema nenhum comentário... eh teve um comentário que foi da minha supervisora no meu primeiro estágio que eu fazia em uma em um escritório de advocacia."*
 - *"para mim foi um pouco diferente porque eu não entrei na faculdade sozinha eu tenho uma amiga muito próxima que entrou junto comigo ela também entrou com cotas, então eu não entrei na faculdade sozinha. eu sou uma pessoa muito tímida muito introvertida então eu acho que se eu tivesse entrado sozinha eu teria tido um impacto maior e eu provavelmente não teria feito nenhuma amizade na faculdade..."*
- **Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica:** Neusa aponta a falta de discussão sobre cotas e relações étnico-raciais no ambiente acadêmico, tanto em aulas quanto em outras atividades. Ela também observa a escassez de professores negros, o que pode influenciar a abordagem desses temas.
 - *"Bom, eu acho que pelo menos na minha experiência não teve muitas coisas sobre não ouvi nada sobre sobre cota não ouvi ninguém falando sobre nem nas aulas nem em outras atividades fica mais acho que no sigilo as pessoas que entram por cota não falam sobre as pessoas que não entram também não falam sobre os professores também não falam sobre."*
 - *"não participei isso acho que não é muito falado não tenho muitos professores negros Então acho que entra um pouco nisso né."*
- **Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares:** Neusa não detalha sua participação em atividades extracurriculares, mas menciona sua experiência de estágio em um escritório de advocacia, onde enfrentou comentários racistas sobre seu cabelo.
 - *"eh teve um comentário que foi da minha supervisora no meu primeiro estágio que eu fazia em uma em um escritório de advocacia. Então você já pensa né eram todos todos brancos todos ricos todos internamente racistas isso eu percebia então eu já tive*

vários comentários sobre as minhas tranças porque eu uso muitas tranças e a a minha chefe se referia a elas como dreads..."

- **Apoio recebido (institucional, familiar, etc.):** Neusa menciona o apoio de sua amiga que ingressou na universidade junto com ela, o que amenizou o impacto da entrada no ambiente acadêmico. Em contrapartida, ela relata ter ouvido opiniões contrárias às cotas por parte de sua família.
 - *"para mim foi um pouco diferente porque eu não entrei na faculdade sozinha eu tenho uma amiga muito próxima que entrou junto comigo ela também entrou com cotas, então eu não entrei na faculdade sozinha."*
 - *"o pessoal da minha família falava que cota não devia existir que era um absurdo e que negros e brancos tem a mesma capacidade logo, não deveria ter nenhum tipo de tratamento especial."*
- **Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais):** Neusa enfrenta desafios acadêmicos relacionados à sua preparação prévia, além de dificuldades emocionais ligadas à insegurança e ao sentimento de inadequação. Ela também aponta para a questão financeira como um fator que a impediria de estudar em uma universidade particular.
 - *"Eu me acho muito insuficiente eu vejo que todo mundo faz mais todo mundo corre atrás mais, e eu acho que isso me afeta bastante."*
 - *"Eu não acreditei que eu tinha capacidade de estudar em alguma faculdade particular por questão de dinheiro porque é muito muito caro então eu pensei vou entrar na UFMG..."*

Nilma

- **Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico:** Nilma teve uma experiência acadêmica prévia no ensino médio técnico, o que facilitou sua adaptação à faculdade. Ela demonstra ser aplicada e ter uma visão crítica sobre o ambiente acadêmico.
 - *"Eu sempre fui muito aplicada. Fiz o médio técnico, né? Então, eu já estava correria toda toda, e era um técnico que ele era mais amplo para pessoas adultas mesmo." "Então, foi uma experiência muito, como eu posso dizer, ela já abrange muito o que seria a faculdade para mim, porque eu tive contato com várias pessoas de várias idades, vários lugares, vários propósitos. Então, foi muito acadêmico também, porque os professores eram professores de faculdade também, de universidade. Então, quando eu entrei na faculdade, não foi muito um susto..."*
- **Relação com colegas (cotistas e não cotistas):** Nilma menciona que, por conciliar trabalho e estudo, não teve muita socialização com os colegas. Ela e uma amiga cotista mantinham uma relação mais próxima.
 - *"eu nunca precisei tipo falar porque eu nunca tive muito contato com os outros colegas com os demais colegas porque eu entrei na faculdade trabalhando então eu nunca tive aquela parte da socialização sabe e como eu entrei com a [amiga que também é cotista] também a gente sempre foi nós duas e pronto acabou e então assim eu nunca tive necessidade de falar..."*

- **Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica:** Nilma relata um desentendimento com um professor que considera machista, misógino e racista, mas também destaca uma professora de Museologia que trouxe discussões relevantes sobre questões étnico-raciais.
 - *"Tive um desprazer com um professor que ele é um professor que todo mundo tem sempre um desprazer com ele, porque ele é machista, misógino, racista, contra cotas, contra tudo e ele é o bonzão e etc, pronto acabou." "Teve uma professora que era substituta maravilhosa que ela deu duas matérias para mim no primeiro semestre de 2024, que ela era na verdade, ela era de museu, ela a formação dela era Museologia, não era nem de Bíblia, era museologia, ela tava dando aula pra gente e assim, ela levou a gente nos museus, mas ela eh trouxe, foi até umas exposições de povos originários que a gente foi e ela trouxe bastante pra gente sobre isso, sabe?"*
- **Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares:** Nilma menciona que, devido à rotina de trabalho, não participou ativamente de projetos e atividades extracurriculares na universidade, especialmente aqueles ligados a questões raciais, que ela percebe ocorrerem mais frequentemente no prédio da FAFICH do que no seu próprio curso (Biblioteconomia).
 - *"Na verdade não, isso talvez possa ser um caso meu, porque desde 2022 quando eu entrei na faculdade, até o meados de 2023, eu trabalhava [em uma franquía de farmácia], mas eh era realmente quem sabe como é que é a rede de farmácia e supermercado, é assim, eu nunca tive muito tempo além de aula, trabalho e casa, sabe?"*
- **Apoio recebido (institucional, familiar, etc.):** Nilma destaca o apoio familiar, especialmente de sua mãe e avó, que a criaram em um ambiente mais "libertador" em relação à identidade racial.
 - *"Então, assim, eu já cresci num ambiente mais libertador para uma pessoa preta, sabe?"*
- **Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais):** Nilma enfrenta desafios comuns a muitos estudantes, como conciliar trabalho e estudo. Ela também relata dificuldades no mercado de trabalho, onde percebeu discriminação racial em processos seletivos de estágio.
 - *"eu nunca tive muito tempo além de aula, trabalho e casa, sabe?" "mas o que eu mais senti, o que é mais triste foi a diferença em questão de estágio, já perdi muito estágio, muita oportunidade de estágio para pessoas da minha turma, que a única explicação era o famoso, eh, como que eles falam, tem um termo em inglês que eles usam muito hoje em dia, é o, nossa eu não me lembro, é tipo um match, quando você não dá match com os valores e os princípios, você não tem aquela... você e a empresa não são compatíveis entendeu?"*

Rodrigo

- **Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico:** Rodrigo demonstra engajamento com os estudos, buscando absorver o máximo

de conhecimento. Ele menciona a participação em um laboratório de pesquisa, onde se interessa por história da África, contrastando com a falta de autores negros no currículo de Biblioteconomia.

- *"Eu me sinto na responsabilidade de absorver o máximo de conhecimento possível que eu consiga dentro da universidade para justamente pegar esse conhecimento e levar pras pessoas, sabe? Pras pessoas iguais a mim, né?"*
- *"Então, quando eu saio da, da, da aula e vou pro laboratório, é uma outra realidade, entende?"*
- **Relação com colegas (cotistas e não cotistas):** Rodrigo não relata problemas significativos com colegas em relação à sua condição de cotista. No entanto, em sala de aula, ele e outro colega cotista se mostram mais ativos nas discussões sobre relações étnico-raciais, enquanto os demais colegas permanecem mais passivos.
 - *"Na verdade, nunca foi um assunto que meus colegas, eh, eh, perguntaram para mim, acho que ninguém nunca me perguntou por como que eu entrei na universidade, mas também não é um assunto que eu teria vergonha de dizer ou de falar, sabe?"*
 - *"Então para mim não foi, sabe? [além dessa disciplina, outros professores trouxeram a temática para dentro da sala de aula ?] Não só, só mesmo tipo tinha num, ai, esqueci o nome da matéria, foi na segunda fase, na segunda fase a gente teve, ah, esqueci o nome da matéria, mas tinha um texto na que a gente tinha que fazer um trabalho final e a gente tinha falar, ia, ia falar um pouco sobre, sobre alguns artigos e tinha um artigo da, de uma professora, né, que que eu mencionei, que era, que era sobre representação de pessoas negras, né, em, em tesouros e, e eu peguei esse texto para esmiuçar ele na, na minha, na minha apresentação, mas foi basicamente isso, relações raciais e essa e esse artigo que eu fiz e, e também tinha, tinha uma matéria que era Biblioteconomia e Ciência da Informação que a gente não foi na segunda fase, na segunda fase a gente falou sobre, sobre políticas públicas, esqueci o nome da matéria e vira e virava e mexia eu e meu colega a gente puxava ações afirmativas, a gente puxava essa temática para discussão, a gente sempre tava puxando, sempre tava puxando, mas fora relações raciais, a gente não tinha nada que que englobasse esse assunto"*
- **Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica:** Rodrigo destaca o apoio de alguns professores do departamento de Biblioteconomia, que o auxiliaram em questões burocráticas. Por outro lado, ele critica a postura da assistente social, que inicialmente negou seu auxílio emergencial, caracterizando o episódio como racismo. Ele também aponta a falta de professores negros no curso.
 - *"Então a minha entrada na universidade já foi esse baque, me mostrando que não seria fácil, eh, estar na universidade, porque os mecanismos da UDESC como universidade, enfim, ela é bem elitista, né?"*
 - *"Olha, no departamento de Bioeconomia, eh, eu digo que eu estou na universidade porque alguns professores, eles articularam muito para que as coisas, eh, eh, ã, para que meu benefício saísse, para que as coisas acontecessem, né? Alguns professores, eles, eles, eles são bem, bem parceiros nesse, nesse quesito."*

- *"A gente teve a matéria de Relações étnico raciais na primeira fase e foi dada para uma professora que é branca...A gente é, detalhe, na Biblioteconomia, a gente não tem professores, professores, eh, eh, pretos."*
- **Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares:** Rodrigo menciona sua participação em um laboratório de pesquisa.
 - *"Porque assim, a, a gente da Gestão da Informação e no meu curso, a gente não fala sobre, a gente não tem escritores, eh, eh, pretos, escritores pretos, escritores, a gente não tem. Então, quando eu saio da, da, da aula e vou pro laboratório, é uma outra realidade, entende?"*
- **Apoio recebido (institucional, familiar, etc.):** Rodrigo recebeu apoio de alguns professores do departamento. Ele menciona que, antes de entrar na universidade, não havia discussões sobre cotas raciais em sua casa, devido ao baixo nível de escolaridade de seus pais.
 - *"Os meus pais foram até... Meu pai foi até a sexta série, minha mãe até a terceira série, então não havia esses assuntos."*
- **Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais):** Rodrigo enfrentou dificuldades financeiras, necessitando conciliar estudos com trabalho. Ele também relata um episódio de racismo na universidade e expressa a sensação de que a universidade não é feita para pessoas como ele.
 - *"Então, assim, a, a, a UDESC, ela não, ela... não, ela não acolhe a gente, ela, ela expulsa a gente, ela acolhe as pessoas que estão, que eu vou dizer, que, que não se parecem com a gente, né? Pessoas brancas, pessoas, né, enfim, pessoas que são, como poderia dizer, são a favor da moral e da família, acho que, acho que é isso."*

Aparecida

- **Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico:** Aparecida demonstra engajamento nos estudos, buscando aprofundar seu conhecimento sobre temas raciais e sua relação com a Biblioteconomia.
 - *"é assim, participando de eventos, aí surge aquela curiosidade, aí da curiosidade vem um texto, assim, a pesquisa e vem um texto, aí isso vai despertando, vai ajudando na reflexão, tal, a respeito do tema..."*
- **Relação com colegas (cotistas e não cotistas):** O relato não detalha profundamente a relação com colegas, mas menciona a observação de privilégios diferentes entre os estudantes do IFMA, o que reforçou a importância das cotas em sua trajetória.
 - *"por exemplo, quando eu tava no IFMA, eu vi as pessoas que, eh, estudavam comigo, como eram pessoas que tinham, eh, tinham, assim, privilégio, eu vou dizer, privilégios totalmente diferentes do meu."*
- **Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica:** Aparecida destaca o acolhimento da universidade, mencionando a presença de professores negros como um fator importante.

- *"Da universidade em si, graças a Deus, foi o acolhimento aí e o acolhimento, eh, verbal, mas também assim, vendo o contexto assim, professores pretos, eh, assim, um local de acolhimento..."*
- *"Ah, sim, eu acho que uns sete. Uhum. Sete."*
- **Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares:** Aparecida menciona sua participação em eventos que despertaram seu interesse pela questão racial e sua relação com a Biblioteconomia, além de sua atuação em pesquisa com bolsa de iniciação científica.
 - *"É assim, participando de eventos, aí surge aquela curiosidade, aí da curiosidade vem um texto, assim, a pesquisa e vem um texto, aí isso vai despertando, vai ajudando na reflexão, tal, a respeito do tema..."*
 - *"Então, por... no meu caso em específico, quando eu entrei, eh, dois anos depois eu consegui também por cota uma bolsa de iniciação científica, ação afirmativa."*
- **Apoio recebido (institucional, familiar, etc.):** O relato destaca o apoio institucional proporcionado pelas cotas e pelas ações afirmativas, que permitiram o ingresso e a permanência de Aparecida na universidade.
 - *"Então, a cota, ela contribuiu muito para isso, para me levar a lugares que talvez, se não fosse por ela, eu não poderia estar hoje onde eu tô, por exemplo, em pesquisa numa universidade pública."*
 - *"Então, eh, se não fosse por ela, eu passei dois anos, eh, sem nenhum tipo de sustento assim, sem nenhum tipo de, de emprego, estágio, nada. Então, eh, foi graças à ação afirmativa, graças a essa bolsa que eu consegui me manter no decorrer do curso..."*
- **Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais):** Aparecida aponta a questão socioeconômica como um fator que dificulta o acesso e a permanência de estudantes negros na universidade, mencionando a desigualdade de condições em relação a estudantes com mais recursos.
 - *"Eu acho que, além da cor, a questão socioeconômica, que para as pessoas pretas, a gente sabe que é uma realidade, as condições socioeconômicas serem, eh, inferiores, então, em alguns casos, então olhar, por exemplo, uma pessoa que tem uma condição de pagar um cursinho muito mais caro, uma pessoa que consegue ter acesso às informações que muitas vezes as pessoas periféricas não conseguem ter, isso acaba desmotivando..."*
 - *A falta de assistência financeira após o ingresso na universidade é apontada como uma dificuldade, mostrando que as cotas, por si só, não garantem a permanência dos estudantes.*
 - *"Então, ao entrar na universidade, a pessoa, ela tem, eh, esse, digamos que esse benefício, mas depois que entrou, aí é outra realidade, mas, eh, continua... eh, acaba que não tem outra assistência."*

Dagoberto

- **Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico:** Dagoberto sente que precisa "fazer valer a pena" a oportunidade que recebeu como cotista, reconhecendo que muitas outras pessoas precisam dessa mesma oportunidade.

- *"O que eu já senti a respeito de ser um estudante cotista é que eu tinha que fazer valer a pena a oportunidade que eu recebi, porque não sou só eu, né, que tô precisando disso, tem muitas outras pessoas precisando".*
- **Relação com colegas (cotistas e não cotistas):** Dagoberto relata ter ouvido reclamações sobre as cotas dentro da universidade, de pessoas que se sentiram "roubadas" por cotistas e que não conseguiram ingressar em cursos mais concorridos como Medicina, Direito ou Engenharia.
 - *"Foi dentro da Universidade, pessoas dizendo que queriam ter feito cursos um pouco mais eh, como é que eu vou dizer, mais populares, mais populares no sentido de popularidade mesmo, não de feitos para o povo, né? De pessoas dizendo que queriam ter feito o curso como medicina ou então direito ou então engenharia, aquele tripé que nós adoramos detestar, né? E diziam que não tinham conseguido fazer porque foram roubadas por cotistas, né?".*
 - *Ele critica a postura dessas pessoas, que demonstram falta de comprometimento e maturidade, e não reconhecem que seu insucesso pode ser resultado de sua própria falta de capacidade.*
 - *"E quando você observa o comportamento dessas pessoas no dia a dia, elas também demonstram essa falta de comprometimento, falta de maturidade e não conseguem reconhecer que elas não estão onde acham que deveriam estar porque, de fato, elas não foram capazes, não foi porque o cotista roubou a vaga delas..."*
- **Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica:** Dagoberto observa que os professores da universidade demonstram preocupação com as questões étnico-raciais e as trazem para as aulas e discussões.
 - *"Olha, para falar, por exemplo, da conduta dos professores, eles fazem questão de deixar claro de que existem problemas a respeito disso e trazem pra pra aula, pras discussões, a importância dessa desse olhar assim mais atento ao tipo de coisa que acontece em relação a pessoas pretas, em relação até a pessoas trans também, que é outro tema que é bastante importante que é deixado de lado eh sob o disfarce de um exagero, né?".*
 - *No entanto, ele aponta que esses temas não estão tão presentes na grade curricular do curso de Biblioteconomia, que ele descreve como "Biblioteconomia neutra".*
 - *"Mas nas disciplinas têm aparecido alguns alguns textos sim, envolvendo debate étnico racial e eu confesso que no currículo mínimo ali, no corrente que a gente aprende, não tá ali na grade, não aparece tanto. Aparece mais o que eu o que eu chamaria de Biblioteconomia neutra, que apesar da gente saber que a Biblioteconomia tem um olhar sensível para cada tipo de usuário, para cada tipo..."*
- **Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares:** Possui bolsa de iniciação científica que tem ajudado na permanência no curso.
- **Apoio recebido (institucional, familiar, etc.):** Dagoberto menciona o incentivo de sua tia, que o motivou a tentar o ENEM novamente e ingressar na universidade.
 - *"Até que o, o por incentivo da minha tia, que é professora aposentada atualmente, eu tentei o ENEM novamente e ela disse:*

'Ah, você tenta isenção, se você conseguir isenção, você faz a prova, não custa nada'. Aí ela me incentivou, fui, fiz a prova, consegui média suficiente...".

- **Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais):** Dagoberto enfrentou dificuldades financeiras que o impediram de concluir uma graduação anterior em Tecnologia em uma universidade particular.
 - *"Olha, antes de fazer esse curso de Biblioteconomia, eu tentei uma graduação em tecnólogo por uma universidade particular, pela [nome da universidade particular], só que eu não consegui ir até o fim dessa graduação por motivos de dinheiro, era o que me faltava na época".*
 - *Ele também teve problemas com o trabalho, que não permitia que ele frequentasse as aulas.*
 - *"Eu até consegui o meu primeiro emprego de carteira assinada, só que a jornada de trabalho não me permitia frequentar as aulas. Eu trabalhava para [uma grande franquia de lojas] e dispensei apresentações sobre o estilo de trabalho que tem lá, né?".*

Isildinha

- **Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico:** Isildinha se descreve como curiosa e dedicada aos estudos, buscando sempre ir além do que é ensinado em sala de aula. Ela valoriza a leitura e a pesquisa como formas de aprendizado e transformação.
 - *"A partir do momento que eu entro em Biblioteconomia, que eu começo a estudar de fato, que eu começo a fazer pesquisas, porque eu sempre fui uma pessoa muito curiosa e o que era dado em sala de aula nunca era suficiente para mim, então eu sempre ia pesquisar mais, ia ler mais e a partir disso, eh, eu começo a entender a importância da Biblioteconomia para a sociedade, né? [...] Bom, eu sou uma pessoa completamente apaixonada pelo curso que eu faço e eu quero transbordar esse amor para outras pessoas também. Eh, quero lutar pela Biblioteconomia. Eh, eu sou uma pessoa ativamente política que vai lutar por tudo que eu puder lutar."*
- **Relação com colegas (cotistas e não cotistas):** Isildinha demonstra ter uma postura de diálogo e debate, buscando informar e conscientizar seus colegas sobre a importância das cotas e questões raciais. Ela relata situações em que precisou explicar a colegas brancos sobre seus privilégios e a realidade da desigualdade racial.
 - *"Eu sou uma pessoa muito assim do debate, sabe, do diálogo, e sempre eu tento de alguma forma passar informação para as pessoas, porque eu sei que existe, historicamente tá explicado porque que as pessoas têm essa falta de conhecimento. Eu acho que faz umas duas semanas que tinha um aluno aqui dentro do Centro Acadêmico que ele tava falando que achava desnecessário essa questão de uso do, de cotas, que todo mundo era igual e tal. Aí eu disse: 'Querido, se todo mundo fosse igual, essa universidade ia ter mais de 50% de pessoas pretas, porque mais de 50% de pessoas pretas no Brasil existem.' E aí eu tive que fazer todo um*

diálogo, explicar, eh, pedir para ele ler sobre a lei e tudo mais para ele entender, porque no lugar de pessoa branca, ele não conseguiria entender isso, interpretar a importância das cotas. Então a gente teve esse diálogo, ele fez: 'Nossa, eh, desculpa e tal.' Disse: 'É, é, você tem que se informar, você tem que se informar, porque se isso não lhe afeta, então você não tem lugar de fala.' [...] recentemente, né, que tô em final de curso, não tô fazendo concurso e aí teve uma situação, né, que eu tenho uma colega de estágio que ela é de Arquivologia e aí, eh, teve, teve uma situação que a gente tava falando sobre pessoas pretas e eu fiquei muito feliz com a coisa que aconteceu quando saiu o resultado de Arquivologia das vagas que tinham para Arquivologia na Justiça Federal, oito pessoas que passaram eram pessoas pretas, elas tiveram as maiores notas no concurso e eu achei isso de uma coisa incrível, eu fiquei feliz, eu fiquei tão feliz vendo isso e essa menina, ela é uma mulher branca e aí ela simplesmente ela ficou indignada porque ela ia, né, porque tipo, ela na cabeça dela, ela perdeu uma vaga porque tinha vota pra pessoa preta, só que assim, independente da cota, essas essas pessoas elas tiveram as maiores notas, independente da vaga de costas. Então, o número de pessoas pretas entrando poderia ser muito, entrando serão muito maior porque além de ter as os 2% obrigatório ainda tem essas pessoas que passaram com a maior as maiores notas e aí ela ficou assim porque ela foi desclassificada, ela teve uma nota boa mas ela não conseguiu passar e aí tava lá a lista de que das pessoas que foram para que vão ser botado lá, né, que tem aquela questão da, tem as vagas e tem a vaga reserva dessas 20 pessoas 15 vão ser pessoas pretas que vão estar nessa vaga e eu disse, cara, eu achei muito eu achei muito foda eu tava comemorando super feliz e ela toda assim calada e meio que com medo eu acho de falar alguma coisa que ela fosse se arrepender depois, mas eu percebi na atitude dela, no comportamento dela que ela não gostou disso e ela ela soltou um tipo: 'ha não sei para que isso de cota', só que ela se arrependeu e pediu desculpa pelo que ela falou e aí eu falei eu disse 'Minha filha você tem que valorizar as cotas minha querida você é uma mulher privilegiada pelo amor de Deus.' E ela dizendo 'Ô mulher não sei o quê...' não você tem que aprender isso cara você tem que entender isso ó pessoas pretas estão tendo as notas máximas foram as pessoas que tiveram as melhores notas entenda isso independente de você conseguir ou não é um elas conseguiram por mérito delas elas estudaram para isso entendeu' e aí eh eu fiquei super feliz eu disse que parecia que era eu que tinha entrado que tinha conseguido, eh, e eu fiquei muito feliz com isso. E aí, tipo, eh, veja esse exemplo, né? Tipo, a pessoa, muitas vezes, a gente ainda tem esse papel de educar, né? A gente tem que educar as pessoas com relação a isso, que às vezes é um pouco cansativo. Uma pessoa que está dentro da universidade, já estudando, o mínimo que ela tem que fazer é se formar, mas a gente ainda tem que educar essas pessoas da importância das cotas e das pessoas pretas estarem dentro da universidade, porque são essas pessoas que, com isso, vão fazer pesquisa, vão ser exemplo, vão ser exemplo de luta, de causa e tudo mais para

as outras pessoas que ainda estão sonhando entrar na universidade,"

- **Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica:** Isildinha aponta para a existência de racismo velado e estrutural no ambiente acadêmico, manifestado em falas e atitudes de alguns professores. Ela relata dificuldades em fazer críticas ao curso, sendo sua postura interpretada como agressiva e ameaçadora, o que gera um clima de tensão e vigilância por parte de alguns docentes.

- *"Eh, recentemente eu tô passando por situações bem assim complexas no curso por causa disso que eu, né, eh, se uma pessoa fala é uma coisa normal, se outra pessoa fala não, se outra pessoa fala uma coisa normal, se eu falo eu sou agressiva, eu sou, eu ataco, a minha forma de falar ela, ela amedronta, eu vim percebendo muito isso. [...] E aí tipo, críticas que eu faço mesmo, e aí eu, né, acontece essas situações, dizer que ah, tome cuidado com ela, ela é ameaçadora, ela é agressiva, eu só publiquei isso e estão dizendo que eu sou, eu tenho um discurso agressivo, e aí a partir disso você começa a interpretar o que isso significa, por que que a outra pessoa branca falou a mesma coisa que eu falei e ninguém dá a mínima, mas porque eu falei eu sou agressiva, eu sou perigosa'. E aí, tô passando por essa questão assim de estar visada pelos professores por causa disso. Eles dizem que eu sou perigosa, que eu sou agressiva, que a minha fala é agressiva. [...] Eh, dentro da, da aqui no meu centro, no curso, desde que eu entrei, nunca teve um debate falando sobre cotas raciais ou falando sobre Biblioteconomia negra, por exemplo. Eh, isso é um déficit muito gritante que tem aqui no nosso curso, essa, isso é um, eu acho muito preocupante isso, porque aqui a maior preocupação deles é só dar as aulas deles, enfim, eles não querem esses tipos de debates porque para eles é desnecessário. [...] Tipo, já teve uma situação com uma aluna que ela me relatou, ela é uma pessoa preta e ela disse que uma vez a bolsa da professora caiu, ela foi apanhar a bolsa da professora para entregar para ela e a professora limpou a bolsa porque ela tinha tocado na bolsa e isso foi o que ela me relatou, ela se sentiu muito constrangida com isso. E aí tem essas, esses racismos velados dentro do curso, a não, às vezes por falas indiretas ou por atitudes mesmo, mas aqui é muito preocupante o que acontece ultimamente no curso de Biblioteconomia, porque assim, eu não vou justificar porque para mim não existe justificativa pro racismo, mas eles se valem muito da questão de idade, porque dizem que é um tempo diferente, que acha desnecessário. O outro relato que aconteceu há um ano e meio atrás, teve um concurso para professor substituto e aí só era uma vaga, mas botaram no edital porque diz na lei, né, que terá uma vaga de cotas depois de a partir de três vagas, né? E aí, eh, esse, esse professor que se inscreveu, ele se inscreveu como uma pessoa preta e aí ele não passou, ele não atingiu a nota mínima. E aí foi questionada a cor da pele dele, teve uma reunião departamental para questionar isso, a comissão na época que fez o concurso ficou dizendo que devia acabar com isso, tem que acabar com isso de cota, que eu acho desnecessário, falas de professores e inclusive era a pessoa que tava como comissão que*

achava desnecessário e aí ele entrou com a causa na justiça. Pronto, pode recontar aí que é quatro professores que declaram pretos que eu me tinha lembrado disso recentemente. Eh, ele entrou na justiça com processo e aí ele conseguiu a vaga, aí hoje ele tá ministrando aula, mas isso é só algumas coisas que acontecem aqui, esses tipos de questionamento quando tem concurso que acha desnecessário ter essa questão de cota preta, que não tem para que ter isso e tudo mais."

- **Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares:** Isildinha é ativa politicamente, tendo participado do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e ocupado cargos de liderança no Centro Acadêmico de Biblioteconomia. Ela demonstra engajamento em lutas por direitos e acredita na importância da atuação política para a transformação social.
 - *"Dentro do curso eu decidi assumir o centro acadêmico há um ano, em 2023, e aí eu tinha coisas que eu não concordava, eu sempre fui o tipo de pessoa e eu fui, dialogava muito com os alunos do curso, porque o centro acadêmico aqui tava fechado há mais de 4 anos, ninguém tava atuando, e aí eu queria saber o que tava acontecendo, fui atrás da gestão antiga para poder pedir uma eleição, porque já fazia mais de dois anos que eles estavam ocupando o centro acadêmico, e aí eu comecei a fazer um movimento, eu comecei a conversar com aluno de aluno em aluno para tentar convocar uma assembleia geral, eu falava da importância do centro acadêmico, eu falava com os professores [...] Então, eu sou uma pessoa muito ativa politicamente, então a minha perspectiva não é nada além disso ...Eu acho que eu me defino assim."*
- **Apoio recebido (institucional, familiar, etc.):** Isildinha menciona o apoio familiar como fundamental em sua trajetória acadêmica.
 - *"(...) a minha família sempre me apoiou muito, sabe? Minha mãe é uma pessoa que, assim, ela sempre me apoiou em tudo que eu fiz, nunca me negou nada, nunca me deixou faltar nada, então eu sou muito grata a ela por isso."*
- **Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais):** Isildinha enfrenta desafios relacionados ao racismo no ambiente acadêmico, tanto em relação a falas e atitudes de professores quanto na falta de debates sobre questões raciais no curso. Ela também menciona dificuldades financeiras, que a levaram a buscar um estágio e uma bolsa de estudos.
 - *"(...) recentemente eu tô passando por situações bem assim complexas no curso por causa disso que eu, né, eh, se uma pessoa fala é uma coisa normal, se outra pessoa fala não, se outra pessoa fala uma coisa normal, se eu falo eu sou agressiva, eu sou, eu ataco, a minha forma de falar ela, ela amedronta, eu vim percebendo muito isso. [...] E aí tipo, críticas que eu faço mesmo, e aí eu, né, acontece essas situações, dizer que ah, tome cuidado com ela, ela é ameaçadora, ela é agressiva, eu só publiquei isso e estão dizendo que eu sou, eu tenho um discurso agressivo, e aí a partir disso você começa a interpretar o que isso significa, por que que a outra pessoa branca falou a mesma coisa que eu falei e ninguém dá a mínima, mas porque eu falei eu sou agressiva, eu*

sou perigosa'. E aí, tô passando por essa questão assim de estar visada pelos professores por causa disso. Eles dizem que eu sou perigosa, que eu sou agressiva, que a minha fala é agressiva. [...] Eh, dentro da, da aqui no meu centro, no curso, desde que eu entrei, nunca teve um debate falando sobre cotas raciais ou falando sobre Biblioteconomia negra, por exemplo. Eh, isso é um déficit muito gritante que tem aqui no nosso curso, essa, isso é um, eu acho muito preocupante isso, porque aqui a maior preocupação deles é só dar as aulas deles, enfim, eles não querem esses tipos de debates porque para eles é desnecessário. [...] Eu trabalho, eu faço estágio, eu tenho bolsa, então assim, eu faço de tudo, eu me viro nos 30 para poder conseguir as coisas."

Cida

- **Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico:** Cida menciona que as disciplinas de Ciências Humanas (História, Geografia, Língua Portuguesa) foram mais marcantes em sua formação, enquanto Matemática e Física ficaram "apagadas". Ela também relata um episódio negativo com uma professora, que a repreendeu por não ter lido um texto.
- **Relação com colegas (cotistas e não cotistas):** Cida sente que, dentro do curso de Biblioteconomia, há um bom acolhimento e observa a presença de um número considerável de pessoas negras.
- **Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica:** Cida descreve relações positivas com alguns professores, que buscam entender seu lado, mas também relata experiências negativas com outros, como a situação com a professora que a repreendeu. Ela destaca o apoio de seu orientador.
- **Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares:** O relato não detalha a participação em atividades extracurriculares. Há menção ao Centro Acadêmico, que Cida considera "abandonado".
- **Apoio recebido (institucional, familiar, etc.):** Cida menciona o apoio do pai ao levá-la para a universidade, apesar de suas ressalvas iniciais sobre as cotas. Em contrapartida, ela aponta a falta de apoio institucional efetivo para além do ingresso, como na obtenção de auxílio estudantil e moradia.
- **Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais):** Cida enfrentou desafios financeiros para se manter na universidade, como dificuldades com transporte, aluguel e alimentação. Ela também cogitou trancar a matrícula devido a essas dificuldades.
 - *"Dificuldade para arrumar estágio para poder manter as passagens e até um aluguel perto da universidade, às vezes dinheiro pro bandejão, apesar do bandejão ser barato demais, mas falta, às vezes não tem. Pobre sofre com dinheiro assim. E é, foi basicamente a dificuldade de locomoção financeira para se manter."*

Francilene

- **Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico:**

- *"Tô gostando do curso, tô gostando sim, apesar de muitas questões, muitas situações, né? Eu acho que se eu, se eu não gostasse tanto, eu já teria trocado."*
- **Relação com colegas (cotistas e não cotistas):**
 - *"E aí eu optei por falar sobre racismo. E como tinha um, um outro colega negro na, na sala que quis falar sobre isso também, a, a gente optou por falar sobre a nossa vivência enquanto pessoas negras, né, na universidade e aí falamos da questão das cotas sociais."*
- **Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica:**
 - *"E eu lembro que depois da aula, no final, a professora me, me falou que eu tinha que ter cuidado com o jeito que eu falo as coisas, porque ela acha muito importante eu ser assim, ela acha muito importante que o meu corpo se porte dessa maneira, mas eu não posso falar dessa forma porque não são todas as pessoas que entendem o que eu digo, sabe? Então ela me podou de certa forma."*
 - *"Eh, ela diz para eu mandar as pessoas à merda, mas eu não... eu ainda não tenho... ainda não tenho essa coragem, ainda não consigo... ainda não consigo fazer isso com os racistas, apesar deles serem péssimos comigo."*
- **Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares:**
 - *"Foi na cadeira de psicologia social e foi um seminário em que foi em dupla e aí a gente tinha que falar sobre alguma questão que a professora, que a professora colocou assim, uma lista. Então tinha a questão de racismo, tinha história da loucura, eh, questões de gênero, várias coisas. E aí eu optei por falar sobre racismo."*
- **Apoio recebido (institucional, familiar, etc.):**
 - *"Eu já tinha feito meus pais se sacrificarem muito."*
 - *"Eh, apesar de ter a professora [nome da professora], que é uma pessoa que me inspira muito, é uma pessoa que me faz querer ficar, uma pessoa que me dá muita força também."*
- **Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais):**
 - *"Eu não sei se talvez a sensação de que eu não tenho... eu não tenho tempo a perder, eu não tenho o privilégio [...] . Eu já estava ali no... no segundo semestre, ainda que no início, eu não tinha coragem de trocar porque eu já tinha passado por muita coisa até ali, eu já tinha gastado muito dinheiro com passagem, eh, eu já tinha gastado muito dinheiro com... com lanche, eu já tinha feito meus pais se sacrificarem muito."*
 - *"E eu acho que depois, quando eu entro, eu percebo também que eu continuo sozinha, sabe? [voz embargada] Mas ainda assim, alguma coisa me faz ficar, alguma coisa me faz ficar."*

Carla

- **Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico:** Carla concilia trabalho e estudo, valorizando a experiência prática em sua área. Ela demonstra apreço pela Ciência da Informação, mas critica a falta de

preparo da educação básica para o ambiente acadêmico, especialmente em relação a recursos e conhecimentos específicos da área.

- *"Olha, eu gosto bastante, eu, né, durante o curso eu tive que trabalhar para conseguir, mas viver, né? E eu, grande parte do tempo, eu consegui estágio na área, né?"*
- *"a prática me deu mais gosto pela, pelo cursar, né? E a prática assim, eu, eu aprendi muito mais na prática muitas coisas assim da rotina de um bibliotecário, ãhn, do que na própria sala de aula, assim."*
- *"eu tenho um apreço muito grande assim pela a Ciência da Informação, né, que é uma coisa que tá ligada direto ali, que é uma coisa que eu fui descobrir que eu não tinha noção nenhuma, a, a, a escola não, não nos dá nenhum preparo, nenhum nada em relação, principalmente escola pública assim, eh, eu não tive, ah, muitas das escolas que, que eu estudei, a biblioteca ficava fechada, trancada, quando abria, ãhn, era assim, era um espaço para você ficar, passar tempo, mas não tinha assim essa questão de, ãhn, de te mostrarem, né, a, a biblioteca [...] catalogação, eu nunca tinha ouvido falar dentro do período da escola, assim."*
- **Relação com colegas (cotistas e não cotistas):** Carla percebe uma consciência e respeito em relação às questões raciais por parte de seus colegas brancos, especialmente influenciados pelo contato com outros cursos da área da comunicação. Ela também observa a união entre os estudantes em momentos de protesto contra o racismo.
 - *"eu vi vários colegas brancos, eh, se posicionarem de forma, ãhn, muito consciente e muito respeitosa em relação às questões raciais."*
 - *"E teve um protesto e o, nosso curso de Biblio e de outros ali da ciência da informação ficaram em peso, teve manifestação no nosso campus e todo, todos os cursos ali, os alunos, eles foram, ãhn, apoiaram bastante e se mostraram muito, ãhn, solícitos em relação a esse ato que ela sofreu, né?"*
- **Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica:** A relação com os professores é marcada por contrastes. Ela destaca a importância de professoras negras que trouxeram suas vivências e perspectivas para o debate racial em sala de aula, mas também aponta para a resistência de alguns professores em abordar essas questões e a falta de apoio institucional em casos de racismo.
 - *"eu sinto que a presença dessas professoras também, ah, vindo de outro estado, eh, elas também são, acho que são cotistas, né? Eh, meio que abalou ali a estrutura do curso, porque era um curso maior de maioria branca, ainda continua de professores brancos."*
 - *"E eu observei que alguns professores não tinham liberado para a manifestação, assim, então, ah, esse não liberar eu também, ah, acho... acho meio suspeito assim em relação à abordagem dos próprios professores, porque é uma temática muito pertinente e que pra gente que é racializado, a gente sabe que isso mexe com todas as estruturas da vida, né?"*
- **Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares:** Carla menciona sua participação em um projeto que auxilia estudantes do ensino médio a ingressar na universidade e sua presença em

manifestações contra o racismo, demonstrando engajamento tanto em atividades acadêmicas quanto em ações de cunho social e político.

- *"eu tive uma bolsa no Por Dentro da UFRGS, que é, que é vinculado ao DS, que ele tá rela... portanto da UFRGS, ele é um projeto que a gente aborda muito a questão, ah, de cotas, né?"*
- *"Eu participei, ah, dessa manifestação como anônima também, né?"*
- **Apoio recebido (institucional, familiar, etc.):** Carla sente apoio por parte de seus colegas estudantes, que se mostram solidários em situações de racismo. O apoio familiar também é mencionado como importante em sua trajetória acadêmica.
 - *"eu sinto que como um grupo de estudantes, eu me sinto acolhida, sabe? Eu sinto que caso eu passe por algo, eu tenho outros referenciais de pares meus que vão se compadecer de alguma forma, sabe?"*
- **Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais):** Carla enfrenta desafios comuns a muitos estudantes cotistas, como a necessidade de conciliar trabalho e estudo, as dificuldades financeiras e o sentimento de desigualdade social no ambiente acadêmico. Ela também vivencia o racismo, tanto de forma direta quanto indireta, o que gera sofrimento e afeta sua trajetória.
 - *"Ahã, só vai ter uma noção realmente de como é viver a vida de universitário quando tu entra na universidade, porque vai ter colegas ali que têm todos os acessos possíveis [...] e tu precisa, sei lá, fazer bolsa, precisa fazer estágio para conseguir pagar o, o básico, assim, pagar o transporte para ir para a faculdade, sabe? Esse tipo de coisa que é só, parece que são mundos diferentes, né, coexistindo ali."*
 - *"E aí eles estavam conversando e eu vi o sofrimento do menino negro, né? [...] E aí ele tava falando que tava meio, tava difícil fazer Medicina, tava muito complicado e tal. E aí o outro cara, que era o cara branco, e é muito bizarro porque eu vi isso na minha frente, né? O cara branco tava falando, ah, que já tinha feito História, mas tinha largado porque tinha tido a pressão dos pais para fazer Medicina, mas que talvez, talvez fosse desistir e tal. E aí falou para ele, ah, mas se tu tá tão estressado, se tu tá tão cansado, se tu quer realmente fazer o outro curso que era de humanas, eu não lembro qual, e se tu, se tu quer, por que que tu não larga? É só vestibular, vai, vai acontecer ali. E aí eu vi tipo, ele, o outro menino, né, o menino negro, parou um minuto, acho que para respirar, e aí ele falou, não é que a minha família bota muita expectativa nisso, sabe? E para minha família, realmente eu tá cursando Medicina é um, uma grande coisa assim, é muito exaustivo, tá sendo demais, mas eu não posso, tipo, não é uma opção, eu queria desistir desse curso, mas para mim não vai dar."*

Franciéle

- **Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico:** Virgínia menciona que, inicialmente, se sentiu insegura em relação à sua inteligência comparada à dos colegas, mas que descobriu suas próprias

habilidades e conhecimentos, o que a fez se sentir mais pertencente ao ambiente acadêmico.

- *"Mas quando eu entrei, eu me senti um pouco insuficiente, eu me sentia, eh, como se as pessoas fossem extremamente inteligentes e eu fosse uma pessoa muito burra. E aí eu ficava, tentava ali superar, estudava muito, eu estudava muito, muito, muito mesmo, porque eu achava que eu ia estar menos do que as pessoas, né? Descobri depois que não, todo mundo nem sempre a pessoa é extremamente inteligente, né?"*
- **Relação com colegas (cotistas e não cotistas):** Virgínia descreve a existência de grupos na universidade, com uma certa segregação entre alunos de diferentes classes sociais. Ela menciona que seus amigos são principalmente pessoas negras, mas que convive com colegas brancos da turma.
 - *"E realmente não tem essa essa conexão, muito difícil você ter um amigo de classe social extremamente diferente, tá? A gente tem, por exemplo, eu tenho amigos que são classe média, que é bem diferente da minha classe, e aí o aí eu tenho amigos de classe média que aí você fala, não, ele é de classe média, né, tem um poder de compra um pouco maior do que o seu, mas os ricos eles não se misturam com a gente, não. A gente tem a bolha deles, eles sabem quem são, se se eu acho que é, tem algum cheiro diferente, alguma coisa, sabem quem é muito pobre, quem não tá dentro da da do nível dele."*
- **Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica:** Virgínia relata experiências mistas. Menciona o apoio de algumas professoras e a oportunidade de apresentar trabalhos sobre questões raciais, mas também descreve um episódio de racismo por parte de uma professora e a falta de ações efetivas da universidade em casos de racismo.
 - *"E aí tem uma galera que realmente eles querem ser superiores, eles realmente querem que a gente volte a ser escravo, eles, eles, as pessoas falam: 'Ah, vocês querem privilégio', né? Mas não, eles não querem ser seres humanos igual a eles, eles querem que a gente volte realmente a escravos, já aconteceu comigo trabalhando, tá? Um senhor, eu trabalhava geralmente no caixa de idoso porque eu sou muito calma e aí me botava no caixa de idoso sempre. E aí o caixa de idoso é mais lento porque são idosos que estão passando as compras e aí ele chegou no meu caixa, ele falou assim, e ele primeiro ele falou disfarçadamente, falou: 'E vocês sempre trabalham devagar', parei olhei mas continuei, aí tudo bem, continuei passando as coisas, aí falou assim: 'Dá para você passar mais rápido' aí eu falei assim 'Não, porque tem que ler o código de barra e tal', ele falou assim: 'Vocês só trabalham bem no chicote'."*
- **Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares:** Virgínia se envolve em apresentações e discussões sobre questões raciais e indígenas em sala de aula, demonstrando um papel ativo na promoção do debate sobre esses temas.
 - *"Então, dentro da Universidade, do meu curso, eu já fiz algumas coisas, né? Como uma das negras do curso, eu já fui, já fiz várias apresentações dentro dessa matéria, né, de racial, e eu faço muitas apresentações relacionadas, tipo assim, construção da*

língua, né? E também sobre a pauta indígena, é porque a gente não tem estudante indígena, então ficou para mim essa parte também [risos]. E aí, dentro dessa, de língua portuguesa também, nós falamos sobre, né, autores indígenas, autores negros e nessa matéria racial a gente também fala. Então, dentro do curso, eu falo sobre isso em algumas aulas porque a professora sempre me chama para fazer esse tipo de apresentação porque eu tenho uma didática melhor, tá?"

- **Apoio recebido (institucional, familiar, etc.):** Virgínia menciona o apoio da mãe durante a entrevista de heteroidentificação e a existência de benefícios para cotistas na universidade, mas não detalha outras formas de apoio.
 - *"E a minha mãe foi comigo, então ela ficou assim: 'Qualquer coisa me chama aqui, aqui' [risos]. E ela assim: 'Tem como negar que você... que você é preta também, tal'."*
- **Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais):** Virgínia relata desafios como o racismo vivenciado dentro e fora da universidade, o sentimento de inadequação inicial, a dificuldade de conciliar trabalho e estudo, e a necessidade de se "esconder" para evitar hostilidades.
 - *"Então assim, a universidade ela põe para dentro, se você quiser você fica, né? Você leva, por exemplo, eu levo na esportiva [fez o sinal de aspas com as mãos] algumas as coisas que acontecem, né? E aí assim eh se você não levar na esportiva você não consegue se enturmar, né? Porque você vai você vai sentir essa angústia toda vez chegar na universidade. Eu não, por exemplo, né, como eu já tinha dito antes, eu não fico nas áreas de convivência da faculdade, não vou, se eu tiver com fome, eu compro meu saudável e vou para dentro da sala, eu vou no Bandeirão e vou para dentro da sala, não fico nas áreas de convivência para não calhar de eu ser a odiada da vez, e aí meio que a gente acha o nosso lugar, né, de de se esconder ali dentro de ninguém achar e torcer para que ninguém veja a gente fazendo algum tipo de discurso e quer dar um soco na nossa cara."*

Virgínia

- **Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico:** Franciéle valoriza a oportunidade de aprender a pensar e pesquisar na universidade, o que contribuiu para sua transformação pessoal e intelectual.
 - *"Então, eh, eu não sei se foi o curso, eu não sei se foi a universidade, eu não sei se foi a junção dos dois que me ajudaram bastante nisso de ver o mundo de outra forma, de procurar entender, eh, as coisas de outra forma também, né?"*
- **Relação com colegas (cotistas e não cotistas):** Franciéle menciona ter ouvido opiniões contrárias às cotas de colegas de trabalho na universidade, o que gerou desconforto.
 - *"Até dentro do meu trabalho mesmo, que também fica na na universidade."*
 - *"E aí eu tive que ouvir muito de pessoas que achavam, eh, totalmente errado ter essa essa cota, né?"*

- **Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica:** Franciéle aponta a existência de professores que buscam trabalhar a temática racial em seus trabalhos acadêmicos, mas também observa uma timidez geral do departamento em discutir essas questões.
 - *"Então, eu acredito que alguns [referindo-se aos professores] sim, eu conheço alguns que são que buscam trabalhar essa temática junto de trabalhos acadêmicos, né, no TCC, e recentemente teve alguns trabalhos sobre Biblioteconomia negra no departamento."*
 - *"Mas ainda é algo bem recente, a maioria dos professores, eu diria que não se atentam muito a essas questões, não trabalham muito questões, são mais voltados para tecnologia, sabe?"*
- **Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares:** Franciéle relata ter participado de palestras e discussões na universidade, buscando aprofundar seu conhecimento sobre temas relevantes.
 - *"E após a universidade, eh, quando eu entrei na universidade, eu participei de algumas discussões também, né?"*
 - *"Tipo, fui ouvinte de palestras e tudo que achava interessante, e a universidade, ela dá muitas possibilidades para você conhecer melhor, né, esses debates."*
- **Apoio recebido (institucional, familiar, etc.):** A universidade é reconhecida como um espaço que proporciona aprendizado e novas perspectivas.
 - *"Então, eh, eu não sei se foi o curso, eu não sei se foi a universidade, eu não sei se foi a junção dos dois que me ajudaram bastante nisso de ver o mundo de outra forma, de procurar entender, eh, as coisas de outra forma também, né?"*
 - Franciéle se emociona ao refletir sobre sua trajetória e o apoio da universidade, considerando que é a primeira de sua família a se formar.
 - *"E aí, me emocionei [voz embargada]. Tipo, eu sempre falo, eu sempre penso, na verdade, muito sobre isso, sobre como a universidade, ela te proporciona pensar diferente, né?"*
- **Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais):**
 - Franciéle enfrentou dificuldades financeiras para se manter na universidade, ressaltando a importância de um apoio mais efetivo aos cotistas.
 - *"Então eu acho que ainda é muito pouco, ela fornece muito pouco, eh, poderia dar uma ampliada maior porque tem essa questão, né, que foi trabalhada no evento da que a professora estava, que é sobre a permanência das pessoas que que entram, às vezes não conseguem se manter"*
 - Franciéle também relata ter se sentido atingida por comentários contrários às cotas, questionando se estaria tirando a oportunidade de outra pessoa.
 - *"E isso trazia outras questões. Eu sabia da minha realidade como pessoa negra, né, como pessoa preta aqui no interior de Sergipe, e eh, tinha todo esse arco político que tinha acontecido."*
 - *"Então, quando eu ouvia de um servidor que ele era contra as cotas porque isso tirava a oportunidade de outra pessoa que estudou mais que eu, indiretamente, né, já que eu tava sendo atingida"*

também, eh, isso não não me dava vergonha de usar, mas tipo assim, às vezes eu ficava me questionando: 'Será que realmente eu tirei a oportunidade de alguém sobre isso, né?'"

Sueli

- **Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico:** Sueli se descreve como esforçada e determinada a se destacar academicamente, buscando compreender as matérias e apresentar bons trabalhos.
 - *"Quando eu falo que eu vou me destacar é porque talvez eu não seja a garota estudiosa estudiosa, mas a garota esforçada, a que quer e a que vai se esforçar para estudar, para compreender as matérias e com certeza para eh apresentar bons trabalhos, claro, né, sobre de dúvida e é isso e é isso mesmo."*
- **Relação com colegas (cotistas e não cotistas):** Sueli relata situações de constrangimento diante de olhares e comentários de colegas sobre sua forma de ingresso, percebidos como pouco sinceros. Apesar disso, está construindo amizades e se integrando socialmente com um grupo de colegas.
 - *"Bem, quando a gente fala que a gente entrou pelas cotas, muita gente olha com aquele olhar meio que, né, é meio assim, ah, tu não conseguiu passar direto, né, ficou ali, aí então é um pouco constrangedor, né, os olhares, mas a gente ainda não teve aula de ética sobre racismo, eh, racial, essas coisas, nada."*
- **Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica:** Sueli menciona a existência de apenas um professor negro no curso, o que a faz sentir-se ainda mais em evidência. Busca se envolver nas discussões em sala de aula, expressando suas opiniões.
 - *"Bem, ainda não conheci todos os professores, mas só tem um negro. Uhum, só um. Até o momento só vi um negro. Sou eu, sou eu negra só. Somos em 28 alunos, e só eu negra. Então é por isso que eu tô falando, os olhares se fuzilam. Eu me senti um pouco assim mal, né, pelo simples fato de cair tipo numa sala de aula só com pessoas claras."*
- **Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares:** Sueli demonstra interesse em se envolver nas atividades do curso, buscando se destacar. Há menção a planos de viagem e momentos de diversão com colegas, indicando participação em atividades sociais.
 - *"Então eu tô lá e eu tento me destacar em tudo que eles falam, eu me envolvo, os professores pedem uma opinião, não, eu vou lá e falo, comento o que eu, que eu sei, pelo menos o que eu entendo e vou lá."*
- **Apoio recebido (institucional, familiar, etc.):** Sueli recebe apoio familiar, especialmente de sua tia, que a incentiva e compartilha suas experiências na área de Biblioteconomia. O apoio familiar é fundamental para que ela possa se dedicar aos estudos.
 - *"Aí ela fala das, das experiências dela, então rega uma plantinha aqui dentro e aí eu fui, aí eu tá, eu vou me arriscar e ela super me apoiou também, os meus pais e aí eu fiz, graças a Deus consegui entrar."*
 - *"Bem, a minha irmã ela já é formada, então ela, primeira filha, primeira neta, primeira bisneta ali que tem uma graduação e eu*

espero ser a segunda, com certeza espero ser a segunda e me destacar. E assim a gente traz um pouquinho de orgulho de tá ali, de entrar ali, conseguir, eh, ver a tua família lá do interior feliz porque tu tá conseguindo aos poucos e é um gostinho muito delicioso de tô conseguindo."

- **Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais):** Sueli enfrenta o desafio de se sentir deslocada e acuada em um ambiente acadêmico predominantemente branco, onde percebe olhares e comentários preconceituosos. Há dificuldades financeiras, uma vez que ela depende do apoio dos pais para se manter na universidade. A falta de discussão sobre questões étnico-raciais no curso é apontada como uma lacuna.
 - *"E aí na, no dia de apresentação de onde vocês vieram, quem vocês são, o que vocês queriam estar fazendo e aí eu falei que eu vinha de Barreirinha, do interior e aí os olhares foram bombardeadores em cima de mim ainda mais, entendeu? Povo do interior. Então é um pouco assim, tu se sente meio acuada, né? Mas tu tá lá, eu me senti assim, mas eu tô lá enfiando a cara."*

Andreia

- **Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico:** Andreia sempre foi uma aluna exemplar, desde o ensino fundamental até o médio. Ela participou de projetos sociais e trabalhos voluntários na área educacional.
 - *"Eu nunca perdi um ano, sou uma aluna exemplar."*
 - *"Sempre participei de projetos sociais que eu acho importantes e vagas. Já fiz trabalhos voluntários também, tudo na área educacional."*
- **Relação com colegas (cotistas e não cotistas):** Andreia não menciona diretamente a relação com colegas cotistas ou não cotistas.
- **Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica:** Andreia não menciona diretamente sua relação com professores ou outros membros da comunidade acadêmica.
- **Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares:** Andreia participou de projetos sociais e trabalhos voluntários na área educacional.
 - *"Sempre participei de projetos sociais que eu acho importantes e vagas. Já fiz trabalhos voluntários também, tudo na área educacional."*
- **Apoio recebido (institucional, familiar, etc.):** Andreia não menciona diretamente o apoio recebido.
- **Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais):** Andreia enfrentou dificuldades para conciliar trabalho e estudo, o que afetou seu desempenho acadêmico. Ela também relata dificuldades com os horários das aulas, que muitas vezes não são compatíveis com o horário de trabalho dos alunos.
 - *"Aí vem a outra dificuldade: tu entra na universidade, mas o professor, ele bota as aulas, uma aula de 50 minutos, entre 10 da manhã e 11 da manhã. E pra gente que estuda, não tem condições, né?"*

Lívia

- **Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico:** Lívia gosta do curso, mas aponta que há áreas que lhe interessam mais do que outras. Ela demonstra paixão pelo curso e não se incomoda com o deslocamento diário para a universidade.
 - *"Eu gosto muito do curso, óbvio que a gente não vai gostar 100% do curso, que nada é 100%, tem umas áreas que eu gosto muito mais que outras, tem pesquisas que eu gosto de fazer mais que outras, mas no geral eu gosto muito, é minha paixão..."*
- **Relação com colegas (cotistas e não cotistas):** Lívia sente falta de encontrar mais colegas negros no curso, o que a faz se sentir como uma "raridade". Ela percebe que há uma predominância de pessoas brancas no curso de Biblioteconomia da UFF.
 - *"Mas dentro da Universidade me sinto uma raridade, assim resumidamente. Porque quando eu sento numa sala de aula do meu curso mesmo, eh, às vezes tem eu e uma colega, ou eu e uma pessoa que eu não conheço, mas é muito pingado."*
- **Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica:** Lívia menciona que, apesar da abertura para discutir questões raciais, as conversas ocorrem mais entre alunos do que entre alunos e professores. Ela destaca o apoio de um professora branca, que a incentivou a valorizar sua presença na universidade.
 - *"Tem uma disciplina que a gente faz, que é Aspectos Legais, que a gente lê algumas leis e nessa disciplina a gente conversa muito sobre a questão racial também, os direitos, deveres. Eh, a gente conversa muito lá sobre, acaba conversando sobre cotas também, por conta da lei, né?"*
- **Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares:** Lívia demonstra interesse em instrução à pesquisa, algo que faz na faculdade e até nos corredores da UFF.
- **Apoio recebido (institucional, familiar, etc.):** Lívia menciona o apoio do marido e da mãe, que a ajudam com os cuidados da filha, permitindo que ela se dedique aos estudos.
- **Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais):** Lívia relata o desafio de conciliar os estudos com a maternidade. Ela também aponta a dificuldade enfrentada por muitos estudantes negros e pardos para se manter na universidade devido à necessidade de trabalhar para ajudar a família.
 - *"Eu, por exemplo, eu não sei se eu sustentaria ficar, ficar na faculdade, estudar efetivamente, se eu tivesse que trabalhar e estudar, por exemplo, como eu vejo muitas colegas minhas que fazem, trabalham e estudam, eh, fica pesado, às vezes tu não consegue pegar matéria e acaba saindo da faculdade nos primeiros quatro períodos, tu nem entrou direito na faculdade, mas tranca, sai, alguma coisa por conta desse negócio de trabalhar e estudar."*

Petronio

- **Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico:** Petronio relata experiências negativas com a qualidade do ensino em disciplinas

relacionadas a questões étnico-raciais e dificuldades em se envolver em pesquisas no seu departamento.

- *"Quando eu entrei no curso, também tem uma cadeira chamada, eh, étnico-raciais, Informações étnico-raciais, que era dado por uma professora parda, né? Assim eu posso classificar, não sei, né? E ela ministrava mal, assim eu posso dizer, porque não tinha realmente monte da gente beber realmente, né, sobre informação negra, né?", "Eu nunca, para você ter uma ideia, foi a, o assédio moral foi tão grande que eu nunca fiz pesquisa no meu departamento e eu nunca fui monitor de nenhuma disciplina do meu departamento, para você ver o quão o assédio moral chegou, né?"*
- **Relação com colegas (cotistas e não cotistas):** Petronio aponta para a existência de um elitismo na universidade, com colegas de famílias influentes que demonstram desconexão com a realidade da maioria dos estudantes.
 - *"E aí eu enxerguei na minha sala mesmo, tinha, eh, cinco filhas de prefeito, né? Uma era sobrinha de um senador da República aqui, e duas eram, eh, sobrinhas de dois governadores de outros estados. E aí, sendo que para elas era uma praticidade tão grande, dizia: 'Você pegar ônibus?'"*
- **Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica:** Petronio descreve tanto experiências de acolhimento em outros departamentos (História e Serviço Social) quanto casos de racismo e assédio moral por parte de professores e funcionários.
 - *"Mas assim, para te falar, o único departamento que me acolheu, minha pesquisa, né, minha, eh, todas as, foi o departamento de História e de Serviço Social, né, que me abraçou assim de uma forma que disse que assim me senti muito abraçado, porque disse: 'Você é muito bem-vindo', né?", "Já vi, já ouvi até de estudantes racismo, né?", "Então, tipo assim, todos os dias tinha racismo, casos de racismo, eh, assédio moral, eh, em vários aspectos, inclusive até eu sofri assédio moral."*
- **Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares:** Petronio é ativo no movimento estudantil e em uma frente negra, o que, segundo ele, gera exclusão por parte de alguns dentro do departamento.
 - *"Eu já era dos movimentos, eu já era do movimento estudantil desde a época do, quando eu era de ensino médio, né?", "as pessoas se excluíram de mim porque eu fazia, faço movimento estudantil, e eu acho que isso, né, para pessoas militantes dentro da, principalmente do movimento negro, são excluídas..."*
- **Apoio recebido (institucional, familiar, etc.):** Petronio menciona o apoio inicial dos pais com o transporte, mas também a necessidade de se tornar independente financeiramente.
 - *"Meu pai, no início, meu pai e minha mãe, no início, me ajudou muito assim na passagem de ônibus, mas chegou o tempo de eu faltar a aula, de ir a pé à faculdade, porque a faculdade era uns 5 km da minha casa, né?"*
- **Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais):** Petronio enfrentou dificuldades financeiras, assédio moral, racismo e exclusão, o que levou colegas a desistirem do curso.

- *"Então, cheguei aí a pé, voltar a pé, e, e quando abriu o edital, me inscrevi, botei vários documentos, foi um processo muito assim, né, grande para ser aprovado e para pessoal, enfim, um monte de coisa que aconteceu e fora o assédio moral que eu sofri, né, que sofro dentro do meu departamento, que as pessoas se excluíram de mim porque eu fazia, faço movimento estudantil...", "Eu já vi amigas minhas desistir do curso..."*

Sandra

- **Experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico:** Sandra é grata ao curso de Biblioteconomia pelas oportunidades de pesquisa e desenvolvimento acadêmico. Ela se sente bem preparada para a área de pesquisa, inclusive se considerando "a mãe da ABNT, entre aspas" devido ao conhecimento adquirido.
 - *"Eu sou muito grata a todos os professores, né? A todos os professores que a que me ajudaram a chegar onde eu cheguei através da pesquisa, hoje como um pouco da pesquisadora que eu sou por causa do curso de Biblioteconomia. "*
- **Relação com colegas (cotistas e não cotistas):** Sandra percebe diversidade racial em seu curso, mas nota a falta de representatividade em outros cursos, como Direito.
 - *"Eh, no meu curso eu acredito que tem bastante pessoas negras, eh, um curso bem diversificado e só que assim, em alguns outros cursos da universidade, principalmente no curso de Direito, eh, eu já tive situações assim de de ver um aluno preto na sala de direito, eu vi assim o pessoal tudo passando assim, apenas menino eh, negro negro dentro da sala de de um curso de direito e aí eu fiquei pensando até falei pro meu amigo, né, falei assim, eh, como o curso de Direito, né, principalmente um curso considerado de elite, eh, ainda não abarca muitas pessoas eh, pretas e aí eu senti assim uma uma grande diferença assim, uma coisa assim bem... "*
- **Relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica:** Sandra destaca o engajamento de muitos professores do curso de Biblioteconomia com a temática racial, promovendo discussões e ações sobre bibliodiversidade e literatura étnico-racial. Ela menciona a existência de poucos professores negros no departamento.
 - *"Eh, no curso Biblioteconomia da UFMA, as discussões estão emergentes, no caso, porque tem muitos professores da temática, muitos professores estão se interessando pela temática. "*
 - *"Ixe, deixa eu, deixa eu ver, ah, para eu lembrar, eu tô lembrando só de dois até agora e são mais de dez professores no departamento [nesse momento Sandra acessa o sit para confirmar quantos professores negros tem no curso de Biblioteconomia] Eu acho que são três. "*
- **Participação em atividades acadêmicas e extracurriculares:** Sandra participou do PET e de projetos de pesquisa, o que contribuiu para sua formação acadêmica. Ela também esteve envolvida na escrita de um artigo sobre a lei 10.639 e a literatura africana e afro-brasileira.
 - *"Eu fui do PET, eu fui de projeto de pesquisa, eu escrevi trabalhos, eu fui para outras cidades por conta do curso de Biblioteconomia."*

- **Apoio recebido (institucional, familiar, etc.):** Sandra menciona o apoio de sua mãe e de uma pessoa da família que trabalha na área de Biblioteconomia, o que a incentivou a permanecer no curso.
 - *"A minha mãe também foi grande apoiadora de eu continuar no curso porque eu ia trocar de área e aí eu acabei ficando no curso, mas a pretensão mesmo foi porque eu que tinha que passar em alguma coisa e eu tinha que de qualquer jeito sair da bolha que eu tava, enfim. "*
- **Desafios e dificuldades enfrentadas (acadêmicas, financeiras, sociais, emocionais):** Sandra aponta que a cota é apenas uma porta de entrada para a universidade, mas não garante a permanência do estudante, que muitas vezes enfrenta dificuldades financeiras. Ela relata o caso de uma amiga que teve dificuldades para se manter no curso por falta de recursos. Sandra critica o valor das bolsas oferecidas pela universidade, que não são suficientes para cobrir os custos de vida dos estudantes.
 - *"A cota ela é só uma porta de entrada. "*
 - *"A ela as pessoas falam assim: 'Ah, ela é cotista, tudo certo', mas normalmente esses cotistas como eu que sai de uma cidade pequena, sai de uma cidade que não tem estrutura, tem uma estrutura boa, às vezes a gente sai, eu saí com uma família estruturada, uma família estruturada, minha mãe estruturada, mas tem pessoas que são tipo da minha cor que sai totalmente desestruturado, família totalmente desestruturada, não tem condições de se manter. "*

A presente categoria revela que alguns estudantes cotistas enfrentam sentimento de insegurança e inadequação no ambiente acadêmico. Neusa, por exemplo, compartilha suas dificuldades de adaptação ao ritmo da universidade, sentindo-se em desvantagem em relação aos colegas com melhor preparação prévia. Esse sentimento de inadequação contribui para a irregularidade em seu curso, com faltas e reprovações. Dagoberto, por sua vez, expressa a pressão de "fazer valer a pena" a oportunidade recebida através das cotas, reconhecendo que muitos outros também necessitam dessa chance. Essa insegurança pode ser intensificada pela percepção de que precisam provar constantemente seu mérito e capacidade de ocupar o espaço universitário.

Essa discussão é empregada na seção 4, "Vivências e percepções: quem é o negro no ensino superior?". Os autores supracitados na seção discutem afincamente sobre como a psique do negro está em constante estado de alerta. Nesse sentido, Souza (2021) e Baptista (2021) discorrem sobre a alta cobrança do negro consigo mesmo, sendo ele o que deve ser sempre o melhor, o mais estudioso, o mais esforçado, e que, a qualquer falha, o seu pré-julgamento o

atravessa para uma colocação de subjugamento de inferioridade ou entendimento de incapacidade, ou seja, aquele que não pode nunca errar.

Essa ferida narcísica e os modos de lidar com ela constituem a psicopatologia do negro brasileiro em ascensão social, e tem como dado nuclear uma relação de tensão contínua entre superego, ego atual e ideal do ego. Em nível clínico, essa relação de tensão toma o feitiço de sentimento de culpa, inferioridade, defesa fóbica e depressão, afetos e atitudes que definem a identidade do negro brasileiro em ascensão social como uma estrutura de desconhecimento/reconhecimento (Souza, 2021, p.116).

Quanto ao corpo docente, vários participantes da pesquisa apontam para a escassez de professores negros em seus cursos, o que também está em discussão na seção 4, pois é na falta da identificação de pares que não nos reconhecemos como pertencentes para determinados lugares.

Sobre a discussão quanto a cotas e relações étnico-raciais no ambiente acadêmico Neusa observa a falta delas e associa essa lacuna à ausência de professores negros. Rodrigo também critica a falta de autores negros no currículo de Biblioteconomia e a ausência de professores negros em seu curso. Aparecida, em contrapartida, destaca o acolhimento da universidade e menciona a presença de professores negros como um fator importante para esse acolhimento. Essa escassez pode impactar a representatividade, a abordagem de temas relevantes para a população negra e o senso de pertencimento dos estudantes negros na universidade.

As narrativas revelam que a transição para o ambiente acadêmico pode ser particularmente desafiadora para estudantes cotistas. Revelando sentimentos de inadequação em relação à sua preparação prévia. Em suma, os relatos para a categoria “Vivências Acadêmicas” oferecem um panorama rico e complexo das experiências de estudantes cotistas na universidade. Ele revela tanto os benefícios das ações afirmativas quanto os desafios que ainda precisam ser superados para garantir uma experiência acadêmica mais justa e inclusiva para todos.

7.3 IDENTIDADE E RELAÇÕES RACIAIS

Para analisar as transcrições das entrevistas de História Oral, juntamente com teorias abordadas, a categoria " Identidade e relações raciais" desdobra-se em buscar compreender as percepções sobre raça, racismo e identidade negra, as experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou

indiretas), as estratégias de enfrentamento do racismo, o impacto da identidade racial na vivência acadêmica e a percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área.

Neusa

- **Percepções sobre raça, racismo e identidade negra:** Neusa se identifica como parda, explicando que se sente entre as identidades negra e branca devido à ascendência mista. Ela demonstra consciência sobre a questão racial desde a infância, recordando uma conversa com sua mãe sobre a diferença de cor entre elas.
 - *"Bom eu não costumo dizer que eu sou uma mulher negra Geralmente eu falo parda mas é negra né. É porque eu tenho o pai negro e a mãe branca e eu acho que os meus traços em específico Eu sinto que eu não sou negra suficiente nem Branca suficiente então eu me sinto ali no Limbo sabe não sou nem um nem outro por isso eu costumo declarar parda Mas eu também me considero uma pessoa negra porque eu não sou branca Então eu acho que um pouco assim a minha declaração."*
 - *"essa é uma pergunta muito engraçada porque não é uma coisa que eu lembro mas é uma coisa que a minha mãe e o meu pai me contaram quando eu era bem criança não sei exatamente quantos anos eu tinha e eu perguntei pra minha mãe, "mãe por que você é rosa e eu sou marrom?"*
- **Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas):** Neusa não relata episódios explícitos de racismo dentro da universidade, mas vivenciou comentários racistas em seu estágio. Ela também menciona a presença de pessoas brancas se candidatando às cotas, o que a fez questionar a autodeclaração racial.
 - *"eh teve um comentário que foi da minha supervisora no meu primeiro estágio que eu fazia em uma em um escritório de advocacia. Então você já pensa né eram todos todos brancos todos ricos todos internamente racistas isso eu percebia então eu já tive vários comentários sobre as minhas tranças porque eu uso muitas tranças e a a minha chefe se referia a elas como dreads..."*
 - *"Eu tive até quando eu fiz eu tive até um pouco de medo de não não passar na heteroidentificação porquê eu fiquei muito ansiosa fiquei com muito medo foi a minha primeira vez indo na UFMG eh eu fui sozinha no dia então fiquei com bastante medo mas ocorreu tudo bem eles deram uma palestra explicando mais ou menos ali o que que era era a heteroidentificação e que eles analisam os traços fenótipos completos da pessoa em si eles não vão olhar foto do seu pai foto da sua avó e quando eu olhei ao redor na sala tinha pessoas que eu considero brancas na sala para fazer a heteroidendificação para cotas então não sei se essas pessoas passaram ou se elas não passaram depois eu não vi elas mais na faculdade mas eu fiquei me perguntando "Será que essa pessoa se considera uma pessoa negra" sendo que eu considero ela branca ela claramente uma pessoa branca aí eu fiquei eu reparei isso achei até um pouquinho engraçado tinha muitas mesmo."*
- **Estratégias de enfrentamento do racismo:** Neusa demonstra uma postura de enfrentamento ao racismo, mesmo que tardio. Ela se

arrepende de não ter corrigido sua supervisora em relação ao termo correto para suas tranças e expressa o desejo de ter educado a colega sobre a diferença entre tranças e dreads.

- *"...eu nunca tive coragem de falar com ela que eram trans eu hoje eu me arrependo eu acho que se eu voltasse atrás eu falaria não não chama drads iso se chama trança eu mostrava para ela uma foto de um Dread uma foto de uma trança às vezes ela eu poderia educar ela nesse sentido..."*
- **Impacto da identidade racial na vivência acadêmica:** Neusa sugere que sua identidade racial pode influenciar sua percepção de acolhimento no ambiente acadêmico, contribuindo para o sentimento de não pertencimento e, conseqüentemente, para a falta de assiduidade às aulas.
 - *"...quando eu via como a turma reagia e como que eu reagia as coisas eu começava a me sentir acho que não acolhida aí eu pensava na na quarta seguinte eu pensava "acho que eu não vou na aula hoje aí depois acho que eu não vou na aula hoje também"..."*
- **Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área:** Neusa observa a falta de professores negros em sua trajetória acadêmica, o que considera um "absurdo". Essa ausência de representatividade pode influenciar a discussão sobre questões étnico-raciais no curso.
 - *"os meus professores tanto na pública quanto na privada, continuaram todos brancos vou passando a minha memória assim todos os professores que eu já tive eu acho que um dos únicos negros que eu tive foi o meu professor de violão que eu fiz no ensino fundamental. Acho que ele foi o único que eu me lembro assim quando eu vou passando a imagem de todos os meus professores todos eram brancos eu achava isso um absurdo. Sempre achei isso um absurdo."*

Nilma

- **Percepções sobre raça, racismo e identidade negra:** Nilma tem uma consciência crítica sobre as questões raciais no Brasil. Ela aponta como o racismo se manifesta de formas sutis e como a sociedade tenta "embranquecer" ou diminuir a negritude. Ela também discute a complexidade da identidade negra e as disputas internas sobre quem é "mais preto".
 - *"E tem uma frase que eu cresci muito escutando, é que hoje em dia não escuto mais, graças a Deus, mas assim, os pretos são os maiores racistas que existem." "Ninguém quer ser preto, ninguém quer ser preto." "Então, assim, eh, hoje em dia é muito mais fácil você se posicionar como negro, você tá a par disso do que antigamente, mas aquela coisa, o de verdade mesmo ainda dói, ainda tem peso, entende?"*
- **Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas):** Nilma relata um caso de racismo indireto por parte de um professor e a percepção de que há menos oportunidades de estágio para pessoas negras.

- *"Então, assim, ele já fez muitas coisas, no entanto, quando eu tava grávida, eu tava fazendo a matéria dele e eu peitei muito ele de frente e aí ele ficou assim encurralado, porque parece que ele tem medo sim [risos] de uma mulher preta grávida se impondo para cima dele, barriguda... daí eu falando pra ele falando assim: 'Não, você não vai falar isso, porque isso está errado, você não está certo', entende?" "mas o que eu mais senti, o que é mais triste foi a diferença em questão de estágio, já perdi muito estágio, muita oportunidade de estágio para pessoas da minha turma, que a única explicação era o famoso, eh, como que eles falam, tem um termo em inglês que eles usam muito hoje em dia, é o, nossa eu não me lembro, é tipo um match, quando você não dá match com os valores e os princípios, você não tem aquela... você e a empresa não são compatíveis entendeu?"*
- **Estratégias de enfrentamento do racismo:** Nilma demonstra uma postura de enfrentamento, como no caso em que confrontou o professor racista. Ela também busca se qualificar e se destacar para superar as barreiras impostas pelo racismo no mercado de trabalho.
 - *"eu sempre fui aquela pessoa que pensei, eu sou preta, eu preciso sempre ter uma mais, se eles estão indo com dois, eu tô indo com três, se eles indo com quatro, eu tô indo com seis, entendeu?"*
- **Impacto da identidade racial na vivência acadêmica:** Nilma sente que sua identidade racial influencia sua trajetória acadêmica, principalmente em relação às oportunidades de estágio e à necessidade de se afirmar constantemente.
 - *"Então, assim, eu utilizei das cotas porque eu sabia que era um direito meu, eu queria utilizar, e eu falei: 'Eu vou utilizar sim' e foi isso, não foi aquela, não teve muito aquele aí que sei lá o que, eu não peguei e falei: 'Vamos embora, vai ser isso mesmo' e vamo embora."*
- **Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área:** Nilma percebe a falta de representatividade de pessoas negras em seu curso e na universidade como um todo.
 - *"Então, então primeiro que UFMG é aquela coisa que assim, a gente pensar, aí meu Deus, só porque é público e tem, não, UFMG é um e a gente sabe, elitista é um lugar de pessoas brancas, não que é um lugar para eles, mas é um lugar que tem muito mais em peso eles e assim dentro da faculdade, poucas situações, mais olhares, aquelas coisas iguais, tem poucas pessoas pretas na minha turma, pouquíssimas pessoas pretas."*

Rodrigo

- **Percepções sobre raça, racismo e identidade negra:** Rodrigo relata que construiu sua identidade como homem preto após ingressar na universidade. Ele entende o racismo como algo que vai além de ofensas diretas, manifestando-se em diversos mecanismos de preconceito. Ele se sente engajado em uma luta constante contra o racismo e outras formas de preconceito.
 - *"Eu digo que eu criei uma identidade enquanto homem preto depois que eu entrei na universidade."*

- *"Eu acho que eu entendi que eu entrei numa luta, na verdade, eu me sinto hoje numa luta constante para que as coisas, elas possam melhorar."*
- **Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas):** Rodrigo relata um caso de racismo direto por parte de uma assistente social. Ele também percebe a falta de representatividade negra na universidade e no curso, além de atitudes que reforçam a ideia de branquitude como norma.
 - *Eh, a minha entrada na universidade foi bem, foi bem caótica, porque eu sofri racismo por parte da assistente social, que, que aconteceu? Eu entrei e daí precisava de, de requisitos para você conseguir o auxílio emergencial e o, eu tentei o PRAF [assistência estudantil], só que o PRAF só ia entrar em vigor meses depois e daí eu tentei o emergencial, que é um valor que a universidade dá até o PRAF vir, né, efetivamente. Só que eu tinha toda a documentação, me encaixava nos requisitos que a universidade pedia e simplesmente não veio e a assistente social não me dizia o porquê e daí eu tive que falar com os professores, eh, do departamento e uma das professoras, ela foi lá, colocou como pauta na reunião, eh, eh, na reunião pedagógica, na reunião do departamento de Biblioteconomia e, se eu não me engano, foi o chefe de departamento que teve que ligar para ela para questionar o porquê, sendo que eu tinha documentação correta, sendo que eu me encaixava, por que eu não estava recebendo o meu auxílio? Então, eu tive que ter auxílio dos professores para eu conseguir, porque enfim, ela não soube dizer o porquê, ela falou que não sabia o que tinha acontecido, mas tipo assim, o único trabalho dela era fazer isso e eu fui o primeiro, eu fui o primeiro do semestre a pedir o emergencial, o primeiro. Então assim, a professora falou: "Isso é evidente, isso foi racismo, não tem outra explicação." Então a minha entrada na universidade já foi esse baque, me mostrando que não seria fácil, eh, estar na universidade, porque os mecanismos da UDESC como universidade, enfim, ela é bem elitista, né?*
 - *"A gente é, detalhe, na Biblioteconomia, a gente não tem professores, professores, eh, eh, pretos."*
 - *"Então, foi que estava, estava num, num certo trecho lá, acho que estava em, eh, ah, esqueci, é, estava em pessoas, ah, esqueci agora o termo, mas era grupos étnicos, eram grupos étnicos, se eu não me engano, e isso me causou um incômodo muito grande, só reforçou esse, esse, isso que essa, essa realidade que a gente já tem de que pessoas brancas são normais e pessoas que não são brancas têm raça e têm etnia, porque os brancos são normais, sabe?"*
- **Estratégias de enfrentamento do racismo:** Rodrigo busca absorver conhecimento para levar informação e capacitação para pessoas como ele. Em sala de aula, ele e um colega problematizam constantemente questões raciais.
 - *"Então, quando eu me declaro um homem preto e quando eu estou no curso de Biblioteconomia, eu, eu me sinto na responsabilidade de absorver o máximo de conhecimento possível que eu consiga dentro da universidade para justamente pegar esse*

conhecimento e levar pras pessoas, sabe? Pras pessoas iguais a mim, né?"

- *"Então a gente, como aluno, consegue trazer para algumas matérias isso, então o curso tem capacidade."*
- **Impacto da identidade racial na vivência acadêmica:** A identidade racial de Rodrigo influencia sua percepção da universidade como um espaço não acolhedor. Ele se sente em uma luta constante e busca utilizar o conhecimento adquirido para combater o racismo.
 - *"Eu acho que eu entendi que eu entrei numa luta, na verdade, eu me sinto hoje numa luta constante para que as coisas, elas possam melhorar."*
 - *"Eu acho que é mais o sentimento de, tipo assim, eu tenho que estar aqui porque eu tenho que estar aqui, eu tenho que lembrar isso todos os dias, né? Porque tem dias que a gente fica assim: 'Nossa, meu Deus do céu, mas não sinto que a universidade em si, ela é acolhedora'."*
- **Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área:** Rodrigo aponta a ausência de professores negros no curso de Biblioteconomia e a falta de autores negros no currículo. Ele também observa a baixa presença de pessoas negras na universidade, contrastando com a realidade da cidade.
 - *"A gente é, detalhe, na Biblioteconomia, a gente não tem professores, professores, eh, eh, pretos."*
 - *"Então, quando eu saio da, da, da aula e vou pro laboratório, é uma outra realidade, entende?"*
 - *"Falei, 'tem, tem, amiga, tem, mas elas estão no morro, elas estão no morro, por isso que você não vê'."*

Aparecida

- **Percepções sobre raça, racismo e identidade negra:** Aparecida relata um processo de ressignificação da identidade negra, passando de um sentimento de não orgulho para o orgulho e a afirmação.
 - *"a pessoa não tinha orgulho de ser preto. Então, com o passar do tempo, poder, eh, dizer isso com orgulho, 'eu sou preta', é assim, é uma algo a se comemorar, é algo a se comemorar."*
 - A afirmação da identidade negra é vista como um ato de luta e resistência contra o racismo.
 - *"Então, eu ajo assim com muito orgulho e, principalmente, é uma forma de repensar e lutar, continuar lutando por melhorias, porque a gente sabe que ainda tem muito, eh, a se melhorar... o que mais tem são casos de racismo diário."*
- **Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas):** Embora não relate casos diretos de racismo na universidade, Aparecida menciona o racismo como uma realidade presente e a necessidade de lutar por melhorias.
 - *"o que mais tem são casos de racismo diário."*
- **Estratégias de enfrentamento do racismo:** Aparecida destaca a importância do senso crítico e da luta por melhorias como formas de enfrentar o racismo.

- "Então, uma pessoa que ela age assim e principalmente uma pessoa que tem esse senso crítico, que pensa assim, não, vou atrás de melhorias..."
- **Impacto da identidade racial na vivência acadêmica:** A identidade racial é um elemento central na vivência acadêmica da Aparecida, influenciando sua percepção sobre as cotas, o acolhimento na universidade e seu engajamento com temas relacionados à equidade racial na Biblioteconomia.
- **Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área:** Aparecida observa a presença de professores negros na universidade como um aspecto positivo, mas aponta a timidez do curso de Biblioteconomia em discutir questões raciais.
 - "Claro que a gente sabe que ainda não é o ideal, né?"
 - "Na verdade, olhando assim, eu vejo o curso como sendo assim muito... o curso no geral muito tímido para essas questões que deveriam ser discutidas, deveriam ser discutidas e, assim, a função do... do curso em si, ela vai muito além dessa... dessa questão da informação, como você falou, da... no caso, tem muita gente que diz: 'Ah, que no caso, a intenção é só o tratamento da informação e acabou'."

Dagoberto

- **Percepções sobre raça, racismo e identidade negra:** Dagoberto entende que raça, gênero e etnia são construções sociais, e não atributos naturais.
 - *"Não sobre esse assunto, mas sobre outros, até porque eu entendo que gênero, etnia, tudo isso é construção do ser humano, isso não é atribuído naturalmente, os animais não, não sabem que são animais praticamente, são coisas que nós construímos e que ocasionalmente poderiam ser diferentes em outros contextos".*
 - Ele se declara pardo como uma forma de afirmar sua presença e igualdade, apesar de reconhecer que enfrenta olhares diferentes por ser uma pessoa de cor.
 - *"Em poucas palavras eu me declarar uma pessoa parda, seria te dizer: 'Eu tô aqui, vocês vão ter que me engolir', porque eu tenho uma particularidade que eu tenho, de altura, mas eu sei que as pessoas não me olham assim com espanto por onde eu passo só por causa disso, nem todas. Algumas me olham porque, olha, um cara de cor andando por aí, que tem tempos são esses? Quem deixou ele sair?', alguma coisa assim. Então, para mim é isso, se declarar negro é dizer: 'Ó, eu tô aqui, vocês vão ter que me engolir e eu sangue vermelho da mesma forma que você'".*
- **Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas):** Dagoberto afirma que, para sua sorte, nunca sofreu ou presenciou atos de racismo ou preconceito dentro da universidade.
 - *"Olha, para falar a verdade, eu, para minha sorte, nunca passei por nenhum tipo de experiência desagradável sobre sofrer ou observar alguém sofrendo atos de racismo, de preconceito dentro da universidade".*

- No entanto, ele ouviu reclamações sobre as cotas, que associa à frustração de pessoas que não alcançaram seus objetivos e culpam os cotistas por isso.
- *"...E, no máximo, realmente escutei esse tipo de reclamação sobre a existência das cotas, mas isso aí tem a ver mais com a frustração da pessoa de não ter atingido determinado resultado porque supostamente foi roubada, né? Foi desfavorecida só porque alguém nasceu com uma cor diferente, vamos dizer assim".*
- **Estratégias de enfrentamento do racismo:** Dagoberto critica a imaturidade de algumas pessoas que debatem questões raciais, acusando situações de racismo sem uma análise mais profunda e prejudicando o debate sério sobre o tema.
 - *"Ah, sim, o que eu observo, na verdade, ao contrário, observo algumas pessoas, eh, debatendo esse tipo de tema de racismo ou, eh, eh, ou situações envolvendo o conceito étnico racial, eh, com muita imaturidade. Pessoas que batem o pé e falam, eh, que alguma coisa tá errada porque é racismo, coisa do tipo, quando não tem a ver com aquilo. Só que essa pessoa se recusa a enxergar com mais profundidade a situação e por isso atribui ao racismo e acaba desvalorizando o debate sério, porque quando você levanta muito uma bandeira e exagera a respeito dela, quando realmente é para levantar, as pessoas já não dão mais atenção, já não dão mais".*
 - Ele usa como exemplo a atitude de um amigo que atribuiu uma demissão ao racismo, sem considerar outros fatores relevantes para a decisão.
 - *"Por exemplo, tenho, eu tenho um amigo que faz o curso comigo também e ele também é negro e uma vez nós estávamos discutindo sobre uma situação envolvendo demissão, se não me engano, não tinha a ver com a faculdade em si, mas nós estávamos dentro do ambiente da faculdade, estávamos conversando, então acho que é válido. Nós estávamos falando sobre demissão e o meu amigo supôs, sem ir a fundo, sem procurar mais detalhes sobre aquilo que determinada pessoa foi demitida porque ela era negra ou coisa do tipo. Só que se ele tivesse ido atrás dos fatos, ele saberia que aquela pessoa que passou por esse processo de demissão não estava apta ao cargo. Não procurava se dedicar, não chegava na hora, não era consistente, não se portava, não era educada, não se portava eh com respeito dentro do ambiente de trabalho, mas mesmo assim, ele atribuiu única e exclusivamente ao fato de a pessoa ser negra e, na minha opinião, isso é esvaziar o tema, é deixar o tema banal, vazio, usar palavras e termos ao vento só porque tá na moda ou só porque traz algum impacto naquele momento. É um desserviço, como dizem, né? Porque você tira o peso do debate real. No final das contas, daí quando ele é levantado, as pessoas pensam: 'Ah, não tem que dar atenção porque todo mundo fica falando isso o tempo todo'".*
- **Impacto da identidade racial na vivência acadêmica:** A identidade racial de Dagoberto influencia sua percepção sobre as cotas e sua análise das relações raciais no contexto universitário.

- **Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área:** O relato não aborda diretamente a percepção de Dagoberto sobre a representatividade de pessoas negras no curso ou na área de Biblioteconomia.

Isildinha

- **Percepções sobre raça, racismo e identidade negra:** Isildinha tem uma forte consciência de sua identidade como pessoa preta e reconhece a importância da luta contra o racismo. Ela critica a ideia de que o racismo não existe ou que é coisa do passado, argumentando que ele se manifesta de diversas formas na sociedade.
 - *"(...) eu sempre soube e sempre tive consciência da importância, né, das cotas para as pessoas pretas, com deficiência, pardas, porque a gente vive num país que historicamente, eh, ele tem uma dívida muito grande, né? Como várias pessoas, né, eh, vê-se muito essa história de que o Brasil foi descoberto, mas já tinha pessoas aqui e, quando eles vieram para cá, eles trouxeram outras pessoas de outro, de outro continente à força, escravizaram, né? Então a gente vive num país que tem uma dívida histórica gigantesca com a população preta e parda, né? Então, eu sempre tive essa consciência. [...] Eu acho que muitas pessoas, assim, elas têm uma dificuldade, né, de entender que o racismo existe, que o racismo tá aí, que o racismo não é uma coisa do passado, que o racismo não é mimimi, que o racismo não é vitimismo, que o racismo não é frescura, não é nada disso, o racismo existe e ele mata, ele mata de várias formas, ele mata fisicamente, ele mata psicologicamente, ele mata emocionalmente, ele mata socialmente, ele mata de várias formas. [...] Então, eh, eu acho que a gente tem que ter muito cuidado com esse tipo de fala, porque é uma fala que machuca, é uma fala que dói, é uma fala que exclui, é uma fala que marginaliza, é uma fala que inferioriza, é uma fala que desumaniza."*
- **Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas):** Isildinha relata diversas experiências de racismo no ambiente acadêmico, desde falas e atitudes de professores até a falta de debates sobre questões raciais no curso. Ela menciona situações em que sua postura foi interpretada como agressiva e ameaçadora, enquanto colegas brancos que faziam críticas semelhantes não sofriam as mesmas consequências.
 - *"(...) recentemente eu tô passando por situações bem assim complexas no curso por causa disso que eu, né, eh, se uma pessoa fala é uma coisa normal, se outra pessoa fala não, se outra pessoa fala uma coisa normal, se eu falo eu sou agressiva, eu sou, eu ataco, a minha forma de falar ela, ela amedronta, eu vim percebendo muito isso. [...] E aí tipo, críticas que eu faço mesmo, e aí eu, né, acontece essas situações, dizer que ah, tome cuidado com ela, ela é ameaçadora, ela é agressiva, eu só publiquei isso e estão dizendo que eu sou, eu tenho um discurso agressivo, e aí a partir disso você começa a interpretar o que isso significa, por que que a outra pessoa branca falou a mesma coisa que eu falei e ninguém dá a mínima, mas porque eu falei eu sou agressiva, eu sou perigosa'. E aí, tô passando por essa questão assim de estar visada pelos professores por causa disso. Eles dizem que eu sou*

perigosa, que eu sou agressiva, que a minha fala é agressiva. [...] Tipo, já teve uma situação com uma aluna que ela me relatou, ela é uma pessoa preta e ela disse que uma vez a bolsa da professora caiu, ela foi apanhar a bolsa da professora para entregar para ela e a professora limpou a bolsa porque ela tinha tocado na bolsa e isso foi o que ela me relatou, ela se sentiu muito constrangida com isso. E aí tem essas, esses racismos velados dentro do curso, a não, às vezes por falas indiretas ou por atitudes mesmo, mas aqui é muito preocupante o que acontece ultimamente no curso de Biblioteconomia, porque assim, eu não vou justificar porque para mim não existe justificativa pro racismo, mas eles se valem muito da questão de idade, porque dizem que é um tempo diferente, que acha desnecessário. O outro relato que aconteceu há um ano e meio atrás, teve um concurso para professor substituto e aí só era uma vaga, mas botaram no edital porque diz na lei, né, que terá uma vaga de cotas depois de a partir de três vagas, né? E aí, eh, esse, esse professor que se inscreveu, ele se inscreveu como uma pessoa preta e aí ele não passou, ele não atingiu a nota mínima. E aí foi questionada a cor da pele dele, teve uma reunião departamental para questionar isso, a comissão na época que fez o concurso ficou dizendo que devia acabar com isso, tem que acabar com isso de cota, que eu acho desnecessário, falas de professores e inclusive era a pessoa que tava como comissão que achava desnecessário e aí ele entrou com a causa na justiça. Pronto, pode recontar aí que é quatro professores que declaram pretos que eu me tinha lembrado disso recentemente. Eh, ele entrou na justiça com processo e aí ele conseguiu a vaga, aí hoje ele tá ministrando aula, mas isso é só algumas coisas que acontecem aqui, esses tipos de questionamento quando tem concurso que acha desnecessário ter essa questão de cota preta, que não tem para que ter isso e tudo mais."

- **Estratégias de enfrentamento do racismo:** Isildinha enfrenta o racismo através do diálogo, da educação e da luta política. Ela busca informar e conscientizar seus colegas sobre a importância das cotas e questões raciais, e se engaja em movimentos sociais e políticos para combater a desigualdade.
 - *"(...) eu sou uma pessoa muito assim do debate, sabe, do diálogo, e sempre eu tento de alguma forma passar informação para as pessoas, porque eu sei que existe, historicamente tá explicado porque que as pessoas têm essa falta de conhecimento. [...] Então a gente teve esse diálogo, ele fez: 'Nossa, eh, desculpa e tal.' Disse: 'É, é, você tem que se informar, você tem que se informar, porque se isso não lhe afeta, então você não tem lugar de fala.' [...] E aí, tipo, eh, veja esse exemplo, né? Tipo, a pessoa, muitas vezes, a gente ainda tem esse papel de educar, né? A gente tem que educar as pessoas com relação a isso, que às vezes é um pouco cansativo. Uma pessoa que está dentro da universidade, já estudando, o mínimo que ela tem que fazer é se formar, mas a gente ainda tem que educar essas pessoas da importância das cotas e das pessoas pretas estarem dentro da universidade, porque são essas pessoas que, com isso, vão fazer pesquisa, vão ser exemplo, vão ser exemplo de luta, de causa e tudo mais para*

as outras pessoas que ainda estão sonhando entrar na universidade,"

- **Impacto da identidade racial na vivência acadêmica:** A identidade racial de Isildinha tem um impacto significativo em sua vivência acadêmica, influenciando suas relações com colegas e professores, suas experiências de aprendizado e suas lutas políticas. Ela enfrenta desafios específicos por ser uma mulher preta em um ambiente acadêmico marcado pelo racismo estrutural.
 - *"(...) recentemente eu tô passando por situações bem assim complexas no curso por causa disso que eu, né, eh, se uma pessoa fala é uma coisa normal, se outra pessoa fala não, se outra pessoa fala uma coisa normal, se eu falo eu sou agressiva, eu sou, eu ataco, a minha forma de falar ela, ela amedronta, eu vim percebendo muito isso. [...] E aí tipo, críticas que eu faço mesmo, e aí eu, né, acontece essas situações, dizer que ah, tome cuidado com ela, ela é ameaçadora, ela é agressiva, eu só publiquei isso e estão dizendo que eu sou, eu tenho um discurso agressivo, e aí a partir disso você começa a interpretar o que isso significa, por que que a outra pessoa branca falou a mesma coisa que eu falei e ninguém dá a mínima, mas porque eu falei eu sou agressiva, eu sou perigosa'. E aí, tô passando por essa questão assim de estar visada pelos professores por causa disso. Eles dizem que eu sou perigosa, que eu sou agressiva, que a minha fala é agressiva."*
- **Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área:** Isildinha aponta para a falta de debates sobre Biblioteconomia negra e a baixa representatividade de pessoas negras entre os professores e no currículo do curso. Ela considera isso um déficit gritante e preocupante.
 - *"Eh, dentro da, da aqui no meu centro, no curso, desde que eu entrei, nunca teve um debate falando sobre cotas raciais ou falando sobre Biblioteconomia negra, por exemplo. Eh, isso é um déficit muito gritante que tem aqui no nosso curso, essa, isso é um, eu acho muito preocupante isso, porque aqui a maior preocupação deles é só dar as aulas deles, enfim, eles não querem esses tipos de debates porque para eles é desnecessário."*

Cida

- **Percepções sobre raça, racismo e identidade negra:** Cida demonstra uma consciência em desenvolvimento sobre sua identidade racial. Ela relata o impacto de uma aula que a incentivou a "assumir" sua negritude e reflete sobre como suas escolhas (cabelo, adornos) já expressavam sua identidade de forma inconsciente.
 - *"você tem que assumir o que você é, né? Se você é preta, você tem que assumir que é preta, não fugir disso, né? E é muito importante isso na minha cabeça. [sobre se a ação em sala de aula a fez refletir sobre quem ele é] Então me fez pensar que basicamente eu fui fazendo as coisas sem ter noção, eu fui me assumindo negra sem ter noção, porque minha mãe era branca, aí ela destruiu meu cabelo, eu fiquei careca no fundamental, eu ia nem aí, mas ela não queria cortar esse cabelo, eh, continuasse alisando e eu falei, 'Não vou cortar'. Ela que chorou no meu lugar."*

Então fui fazendo as coisas sem ter noção que isso me ajudou a a me tornar preto de fato, entendeu? Porque eu só fui fazendo as coisas, né? Fui, fui indo atrás de de brincão, né? Porque normalmente mulher preta gosta de de brincão, não é uma regra, não entendeu? Mas sabe essas coisas assim, meu, eu não vi a minha mãe usar, toda minha mãe, aí, minimalista, aí, que não sei o que, cabelo liso, não sei o quê. Então dava muito, bate aquele negócio e eu fui fazendo as coisas sem perceber. Aí quando eu vi eu, gente, vocês, vocês estão, agora eu tô meio lá atrás.”

- **Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas):** Cida não relata experiências diretas de racismo dentro da universidade, mas menciona o alerta de seu pai sobre o racismo em Niterói. Ela vivencia atitudes problemáticas, como a escolha de uma pessoa branca para representar lemanjá em uma atividade escolar, o que demonstra falta de sensibilidade e representatividade.
 - *“meu pai que botava medo, “Olha só, você, ó, é do Candomblé, cuidado que as pessoas de Niterói são racistas, não sei quê”.*
 - *“Teve um professor que ele tentou fazer um trabalho assim, ficou, ficou bom. Ele tentou, foi legal a intenção, porque ele tentou fazer um trabalho para reunir todas as entidades religiosas de cada religião, assim, representante da religião, aí foi tipo uma peça, só que aí desandou algumas coisas, né? Tipo, chegou na parte de matriz africana, de candomblé, ele chamou uma pessoa branca para fazer lemanjá, homem ainda, que o rapaz era homossexual, enfim, aí eu fiquei, não, não deu, entendi a intenção mas não gostei.”*
- **Estratégias de enfrentamento do racismo:** As estratégias de enfrentamento não são explicitadas no relato, mas Cida demonstra um processo de autoafirmação e orgulho de sua identidade.
- **Impacto da identidade racial na vivência acadêmica:** A identidade racial de Cida é um tema central em sua narrativa, influenciando sua percepção sobre as cotas, suas relações e suas reflexões sobre o curso de Biblioteconomia.
- **Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área:** Cida percebe uma presença significativa de pessoas negras no curso de Biblioteconomia, o que a leva a refletir sobre o potencial da área para a ascensão social de negros. Ela aponta a falta de representatividade de professores negros.
 - *“até que em Biblioteconomia vejo eh bastante pessoas negras, pessoas negras, né? Porque tava lendo assim uma matéria ou é acho que foi uma matéria que diz, né, que negras conseguem, né, eh, avançar, ter uma produção através da Biblioteconomia, entendeu? Conseguir se levantar socialmente através da Biblioteconomia.”*

Francilene

- **Percepções sobre raça, racismo e identidade negra:**
 - *“E eu acho que como eu posso dizer assim, o meu, a minha não minha formação, mas o meu conhecimento sobre questões raciais e em saber que eu sou uma pessoa negra, né? Porque aqui no Rio Grande do Sul, pela formação assim do Estado eh, e também pelo*

processo de embranquecimento da população, dado tão certo isso, eu sinto que afetou muito também as pessoas negras e é muito aquilo que o Fanon fala sobre o racismo internalizado."

- **Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas):** Francilene relata o caso de racismo sofrido por uma professora do curso. E sobre como alguns professores a trataram sem reconhecer a sua cor a tratando como uma característica estética de bronzeado. Além de como foi tratada no estágio por uma funcionária.
 - *"E quando falaram assim, ameaçada, nossa, foi, fiquei muito preocupada, porque ameaçada, ameaçada de quê?... Pra ameaçar uma professora, para cercar uma professora numa escada, se eh, se o racista fez isso com a professora, para ele fazer com uma aluna que não tem a mesma autoridade, é, né, é o mesmo que nada."*
 - *"Ah, a gente tem uma pessoa bronzeada."*
 - *"E aí duas vezes eu cheguei lá e ela falou: 'Ah, tu pode guardar tua bolsa, por favor?' Aí eu... eu já estava trabalhando lá seis meses, eu via essa... essa pessoa da portaria todos os dias, era uma recepcionista."*
- **Estratégias de enfrentamento do racismo:**
 - *"E mas enfim, continuando, eu sinto que eu não, não tenho problemas em, em falar que eu sou cotista, em conversar sobre isso, em trazer questões raciais para sala de aula."*
 - *"Eu acho que continuando em pé, continuando fazendo o que eu quero, porque eu quero e não porque... não porque eles me fazem... eh, ter vontade de desistir, sabe? Apesar disso, eu estou lá porque no fundo eu quero e hum... porque eu mereço isso também. Nós, pessoas negras, a gente merece isso também."*
- **Impacto da identidade racial na vivência acadêmica:**
 - *"Foi assim, eu tava voltando para casa de ônibus, eram acho que 8h ou 7h da noite, porque na época eu tava estagiando ainda e como eh, Porto Alegre fica 2 horas mais ou menos de Gravataí, aqui da, da minha casa, eh, eu demorava bastante assim para chegar, então eram mais ou menos o deslocamento total dava 3 horas. Então se eu saía de lá às 05, eu chegava aqui no meu bairro umas 08 horas mais ou menos."*
 - *"Então foi isso [voz embargada]."*
- **Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área:**
 - *"Já a gente assim, eh, como estudantes, somos poucos e na Biblioteconomia menos ainda, né? Então, eu acho que a Biblioteconomia em si, por ter esse caráter assim mais elitizado, já é complexa, principalmente pela questão do aqui do currículo, né? Eu não sei como é em outras universidades, mas aqui a gente não, não tem assim um currículo que vá abordar, eh, eu acho que autores não europeus, por exemplo. Isso é, é muito difícil se identificar assim e querer ficar no curso quando a gente se depara com isso e também quando a gente se depara com as pessoas que estão à nossa volta, que estão no curso, né? Os professores que são a maioria brancos também."*
 - *Na UFRGS, por exemplo, no campus que eu tô, que é o campus saúde, tem muitos profissionais negros na limpeza, por exemplo,*

jardineiro, as moças que limpam o banheiro, ãhn, quem fica na, na portaria, os homens que ficam na portaria, mulheres que ficam na portaria. Já a gente assim, eh, como estudantes, somos poucos e na Biblioteconomia menos ainda, né? Então, eu acho que a Biblioteconomia em si, por ter esse caráter assim mais elitizado, já é complexa, principalmente pela questão do aqui do currículo, né? Eu não sei como é em outras universidades, mas aqui a gente não, não tem assim um currículo que vá abordar, eh, eu acho que autores não europeus, por exemplo.

Carla

- **Percepções sobre raça, racismo e identidade negra:** Carla demonstra uma consciência racial bem desenvolvida, construída desde a infância. Ela compreende as sutilezas do racismo e a forma como ele se manifesta em diferentes contextos, inclusive dentro da universidade.
 - *"Eu tive contato com esse assunto desde muito cedo, assim, né? ãhn, porque eu tive uma abordagem racializada dentro de casa, né?"*
 - *"E eu fui educada e criada pela família da minha mãe, né? Tive sempre contato com os meus avós, tanto que atualmente estou morando com eles. ãhn, e aí, desde muito pequena, eu tive essa questão racial muito forte, assim, ou cresci dentro de casa ouvindo que 'parda era papel', sabe?"*
 - *"Não tem muito, quando a gente acessa alguns ambientes que são principalmente mais, ãhn, assim, de, de classe mais elitizada, né? Ambientes mais elitizados geralmente são onde tem presença maior das pessoas brancas, e as pessoas brancas, principalmente que vêm do interior, elas já te, já te colocam assim, né? Te colocam uma placa, não tem essa questão de, de se questionar se eu sou parda ou se eu sou preta, qual dessas nomenclaturas, porque automaticamente já tem isso, sabe?"*
- **Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas):** Carla relata um caso de racismo sofrido por uma professora negra, demonstrando que o racismo é uma realidade presente no ambiente acadêmico. Ela também observa como a questão racial é frequentemente negligenciada ou minimizada por alguns professores e como a universidade ainda é um espaço de desigualdade racial.
 - *"E teve uma das minhas professoras que ela sofreu, mas, ah, teve isso, mas eu não presenciei, né? Eu não tive essa aula com ela que ela sofreu um caso de racismo com um colega."*
 - *"acredito que alguns professores ali, apesar de não demonstrarem opiniões muito fortes em relação a, da questão de cotas, ainda assim, ah, algumas coisas não são ditas, mas dá para sentir no posicionamento assim de, eh, como se as questões raciais e étnico-raciais não fossem caso de urgência ou pertinente o suficiente para aquele ambiente, sabe?"*
 - *"eu não vejo ainda essa igualdade ou essa equidade racial. Não vejo, por exemplo, uma coisa que eu acho muito pertinente, eu vou concluir que, por exemplo, no RU, o pessoal da limpeza do, da universidade, a maioria é negra, a maioria são de pessoas negras assim. O pessoal que trabalha, ã, com a questão de, são as*

terceirizadas, né? Que trabalham com a manutenção da universidade, de tempos em tempos tem, ã, gente tem muita, muita obra dentro da, da faculdade, né? Até ali que é um campus antigo. E é a maioria negro assim. Eu vejo muita, muitas meninas da minha idade, poucos anos, trabalhando na limpeza, sabe? Eu vejo mais pessoas negras trabalhando na limpeza, na, a infraestrutura do, do prédio, ã, ali no RU, na recepção. Ah, no RU, na parte da, da cozinha servindo, a maioria é negro. Aí a gente, ah, 'que o sul é branco', mas a, por, como é que eu, sério, é uma coisa que eu realmente vejo e eu já, já contei, a maioria das pessoas que trabalham nas terceirizadas dentro da universidade são negras. E aí como é que eu não vejo essa, essa mesma coisa dentro do, da minha sala de aula, sabe?"

- **Estratégias de enfrentamento do racismo:** Carla se engaja em manifestações contra o racismo e busca apoio em seus colegas. Ela também valoriza a presença de professoras negras como referências e aliadas na luta contra a discriminação racial.
 - *"E teve um protesto e o, nosso curso de Biblio e de outros ali da ciência da informação ficaram em peso, teve manifestação no nosso campus e todo, todos os cursos ali, os alunos, eles foram, ãhn, apoiaram bastante e se mostraram muito, ãhn, solícitos em relação a esse ato que ela sofreu, né?"*
 - *"eu sinto que como um grupo de estudantes, eu me sinto acolhida, sabe? Eu sinto que caso eu passe por algo, eu tenho outros referenciais de pares meus que vão se compadecer de alguma forma, sabe?"*
- **Impacto da identidade racial na vivência acadêmica:** A identidade racial de Carla influencia sua percepção do ambiente acadêmico, suas relações com colegas e professores e suas reflexões sobre a área da Biblioteconomia. Ela se sente como parte de uma resistência e busca contribuir para a transformação da universidade em um espaço mais inclusivo e representativo.
 - *"eu me veja como uma parcela da resistência, assim, dentro da universidade, que é tão difícil se permanecer, sabe?"*
 - *"E aí, sei lá, por exemplo, entrar numa relação assim de que, ah, eu não sou, eu sou parda, não sou tão negra assim, ou não sou tão retinta, não sei lá, mas como é que ainda sou a única, muitas vezes a única pessoa negra ali, sabe?"*
- **Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área:** Carla aponta para a baixa representatividade de pessoas negras em seu curso e na área da Biblioteconomia, especialmente entre os professores e nos espaços de poder. Ela ressalta a importância de ter mais profissionais negros na área para que diferentes perspectivas sejam consideradas e a informação seja organizada de forma mais inclusiva.
 - *"Agora, nos últimos anos, ainda tá tendo mais presença, por exemplo, na biblio, quando eu, quando eu entrei, era só eu e mais uma assim, negra, e não era muito, pouco, pouco se via."*
 - *"Até dois anos atrás, ele era o único professor negro do, de toda, de toda a área ali da, da biblioteconomia, né? Tanto na do doutorado, na quanto do pós, da pós-graduação, quanto da*

graduação, sabe? Ele chegou agora recentemente duas professoras."

- "Como que a gente vai abordar algo tão delicado que é a informação, que passa por todas as outras ciências, né? A gente, se não tem um alguém ali verificando os sites,...os livros, os artigos, os filmes, as séries, como é que a gente vai abordar isso de forma que não seja racista, que não seja, eh, que não seja elitista, né? Que não tenha essa questão de, de, de, de classe social, né? Que não tenha essa questão de gênero, sabe? Se não tem alguém ali que entende e que passa por isso, como é que a gente vai organizar a informação? Então, eu sinto que é muita falta de pessoas negras, de pessoas indígenas, de pessoas trans, de pessoas com deficiência dentro da área, sabe?"
- "uma coisa que eu acho muito pertinente, eu vou concluir que, por exemplo, no RU, o pessoal da limpeza do, da universidade, a maioria é negra, a maioria são de pessoas negras assim. O pessoal que trabalha, ã, com a questão de, são as terceirizadas, né? Que trabalham com a manutenção da universidade, de tempos em tempos tem, ã, gente tem muita, muita obra dentro da, da faculdade, né? Até ali que é um campus antigo. E é a maioria negro assim. Eu vejo muita, muitas meninas da minha idade, poucos anos, trabalhando na limpeza, sabe? Eu vejo mais pessoas negras trabalhando na limpeza, na, a infraestrutura do, do prédio, ã, ali no RU, na recepção. Ah, no RU, na parte da, da cozinha servindo, a maioria é negro."

Virgínia

- **Percepções sobre raça, racismo e identidade negra:** Virgínia descreve um processo de construção da identidade negra, influenciado por suas experiências em uma comunidade quilombola e por situações de racismo vivenciadas. Ela também aborda a questão do colorismo e a imposição de padrões de beleza que a afetaram na adolescência.
 - "Então, eu moro numa comunidade quilombola no Rio de Janeiro, né? E por ser no Rio de Janeiro, em uma área que é, como é que posso dizer, procurada para investimento e crescimento para pessoas ricas, né? Então, eu comecei na política em 2014 né? Tinha 15 anos e eu comecei a entender o que que era ser negro e ser parte de uma política e estar sendo expulso de local para pessoas que são mais importantes que você, né? Hoje em dia, não fomos removidos, temos certificação. E aí, essa construção política eu já tinha, justamente, né, por esses problemas, problema com o governo e tal, na minha família como um todo. E eu não me entendia, até então, como uma pessoa preta, porque eu achei que todo mundo tinha sua cor própria e não precisava da gente falar sobre, né? E eu venho de uma comunidade majoritariamente negra, então nunca tive problema em ser ou não ser, né? E aí, quando eu fui sair de Vargem Grande, né, que é o bairro onde eu moro, eu comecei a ver esse tipo de situação e me informar também sobre o que seria isso, né? Como eu me colocaria no mundo, né? Algumas pessoas dizem, algumas falam que eu sou

uma mulher preta de pele clara, e minha mãe fala que eu sou, eh, sarará. E a maioria das pessoas, né, diz que eu sou índia, porque, né, eu tenho um cabelo muito preto, tenho uma pele mais amorenada, mais clara. Então, eu queria entender quem eu era nesse mundo e qual comunidade eu fazia parte."

- **Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas):** Virgínia relata um episódio de racismo por parte de uma professora, que fez comentários sobre sua origem e aparência. Ela também menciona a ocorrência de falas racistas por parte de alunos e a falta de punição efetiva para casos de racismo na instituição.
 - *"Tinha uma professora que ela, quando eu falei, né? No início você tem que se apresentar e a gente tava online por conta da pandemia. E aí ela falou, a gente todo mundo se apresentou, não sei que, ela, quando chegou minha vez, eu falei, eu sou uma aluna, né, quilombola, não sei que, não sei que lá, aí eu falei, né, meus pais e minha mãe, meu pai é meio indígena, e ela falou assim: 'Abre a câmera. Deixa eu ver essa mistura louca'. E aí eu falei assim, ela tá brincando [risos], ela tá brincando, com certeza não é verdade. E aí ela falou assim: 'Não, abre a câmera. Abre a câmera sim pra gente ver'. E aí ela, ela tava sentada no quarto, né? Aí ela 'mostra, janela mostra como é que é a casa, como é que é', aí eu vi a cozinha aqui na frente, né? Então o meu quarto tá de frente pra cozinha e ela: 'Nossa, geladeira, ar condicionado' [risos]. E aí eu virei pra janela, tinha floresta lá 'dentro da floresta!' [risos], e aí foi uma situação um pouco constrangedora, mas não foi algo que realmente me deixou triste, achei mais engraçado do que triste."*
- **Estratégias de enfrentamento do racismo:** Virgínia adota uma postura de debate e enfrentamento em sala de aula, buscando desconstruir falas racistas. Fora da universidade, ela evita frequentar certos espaços e se mantém em seu grupo para se proteger.
 - *"E eu sempre fui muito do debate, então se você tá de uma maneira respeitosa falando sobre, eu acho, mas começa essa parte, né, superioridade branca, né, que tem lá, algumas, algumas pessoas lá da, da, já aconteceu, tá um menino lá, falou que ele é seguidor de Hitler, alguma coisa assim, e bateu num aluno que tava falando lá, tinha uma reunião que era para falar sobre atividade negra, tem o coletivo negro lá na UFRJ, e aí esse aluno tava apresentando sobre algumas questões, tal, tinha muitos alunos para escutar ele falar e esse aluno, eu acho que ele foi jubilado, tá, mas não tenho certeza, ele entrou nessa reunião e bateu nesse rapaz que tava discursando, fez falas nazistas, depois ele disse que era maluco, mas enfim, ele era do Curso de Economia, né? A gente tem um prédio de Economia, é o mesmo prédio de Educação, então a gente sempre se bate com essa galera de Economia, administração e afins que estudam lá também. E aí tem uma galera que realmente eles querem ser superiores, eles realmente querem que a gente volte a ser escravo."*
- **Impacto da identidade racial na vivência acadêmica:** A identidade racial de Virgínia influencia suas relações, suas escolhas de espaços e suas experiências dentro e fora da universidade. Ela se sente marcada pela cor da pele e precisa lidar constantemente com o racismo e a discriminação.

- *"E aí você sente, as pessoas não percebem? Percebem esse olhar, você percebe, eles te olham com um olhar de 'esse não é o seu lugar, esse não é bem o seu lugar' e aí você fica tipo, você vai se encolhendo sozinho sem nem a pessoa precisar falar nada porque ele já te olha como se você teve a audácia de entrar aqui e aí eu prefiro não entrar em nenhuma loja, nem nada, nem na farmácia, eu entro, eu prefiro comprar tudo no meu bairro especificamente porque não sei se teria um problema comigo, mas eu prefiro não arriscar."*
- **Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área:** Virgínia aponta a baixa representatividade de professores negros em seu curso, o que evidencia a falta de diversidade racial no corpo docente.
 - *"Ah, sim, sim, eh, são duas professoras, são duas. Que são justamente essas duas na matéria específica [risos]. De todo o corpo docente de Biblioteconomia. E eu acho que tem tipo uns 20 professores e são duas pessoas negras, sim, sim."*

Franciéle

- **Percepções sobre raça, racismo e identidade negra:** Franciéle descreve um processo de reafirmação de sua identidade negra, que se intensificou durante o ensino médio e em discussões na universidade.
 - *"Sobre tornar-se negro, isso tem um peso, né?"*
 - *"Então foi a partir do terceiro ano que eu comecei a me eh me identificar, mas não como uma pessoa parda, mas como uma pessoa preta mesmo, uma pessoa negra, né?"*
 - Ela demonstra consciência sobre as dificuldades enfrentadas pela população negra e a importância de lutar contra o racismo.
 - *"Então, eh, ele também tava muito ativo sobre essas questões e a gente começava a conversar muito sobre esse essa essa coisa de ser negro, é tudo que a gente tem que passar, todo esse ataque que nenhuma oportunidade que a gente tem de usufruir é atacado, é negligenciado."*
- **Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas):** Franciéle relata ter se sentido atingida por comentários contrários às cotas, como se estivesse cometendo um crime ao utilizar um direito garantido por lei. E por comentários inadequados de uma professora.
 - *"Ficava: 'Caraca, eu sou cotista, eu tô tendo que ouvir isso mesmo que indiretamente, como se a gente tivesse cometendo um crime, né, sendo que tá na lei, é permitido.'"*
 - *"Sempre era um ataque, mas não uma conscientização, sabe? Nunca era 'Ah, mas por que existe?' e tipo, nunca tinha esse porquê, mas eh, era mais um ataque mesmo direto às cotas."*
 - *"Uma situação que foi racista, mas foi mais, não sei se você já ouviu que pessoa falar que é racista a nível Senhorita Morello [personagem da série dos EUA intitulada Todo Mundo Odeia o Chris] , né? Ela tem preconceitos e ela acha, mas ela não é uma pessoa ruim, mas ela tem alguns, umas perspectivas diferentes. Tinha uma professora que ela, quando eu falei, né? No início você tem que se apresentar e a gente tava online por conta da*

pandemia. E aí ela falou, a gente todo mundo se apresentou, não sei que, ela, quando chegou minha vez, eu falei, eu sou uma aluna, né, quilombola, não sei que, não sei que lá, aí eu falei, né, meus pais e minha mãe, meu pai é meio indígena, e ela falou assim: "Abre a câmera. Deixa eu ver essa mistura louca". E aí eu falei assim, ela tá brincando [risos], ela tá brincando, com certeza não é verdade. E aí ela falou assim: "Não, abre a câmera. Abre a câmera sim pra gente ver". E aí ela, ela tava sentada no quarto, né? Aí ela "mostra, janela mostra como é que é a casa, como é que é", aí eu vi a cozinha aqui na frente, né? Então o meu quarto tá de frente pra cozinha e ela: "Nossa, geladeira, ar condicionado" [risos]. E aí eu virei pra janela, tinha floresta lá "dentro da floresta!" [risos], e aí foi uma situação um pouco constrangedora, mas não foi algo que realmente me deixou triste, achei mais engraçado do que triste."

- **Estratégias de enfrentamento do racismo:** Franciéle enfatiza a importância do senso crítico e do engajamento na luta por direitos e igualdade. Além disso uma técnica de enfrentamento ao racismo de Franciele é o do alto isolamento.
 - "E aí, me emocionei [voz embargada]. Tipo, eu sempre falo, eu sempre penso, na verdade, muito sobre isso, sobre como a universidade, ela te proporciona pensar diferente, né?"
 - Eu não, por exemplo, né, como eu já tinha dito antes, eu não fico nas áreas de convivência da faculdade, não vou, se eu tiver com fome, eu compro meu saudável e vou para dentro da sala, eu vou no Bandeirão e vou para dentro da sala, não fico nas áreas de convivência para não calhar de eu ser a odiada da vez, e aí meio que a gente acha o nosso lugar, né, de se esconder ali dentro de ninguém achar e torcer para que ninguém veja a gente fazendo algum tipo de discurso e quer dar um soco na nossa cara."
- **Impacto da identidade racial na vivência acadêmica:** A identidade racial é um elemento central na experiência de Franciéle, influenciando sua percepção sobre as cotas, as discussões acadêmicas e sua visão sobre o papel da Biblioteconomia na sociedade.
- **Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área:** Franciéle observa que, apesar de o curso de Biblioteconomia ter muitos alunos negros, as discussões sobre questões raciais são limitadas, e há poucos professores negros na área.
 - "E aí ela falou assim, esse eh ela tava na banca desse evento sobre pessoas negras e ela disse que eh tava triste porque o departamento dela atualmente tava se preocupando mais com IA do que com seus alunos negros, e a maioria do curso é negra, eu diria que a maioria negra, né?"
 - "Por exemplo eu tenho três professores negros. Olha, que me vem na cabeça são três, que me vem assim rapidão, são três."

Sueli

- **Percepções sobre raça, racismo e identidade negra:** Sueli demonstra consciência sobre as dificuldades enfrentadas por pessoas negras na sociedade, mencionando o racismo e a desigualdade de oportunidades. Ela se orgulha de sua identidade quilombola e busca superar os obstáculos impostos pelo racismo.

- *"Bem como eu disse, eu sou do interior de Barreirinha, né? E sempre os, as, a base da nossa comunidade, eles sempre, eh, conversaram sobre isso abertamente, né, pra gente procurar buscar. Se não conseguíssemos passar, que entrássemos pelas cotas. E foi isso, e vários alunos lá do interior conseguiram entrar pelas cotas por ser quilombola ou preto. E eu acredito que isso veio, como é assim, é difícil, né? Já é, você já nasce negro, já vem com aquela, a partir do momento que você nasce preto, meu Deus, eu acredito que vem, eh, degrau por degrau para você subir."*
- **Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas):** Sueli vivencia o racismo de forma indireta, através de olhares e comentários de colegas que questionam sua capacidade e seu mérito por ter ingressado por cotas. Sente-se acuada e deslocada em um ambiente com poucos alunos negros.
 - *"Bem, quando a gente fala que a gente entrou pelas cotas, muita gente olha com aquele olhar meio que, né, é meio assim, ah, tu não conseguiu passar direto, né, ficou ali, aí então é um pouco constrangedor, né, os olhares, mas a gente ainda não teve aula de ética sobre racismo, eh, racial, essas coisas, nada."*
- **Estratégias de enfrentamento do racismo:** Sueli busca se fortalecer através do apoio familiar e da valorização de seu próprio potencial. Decide "enfiar a cara" e se destacar academicamente, como forma de superar o preconceito.
 - *"Mas quer saber, a minha tia conversou comigo, tu tá lá porque tu tem potencial, então tu vai continuar lá. Então eu tô lá e eu tento me destacar em tudo que eles falam, eu me envolvo, os professores pedem uma opinião, não, eu vou lá e falo, comento o que eu, que eu sei, pelo menos o que eu entendo e vou lá."*
- **Impacto da identidade racial na vivência acadêmica:** A identidade racial de Sueli influencia sua experiência na universidade, gerando sentimentos de desconforto e a necessidade de provar seu valor constantemente.
 - *"E aí na, no dia de apresentação de onde vocês vieram, quem vocês são, o que vocês queriam estar fazendo e aí eu falei que eu vinha de Barreirinha, do interior e aí os olhares foram bombardeadores em cima de mim ainda mais, entendeu? Povo do interior. Então é um pouco assim, tu se sente meio acuada, né?"*
- **Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área:** Sueli aponta a falta de representatividade negra no curso de Biblioteconomia, com apenas um professor negro e ela como única aluna negra na turma.
 - *"Bem, ainda não conheci todos os professores, mas só tem um negro. Uhum, só um. Até o momento só vi um negro. Sou eu, sou eu negra só. Somos em 28 alunos, e só eu negra."*

Andreia

- **Percepções sobre raça, racismo e identidade negra:** Andreia se autodeclara preta ou parda. Ela relata que sua vida foi pautada no medo e no receio do que poderia falar ou fazer, por ser mulher negra. Andreia acredita que hoje é possível enfrentar o racismo através das mídias sociais.

- *"Eu sou fruto de de você, eh, ver que tua família, tu é a primeira a se formar na universidade e tu passa no concurso para federal sendo a primeira negra da tua família a estar assumindo esse cargo."*
- *"Só que o que acontece é que a minha vida foi muito pautada assim, no medo, no, respeito, no que que a gente pode falar, no que que a gente pode fazer, a gente sendo mulher negra, né?"*
- *"Hoje você consegue, enquanto mulher preta, enfrentar qualquer pessoa que ele seja racista, que ele seja social, porque você tem mídias sociais para enfrentar isso, sabe?"*
- **Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas):** Sua experiencia foi antes mesmo de iniciar os seu estudos.
 - *Não, eu nem te contei a questão da minha, da minha entrada na UFSC, eu vou te contar porque agora tu lembrou dessa questão aí. Quando eu pedi transferência externa, né, da UFBA para UFSC, o que acontece? Tinha um edital, eu li o edital e o edital informava que o resultado era x dias, eu não lembro o dia, mas o resultado era x dias. OK, fiz todo o procedimento, tirei foto, soltei cabelo, falei: 'Sou negra', tenho tudo registrado aqui. No dia do resultado, só sai o resultado das pessoas brancas. E aí eu estou te falando isso para, para tu entender o não, porque o não é assim, tipo, não tem, tu está num deserto e tu esteja com a tua garrafa de água e com a tua comida, porque senão tu vai morrer ali e ninguém vai nem te procurar, te enterrar, porque quem vai te comer vai ser ali o urubu mesmo e tua carcaça vai sumir no deserto. E aí eu fiquei em dúvida, aí eu liguei para o número que estava no edital, a mulher disse para mim assim: 'Esse setor não existe, esse setor não existe, nunca existiu aqui na UFSC'. Eu disse: 'Nunca existiu? E por que está escrito no edital?'. Eu sei que, resumindo a história, porque foi muita coisa, eu fiquei mais de 20 dias para saber o resultado da questão das, das cotas, eh, raciais, né, que é o setor de, eh, equidade aqui da UFSC. Tudo bem, eu perguntei onde é o setor e aí ficava ligando, ficava mandando mensagem e tal, aquela coisa toda que a gente fica procurando, porque assim, eu não queria perder minha vaga, porque senão tinha que fazer vestibular de novo. Aí tudo bem, nesses 20 dias, Kariane, várias pessoas, vários funcionários atendiam, e aí no setor 'não existe', 'o setor não funciona'. Aí quando eles cansaram, eles viram que eu, eles já estavam gravando meu nome todo dia, falei: 'É, se é aí assim'. 'Olha, esse setor eu vou procurar saber aqui se tem um funcionário para te atender'. Aí o setor já passou a existir, só que não tinha funcionário. 'Existe o setor e não tem funcionário'. Eu disse: 'Vem cá, eh, porque aí eu tive que, a gente tem que fazer uma ameaça, né? A gente tem que se mostrar, eh, que a gente não é leiga'. Eu disse: 'Olha só, eu trabalho bem com o reitor aqui e aí eu estou quase perguntando para ele'. Eu não perguntei ainda, porque assim, eu não estou admitindo que uma universidade tão grande, com tantos funcionários, o setor de negritude, que tem pessoas negras estudando aqui, não existe. Aí o, aí o funcionário apareceu, aí o funcionário apareceu, isso foi outro dia já, apareceu e tal, 'olha, é porque eu estava de férias, voltei e tal, estou aqui'. Sabe se tu vê assim, eu descaso. Aí no outro dia das férias, ele não achou meu*

nome, minha matrícula, eu com minha matrícula na mão, ele não achava lá no sistema. Passou, eu disse: 'Olha, o senhor quer que eu vá presencialmente?'. 'Não, não precisa'. Tipo assim, pegou um bode expiatório e botou ali que era funcionário. Aí beleza, se eu quiser que eu vou presencialmente. Tudo bem, eu já estava mesmo assim, estava irada, estava bem irada mesmo e disse: 'Olha, ou vocês resolvem hoje, ou eu vou fazer uma, uma manifestação aqui para botar nesse site'. Aí nesse mesmo dia, porque eles viram que eu estava virada, disse assim: 'Olha, a gente vai botar ali no site que o resultado das cotas sociais vai ser depois da análise dos vídeos'. A gente mandou vídeo, mandou tudo, só que sempre parece que é só você, sempre parece que só existe você criando situação, só criando problema, mas não é. Aí eles foram lá no site, colocaram: 'Olha, o resultado das cotas vai sair tal dia, 20 dias depois'. E a aula já tinha começado e nesse lenga lenga. E eu disse: 'Eu vou perder as aulas'. 'Ah, a gente vai fazer retroativo'. Eu disse: 'Como vai fazer retroativo? Como é que você vai retroagir uma aula que você já foi dada?'. Aí, ah, por e sempre um porquê, um porquê, um porquê, você vai se enchendo, isso você vai ficando chateada e você vê que só é contigo que está acontecendo aquilo, porque se fosse uma pessoa branca não estava acontecendo. Aí teve um anjo de Deus iluminado que apareceu, não sei como, porque eu não consegui ver ninguém presencialmente, tudo por telefone, por, por rede social, que disse assim: 'Olha, o teu nome apareceu aqui'. Aí eu disse: 'Ah, que bom, apareceu'. Ele mandou o comprovante para mim por e-mail, meu nome estava escrito errado.

- **Estratégias de enfrentamento do racismo:** Andreia acredita que as mídias sociais são uma ferramenta importante para enfrentar o racismo.
 - "Hoje você consegue, enquanto mulher preta, enfrentar qualquer pessoa que ele seja racista, que ele seja social, porque você tem mídias sociais para enfrentar isso, sabe?"
- **Impacto da identidade racial na vivência acadêmica:**
 - Eu vejo isso todos os dias, eu vejo quando eu chego que sento na minha mesa que pessoas acham que isso para elas é inadmissível, e eu ainda dou um sorriso de deboche, dou sim, porque eu conquistei aqui e pretendo em nome de Jesus conquistar muito mais. Eu vejo várias pessoas da minha cor que estão sempre recolhendo lixo e estão sempre passando assim de cabeça baixa, cabisbaixa, porque estão cansados, exaustos de fazer o trabalho deles e dos outros.
- **Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área:** Andreia é a única pessoa negra em seu setor de trabalho. Ela sente falta de mais pessoas negras em seu ambiente profissional.
 - "No setor que eu trabalho, eu sou a única negra mesmo, de verdade, no setor, não na unidade, mas no setor eu sou a única negra."
 - "Então, a gente fica assim, olha, assim, exato, a gente procura se identificar, a gente procura dizer, podia ter mais pessoas aqui, sabe?"
 - "temos só um professor negro".

Lívia

- **Percepções sobre raça, racismo e identidade negra:** Lívia se autodeclara preta ou parda. Ela relata que, no início, reproduzia discursos preconceituosos sobre as cotas, mas que mudou sua visão ao se informar e refletir sobre a questão racial.
 - *"Olha, eu fui ter uma sombra de assunto sobre cota no final do meu ginásio e começo do ensino médio, que também tinha, né? Eu também estava fazendo umas provas para as escolas de ensino médio e também tinha as cotas para o ensino médio. Eu não entendia muita coisa porque era uma questão nova para mim, eu era muito nova. Mas quando eu comecei a entender, eu não entendi de verdade, porque eu tinha muito... Veio com uma visão preconceituosa para mim quando me contaram sobre."*
- **Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas):** Lívia relata que raramente vivenciou situações de desmerecimento por ser cotista, e que, quando ocorreram, ela contornou a situação. Ela se sente incomodada com a falta de representatividade de pessoas negras no curso, o que, em alguns momentos, a faz questionar seu lugar na universidade.
 - *"Às vezes ocorre numa sala de aula eu estar sozinha enquanto pessoa negra e, por mais que isso deva ser comum, né, não ser estranho, eu às vezes me sinto até estranha de ser uma única pessoa da minha cor, sou uma única preta no meio de tantas pessoas brancas e, às vezes, muito raramente me chega até ter a sensação de eu não deveria estar aqui, de não pertencimento."*
- **Estratégias de enfrentamento do racismo:** Lívia se posiciona de forma aberta sobre sua condição de cotista e valoriza sua conquista, o que contribui para desestimular possíveis atitudes discriminatórias.
 - *"Não, hoje eu sou muito escancarada, hoje eu falo abertamente. Ninguém tá falando nada, eu falo que eu entrei na UFF porque eu sou cotista e passei em primeiro lugar na vaga da... até esqueci, acho que era S5 alguma coisa assim que, que puxava, eh, racial, eh, vulnerabilidade social, que é financeira, né, e escola pública, lembrei."*
- **Impacto da identidade racial na vivência acadêmica:** A falta de representatividade racial no curso gera um sentimento de estranhamento e de não pertencimento em alguns momentos. Lívia busca se fortalecer e se orgulhar de sua presença na universidade, inspirada pelas palavras de uma professora.
 - *"Mas uma professora minha, que por sinal não era, não era negra, era uma pessoa branca, ela diz que, por eu, não direcionada a mim, né, ela disse que por uma pessoa negra estar na faculdade gera uma, uma grande, uma grande glória assim, um grande, um grande vislumbre, um grande brilho. Se ela tá sozinha numa sala, é aí que ela deveria se vislumbrar, eh, se vislumbrar não, é se gostar mais mesmo, se sentir que deveria estar ali mesmo, justamente porque, infelizmente, não tem, não é um desejo tão grande..."*

- **Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área:** Lívia sente a falta de pessoas negras no curso de Biblioteconomia e na universidade como um todo. Ela aponta que a baixa presença de estudantes negros e pardos na graduação se reflete também nos níveis mais avançados da academia, como mestrado e doutorado.
 - *"Quando eu sento na sala de aula no meu curso mesmo, eh, às vezes tem eu e uma colega, ou eu e uma pessoa que eu não conheço, mas é muito pingado. Eu sinto que quase não tem pessoas, pessoas negras que dizem que são negras, porque às vezes a pessoa também é parda, mas não se reconhece como parda, eh, se reconhece como pessoa branca."*

Petronio

- **Percepções sobre raça, racismo e identidade negra:** Petronio demonstra uma compreensão profunda da questão racial, articulando-a com a classe social e criticando visões que considera excessivamente identitárias.
 - *"Então, a respeito da história das cotas raciais, né, eu achava que, na minha perspectiva, as cotas eram para servir a pessoas negras, pardas, indígenas, mas para mim se tornou uma coisa tão identitária para as pessoas que não têm entendimento de classe e sim só de raça, que eu abordei a questão, unir essas duas questões, né, entre questão de raça e classe."*
- **Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas):** Petronio relata ter presenciado e vivenciado diversas formas de racismo, incluindo a falta de valorização de pesquisas sobre a cultura negra e o racismo institucional na Fundação Joaquim Nabuco.
 - *"Já vi, já ouvi até de estudantes racismo, né?", "Então, tipo assim, todos os dias tinha racismo, casos de racismo, eh, assédio moral, eh, em vários aspectos, inclusive até eu sofri assédio moral.", "Por exemplo, se chegar um acervo da cultura negra revolucionária como a de Zumbi dos Palmares, eu acho que ela não chegaria no nosso departamento, obviamente, porque primeiro não dá dinheiro, vai dizer logo, não dá dinheiro, sabe?"*
- **Estratégias de enfrentamento do racismo:** Petronio se envolve no movimento estudantil e em organizações negras como forma de resistência e luta por seus direitos e de outros.
 - *"Eu já era dos movimentos, eu já era do movimento estudantil desde a época do, quando eu era de ensino médio, né?", "Até porque eu sou militante, né, e sou, faço parte de uma frente negra hoje, que é a Frente Negra Revolucionária..."*
- **Impacto da identidade racial na vivência acadêmica:** A identidade racial de Petronio influencia suas percepções, suas escolhas de pesquisa e suas relações dentro da universidade, marcadas tanto por exclusão quanto por acolhimento em espaços específicos.
 - *"Então, tudo isso, eh, tornou para mim um ambiente de exclusão também.", "Mas assim, para te falar, o único departamento que me acolheu, minha pesquisa, né, minha, eh, todas as, foi o departamento de História e de Serviço Social, né, que me abraçou assim de uma forma que disse que assim me senti muito abraçado, porque disse: 'Você é muito bem-vindo', né?"*

- **Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área:** Petronio observa a falta de professores negros em seu departamento e a importância da chegada de um professor negro que trouxe novas perspectivas e valorização da questão étnico-racial.
 - *"Então, assim, e tem uma elitização muito grande, né? E aí, só nas, acho que no departamento só tem quatro, eh, professores negros, quatro numa, num colegiado que abrange mais de 30 professores lá.", "Então, por isso que a universidade, ela, eh, ao mesmo tempo que ela acolhe, ela expulsa seus alunos, entendeu?"*

Sandra

- **Percepções sobre raça, racismo e identidade negra:** Sandra se identifica como preta e reconhece a existência do racismo estrutural na sociedade brasileira. Ela relata que cresceu em uma cidade quilombola, onde a maioria da população é negra, e que sente menos preconceito em sua cidade natal do que em São Luís. Sandra tem consciência de que pessoas negras enfrentam mais dificuldades e preconceito na sociedade.
 - *"Eu entendia bem pouco, mas eu tinha um professor de história e ele falava muito sobre a questão da escravidão no Brasil e a questão de que o Brasil nunca vai conseguir trazer, nunca vai conseguir, praticamente, eh, pagar, em outras palavras, entre aspas, o que fizeram com a população negra por muitos anos. "*
 - *"Eu sou de uma cidade quilombola também, a minha cidade é quilombola, eh, tem partes que é quilombola e também é uma população de 90 poucos por cento de pessoas pretas comprovadas pelo IBGE. "*
 - *"Então, na minha cidade, eu nunca, nunca sofri, para todo mundo é preto, né? "*
- **Experiências de racismo ou discriminação na universidade (diretas ou indiretas):** Sandra afirma que sua vivência na universidade foi tranquila em relação à questão racial. No entanto, ela reconhece que o racismo é uma realidade para muitos estudantes negros, principalmente em cursos com maior presença de pessoas brancas.
 - *"Eh, é minha vivência, né, assinar a universidade desde quando eu entrei a partir das cotas foi bem tranquila, até porque eu encontrei pessoas que são da mesma vivência que a minha, encontrei pessoas também que são do interior. "*
 - *"Que eu não passei, mas tem pessoas que passam todos os dias, principalmente em outros cursos que são eh mais de pessoas brancas e com certeza devem passar aí por esse racismo estrutural de alguma forma. "*
- **Estratégias de enfrentamento do racismo:** Sandra se mostra disposta a reagir caso sofra alguma forma de discriminação, mas prefere uma postura tranquila.
 - *"Eh, é minha vivência, né, assinar a universidade desde quando eu entrei a partir das cotas foi bem tranquila, até porque eu encontrei pessoas que são da mesma vivência que a minha, encontrei pessoas também que são do interior. Foi uma vivência tranquila em relação à questão racial, até porque eu eu sou uma pessoa, não sou militante, mas acho que se acontecesse alguma coisa comigo, eu iria reagir, mas eu sou uma pessoa tranquila em relação a isso."*

- **Impacto da identidade racial na vivência acadêmica:** Sandra acredita que a universidade e os alunos de Ciências Humanas se preocupam com as questões étnico-raciais. Ela defende a importância de conscientizar a comunidade acadêmica sobre a lei de cotas e o contexto da desigualdade racial no Brasil.
 - *"Eu acredito que a UFMA em si ela não sei teoricamente falando por ter um curso de estudos africanos eu acredito que a UFMA deve se preocupar de alguma forma com a comunidade negra, né?"*
 - *"Eh, espero que a universidade, né, ela faça essa consciência das pessoas, que ela mostre o poder que a lei tem, que não fique só na cabeça das pessoas pretas, ah, a gente tem esse direito, mas que as pessoas brancas elas vejam o porquê desse direito, saber o porque a gente tá ali e saber o porque aquela lei foi efetivada e continuar lutando todos os dias para que essa lei ainda seja eh mais ainda eh efetivada e também aprimorada de acordo com os anos. "*
- **Percepção de representatividade (ou falta dela) de pessoas negras no curso e na área:** Sandra considera seu curso de Biblioteconomia diversificado racialmente, mas nota a baixa representatividade de pessoas negras em outros cursos da universidade. Ela também aponta a pequena quantidade de professores negros em seu departamento.
 - *"Eh, no meu curso eu acredito que tem bastante pessoas negras, eh, um curso bem diversificado e só que assim, em alguns outros cursos da universidade, principalmente no curso de Direito, eh, eu já tive situações assim de de ver um aluno preto na sala de direito, eu vi assim o pessoal tudo passando assim, apenas menino eh, negro negro dentro da sala de de um curso de direito e aí eu fiquei pensando até falei pro meu amigo, né, falei assim, eh, como o curso de Direito, né, principalmente um curso considerado de elite, eh, ainda não abarca muitas pessoas eh, pretas e aí eu senti assim uma uma grande diferença assim, uma coisa assim bem... "*
 - *"Ixe, deixa eu, deixa eu ver, ah, para eu lembrar, eu tô lembrando só de dois até agora e são mais de dez professores no departamento [nesse momento Sandra acessa o sit para confirmar quantos professores negros tem no curso de Biblioteconomia] Eu acho que são três. "*

A análise das entrevistas nesta categoria revela um conjunto diversificado de experiências acadêmicas entre os estudantes cotistas, permeadas por desafios e conquistas individuais, mas também por questões sistêmicas relacionadas ao racismo e à desigualdade social.

No que tange às experiências de aprendizagem e desempenho acadêmico, alguns estudantes, como Neusa, enfrentaram dificuldades de adaptação ao ritmo universitário, sentindo-se despreparados em relação aos colegas e sofrendo com a insegurança e o sentimento de inadequação.

Outros, como Nilma, tiveram uma transição mais suave, beneficiados por experiências educacionais prévias. Aparecida e Isildinha demonstraram um forte engajamento com os estudos e uma busca por aprofundamento em temas relacionados à questão racial e à Biblioteconomia. Rodrigo e Dagoberto expressaram um senso de responsabilidade em aproveitar ao máximo a oportunidade de estar na universidade, reconhecendo o privilégio que isso representa.

As relações com colegas foram, em geral, positivas, com relatos de grupos diversos e sem problemas significativos de interação. No entanto, alguns estudantes mencionaram a timidez e a introversão como barreiras para uma maior socialização, e outros observaram uma falta de engajamento dos colegas não cotistas nas discussões sobre relações étnico-raciais. Isildinha destacou seu papel ativo na conscientização dos colegas sobre a importância das cotas e a realidade da desigualdade racial.

A relação com professores e outros membros da comunidade acadêmica apresentou aspectos positivos e negativos. Alguns estudantes relataram apoio e parceria por parte de alguns professores, enquanto outros apontaram a falta de discussão sobre cotas e questões raciais no ambiente acadêmico, bem como a escassez de professores negros. Casos de racismo velado e estrutural foram mencionados, como o desentendimento de Nilma com um professor, o grotesco caso de Franciéle com uma professora a quem ela identifica como a *Senhorita Morello* e as dificuldades enfrentadas por Isildinha ao fazer críticas ao curso.

A participação em atividades acadêmicas e extracurriculares variou entre os estudantes. Alguns, como Rodrigo, envolveram-se em laboratórios de pesquisa e outros, como Isildinha e Petronio, em atividades políticas e de representação estudantil. Nilma, devido à conciliação com o trabalho, teve uma participação mais limitada nessas atividades.

O apoio recebido pelos estudantes veio de diferentes fontes. O apoio familiar foi destacado por muitos, com menções a mães, avós e tias que incentivaram e apoiaram a trajetória acadêmica. A amizade entre cotistas também foi mencionada como um fator importante de suporte. O apoio institucional, por meio de bolsas de estudo e ações afirmativas, foi fundamental para garantir a permanência de alguns estudantes na universidade.

Os desafios e dificuldades enfrentados pelos estudantes foram diversos e multifacetados. As dificuldades financeiras foram uma constante, exigindo que

muitos conciliassem estudo e trabalho e limitando o acesso a recursos e oportunidades. O racismo, tanto velado quanto explícito, foi uma realidade presente em diversos momentos da vida acadêmica, desde comentários e atitudes discriminatórias até a falta de representatividade e debates sobre questões raciais. As dificuldades emocionais, como insegurança, sentimento de inadequação e desmotivação, também foram relatadas, muitas vezes associadas às desigualdades vivenciadas no ambiente acadêmico e na sociedade em geral.

A presente seção está diretamente ligada às construções explicitadas anteriormente por Bicudo (2010), Souza (2021), Bento (2022), Nogueira (2021) e Fanon (2008) sobre as inseguranças quanto às suas capacidades, a questão da sua autoidentificação, às vezes conturbada devido à miscigenação, e o sentimento de coletivo por estarem em uma universidade. A maioria desses estudantes carrega consigo suas famílias; além disso, é compreendida também nesta categoria a falta de representatividade de negros em lugares de não subalternidade, o que para estes estudantes é muito conflitante de se compreender em um lugar onde “ele não deveria estar”.

Na sociedade atravessada por uma história de racismo e discriminação persistente, mesmo que silenciosamente, o pressuposto de que o negro deverá agir de acordo com certos estereótipos do comportamento do negro que habitam o Imaginário social, ou seja, o negro deverá agir sempre com paciência e moderação; não é suposto estar sujeito a emoções inerentes a um humano - ódio, raiva, amor - das pessoas ou do grupo. Deverá ser contentar com empregos que nada exigem de inteligência e pelo qual lhe paguem um salário de subsistência; ele se sentirá feliz em viver e criar sua família em habitações inadequadas (Nogueira, 2021, p. 131).

7.4 PERCEPÇÕES SOBRE A POLÍTICA DE COTAS

Para analisar as transcrições das entrevistas de História Oral, juntamente com teorias abordadas, a categoria "Percepções sobre a política de cotas" desdobra-se em buscar compreender os significados atribuídos à política de cotas, as opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política, a percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial e os sentimentos e emoções associados à condição de cotista.

Neusa

- **Significados atribuídos à política de cotas:** Neusa entende a política de cotas como um mecanismo de reparação histórica e de promoção de

igualdade de oportunidades, essencial para garantir o acesso de pessoas negras à universidade.

- **Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política:** Neusa defende a necessidade da política de cotas, argumentando que ela é fundamental para combater a desigualdade racial no acesso à educação superior. No entanto, ela também expressa a opinião de que as cotas deveriam ser mais efetivas, com uma proporção maior de vagas reservadas e critérios mais rigorosos para garantir que beneficiem principalmente pessoas de baixa renda.
 - *"eu acho que tem uma utilidade ali eu acho que elas são efetivas Mas eu sinto que pouco. porque a UFMG em sí Continua em maioria branca e eu não acho que isso é certo porque a Faculdade Federal ela é gratuita e ela deveria ser para pessoas de baixa renda e não é o caso ela é para pessoas ricas que tiveram como estudar pro Enem de uma forma com qualidade tiveram Como entrar com uma nota ótima e eu acho que isso é um problema porque essas pessoas elas têm dinheiro e elas deveriam entrar na faculdade particular não na pública a pública deveria ser assim com a escola pública para as pessoas de baixa renda Essa é a minha opinião Então eu acho que as cotas deveriam ser mais efetivas que a Ampla concorrência devia ser menor do que as cotas essa é uma opinião minha eu acho que a maioria na UFMG deveriam ser pessoas abaixo da linha da pobreza pessoas que não tem acesso que não tiveram acesso ao ensino mas eu acho que o problema também não o problema sabe eu acho que a questão tá também nessas pessoas porque muitas não acham que elas têm capacidade de entrar na universidade e não é uma coisa fácil não é só entrar na faculdade você tem que ir nas aulas você tem que passar nas aulas isso não é fácil principalmente para quem precisa trabalhar então eu acho que a UFMG devia ser mais acessível para essas pessoas de formas como mudar o seu turno de uma forma mais fácil eu entrei no diurno mas se eu precisasse trabalhar eu teria que passar pro noturno e esse é um processo cansativo muitas vezes não dá certo então eu acho que deveria ser mais acessível ainda acho que as cotas são efetivas Mas elas deveriam ser muito mais."*
- **Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial:** Neusa acredita que as cotas têm um impacto positivo na inclusão e na equidade racial, mas que ainda há muito a ser feito para garantir o acesso e a permanência de estudantes negros e de baixa renda na universidade.
- **Sentimentos e emoções associados à condição de cotista:** Neusa relata ter sentimentos de insegurança e de inferioridade em relação aos colegas que não entraram por cotas. Ela teme ser julgada como menos capaz intelectualmente por ter ingressado na universidade com uma nota menor.
 - *"Ah eu acho que seria um medo de ter a sua capacidade julgada porque você entrou com uma nota menor né. Teoricamente então a pessoa ia pensar nossa*

- **Significados atribuídos à política de cotas:** Nilma entende a política de cotas como um direito e um mecanismo de inclusão, embora insuficiente para reparar as desigualdades históricas.
 - *"eu não posso falar que não porque eu só a prova de que as cotas funcionam mas, eu não posso também dizer que sim porque peca muito ainda peca muito mesmo."*
- **Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política:** Nilma reconhece a necessidade da política de cotas, mas aponta suas limitações e a falta de efetividade em sua implementação.
 - *"Elas têm que ser mais efetivas porque é aquilo que eu falo mas é sempre isso o governo sempre faz isso com tudo eles nunca deixa as coisas boas o suficiente eles deixam elas 'funcionais' [usou aspas com os dedos] ao mínimo mas nunca efetivas de verdade."*
- **Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial:** Nilma acredita que as cotas promovem a inclusão, mas ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar a equidade racial. Ela menciona a importância de uma melhor disseminação de informações sobre os benefícios disponíveis para os cotistas.
 - *"ó eu usaria sim as cotas, então futuramente eu pretendo sim entrar de novo depois de terminar a Bíblia e com certeza vou utilizar das cotas sim..." "Então assim, eh muitas pessoas não sabem de projetos de coisas que podem ajudar muitas pessoas que vieram de fora não sabem que têm direito à moradia então assim a disseminação da informação sobre os benefícios dentro da UFMG, é muito precária, é tipo tá ali pra vocês, mas assim, eu não vou dizer que tá ali, pra você não poder usar."*
- **Sentimentos e emoções associados à condição de cotista:** Nilma relata ter sentido constrangimento diante de comentários desrespeitosos sobre sua condição de cotista, mas também demonstra orgulho e consciência de seus direitos.
 - *"na verdade eh sim na verdade bem nos incinhos quando a gente entrou na faculdade existia sim comentários dentro da sala de aula de pessoas que são extremamente idiotas porque não tem outra eu não gosto de botar esse título para ninguém até mesmo porque é pesado se parar para pensar na palavra mas para mim não muda o fato que uma pessoa é idiota sim dela pegar isso tratar com desdém porque a pessoa comentar um aluno comentar que, 'ai porque você é cotista tipo você nem mereceu tá aqui você entrou com cota' entende?" "eu não tenho necessidade de falar mas eu também não falaria abertamente porque né não é muito bem aceito não é muito bem visto."*

Rodrigo

- **Significados atribuídos à política de cotas:** Rodrigo entende as cotas como um mecanismo de reparação histórica e uma oportunidade de acesso à universidade.
- **Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política:** Rodrigo defende a política de cotas, afirmando que exerceria esse direito novamente se pudesse. Ele acredita que o percentual de cotas deveria ser maior, considerando a presença de comunidades quilombolas na região.

- *"Ah, eh, sim, eu optaria pela, pelas cotas, se eu voltasse no tempo, até porque a gente tem que exercer esse direito que a gente tem das cotas e não, não abrange, acho que na, na UDESC só são, eu lembro que era 15% e eles estavam tentando para 20%. E o que que eu penso, né, dentro da, da de Florianópolis, existem, três quilombos e foi até uma, eu vou falando, vou, vou lembrar de assuntos, uma conversa com uma colega minha, ela falou que assim, 'ah, acho que as pessoas não estão aqui na universidade porque não tem muita gente preta, eh, muita gente negra aqui em Florianópolis', né? Falei, 'tem, tem, amiga, tem, mas elas estão no morro, elas estão no morro, por isso que você não vê'. Então, assim, não abrange 15% de cota, não abrange o número de pessoas que, que tem, sabe? Eu acho que poderia ser muito mais, tem capacidade para ser bem mais."*
- **Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial:** Rodrigo acredita que as cotas são necessárias para promover a inclusão, mas que ainda não são suficientes para garantir a equidade racial na universidade.
 - *"Eu acho que poderia ser muito mais, tem capacidade para ser bem mais."*
- **Sentimentos e emoções associados à condição de cotista:** Rodrigo não expressa sentimentos negativos em relação à sua condição de cotista, mas sim um senso de responsabilidade e luta.
 - *"Eu acho que eu entendi que eu entrei numa luta, na verdade, eu me sinto hoje numa luta constante para que as coisas, elas possam melhorar."*

Aparecida

- **Significados atribuídos à política de cotas:** As cotas são vistas como um instrumento de inclusão e reparação, que possibilitam o acesso de pessoas negras a espaços de ensino superior.
 - *"Então, a cota, ela contribuiu muito para isso, para me levar a lugares que talvez, se não fosse por ela, eu não poderia estar hoje onde eu tô, por exemplo, em pesquisa numa universidade pública."*
 - *"Por isso, sim, ingressaria novamente, porque eu vejo mais como uma questão de direito nosso, então é algo que deve ser usado."*
- **Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política:** Aparecida reconhece a eficácia das cotas no acesso à universidade, mas aponta a necessidade de aprimoramentos, especialmente no que diz respeito à assistência aos estudantes cotistas.
 - *"Eu acho que elas me ajudaram muito, eh, no ingresso à universidade, mas eu acho que, eh... eu acho que ainda precisa melhorar, principalmente no que diz respeito a essa questão mais, eh, de assistência."*
- **Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial:** Aparecida acredita que as cotas têm um impacto positivo na inclusão racial, mas ressalta que a equidade racial ainda é um objetivo a ser alcançado.
- **Sentimentos e emoções associados à condição de cotista:** Inicialmente, havia um certo constrangimento em relação à condição de

cotista, mas com o maior conhecimento sobre o tema, esse sentimento foi substituído por orgulho e valorização da política.

- *"Então, depois que eu tive esse conhecimento, eu comecei a ver, eh, assim, não ter essa vergonha, tipo, eh, se alguém pergunta, eu falo com orgulho que sim, eu entrei pelas cotas, elas me permitiram viver exatamente o que eu vivo hoje."*

Dagoberto

- **Significados atribuídos à política de cotas:** Dagoberto entende as cotas como uma forma de abrir espaço para pessoas que historicamente foram excluídas do acesso à universidade e a outros espaços de poder.
 - *"Eu sempre entendi o sistema de cotas como uma espécie de oportunidade de abrir um espaço para pessoas que não geralmente não teriam esse espaço dentro, eh, das universidades, dentro dos concursos, dentro das escolas, um espaço que seria predominantemente ocupado com gente branca, ou pessoas com poder aquisitivo acima da média".*
- **Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política:** Dagoberto considera as cotas necessárias para equilibrar o jogo e oferecer oportunidades, mesmo reconhecendo que elas não eliminam completamente as desigualdades.
 - *"Muita gente associa a isso a reparação histórica, a oportunidade de equilibrar um pouco o jogo, mesmo sabendo que ele não vai ser equilibrado, não é assim que as coisas funcionam".*
- **Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial:** Dagoberto acredita que as cotas contribuem para a inclusão, mas critica a visão de que elas seriam um "presente" ou "privilégio", reforçando que são uma tentativa de corrigir desigualdades históricas.
 - *"...mas novamente essa história de enxergar das pessoas que não precisam daquilo, enxergar a cota como se fosse um presente, um privilégio, quando na verdade é só uma tentativa de equilibrar um pouco o jogo, de trazer um pouco as pessoas que não estavam ali dentro pro campinho".*
- **Sentimentos e emoções associados à condição de cotista:** Dagoberto sente a responsabilidade de "fazer valer a pena" a oportunidade que recebeu como cotista.
 - *"O que eu já senti a respeito de ser um estudante cotista é que eu tinha que fazer valer a pena a oportunidade que eu recebi, porque não sou só eu, né, que tô precisando disso, tem muitas outras pessoas precisando".*
 - Ele demonstra desgosto diante das reclamações sobre as cotas, mas opta por não se envolver em discussões improdutivas.
 - "Aí eu só senti

Isildinha

- **Significados atribuídos à política de cotas:** Isildinha vê as cotas como uma forma de justiça social e reparação histórica, dada a dívida do Brasil com a população preta e parda. Ela as considera importantes para

garantir o acesso de pessoas negras à universidade e para promover a igualdade racial.

- *"(...) eu sempre soube e sempre tive consciência da importância, né, das cotas para as pessoas pretas, com deficiência, pardas, porque a gente vive num país que historicamente, eh, ele tem uma dívida muito grande, né? Como várias pessoas, né, eh, vê-se muito essa história de que o Brasil foi descoberto, mas já tinha pessoas aqui e, quando eles vieram para cá, eles trouxeram outras pessoas de outro, de outro continente à força, escravizaram, né? Então a gente vive num país que tem uma dívida histórica gigantesca com a população preta e parda, né? Então, eu sempre tive essa consciência."*
- **Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política:** Isildinha defende a necessidade e a eficácia das cotas, argumentando que, apesar delas, o número de pessoas pretas na universidade ainda é muito baixo. Ela critica a visão de que cotas seriam exclusão, afirmando que são uma forma de inclusão e de reparação.
 - *"Aí eu disse: 'Querido, se todo mundo fosse igual, essa universidade ia ter mais de 50% de pessoas pretas, porque mais de 50% de pessoas pretas no Brasil existem.' E aí eu tive que fazer todo um diálogo, explicar, eh, pedir para ele ler sobre a lei e tudo mais para ele entender, porque no lugar de pessoa branca, ele não conseguiria entender isso, interpretar a importância das cotas. Então a gente teve esse diálogo, ele fez: 'Nossa, eh, desculpa e tal.' Disse: 'É, é, você tem que se informar, você tem que se informar, porque se isso não lhe afeta, então você não tem lugar de fala.' [...] E aí, tipo, eh, veja esse exemplo, né? Tipo, a pessoa, muitas vezes, a gente ainda tem esse papel de educar, né? A gente tem que educar as pessoas com relação a isso, que às vezes é um pouco cansativo. Uma pessoa que está dentro da universidade, já estudando, o mínimo que ela tem que fazer é se formar, mas a gente ainda tem que educar essas pessoas da importância das cotas e das pessoas pretas estarem dentro da universidade, porque são essas pessoas que, com isso, vão fazer pesquisa, vão ser exemplo, vão ser exemplo de luta, de causa e tudo mais para as outras pessoas que ainda estão sonhando entrar na universidade,"*
- **Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial:** Isildinha acredita que as cotas têm um impacto positivo na inclusão de pessoas negras na universidade, mas ressalta que ainda há muito a ser feito para alcançar a equidade racial. Ela aponta para a importância de que as pessoas negras que ingressam na universidade se tornem exemplos e agentes de transformação social.
 - *"Aí eu disse: 'Querido, se todo mundo fosse igual, essa universidade ia ter mais de 50% de pessoas pretas, porque mais de 50% de pessoas pretas no Brasil existem.' E aí eu tive que fazer todo um diálogo, explicar, eh, pedir para ele ler sobre a lei e tudo mais para ele entender, porque no lugar de pessoa branca, ele não conseguiria entender isso, interpretar a importância das cotas. Então a gente teve esse diálogo, ele fez: 'Nossa, eh, desculpa e tal.' Disse: 'É, é, você tem que se informar, você tem que se informar, porque se isso não lhe afeta, então você não tem lugar*

de fala.' [...] E aí, tipo, eh, veja esse exemplo, né? Tipo, a pessoa, muitas vezes, a gente ainda tem esse papel de educar, né? A gente tem que educar as pessoas com relação a isso, que às vezes é um pouco cansativo. Uma pessoa que está dentro da universidade, já estudando, o mínimo que ela tem que fazer é se formar, mas a gente ainda tem que educar essas pessoas da importância das cotas e das pessoas pretas estarem dentro da universidade, porque são essas pessoas que, com isso, vão fazer pesquisa, vão ser exemplo, vão ser exemplo de luta, de causa e tudo mais para as outras pessoas que ainda estão sonhando entrar na universidade,"

- **Sentimentos e emoções associados à condição de cotista:** Isildinha demonstra orgulho de ser cotista e de ocupar um espaço na universidade que historicamente foi negado à população negra. Ela se sente responsável por representar e lutar por outras pessoas negras.
 - *"(...) para no meu ponto de vista, seria a única forma de eu entrar na universidade, seria através das cotas, porque se fosse pela ampla concorrência, eu não iria conseguir, por mais que a nota fosse razoavelmente baixa, mas eu acredito que era um, é um, era um direito que eu tinha que exercer, meu. Então foi por isso que eu me inscrevi."*

Cida

- **Significados atribuídos à política de cotas:** Cida atribui à política de cotas um papel de "salva-vidas", possibilitando seu acesso à universidade. Ela a vê como uma ferramenta necessária para reparar desigualdades históricas.
- **Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política:** Cida defende a necessidade da política de cotas, argumentando que as desigualdades raciais exigem medidas afirmativas. Ela aponta, no entanto, que a política precisa ser aprimorada para garantir a permanência dos cotistas na universidade, com acesso a auxílio estudantil e moradia.
- **Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial:** Cida acredita que as cotas promovem a inclusão, mas ressalta que a equidade racial ainda é um objetivo a ser alcançado.
- **Sentimentos e emoções associados à condição de cotista:** Cida se sente "vencedora" por ter ingressado na universidade através das cotas e não se vê como um fardo ou "resistência".
 - *"Ah, eu me entendo como vencedora, porque é graças às cotas que eu tô ali estudando, conseguindo ter uma profissão, né, me formar. Então não me sinto uma resistência tá ali, que cada coisa que eu já passei também."*

Francilene

- **Significados atribuídos à política de cotas:**
 - *"Eu acredito que sim, acredito que sim, porque é um direito, né, que eu tenho, então não tenho por que eu não... eu não optar pelas cotas."*
- **Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política:**

- *"Ãh, eu acredito que ela funciona parcialmente, por quê? Porque não sei se ela está chegando a todas as pessoas que ela pretende chegar, eh, apesar de que... eh, ela já tem o quê? mais de 20 anos. Então, eu acho que eu vou continuar o meu raciocínio dizendo que eu não acho que parcialmente porque não sei se ela chega a todas as pessoas, se ela atende a todas as pessoas que se pretende atender, se pretende chegar. Não sei também se apesar desse tempo as universidades têm... eh... estrutura para... para lidar com isso, para falar sobre isso e também para... para acolher esses estudantes, para fazer com que esses estudantes se sintam pertencentes... pertencentes, eh, além de ou então serem vistos só como os estudantes cotistas, sabe? Fazer com que a gente se sinta parte disso e não algo à parte. Eu acho que é isso."*
- **Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial:**
 - (Incluído na resposta anterior, pois se entrelaça com a opinião sobre a eficácia)
- **Sentimentos e emoções associados à condição de cotista:**
 - *"Bom, eu acho que eu não me sinto envergonhada, apesar de ter muitos motivos para me sentir envergonhada e para me sentir acanhada..."*

Carla

- **Significados atribuídos à política de cotas:** Carla vê a política de cotas como uma ferramenta de reparação histórica e de promoção da ascensão social e cultural para pessoas negras. Ela enfatiza que as cotas representam uma grande conquista e oportunidade para muitas famílias.
 - *"para muitas pessoas negras isso realmente é, é um grande evento da universidade, sabe? Representa uma grande coisa, uma ascensão não só financeira, mas uma ascensão de, de vários aspectos para a família, sabe?"*
- **Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política:** Carla acredita que a política de cotas é necessária, mas reconhece que ainda há muito a ser feito para alcançar a equidade racial. Ela defende a ampliação das cotas para outros cursos além dos mais tradicionais e critica a restrição de cotas indígenas a áreas específicas.
 - *"eu ainda acho que é muito necessário. Eu não, dentro do campus que eu tô, dentro da faculdade que eu tô, eu não vejo ainda essa igualdade ou essa equidade racial."*
 - *"eu acho que é muito importante e e que a gente não tenha cotas só para, para cursos que são extremamente necessários, visados, sei lá, Medicina, tipo, ah, Pedagogia precisa de aula, mas outros cursos também que, que contribuem com a ciência, contribuem com a sociedade, como a Biblioteconomia, sabe?"*
- **Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial:** Carla observa que a política de cotas tem contribuído para aumentar a presença de pessoas negras na universidade, mas ainda não é suficiente para garantir a equidade. Ela ressalta a importância de a universidade se tornar um espaço mais acolhedor e representativo da diversidade racial.

- *"Agora, nos últimos anos, ainda tá tendo mais presença, por exemplo, na biblio, quando eu, quando eu entrei, era só eu e mais uma assim, negra, e não era muito, pouco, pouco se via."*
- **Sentimentos e emoções associados à condição de cotista:** Carla não expressa explicitamente sentimentos negativos em relação à sua condição de cotista. Pelo contrário, ela parece encarar essa condição como um direito e uma forma de lutar contra a desigualdade racial.

Virgínia

- **Significados atribuídos à política de cotas:** Virgínia vê a política de cotas como um mecanismo que possibilitou seu ingresso na universidade, reconhecendo seu papel na promoção do acesso à educação superior para pessoas negras.
 - *"Cara, não me arrependo porque foi o que me possibilitou, né? Estar na universidade pública e eu tinha parado muito tempo de estudar, não imaginava que eu ia tirar uma nota boa, foi uma surpresa para mim quando a nota veio porque eu tinha parado de estudar tipo quatro anos atrás e passei, mas ali eu acho que se eu voltasse no tempo ou tivesse uma outra oportunidade de fazer um outro curso, eu faria o mesmo curso."*
- **Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política:** Virgínia não expressa explicitamente sua opinião sobre a eficácia e a necessidade da política, mas sua escolha por utilizar as cotas sugere que ela a considera importante.
- **Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial:** Virgínia reconhece que a universidade ainda é majoritariamente branca e que o racismo persiste, o que indica que, embora a política de cotas seja um passo importante, ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar a equidade racial.
 - *"Então, a universidade é, tem essa essa pegada assim social e tem muitos benefícios para cotistas, tá? Seja de renda, você se inscrever e tal, mas é ainda majoritariamente branca. E o meu campus é um campus na Zona Sul do Rio de Janeiro, então é uma área muito rica, então, assim, é, a gente tem esses problemas, né? Então, e é uma universidade majoritariamente branca, então, por mais que tenha cotas, né? A gente tem, tem cotas para entrar, mas não tem cotas para sair, né? Então, a gente não tem professores negros, por exemplo, né? A gente não tem esse tipo de coisa, então, é uma universidade majoritariamente branca, sim, e aí você sente, as pessoas não percebem? Percebem esse olhar, você percebe, eles te olham com um olhar de 'esse não é o seu lugar, esse não é bem o seu lugar' e aí você fica tipo, você vai se encolhendo sozinho sem nem a pessoa precisar falar nada porque ele já te olha como se você teve a audácia de entrar aqui e aí eu prefiro não entrar em nenhuma loja, nem nada, nem na farmácia, eu entro, eu prefiro comprar tudo no meu bairro especificamente porque não sei se teria um problema comigo, mas eu prefiro não arriscar."*
- **Sentimentos e emoções associados à condição de cotista:** Virgínia não detalha explicitamente seus sentimentos e emoções, mas sua escolha por utilizar as cotas e suas reflexões sobre a política sugerem um

reconhecimento de sua importância e uma consciência das desigualdades raciais que a tornam necessária.

Franciéle

- **Significados atribuídos à política de cotas:** Franciéle entende as cotas como uma oportunidade de acesso à universidade, especialmente para pessoas de baixa renda e do interior.
 - *"É tipo assim, só ter a oportunidade de tentar ingressar pela cota já foi muito para mim, porque eu venho do interior, de uma família pobre mesmo, que eu não teria essa oportunidade de entrar numa universidade particular, por exemplo."*
- **Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política:** Franciéle reconhece a importância das cotas, mas aponta a necessidade de aprimoramentos, principalmente no que diz respeito ao apoio financeiro e à permanência dos estudantes.
 - *"Então eu acho que ainda é muito pouco, ela fornece muito pouco, eh, poderia dar uma ampliada maior porque tem essa essa questão, né, que foi trabalhada no evento da que a professora estava, que é sobre a permanência das pessoas que que entram, às vezes não conseguem se manter"*
- **Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial:** Franciéle acredita que as cotas são importantes para a inclusão, mas ressalta que ainda há desafios a serem superados para garantir a permanência e o sucesso dos estudantes cotistas.
- **Sentimentos e emoções associados à condição de cotista:** Inicialmente, Franciéle sentia-se coagida ao falar sobre sua condição de cotista, mas com o tempo e o aprofundamento do conhecimento sobre o tema, passou a valorizar e defender a política de cotas.
 - *"A gente faz o uso dela, que é a nossa, a nossa oportunidade, só que a gente ainda também se sente um pouco, pouco, eh, coagido, eu diria, sobre sobre falar que é cotista mesmo, né?"*

Sueli

- **Significados atribuídos à política de cotas:** Sueli entende as cotas como um mecanismo de inclusão e reparação histórica, que visa facilitar o acesso de grupos minoritários à universidade. Há o reconhecimento de que as cotas oferecem uma "mão" para o ingresso, mas que é necessário esforço individual para ter sucesso.
 - *"É só para facilitar mesmo. Uhum, pro aluno negro, indígena, quilombola entrar. É como se ele se o sistema tivesse te dando uma mão ali, aham, para te levantar, né? Mas mas vai ter que dar algo em troca uma hora ou outra."*
- **Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política:** Sueli considera as cotas necessárias diante das desigualdades raciais e da falta de oportunidades, mas aponta a necessidade de aprimoramento e maior cuidado com os cotistas.
 - *"Não. Porque tá faltando aprimorar e mais... tá faltando, eh, destacar mais isso, tá faltando um cuidado, uma... Tem necessidade aí que tá passando despercebida."*

- **Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial:** Sueli acredita que as cotas têm um papel importante na promoção da inclusão, mas ressalta que a equidade racial é um processo complexo que envolve mudanças mais profundas na sociedade.
 - *"Eh, bem sinceramente, é muito complicado, envolve muita coisa. E bem, gente, eu não sei como explicar isso sinceramente [risos], porque é uma situação assim que tem muito preconceito político."*
- **Sentimentos e emoções associados à condição de cotista:** Inicialmente, Sueli sente vergonha por ter ingressado por cotas, mas supera esse sentimento ao reconhecer seu próprio esforço e a importância da luta por direitos.
 - *"E é assim, vou te dizer, eu senti um pouco de vergonha quando eu entrei por cota, claro, né, eu senti um pouco de vergonha, aí não, mas depois quer saber, eu entrei porque eu me esforcei também, eu tô aqui, teve gente que veio muito antes de mim que lutou por isso e conseguiu, então eu vou conseguir também."*

Andreia

- **Significados atribuídos à política de cotas:** Andreia vê as cotas como um mecanismo de inclusão e justiça social, que permite que pessoas negras tenham as mesmas oportunidades que outras.
 - *"Eu vou colaborar porque eu sou fruto disso. Tá? Eu sou fruto de de você, eh, ver que tua família, tu é a primeira a se formar na universidade e tu passa no concurso para federal sendo a primeira negra da tua família a estar assumindo esse cargo."*
- **Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política:** Andreia é totalmente a favor das cotas e dos projetos sociais. Ela acredita que as cotas são necessárias para corrigir as desigualdades históricas e garantir que pessoas negras tenham acesso à educação e ao mercado de trabalho.
 - *"Então, eh, eu sou totalmente a favor das cotas, sou totalmente a favor dos projetos sociais, sou totalmente a favor de dizer assim: 'Olha, hoje a gente vai entrar na favela ali, vamos fazer uma, um projeto cultural, um projeto social.'"*
- **Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial:** Andreia acredita que as cotas promovem a inclusão e a equidade racial, permitindo que pessoas negras ocupem espaços que antes lhes eram negados.
 - *"A gente teve grandes vitórias com essas cotas de concurso e a gente consegue, eh, estar no mesmo nível que as pessoas, né, que a gente estuda."*
- **Sentimentos e emoções associados à condição de cotista:** Andreia se sente grata e realizada por ser fruto das cotas.
 - *"Então, assim, é muito gratificante, sabe?"*

Lívia

- **Significados atribuídos à política de cotas:** Inicialmente, Lívia via as cotas como um "desmerecimento" e uma forma de "exclusão". Com o tempo, ela passou a entender as cotas como um mecanismo importante de inclusão e de reparação histórica.

- *"E veio com uma visão preconceituosa, uma visão de desmerecimento, de que não, de que não valia a pena, porque todo mundo tinha que ser ampla concorrência, porque era injusto com todo mundo. E veio para mim com um monte de discurso preconceituoso, e eu, como eu era muito nova, altamente influenciável, era um discurso que eu acabava reproduzindo, né? E acabei, eh, reproduzindo durante muito tempo o discurso de que cota, as cotas eram um desmerecimento, de que não, não precisava existir, e me arrependo amargamente disso."*
- **Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política:** Lívia acredita que as cotas são necessárias, mas que poderiam ser mais eficazes. Ela aponta a falta de divulgação sobre os direitos dos cotistas e a necessidade de um melhor atendimento às demandas desse público.
 - *"Hum..., atende, mas em parte, porque vendo não só o público de biblio, né, mas vendo no geral, eh, você continua vendo pouquíssimas pessoas, pessoas negras e pardas na faculdade. É, você vê, óbvio que você vê, mas você não vê naquela mesma massa que você vê de pessoas brancas e quando você, você vê isso muito nitidamente quando você tá num RU, por exemplo, num restaurante universitário, é onde eu vejo com mais amplitude isso."*
- **Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial:** Lívia reconhece que as cotas possibilitam o acesso de mais pessoas negras e pardas à universidade, mas ressalta que ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar a equidade racial. Ela expressa o desejo de que, no futuro, sua filha e sua prima não precisem se sentir como "raridades" no ambiente acadêmico.
 - *"Eu me sinto como uma pessoa rara,[risos] né? Eu me sinto uma pessoa rara e eu não queria ser uma pessoa rara, eu queria muito encontrar pessoas parecidas comigo, similares a mim, eh, na faculdade, eh, ter uma identificação, uma sensação maior de pertencimento ao local, porque quando eu entrei, eu tive que me esforçar muito para ter essa sensação de pertencimento, de eu estou aqui porque eu merecia estar aqui, eh, porque eu tive nota e um monte de coisa, mas tive que trabalhar muito mentalmente isso e eu desejo que no futuro, como quando a minha filha ou minha prima que tem oito anos hoje for entrar na graduação, desejo que elas entrem, que seja motivado, ensinado que a universidade é importante, que trabalhar diretamente nem sempre dá certo, que é importante estudar mais, ter estudo e desejo que além disso, que elas não se sintam diferentes num local, que tenham mais pessoas iguais a ela para ela não se sentir sozinha."*
- **Sentimentos e emoções associados à condição de cotista:** Lívia sente orgulho de ser cotista e de ter conquistado sua vaga na universidade. Em alguns momentos, ela experimenta um sentimento de estranhamento e de não pertencimento por ser uma das poucas pessoas negras no curso.
 - *"Eu me sinto como uma pessoa rara,[risos] né? Eu me sinto uma pessoa rara..."*

- **Significados atribuídos à política de cotas:** Petronio entende a política de cotas como uma conquista do movimento negro, mas critica a forma como ela é por vezes compreendida de maneira descontextualizada da questão de classe.
 - *"Então, tipo assim, no ano 2018 de que eu tava estudando febrilmente, né, para a universidade, eu descobri que não foi o governo, eh, mais progressista, né, de 2013 a 2016, que criou as cotas, e sim o movimento negro que cresceu exigindo a, a, a, a cotas raciais, né?", "Então, a respeito da história das cotas raciais, né, eu achava que, na minha perspectiva, as cotas eram para servir a pessoas negras, pardas, indígenas, mas para mim se tornou uma coisa tão identitária para as pessoas que não têm entendimento de classe e sim só de raça, que eu abordei a questão, unir essas duas questões, né, entre questão de raça e classe."*
- **Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política:** O relato enfatiza sua importância histórica e a necessidade de uma compreensão mais ampla, que considere também a classe social.
 - *"porque dentro da Universidade não há esse apoio institucional para esses estudantes, entende? Por isso que acontece como aconteceu com minhas amigas, saíram do curso, né? Então, por isso, né, deu, não é esse apoio total, então falta muita coisa, por exemplo, estudantes sem residência, estudantes mães sem residência, né? Então, por isso que isso não atende todos os estudantes, isso é uma falácia imensa, né?"*
 - *"? Então, tipo assim, em sua maioria é branca, ou seja, um ou dois é negros, ou seja, numa entrada de 60, e que dois são negros, isso é uma queda muito grande, ou seja, principalmente nos cursos, né, de Saúde, Biológicas, Exatas e, né, o Direito, né, o curso de Direito, né, que a gente vê que isso é uma queda muito grande. Saiu uma pesquisa, eu acho que foi em 2019 ou 2020, sabe, Kariane, que eh 57% da dos estudantes universitários são negros, aí falaram, ah, graças à política de cotas do governo Lula, do PT e tal, ou seja, isso é um apagamento na história do movimento negro e colocar o Lula como centro do movimento, né, que foi criado pelo MNU. Então, por isso, né, há essa grande quantidade? Sim, há sim uma grande quantidade, mas todos eles são licenciatura, são futuros bibliotecários, são futuros sociólogos, pedagogos, né? Principalmente porque os cursos noturnos, a maioria, né, porque trabalha e tem que vir à noite estudar."*
- **Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial:** Petronio reconhece que a política de cotas permitiu o acesso de pessoas de vulnerabilidade socioeconômica e pessoas negras à universidade, mas aponta para a persistência do racismo e do elitismo no ambiente acadêmico.
 - *"Então, eh, graças ao movimento negro, né, que a gente tem, aí teve à frente um MNU, que a gente adentrou, inclusive, na, na minha sala, no centro que eu estudo, é o que mais tem, eh, pessoas de vulnerabilidade socioeconômica, né, pessoas negras, pardas, inclusive tive o prazer de estudar com a indígena, né, do tribo Tapuia...", "E quando eu adentrei dentro da universidade, é total elitismo, né? Ainda há um elitismo grande dentro das universidades, né..."*

- **Sentimentos e emoções associados à condição de cotista:** Petronio não explicita sentimentos específicos sobre ser cotista, mas sua narrativa revela um forte senso de identidade racial e um compromisso com a luta por justiça social.

Sandra

- **Significados atribuídos à política de cotas:** Sandra entende a política de cotas como um direito e uma forma de reparação histórica. Ela menciona que as cotas são um "marco legal" para corrigir a desigualdade imposta à população negra ao longo da história do Brasil.
 - *"Eu espero que as pessoas continuem adentrando a universidade, as pessoas negras continuem adentrando, utilizando desse desse marco legal, porque é direito, é uma coisa que foi tirada por muitos anos das pessoas pretas, o direito de estudar, o direito de de ter uma vida melhor."*
- **Opiniões sobre a eficácia e a necessidade da política:** Sandra acredita na necessidade da política de cotas para o acesso à universidade, mas aponta que ela é apenas o primeiro passo. Ela ressalta que a permanência dos cotistas na universidade enfrenta desafios como dificuldades financeiras.
 - *"A cota ela é só uma porta de entrada. A ela as pessoas falam assim: 'Ah, ela é cotista, tudo certo', mas normalmente esses cotistas como eu que sai de uma cidade pequena, sai de uma cidade que não tem estrutura, tem uma estrutura boa, às vezes a gente sai, eu saí com uma família estruturada, uma família estruturada, minha mãe estruturada, mas tem pessoas que são tipo da minha cor que sai totalmente desestruturado, família totalmente desestruturada, não tem condições de se manter."*
- **Percepção sobre os impactos da política na inclusão e na equidade racial:** Sandra observa que as cotas aumentaram a diversidade racial em alguns cursos, mas ainda há disparidades, como no curso de Direito. Ela também destaca a importância de a sociedade em geral compreender o propósito das cotas.
 - *"Eh, no meu curso eu acredito que tem bastante pessoas negras, eh, um curso bem diversificado e só que assim, em alguns outros cursos da universidade, principalmente no curso de Direito, eh, eu já tive situações assim de de ver um aluno preto na sala de direito, eu vi assim o pessoal tudo passando assim, apenas menino eh, negro negro dentro da sala de de um curso de direito e aí eu fiquei pensando até falei pro meu amigo, né, falei assim, eh, como o curso de Direito, né, principalmente um curso considerado de elite, eh, ainda não abarca muitas pessoas eh, pretas e aí eu senti assim uma uma grande diferença assim, uma coisa assim bem..."*
- **Sentimentos e emoções associados à condição de cotista:** Sandra relata ter usado as cotas mesmo podendo ter ingressado pela classificação geral, por desconhecimento do sistema. Ela também menciona ter ouvido comentários negativos sobre cotistas, mas mantém uma postura firme em relação ao seu direito.
 - *"mas eu usei a cota mesmo. Foi meio assim [risos], eu poderia não usar, só que depois eu soube, eu poderia ter usado, mas eu acabei usando sem saber, né? Porque eu poderia ter passado no quadro de vagas, só que aí, por desconhecimento até do próprio Sisu, eu*

acabei colocando cota mesmo não tendo a, tipo assim, mesmo podendo passar na lista normal, o que favoreceu agora, né, com o novo sistema do SisU, né?"

A análise das narrativas revela uma variedade de percepções sobre a política de cotas entre os estudantes universitários. No geral, os participantes entendem a política de cotas como um mecanismo de reparação histórica e de promoção de igualdade de oportunidades, essencial para garantir o acesso de pessoas negras e de baixa renda à universidade. Muitos defendem a necessidade da política de cotas, argumentando que ela é fundamental para combater a desigualdade racial no acesso à educação superior. No entanto, alguns expressam opiniões críticas sobre a eficácia da política, apontando para a necessidade de aprimoramentos e maior efetividade em sua implementação, nesse sentido, Vaz (2022), Fonseca (2024) e Jesus (2024) corroboram com os participantes mencionando que os mecanismos de ingresso são essenciais, contudo precisam de uma maior atenção, visto que é importante fazer com que entrem na universidade mas também é significativo que se haja fomentos para manter estes alunos dentro da universidade.

Os participantes também compartilham sentimentos e emoções associados à condição de cotista. Alguns relatam terem sentimentos de insegurança, inferioridade e constrangimento diante de comentários desrespeitosos. No entanto, muitos também demonstram orgulho, consciência de seus direitos e um senso de responsabilidade em relação à política de cotas. Em razão disso, Souza (2021) defende a necessidade de construir uma identidade negra positiva, livre dos estigmas e estereótipos racistas.

Há um reconhecimento de que as cotas possibilitam o acesso à universidade e representam uma conquista importante, mas também uma compreensão de que ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar a equidade racial.

Além disso, alguns participantes apontam para a necessidade de aprimoramentos na política de cotas, como uma maior proporção de vagas reservadas, critérios mais rigorosos para garantir que beneficiem principalmente pessoas de baixa renda e uma melhor assistência aos estudantes cotistas. Eles ressaltam a importância de a universidade se tornar um espaço mais acolhedor e representativo da diversidade racial, com maior apoio institucional e disseminação de informações sobre os benefícios disponíveis para os cotistas.

7.5 IMPLICAÇÕES PARA A BIBLIOTECONOMIA

Para analisar as transcrições das entrevistas de História Oral, juntamente com teorias abordadas, a categoria "Implicações para a Biblioteconomia " desdobra-se em buscar compreender a visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial. As sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa, as contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia e as reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais.

Neusa

- **Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial:** Neusa não explicita uma visão detalhada sobre o papel específico da Biblioteconomia na promoção da equidade racial.
- **Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa:** Neusa não oferece sugestões diretas sobre como tornar a área da Biblioteconomia mais inclusiva e representativa.
- **Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia:** Neusa reflete sobre como sua experiência como cotista é única e difere da perspectiva de quem ingressou por ampla concorrência, sugerindo que a diversidade de vivências pode enriquecer a área.
 - *"Eh mas eu acho que essa experiência como uma pessoa que entrou com as cotas ela é única as pessoas que não entraram com as cotas elas não tem esse pensamento, quem entrou de ampla concorrência não tem eu acho né que eles não têm esse medo essa ansiedade de forma gravada igual as pessoas que entraram com cota Imagino que tenham porque é constante."*
- **Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais:** Neusa demonstra abertura para aprender sobre o conceito de informação étnico-racial, indicando uma possível necessidade de maior abordagem dessas questões na formação do bibliotecário. Neusa aponta para uma lacuna na formação do bibliotecário ao relatar a ausência de discussões sobre questões étnico-raciais em seu curso. Isso sugere a necessidade de incluir essas temáticas na formação dos profissionais da área.
 - *"[sobre o conceito de informação étnico-racial] não sei, mas eu gostaria de saber ."*
 - *"não participei isso acho que não é muito falado não tenho muitos professores negros Então acho que entra um pouco nisso né."*

Nilma

- **Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial:** Nilma não aborda diretamente o papel da Biblioteconomia na

promoção da equidade racial, mas sua fala sugere a necessidade de a área se tornar mais inclusiva e representativa, considerando as experiências e demandas de pessoas negras e de outros grupos minoritários.

- **Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa:** Nilma não faz sugestões específicas para a Biblioteconomia, mas sua crítica à falta de discussão sobre questões raciais em seu curso aponta para a necessidade de incluir essas temáticas na formação dos bibliotecários.
 - *"Eu acho que o nosso curso ele não induz a gente tanto a pensar sobre isso..."*
- **Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia:** Nilma não discute diretamente as contribuições da diversidade para a Biblioteconomia, mas sua vivência como mulher negra, cotista e trabalhadora demonstra a importância de considerar diferentes perspectivas e experiências na área.
- **Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais:** Nilma raciais na formação em Biblioteconomia, indicando a necessidade de preparar os futuros profissionais para lidar com a diversidade e promover a inclusão.
 - *"Eu acho que o nosso curso ele não induz a gente tanto a pensar sobre isso..."*

Rodrigo

- **Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial:** Rodrigo vê a Biblioteconomia como um campo com potencial para promover a equidade racial, através da disseminação de informação e da capacitação das pessoas. Ele defende a inclusão de disciplinas sobre relações étnico-raciais no currículo e a contratação de professores negros.
 - *"Eu acho que o curso, ele tem muito potencial para mudar isso. A gente está num curso de gestão de informação, a gente está num curso de que, que, que trata da informação, que trata de levar informação para as pessoas, não só de levar informação para as pessoas, mas tornar essas pessoas capacitadas para procurar as próprias informações, né?"*
 - *"Então, o curso, ele deveria, acho que, primeiro, colocar o curso de relações étnico-raciais e, e, quando eu digo colocar esse curso, é colocar uma pessoa bibliotecária, um gestor de informação que ele possa fazer esses laços entre o curso e relações étnico-raciais, sabe? Eu acredito que os professores, eles podiam também fazer mais trabalhos com relação, com relação a isso, porque tem, sabe, estão interligados, a informação, você, eh, eh, eh, como, como curso, eh, eh, eh, disseminar informação de que existem as cotas, falar para as pessoas o que é que são as cotas, né, para que que elas servem, sabe? Então, o curso, ele tem essa capacidade de, de, de pelo menos fazer um, um, um, não digo talvez mudar, mas, mas ser um, um precursor dentro da UD'ESC para que, para que essas conversas sejam, sejam feitas, sabe? E também a gente precisa de professores pretos, porque a gente sabe que pessoas brancas, elas não vão até a segunda página, já não vão além disso aí."*

- **Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa:** Rodrigo sugere a inclusão de disciplinas sobre relações étnico-raciais, a contratação de professores negros e a problematização de questões raciais no currículo.
- **Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia:** Rodrigo acredita que a diversidade de experiências pode enriquecer a Biblioteconomia, trazendo diferentes perspectivas e abordagens.
- **Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais:** Rodrigo defende que a formação do bibliotecário deve abordar questões étnico-raciais, preparando os profissionais para atuarem de forma inclusiva e promoverem a equidade.

Aparecida

- **Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial:** Aparecida acredita que a Biblioteconomia tem um papel importante na disseminação do conhecimento e na formação de cidadãos críticos, podendo contribuir para a transformação social e a promoção da equidade racial, especialmente em comunidades periféricas.
 - *“Mas só que a biblioteca em si, ela tem esse sentido de, eh, disseminar conhecimento e é nessa disseminação de conhecimento que a... os bibliotecários, eles acabam sendo agentes ativos para essas... para essas questões.”*
 - *“Então, disseminando esse conhecimento é possível, eh, conseguir formar, eh, usuários, eh, uma comunidade, por exemplo, com senso crítico, com que possa refletir mais sobre a sua realidade, que ele melhorar.”*
- **Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa:**
 - *Aparecida sugere que o curso de Biblioteconomia promova mais discussões sobre questões étnico-raciais e o papel do bibliotecário na transformação social.*
 - *“Então, é muito pouco discutido algo que deveria ser levado em consideração, o quão bibliotecário é importante para transformar essa realidade.”*
- **Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia:**
 - *“Acredito que a diversidade de experiências pode enriquecer a Biblioteconomia, trazendo diferentes perspectivas e abordagens para a área, tornando-a mais relevante e inclusiva.”*
- **Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais:** Aparecida defende a necessidade de a formação do bibliotecário ir além do tratamento da informação, incluindo a discussão de questões sociais e raciais, para que os profissionais possam atuar de forma mais engajada na transformação da sociedade.
 - *“Mas só que a biblioteca em si, ela tem esse sentido de, eh, disseminar conhecimento e é nessa disseminação de conhecimento que a... os bibliotecários, eles acabam sendo agentes ativos para essas... para essas questões.”*

Dagoberto

- **Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial:** Dagoberto aponta para uma certa neutralidade na formação em Biblioteconomia, que pode não abordar diretamente as questões étnico-raciais. Ele observa que a Biblioteconomia, apesar de ter um olhar sensível para diferentes tipos de usuários, não fala especificamente sobre comunidades negras.
 - *"Aparece mais o que eu o que eu chamaria de Biblioteconomia neutra, que apesar da gente saber que a Biblioteconomia tem um olhar sensível para cada tipo de usuário, para cada tipo de idade, ela não fala tanto especificamente sobre comunidades negras, ela fala sobre comunidade no geral, como se você estivesse oferecendo serviço sem olhar a quem."*
- **Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa:** Dagoberto sugere a necessidade de aprofundar a discussão sobre a questão étnico-racial dentro da Biblioteconomia, tanto no currículo quanto na prática.
 - *"Então falta essa distinção, né? De cada caso é um caso." Ele também destaca a importância de considerar os diferentes comportamentos informacionais de diversos grupos, influenciados por seus contextos sociais e vivências.*
- **Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia:** A fala de Dagoberto implica que a diversidade de experiências é fundamental para a Biblioteconomia compreender e atender às necessidades de informação de todos os usuários. Ao reconhecer que *"as pessoas têm comportamentos informacionais diferentes e têm a ver com os seus contextos, têm a ver com a sua vivência, com a sua visão de mundo e com a sua relação com a sociedade"*, ele sugere que uma Biblioteconomia mais diversa seria mais apta a fornecer serviços relevantes e inclusivos.
- **Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais:** Dagoberto questiona a ausência de uma abordagem mais específica sobre temas étnico-raciais na formação em Biblioteconomia: *"Mas não não identifico assim e como é que eu vou dizer, não identifico assim na literatura obrigatória ali uma coisa muito específica para temas étnico raciais, nem temas de gênero, nem nada assim."* Ele aponta que, muitas vezes, essa discussão fica restrita ao interesse individual de alguns professores ou a disciplinas optativas.

Isildinha

- **Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial:** Isildinha acredita que a Biblioteconomia tem um papel importante na promoção da equidade racial, através da organização e disseminação da informação, da valorização da cultura afro-brasileira e da luta contra o racismo informacional.
 - *"(...) eu começo a entender a importância da Biblioteconomia para a sociedade, né? O curso de Biblioteconomia foi o segundo curso do país, deveria ser um dos cursos mais valorizados do Brasil, ele não é e isso se deve muito ao próprio profissional que não dá o seu*

devido valor. E aí a partir disso, eu começo a ver que é preciso ter uma luta pela Biblioteconomia. [...] Bom, eu sou uma pessoa completamente apaixonada pelo curso que eu faço e eu quero transbordar esse amor para outras pessoas também. Eh, quero lutar pela Biblioteconomia. Eh, eu sou uma pessoa ativamente política que vai lutar por tudo que eu puder lutar."

- **Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa:** Isildinha sugere a inclusão de debates sobre Biblioteconomia negra e questões raciais no currículo do curso, a valorização da produção acadêmica de autores negros e a promoção da diversidade racial entre os profissionais da área.
 - *"Eh, dentro da, da aqui no meu centro, no curso, desde que eu entrei, nunca teve um debate falando sobre cotas raciais ou falando sobre Biblioteconomia negra, por exemplo...Eh, isso é um déficit muito gritante que tem aqui no nosso curso, essa, isso é um, eu acho muito preocupante isso, porque aqui a maior preocupação deles é só dar as aulas deles, enfim, eles não querem esses tipos de debates porque para eles é desnecessário."*
- **Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia:** Isildinha acredita que a diversidade de experiências, incluindo as de pessoas negras, pode enriquecer a Biblioteconomia, trazendo novas perspectivas, conhecimentos e práticas que contribuam para uma área mais inclusiva e socialmente relevante.
 - *"(...) eu começo a entender a importância da Biblioteconomia para a sociedade, né? O curso de Biblioteconomia foi o segundo curso do país, deveria ser um dos cursos mais valorizados do Brasil, ele não é e isso se deve muito ao próprio profissional que não dá o seu devido valor. E aí a partir disso, eu começo a ver que é preciso ter uma luta pela Biblioteconomia. [...] Bom, eu sou uma pessoa completamente apaixonada pelo curso que eu faço e eu quero transbordar esse amor para outras pessoas também. Eh, quero lutar pela Biblioteconomia. Eh, eu sou uma pessoa ativamente política que vai lutar por tudo que eu puder lutar."*
- **Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais:** Isildinha defende que a formação do bibliotecário deve incluir a abordagem de questões étnico-raciais, preparando os profissionais para atuarem de forma crítica e engajada na promoção da equidade racial e no combate ao racismo informacional.
 - *"(...) Eh, dentro da, da aqui no meu centro, no curso, desde que eu entrei, nunca teve um debate falando sobre cotas raciais ou falando sobre Biblioteconomia negra, por exemplo. Eh, isso é um déficit muito gritante que tem aqui no nosso curso, essa, isso é um, eu acho muito preocupante isso, porque aqui a maior preocupação deles é só dar as aulas deles, enfim, eles não querem esses tipos de debates porque para eles é desnecessário."*

Cida

- **Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial:** Cida enxerga potencial na Biblioteconomia para promover a ascensão social de pessoas negras.

- **Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa:** Cida não faz sugestões diretas, mas sua fala aponta para a necessidade de maior representatividade de professores negros e de discussões mais aprofundadas sobre questões étnico-raciais no currículo do curso.
- **Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia:** Cida não aborda diretamente essa questão, mas sua trajetória e reflexões demonstram como a diversidade de vivências pode enriquecer o campo da Biblioteconomia, trazendo novas perspectivas e abordagens.
- **Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais:** Cida aponta a carência de discussões sobre cotas e relações étnico-raciais no curso, sugerindo a necessidade de uma formação mais crítica e engajada com essas questões.
 - *"É um Processo. A gente tá caminhando, eu vejo os professores, discussões, a gente tá caminhando, mas a princípio agora não tem, não vejo assim. Sim, assim, tem debate, discussão, mas trazer a questão da lei, as cotas, assim, falar de maneira bem direta sobre, não tem ainda, mas eu acho que a gente tá para isso."*

Francilene

- **Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial:**
 - *"E... e a Biblioteconomia, o curso em si, hum, eu acho que isso acaba refletindo aquilo que os professores são, né? Porque se a gente tem professores que não... não estão preparados para falar sobre cotas raciais, para falar sobre questões étnico-raciais, a gente vai ter um curso que não... que vai formar bibliotecários que também não pensam sobre isso."*
- **Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa:**
 - (Implícito na crítica ao currículo e à formação dos bibliotecários)
- **Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia:**
 - *"Eh, já fiz trabalhos também sobre, sobre a questão das cotas raciais, sempre tento trazer e sempre tento trazer para sala de aula a questão, as questões sociais, a questão da negritude, a questão do feminismo negro, porque isso me atravessa, sabe? Porque eu sou uma mulher negra, porque isso é o que eu vivo e não tem como separar isso de mim."*
- **Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais:**
 - (Já abordado na visão sobre o papel da Biblioteconomia)

Carla

- **Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial:** Carla acredita que a Biblioteconomia tem um papel fundamental na promoção da equidade racial, pois a organização e o acesso à informação podem ser influenciados por vieses racistas e excludentes. Ela defende a necessidade de mais profissionais negros na área para garantir uma abordagem mais inclusiva da informação.

- *"Como que a gente vai abordar algo tão delicado que é a informação, que passa por todas as outras ciências, né? A gente, se não tem um alguém ali verificando os sites, os livros, os artigos, os filmes, as séries, como é que a gente vai abordar isso de forma que não seja racista, que não seja, eh, que não seja elitista, né? Que não tenha essa questão de, de, de, de classe social, né? Que não tenha essa questão de gênero, sabe? Se não tem alguém ali que entende e que passa por isso, como é que a gente vai organizar a informação?"*
- **Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa:** Carla sugere a necessidade de aumentar a representatividade de pessoas negras, indígenas, trans e com deficiência na área da Biblioteconomia. Ela acredita que a diversidade de perspectivas é essencial para garantir que a informação seja organizada e acessada de forma inclusiva.
 - *"Então, eu sinto que é muita falta de pessoas negras, de pessoas indígenas, de pessoas trans, de pessoas com deficiência dentro da área, sabe?"*
- **Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia:** Carla argumenta que a diversidade de experiências enriquece a Biblioteconomia, pois permite que a área aborde a informação de forma mais completa e sensível às diferentes realidades sociais. Ela defende que a inclusão de diferentes perspectivas é fundamental para evitar a reprodução de desigualdades na organização e no acesso à informação.
 - *"Como que a gente vai abordar algo tão delicado que é a informação, que passa por todas as outras ciências, né? A gente, se não tem um alguém ali verificando os sites, os livros, os artigos, os filmes, as séries, como é que a gente vai abordar isso de forma que não seja racista, que não seja, eh, que não seja elitista, né? Que não tenha essa questão de, de, de, de classe social, né? Que não tenha essa questão de gênero, sabe? Se não tem alguém ali que entende e que passa por isso, como é que a gente vai organizar a informação?"*
- **Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais:** Carla questiona a formação dos bibliotecários e a falta de abordagem das questões étnico-raciais. Ela defende que a formação deve preparar os profissionais para lidar com a diversidade e para promover a inclusão na área.
 - *(Implícito na crítica à falta de diversidade e na defesa de uma abordagem mais inclusiva da informação)*

Virgínia

- **Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial:** Virgínia demonstra uma consciência da necessidade de abordar questões raciais na Biblioteconomia, evidenciada por suas apresentações em sala de aula sobre autores negros e indígenas e por sua crítica à falta de diversidade no corpo docente.
 - *"Então, dentro da Universidade, do meu curso, eu já fiz algumas coisas, né? Como uma das negras do curso, eu já fui, já fiz várias apresentações dentro dessa matéria, né, de racial, e eu faço muitas apresentações relacionadas, tipo assim, construção da*

língua, né? E também sobre a pauta indígena, é porque a gente não tem estudante indígena, então ficou para mim essa parte também [risos]. E aí, dentro dessa, de língua portuguesa também, nós falamos sobre, né, autores indígenas, autores negros e nessa matéria racial a gente também fala. Então, dentro do curso, eu falo sobre isso em algumas aulas porque a professora sempre me chama para fazer esse tipo de apresentação porque eu tenho uma didática melhor, tá?"

- **Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa:** Virgínia aponta a necessidade de diversidade no corpo docente, o que implica a necessidade de ações afirmativas e políticas que promovam a contratação de profissionais negros na área.
 - *"Ah, sim, sim, eh, são duas professoras, são duas. Que são justamente essas duas na matéria específica [risos]. De todo o corpo docente de Biblioteconomia. E eu acho que tem tipo uns 20 professores e são duas pessoas negras, sim, sim."*
- **Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia:** Virgínia demonstra como sua experiência e perspectiva racial enriquecem o debate acadêmico e podem contribuir para uma Biblioteconomia mais inclusiva e consciente das questões sociais.
- **Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais:** Virgínia evidencia a importância de incluir discussões sobre racismo, identidade racial e equidade na formação de bibliotecários, para que esses profissionais possam atuar de forma mais crítica e engajada na promoção da justiça social.

Franciéle

- **Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial:** Franciéle acredita que a Biblioteconomia tem um papel importante na disseminação do conhecimento e na formação de cidadãos críticos, podendo contribuir para a transformação social.
 - *"Mas só que a biblioteca em si, ela tem esse sentido de, eh, disseminar conhecimento e é nessa disseminação de conhecimento que a... os bibliotecários, eles acabam sendo agentes ativos para essas... para essas questões."*
 - *"Então, disseminando esse conhecimento é possível, eh, conseguir formar, eh, usuários, eh, uma comunidade, por exemplo, com senso crítico, com que possa refletir mais sobre a sua realidade, que ele melhorar."*
- **Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa:** Franciéle sugere que o curso de Biblioteconomia promova mais discussões sobre questões étnico-raciais e o papel do bibliotecário na transformação social, especialmente em comunidades periféricas.
 - *"Então, eu vejo o curso pouco discutindo sobre essas questões, como o bibliotecário, ele pode ser importante para mudar essas realidades e, principalmente, nas comunidades periféricas, que são comunidades que têm menos acesso a esse conhecimento e a biblioteca, ela pode permitir chegar essa informação até ele."*
- **Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia:** Acredito que a diversidade de experiências pode

enriquecer a Biblioteconomia, trazendo diferentes perspectivas e abordagens para a área, tornando-a mais relevante e inclusiva.

- Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais:
 - Franciéle defende a necessidade de a formação do bibliotecário ir além do tratamento da informação, incluindo a discussão de questões sociais e raciais, para que os profissionais possam atuar de forma mais engajada na transformação da sociedade.
 - *"Mas só que a biblioteca em si, ela tem esse sentido de, eh, disseminar conhecimento e é nessa disseminação de conhecimento que a... os bibliotecários, eles acabam sendo agentes ativos para essas... para essas questões."*

Sueli

- **Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial:** Não há trechos específicos no texto que abordem diretamente o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial. No entanto, Sueli demonstra consciência sobre a importância da representatividade e da inclusão, o que pode ser relacionado à área.
- **Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa:** Como mencionado anteriormente, Sueli vivencia a falta de representatividade negra em seu curso. Essa vivência pode ser interpretada como um chamado para que a Biblioteconomia reflita sobre a importância de ter profissionais diversos, que representem a sociedade em sua totalidade.
- **Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia:** Sueli não explicita como a diversidade de experiências pode contribuir para a Biblioteconomia. No entanto, sua trajetória e suas reflexões apontam para a necessidade de a área considerar diferentes perspectivas, saberes e vivências, especialmente no que se refere às questões étnico-raciais, para construir práticas mais inclusivas e relevantes.
- **Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais:** Sueli relata a ausência de disciplinas ou discussões sobre questões étnico-raciais em seu curso até o momento. Essa ausência sugere uma lacuna na formação do bibliotecário, que deveria ser preparado para lidar com a diversidade e promover a equidade em seu campo de atuação.
 - *"Bem, até o momento a gente ainda não discutiu sobre as cotas e isso, isso ainda não, isso ainda tá sendo um pouco, eu acredito que é porque a gente acabou de começar, né, e ainda não foi discutido, mas, eh, bem quando a gente fala que a gente entrou pelas cotas, muita gente olha com aquele olhar meio que, né, é meio assim, ah, tu não conseguiu passar direto, né, ficou ali, aí então é um pouco constrangedor, né, os olhares, mas a gente ainda não teve aula de ética sobre racismo, eh, racial, essas coisas, nada."*

Andreia

- **Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial:** Andreia não aborda diretamente o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial.
- **Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa:** No texto não há sugestões diretas de Andreia sobre como tornar a área mais inclusiva e representativa.
- **Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia:** Andreia compartilha suas experiências sobre como as cotas raciais a beneficiaram, permitindo que ela ingressasse na universidade e em um concurso público. Isso demonstra como a diversidade de experiências pode enriquecer a Biblioteconomia, trazendo profissionais com vivências variadas e uma compreensão mais ampla das necessidades da sociedade.
- **Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais:** Andreia relata dificuldades em sua trajetória acadêmica, como professores despreparados para lidar com questões raciais e um ambiente onde alunos negros estrangeiros são marginalizados. Isso sugere a necessidade de a formação do bibliotecário abordar de forma mais eficaz as questões étnico-raciais, preparando os profissionais para atuarem em contextos diversos e promoverem a inclusão.
 - *"Olha só, hoje a gente vive assim: 'Se tu não falar, eu não vou te ouvir. Se tu não questionar, eu não vou te responder.' Por quê? Eh, temos professores totalmente despreparados para as questões atuais, sabe?"*

Lívia

- **Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial:** Lívia não aborda diretamente o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial no texto fornecido. No entanto, sua experiência como estudante cotista e suas observações sobre a falta de representatividade de pessoas negras na universidade podem ser relevantes para discussões sobre como a área pode contribuir para um ambiente mais inclusivo.
- **Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa:** Lívia não apresenta sugestões específicas para tornar a área de Biblioteconomia mais inclusiva. Porém, ela enfatiza a importância de motivar e ensinar jovens negros e pardos sobre a importância da universidade e de buscar mais representatividade nesses espaços.
- **Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia:** A vivência de Lívia como cotista, suas reflexões sobre pertencimento e sua observação sobre a sub-representação de pessoas negras na universidade destacam a importância de trazer diversas perspectivas para a Biblioteconomia. Profissionais com diferentes experiências podem ter uma compreensão mais profunda das necessidades de informação e acesso de diferentes grupos da sociedade.
- **Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais:** Lívia menciona que, apesar de haver abertura para discussões sobre questões raciais em seu curso, essas

discussões ocorrem mais entre alunos do que entre alunos e professores. Ela também cita uma disciplina (Aspectos Legais) onde a questão racial é abordada em relação a leis e direitos. Isso sugere que a formação do bibliotecário pode se beneficiar de uma abordagem mais aprofundada e integrada das questões étnico-raciais.

Petronio

- **Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial:** Petronio valoriza a biblioteconomia antirracista e a importância de abordar a temática étnico-racial na área, conforme evidenciado por sua apreciação pelo professor [nome do professor].
 - *"acho que o professor [nome do professor] é um professor assim extremamente muito assim quando fala sobre bibliotecas antirracistas, né? Então, mídias informacionais negras, né? E o professor contribuiu muito para isso..."*
- **Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa:** Petronio não faz sugestões diretas, mas sua crítica à elitização da ciência e à falta de valorização de acervos da cultura negra sugere a necessidade de uma biblioteconomia mais engajada socialmente e comprometida com a diversidade.
 - *"Por exemplo, se chegar um acervo da cultura negra revolucionária como a de Zumbi dos Palmares, eu acho que ela não chegaria no nosso departamento, obviamente, porque primeiro não dá dinheiro, vai dizer logo, não dá dinheiro, sabe?"*
- **Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia:** A narrativa de Petronio demonstra como a diversidade de experiências pode enriquecer a Biblioteconomia, trazendo novas perspectivas, temas de pesquisa e abordagens teóricas.
- **Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais:** Petronio aponta para a necessidade de uma formação que vá além das habilidades técnicas e que prepare o bibliotecário para lidar com questões sociais, incluindo as étnico-raciais.

Sandra

- **Visão sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial:** Sandra menciona a discussão sobre bibliodiversidade e a importância de incluir literatura étnico-racial nas bibliotecas, indicando um papel ativo da Biblioteconomia na promoção da equidade racial.
 - *"Eh, no curso Biblioteconomia da UFMA, as discussões estão emergentes, no caso, porque tem muitos professores da temática, muitos professores estão se interessando pela temática. Eh, é no caso, a bibliodiversidade, muitos falam, a gente teve formação de leitores da bibliodiversidade, eh, também em planejamento, várias outras áreas como projetos, a gente fala sobre a questão racial, a questão da literatura étnica racial nas nas bibliotecas, que fala que a professora fala muito sobre a questão da bibliodiversidade."*
- **Sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa:** Embora não haja sugestões diretas nesse trecho, a ênfase na bibliodiversidade e

na inclusão de literatura étnico-racial aponta para um caminho de tornar a área mais inclusiva.

- **Contribuições que a diversidade de experiências pode trazer para a Biblioteconomia:** A participante não aborda diretamente as contribuições da diversidade para a Biblioteconomia.
- **Reflexões sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais:** Sandra destaca que o curso de Biblioteconomia da UFMA tem incluído discussões sobre questões étnico-raciais na formação dos alunos, o que indica uma preocupação com a abordagem dessas questões na área.
 - *Trecho: "Então, tipo, dentro do nosso curso, a gente tem muito incentivo a partir das disciplinas porque tem vários professores eh, que estão abrindo essa esse novo espaço, né? Porque já tinha um espaço, mas agora ainda mais com essas esse as questões emergentes, né, da questão racial, principalmente pelo Enem, né?"*

A análise das entrevistas nesta categoria revela diversas perspectivas sobre o papel da Biblioteconomia na promoção da equidade racial, bem como sugestões para tornar a área mais inclusiva e representativa. Alguns participantes, como Rodrigo, Aparecida, Isildinha, Carla e Franciéle, acreditam que a Biblioteconomia tem um papel importante na disseminação do conhecimento, na formação de cidadãos críticos e na promoção da transformação social, podendo contribuir para a equidade racial. Essa crítica é central para compreender como o campo da Biblioteconomia perpetua desigualdades quando ignora as tensões sociais e os marcadores identitários que atravessam o acesso à informação e à cultura.

Outros, como Dagoberto, apontam para uma certa neutralidade na formação em Biblioteconomia, que pode não abordar diretamente as questões étnico-raciais.

Há um consenso entre os participantes sobre a necessidade de a Biblioteconomia se tornar mais inclusiva e representativa, com maior diversidade racial entre os profissionais e o corpo docente, e com a inclusão de discussões sobre questões étnico-raciais no currículo dos cursos. Acredita-se que a diversidade de experiências pode enriquecer a Biblioteconomia, trazendo diferentes perspectivas, conhecimentos e abordagens para a área, tornando-a mais relevante e socialmente engajada.

Além disso, as narrativas evidenciam que as epistemologias hegemônicas que dominam o fazer biblioteconômico se sustentam em uma lógica eurocentrada e excludente, o que torna urgente a abertura para epistemologias

outras — especialmente aquelas oriundas de povos historicamente marginalizados como nos lembra Garcês-da-Silva (2023).

Os participantes também refletem sobre a formação do bibliotecário e a necessidade de abordar questões étnico-raciais. A intersecção entre Biblioteconomia e os Estudos Étnico-Raciais aponta para a identificação de entre os dezesseis participantes, unicamente três estudantes mencionaram que seus cursos oferecem uma disciplina voltada para as questões raciais, a saber nas universidades UDESC, URJ e UFPB, contudo na UDESC esta é ministrada por uma pessoa branca o que para Rodrigo é um problema.

Muitos defendem que a formação deve ir além do tratamento da informação, incluindo a discussão de temas sociais e raciais, para que os profissionais possam atuar de forma crítica, inclusiva e engajada na promoção da equidade racial e na transformação da sociedade. Ao ignorar as dimensões políticas e sociais do acesso à informação, bibliotecários(as) podem contribuir para a manutenção de sistemas de exclusão, ainda que de forma inconsciente ou não intencional.

7.6 PROJETO DE FUTURO

Para analisar as transcrições das entrevistas de História Oral, juntamente com teorias abordadas, a categoria "Projeto de futuro" desdobra-se em buscar compreender as expectativas em relação à carreira profissional, os planos e aspirações e a visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial.

Neusa

- **Expectativas em relação à carreira profissional:** Neusa expressa o desejo de se formar e a intenção de prestar concursos públicos. Ela também considera a possibilidade de trabalhar em bibliotecas ou arquivos, tanto no setor público quanto no privado.
 - *"pro meu futuro eu me eu quero muito muito mesmo formar eu não sei se eu quero seguir uma carreira mais acadêmica assim fazer uma pós um doutorado um mestrado porque eu tenho muito muito medo de ser insuficiente de não conseguir sabe eu sinto que é muito difícil e é muito difícil e eu acho que eu não teria essa capacidade pelo menos na minha mentalidade atual talvez no futuro eu pense diferente eh depois que eu formar eu quero muito participar de concurso. Concurso público e esse é uma ansiedade constante que eu tenho que eu penso eu quero fazer concurso mas que eu tô fazendo para conseguir passar nesses concursos eu*

não tô estudando eu preciso correr atrás mais eu preciso ler mais eu preciso estudar mais se eu quiser passar em um concurso que é outra outra situação que é muito concorrida né então eu acho que eu tenho essas ideias pro meu futuro mas eu não sei se eu consigo concretizar elas tenho muitos esse medo não sei se eu vou conseguir se se vai ter concurso pra minha área eu me vejo muito trabalhando em uma biblioteca ou em algum arquivo eh nem que seja de iniciativa privada né de empresas e como eu tô trabalhando agora."

- **Planos e aspirações:** Além dos planos de carreira, Neusa manifesta o desejo de superar seus medos e inseguranças em relação à sua capacidade.
- **Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial:** Neusa não detalha sua visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em geral. No entanto, sua defesa da importância das cotas e suas reflexões sobre as desigualdades raciais indicam um desejo de que a sociedade avance em direção à equidade racial.
 - *"mas eu eu não acredito nisso eu acho que a cota ela tem que existir sim porque não é igual não existe meritocracia não são todas as pessoas que tem a mesma oportunidade. Então, eu acho que sem a cota muitos estudantes negros não estariam na UFMG inclusive eu, não estaria lá se não fosse pela cota."*

Nilma

- **Expectativas em relação à carreira profissional:** Nilma não detalha suas expectativas em relação à carreira, mas demonstra ser uma profissional qualificada e determinada a superar os obstáculos impostos pelo racismo no mercado de trabalho.
 - *"eu vim com uma carga muito boa, eu sou técnica informática e não é um técnico ah não, eu sou técnica mesmo, eu sei manutenção, sei programação, sei eh pacote office mais do que básico avançado e assim, eh, trabalhei na área, já tive, eu fiz estágio numa multinacional, estágio não, eu fiz um já aprendizagem multinacional e acabou que o meu estágio, como na época a gente tava na entrando na, tinha acabado de sair da pandemia, eu não fui fazer estagiário de escritório assim, ah, ser cafezinho, não, eu realmente trabalhei do mesmo trabalho que as pessoas que estavam lá no mesmo setor que eu."*
- **Planos e aspirações:** Nilma pretende continuar seus estudos e utilizar novamente as cotas raciais, o que demonstra sua crença na importância da política de ação afirmativa.
 - *"ó eu usaria sim as cotas, então futuramente eu pretendo sim entrar de novo depois de terminar a Bíblia e com certeza vou utilizar das cotas sim..."*
- **Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial:** Nilma acredita que as cotas são um direito e que funcionam, mas aponta que ainda há muito a ser melhorado em sua implementação e nos resultados que proporcionam. Ela também critica a forma como a sociedade e a universidade lidam com a questão racial, evidenciando um desejo de mudança em direção a uma maior equidade.

- *"Eu não posso falar que não porque eu só a prova de que as cotas funcionam mas, eu não posso também dizer que sim porque peca muito ainda peca muito mesmo".*
- Nilma tem planos de continuar seus estudos após terminar a graduação em Biblioteconomia. Ela também expressa o desejo de que a universidade promova uma inclusão mais efetiva dos cotistas, o que pode refletir sua aspiração por um ambiente acadêmico mais acolhedor e igualitário.
 - *"deveriam realmente abrir as cortinas tirar a gente de trás dos panos deixar realmente eh mais explícito que eles estão lá para poder ajudar que eles estão lá para poder incluir sim que a gente é como qualquer um que tá lá tão merecedor quanto e é essa questão".*

Rodrigo

- **Expectativas em relação à carreira profissional:** Rodrigo se imagina trabalhando em bibliotecas, desenvolvendo projetos com a comunidade e atuando como educador. Ele se vê como um bibliotecário que também educa, mostrando para as pessoas, especialmente pessoas pretas, que elas podem ocupar a posição de bibliotecário ou qualquer outra que desejarem.
 - *"Então, eu imagino dentro de uma biblioteca, eu imagino dentro de uma biblioteca, eu, eu me imagino fazendo projetos com a comunidade, eu me imagino, sabe, tagando as pessoas e trazendo para dentro da biblioteca, para esse espaço acolhedor que não é só de livros, mas também de muito aprendizado, sabe? Eu me vejo rodeado de pessoas na biblioteca, eu me vejo enquanto pessoa bibliotecária no, no futuro e exercendo essa profissão, sabe, com muito orgulho e sempre, eh, eh, também, eh, eh, mostrando para as pessoas que próprias pessoas como eu, pessoas pretas, homens, mulheres, de que elas podem estar, eh, eh, nessa posição, eh, eh, de bibliotecário, do que elas quiserem, sabe? Acho que eu quero ter esse papel dentro da biblioteca, não só como bibliotecário, mas também como educador, acredito que nós também somos, somos educadores, então eu quero ter esse papel dentro da, dentro da biblioteca, espero no futuro conseguir ou que pelo menos eu esteja junto com as pessoas, esteja ajudando da maneira que eu puder, sabe, com o conhecimento que foi criado aqui na universidade."*
- **Planos e aspirações:** Seus planos envolvem exercer a profissão de bibliotecário com orgulho e atuar como educador dentro da biblioteca, utilizando o conhecimento adquirido na universidade para ajudar as pessoas
 - *"Acho que eu quero ter esse papel dentro da biblioteca, não só como bibliotecário, mas também como educador, acredito que nós também somos, somos educadores, então eu quero ter esse papel dentro da, dentro da biblioteca, espero no futuro conseguir ou que pelo menos eu esteja junto com as pessoas, esteja ajudando da maneira que eu puder, sabe, com o conhecimento que foi criado aqui na universidade."*

- **Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial:** Rodrigo acredita que as cotas são um direito que deve ser exercido, mencionando que na UDESC as cotas representam uma porcentagem pequena e poderiam ser ampliadas. Ele aponta para a importância de discutir as cotas e as relações étnico-raciais na universidade, defendendo que o curso de Biblioteconomia tem potencial para promover essas discussões e para formar profissionais que atuem na disseminação de informações sobre o tema. Rodrigo também expressa a necessidade de mais professores pretos na universidade para enriquecer o debate e trazer perspectivas mais aprofundadas sobre as questões raciais.
 - *"Ah, eh, sim, eu optaria pela, pelas cotas, se eu voltasse no tempo, até porque a gente tem que exercer esse direito que a gente tem das cotas e não, não abrange, acho que na, na UDESC só são, eu lembro que era 15% e eles estavam tentando para 20%." "Então, assim, não abrange 15% de cota, não abrange o número de pessoas que, que tem, sabe? Eu acho que poderia ser muito mais, tem capacidade para ser bem mais." "Eu acho que o curso, ele, ele tem muito potencial para mudar isso." "A gente está num curso de gestão de informação, a gente está num curso de que, que, que trata da informação, que trata de levar informação para as pessoas, não só de levar informação para as pessoas, mas tornar essas pessoas capacitadas para procurar as próprias informações, né?" "Então, assim, o curso, ele deveria, acho que, primeiro, colocar o curso de relações étnico-raciais e, e, quando eu digo colocar esse curso, é colocar uma pessoa bibliotecária, um gestor de informação que ele possa fazer esses laços entre o curso e relações étnico-raciais, sabe?" "Eu acredito que os professores, eles podiam também fazer mais trabalhos com relação, com relação a isso, porque tem, sabe, estão interligados, a informação, você, eh, eh, eh, como, como curso, eh, eh, eh, disseminar informação de que existem as cotas, falar para as pessoas o que é que são as cotas, né, para que que elas servem, sabe?" "E também a gente precisa de professores pretos, porque a gente sabe que pessoas brancas, elas não vão até a segunda página, já não vão além disso aí."*

Aparecida

- **Expectativas em relação à carreira profissional:** Aparecida tem o desejo de se formar em Biblioteconomia e seguir a carreira acadêmica, cursando o mestrado e, futuramente, atuando como docente.
 - *"Eu acho que, eh, eu mesmo, meu desejo atualmente é me formar e, se Deus quiser, eh, conseguir o mestrado, porque o meu... meu sonho até um tempo atrás era ser a bibliotecária e hoje é ser... e hoje é quem sabe um dia seguir a carreira docente."*
- **Planos e aspirações:** Aparecida vislumbra a possibilidade de contribuir para a formação de novos bibliotecários e para a disseminação do conhecimento, utilizando sua experiência e engajamento com temas raciais.
 - *"Então, então eu acho que ingressando na carreira docente seria nossa, uma contribuição e tanto, tanto na formação de outros bibliotecários como também nessa questão da bagagem da*

experiência com o decorrer do tempo, eh, eu acho que é um desejo meu, se Deus quiser, ainda mais que eu me interesse muito pelo assunto, um dia se realizar de poder contribuir para outras pessoas também essa informação."

- **Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial:** Aparecida reconhece a importância das cotas para o acesso à universidade, mas aponta a necessidade de melhorias, especialmente no que se refere à assistência aos cotistas após o ingresso. Ela também enfatiza a importância do acolhimento e do amparo aos estudantes negros na universidade, visando a promover maior equidade

Dagoberto

- **Expectativas em relação à carreira profissional:** Luís Felipe está envolvido com pesquisa acadêmica, financiada por uma bolsa de iniciação científica na UFF. Ele expressa o desejo de trabalhar em áreas que demandem organização e atenção aos detalhes, como a área jurídica, lidando com documentação e gestão de informação. Ele não se vê trabalhando em bibliotecas, considerando o ambiente saturado.
 - *"atualmente dedica-se à pesquisa acadêmica, financiada por uma bolsa de iniciação científica na Universidade Federal Fluminense (UFF)". "é para onde eu quero apontar para esses lugares que requerem organização, que requerem atenção aos detalhes, é uma coisa que gostam é que são características minhas e eu acho que eu vou me dar bem nesse sentido. Não me vejo trabalhando nesse momento numa biblioteca e porque é um ambiente querendo ou não, ele é mais saturado".*
- **Planos e aspirações:** Seus planos incluem concluir a graduação e inserir-se no mercado de trabalho com sua nova formação, buscando oportunidades que valorizem suas habilidades em organizar e destinar informações de forma eficiente.
 - *"e até o momento é para onde eu acho que eu vou apontar, porque eu vou chegar no final da minha graduação e de fato eu vou ter reinserir no mercado de trabalho, mas agora com uma formação diferente e é para onde eu quero apontar para esses lugares que requerem organização, que requerem atenção aos detalhes".*
- **Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial:** Luís Felipe entende o sistema de cotas como uma oportunidade de abrir espaço para pessoas que geralmente não teriam acesso a universidades, concursos e escolas, espaços predominantemente ocupados por pessoas brancas ou com maior poder aquisitivo. Ele acredita que as cotas foram estabelecidas para facilitar o acesso de pessoas vulneráveis ao espaço universitário. Ele também observa que algumas pessoas reclamam das cotas, mas associa isso à frustração de não terem alcançado determinados resultados, e não a uma reflexão sobre a necessidade da política.
 - *Trechos: "eu sempre entendi o sistema de cotas como uma espécie de oportunidade de abrir um espaço para pessoas que não geralmente não teriam esse espaço dentro, eh, das universidades, dentro dos concursos, dentro das escolas, um espaço que seria predominantemente ocupado com gente branca, ou pessoas com*

poder aquisitivo acima da média". "Pelo meu entendimento, eu explicaria que as cotas foram estabelecidas justamente para facilitar o acesso de pessoas, eh, mais vulneráveis, né, no contexto social, ao espaço universitário, que é público, é para todos, entre aspas, mas não acolhe todos da mesma forma". "Foi dentro da Universidade, pessoas dizendo que queriam ter feito cursos um pouco mais eh, como é que eu vou dizer, mais populares, mais populares no sentido de popularidade mesmo, não de feitos para o povo, né? De pessoas dizendo que queriam ter feito o curso como medicina ou então direito ou então engenharia, aquele tripé que nós adoramos detestar, né? E diziam que não tinham conseguido fazer porque foram roubadas por cotistas, né?"

Isildinha

- **Expectativas em relação à carreira profissional:** Isildinha demonstra paixão pela Biblioteconomia e desejo de lutar pela valorização da área. Ela pretende atuar de forma ativa e engajada, contribuindo para a transformação social. Ela tem uma área de pesquisa definida, políticas públicas, e pretende usar sua atuação profissional para promover mudanças e melhorias na área.
 - *"(...) Bom, eu sou uma pessoa completamente apaixonada pelo curso que eu faço e eu quero transbordar esse amor para outras pessoas também. Eh, quero lutar pela Biblioteconomia. Eh, eu sou uma pessoa ativamente política que vai lutar por tudo que eu puder lutar."*
 - *"Então, eu sou uma pessoa muito ativa politicamente, então a minha perspectiva não é nada além disso, de lutar pela Biblioteconomia, pela valorização da Biblioteconomia."*
 - *"A minha área de pesquisa é políticas públicas, eh, meu TCC vai ser sobre atuação bibliotecária, porque para mim ainda existe um déficit muito gritante de atuação dos bibliotecários nas lutas pelas políticas públicas."*
- **Planos e aspirações:** Isildinha tem planos de se envolver ativamente em diversas organizações e entidades da área, como Associações Profissionais de Bibliotecários, CRB e CFB. Ela se vê como uma militante, disposta a ir às ruas e lutar por suas convicções.
 - *"Eu pretendo atuar em Associação Profissional de Bibliotecários, eu pretendo atuar em CRB, CFB, tudo que for político eu pretendo atuar, porque eu acho que é muito importante essa atuação política na nossa, não só na nossa área, em todas as áreas."*
 - *"Então, eu, ah, minha filha, eu sou o tipo de pessoa que vai militar, que vai para a rua."*
 - *"(...) Então a gente tem a responsabilidade social de abrir caminhos para outras pessoas e eu carrego muito isso comigo. Eu tenho muito essa responsabilidade comigo, que eu tenho uma responsabilidade social gigantesca na sociedade, tanto como pessoa preta, como pessoa LGBT, como pessoa aluna de Biblioteconomia. Então, isso para mim é essa, eu acho que eu me defino assim."*
- **Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial:** Isildinha acredita que a luta pela equidade racial ainda

é necessária e que as cotas são uma forma de justiça social, embora ainda insuficientes. Ela expressa preocupação com o cenário político brasileiro e a possibilidade de retrocessos nos direitos conquistados.

- *"Para mim, não é suficiente, para mim, não é nem 2% suficiente do que ainda precisa acontecer. Essa justiça social que tanto se busca acontecer no Brasil ainda tem muito caminho para lutar, muito caminho mesmo."*
- *"O Brasil cada dia tá na corda bamba, a gente, né, saiu de um governo, eh, autoritarista de extrema direita com discursos de ditadores, então se a gente não lutar, esses tipos de pessoas vão ocupar esses espaços, como está acontecendo nos Estados Unidos..."*

Cida

- **Expectativas em relação à carreira profissional:** Cida tem planos de fazer mestrado e trabalhar tanto em bibliotecas quanto na área de documentação. Ela demonstra interesse em explorar as diversas áreas da Biblioteconomia antes de definir seu foco.
 - *"Eu espero fazer um mestrado, né? Que eu conseguir, é, eu espero fazer o mestrado, quero trabalhar em dois lugares, dentro de uma biblioteca e em um outro lugar na parte de documentação. É assim mais ou menos onde eu queria trabalhar, tô vendo ainda, né? Porque é um leque, a Biblioteconomia tem um monte de áreas e eu quero ver qual que eu quero parar mesmo, que eu quero conhecer todas."*
- **Planos e aspirações:** Seus planos incluem a pós-graduação (mestrado) e a exploração das diferentes áreas de atuação da Biblioteconomia para escolher em qual se especializar.
 - *"Eu espero fazer um mestrado, né? Que eu conseguir, é, eu espero fazer o mestrado... ...é um leque, a Biblioteconomia tem um monte de áreas e eu quero ver qual que eu quero parar mesmo, que eu quero conhecer todas."*
- **Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial:** Cida entende que a discussão sobre cotas e relações raciais é um processo em andamento. Ela observa que, embora haja debates e discussões, a questão das cotas não é abordada de forma direta e explícita na universidade. Ela acredita que a universidade está caminhando para isso. Além disso, Cida aponta para a necessidade de melhorar o apoio aos cotistas na universidade, especialmente em relação a auxílio estudantil e moradia.
 - *"É um Processo. A gente tá caminhando, eu vejo os professores, discussões, a gente tá caminhando, mas a princípio agora não tem, não vejo assim. Sim, assim, tem debate, discussão, mas trazer a questão da lei, as cotas, assim, falar de maneira bem direta sobre, não tem ainda, mas eu acho que a gente tá para isso."*
 - *"Assim, eh, ela é muito necessária, ela me atendeu bastante, entendeu? Só que chega na assim, perde meio que sentido. Por que perde meio que sentido? Porque a gente consegue a cota para entrar, sabe? Mas para conseguir auxílio estudantil, questão de moradia, é todo mundo igual, acabou. Só que não é, a gente precisa muito caminhar. Tem, eh, a UFF tá até caminhando, tá até*

melhorando né, nas para pegar auxílio e onde fica as pessoas negras não tem, entendeu?"

Francilene

- **Expectativas em relação à carreira profissional:** Francilene expressa incerteza sobre seus planos de carreira, considerando tanto a possibilidade de prestar concurso público quanto a de trabalhar em bibliotecas escolares. Ela menciona sua experiência positiva com um curso de auxiliar de alfabetização e seu gosto por trabalhar com crianças como motivação para considerar a biblioteca escolar como opção de carreira.
 - *"Eu ainda não tenho certeza, mas eu penso ou em fazer concurso ou em trabalhar em bibliotecas... biblioteca escolar, porque bom, concurso é a opção que a maioria das pessoas têm. Também não... não pretendo seguir carreira acadêmica e biblioteca escolar porque eu fiz um curso de auxiliar de alfabetização enquanto eu estava no ensino médio, então eu dei algumas aulas de reforço, tive esse contato com criança e eu gosto bastante. Então essa é uma opção também."*
- **Planos e aspirações:** Seus planos incluem a possibilidade de trabalhar em bibliotecas escolares, devido à sua experiência anterior e afinidade com o trabalho infantil, ou prestar concurso público, uma opção comum para muitos. Ela não pretende seguir carreira acadêmica.
 - *"Também não... não pretendo seguir carreira acadêmica"*
- **Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial:** Francilene acredita que a política de cotas é um direito e, portanto, continuaria a utilizá-la em futuras oportunidades. No entanto, ela tem uma visão crítica sobre a eficácia da política de cotas, argumentando que ela funciona apenas parcialmente. Ela questiona se as cotas estão alcançando todas as pessoas que deveriam e se as universidades estão preparadas para acolher e integrar os estudantes cotistas, garantindo que se sintam parte da instituição e não apenas "à parte".
 - *"Ah, eu acredito que ela funciona parcialmente, por quê? Porque não sei se ela está chegando a todas as pessoas que ela pretende chegar, eh, apesar de que... eh, ela já tem o quê? mais de 20 anos. Então, eu acho que eu vou continuar o meu raciocínio dizendo que eu não acho que parcialmente porque não sei se ela chega a todas as pessoas, se ela atende a todas as pessoas que se pretende atender, se pretende chegar. Não sei também se apesar desse tempo as universidades têm... eh... estrutura para... para lidar com isso, para falar sobre isso e também para... para acolher esses estudantes, para fazer com que esses estudantes se sintam pertencentes... pertencentes, eh, além de ou então serem vistos só como os estudantes cotistas, sabe? Fazer com que a gente se sinta parte disso e não algo à parte. Eu acho que é isso."*

Carla

- **Expectativas em relação à carreira profissional:** Carla expressa o desejo de obter estabilidade profissional através da aprovação em um

concurso público para trabalhar em uma biblioteca, possivelmente de pequeno porte. Ela compartilha que teve contato com profissionais da área de biblioteconomia que se mostravam muito estressados com a profissão. Carla almeja algo mais estável para o seu futuro profissional, influenciada pela idade avançada de seus pais.

- **Planos e aspirações:** Além da busca por estabilidade na biblioteconomia, Carla demonstra interesse em continuar escrevendo sobre a área e em cursar mestrado em Filosofia, explorando a relação entre filosofia e Ciência da Informação. Ela percebe uma carência de produção científica que explore essa relação no Brasil. No âmbito profissional, suas aspirações se voltam para a catalogação, o contato com o público e a biblioteconomia de referência, onde pode auxiliar outros em suas pesquisas.
- **Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial:** Carla acredita que as cotas são necessárias, mas aponta para problemas em sua aplicação, como fraudes nas cotas de renda e a desproporcionalidade racial dentro da universidade. Ela observa que, apesar das cotas, a universidade ainda não reflete a diversidade racial da sociedade, com a maioria dos trabalhadores terceirizados sendo negros, enquanto os espaços acadêmicos permanecem predominantemente brancos. Carla defende a importância de cotas em todos os cursos, não apenas nos mais tradicionais, e a necessidade de representatividade racial em todas as áreas do conhecimento.

Virgínia

- **Expectativas em relação à carreira profissional:** Virgínia pretende seguir na área de Biblioteconomia, conciliando a parte técnica e humana da profissão. Ela planeja prestar concurso público ou buscar outras oportunidades de trabalho na área.
 - *"Eu pretendo sim, eh, seguir na área, uma área que eu gosto tanto a parte técnica como e a humana, eu diria, né? E aí eu pretendo sim, pretendo prestar concurso ou se surgir outra oportunidade, já que aqui é um pouco difícil para trabalho fora da do do âmbito dos concursos é muito difícil, mas eu pretendo sim..."*
- **Planos e aspirações:** Seus planos incluem fazer pós-graduação e mestrado no departamento de Biblioteconomia da UFS. Ela demonstra um desejo de continuar seus estudos e se aprofundar na área.
 - *"...pretendo fazer uma pós, fazer um mestrado aqui no departamento mesmo, de preferência, e é isso, vou ver o que o que dá para desenvolver agora, né?"*
- **Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial:** O texto não apresenta uma visão direta de Virgínia sobre o futuro da política de cotas de forma explícita. No entanto, sua trajetória e falas demonstram a importância que ela atribui às cotas para o acesso à universidade e como isso transformou sua perspectiva de mundo. Ela também aponta para a necessidade de a universidade melhorar o apoio aos cotistas, especialmente em relação à permanência e às oportunidades de ingresso.
 - *"É tipo assim, só ter a oportunidade de tentar ingressar pela cota já foi muito para mim, porque eu venho do interior, de uma família pobre mesmo, que eu não teria essa oportunidade de entrar numa*

universidade particular, por exemplo. Estar numa universidade federal, sendo a primeira da minha família a se formar, então, já é muita coisa..."

- *"Então eu acho que ainda é muito pouco, ela fornece muito pouco, eh, poderia dar uma ampliada maior porque tem essa essa questão, né, que foi trabalhada no evento da que a professora estava, que é sobre a permanência das pessoas que que entram, às vezes não conseguem se manter, e para você ter uma uma nova oportunidade de ingressar pela cota, isso demora quase um ano depois, né?"*

Franciéle

- **Expectativas em relação à carreira profissional:** Franciéle pretende seguir na área da Biblioteconomia, almejando prestar concurso ou buscar outras oportunidades de trabalho.
 - *"Eu pretendo sim, eh, seguir na área, uma área que eu gosto tanto a parte técnica como e a humana, eu diria, né?"*
 - *"E aí eu pretendo sim, pretendo prestar concurso ou se surgir outra oportunidade, já que aqui é um pouco difícil para trabalho fora da do do âmbito dos concursos é muito difícil, mas eu pretendo sim, pretendo fazer uma pós, fazer um mestrado aqui no departamento mesmo, de preferência, e é isso, vou ver o que o que dá para desenvolver agora, né?"*
- **Planos e aspirações:** Franciéle planeja fazer pós-graduação e mestrado, buscando aprofundar seus conhecimentos e contribuir para a área.
 - *"e é isso, vou ver o que o que dá para desenvolver agora, né?"*
- **Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial:** O texto não apresenta explicitamente a visão de Franciéle sobre o futuro da política de cotas. No entanto, sua experiência e trajetória acadêmica, incluindo a escolha de ingressar na universidade através do sistema de cotas e seu envolvimento em discussões sobre relações étnico-raciais durante o curso, sugerem que ela reconhece a importância dessas políticas para promover a inclusão e a equidade racial. Sua fala sobre os desafios enfrentados na universidade, como o racismo e o preconceito, indicam uma preocupação com a necessidade de avançar na construção de uma sociedade mais equitativa.

Sueli

- **Expectativas em relação à carreira profissional:** Sueli demonstra ambição e determinação em sua futura carreira como bibliotecária, almejando alcançar o doutorado.
 - *"Bem, eu sonho com doutorado, né? Ah, não, eu vou ralar horrores, eu deixei minha família lá no interior, eu quero chegar no doutorado, eu vou chegar no doutorado com orgulho e com honestidade, eu vou chegar lá."*
- Sueli demonstra forte desejo de se afirmar na carreira escolhida. Mesmo diante de desafios, reafirma sua determinação em construir uma trajetória sólida como bibliotecária.

- *“Sim, eu tô preparada para ser bibliotecária, eu tô preparada para assumir essa função, eu tô preparada para me destacar e tô aí, vou seguir firme e forte [risos].”*
- **Planos e aspirações:** Sueli projeta seus planos com base em esforço pessoal e reconhecimento de suas origens. Sua motivação está diretamente vinculada ao desejo de transformar sua realidade e representar sua comunidade.
 - *“Quando eu falo que eu vou me destacar é porque talvez eu não seja a garota estudiosa estudiosa, mas a garota esforçada, a que quer e a que vai se esforçar para estudar, para compreender as matérias e com certeza para apresentar bons trabalhos.”*
 - *“Eu espero ser a segunda [com graduação na família] e me destacar. E assim a gente traz um pouquinho de orgulho de tá ali, de entrar ali, conseguir, eh, ver a tua família lá do interior feliz porque tu tá conseguindo aos poucos...”*
- **Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial:** Sueli expressa uma visão crítica sobre a política de cotas e as limitações estruturais que a cercam. Ela reconhece as cotas como mecanismo necessário, mas insuficiente.
 - *“É só para facilitar mesmo. Uhum, pro aluno negro, indígena, quilombola entrar. É como se o sistema tivesse te dando uma mão ali, aham, para te levantar, né? Mas vai ter que dar algo em troca uma hora ou outra.”*
- Ela também aponta a precariedade das políticas públicas nas comunidades quilombolas e as desigualdades que ainda impedem o avanço real da equidade.
 - *“A comunidade onde nós vivemos, ela não recebe recursos como deveria, o nosso povo, a nossa escola, as crianças... é muita escassez de recursos... e vai prejudicando as crianças, influencia o estudo, as decepções.”*
- Por fim, expressa uma esperança resiliente e um desejo de mudança estruturado na coletividade:
 - *“Eu espero muito que, no futuro não tão distante, eu esteja no topo, sem pisar em ninguém e com todos aqueles que me deram a mão, com certeza, e eu vou chegar lá.”*

Andreia

- **Expectativas em relação à carreira profissional:** Andreia escolheu o curso de Biblioteconomia por ser uma área que permite trabalhar educando, mas sem a necessidade de estar em sala de aula. Ela expressa o desejo de trabalhar na área, embora reconheça que nem sempre é fácil conseguir emprego na área de formação.
 - *“É um curso que a gente trabalha educando e a gente não precisa estar em sala de aula.”*
- **Planos e aspirações:** Andreia expressa o desejo de influenciar positivamente meninas negras, mostrando que é possível vencer e superar as dificuldades sociais.
 - *“Hoje eu não tô mais na área de educação, tô na área de saúde, então não tenho mais como influenciar meninas que têm cabelo crespo, que são negras, que um processo social muito difícil eu dizer assim: ‘Olha, você consegue vencer também. Você não*

precisa ficar só parindo de um carro de homem que vai ficar te batendo, te humilhando e deixando com fome."

- **Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial:** Andreia é enfática em sua defesa das cotas raciais, considerando-as essenciais para garantir oportunidades a pessoas negras. Ela acredita que os projetos sociais são importantes para promover a inclusão e que a sociedade está evoluindo, permitindo que as pessoas negras enfrentem o racismo.
 - *"Então, assim, eu sou super a favor das cotas. É como eu te falei nisso, quando eu vi a tua, tua, eh, pesquisa, disse: 'Eu vou colaborar porque eu sou fruto disso.'"*

Lívia

- **Expectativas em relação à carreira profissional:** Lívia demonstra interesse em atuar em bibliotecas escolares, onde acredita que pode contribuir para a formação de jovens leitores e para a instrução à pesquisa. Ela também expressa o desejo de lutar pela implementação efetiva da lei que obriga cada escola a ter uma biblioteca com um bibliotecário.
 - *"Como eu falei, eu gosto muito de balcão, eu gosto muito dessa interação com o outro, mas também gosto muito da biblioteca escolar. Eu sou mais tendenciosa para a biblioteca escolar do que para balcão de uma biblioteca grande, eh, porque lá dentro, lá dentro da biblioteca escolar, eu vejo que a gente instrui muito mais, trabalha mais direto, eh, com a ilustração de livro, tipo de leitura, ah, guiar, né? Que tipo de leitura para cada tipo de idade e também é onde a gente tem que ficar mais por dentro dos assuntos que estão rolando efetivamente, eh, até para poder instruir melhor, porque é um público que é muito jovem, então não sabe muita coisa ou, se sabe, acha que sabe porque pesquisou."*
- **Planos e aspirações:** Lívia tem o plano de se formar em Biblioteconomia e atuar na área, especialmente em bibliotecas escolares. Ela também aspira a contribuir para que as futuras gerações não se sintam como "raridades" nos espaços acadêmicos, como ela se sente.
- **Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial:** Lívia acredita que as cotas atendem às demandas dos ingressantes cotistas, mas que poderiam ser mais eficazes, com melhor divulgação dos direitos dos cotistas. Ela espera que, no futuro, a universidade seja um espaço mais acolhedor e representativo para pessoas negras e pardas.

Petronio

- **Expectativas em relação à carreira profissional:** Petronio critica a visão elitista da Biblioteconomia, que valoriza apenas os cargos em tribunais e órgãos federais, o que sugere um desejo de uma carreira que contribua para a transformação social.
 - *"Aí você chega num evento como o CBBB e diz: 'Eu sou bibliotecário escolar'. Ah, não, mas eu sou bibliotecário da Advocacia Geral da União, eu sou bibliotecário do Tribunal de..."*

- Apesar das dificuldades enfrentadas, Petronio demonstra firmeza quanto ao valor de sua trajetória acadêmica e profissional. Ainda que sua escolha pelo curso de Biblioteconomia tenha sido circunstancial, ele reconhece suas habilidades técnicas e pretende seguir contribuindo por meio da pesquisa e da atuação crítica.
 - *“Acabei gostando do curso, né? [...] fui bastante elogiado nesse estágio que eu fiz na Fundação [...] sou muito assim bom na catalogação e pela indexação em resumos, aí eu sou bem realmente especialista.”*
 - *“A ciência é pro povo, né? É para além dos muros, né? É para desenvolver pro povo.”*
- **Planos e aspirações:** Petronio deseja seguir como pesquisador, voltado a temas sociais e de luta histórica. Seu plano de vida está entrelaçado à sua militância e à sua produção de conhecimento, apesar dos entraves que sofre dentro da universidade.
 - *“Minha pesquisa também envolve a população negra, que é classe trabalhadora, e sua maioria é negra. [...] Então, aí essa contribuição que eu quero falar, não só da minha vida, mas da minha vida de pesquisa.”*
 - *“Eu entrei num núcleo de pesquisa [...] investigava a CUT, os sindicatos, movimentos estudantis [...] fui o único estudante de Biblioteconomia nesse departamento.”*
- **Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial:** Petronio expressa uma visão crítica e amadurecida sobre as cotas. Ele reconhece seu papel como mecanismo de entrada, mas denuncia a ausência de políticas eficazes de permanência.
 - *“As cotas para mim, elas foram uma abertura grande para eu entrar, mas a permanência foi o que realmente tem dificultado muito a minha vida acadêmica.”*
- Ele também denuncia o racismo estrutural na universidade e o elitismo dos cursos, reforçando que a equidade racial ainda está longe de se consolidar.
 - *“A política de cotas, ela também não atinge os cursos que a gente almeja fazer [...] no curso de Direito [...] numa entrada de 60, dois são negros, isso é uma queda muito grande.”*
 - *“A universidade, ao mesmo tempo que acolhe, expulsa seus alunos.”*
- Sua visão de futuro aponta para a urgência de mudanças estruturais nas universidades e nas políticas públicas para a população negra e periférica.
 - *“Não basta entrar, é preciso permanecer.”*

Sandra

- **Expectativas em relação à carreira profissional:** Sandra expressa o desejo de continuar na área, trabalhar em uma biblioteca e fazer concurso público, além de ter o sonho de ser professora universitária de Biblioteconomia.
 - *“E mesmo que eu penso em continuar na área, eu tô trabalhando numa biblioteca que é voltada mesmo pra área, então eu penso em continuar minha formação, fazer um concurso público ou*

continuar na área de primórdio. Eu queria ser professora da área de Biblioteconomia, eu queria ser professora universitária, que é algo incrível e o curso de Biblioteconomia foi uma, tipo assim, eu falo, eu sou muito grata ao curso..."

- **Planos e aspirações:** Os planos de Sandra incluem a formação continuada e o desejo de lecionar, demonstrando uma aspiração de contribuir para a área da Biblioteconomia tanto na prática quanto na academia.
- **Visão sobre o futuro da política de cotas e da sociedade em relação à equidade racial:** Sandra espera que a política de cotas continue garantindo o acesso à universidade para pessoas negras e que a lei seja aprimorada para contemplar também as questões econômicas e sociais dos estudantes. Ela também expressa o desejo de que a sociedade como um todo se conscientize sobre a importância da equidade racial.
 - *"E para além disso, eu espero que a lei ela contemple além disso, que não fique somente eh a lei, e também espero que a lei seja efetivada, porque muitas vezes não são pessoas pretas que entram por essas cotas, então muitas vezes tem casos de pessoas que não entram por essas leis, mas não são pessoas que realmente precisam dessa lei. Muitas vezes esses estudantes usam para que eh como mais fácil, como eles falam, mas às vezes eles não precisam disso. Então, que essa lei realmente seja utilizada por pessoas que realmente precisam e que ela seja vista para além da para além da da do de adentrar a universidade, mas veja as questões também econômicas, a questão da onde ele vem, da onde que o estudante vem, o que que ele tá fazendo, será que ele vai conseguir se manter?"*

A categoria “projeto de futuro” evidencia a diversidade de trajetórias e sonhos entre os estudantes cotistas, revelando tanto esperanças quanto tensões vividas no percurso universitário. As expectativas profissionais revelam, de modo geral, um forte desejo de inserção no mercado de trabalho com estabilidade e reconhecimento. Há menções recorrentes ao concurso público, à atuação em bibliotecas, e também ao desejo de seguir na vida acadêmica.

Alguns estudantes, como Aparecida, Sueli e Sandra, expressam explicitamente o desejo de alcançar a docência universitária, o que representa não apenas uma ambição profissional, mas também uma estratégia de reocupação de espaços historicamente negados à população negra. Outros, como Petronio e Isildinha, vinculam seu futuro profissional à militância e à transformação social, articulando suas ações à luta coletiva.

Nessa perspectiva, destaca-se a discussão na seção 3 desta pesquisa “Biblioteconomia e a informação no âmbito social: foco nas relações étnico-raciais” sobre a importância e responsabilidade da ciência em atuar frente a

promoção de uma educação equitativa e elucidativa principalmente para as questões sociais (Silva; Saldanha; Pizarro, 2018).

Nos planos e aspirações, observa-se a tensão entre o sonho e as barreiras estruturais. Medos de fracasso, dúvidas quanto à capacidade e inseguranças quanto à viabilidade dos objetivos são recorrentes, como no caso de Neusa, que teme não estar à altura de uma pós-graduação.

Em contrapartida, há também falas profundamente empoderadas e afirmativas, como as de Isildinha e Sueli, que expressam determinação em vencer obstáculos e transformar suas condições de origem por meio da educação. Os relatos demonstram que o projeto de futuro dessas pessoas é, muitas vezes, atravessado por uma forte consciência de responsabilidade social e coletiva, o que extrapola os desejos individuais para abarcar o desejo de mudança sistêmica.

Quanto às visões sobre o futuro da política de cotas e da equidade racial, os relatos revelam um posicionamento predominantemente crítico e engajado. As cotas são amplamente reconhecidas como fundamentais para o acesso ao ensino superior, mas são também apontadas como insuficientes se desacompanhadas de políticas de permanência e de combate ao racismo institucional. Francilene, Petronio, Cida e Sueli, por exemplo, apontam lacunas na estrutura universitária para acolher, manter e valorizar os estudantes cotistas. Há ainda críticas à má aplicação da lei, como as fraudes e o uso indevido do sistema por pessoas não negras, e o destaque para a invisibilidade e o isolamento dos cotistas nos espaços universitários.

Quanto a este isolamento cabe recuperar a fala de Franciéle, *"E como a minha universidade é na zona sul, então eu tenho, eu não fico na zona sul, tá? Eu tenho essa regra para mim mesmo e eu termino, eu vou pro meu ponto de ônibus, eu pego e vou embora e eu desço na frente da Universidade, eu entro na universidade, não, não fico andando por lá, eu só ando por lá quando eu tô acompanhada, os meus colegas de turma são pessoas brancas. E aí eu meio que eu tô ali validada porque eu sou, tô ali acompanhando. Bom, tem um shopping do lado do meu, da minha universidade, que é um shopping extremamente elitista, né? Igual o Shopping Rio Sul, tem todas as marcas famosas de gente rica, né? E aí, por exemplo, eu não fico andando aleatoriamente no shopping, "vamos comer no shopping?", não, vamos comer aqui no bandeirão, galera, de preferência, vamos fazer aqui num mais separadinho porque as pessoas, é, não sei se você já pensou por isso, com certeza já, e as pessoas têm um olhar diferente, você sente o olhar, tipo de meio que repulsa. E aí você sente, as pessoas*

não percebem? Percebem esse olhar, você percebe, eles te olham com um olhar de "esse não é o seu lugar, esse não é bem o seu lugar" e aí você fica tipo, você vai se encolhendo sozinho sem nem a pessoa precisar falar nada porque ele já te olha como se você teve a audácia de entrar aqui e aí eu prefiro não entrar em nenhuma loja..."

O sentimento de pertencimento é um aspecto sensível em várias falas. Muitos entrevistados revelam que, embora tenham conseguido acessar a universidade por meio das cotas, ainda não se sentem plenamente parte da comunidade acadêmica. Essa sensação de deslocamento é reforçada pela baixa presença de professoras e professores negros, pela predominância de alunos brancos e pelo despreparo institucional para lidar com a diversidade étnico-racial. Essa ausência de acolhimento revela que a inclusão via cotas é um passo importante, mas que a equidade exige mudanças mais profundas nas estruturas e culturas institucionais.

Por fim, as narrativas refletem uma geração de estudantes cotistas conscientes de sua posição histórica e de seu papel político. Mesmo diante das adversidades, esses sujeitos constroem projetos de futuro com coragem, senso de coletividade e desejo de transformação.

A presente seção apresentou as narrativas, analisando-as em consonância com as categorias estipuladas. Contudo, uso este espaço para informar que todas as narrativas caberiam perfeitamente para a construção de outros trabalhos isolados. São tantas as informações que se atravessam que, de certa forma, me deixa comovida, pois a cada narrativa, a cada frase, sinto que poderia ser mais aprofundada. Assim, espero que as categorias sejam capazes de fazer com que o leitor tenha um mínimo vislumbre do que foi, para mim, ouvir e ver estas pessoas. O tempo todo me mantive neutra para não induzi-las em suas falas, mas, por muitas vezes, gostaria de atravessar a tela do computador e abraçar essas pessoas. Por isso, rogo para que os leitores não se utilizem só das falas trazidas nesta seção, mas que, de forma indispensável, leiam as histórias orais destes estudantes, disponíveis na seção anterior.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem
É o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir,
(trecho da música “Amarelo” interpretada por Emicida).*

Permita que os estudantes falem. O prazer de se fazer uma pesquisa utilizando da História Oral é indescritível; ela não nos poupa, no momento das entrevistas, de nos colocarmos dentro das memórias dos participantes. Para esta pesquisa, por exemplo, alguns participantes se emocionaram de diversas formas, com risos descontrolados que não representavam alegria, muito pelo contrário, representavam um certo desalento, mas também houve momentos de descontração com gargalhadas sinceras. Contudo, houve momentos em que eu quis deixar a pesquisa de lado, ultrapassar a tela e consolar a pessoa com quem eu estava conversando, que estava visivelmente abalada ao relembrar suas memórias.

Houve também momentos em que o narrador estava contando a minha história ou partes dela devido à semelhança de fatos entre nossas vivências, mas, sem nenhuma dúvida, como pesquisadora, houve momentos de grande êxtase ao ouvir dos estudantes o que as pessoas autoras, que dentro destes quase quatro anos venho estudando para me dedicar à pesquisa, afirmam. Ainda fico deslumbrada ao imaginar que estava frente às pessoas de análise de Neusa Santos Souza, que confesso foi a inspiração para a metodologia usada nesta pesquisa.

Por indicação do meu orientador, o professor Rubens Alves da Silva, entre uma vasta lista de títulos pertinentes para a minha temática, li “Tornar-se negro” em 2022; inicialmente, foi um exemplar emprestado na biblioteca setorial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, ou Fafich. A leitura foi tão impactante que consumi o livro em dois dias e, posteriormente, comprei o meu próprio exemplar. Até então, como era o início do doutorado, tínhamos muitas coisas a serem alinhadas, então esta obra me chega como um manual para a construção da pesquisa aqui apresentada. Por isso, o enunciado desta seção é tão extenso para que saibam da minha imensa gratidão ao participar, como pesquisadora, mas principalmente como ouvinte destas dezesseis pessoas.

Discorrer sobre a Lei 12.711/2012 (Brasil, 2012) com as pessoas beneficiadas por ela pode contribuir para a academia, para aquelas instituições que desejam proporcionar ao seu corpo estudantil sentimentos positivos para a vivência acadêmica, deixando os traumas apenas para as provas e trabalhos finais.

Assim, **descobrir qual a percepção dos discentes negros cotistas nos cursos de Biblioteconomia sobre as cotas raciais** é o problema central da pesquisa, que para respondê-la empregou o objetivo geral **de identificar a percepção dos ingressantes por cotas raciais dos cursos presenciais de Biblioteconomia de instituições públicas brasileiras sobre suas vivências enquanto sujeito negro optante pela política de cotas raciais**.

A pesquisa alcançou o objetivo geral e respondeu ao problema de pesquisa; para isso, dezesseis pessoas contaram suas vivências dentro de universidades públicas como cotistas que ingressaram no curso de Biblioteconomia por meio das cotas raciais.

A pesquisa identificou que a percepção dos estudantes de cotas raciais no curso de Biblioteconomia em universidades públicas está diretamente relacionada a como eles vivenciam o cotidiano acadêmico atravessado por situações de racismo, invisibilização e solidão, mas também por sentimentos de pertencimento, resistência e valorização da política de cotas como instrumento de acesso e permanência no ensino superior. As narrativas dos discentes revelam que, apesar dos avanços proporcionados pelas ações afirmativas, ainda há desafios significativos no que se refere à inclusão plena, à representatividade e ao combate ao racismo institucional no ambiente universitário.

As narrativas dos estudantes cotistas convergem para a centralidade das cotas como instrumento crucial para democratizar o acesso à universidade e promover a mobilidade social, embora reconheçam a complexidade e as múltiplas facetas dessa política. As experiências revelam que, apesar de sua importância, a implementação das cotas é permeada por desafios persistentes e contradições.

Um ponto crítico amplamente destacado é o processo de heteroidentificação, apontado como a maior dificuldade no ingresso e fonte de insegurança para muitos candidatos. Falhas na composição das bancas e os impactos emocionais sobre os candidatos, frequentemente ligados ao colorismo *“eu tive até um pouco de medo de não passar na heteroidentificação porque eu*

fiquei muito ansiosa, fiquei com muito medo” (narrativa de Neusa, dados da pesquisa, 2025), *“dificuldade nesse processo foi a entrevista de heteroidentificação. Eu fiquei muito nervosa, tá? Eh, eu fiquei... não sei... sei lá... eu acho que eu achei que ia ser tipo votação, sabe? E aí eu fiquei: 'Gente, mas o que que eu faço agora? Como é que eu vou dizer que eu sou negra? Como é que eu explico para eles?’”* (narrativa de Franciéle, dados da pesquisa, 2025) e à fragmentação da identidade negra, são recorrentes nas falas de estudantes e nas análises de autoras como Vaz (2022) e Fonseca (2024). Embora necessário para evitar fraudes, o processo exige um comprometimento institucional robusto, conforme argumenta Jesus (2024).

As experiências de estudantes como Andreia, Lívia, Petrônio e Sandra ilustram que a política de cotas é atravessada por múltiplas dimensões raciais, socioeconômicas, geográficas e simbólicas e revelam tanto os impactos positivos quanto os desafios na sua implementação: *“Então, se manter no curso que é complicado para entrar, às vezes, a cota tá tudo certo, a cota faz tu entrar na universidade, mas te manter, ela não te mantém”* (narrativa de Sandra, dados da pesquisa, 2025). Enquanto Andreia destaca as desigualdades oriundas de sua origem geográfica e socioeconômica, Lívia valoriza o apoio comunitário e institucional; Petrônio relaciona a política às lutas do movimento negro; e Sandra a legitima como um direito reparatório.

A percepção de que as cotas facilitam o acesso reflete a desigualdade estrutural no sistema educacional brasileiro, historicamente precário para a população: *“Eu acho que eu pensei assim, ó, por ampla concorrência, pode ser que eu não consiga, então eu vou, vou colocar as cotas”* (narrativa de Francilene, dados da pesquisa, 2025). Nesse sentido, autores como Fonseca (2024), Gomes (2017), Jesus (2024) e Vaz (2022) reforçam a necessidade dessa política diante das heranças excludentes do período pós-abolição e da persistência da sub-representação negra no ensino superior, questionando a meritocracia e a ideia de que cotistas diminuem o prestígio universitário, enfatizando a necessidade das cotas como reparação histórica.

A compreensão das cotas evolui entre os estudantes durante a vivência universitária, integrando as dimensões racial e socioeconômica, embora o conhecimento sobre a gênese da política que levou à construção da Lei 12.711/2012 (Brasil, 2012) e o papel do movimento negro seja, por vezes, limitado. A ideia de reparação histórica é mencionada, mas a contextualização

com as lutas do movimento negro é menos frequente; unicamente uma participante mencionou o contexto histórico da Lei, relacionando-o ao movimento negro: *“eu descobri que não foi o governo, eh, mais progressista, né, de 2013 a 2016, que criou as cotas, e sim o movimento negro que cresceu exigindo as cotas raciais, né? Exigiu o currículo da história negra, né, afro-brasileira nos currículos”* (narrativa de Petrônio, dados da pesquisa, 2025).

Em síntese, as cotas são reconhecidas como um instrumento vital de democratização do acesso e de mobilidade social, apesar das contradições e desafios. Contudo, a representatividade negra nas universidades ainda é considerada desproporcional, como apontam Gomes (2017) e Vaz (2022). As narrativas enfatizam a importância das cotas como um mecanismo de justiça social e igualdade de oportunidades. Em alguns casos, o estudante era o único em sua turma: *“Eu tive muita, muitas vezes, eh, eu peguei cadeira que eu era a única pessoa negra, sabe?”* (narrativa de Carla, dados da pesquisa, 2025), bem como se reconhecia apenas em pessoas que trabalhavam na universidade em trabalhos subalternos: *“por exemplo, no campus que eu tô, que é o campus saúde, tem muitos profissionais negros na limpeza, por exemplo, jardineiro, as moças que limpam o banheiro, ãhn, quem fica na, na portaria, os homens que ficam na portaria, mulheres que ficam na portaria. Já a gente assim, eh, como estudantes, somos poucos e na Biblioteconomia menos ainda, né? Então, eu acho que a Biblioteconomia em si, por ter esse caráter assim mais elitizado”* (narrativa de Francilene, dados da pesquisa, 2025).

As experiências acadêmicas dos estudantes cotistas são diversas, marcadas por desafios individuais (adaptação, insegurança, timidez) e conquistas (engajamento, senso de responsabilidade), mas também por questões sistêmicas de racismo. Nas relações interpessoais, predominam relatos positivos com colegas, embora haja dificuldades de socialização para alguns e falta de engajamento de não cotistas em discussões raciais.

A relação com a comunidade acadêmica oscila entre apoio de alguns professores e relatos de racismo velado/estrutural: *“Uma situação que foi racista, mas foi mais, não sei se você já ouviu que pessoa falar que é racista a nível Senhorita Morello... E eu virei cheque de informações de pessoas pretas,”* (narrativa de Franciéle, dados da pesquisa, 2025), *“[a chefe] entrou, que é a bibliotecária auxiliar, né, e entrou na sala e pediu para ela prender o cabelo*

porque ela tava assustando os usuários" (narrativa de Petrônio, dados da pesquisa, 2025).

O apoio familiar e entre cotistas, assim como o suporte institucional (bolsas), são cruciais, enquanto os principais desafios incluem dificuldades financeiras, racismo (velado e explícito) e questões emocionais (insegurança, inadequação), corroborando teorias sobre inseguranças, autoidentificação, sentimento de coletivo e a falta de representatividade.

Os estudantes cotistas vivenciam sentimentos diversos, como insegurança e orgulho, e reconhecem a política como uma conquista importante, embora cientes do longo caminho para a equidade racial. Eles sugerem melhorias na política, como maior proporção de vagas, critérios mais rigorosos para baixa renda e mais apoio institucional para tornar a universidade um espaço mais acolhedor e representativo, assegurando a permanência e o sucesso acadêmico. Relatos como os de Rodrigo, Andreia e Neusa ilustram as tensões vivenciadas, enquanto vozes como as de Isildinha e Sueli expressam empoderamento e esperança, destacando a educação como ferramenta de transformação.

A Biblioteconomia, enquanto campo de atuação, foi percebida por alguns participantes como Rodrigo, Aparecida, Isildinha, Carla e Franciéle como um espaço com potencial transformador, capaz de formar sujeitos críticos e enfrentar desigualdades. Contudo, outros, como Dagoberto, criticam a neutralidade da formação, marcada por uma ausência quase total de discussões étnico-raciais.

Há consenso sobre a urgência de incluir conteúdos étnico-raciais nos currículos e de promover maior diversidade racial entre discentes, docentes e profissionais. A crítica à predominância de epistemologias eurocentradas na área reforça a necessidade de abertura para outras matrizes de pensamento, como defendido por Garcês-da-Silva (2023). Apenas três dos dezesseis cursos mencionados pelos entrevistados oferecem disciplinas específicas sobre relações raciais (UDESC, UERJ e UFPB), sendo que, na UDESC, a disciplina é ministrada por uma professora branca, o que Rodrigo considera um problema: *"E foi uma professora branca e assim, eu digo que ela tentou, ela fez o que ela podia nas condições que ela podia, mas tinha muitos assuntos que, sabe, como pessoa branca, eu acho que ela não conseguia problematizar, ela não conseguia"* (narrativa de Rodrigo, dados da pesquisa, 2025).

Essa ausência de representatividade e conteúdos críticos colabora para uma formação profissional despolitizada, que pode, ainda que involuntariamente, perpetuar práticas excludentes.

Quanto aos projetos de futuro, os estudantes cotistas revelam desejos de estabilidade profissional, impacto social e reconhecimento. Muitos almejam atuar em bibliotecas públicas, concursos ou na docência universitária, como relatado por Aparecida, Sueli e Sandra, enquanto outros, como Petrônio e Isildinha, entrelaçam seus projetos à militância e à transformação social. Essas aspirações dialogam com o entendimento da Biblioteconomia e da Ciência da Informação como campos com responsabilidade social no enfrentamento das desigualdades (Silva; Saldanha; Pizarro, 2018). A formação do bibliotecário é apontada como crucial, devendo ir além do tratamento da informação para incluir temas sociais e raciais.

Os estudantes cotistas revelam o desejo de inserção no mercado de trabalho com estabilidade, reconhecimento e impacto social, muitas vezes entrelaçando aspirações profissionais com a militância e a transformação social. Esta estabilidade está muito associada à projeção de suas famílias perante essa conquista, como narra Virgínia: *“É tipo assim, só ter a oportunidade de tentar ingressar pela cota já foi muito para mim, porque eu venho do interior, de uma família pobre mesmo, que eu não teria essa oportunidade de entrar numa universidade particular, por exemplo. Estar numa universidade federal, sendo a primeira da minha família a se formar, então, já é muita coisa, né? E aí, me emocionei [voz embargada]”* (narrativa de Virgínia, dados da pesquisa, 2025).

Apesar da potência dessas trajetórias, os relatos são marcados por inseguranças, receios e barreiras estruturais, como o medo do fracasso e dúvidas sobre a própria capacidade, reflexos do racismo estrutural e da exclusão histórica: *“Eu, como estudante cotista, sinto que eu tenho que ter determinado resultado para fazer valer a pena aquelas pessoas que não conseguiram entrar, né, por nenhuma das maneiras e eu me percebo, me percebo realmente como como um competidor, né, naquela busca por terminar a faculdade. Nesse contexto, nessa situação eh e que tem gente que eh adoraria estar no meu lugar, então eu tenho que fazer valer a oportunidade que eu tive aqui, então eu me sinto basicamente numa maratona”* (narrativa de Dagoberto, dados da pesquisa, 2025).

As visões sobre o futuro da política de cotas são críticas, com consenso sobre sua importância no acesso, mas também sobre sua limitação frente à ausência de políticas efetivas de permanência e combate ao racismo institucional. A fala de Franciéle, ao descrever seu sentimento de não pertencimento em um campus elitizado, evidencia como a universidade continua marcada por barreiras simbólicas que reforçam a exclusão. As falas denunciam falhas na estrutura universitária que dificultam a permanência dos cotistas, como a escassez de apoio, as fraudes no sistema e o isolamento racial: *“eu não fico nas áreas de convivência da faculdade, não vou, se eu tiver com fome, eu compro meu saudável e vou para dentro da sala, eu vou no Bandeirão e vou para dentro da sala, não fico nas áreas de convivência para não calhar de eu ser a odiada da vez”* (narrativa de Franciéle, dados da pesquisa, 2025). O sentimento de deslocamento, relacionado à falta de representatividade e ao despreparo institucional para lidar com a diversidade, demonstra que a inclusão promovida pelas cotas precisa ser acompanhada por transformações estruturais e culturais mais profundas para construir uma universidade verdadeiramente democrática e antirracista; as narrativas apresentam que a maior parte das ações sai dos movimentos estudantis, diretórios acadêmicos e não dos cursos ou da universidade como um todo.

Em síntese, as vozes dos estudantes cotistas reafirmam a potência transformadora da educação e a urgência de uma universidade verdadeiramente democrática, inclusiva e antirracista. As cotas, embora fundamentais, precisam ser acompanhadas por políticas estruturantes que assegurem permanência, valorização da diversidade e transformação institucional.

Apresentada a resposta ao problema central desta pesquisa, ao abordar a Lei 12.711/2012 (Brasil, 2012) para a temática, foram muitas as interseccionalidades notadas. A discussão proposta na pesquisa tem seus objetivos e problemática; todavia, além delas, outros fatos que estão em conformidade com o assunto aqui exposto valem ser destacados.

A questão identitária talvez seja a que mais se sobressaia, já tratada nas categorias de análise; a identidade destes estudantes é um construto coletivo e múltiplo, como mencionam Fanon (2008), Souza (2021) e Bicudo (2010). Dentro deste construto, a formação da identidade dos nossos participantes também foi formada sob mutilações em seus corpos para o máximo possível se descaracterizarem de uma identidade negra. É curioso que os três autores

anteriormente mencionados publicaram seus trabalhos no século passado³⁶, mesmo com a longa cronologia as vivências ainda são as mesmas.

A destacar: Franciéle, que até os seus 15 anos alisava o cabelo para ser o mais branca possível, tinha medo de ser comparada com a colega de escola, negra retinta, que era chamada de feia e diziam que fedia: *“Eu até aos 15 anos eu alisava o cabelo com henê porque eu queria ser índia, né, seu realmente cabelo liso e parecer mais branca, porque esse era o ideal de beleza que se tinha até então. Então, eu queria ser o mais clara possível, não queria pegar sol, não queria ir em praia, como se isso fosse me... me transformar em uma pessoa branca... Eu não era a mais feia, mas tinha uma menina que foi assim, hostilizada totalmente, porque ela era uma menina negra retinta, né? E as pessoas começaram a, desde o primeiro dia, a falar: 'Ela fedia', e ela não fedia, e eu idiota falando assim. Eu chegava perto das pessoas e falava: 'Ela não fede, ela não tá fedendo', e as pessoas faziam... e esse tipo de brincadeira com ela, e não era brincadeira, sabe? E eu falei pra minha mãe: 'Nossa, se fosse eu, eu teria saído da escola, certeza, eu não ia aguentar três anos as pessoas dizendo que eu fedo o tempo todo’”* (narrativa de Franciéle, dados da pesquisa, 2025).

Isildinha: *“A minha própria mãe mesmo, quando tava com momentos de raiva, ela agredia tipo meu cabelo, e meu cabelo era bem cacheado, eh, e aí minha mãe, ela cortava para, porque ela dizia que meus cabelos cacheados davam muito trabalho, aí ela deixava bem curto, porque ele é, ele é até aqui ele é um pouco liso, mas depois ele vai cacheando, e aí por causa disso, eh, eu tive vergonha do meu cabelo por muito tempo, porque como ela cortava, ele ficava bem alto, ficava bem volumoso e aí eu ficava com vergonha de usar ele solto por causa disso”* (narrativa de Isildinha, dados da pesquisa, 2025).

Neusa: *“eu tinha muito problema com o meu cabelo, ele era cacheado, mas ele também não era crespo, também não era liso, ele era um pouco estranho, eu não sabia cuidar, minha mãe não sabia cuidar e eu fiz muita progressiva, eu percebia muito essa diferença de cabelo”* (narrativa de Neusa, dados da pesquisa, 2025).

³⁶ Franz Fanon com “Pele negra, máscaras brancas” em 1952.

Neusa Santos Souza com “Tornar-se negro” em 1983.

Virgínia Bicudo que em 1945 defendeu sua dissertação de mestrado.

E Cida: *“Mas sabe essas coisas assim, meu, eu não vi a minha mãe usar, toda minha mãe, aí, minimalista, aí, que não sei o que, cabelo liso”* (narrativa de Cida, dados da pesquisa, 2025).

Nesta identidade fragilizada quanto ao seu corpo também está a desconfiança sobre o seu próprio intelecto; Livia menciona que “nós não fomos criados para estudar” ao duvidar de suas capacidades, como muitos outros participantes. Essa incapacidade é mais latente quando o indivíduo não está representado nos lugares de sabedoria, como em universidades: *“Eu me sinto como uma pessoa rara, [risos] né? Eu me sinto uma pessoa rara e eu não queria ser uma pessoa rara, eu queria muito encontrar pessoas parecidas comigo, similares a mim, eh, na faculdade, eh, ter uma identificação, uma sensação maior de pertencimento ao local”* (narrativa de Livia, dados da pesquisa, 2025).

Ainda na construção de uma identidade, os estudantes mencionam a questão da inimizade entre negros e da validação dos negros que andam com brancos, fatos estes muito discutidos por Nogueira (2021).

Como já mencionei diversas vezes, este trabalho, além de ser um cumprimento acadêmico para o título de doutorado, também me foi muito prazeroso. Ao ouvir essas narrativas, fui constantemente desafiada pelos estudantes, como apaixonada pela Biblioteconomia que sou, a procurar por fatos que eles trouxeram em suas oralidades; contudo, curiosidades estas que vão ficar para outra pesquisa ou pesquisas, saber: quando Petrônio e Isildinha, ao narrarem o seu percurso como estudantes cotistas que estão envolvidos em uma militância, são perseguidos pelo curso, por professores e até mesmo pela universidade; os fatos históricos sobre a Revolução Farroupilha mencionados por Francilêne e Carla, que como negras no sul do Brasil conhecem muito bem e narram sobre a invisibilidade dos lanceiros negros na revolução; por fim, sobre o estudo que Petrônio fez da imprensa local em que jornais da época da escravidão, em forma de catálogos, vendiam pessoas negras.

Outro ponto a ser destacado em torno da pesquisa que buscava saber sobre as percepções dos estudantes quanto à Lei 12.711/2012 (Brasil, 2012) é a meritocracia. Afinal, todos temos as mesmas 24 horas por dia. Discursos de trabalhe enquanto eles dormem, estude enquanto eles se divertem, nada mais são do que algemas psíquicas intencionalmente moldadas para formar toda uma massa a acreditar que é através do seu esforço única e exclusivamente que se

alcançará a ascensão social. Das pessoas entrevistadas, a maioria tem uma dupla jornada entre trabalho, seja como bolsista, e os estudos.

Não se fala do quanto a vida dentro de uma universidade pública pode ser cara; são os custos para a locomoção de casa até o curso, a alimentação, a compra de materiais e até mesmo as xerox que, no fim do mês, são um peso na renda de um estudante e de suas famílias. Por isso, a maioria trabalha e estuda para garantir o básico: *“até mesmo a xerox é uma questão, é muito triste para que a gente, às vezes, não tem dinheiro nem para isso”* (narrativa de Sandra, dados da pesquisa, 2025), para se manterem no curso, realidade esta que para Dagoberto, Franciéle, Nilma, Rodrigo, Cida, Virgínia, Andreia e Sandra já existia antes da universidade, pois estes, desde cedo, contribuíam para a renda familiar.

E justamente foi em uma dessas vivências em seu local de trabalho que Franciéle sofre racismo, como caixa de mercado: *“eu trabalhava geralmente no caixa de idoso porque eu sou muito calma e aí me botava no caixa de idoso sempre. E aí o caixa de idoso é mais lento porque são idosos que estão passando as compras e aí ele chegou no meu caixa, ele falou assim, e ele primeiro ele falou disfarçadamente, falou: 'E vocês sempre trabalham devagar', parei, olhei, mas continuei, aí tudo bem, continuei passando as coisas, aí falou assim: 'Dá para você passar mais rápido?' Aí eu falei assim: 'Não, porque tem que ler o código de barra e tal', ele falou assim: 'Vocês só trabalham bem no chicote'”* (narrativa de Franciéle, dados da pesquisa, 2025).

Com uma jornada dupla de trabalho, a falta de representatividade dentro da universidade, as dificuldades financeiras, os casos de racismo e tantas outras adversidades, o pensamento constante de desistir se faz presente entre os estudantes: *“Então, tipo, essa semana mesmo, eu estava pensando até em desistir, até conversei com a minha família se eu vou desistir, trancar”* (narrativa de Andreia, dados da pesquisa, 2025). Essas são algumas das limitações que este estudante vive além das demandas de ser um simples estudante.

Dentre estes fatores limitantes, as universidades, bem como os cursos de Biblioteconomia, poderiam, em uma atuação conjunta, minimizá-los, tornando estas vivências um pouco menos dolorosas. Assim surge uma questão: estariam universidade e cursos de Biblioteconomia apenas cumprindo uma legislação? Estariam os dois se eximindo de uma atuação mais acolhedora a estes estudantes por simples falta de empatia? Vejamos, os estudantes cotistas são os mesmos de escolas públicas, pois esta é uma obrigatoriedade, ou seja, não

basta ser negro, o que desmistifica o argumento de que existem vagas só para negros, sendo que o negro que fez o ensino médio em escola particular não tem o acesso. Assim, estes estudantes possivelmente vêm de uma vulnerabilidade econômica também. Desta forma, como ou por que Universidade e os cursos de Biblioteconomia ainda se mantêm apáticos a este cenário?

É como narra Nilma: *“antigamente existe uma sala, existe uma sala e essa sala tem portas e janelas. Antigamente a gente ficava pro lado da porta, depois deixavam a gente olhar pelas janelas, agora a gente fica dentro da sala, mas a gente fica atrás das cortinas porque a gente tá lá, mas a gente tá tampado”* (narrativa de Nilma, dados da pesquisa, 2025). No mesmo sentido, Andreia revive a experiência de ter passado em um concurso público por cotas raciais na Bahia, mas não pôde assumir, porque, como ela menciona, mudaram as regras: *“eles mudam o caminho quando você tá chegando”* (narrativa de Andreia, dados da pesquisa, 2025).

Assim, tanto Universidades quanto os cursos de Biblioteconomia podem ser mantenedores de uma cultura de exclusão que contribui para a evasão nos cursos, quanto podem construir uma cultura de fortificação para estes estudantes, possibilitando a eles um respiro de todas as mazelas de serem cotistas e negros, deixando que apenas vivam a vida de um estudante universitário comum, que, como já mencionado, que sofra só com a angústia das provas, dos trabalhos finais e da demora das notas no sistema.

A importância de eventos dentro da universidade que trazem discussões sobre o tema racial é uma excelente proposta, que foi mencionada por Virgínia e Lívia: *“Tipo, fui ouvinte de palestras e tudo que achava interessante, e a universidade, ela dá muitas possibilidades para você conhecer melhor, né, esses debates. Então, quando eu conseguia por causa do trabalho, eu participava”* (narrativa de Virgínia, dados da pesquisa, 2025), *“Eu acho que a gente tem que fazer uma coisa que, uma coisa que chame, né? Chame pessoas e que faça elas ficarem ali efetivamente assistindo. Uma professora minha, eh, disse que a melhor maneira de chamar atenção de universitário é dizer que vai dar hora, vai dar hora extracurricular e fazer palestras com isso é a melhor coisa que tem, porque todo mundo vai esperando hora curricular [risos] e é onde a gente descobre muitas coisas interessantes nessa de ir atrás de horas. Chega um momento na universidade que tá todo mundo correndo atrás de hora desesperado e aí essas palestras que ocorrem desse jeito geralmente tem muito*

público” (narrativa de Livia, dados da pesquisa, 2025). A proposta de Livia, além de ótima, é possível para as universidades e cursos, basta que estes queiram.

Em vista disso, pode o curso de Biblioteconomia atuar como educador em prol de uma educação antirracista e da formação de um letramento racial para seus estudantes? É uma forma para a Biblioteconomia e Ciência da Informação de cumprir a função de transmissor da informação para a sociedade, visto que seus alunos serão futuros profissionais da informação bibliotecários, responsáveis por atuar em diferentes lugares. Imagine se este futuro profissional já chega no ambiente de trabalho com uma conscientização racial?

Entretanto, isto não é possível em uma realidade em que se percebe a acomodação de professores em aplicar atividades voltadas para as relações étnico-raciais: *“eu vejo muita acomodação assim, sabe? Principalmente do, do pessoal que já tá muito tempo, sabe? Que já tá, sei lá, anos na universidade lecionando, que saiu da, do curso e já foi dar aula assim, que, sei lá, pegou... pegou a época que não era obrigatório ter doutorado ou mestrado para dar aula. Tipo, vejo muita resistência ainda, sabe? E essa questão racial ali no nosso campus é uma coisa muito atual, sabe? Que eu vejo discutindo... até eu tive, ah, chefe de estágio que tinha estudado lá e que nunca tinha... que nunca tinha visto esse tipo de discussão dentro da Universidade, né? Ali do curso”* (narrativa de Carla, dados da pesquisa, 2025).

Além de Carla, outros estudantes mencionaram o desinteresse de professores para as discussões das relações étnico-racial; assim, responsabiliza-se os cursos de Biblioteconomia que cedem a esse conformismo, para não dizer racismo ou epistemicídio, em não trazer à tona as discussões de cunho racial. Nesse sentido, os cursos, antes de levarem para a sala de aula, poderiam instruir seus professores, corroborando com o que nos dizem Silva, Saldanha e Pizarro (2018).

As narrativas destes estudantes oferecem subsídios concretos para uma revisão curricular, tanto nos cursos de Biblioteconomia como em outros, incentivando a incorporação de epistemologias negro-africanas e a valorização de saberes historicamente marginalizados. Elas também possibilitam aos docentes e gestores acadêmicos repensar metodologias e posturas pedagógicas, promovendo um ensino antirracista que reconheça as múltiplas trajetórias dos sujeitos negros na universidade.

Assim, respondendo ao objetivo específico c) Analisar como as narrativas dos estudantes cotistas raciais de Biblioteconomia podem contribuir para as práticas de ensino da Biblioteconomia e Ciência da Informação, possibilitando na promoção de uma equidade racial e inclusiva no campo. Considero que esta pesquisa pode contribuir para a definição dos seguintes itens: **Inclusão de conteúdos étnico-raciais nos currículos:** Há uma urgência em incluir conteúdos étnico-raciais nos currículos, promovendo maior diversidade racial entre discentes, docentes e profissionais; **Crítica à predominância de epistemologias eurocentradas:** É necessário abrir espaço para outras matrizes de pensamento, como defendido por Garcês-da-Silva (2023). A ausência de representatividade e conteúdos críticos colabora para uma formação profissional, que pode perpetuar práticas excludentes; **Atuação do curso de Biblioteconomia como educador:** O curso pode atuar como educador em prol de uma educação antirracista e da formação de um letramento racial para seus estudantes, preparando futuros profissionais da informação com conscientização racial; **Enfrentamento do conformismo e racismo:** Os cursos de Biblioteconomia devem combater o conformismo, o racismo e o epistemicídio, trazendo à tona as discussões de cunho racial; e **Instrução de professores:** Os cursos devem instruir seus professores sobre a temática racial, preparando-os para abordar o assunto em sala de aula.

Por fim, sobre os pontos que me instigaram nesta pesquisa, menciono a importância de uma educação familiar letrada racialmente e socialmente, como nos casos de Nilma, Aparecida, Carla, Franciéle, Andreia e Petrônio. É destacável que quando dentro de casa se tem um letramento racial, estas pessoas produzem mais informações além das questionadas; não que as informações dos demais participantes não tenham sido úteis, mas quando se observa uma construção de educação familiar, tem-se um outro ponto a observar.

A composição da pesquisa como um todo foi de grande valia para o meu conhecimento. Além de saber um pouco mais sobre o percurso que antecedeu a criação da Lei 12.711/2012 (Brasil, 2012), estive em contato com documentos históricos relevantes, como o estudo que formou a linha do tempo do percurso educacional da população negra no Brasil até a abolição (vide Figura 1); a reportagem do Jornal O Exemplo, de dezembro de 1904, onde o jornalista Lindolfo Ramos trazia graves denúncias sobre a educação de crianças negras

no Rio Grande do Sul (vide Figura 2); a campanha do censo que, acima de tudo, buscou atuar na formação da autoestima da população negra que estava fragilizada (vide Figura 4); o jornal da Marcha para Zumbi que, mesmo em uma época sem internet e redes sociais, reuniu milhares de pessoas em prol do propósito de leis e ações contra o racismo e em busca de equidade racial no Brasil em 1995 (vide Figura 3); e, por fim, a infame lista dos 113, petição assinada por 113 pessoas ilustres da sociedade dos anos 2000 que acreditavam ser as cotas raciais um retrocesso para o país.

Sem dúvidas, os desdobramentos da pesquisa foram excelentes, como já mencionado. Entretanto, a pesquisa teve algumas limitações, como a tentativa de formar um mapeamento de estudantes que trariam suas narrativas. Contudo, a região Centro-Oeste não foi contemplada. Creio que também deveria ter limitado o número de participantes para um total de dez; quem sabe assim poderia ter feito uma análise muito mais detalhada com o tempo disponível para a pesquisa. Ademais, existem outros pontos que gostaria muito de ter abordado, mas que tornariam a pesquisa muito exaustiva para o leitor. Dessa forma, essa lacuna talvez possibilite novas investigações dentro da temática.

Em suma, a riqueza dos documentos históricos analisados, desde o mapeamento da trajetória educacional da população negra até a controversa lista dos 113, passando pelas denúncias de Lindolfo Ramos, a mobilização do censo e a força da Marcha para Zumbi, iluminam a complexa e multifacetada luta por equidade racial no Brasil, culminando na promulgação da Lei de Cotas.

Embora a pesquisa tenha enfrentado limitações geográficas e de escopo, que abrem caminhos para futuras investigações, a análise das narrativas coletadas converge para a urgência de políticas públicas que acompanhem a realidade desses sujeitos, não apenas como números em estatísticas de acesso, mas como protagonistas de trajetórias marcadas por resistência, sonhos e lutas diárias e que transcendam o acesso ao ensino superior, assegurando uma permanência digna e valorizadora das diversas identidades estudantis.

Nesse sentido, ao reunir relatos potentes de estudantes cotistas raciais, a experiência de pesquisa se revelou não apenas rica em conteúdo histórico e documental, mas também desafiadora no que se refere à escuta e ao acolhimento das vozes negras presentes na universidade. As dificuldades enfrentadas não diminuem a força dos achados; pelo contrário, reforçam a complexidade do tema e a importância de aprofundamentos futuros que deem

continuidade a essa investigação e ampliem o debate sobre equidade racial no ensino superior.

Por fim, ressalto que a análise das entrevistas aponta para a necessidade de uma legislação firme voltada para a equidade racial que não apenas garanta o acesso, mas promova uma permanência qualificada, com suporte financeiro, psicológico, pedagógico e, sobretudo, reconhecimento e valorização das múltiplas identidades que compõem o corpo estudantil brasileiro.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2023.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são “práticas informacionais”? **Informação em Pauta**, [S.l.], v. 2, [s.n.], p. 217-236, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41147>. Acesso em: 05 fev. 2022.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação**. São Paulo: KMA, 2018.

ARAÚJO, Genilson; BOM DIA RIO. Polícia faz operação no Complexo da Maré; 42 escolas suspenderam as aulas na comunidade. **G1**, Rio de Janeiro, 10 abr. 2025. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/04/10/policia-faz-operacao-no-complexo-da-mare.ghtml>. Acesso em: 04 abr. 2025.

BAGGIO, Claudia Carmem; COSTA, Heloisa; BLATTMANN, Ursula. Seleção de tipos de fontes de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 32-47, 2016. Disponível: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/50946>. Acesso em: 28 abr. 20203.

BARBOSA, Livia. Meritocracia à brasileira: o que é desempenho no Brasil? **Revista do Serviço Público**, [S.l.], v. 47, n. 3, p. 58-102, 1996. Disponível em: <https://www.gestaoporcompetencia.ms.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/Meritocracia-%C3%A0-brasileira-o-que-desempenho-no-Brasil.pdf> Acesso em: 22 out. 2024.

BARBOSA, Vera Lucia Rodrigues; BRÄSCHER, Marisa; PINTO, Marli Dias de Souza; SENA, Priscila Machado Borges. A inserção da etnia negra no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina a partir das ações afirmativas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO [CBBID], 27., 2017, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: FEBAB, 2017. p. 198-215. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/1521>. Acesso em: 21 jan. 2023.

BARRETO, Marcelo Menna. Uma breve história do acesso ao voto no Brasil. **Extra Classe**, Porto Alegre, 19 jul. 2022. Política. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/politica/2022/07/uma-breve-historia-do-acesso-ao-voto-no-brasil/>. Acesso em: 09 out. 2024.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERNARDINO, Joaze. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. **Estud. afro-asiát.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 247-273, 2002. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2002000200002>.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; ALMEIDA, Vitória Gomes dos; SANTOS, Izabel Lima. Biblioteconomia e Diversidade: diálogos étnico-raciais e de gênero. **Folha de Rosto**, [S.l.], v. 4, n. [Especial], p. 3-4, 2018.

BERTI, Ilemar Christina Lanson Wey. Práticas Informacionais e a relação com os Regimes de Informação. *In*: ESTUDO de usuários e práticas informacionais na ciência da informação. Rio Grande do Norte: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2021. 1 vídeo (203 min). Publicado pelo canal BiblioUFRN. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bMDCPVkYjgl&t=10310s&ab_channel=BiblioUFRN. Acesso em: 05 fev. 2022.

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; BRISOLA, Ana. Pensamento reflexivo e gosto informacional: disposições para competência crítica em informação. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 27, n. 1, p. 7- 16, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/31114/17408>. Acesso em: 28 abr. 2023.

BÍBLIA, Gênesis. *In*: BÍBLIAON. **Bíblia Sagrada online**. [S.l.]: Bibliaon, 2024. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/genesis_9_18-28/. Acesso em: 18 out.2024.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Blog da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2018. Disponível em: <https://blogdabn.wordpress.com/>. Acesso em: 27 abr. 2025.

BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. Compilação Marcos Chor Maio. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.

BRASIL. [Constituição (1934)]. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1934. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 out. 2024.

BRASIL. **Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850**. Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1850. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l0601-1850.htm#:~:text=L0601%2D1850&text=LEI%20No%20601%2C%20DE,sem%20preenchimento%20das%20condi%C3%A7%C3%B5es%20legais. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. **Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888.** Declara extinta a escravidão no Brasil. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1888. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm#:~:text=LIM3353&text=LEI%20N%C2%BA%203.353%2C%20DE%2013,o%20Imperador%2C%20o%20Senhor%20D. Acesso em: 10 out. 2024

BRASIL. **Lei nº 5.465, de 3 de julho de 1968.** Dispões sobre o preenchimento de vagas nos estabelecimentos de ensino agrícola. [S./l.]: Presidência da República, 1968. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l5465.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%205.465%2C%20DE%203%20DE%20JULHO%20DE%201968.&text=Disp%C3%B5es%20s%C3%B4bre%20o%20preenchimento%20de,Art. Acesso em: 16 out. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 16 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 16 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010.** Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso em: 16 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 12 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 12.990, de 9 de junho de 2014.** Reserva aos negros 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas nos concursos públicos para provimento de cargos efetivos e empregos públicos no âmbito da administração pública federal, das autarquias, das fundações públicas, das empresas públicas e das sociedades de economia mista controladas pela União. Brasília, DF: Presidência da República, 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l12990.htm. Acesso em: 09 maio 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016.** Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13409.htm. Acesso em: 09 maio 2025.

BRASIL. **Lei nº 14.532, de 11 de janeiro de 2023.** Altera a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989 (Lei do Crime Racial), e o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar como crime de racismo a injúria racial, prever pena de suspensão de direito em caso de racismo praticado no contexto de atividade esportiva ou artística e prever pena para o racismo religioso e recreativo e para o praticado por funcionário público. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: <https://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:lei:2023-01-11;14532> Acesso em: 16 out. 2024.

BRASIL. Decreto nº 19.482, de 12 de Dezembro de 1930 – Republicação. Limita a entrada, no território nacional, de passageiros estrangeiros de terceira classe, dispõe sobre a localização e amparo de trabalhadores nacionais, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF. [s.n.], [s.n.], p. 160, 31 fev. 1931. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19482-12-dezembro-1930-503018-republicacao-82423-pe.html> Acesso em: 16 out. 2024.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Emenda Constitucional de 1985 garantiu o direito ao voto aos eleitores analfabetos.** Brasília, DF: Tribunal Superior Eleitoral, 2016. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2016/Novembro/constituicao-de-1985-garantiu-o-direito-ao-voto-aos-eleitores-analfabetos>. Acesso em: 09 out. 2024.

BRITO, Luciana da Cruz. **O avesso da raça**: escravidão, racismo e abolicionismo entre os Estados Unidos e o Brasil. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

BUBLITZ, Bárbara Grigorieff. ADPF 186: Cotas raciais na Universidade de Brasília. **Jusbrasil**, Brasília, DF, 29 ago. 2016. Artigos. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/adpf-186-cotas-raciais-na-universidade-de-brasilia/441759103#:~:text=S%C3%A3o%20um%20modelo%20de%20a%C3%A7%C3%A3o,d%C3%A9cada%20de%201930%2C%20na%20C%8Dndia>. Acesso em: 25 out. 2024.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAETANO, Érica. História do sistema de cotas no Brasil. **Super Vestibular**, [S.l.], 2015. Cotas. Disponível em: <https://vestibular.mundoeducacao.uol.com.br/cotas/historia-sistema-cotas-no-brasil.htm>. Acesso em: 12 jan. 2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **A conquista do voto feminino**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/agencia/infograficos-html5/a-conquista-do-voto-feminino/index.html>. Acesso em: 09 out. 2024.

CAMPOS, Ana Cláudia Borges. **Políticas de ação afirmativa?: a implantação das "cotas" na Universidade Estadual do Norte Fluminense nos vestibulares de 2003 e 2004**. 2005. 161 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2005.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO [ENANCIB], 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CAPURRO, Rafael, HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v12n1/11.pdf>. Acesso em: 28 abri. 2023.

CARDOSO, Francilene do Carmo. **O negro na biblioteca: mediação da informação para a identidade negra**. Curitiba: CRV, 2015.

CARNEIRO, Sueli. Movimento Negro no Brasil: novos e velhos desafios. **Caderno CRH**, Salvador, v. 15, n. 36, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/viewFile/18633/12007>. Acesso em: 12 jan. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira: perspectiva histórica**. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Críticas ao pensamento das senzalas e casa grande. **Revista Espaço Acadêmico**, [S.l.], v. 13, n. 150, p. 84-100, 2013. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/21122>. Acesso em: 17 jul. 2022.

CURSOS de Graduação em Biblioteconomia no Brasil. Goiânia: Biblio : FIC : UFG, [2025]. Disponível em: <https://biblioteconomia.fic.ufg.br/n/39559-cursos-de-graduacao-em-biblioteconomia-no-brasil>. Acesso em: 05 maio 2023.

DECLARAÇÃO e programa de ação: adotada em 8 de setembro de 2001 em Durban, África do Sul. *In*: CONFERÊNCIA MUNDIAL CONTRA O RACISMO DISCRIMINAÇÃO RACIAL, XENOFOBIA E INTOLERÂNCIA CORRELATA. 1., 2001, Durban. **Anais [...]**. Durban: Ministério da Cultura : Fundação Cultural Palmares, set. 2001. Disponível em: https://brasil.un.org/sites/default/files/2021-10/declaracao_durban.pdf. Acesso em: 22 out. 2024.

DNA CIDADANIA. **Imigração Italiana no Brasil**. [S.l.]: DNA Cidadania, 2024. Disponível em: https://www.dnacidadania.com.br/blog/imigracao_italiana-no-brasil/. Acesso em: 15 out. 2024.

DOMINGUES, Petrônio. Ações afirmativas para negros no Brasil: o início de uma reparação histórica. **Revista brasileira de educação**, [S.l.], [s.n.], [s.n.], p. 164-176, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/g9K3wSLyhKn88LXn3GgJDvc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2024.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos. **Dimensões**, Vitória, n. 21, [s.n.], p.101-124, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2485>. Acesso em: 10 maio 2025.

DOMINGUES, Petrônio. Um “TEMPLO DE LUZ”: Frente Negra Brasileira em história da educação no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016. p. 329-362.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.

FIGUEIREDO, Patrícia. Índice de suicídio entre jovens e adolescentes negros cresce e é 45% maior do que entre brancos. **G1**, Rio de Janeiro, 21 maio 2019. Ciência e saúde. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/05/21/indice-de-suicidio-entre-jovens-e-adolescentes-negros-cresce-e-e-45percent-maior-do-que-entre-brancos.ghtml>. Acesso em: 28 abr. 2025.

FOLHA DE S. PAULO. Manifesto anticotas: cidadãos anti-racistas contra as leis raciais. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 maio 2008. Cotidiano. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1405200807.htm>

FÓRUM DAS ENTIDADES NACIONAIS DOS SERVIDORES PÚBLICOS FEDERAIS [FONASEFE]. **Servidoras negras recebem 33% a menos que servidores brancos e ocupam apenas 1% dos altos cargos do funcionalismo federal**. [S.l.]: FONASEFE, 2024. Disponível em: <https://fonasefe.org/servidoras-negras-recebem-33-a-menos-que-servidores-brancos-e-ocupam-apenas-1-dos-altos-cargos-do-funcionalismo-federal-2/>. Acesso em: 10 out. 2024.

FONSECA, Dagoberto José. **Políticas públicas e ações afirmativas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2024.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. Brasília, DF: Brinquet de Lemos, 2007.

FONSECA, Marcus Vinícius. A população negra no ensino e na pesquisa (1931-1937) e a questão da educação. In: FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016. p. 23-50.

FONSECA, Marcus Vinícius. BARROS, Surya Aaronavich Pombo de. **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. A arqueologia de Palmares: sua contribuição para o conhecimento da história da cultura afro-americana. *In*: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 26-51.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Por uma política nacional de combate ao racismo e à desigualdade racial**: marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo, pela cidadania e a vida. Brasília: Cultura Gráfica e Editora Ltda., 1996. Disponível em: https://siac.fpabramo.org.br/uploads/acervo/PTDN_APS_SNCR_1995_BBL_0001.pdf. Acesso em: 27 abr. 2025.

GARCÊS-DA-SILVA, Franciéle Carneiro. **Biblioteconomia Negra**: das epistemologias negro-africanas à teoria crítica racial. Rio de Janeiro: Malê, 2023.

GRUPO DE ESTUDOS MULTIDICINPLINARES DA AÇÃO AFIRMATIVA [GEMAA], **África do Sul**. Rio de Janeiro: GEMAA, 2024. Disponível em: <https://gemaa.iesp.uerj.br/africa-do-sul/>. Acesso em: 15 out. 2024.

GOMES, Helton Simões. Brancos são maioria em empregos de elite e negros ocupam vagas sem qualificação. **G1**, Rio de Janeiro, 14 maio 2018. Economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/brancos-sao-maioria-em-empregos-de-elite-e-negros-ocupam-vagas-sem-qualificacao.ghtml>. Acesso em: 15 jan. 2024.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e protagonismo social: relações com vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (org.). **Informação e Protagonismo Social**. Salvador: EDUFBA, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Parte IV: Verdade, p. 271-318.

HEINEN, Juliano. As ações afirmativas como instrumento promotor da educação. **Inclusão Social**, [S.l.], v. 3, n. 1, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/100446>. Acesso em: 13 jan. 2023.

HOLANDA, Fabíola. Metodologia de pesquisa de história oral. Belém: Universidade Federal do Pará (UFPA), 2022. 1 vídeo (126 min). Publicado pelo canal EDUJUS UFPA. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=11utGjEeoto&ab_channel=EDUJUSUFPA. Acesso em: 06 maio 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Censo Demográfico 2000, amostra por educação**. Brasília, DF: IBGE, 2000. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2000/amostra-educacao>. Acesso em: 20 mar. 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA [INEP]. Ingresso por cotas aumentou 167% nas universidades. **INEP**, Brasília (DF), 20 nov. 2023. Censo da Educação Superior. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/ingresso-por-cotas-aumentou-167-nas-universidades>. Acesso em: 09 maio 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO [IBICT]. Brasília, DF, 02 set. 2020. Facebook IBICT. Disponível em: <https://www.facebook.com/IBICTbr/posts/shiyali-ramamrita-ranganathan-1892-1972-foi-um-matem%C3%A1tico-e-bibliotec%C3%A1rio-da-%C3%ADnd/1772356922918188/>. Acesso em: 09 out. 2024.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. **Quem quer pode ser negro no Brasil?** Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

JESUS, **Carolina Maria de**. **Diário de Bltita**. São Paulo: Sesi-Sp, 2014. 208 p.

JORNAL DA MARCHA: 300 anos da imortalidade de Zumbi dos Palmares. São Paulo, out.1995. (Capa). Disponível em: <http://www.cpvsp.org.br/upload/periodicos/pdf/PJOMASP10199500X.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2025.

LAURINDO, Kariane Regina. **Informação e memórias que resistem:** quilombo Vidal Martins em Florianópolis. 2021. 118 p. Dissertação (Mestrado profissional em Gestão da Informação) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: <http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000092/00009252.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2025.

LAURINDO, Kariane; SILVA, Rubens Alves da. A produção científica sobre cotas raciais: um breve estudo na biblioteconomia e ciência da informação. **Encontros Bibli:** revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 28, n. [Dossiê Especial], p. 1–27, 2023. DOI <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2023.e92660>.

LAZO FUENTES, Xiomara. Las acciones positivas em Latinoamérica: el casa Costarricense. In: ARANTZA CAMPOS, M^a Ángeles Barrère (coord.). **Igualdad de oportunidades e igualdad de género:** una relación a debate: Una relación a debate. Madrid: Dykinson, 2005, p 49-63.

LIMA, Graziela dos Santos; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês. Pensando uma Biblioteconomia Afrodiaspórica. In: LIMA, Graziela Lima; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da (org.). **Bibliotecári@s Negr@s:** ação, pesquisa e atuação política. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2018. p. 89-104. (Selo Nyota). Disponível em: <https://www.nyota.com.br/catalogo>. Acesso em: 10 abr. 2023.

LOANGO, Anny Ocoró; SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. Igualdade racial e ações afirmativas na argentina e brasil. **Educação & Sociedade**, [S.l.], v. 43, [s.n.], 2022. DOI <https://doi.org/10.1590/ES.264465>.

ANCONA LOPEZ, André Porto. **Diretrizes para o desenvolvimento de projetos de cunho científico**. Brasília, DF: CEGSIC, 2010. Disponível em: http://apalopez.info/diretrizes_projetos.pdf. Acesso em: 01 dez. 2020.

MAGALHÃES, Wallace Lucas. **A “Lei do boi” como estratégia da burguesia rural: o caso da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1968-1985)**. 2015. p. 178. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2015. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/bitstream/jspui/1770/2/2015%20-%20Wallace%20Lucas%20Magalhaes.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MARRARA, Thiago; GASIOLA, Gustavo Gil. Ações afirmativas e diversidade na pós-graduação. **Inclusão social**, [S.l.], v. 5, n. 1, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/150398>. Acesso em: 13, jan. 2023.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MEMÓRIAS. **Maria Aparecida Moura**. Salvador: Baobá Genealógico, 2020. Disponível em: <https://www.pesquisadorasnegras.com/memorias-de-maria-aparecida-moura>. Acesso em: 10 out. 2024.

MENDES, Rafael Pereira da Silva. **Meritocracia**. [S.l.]: Brasil Escola, 2024. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/meritocracia.htm>. Acesso em: 24 out. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2022.

MORAES, Geórgia. Canadá é apontado em evento como exemplo de participação feminina na política. **Câmara dos Deputados**, Brasília, DF, 30 mar. 2017. Política e Administração Pública. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/510713-canada-e-apontado-em-evento-como-exemplo-de-participacao-feminina-na-politica/#comentario>. Acesso em: 15 out. 2024.

MOREIRA, Anelize. Longas distâncias e formação de educadores impõem desafios às escolas do campo. **Brasil de Fato**, São Paulo, 27 mar. 2019. Educação. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/03/27/longas-distancias-e-formacao-de-educadores-sao-desafios-em-escolas-do-campo/>. Acesso em: 04 abr. 2025.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**: documentos de uma militância panafricanista. Petrópolis: Vozes, 1980.

NEVES, Lilia Maria Bitar; JANKOSKI, Douglas Alex; SCHNAIDER, Marcelo José (org.). **Tutorial de Pesquisa Bibliográfica**. 2013. 45 slides. Disponível em: https://bibsau.de.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/05/bvs_versao-final.pdf. Acesso em: 01 dez. 2022.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente**: significações do corpo negro. São Paulo: Perspectiva, 2021.

NUNES, Karla Leonora Dahse. **Antonieta de Barros**: um história. 2001. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Centro de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30362609.pdf>. Acesso em: 16 out. 2024.

NYOTA. **Sobre**. [S.l.]: NYOTA, 2024. Disponível em: <https://www.nyota.com.br/sobre>. Acesso em: 09 out. 2024.

OLIVEIRA, Ana Paula Vicente de. Relações raciais no pioneirismo sociológico de Virgínia Bicudo. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 26 n. 49, p. 272-283, jul./dez. 2022. DOI <https://doi.org/10.23925/ls.v26i49.62437>.

OLIVEIRA, Henry Pôncio Cruz de. **Afrodescendência, memória e tecnologia**: uma aplicação do conceito de informação étnico-racial ao projeto “A Cor da Cultura”. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2010. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12880837/afrodescendencia-memoria-e-tecnologia-uma-aplicacao->. Acesso em: 06 maio 2023.

PAIVA, Eliane Bezerra; SANTOS, Edilene Toscano Galdino dos; NASCIMENTO, Genoveva Batista. Uso de fontes de informação por alunos de arquivologia. **Archeion Online**, [S.l.], v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/14962>. Acesso em: 28 abr. 2023.

PEREIRA, Eliane Ribeiro; OLIVEIRA, Antonio Jose Barbosa de; CHAVES, Maria Cecília de Carvalho. Uma análise preliminar dos percursos acadêmicos dos estudantes ingressantes nos cursos da facc/ufrj. **Revista Conhecimento em Ação**, [S.l.], v. 5, n. 2, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/1521>. Acesso em: 13, jan. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani de César. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Rio Grande do Sul: Universidade Feevale, 2013.

QUEIROZ, Igor Henrique Lopez de. Formas africanas de lidar com o passado: oralidade, mitos, ritos, tradições. In: MORTARI, Cláudia (org.). **Introdução aos estudos africanos e da diáspora**. Florianópolis: Udesc, 2015. Cap. 2. p. 46-58.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patricia; CONCHA ELIZALDE, Paz; PEÑAFIEL LOAIZA, Estefanía. **Uma breve história dos estudos decoloniais**. Tradução Sérgio Molina; Rubia Goldoni. São Paulo: MASP, 2019. Disponível em: <https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-QE1LhobgtE4MbKZhc8Jv.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.

RAMOS, Lindolfo. As aulas publicas. **O Exemplo**: Jornal do povo, Porto Alegre, ano 2, n. 45, 18 dez. 1904. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=843717&pagfis=97>. Acesso em: 25 out. 2024.

REIS, Danyelle; ASSIS, Maria Fernanda. **A autonomia universitária no direito brasileiro**. [S./l.]: NEXO Políticas públicas, 2021. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/linha-do-tempo/2021/A-autonomia-universit%C3%A1ria-no-direito-brasileiro>. Acesso em: 30 mar. 2023.

RIO DE JANEIRO. **Lei nº 3.524, de 28 de dezembro de 2000**. Dispõe sobre os critérios de seleção e admissão de estudantes da rede pública estadual de ensino em universidades públicas estaduais e dá outras providencias. Rio de Janeiro: Governo do Estado do Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/90839/lei-3524-00>. Acesso em: 09 maio 2025.

ROTHEN, José Carlos. A universidade de elite ou para todos? **Revista HISTEDBR On-line**, [S./l.], v. 10, n. 37, p. 109-122, 2010. DOI <https://doi.org/10.20396/rho.v10i37.8639668>.

RUSSO, Laura Garcia Moreno. **A Biblioteconomia brasileira**: Rio de Janeiro: INL, 1966.

SANTOS, André de Oliveira dos Santos. Políticas de ação afirmativa comparadas no Brasil e na Colômbia. **Ciências Sociais Unisinos**, [S./l.], v. 52, n. 2, p. 137-148, 2016. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2016.52.2.01. Acesso em: 15 out. 2024.

SANTOS, Jocélio Teles dos. Ações afirmativas e educação superior no Brasil: um balanço crítico da produção. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, [S./l.], v. 93, n. 234, 2012. DOI <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.93i234.447>.

SANTOS, Jucélio Teles dos. Cotas na UFBA: de dilemas e tergiversações. In: GOMES, Nilma Lino. **Tempos de luta**: as ações afirmativas no contexto brasileiro. Brasileira: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade [Secad], 2006.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22308>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEIXAS, André Augusto Anderson; MOTA, André; ZILBREMANN, Monica L. A origem da Liga Brasileira de Higiene Mental e seu contexto histórico. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 82–82, 2009. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-81082009000100015>.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, [s.n.], n. 53, p. 117-149, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/33192/35930>. Acesso em: 15 out. 2024.

SILVA, Rubens Alves da. Às margens das margens: notas sobre as noções de patrimônio, memória social e performance na ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 24, n. [spe], p.149–61, jan. 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3899>.

SILVA, Andréia Sousa; FONTES, Sandra Regina. Diversidade étnica na biblioteca e a aplicação da lei nº 10.639/03. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 1, n. 1, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/71829>. Acesso em: 09 out. 2024.

SILVA, Andréia Sousa da. Discussões preliminares sobre interseccionalidade na Biblioteconomia e Ciência da Informação: uma análise relacional a partir de uma ótica decolonial. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da (org.). **Perspectivas feministas, antirracistas e decoloniais em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2021. p. 205-226. (Selo NYOTA). Disponível em: <https://www.nyota.com.br/catalogo>. Acesso em: 10 abr. 2023.

SILVA, Dayana K. Melo da. Construção e Desconstrução da Identidade Parda como Identidade Negra em Narrativas das Redes Sociais Digitais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46., 2023, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202322535564dd7db3255c9.pdf. Acesso em: 25 out. 2024.

SILVA, Franciele Carneiro Garcês; SALDANHA, Gustavo Silva; PIZARRO, Daniella Camara. A branquitude nas práticas docentes em biblioteconomia e ciência da informação: notas teórico-críticas sobre um ensino que promove o preconceito racial. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação [ENANCIB], 19., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: ENANCIB, 2018 Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102318>. Acesso em: 13 jan. 2021.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês; SILVA, Rubens Alves da. Da ausência à evidência: notas teórico-críticas sobre o princípio da ausência, epistemicídio e reparação epistêmica em bibliotecas e biblioteconomia. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 47-72, 2022. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v13i1p47-72>.

SILVA, Graziella Moraes Dias da. Ações afirmativas no Brasil e na África do Sul. **Tempo Social**, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 131–165, nov. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/dWxr36GQ76SfDqs7gzYSCGy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2024.

SILVA, Onã. **Virgínia Bicudo**: notável de mais, protagonista na luta de questões raciais. Brasília, DF. Cuidarte, 2022.

SINDICATO DOS METALÚGICOS ABC [SMABC]. **Movimento negro faz campanha para negros assumirem cor no censo**. São Paulo, SMABC, 2010. Disponível em: <https://smabc.org.br/movimento-negro-faz-campanha-para-negros-assumirem-cor-no-censo/>. Acesso em: 27 abr. 2025.

SOUSA, Maria Antônia de; ALBUQUERQUE, Maria Elisabeth Baltar Carneiro de. **Glossário de informação étnico-racial**. João Pessoa: editora UFPB, 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (STF). **ADPF 186 – Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental**. Brasília, DF: STF, 2012. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticianoticiastfarquivo/anexo/adpf186.pdf>. Acesso em: 10 maio 2025.

TANUS, Gabrielle Francinne de S. C. A Inter-relação dos Estudos de Usuários com a Ciência da Informação. In: ESTUDO de usuários e práticas informacionais na ciência da informação. Rio Grande do Norte: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2021. 1 vídeo (203 min). Publicado pelo canal BiblioUFRN. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bMDCPVkYjgl&t=10310s&ab_channel=BiblioUFRN. Acesso em: 05 fev. 2023.

TARGINO, Maria das Graças. Práxis bibliotecária. **Informação & Sociedade: Estudos**, [S.l.], v. 1, n. 1, 1997. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/91942>. Acesso em: 09 out. 2024.

TERCEIRO, Ivanildo. Como a Lei de Terras perpetuou a opressão dos negros. **Students for liberty**: a free future, McLean, 20 nov. 2020. Livre iniciativa e responsabilidade moral. Disponível em: <https://studentsforliberty.org/brazil/blog/como-a-lei-de-terras-perpetuou-a-opressao-dos-negros/#:~:text=Aprovada%20apenas%20duas%20semanas%20ap%C3%B3s,apenas%20por%20compra%20do%20estado>. Acesso em: 15 out. 2024.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA [UNEB]. **Resolução n. 196/2002**. Estabelece e aprova o sistema de quotas para população afro-descendente, oriunda de escolas públicas, no preenchimento de vagas relativas aos cursos de graduação e pós-graduação e dá outras providências. Salvador: UNEB, 2002. Disponível em:

http://redeacaoafirmativa.ceao.ufba.br/uploads/uneb_resolucao_2002_196_1.pdf. Acesso em: 30 mar. 2023.

VALADARES, Tadeu. Notas sobre a situação dos afrodescendentes na Costa Rica. *In*: MUNDO AFORA: políticas de inclusão de afrodescendentes nº 8. Brasília, DF: Ministério das Relações Exteriores, 2011. p. 38-46. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/en/media/20110000-mundo-afora.pdf#page=38>. Acesso em: 15 out. 2024.

VALÉRIO, Erinaldo Dias; CAMPOS, Arthur Ferreira. Educação antirracista no ensino da Biblioteconomia: percepção discente. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 5, n. [Especial], p. 118-126, mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/462>. Acesso em: 30 jun.2023.

VAZ, Livia Sant'Anna. **Cotas raciais**. São Paulo: Jandara, 2022. (Feminismos Plurais).

VERDÉLIO, Andreia. Atualização da Lei de Cotas inclui quilombolas e reduz teto de renda: Novas regras valem para edição do Sisu de janeiro de 2024. **Agência Brasil** Brasília, DF, 13 nov. 2023. Educação. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-11/atualizacao-da-lei-de-cotas-inclui-quilombolas-e-reduz-teto-de-renda>. Acesso em: 18 out. 2024.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. DOI <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

INFORMAÇÕES GERAIS

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa de doutorado, intitulada **Vozes cotistas: a história oral dos estudantes negros nas políticas de ações afirmativas em Biblioteconomia**, que fará entrevistas, tendo como **objetivo geral**: identificar a percepção dos ingressantes por cotas raciais, dos cursos presenciais de Biblioteconomia de instituições públicas brasileiras, sobre suas vivências enquanto sujeito negro que é optante pela política de cotas raciais, **e específicos**: a) registrar, a narrativa oral dos ingressantes cotistas raciais dos cursos presenciais de Biblioteconomia em instituições públicas, suas percepções sobre as cotas raciais dentro do ensino superior; b) analisar, a partir das narrativas se e quais violências raciais ou racismos aparecem nos discursos dos ingressantes; e, c) produzir, a partir dos resultados diretrizes para orientar os estudantes dos cursos de biblioteconomia a respeito da importância das cotas étnicas raciais. **Esta pesquisa envolve ambientes virtuais** (como e-mails, formulários eletrônicos, telefone - ligação de áudio, de vídeo, uso de aplicativos de chamadas, etc. – como chamadas via aplicativo **Google Meet**, não necessariamente todos serão utilizados). **Informamos que você não é obrigada a participar de todas as atividades, bem como responder todas as perguntas.** O tempo de participação vai conforme a necessidade das pessoas entrevistadas, visto que a entrevista será realizada sob a metodologia de História Oral em que permite as pessoas entrevistadas liberdade para reviver suas memórias e assim contar suas vivências no ambiente universitário ao qual estão inseridas. Contudo, será observado a questão tempo para evitar uma possível exaustão, se necessário podendo acontecer em mais de um momento, isto fica a critério da pessoa entrevistada, assim como também podem ser realizadas pausas se necessário, desta maneira foi estimado que o tempo de duração de cada entrevista seja de no mínimo entre 30 (trinta) a 40 (quarenta) minutos não ultrapassando uma hora por entrevista.

A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em relação com a pesquisadora ou com a instituição.

- A entrevista contém as seguintes etapas:
 - **Caracterização do perfil das pessoas entrevistadas**, com perguntas diretas.
 - **Vivências das pessoas entrevistadas**, com perguntas abertas para direcionar as pessoas entrevistadas a lembrarem suas vivências como estudantes cotistas raciais em instituições públicas.

Antes de você responder às perguntas/participar da entrevista, em ambiente virtual, será apresentado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para a sua anuência. Serão previamente marcados a data e horário para a aplicação da entrevista conforme disponibilidade do participante. Para registrar os dados coletados as entrevistas serão realizadas via aplicativo *Google Meet*, ou similares caso ocorram complicação com o aplicativo *Google Meet*, esta entrevista será gravada, capturando a imagem e voz dos participantes, **caso seja autorizado**. Estas medidas serão realizadas com os estudantes ingressantes cotistas raciais no Curso de Biblioteconomia de universidades públicas

brasileiras. **Ressaltamos que não é obrigatório responder a todas as perguntas e que você poderá desistir da entrevista a qualquer momento.**

As informações coletadas serão armazenadas e tratadas, no arquivo pessoal da Pesquisadora Kariane Regina Laurindo, que fará o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local (pen-drive/HD externo), apagando todo e qualquer registro da “nuvem”, com descarte após período previsto de cinco (5) anos. Os dados coletados poderão ter seus resultados divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos. OBS: Conforme Comunicado CONEP “ORIENTAÇÕES PARA PROCEDIMENTOS EM PESQUISAS COM QUALQUER ETAPA EM AMBIENTE VIRTUAL”, “É da responsabilidade do pesquisador o armazenamento adequado dos dados coletados, bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa”). **Você não terá despesas e nem será remunerada(o) pela participação na pesquisa. No caso de algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, ao respondente, a pesquisadora assumirá a responsabilidade pelo mesmo, nos termos da Resolução 466/12.**

SOBRE OS RISCOS E BENEFÍCIOS DA SUA PARTICIPAÇÃO

De acordo com o Conselho Nacional de Pesquisa, toda pesquisa apresenta riscos aos participantes, tais como, desconforto pelo tempo despendido para participar da entrevista; reconhecemos que ao tratar de temas relacionados a vivências de discriminação e racismo, pode haver desconforto emocional. Caracterizando esta pesquisa com risco mínimo para as pessoas participantes ao possibilitar um **desconforto emocional** que pode surgir ao discutir questões sensíveis, como racismo e discriminação. Caso se sinta desconfortável, você pode interromper a entrevista a qualquer momento sem prejuízos.

- Assim, destacamos as precauções tomadas para proteger o bem-estar das pessoas entrevistadas:
 - **Entrevistas Semiestruturadas e Ambiente Acolhedor**, as entrevistas serão conduzidas de maneira semiestruturada, proporcionando aos participantes liberdade para compartilhar suas experiências no seu próprio ritmo. O ambiente da entrevista será acolhedor e respeitoso, garantindo que os participantes se sintam à vontade para expressar suas percepções. Como se trata de entrevistas *online*, o ambiente onde as entrevistas vão acontecer serão de escolha das pessoas entrevistadas, sendo um local familiar. Caso a pessoa participante se sinta desconfortável em algum momento, poderá interromper ou encerrar a entrevista sem qualquer prejuízo.
 - **Confidencialidade e Anonimato**, para reduzir o impacto psicológico de compartilhar experiências pessoais, todas as informações fornecidas pelos entrevistados serão tratadas com estrita confidencialidade. Os dados pessoais serão mantidos em sigilo, e qualquer identificação dos participantes será removida

durante a análise e divulgação dos resultados, assegurando que sua privacidade seja respeitada.

- **Liberdade de Desistência**, a participação na pesquisa é totalmente voluntária, e os participantes serão informados de que têm o direito de se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem a necessidade de justificativa e sem qualquer penalidade ou prejuízo, com a pesquisadora e a instituição que estudam.
- **Apoio Psicológico, se necessário**, pensando em possíveis os riscos emocionais, a pesquisadora estará disponível para direcionar os participantes a serviços de apoio psicológico da universidade ou outras redes de suporte, caso algum participante sinta necessidade de conversar sobre as questões abordadas.

Benefícios: Sua participação ajudará a aprofundar a compreensão sobre as experiências de estudantes negros nas universidades, destacando o impacto positivo da pesquisa, tanto no campo acadêmico quanto na sociedade, ao contribuir para a compreensão e melhoria das políticas de cotas raciais.

Esta pesquisa traz importantes benefícios ao registrar as vivências e percepções de estudantes negros ingressantes por cotas raciais, o estudo contribui para uma compreensão mais profunda sobre os impactos das políticas de ação afirmativa nas universidades públicas brasileiras. Os resultados ajudarão a formular diretrizes que orientem futuros estudantes sobre a relevância das cotas raciais, além de promover reflexões sobre a presença do racismo no ambiente acadêmico. Em um sentido mais amplo, a pesquisa também contribuirá para o desenvolvimento de políticas educacionais mais inclusivas, favorecendo a equidade racial e o combate às desigualdades históricas.

INFORMAÇÕES SOBRE O TERMO

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos da pesquisa serão: a pesquisadora Kariane Regina Laurindo (estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação/PPGCI da Universidade Federal de Minas Gerais) e o professor orientador Dr. Rubens Alves da Silva, (professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação/PPGCI da Universidade Federal de Minas Gerais). A pesquisa está inserida na linha de pesquisa, Memória social, patrimônio e produção do conhecimento.

Você poderá enviar qualquer dúvida sobre a entrevista ou a pesquisa, à pesquisadora ou ao orientador, bem como ao Comitê de Ética em Pesquisa — CEP-UFMG, podendo tirar dúvidas, agora ou a qualquer momento.

Por fim, novamente reafirmamos que você poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não identificação do seu nome. Informamos também que é importante que você guarde em seus arquivos uma cópia deste documento eletrônico, para sua segurança quanto às informações aqui mencionadas.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento, **caso isso aconteça após você já ter realizado a entrevista de coleta de dados, solicitamos que nos envie um e-mail** retirando seu consentimento de participação na pesquisa. Sua recusa não trará nenhum prejuízo na sua relação com a pesquisadora, com a sua instituição ou com a instituição para a qual forneceu os dados, no caso a UFMG.

Abaixo segue os contatos da pesquisadora e do seu orientador que se destina para que sejam esclarecidas dúvidas gerais sobre a pesquisa, e, **o contato do Comitê de Ética em Pesquisa CEP-UFMG para dúvidas éticas.**

NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL PARA CONTATO: Kariane Regina Laurindo

NÚMERO DO TELEFONE: (048) 9 9617 8816

ENDEREÇO ELETRÔNICO: karianeregina@hotmail.com

ENDEREÇO: Rua Celso Capela, 112. Bairro Estreito. CEP: 88070-610, Florianópolis-SC.

NOME DO ORIENTADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: Rubens Alves Da Silva

NÚMERO DO TELEFONE: (031) 9 9375 1023

ENDEREÇO ELETRÔNICO: rubssilva@gmail.com

ENDEREÇO: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Minas Gerais

Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha - Belo Horizonte - MG | CEP 31270-901 | +55 (31) 3409-5000 - Departamento de Antropologia e Arqueologia da Faculdade de

Filosofia e Ciências Humanas e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia [PPGAn] da UFMG.

Comitê de Ética em Pesquisa CEP-UFMG (**contato apenas para dúvidas éticas**)

AV. Presidente Antonio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901

Unidade Administrativa II - 2º Andar - Sala: 2005

Telefone: (031) 3409-4592 - E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Horário de atendimento: 09:00 às 11:00 / 14:00 às 16:00

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informada (o) sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento. Após receber as informações acima, concordo em participar da pesquisa.

Nome por extenso

Assinatura _____

Local: _____

Data: ____/____/____.

Obs: a assinatura pode ser eletrônica ou digitalizada.

CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES

Permito que sejam realizadas () fotografia, () filmagem ou () gravação de minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada “Vozes cotistas: a história oral dos estudantes negros nas políticas de ações afirmativas em Biblioteconomia”, e **concordo** que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As () fotografias, () vídeos e () gravações pertinentes ao estudo ficarão sob a propriedade e guarda da pesquisadora Kariane Regina Laurindo pelo tempo determinado de no máximo 5 (cinco) anos, sendo ela a responsável pelo devido sigilo do material.

Nome por extenso

Assinatura _____

Local: _____

Data: ____/____/____

Obs: a assinatura pode ser eletrônica ou digitalizada.

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO COM ALUNOS COTISTAS RACIAIS DOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA

Em local de escolha do participante, dependendo da região podendo ser em loco ou via remota, inicialmente serão passados os avisos legais de uma pesquisa, informando os benefícios e riscos de participação bem como a opção de não obrigatoriedade de realizar a entrevista, será também, explicado a pesquisa e a motivação para a construção da mesma. Em seguida serão solicitadas as assinaturas, dos entrevistados no Termo de Consentimento livre e esclarecido (TCLE), a assinatura da Carta de Cessão, Consentimento Para Fotografias, Vídeos e Gravações para maiores de 18 anos e a Orientação para a obtenção do Termo de Assentimento Informado. Será informado que o participante poderá a qualquer momento parar a entrevista assim que desejar sem que haja constrangimentos.

Após instruções passadas e condições aceitas pelos entrevistados e pesquisadora, antes da entrevista os participantes responderão um questionário de caracterização, com as seguintes perguntas:

CONTATADO VIA: E-MAIL SECRETÁRIAS () MÍDIAS SOCIAIS ()
INDICAÇÕES DE TERCEIROS ().

DADOS PESSOAIS

IDADE:_____

NATURALIDADE:

SE DECLARA COMO: () PRETO () PARDO () NÃO DECLARAR.

SITUAÇÃO LABORAL:

UNIVERSIDADE:

FASE DO CURSO:

ANO DE INGRESSO NO CURSO:

HISTÓRICO ESCOLAR:

Após a caracterização das pessoas participantes, será iniciada a entrevista. Como se trata de uma entrevista semiestruturada as questões que a nortearão serão em torno dos seguintes apontamentos, não necessariamente na mesma

ordem, pois em uma única pergunta o participante pode relembrar de fatos que respondam a outras questões:

- Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade.
- Sobre a escolha pelo curso de Biblioteconomia.
- Quanto ao entendimento político do corpo negro de afirmar-se e/ou compreender-se negro.
- Sobre o espaço da Universidade.
- Sobre campanhas e ações que a universidade e o curso de biblioteconomia promovem para discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais.
- Sobre situações preconceituosas ou até mesmo racistas dentro da universidade.
- Sobre o conceito de informação étnico-racial.
- Sobre já ter sentido algum constrangimento por ser um aluno ou aluna cotista racial.
- Sobre o entendimento de que as cotas atendem às demandas dos ingressantes cotistas.
- Sobre a sua vivência como estudante cotista dentro de uma universidade pública.
- Sobre as perspectivas como futuro profissional, bibliotecário ou bibliotecária.

Não será delimitado tempo mínimo ou máximo para os respondentes, o objetivo é que não exista qualquer pressão, o participante pode interromper a qualquer momento a entrevista, com o intuito de que quanto mais descontração os respondentes possam ter suas memórias vividas e assim compartilhá-las.

No encerramento da entrevista será perguntado se o entrevistado possui alguma dúvida referente à pesquisa, e os devidos agradecimentos pela participação. E finalizando a entrevista será informado aos participantes o que acontecerá a seguir na construção da pesquisa e depois que a mesma estiver pronta.

APÊNDICE C – FORMULÁRIO



Pesquisa **VOZES COTISTAS**

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa de doutorado, intitulada **Vozes cotistas: a história oral dos estudantes negros nas políticas de ações afirmativas em Biblioteconomia**, tendo como **objetivo geral**: identificar a percepção dos ingressantes por cotas raciais, dos cursos presenciais de Biblioteconomia de instituições públicas brasileiras, sobre suas vivências enquanto sujeito negro que é optante pela política de cotas raciais.

Este formulário tem o intuito de encontrar pessoas cotistas raciais que estão no curso de biblioteconomia, dispostas a participar da pesquisa, mediante uma entrevista online via Google Meet.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos da pesquisa serão: a pesquisadora Kariane Regina Laurindo (estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação/PPGCI da Universidade Federal de Minas Gerais) e o professor orientador Dr. Rubens Alves da Silva, (professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação/PPGCI da Universidade Federal de Minas Gerais). A pesquisa está inserida na linha de pesquisa, Memória social, patrimônio e produção do conhecimento.

NOME DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL PARA CONTATO: Kariane Regina Laurindo
NÚMERO DO TELEFONE: (048) 9 9617 8816
ENDEREÇO ELETRÔNICO: karianeregina@hotmail.com

NOME DO ORIENTADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: Rubens Alves Da Silva
NÚMERO DO TELEFONE: (031) 9 9375 1023
ENDEREÇO ELETRÔNICO: rubssilva@gmail.com
ENDEREÇO: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Minas Gerais

* Indica uma pergunta obrigatória

Deseja participar da pesquisa? *

☐ Sim

☐ Não

Nome *

Sua resposta

E-mail para contato.

Sua resposta

Número de WhatsApp para contato.

Sua resposta

Universidade *

Sua resposta

Conhece alguma pessoa que possa nos indicar para participar da pesquisa?

Informe o nome e contato da pessoa indicada (Ex. nome da pessoa e e-mail ou número de WhatsApp para contato).

Sua resposta

Enviar

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Este formulário parece suspeito? [Relatório](#)

Google Formulários

APÊNDICE D – A HISTÓRIA ORAL DAS PESSOAS ESTUDANTES COTISTAS: TRANSCRIÇÃO COMPLETA

A seguir, serão apresentadas as histórias relatadas pelos participantes quanto às suas vivências dentro de uma instituição de ensino superior em que ingressaram via cotas raciais. Como o propósito da metodologia de história oral é o exercício para a recordação de memórias sobre determinados fatos, a conversa foi a mais aberta possível, onde as únicas perguntas feitas eram para direcionar o estudante a lembrar fatos sobre o conteúdo temático.

Assim, as transcrições a seguir respeitam a forma como a história foi narrada pelos participantes, sem intervenções de correção gramatical ou linguística e respeitando os vícios de linguagem. As transcrições possuem unicamente o uso de pontuação para uma melhor compreensão do leitor; além da pontuação nas transcrições, estão entre colchetes informações não cedidas pelos participantes, como possíveis intervenções com perguntas, descrições de sons exteriores, descrições de linguagem corporal e intervenções para ocultar informações pessoais que possam identificar os participantes.

Neusa

Neusa tem 20 anos, é natural de Belo Horizonte, MG, estuda na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde ingressou em 2022, estando atualmente na 4ª fase do curso. Atualmente, é estagiária em um escritório de advocacia. No que diz respeito à sua trajetória escolar, frequentou escolas particulares durante o ensino fundamental, o que lhe proporcionou uma base sólida em sua educação. Já no ensino médio, ela estudou em escolas públicas e se declara parda, reconhecendo a diversidade de suas origens e a importância da representatividade.

“A eu acho que a cota ela tem que existir sim porque não é igual não existe meritocracia não são todas as pessoas que tem a mesma oportunidade. Então, eu acho que sem a cota muitos estudantes negros não estariam na UFMG Inclusive eu, não estaria lá se não fosse pela cota.”

[Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade] “Bom eh... eu pensei em entrar pelas cotas porque eu não tive um desempenho muito bom quando eu fiz o Enem eu fiz tipo não com o intuito já pensando em fazer Faculdade, eu imaginei que eu ia tirar uma nota ruim porque quando eu fiz o ensino médio eu tava na

pandemia então eu tive o primeiro ano e o segundo e o terceiro eu não tive. então eu perdi todo aquele ensino e eu tirei acredito que 500 e 570 quase 600 no Enem foi uma nota bem baixa para mim porque eu sou acostumada a tirar notas melhores na vida. Sempre fui muito dedicada aos estudos, sempre gostei de estudar, mas no ENEM acabou que não deu muito certo, era uma prova muito difícil muito complexa. então quando eu pensei ó eu recebi minha nota eu pensei o que eu posso fazer com essa nota... **Eu não acreditei que eu tinha capacidade de estudar em alguma faculdade particular por questão de dinheiro porque é muito muito caro então eu pensei vou entrar na UFMG aí quando eu fui olhar os cursos eu não sabia muito bem, não tinha um direcionamento certo para qual curso eu queria fazer nem com que eu queria trabalhar mas eu me inspirei um pouco na minha tia quando eu fui escolher para Biblioteconomia porque eu sempre conversava com ela e via como que era trabalhar ela me contava então eu acabei me interessando pela área e quando eu vi que a nota de corte era mais baixa, era a mais baixa da UFMG Inclusive eu pensei acho que eu consigo entrar nessa faculdade,** ainda mais com o sistema de cotas, não sei exatamente qual cota que eu utilizei para entrar mas como eu fiz o ensino médio em Escola Estadual eu consegui porque eu fiz o ensino fundamental em escola particular mas tinha essa cota só para quem estudou ensino médio em Escola Estadual então eu consegui e inclusive até agradei por ter estudado em Escola Estadual senão provavelmente não estaria na UFMG mas talvez eu teria tirado uma nota melhor no ENEM não sei... Mas então a Biblioteconomia. Não foi a minha primeira opção de curso eu queria fazer biologia, psicologia alguns cursos um pouco mais práticos né?. um pouco mais específicos porque eu acho que a Biblioteconomia é muito dispersa agora estudando mais eu vejo que ela é muito muito ampla né?. É uma das matérias mais amplas, então foi aí eu entrei. **[Sobre o que conhecia das cotas]** Bom eu tinha umas influências né?! o pessoal da minha família falava que cota não devia existir que era um absurdo e que negros e brancos tem a mesma capacidade logo, não deveria ter nenhum tipo de tratamento especial. mas eu não acredito nisso eu acho que a cota ela tem que existir sim porque não é igual não existe meritocracia não são todas as pessoas que tem a mesma oportunidade. Então, eu acho que sem a cota muitos estudantes negros não estariam na UFMG Inclusive eu, não estaria lá se não fosse pela cota. eles falavam [a família] mas não tô nem aí eu vou fazer o problema deles quem vai estar na faculdade vai ser eu não vai ser eles. foi tranquilo porque quando você fala entrei na UFMG todo mundo fica muito feliz né Não tá nem aí se foi cota se não foi mas eles ficam meio que negando a falar sobre sabe. **[sobre o seu entendimento das cotas]** isso não sei eu sempre não sei aonde que eu vi isso Se foi alguma coisa que eu li Se foi alguma coisa que eu vi Mas eu acredito que a cota Tem que existir sim porque tem que ter uma reparação histórica os negros quando foram libertados da escravidão não tinham nada e isso tem sequelas até hoje por isso que a maioria do das pessoas pobres e que estão abaixo da linha da pobreza são pessoas negras então sem essa cota como essas pessoas vão acessar a universidade se elas não têm o ensino de qualidade se elas não têm oportunidade se elas são obrigadas a trabalhar porque se não trabalhar não vai ter o que comer então eu acho que eu sempre tive essa linha de pensamento sabe. **[sobre a universidade e o curso de Biblioteconomia ter ações sob as cotas raciais]** Bom, eu acho que pelo menos na minha experiência não teve muitas coisas sobre não ouvi nada sobre cota não ouvi ninguém falando sobre nem nas aulas nem em outras atividades fica mais acho que no sigilo as pessoas que entram por cota não falam sobre as pessoas que não entram também não falam sobre os professores também não falam sobre. Então, acho que fica um pouco assim sabe. **[sobre ter algum sentimento de constrangimento sobre as cotas]** O meu pessoal eu não tenho vergonha se alguém me perguntar vou falar entrei pela cota se não fosse a cota não estaria aqui na universidade, mas eu acho que muitas pessoas devem ter esse estigma esse medo sabe de ser julgadas por causa disso. Ah eu acho que seria um medo de ter a sua capacidade julgada porque você entrou com uma nota menor né. Teoricamente então a pessoa ia pensar nossa “Ai deve ser burra né, por isso que eu

entrei com cota”. Mas não é isso. **[sobre o conceito de informação étnico-racial]** não sei, mas eu gostaria de saber . Bom eu não costumo dizer que eu sou uma mulher negra Geralmente eu falo parda mas é negra né. **É porque eu tenho o pai negro e a mãe branca e eu acho que os meus traços em específico Eu sinto que eu não sou negra suficiente nem Branca suficiente então eu me sinto ali no Limbo sabe não sou nem um nem outro por isso eu costumo declarar parda Mas eu também me considero uma pessoa negra porque eu não sou branca Então eu acho que um pouco assim a minha declaração.** **[sobre a discussão étnico-racial em sala de aula]** não participei isso acho que não é muito falado não tenho muitos professores negros Então acho que entra um pouco nisso né. Acho que as pessoas que são negras Tem mais esse esse desejo de trazer isso em sala de aula tive só um professor negro que foi de cultura e informação eh mas não teve muita coisa sobre ele trazia autores negros todos trazem tipo autores diversos né mas a discussão específica em si não não teve. **[sobre campanhas/ações que a Universidade e/ou o curso de Biblioteconomia para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais]** Antes da faculdade não, mas na faculdade sim hum não não não ou vi isso tem muito tem muito cartaz muito muita pichação que são as os grafites né Tem muito, bastante do prédio também isso é tem mais o da fafich no da ECI não tanto mas tem também. **[Sobre escolher as cotas novamente para o ingresso]** escolheria Se eu pudesse voltar no tempo eu não tenho certeza se eu escolheria a Biblioteconomia eu acho que talvez eu escolheria outro curso mas como eu não sei bem qual eu sou um pouco pouco solta sabe eu não sei muito bem mas acho que entraria sim com cotas de novo e se eu tiver oportunidade de fazer uma pós-graduação quando eu tiver graças a Deus eh eu vou entrar com cotas sociais sim. **Eu tive até quando eu fiz eu tive até um pouco de medo de não não passar na heteroidentificação porquê eu fiquei muito ansiosa fiquei com muito medo foi a minha primeira vez indo na UFMG eh eu fui sozinha no dia então fiquei com bastante medo mas ocorreu tudo bem eles deram uma palestra explicando mais ou menos ali o que que era era a heteroidentificação e que eles analisam os traços fenótipos completos da pessoa em si eles não vão olhar foto do seu pai foto da sua avó e quando eu olhei ao redor na sala tinha pessoas que eu considero brancas na sala para fazer a heteroidentificação para cotas então não sei se essas pessoas passaram ou se elas não passaram depois eu não vi elas mais na faculdade mas eu fiquei me perguntando “Será que essa pessoa se considera uma pessoa negra” sendo que eu considero ela branca ela claramente uma pessoa branca aí eu fiquei eu reparei isso achei até um pouquinho engraçado tinha muitas mesmo. **[quanto ao entendimento político do corpo negro, de afirmar-se negra]** essa é uma pergunta muito engraçada porque não é uma coisa que eu lembro mas é uma coisa que a minha mãe e o meu pai me contaram quando eu era bem criança não sei exatamente quantos anos eu tinha e eu perguntei pra minha mãe, “**mãe por que você é rosa e eu sou marrom?**” Então eu acho que eu tive essa consciência desde que eu era bem criança bem novinha, mas à medida que eu fui crescendo eu fui reparando mais essas diferenças. **Por que que o meu cabelo era estranho? eu tinha muito problema com o meu cabelo ele era cacheado Mas ele também não era crespo também não era liso ele era um pouco estranho eu não sabia cuidar minha mãe não sabia cuidar e eu fiz muita progressiva eu percebia muito essa diferença de cabelo percebi algumas diferenças eh culturais porque os meus amigos da escola eles todos eram brancos e eles tinham costumes que eu não tinha quando a gente conversava eu percebia esses costumes eles eram brancos e um pouco mais ricos né assim dizendo mas então acho que eu sempre tive essa essa percepção que eu era diferente das outras pessoas que não eram parecidas comigo.** Já no ensino médio que foi na escola pública foi assim um mundo completamente diferente vi outra coisa e eu nem fui para uma escola estadual de bairro assim eu fui para uma das melhores que tinha aqui em BH que é o estadual central e lá era uma experiência muito diferente. Tinha pessoas muito mais diversas tinha muito mais pessoas negras do que na minha escola anterior, na min escola anterior acho que tinha quatro cinco na sala no máximo. Agora já tinha dez, quize no máximo, metade da sala, mais da metade da sala então era bem mais**

diverso eu percebi essas. os meus professores tanto na pública quanto na privada, continuaram todos brancos vou passando a minha memória assim todos os professores que eu já tive eu acho que um dos únicos negros que eu tive foi o meu professor de violão que eu fiz no ensino fundamental. Acho que ele foi o único que eu me lembro assim quando eu vou passando a imagem de todos os meus professores todos eram brancos eu achava isso um absurdo. Sempre achei isso um absurdo. **[Sobre o ingresso na universidade]** para mim foi um pouco diferente porque eu não entrei na faculdade sozinha eu tenho uma amiga muito próxima que entrou junto comigo ela também entrou com cotas, então eu não entrei na faculdade sozinha. eu sou uma pessoa muito tímida muito introvertida então eu acho que se eu tivesse entrado sozinha eu teria tido um impacto maior e eu provavelmente não teria feito nenhuma amizade na faculdade hoje ela tá com uma pausa porque ela teve um filho e eu tenho um outro amigo que eu também influenciei ele a entrar na Biblioteconomia e eu faço algumas matérias com ele então acho que eu não sofri muito esse Impacto porque eu não tenho muito contato com as pessoas da sala eu não converso muito com as pessoas e o grupo da minha sala é bem diverso nunca tive nenhum problema nenhum comentário... *eh teve um comentário que foi da minha supervisora no meu primeiro estágio que eu fazia em uma em um escritório de advocacia.* **Então você já pensa né eram todos todos brancos todos ricos todos internamente racistas isso eu percebia então eu já tive vários comentários sobre as minhas tranças porque eu uso muitas tranças e a a minha chefe se referia a elas como dreads e eu isso não é que me incomodava é que não eram dreads eram tranças eu nunca tive coragem de falar com ela que eram trans eu hoje eu me arrependo eu acho que se eu voltasse atrás eu falaria não não chama drads iso se chama trança eu mostrava para ela uma foto de um Dread uma foto de uma trança às vezes ela eu poderia educar ela nesse sentido na faculdade eu acho que se acontecesse eu teria Não sei acho que não denunciaria porque não sei se o colegiado se supervisores fariam alguma coisa sobre** **Depende do nível também mas não sei.** **[sobre a utilidade das cotas para os egressos]** eu acho que tem uma utilidade ali eu acho que elas são efetivas Mas eu sinto que pouco, porque a UFMG em sí Continua em maioria branca e eu não acho que isso é certo porque a Faculdade Federal ela é gratuita e ela deveria ser para pessoas de baixa renda e não é o caso ela é para pessoas ricas que tiveram como estudar pro Enem de uma forma com qualidade tiveram Como entrar com uma nota ótima e eu acho que isso é um problema porque essas pessoas elas têm dinheiro e elas deveriam entrar na faculdade particular não na pública a pública deveria ser assim com a escola pública para as pessoas de baixa renda Essa é a minha opinião Então eu acho que as cotas deveriam ser mais efetivas que a Ampla concorrência devia ser menor do que as cotas essa é uma opinião minha eu acho que a maioria na UFMG deveriam ser pessoas abaixo da linha da pobreza pessoas que não tem acesso que não tiveram acesso ao ensino mas eu acho que o problema também não o problema sabe eu acho que a questão tá também nessas pessoas porque muitas não acham que elas têm capacidade de entrar na universidade e não é uma coisa fácil não é só entrar na faculdade você tem que ir nas aulas você tem que passar nas aulas isso não é fácil principalmente para quem precisa trabalhar então **eu acho que a UFMG devia ser mais acessível para essas pessoas de formas como mudar o seu turno de uma forma mais fácil eu entrei no diurno mas se eu precisasse trabalhar eu teria que passar pro noturno e esse é um processo cansativo** muitas vezes não dá certo então eu acho que deveria ser mais acessível ainda acho que as cotas são efetivas Mas elas deveriam ser muito mais. **[sobre achar que o uso das cotas representa alguma incapacidade intelectual]** ó no papel não deveria me sentir assim mas eu me sinto um pouco principalmente nas aulas quando eu vejo que as outras pessoas tiveram o ensino médio que as outras pessoas tiveram um conhecimento que eu não tenho que elas têm tempo mais tempo para fazer as coisas da faculdade que elas são mais dedicadas então eu sinto muito essa falta em mim sabe. **[sobre a sua vivência com estudante cotista dentro da universidade pública]** eu acho que eles deveriam investir mais discussões propor seminários voltados a isso não acho que seja uma causa perdida

eu acho que tem como a gente reparar essas faltas né e eu não acho que seja tão difícil assim mas não sei se alguém vai ter essa iniciativa sabe, de promover essas discussões acho que é um pouco difícil promover isso principalmente lá na UFMG. pro meu futuro eu me eu quero muito muito mesmo formar eu não sei se eu quero seguir uma carreira mais acadêmica assim fazer uma pós um doutorado um mestrado porque eu tenho muito muito medo de ser insuficiente de não conseguir sabe eu sinto que é muito difícil e é muito difícil e eu acho que eu não teria essa capacidade pelo menos na minha mentalidade atual talvez no futuro eu pense diferente eh depois que eu formar eu quero muito participar de concurso. Concurso público e esse é uma ansiedade constante que eu tenho que eu penso eu quero fazer concurso mas que eu tô fazendo para conseguir passar nesses concursos eu não tô estudando eu preciso correr atrás mais eu preciso ler mais eu preciso estudar mais se eu quiser passar em um concurso que é outra outra situação que é muito concorrida né então eu acho que eu tenho essas ideias pro meu futuro mas eu não sei se eu consigo concretizar elas tenho muitos esse medo não sei se eu vou conseguir se se vai dar certo se vai ter concurso pra minha área eu me vejo muito trabalhando em uma biblioteca ou em algum arquivo eh nem que seja de iniciativa privada né de empresas e como eu tô trabalhando agora. Eh mas eu acho que essa experiência como uma pessoa que entrou com as cotas ela é única as pessoas que não entraram com as cotas elas não tem esse pensamento, quem entrou de ampla concorrência não tem eu acho né que eles não têm esse medo essa essa ansiedade de forma gravada igual as pessoas que entraram com cota Imagino que tenham porque é constante. Eu me acho muito insuficiente eu vejo que todo mundo faz mais todo mundo corre atrás mais, e eu acho que isso me afeta bastante. E inclusive o motivo de eu estar irregular no curso foi que eu... eu percebi isso essa semana eu tive esse pensamento eu tomei algumas bombas por falta eu não ia nas aulas, porque eu ia no começo do semestre eu ia em todas as aulas, anotava tudo mas quando eu via como a turma reagia e como que eu reagia as coisas eu começava a me sentir acho que não acolhida aí eu pensava na na quarta seguinte eu pensava “acho que eu não vou na aula hoje aí depois acho que eu não vou na aula hoje também” isso eu pensei ontem eu acho tive essa essa ideia eu que eu lembrei dos Meus Primeiros semestres eu me arrependo muito de ter feito isso acho que eu deveria ter sim ido nas aulas mesmo. Mesmo com essa ansiedade eh hoje eu tenho algumas matérias passadas para cursar mas majoritariamente esse é o meu último semestre entre aspas irregular no semestre que vem eu já vou conseguir voltar para as matérias do semestre que eu deveria estar então foi muito difícil para mim continuar na faculdade não sei se todos têm essa experiência ou se só as pessoas cotistas. Acho que todos têm dificuldades né não tem como diminuir as dificuldades de quem entrou de ampla mas acho que por ter entrado com as cotas. Eu sempre tive do fundo da minha cabeça esse medo esse pensamento de me sentir menor do que quem entrou sem as costas. Acho que são situações um pouco mais internas minhas sabe não algo que alguém falou mas quando eu percebia que todo mundo da turma tava entendendo tudo que o professor falava e eu não tava entendendo tudo a invés de perguntar eu sentia medo eu não queria perguntar eu queria me recolher me encolher ali no canto e acho que isso que contribuiu para que eu faltasse mais nas aulas e tomasse várias bombas. porque eu sentia que se eu tomasse a bomba por falta era melhor que se eu tomasse a bomba por não conseguir a nota eu ia me sentir melhor. só faltei né pelo menos?!”

Nilma

Com 21 anos, natural de Belo Horizonte, Nilma, autodeclarada preta, concilia trabalhos informais com seus estudos na Universidade Federal de Minas

Gerais (UFMG), onde cursa o 6º período, tendo ingressado em 2022. Seu histórico escolar revela uma trajetória que se iniciou em escolas particulares no ensino fundamental, seguida pela conclusão do ensino médio em instituições públicas.

“antigamente existe uma sala existe uma sala e essa sala tem portas e janelas antigamente a gente a gente ficava pro lado da porta depois deixavam a gente olhar pelas janelas agora a gente fica dentro da sala mas a gente fica atrás das cortinas porque a gente tá lá mas a gente tá tampado”

[Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade] "Eu sempre fui muito aplicada. Fiz o médio técnico, né? Então, eu já estava correria toda toda, e era um técnico que ele era mais amplo para pessoas adultas mesmo. Era um projeto do governo que tem uma escola estadual que ela só é de curso técnico. Então, foi uma experiência muito, como eu posso dizer, ela já abrange muito o que seria a faculdade para mim, porque eu tive contato com várias pessoas de várias idades, vários lugares, vários propósitos. Então, foi muito acadêmico também, porque os professores eram professores de faculdade também, de universidade. Então, quando eu entrei na faculdade, não foi muito um susto, até mesmo porque é aquela coisa que eu sempre quis entrar na UFMG. **Eu sou a primeira pessoa da minha família a entrar na faculdade federal, não a primeira em uma faculdade, mas a primeira uma federal. Fui a primeira e, assim, na nossa família, em questão, foi aquela coisa, pessoas que lutaram muito para chegar onde eu cheguei, né?** Porque eu venho, igual meus pais, eles são do Rio de Janeiro. Meu pai, ele viveu a vida toda lá. Minha mãe, ela veio para cá novinha, mas aquela coisa, meus avós optaram para que meus pais pudessem ter um estudo melhor, mas a minha mãe foi fazer faculdade somente quando ela já estava com quase 45, quase 40 anos, por aí, nessa casa, e meu pai, acho que ele nunca fez faculdade, ele acho que não, ele nunca fez. Ele fez só cursos técnicos e ficou nisso mesmo. Então, meu pai acho que ele nunca fez faculdade, ele acho que não, ele nunca fez. Ele fez só cursos técnicos e ficou nisso mesmo. Então, meu pai, acho que ele nunca fez faculdade. Meu irmão também faz faculdade, só que eu realmente fui a primeira pessoa da minha família, de familiar pequena [se referendo a sua família mãe, pai, e irmão], entrando na faculdade, e familiar grande **[se referindo a família com outros entes]** é a única que tenha idos para mim uma universidade, né? Então, assim, foi muito prazeroso aquela festa toda e tudo mais, mas aquela, é desafios, né? O curso de Biblio foi muito assim, a gente, quando a gente sai do ensinamento, a gente pensa: "O que que a gente vai ser na vida, né? Que que a gente vai ser na vida?". Eu preciso muito falar aquela coisa, ai, talvez a pedagogia [som de latidos de cachorro, conversa interrompida devido a chegada da mãe, nesse momento converso brevemente com a mãe que leva a filha da para outro cômodo da casa].... Eu tava mesmo, acho que eu tava falando sobre a escolha do curso, quando eu parei para escolher o curso, eu queria muito pedagogia, só que eu gostei muito de ler aquela coisa, e a Biblioteconomia foi um curso que, pelo menos para mim, quando eu saí do ensino médio, ele cresceu muito. Eu não sei por mais muita gente, eh... ficou tipo, ai, Biblioteconomia, sei lá o que. Eu adoro ler, sempre gostei de ler, sempre fui muito ratinha, tracinha de livro, e aí eu peguei e falei: "Ah, Biblioteconomia". Entrei pelas cotas raciais, não porque naquela época eu precisava em questão de nota, porque a nota eu tinha para entrar no curso, mas porque sabia eu que era um direito meu, eu sabia que era um direito meu e eu falei: "Se tá ali para mim poder usar, eu vou usar sim", até mesmo porque as pessoas pensam que tem uma música muito legal de uma cantora que ela é super militante que chama "Cota não é esmola", eu não sei se você conhece, e eu tinha ouvido ela já faz muito tempo, e uma coisa que tinha muita pauta na minha adolescência, porque

eu cresci na, na, hoje em dia os adolescentes são militantes, mas na minha época eles eram quase, né? Que eu falo, eh, as pessoas falavam, muita gente que não queria usar cotas, eu tenho muitos amigos que têm direito a cotas e não usam, porque acham que não tem, que não é um direito, que eles não deveriam usar cotas, né? Que é uma, é realmente é uma esmola, eh, é injusto uma pessoa usar a cota, ter esse suposto privilégio em cima de outras, mas não é uma questão de ter um privilégio ou não, pelo contrário, se a gente for parar para pensar, a gente realmente é colocado em situações que a gente não tem as mesmas oportunidades que a gente, para pensar hoje em dia, uma pessoa que tem uma condição financeira, que tem uma condição, que tem uma aparência, eh... digamos assim, mais bem vista pela sociedade, porque eu não digo só de pessoas pretas, eu digo de pessoas gordas, de pessoas que são deficientes ou qualquer outro tipo de coisa, as pessoas são sim julgadas e até mesmo quando a gente vai em entrevistas de emprego, a sua aparência conta muito, a sua aparência conta muito, entendeu? Então, assim, eu utilizei das cotas porque eu sabia que era um direito meu, eu queria utilizar, e eu falei: **"Eu vou utilizar sim" e foi isso, não foi aquela, não teve muito aquele ai que sei lá o que, eu não peguei e falei: "Vamos embora, vai ser isso mesmo" e vamo embora. Uhum. Então, tem uma frase que eu cresci muito escutando, é que hoje em dia não escuto mais, graças a Deus, mas assim, os pretos são os maiores racistas que existem. E tem uma coisa que as pessoas pretas ficam na quela, elas já são colocadas numa situação que elas não se sentem muito confortáveis em muitos lugares, né? E quando elas pensam em cota, elas pensam: "Eu vou estar me colocando nessa situação". Elas ficarão naqueles de se igualar, por exemplo, porque às vezes um preto que trabalha em casa de família como serviçal ou então prestador de serviço, quando ele tá na sua comunidade, fora daquela comunidade de alto escalonamento, de alto padrão, ele se sente superior, entende?** Por que às vezes as pessoas elas sentem essa necessidade de se sobrepôr sobre aqueles que são iguais a você, por qualquer coisa que eles sintam que dão uma vantagem. Então, eu sinto que muita gente que tem essa coisa de não se usar, porque muita gente, por exemplo, eu fui uma criança que eu presenciei muito racismo na minha vida, em questão de tipo família, a gente, toda minha família é preta, meu pai, ele é branco [ela diz que o pai é branco mas faz o sinal entre aspas com os dedos], né? Branco do Brasil, né? Família do meu pai é mestiça, a da minha mãe é toda preta, toda negra. Então, assim, eu cresci sem aquela coisa daquela mistificação, tipo, ai meu Deus, eu sou uma pessoa preta e muito, eh, como eu posso dizer, deixa eu ver, sempre fui diminuída, colocado numa caixinha, não foi assim. Eu sempre tive igual minha mãe, minha avó, elas sempre alisaram cabelo, eu não, eu sempre tive cabelo natural. Então, assim, eu já cresci num ambiente mais libertador para uma pessoa preta, sabe? Só que eu cresci num ambiente que, eh, muito bom. Eu estudei em escola particular a minha vida toda, até o ensino médio, não foi escola particular pagando 100%, mas eram o quê? Filantrópicas com bolsa e tudo mais. Minha família teve essa condição e no ensino médio foi por escolha, entre aspas, porque se precisasse mesmo, eu tinha vagas na escola, eu tinha bolsa, mas eu escolhi por causa da questão da cota mesmo, para ter o direito à cota no Enem, porque eu sabia que em questão de entrar numa faculdade ia ser mais difícil para mim, ia ser mais difícil. Então, eh, essa questão que eu acho mesmo que as pessoas elas não gostam de usar, porque elas se sentem colocando situação que elas sempre tentam fugir, entende? Se colocar no lugar do preto que elas nunca querem estar, entende? Ninguém quer ser preto, ninguém quer ser preto. Todo mundo quer ser, ah, igual uma discussão que tinha quando eu era criança, eu sou preto, mas eu sou um pouco mais clarinho do que você, entendeu? Ai, eu sou um preto, mas no fundo da minha pele é amarela, a é cinza, então você é mais preto do que eu, sabe? Eu sou preto, mas o meu nariz é fino, ah eu tenho traços não negroides, entende? Eu tenho cabelo mais encaracolado e você mais crespo, então sempre aquela discussão dentro dos pretos, quem é menos preto, né? Quem é mais acento, então é sempre essa questão. **[quanto ao entendimento político do corpo negro, de afirmar-se negra]** Já ouvi e eu acho isso muito engraçado, porque como eu sou uma mulher grande, **eu sempre fui vista como**

uma preta agressiva, entende? Isso foi muito engraçado, porque recentemente eu tive contato com os amigos de fundamental da escolinha, e eh... eu tipo não tinha essa visão de mim, mas as pessoas sempre tiveram essa visão de mim e eu percebo que outras mulheres que eram grandes não tiveram essa mesma percepção dessas pessoas ao meu redor. Então, eu sempre me imponho, eu sempre fui para a frente, querer e fazer, eh, sempre foi uma coisa que eu nunca entendi muito bem, como eu falei, eu cresci num num espaço que não teve muito, não teve muito dessa coisa do racismo direto, do embate direto, sabe? Então, a primeira vez que eu sofri racismo assim na pele mesmo, a gente foi eu e meu irmão juntos, a gente estava numa situação que a gente foi num sacolão e a gente, tipo assim, a mãe sempre botava a gente para dormir de tarde e aí, assim, dormindo com roupa leve, tudo mais, shortinho de taquitel e aquelas coisas, aí minha mãe falou assim: "Ai, vai no sacolão comprar ovo" na esquina de casa. Saímos nós dois para comprar ovo, cabelo descabelado, acabou de se acordar, tipo, ai, mãe, não quero ir, vamos lá, chegando lá, a gente conhecia o pessoal os donos do sacolão, e a gente falou assim: "Compra 12 ovos", só que a gente, a gente tava assim, uma dúzia de ovo é igual a 12 ovos? [risos] será que tem diferença? [risos] E a gente com vergonha de perguntar para os atendentes do mercado, a gente perguntou pra uma senhora, aí o meu irmão falou assim: "Ah, não vai lá você", eu falei: "Ah, não vai lá você", aí eu falei e falei assim pra moça: **"Moça, será que você poderia me ajudar por favor?"**. **E aí ela virou e falou assim: "Eu não tenho dinheiro não" e saiu assim, meio afastando da gente, e aí na hora eu não entendi, na hora eu falei tipo: "Não moça, só quero saber se uma dúzia de ovos é igual a 12 ovos, é só isso que eu quero saber"**, aí ela falou assim: "Ah, que sei lá o que", nem respondeu e saiu, aí assim, acabamos que a gente pegou e sabe aquela coisa que demora a cair a ficha e naquela época não teve o peso que hoje em dia eu vejo que tem, naquela época não tenho o peso que hoje em dia eu vejo que tem. Então, assim, eh, e isso também é uma coisa que é interessante, porque a gente quando sofre racismo, a gente nem às vezes nem pensa que é racismo, a gente pensa, será que tá acontecendo isso comigo mesmo, será que realmente é isso mesmo que tá acontecendo ou será que eu vou exagerando, sabe? Será que é verdade, será que não? E a mesma coisa como volta ao fato que eu falei de que se identificar como negro é uma coisa também que pesa muito, você usar coisas da sua cultura, você entrar com uma religião que é mais cultural, você frequentar lugares que são da cultura. Então, assim, as pessoas e hoje em dia ser preto tá na moda, então tudo bem, mas se parar pra pensar 10 anos atrás, se você escutava hip hop, rap, assim que música de preto, ah, você usar turbante, não, isso não, não, não pode, ah, você é macumbeiro, nosso meu Deus, etc. Hoje em dia não, hoje em dia todo mundo gosta de andar de guia, hoje em dia as pessoas fazem tranças sendo brancas, hoje em dia usar dreds é estilo, entendeu? Então, assim, eh, hoje em dia é muito mais fácil você se posicionar como negro, você tá a par disso do que antigamente, mas aquela coisa, o de verdade mesmo ainda dói, ainda tem peso, entende? Dói ainda tem peso. **[sobre ter passado por situações de racismo dentro da universidade]** Então, então primeiro que UFMG é aquela coisa que assim, a gente pensar, ai meu Deus, só porque é público e tem, não, UFMG é um e a gente sabe, elitista é um lugar de pessoas brancas, não que é um lugar para eles, mas é um lugar que tem muito mais em peso eles e assim dentro da faculdade, poucas situações, mais olhares, aquelas coisas iguais, tem poucas pessoas pretas na minha turma, pouquíssimas pessoas pretas. A gente sabe que Biblio é um curso que muita gente entra para poder tentar reopção, então a gente pensaria que às vezes assim, né? Vamos pensar com o quadradinho, né? Pessoas pretas tiram notas mais baixas, pegam cursos mais acessíveis e trocam de curso. Não, não tem... são muitas pessoas brancas. **Tive um desprazer com um professor que ele é um professor que todo mundo tem sempre um desprazer com ele, porque ele é machista, misógino, racista, contra cotas, contra tudo e ele é o bonzão e etc, pronto acabou. Então, assim, ele já fez muitas coisas, no entanto, quando eu tava grávida, eu tava fazendo a matéria dele e eu peitei muito ele de frente e aí ele ficou assim encurralado, porque parece que ele tem medo sim [risos] de uma mulher preta grávida se impondo para cima**

*dele, barriguda... dai eu falando pra ele falando assim: "Não, você não vai falar isso, porque isso está errado, você não está certo", entende? Então, assim, eh, o único caso que eu tive foi com ele, mas assim, nunca foram falas diretas, sempre foi uma coisinha tipo assim, aí porque isso, sabe? Isso eu não concordo, porque isso eu não deveria fazer, eu acho que isso não deveria acontecer, eu acho que assim isso é errado, que antigamente dessa forma era melhor, nunca direto ao ponto, nunca um ataque e sempre trazendo um outro assunto, puxando um gancho para isso, sabe? Bem, bem bucininho, bem veladinho, sabe? Bem, não digo que estrutural, porque claramente ele é uma pessoa ruim, ele é uma pessoa ruim mesmo, porque a gente tá num... né, ele é um professor renomado, ele trabalha na UFMG, fez curso fora do país, sei lá o quê e etc, convive com pessoas e causas dentro da ECI, ele não quis se informar, ele, ele quis os olhos, ele quis não mudar, então assim, a gente não pode falar que, eu conheço pessoas que são realmente ignorantes por falta de informação, eu conheço rel pessoas que são ignorantes por falta de informação, ele não. Ele foi escolha e uma escolha muito bem feita, entende? Mas o que eu mais senti, o que é mais triste foi a diferença em questão de estágio, já perdi muito estágio, muita oportunidade de estágio para pessoas da minha turma, que a única explicação era o famoso, eh, como que eles falam, tem um termo em inglês que eles usam muito hoje em dia, é o, nossa eu não me lembro, é tipo um match, quando você não dá match com os valores e os princípios, você não tem aquela... você e a empresa não são compatíveis entendeu? E a única igual... e tem um termo em inglês que eu não me lembro, que eles usam, eu vejo muita gente mesmo nos Estados Unidos falando que muitas das vezes elas não conseguem empregos por conta disso, por conta desse termo que eles utilizam para poder colocar isso, tipo assim, mulheres, eh, negros, eh, pessoas que são pró alguma coisa, muitas das vezes elas são colocadas como nós, nossa, não quero você aqui, porque você não deu o match com a nossa empresa, sabe? Você não é compatível com a nossa empresa. Então, assim, eh, já vi isso demais e foi o que eu falei, eu vim com uma carga muito boa, eu sou técnica informática e não é um técnico ah não, eu sou técnica mesmo, eu sei manutenção, sei programação, sei eh pacote office mais do que básico avançado e assim, eh, trabalhei na área, já tive, eu fiz estágio numa multinacional, estágio não, eu fiz um já aprendizagem multinacional e acabou que o meu estágio, como na época a gente tava na entrando na, tinha acabado de sair da pandemia, eu não fui fazer estagiário de escritório assim, ah, ser cafezinho, não, eu realmente trabalhei do mesmo trabalho que as pessoas que estavam lá no mesmo setor que eu. Então, assim, eu fiz várias coisas, eu trabalhei, nossa, eu tenho uma carga enorme, porque eu sempre fui aquela pessoa que pensei, eu sou preta, eu preciso sempre ter uma mais, se eles estão indo com dois, eu tô indo com três, se eles indo com quatro, eu tô indo com seis, entendeu? E assim, não tinha motivos para aquela pessoa ser selecionada além de mim, a diferença porque senão a minha cor, e às vezes nem era assim, era duas mulheres mesmo, porque para falar assim, ah é porque você, não, realmente era por conta da minha cor. Então, assim, a gente vê essas coisas, a gente releva, mas a gente sabe e que eu falei, não deixa de doer, não deixa de doer igual, por exemplo, e eu vejo muitas pessoas brancas que tem tatuagem, tem piercing, que tem cabelo colorido, eu tive cabelo colorido por muitos anos, mas hoje em dia não, hoje em dia eu sou pessoa, já tive piercing, não tem tatuagem, eu tive cabelo colorido, mas não tenho mais nada, porque eu sei que essas coisas colocam sim uma barreira diferente na gente, sabe? Porque são motivos que eles colocam para poder eh, pôr pra gente que esse é o motivo, sendo que não é. Conheço pessoas que são totalmente transformistas corporais que conseguem vagas que sim, não tem capacidade nenhuma para elas, sabem? Pessoas que não tem capacidade nenhuma para aquela vaga e estão ali e assim, é surreal, surreal mesmo. **[Sobre o entendimento das cotas raciais]** olha isso aí realmente pego, porque não sei muito, eu era muito pequena, igual se falou em 2010, eu tava com 6 anos, mas eu me lembro muito de ter ouvido, principalmente dentro de casa, naquela época, que realmente, ah, é injusto, é injusto, é uma vantagem, só que a primeira vez que eu realmente tive um contato com sobre aprender sobre cotas, foi no ensino*

fundamental, acho que eu estava lá pro oitavo ano, uma professora, ela veio falar só com a gente sobre isso, professora de história, e ela era muito centrada, era uma pessoa branca, mas ela era casada com um homem negro, **e foi uma história muito marcante para mim, porque ele era um homem negro super bem-sucedido e isso não deveria ser uma coisa marcante, mas ele era um homem negro retinatório, retintado, negrão, negrão e ele era um advogado que atuava na Europa**, [nesse momento o irmão menciona o nome da professora] e assim, e eu lembro que ela falava era super ativista sobre várias coisas também [nesse momento ela pega sua filha no colo] eh.... e assim ela sempre falava que era um direito sim que dava mais que certo, porque não é nem uma reparação histórica, porque não é. **Cota não é peças histórica, não é, reparação histórica teria que ser muitas outras coisas, mas assim, realmente é um mínimo mínimo que a gente poderia ter, o mínimo do mínimo do mínimo do mínimo, porque assim, a gente ainda tem cota, mas a humilhação que a gente passa para conseguir, a gente tem que ser julgado por uma banca que muitas vezes não é preta, que não é amarela, que não parda, que não é indígena, falando assim: "Você é ou você não é", sendo que a gente sabe que a gente é, no entanto, a gente se autodeclara, né?** A gente se autodeclara, né? Não é as pessoas que declaram a gente, então assim, eu sei que é uma forma de evitar fraude, uma forma de evitar fraude, só que ainda é feito de uma forma tão robusta, sabe? Então..., não posso dizer errado, não dizer errado, mas sei lá, eh, quando eu fui, tinham mais pessoas brancas na sala do que pessoas realmente de cor e isso é uma coisa, como assim a pessoa branca tá na posição de julgar se eu sou não preta, como assim a pessoa branca tem eh esse poder sobre mim numa coisa que não deveria ter, entende? Eu tô aqui justamente para não isso acontecer, [latidos de cachorro] **[sobre campanhas/ações que a Universidade e/ou o curso de Biblioteconomia para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais]** Na verdade não, isso talvez possa ser um caso meu, porque desde 2022 quando eu entrei na faculdade, até o meados de 2023, eu trabalha [em uma franquía de farmácia], mas eh era realmente quem sabe como é que é a rede de farmácia e supermercado, é assim, eu nunca tive muito tempo além de aula, trabalho e casa, sabe? Porém, eu vejo muito mesmo o pessoal da FAFICH fazendo muitos projetos, coisas vistas mesmo em questão racial, eu vejo muito mais o prédio da FAFICH do que no nosso, até mesmo porque a ECI é aquele retiro quietinho, não tem nada ali demais, a gente vê mesmo pau quebrando [risos] lá na FAFICH [se referendo a ações antirracistas que o centro vizinho promove] Lá na ECI, a gente escuta até as musiquinhas lá, a gente escuta os pássaros cantando, aquela coisa tranquila, já na FAFICH parece tá tocando rock pesado, pessoal militante aquela coisa toda, mas eu acho que é muito mais a questão do curso, sabe? [nesse momento ela amamenta a filha enquanto continua a conversa] Eu acho que o nosso curso ele não induz a gente tanto a pensar sobre isso, no entanto, a primeira vez que agora que eu vi alguma matéria adicional eh sobre LGBT que eu recentemente vi que eles lançaram uma matéria, eu até tentei pegar, mas era presencial também, então para mim não... já tá cheia das minhas matérias, não tem como pegar mais, então assim, eh, eu não vejo muitas coisas na ECI mesmo voltadas para projetos sociais ou então causas, nada, na ECI eu não costumo ver mesmo não, o máximo que eu vejo ali é a questão de acessibilidade, porque é uma pauta que cresce bastante agora na Biblioteconomia, é acessibilidade, né? Porque parece que bateram na consciência deles, perceberam que a biblioteca é para todos, menos para pessoas não, né? Que não acessam de forma convencional, então, né? No entanto, a gente tem vários relatos aí de bibliotecas que bateram lá na porta deles, falou assim, não passa nenhuma cadeira de rodas aí, né colega, como assim, como as instantes são tão altas, sendo que pessoas que são cadeiras, pessoas pequenas podem não pegar, né? Então, assim, é, mas acho que agora a momento da Biblioteconomia que a gente tá vivendo é mais a acessibilidade do que qualquer outra coisa. **[sobre o conhecimento do termo informação étnico racial]** não sei se eu ouvi falar, não me prendeu não, não que me prendeu, né? Tipo, não me recordo. Teve uma professora que era substituta maravilhosa que ela deu duas matérias

para mim no primeiro semestre de 2024, que ela era na verdade, ela era de museu, ela a formação dela era Museologia, não era nem de Biblio, era museologia, ela tava dando aula pra gente e assim, ela levou a gente nos museus, mas ela eh trouxe, foi até umas exposições de povos originários que a gente foi e ela trouxe bastante pra gente sobre isso, sabe? Ela ela era bem atendida, digamos assim, nas causas, era uma pessoa que eu não posso falar que ela é uma pessoa branca, não posso dizer que é uma pessoa branca, mas é uma pessoa eh que não é retina, vamos colocar assim, e é realmente foi a primeira professora que eu senti mesmo trazendo mais sobre isso pra gente, que eu senti. Porque de resto que ao nosso rosto de Biblioteconomia é quem [cita o nome duas professoras que ele entendo como professoras famosas do seu curso]. [sobre uma das professora] ela é incrível, mas eu nunca me lembro, não recordo dela abordando trazendo e realmente não tem mesmo, sobre ela abordando a temática. **[sobre o posicionamento dos professores ou com disciplinas voltadas para as relações étnico-raciais]** ah ó ano passado em novembro eu já não tava mais na faculdade, eu tava fazendo a... eu peguei duas matérias a distância para fazer, então eu não tava presente na no campus, então eu realmente não sei se dizer como que foi, mas antes disso ai consciência negra... hum sei lá o que... um cartão aqui... um parabéns ali... É isso, não de fato não fato não **[sobre a sua vivência com estudante cotista dentro da universidade pública]** ó eu usaria sim as cotas, então futuramente eu pretendo sim entrar de novo depois de terminar a Biblio e com certeza vou utilizar das cotas sim e assim eh uma coisa que é um uma coisa que eu sinto, **antigamente existe uma sala existe uma sala e essa sala tem portas e janelas antigamente a gente a gente ficava pro lado da porta depois deixavam a gente olhar pelas janelas agora a gente fica dentro da sala mas a gente fica atrás das cortinas porque a gente tá lá mas a gente tá tampado** é isso que eu sinto porque nunca foi aberto sempre assim não tá aqui a gente tem isso e aquilo mas tá aqui gente ó tá aqui para vocês tá mas assim tá aqui entende... vocês estão aqui a gente colocou isso aqui para vocês mas não é aquela coisa realmente ativa proativa sabe eu sinto que realmente tem pessoas que experimentam sim tem lugares que experimentar sim mas é uma coisa que é coletivo de um em um vai indo mas é uma coisa que para acontecer é coletivo então acho que tipo assim eles **deveriam realmente abrir as cortinas tirar a gente de trás dos panos** deixar realmente eh mais explícito que eles estão lá para poder ajudar que eles estão lá para poder incluir sim que a gente é como qualquer um que tá lá tão merecedor quanto e é essa questão. **[sobre o entendimento das cotas atenderem as demandas dos ingressantes cotista]** Ah eu não posso falar que não porque eu só a prova de que as cotas funcionam mas, eu não posso também dizer que sim porque peca muito ainda peca muito mesmo. Conheço pessoas gente uma pessoa retinta que foi... barraram como assim? eu já vi caso sim mas como eu falei eu entrei em 2022 eh eu não sei como que tá hoje em dia hoje em dia mesmo porque eu tenho amigos que encontrei hoje em dias eu não eles não utilizavam de cota a minha que ela não utilizava de cota porque ela é branca ela tinha direito a outras cotas sim ela não quis como eu também tenho um colega que ela ela começou a fazer o processo para poder entrar e era o sonho dela entrar na UFMG e eu falei assim "não busca sim vai sim busca e corre atrás porque você tem direito sim faz lá faz valer porque tá lá para você poder usar" e uma coisa que você falou sobre a informação né eh é muito engraçado porque uma pesquisa que eu fiz que eu comentei no início justamente sobre como a como é a disseminação da informação dentro do UFMG se ela é efetiva ou não. E pasme a minha pesquisa claramente de uma pessoa que não tem muita gente que não existe o tem gente que não sabe o que é o CEU [Centro Esportivo Universitário] tem gente que não sabe o que é a FUMP [Assistência estudantil] tem muitas pessoas que não sabem que existem os internos [ônibus que circulam dentro do campus] que tipo vê os ônibus não sabem que eles são de utilização. Então assim, eh muitas pessoas não sabem de projetos de coisas que podem ajudar muitas pessoas que vieram de fora não sabem que têm direito à moradia então assim a disseminação da informação sobre os benefícios dentro da UFMG, é muito precária, é tipo ta ali pra vocês, mas assim, eu não vou dizer que ta ali, pra você

não poder usar. Porque eu não sabia como isso é como que funcionava a FUMP porque se eu SOUBESSE... porque depois que você entra fica muito difícil você conseguir depois que você entra, geralmente é mais fácil você conseguir quando você entra então assim agora minha luta é para ser fumpista porque eu tenho direito sim a ser fumpista e eu tenho um direito muito maior que muito fraudador de FUMP ainda **entrevistei um fraudador de FUMP tá? Entrevistei um fraudador de FUMP que o pai dele ganha um salário bem gordinho que não tem necessidade nenhuma e ele fala assim que pura diversão que ele virou fumpista que tava na modinha todo mundo se inscreveu e assim e eu fiquei tipo, pudera né querido? pudera! Então assim eh a informação ela tem que ser melhor disseminada sim e as têm coisas que são mais efetivas sim. Elas têm que ser mais efetivas porque é aquilo que eu falo mas é sempre isso o governo sempre faz isso com tudo eles nunca deixa as coisas boas o suficiente eles deixam elas "funcionais" [usou aspas com os dedos] ao mínimo mas nunca efetivas de verdade. Porque a gente não pode falar que não existe mas a gente também não eh mas não pode falar que é boa também entende? A gente não pode falar que realmente é aquilo que a gente merece aquilo que a gente precisa. Igual a questão de acessibilidade como eu disse né eh é absurdo é muito muito muito muito revoltante a gente ver como que pessoas que realmente precisam de algum apoio ou então de algum tipo de assistência não tem isso não tem o básico para viver né porque é nossa... [indignação] [sobre já ter sentido algum constrangimento por ser cotista racial] na verdade eh sim na verdade bem nos incinios quando a gente entrou na faculdade existia sim comentários dentro da sala de aula de pessoas que são extremamente idiotas porque não tem outra eu não gosto de botar esse título para ninguém até mesmo porque é pesado se parar para pensar na palavra mas para mim não muda o fato que uma pessoa é idiota sim dela pegar isso tratar com desdém porque a pessoa comentar um aluno comentar que, "ai porque você é cotista tipo você nem mereceu tá aqui você entrou com cota" entende? então eh é uma coisa que eu eu nunca precisei falar na verdade eu nunca tive muito contato com... eh eu nunca precisei tipo falar porque eu nunca tive muito contato com os outros colegas com os demais colegas porque eu entrei na faculdade trabalhando então eu nunca tive aquela parte da socialização sabe e como eu entrei com a [amiga que também é cotista] também a gente sempre foi nós duas e pronto acabou e então assim eu nunca tive necessidade de falar mas eu já senti aquela vergonha tipo assim eu não tenho necessidade de falar mas eu também não falaria abertamente porque né não é muito bem aceito não é muito bem visto. Porque realmente quem usa cota... mas isso que é surreal a cota financeira não é tão mal vista quanto a cota racial e isso é um absurdo isso é absurdo porque as pessoas estão descredibilizando o que a gente passou."**

Rodrigo

Aos 26 anos, natural do sul da Bahia, Rodrigo, que se identifica como preto, dedica-se aos estudos na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), onde cursa o 3º período, tendo ingressado em 2024. Sua trajetória acadêmica é complementada por uma bolsa em laboratório dentro da universidade, e seu histórico escolar revela uma formação integralmente em escolas públicas. Atualmente, reside no sul do Brasil, em Florianópolis/SC.

"Eu acho que eu entendi que eu entrei numa luta, na verdade, eu me sinto hoje numa luta constante para que as coisas, elas possam melhorar."

[Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade] “Então, antes de entrar na universidade e ter acesso a todo esse conhecimento, eu via as cotas... Eu era mais tipo, quando alguém falava que as cotas eram boas, eu concordava, e quando alguém dizia que não era bom também, eu meio que concordava também, porque eu até então não tinha... Eu digo que eu criei uma identidade enquanto homem preto depois que eu entrei na universidade. Então, antes, eh, eh, para mim, as cotas eram, era algo que existia, era algo que eu nunca tive acesso, né? E para mim não era como, não fazia tanta diferença na minha vida, né? Eu dizia, né, eu tenho que trabalhar, tenho que fazer as coisas, então isso não vai fazer diferença na minha vida. **Era basicamente a forma que eu pensava sobre, sobre as cotas nas universidades e, e afins. Na verdade, não era algo que eu discutia no meu dia a dia, porque acredito eu que, apesar de morar na Bahia, não era uma conversa que, que existia na minha casa, por exemplo. Não, não se existia essa conversa sobre cotas raciais.** Os meus pais foram até... Meu pai foi até a sexta série, minha mãe até a terceira série, então não havia esses assuntos. E quando eu vim para Santa Catarina, menos ainda, porque, né, eu trabalhava... Aqui em Santa Catarina, eu trabalhava com pessoas que são brancas e pessoas que também não têm, pessoas que não gostavam das cotas e diziam que as cotas eram, para eles diziam que era para vagabundo, né? E que tirava a chance de, de pessoas entrarem nas universidades. Também era, era um, era um rolê que eu ouvia bastante e, como eu não tinha muito conhecimento sobre, eu só escutava, eu só escutava e pensava, será que realmente é isso? Mas nunca era muito discutido no meu dia a dia. **[sobre a escolha pelo curso de Biblioteconomia]** Então, eu não escolhi Biblioteconomia. Eh, tem um amigo meu que é do, que ele é do Ceart e ele falou assim: “Por que que você não tenta?” Ele falou assim: “Biblioteconomia é um curso menos concorrido, aí você pode tentar.” [Som de crianças brincando no fundo] E daí eu tentei e daí ele falou assim: “Ah, que tinha as cotas e tudo mais.” Ele me explicou um pouco, aí eu falei assim: “Ah, ele falou assim: ‘As cotas é uma, é uma, é uma chance de você conseguir entrar, né?’” E eu falei: “É, eu vou, eu vou tentar.” Até porque acho que talvez, talvez uma das, uma das, uma dos motivos de eu ter escolhido era, era porque também, por exemplo, [nesse momento o participante foi fechar a porta devido ao alto som das crianças brincando] Então, eh, assim como, como eu era de um, de uma escola pública, né, pá, eu falei assim: “Nossa, eu não tenho chance de, de concorrer com pessoas, né, que tiveram, enfim, sua trajetória em escolas particulares e afins.” E eu vi as cotas como uma oportunidade de, de conseguir entrar na universidade, sendo que também tem aquele detalhe, né? **Não me via enquanto pessoa dentro da universidade, né? Eu não conseguia me enxergar dentro da universidade, porque, enfim, a gente sempre vê, são pessoas inteligentes, são pessoas e afins.** E também o perfil de pessoas que que existe, um, um, um fator bem, bem, bem curioso e bem problemático que eu percebi depois que eu entrei na universidade **é que na Bahia existe uma, existe um tipo de subserviência ou um tipo de, ah, eu não sei como explicar, de pessoas, eh, pretas para com pessoas brancas. Eh, indiretamente, ainda a gente ainda vê essas pessoas como maiores que a gente e na minha cabeça, indiretamente, para mim, essas pessoas eram da universidade, não eu, entende?** Então, foi mais por incentivo mesmo do meu colega. Então, tinha todas essas problemáticas antes que eu fui entender depois que eu entrei na universidade. **[sobre já ter sentido algum constrangimento por ser cotista racial]** Então, quando eu, quando antes de entrar na universidade, eh, esse meu amigo, ele, ele já falava, a gente já discutia sobre, sobre esses assuntos, a gente já falava sobre, sobre cotas e quando eu, e quando eu entrei, eh, pelas cotas, eu já tinha certo conhecimento que era reparação histórica mesmo, né? E eu já tinha essa, e eu nunca tive, nunca tive vergonha, na verdade, de falar o que eu entrei por cota. Na verdade, nunca foi um assunto que meus colegas, eh, eh, perguntaram para mim, acho que ninguém nunca me perguntou por como que eu entrei na universidade, mas também não é um assunto que eu teria vergonha de dizer ou de falar, sabe? Eu acho que não. Acho que a única discussão que eu tive foi por causa da... porque a UDESC tem a modalidade de entrar pelo histórico escolar, eu

tive essa discussão com uma pessoa da universidade, ele tava afirmando que pessoas que entram pro histórico escolar são pessoas que não têm, que são, ele basicamente falou que são burras, que entra pro histórico escolar. Foi acho que a única discussão que eu tive onde eu falei que não, né, que essa é uma ação, mais uma das ações afirmativas que dá a oportunidade das pessoas entrarem na universidade, né? Enfim, acho que foi essa, essa única problemática que eu tive com alguém. **[sobre ter tentado outras formas de ingresso na universidade como Enem ou Sisuv]** Não, nunca esses aí, é nunca, justamente pelo, pelo que existe assim, nossa, eu não vou conseguir fazer uma redação que a galera com pontos e afins [risos]. Não foi por isso que eu nunca tentei. Aí quando o meu amigo falou que tinha essa opção da UDESC, eu falei: "Eu vou tentar, vai que eu consigo." Mas eu achei que eu não ia conseguir, na verdade, eu achei que nem ia... Foi muito engraçado que quando eu, eu me inscrevi, eu lembro que eu tinha mudado de trabalho, eu tava no segundo dia, foi no sábado de manhã, às, às 8 horas da manhã, foi 7:30, 8 horas da manhã, 8 horas, eu recebi a, a, um e-mail da universidade dizendo que eu tinha sido aprovado. Eu lembro que eu fiquei uns 25 minutos, 30 minutos parado olhando pra mensagem e olhando pro crachá, meu Deus, o que que eu vou fazer agora? Eu tô dois dias no trabalho e eu, eu estudei manhã, né? Então, lembro que foi um choque muito grande saber que eu tinha passado para a universidade. **[sobre a sua vivência com estudante cotista dentro da universidade pública]** Foi um misto de, de, de sentimentos. **Foi tipo assim, meu Deus, como é que eu vou fazer uma graduação? Tipo, deve ser maior difícil, deve ser... Sabe? Passou todo esse pensamento na cabeça, tipo, meu Deus, eu não, não vou conseguir. E eu acho que era mais isso, era esse sentimento de tipo assim, eu não vou conseguir, eh, eh, eh, fazer as provas, fazer os trabalhos, falar com as pessoas lá, fazer seminários e afins. Acho que foi, foi esses pensamentos passaram na cabeça e também a questão de tipo assim, nossa, chocava com o meu horário de trabalho, né? Só que daí, eh, o meu colega falou, né, a universidade, ela, ela, ela oferece um auxílio de custo e tudo mais. E daí eu realmente me arrisquei, eu saí do trabalho, fui pra faculdade, foi muito louco. No [laboratório em que faz bolsa] assim, bolsa, eu entrei através da, a professora falou com a professora [nome da professora coordenadora do laboratório] e daí falou que tinha interesse e daí eu fiz uma entrevista com a, esqueci o nome da professora, a gente fez uma entrevista e eu entrei. Foi, foi basicamente isso quando fez as perguntas sobre os assuntos e eu me interessei por, por história de África e eles estudam bastante, né? Eh, eles têm vários grupos de estudos, eu entrei agora faz menos de um mês, então tô me, me inserindo, me inserindo nesse, nesse, nesse mundo, né? **Porque assim, a, a gente da Gestão da Informação e no meu curso, a gente não fala sobre, a gente não tem escritores, eh, eh, pretos, escritores pretos, escritores, a gente não tem. Então, quando eu saio da, da, da aula e vou pro laboratório, é uma outra realidade, entende? E você falou sobre minha entrada na universidade, né? Eh, a minha entrada na universidade foi bem, foi bem caótica, porque eu sofri racismo por parte da assistente social, que, que aconteceu?** Eu entrei e daí precisava de, de requisitos para você conseguir o auxílio emergencial e o, eu tentei o PRAF [assistência estudantil], só que o PRAF só ia entrar em vigor meses depois e daí eu tentei o emergencial, que é um valor que a universidade dá até o PRAF vir, né, efetivamente. Só que eu tinha toda a documentação, me encaixava nos requisitos que a universidade pedia e simplesmente não veio e a assistente social não me dizia o porquê e daí eu tive que falar com os professores, eh, do departamento e uma das professoras, ela foi lá, colocou como pauta na reunião, eh, eh, na reunião pedagógica, na reunião do departamento de Biblioteconomia e, se eu não me engano, foi o chefe de departamento que teve que ligar para ela para questionar o porquê, sendo que eu tinha documentação correta, sendo que eu me encaixava, por que eu não estava recebendo o meu auxílio? **Então, eu tive que ter auxílio dos professores para eu conseguir, porque enfim, ela não soube dizer o porquê, ela falou que não sabia o que tinha acontecido, mas tipo assim, o único trabalho dela era fazer isso e eu fui o primeiro, eu fui o primeiro do semestre a pedir o emergencial, o primeiro. Então assim, a professora falou:****

"Isso é evidente, isso foi racismo, não tem outra explicação." Então a minha entrada na universidade já foi esse baque, me mostrando que não seria fácil, eh, estar na universidade, porque os mecanismos da UDESC como universidade, enfim, ela é bem elitista, né? E muitas, muitas pessoas que trabalham lá, eh, eh, até saiu uma, eh, reflete o que teve uma nota de..., ah..., não vou saber dizer, mas falando da universidade dizendo que 40% das pessoas da UDESC não eram de Santa Catarina e esses 40% inclui a mim e outras pessoas e a universidade reflete esse pensamento de que a gente não deveria estar lá e essa, essa, né, a assistente social, ela fez jus a isso, né? Ela me negou um, um direito que era meu e então, a minha entrada na universidade foi bem, foi bem chata, foi bem chata. **[quanto ao entendimento político do corpo negro, de afirmar-se negro]** Olha, eu acho que... eu acho que talvez seria, seria um misto de orgulho, mas também, eh, eu acho que quando a gente se assume enquanto pessoa preta, né, eu acho que as coisas, acho que o talvez o jogo mude, sabe? Acho que quando eu entrei na universidade, entendi que eu sou um homem preto e que e eu entendi também que o racismo não é só chamar de macaco, não é só, eh, não são só diretos, mas são, são muitas, eh, como posso dizer, são muitos, são muitos mecanismos, né, de, de racismo, preconceito. Eu acho que eu entendi que eu entrei numa luta, na verdade, eu me sinto hoje numa luta constante para que as coisas, elas possam melhorar. **Acho que o curso de Biblioteconomia, um dos motivos de eu ter continuado também no curso, foi justamente por isso, porque eu venho de um lugar onde a maioria das pessoas, né, não tem acesso ao conhecimento, à informação, né? E quando tem acesso, é de forma distorcida, né? Então, quando eu me declaro um homem preto e quando eu estou no curso de Biblioteconomia, eu, eu me sinto na responsabilidade de absorver o máximo de conhecimento possível que eu consiga dentro da universidade para justamente pegar esse conhecimento e levar pras pessoas, sabe? Pras pessoas iguais a mim, né? Entende? Então, eu acho que eu defino como luta. Acho que a partir do momento que eu que eu entendi enquanto homem preto, eu me vi numa luta constante contra o racismo, contra o preconceito, contra a transfobia, contra todos os tipos de preconceito para a minoria, que não é minoria, que é maioria, né?** Acho que acho que é isso. **[sobre o conceito de informação étnico-racial]** Não, não, nunca ouvi falar sobre. A gente passou, já passou sobre o que é, sobre o que é dados, sobre o que é informação, sobre o que é conhecimento. Os autores não vou lembrar, mas a gente já passou. A gente tem uma matéria que é, acho que é Biblioteca em Gestão da Informação na primeira, na primeira fase, se eu não me engano, a gente teve, a gente teve um pouco desse, desse, eh, eh, um pouco desse, desse conhecimento sobre o que é informação mas não esse sobre informação étnico-racial... **[sobre campanhas/ações/matérias/disciplinas que o curso de Biblioteconomia tem para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais]** A gente teve a matéria de Relações étnico raciais na primeira fase e foi dada para uma professora que é branca...A gente é, detalhe, na Biblioteconomia, a gente não tem professores, professores, eh, eh, pretos. A única professora que tinha, ela não tá mais lá, né? Ela tinha saído antes de mim. E foi uma professora branca e assim, eu digo que ela tentou, ela fez o que ela podia nas condições que ela podia, mas tinha muitos assuntos que, sabe, como pessoa branca, eu acho que ela não conseguia problematizar, ela não conseguia, por exemplo, eh, eu lembro que a gente fez uma, ela pediu pra gente fazer um texto com base num, com base em alguns livros, não lembro os livros agora, agora, e em uma dessa, desses livros, ela pedia pra gente falar um pouco sobre, era basicamente sobre, sobre racismo e alguns preconceitos e eu citei nesse, nesse texto que um tipo de, um tipo de, de exclusão que eu diria que o racismo, ele causa nas pessoas pretas, principalmente nas mulheres pretas, é que elas não têm o privilégio de amar. Eu citei muitas mulheres que, que se dedicam muito ao trabalho porque elas não têm esse privilégio de amar e ela ficou, aí ela foi conversar comigo e ela falou que ela não sabia disso. Então assim, sabe? Então são discussões que só uma pessoa preta que vivencia isso todos os dias na pele, né, eh, conseguiria discorrer em sala e eu sentia muita falta. Tinha eu e mais um colega que é um homem preto também e que é

engajado na, na causa, eu aprendi bastante com ele e a gente ficava a todo momento na sala, eh, instigando essa problematização, sabe? Eh, eh, trazendo exemplos da nossa realidade, trazendo exemplos da, da, da UDESC, eh, trazendo exemplos de vida e mostrando para na aula que tipo que isso não era brincadeira, que as coisas aconteciam, estão acontecendo ainda, mas eu acredito fortemente que não, não a aula de, de relações não teve muito, muita eficácia, sabe? **[sobre se na disciplina havia sido mencionadas leis como a 12.711/2021]** Mencionou, a lei 10.639 mas não mencionou a lei das cotas. Não, não, não, as leis foi algo muito, porque eu acredito que eu, eu senti que ela, ela foi por onde ela conseguia caminhar, sabe? Por onde ela sabia que ela não ia, enfim, um cuidado, enfim, acredito eu, sabe? Então não foi, não foi algo muito, muito profundo e eu senti que, eu senti que assim, **na aula, basicamente quem falava era eu e o, e o meu colega, os outros não falavam muito e a gente sempre reforçava em sala, pessoas pretas já falam sobre racismo, pessoas brancas têm que falar sobre racismo, a gente sempre frisava isso dentro da sala de aula, sabe?** Então acho que a aula foi basicamente ela, eu e o meu colega falando entre nós três e era basicamente isso, sabe? Os outros meus colegas, eles não falavam, eles não, não, sabe, eles só ficavam parados e ouviam e escutavam a gente e era basicamente isso. **Então eu acredito na minha, na minha experiência nessa aula que tipo assim, não foi algo tipo assim que eu acredito que abriu os olhos dos meus colegas, não acredito que eles, eh, eh, tenham mudado a, a, o conceito deles sobre o, sobre racismo, sobre preconceito, sobre as formas de preconceitos que existem, eu acredito que não, porque nas conversas eu não vi isso com eles, eu instigava conversas com eles depois e eles não, sabe? Então para mim não foi, sabe? [além dessa disciplina, outros professores trouxeram a temática para dentro da sala de aula ?]** Não só, só mesmo tipo tinha num, ai, esqueci o nome da matéria, foi na segunda fase, na segunda fase a gente teve, ah, esqueci o nome da matéria, mas tinha um texto na que a gente tinha que fazer um trabalho final e a gente tinha falar, ia, ia falar um pouco sobre, sobre alguns artigos e tinha um artigo da, de uma professora, né, que eu mencionei, que era, que era sobre representação de pessoas negras, né, em, em tesouros e, e eu peguei esse texto para esmiuçar ele na, na minha, na minha apresentação, mas foi basicamente isso, relações raciais e essa e esse artigo que eu fiz e, e também tinha, tinha uma matéria que era Biblioteconomia e Ciência da Informação que a gente não foi na segunda fase, na segunda fase a gente falou sobre, sobre políticas públicas, esqueci o nome da matéria e vira e virava e mexia eu e meu colega a gente puxava ações afirmativas, a gente puxava essa temática para discussão, a gente sempre tava puxando, sempre tava puxando, mas fora relações raciais, a gente não tinha nada que englobasse esse assunto **[sobre sentir-se acolhido pela universidade e departamento de Biblioteconomia]** Olha, no departamento de Bioeconomia, eh, eu digo que eu estou na universidade porque alguns professores, eles articularam muito para que as coisas, eh, eh, ã, para que meu benefício saísse, para que as coisas acontecessem, né? **Alguns professores, eles, eles, eles são bem, bem parceiros nesse, nesse quesito. Mas, com relação a FAED, ao UDESC que em si, não, eu não, eu não sinto que me sinto acolhido, na verdade, na universidade, porque a universidade, sei lá, pela experiência que eu, que eu estou tendo, ela não é feita para mim, para pessoas como eu, sabe? Então, eu acho que é mais o sentimento de, tipo assim, eu tenho que estar aqui porque eu tenho que estar aqui, eu tenho que relembra isso todos os dias, né?** Porque tem dias que a gente fica assim: "Nossa, meu Deus do céu, mas não sinto que a universidade em si, ela é acolhedora", tanto que, tipo assim, os valores da, da ajuda de custo da universidade, eh, são valores ínfimos que a gente, por exemplo, eu tenho que estar, tenho que estar estudando, eu tenho que estar fazendo freelance, eu tenho que estar trabalhando de outro lugar para conseguir me manter. Então, assim, a, a, **a UDESC, ela não, ela... não, ela não acolhe a gente, ela, ela expulsa a gente, ela acolhe as pessoas que estão, que eu vou dizer, que, que não se parecem com a gente, né? Pessoas brancas, pessoas, né, enfim, pessoas que são, como poderia dizer, são a favor da moral e da família, acho que, acho que é isso. E eu acho que**

muitos estudantes também compartilham esse pensamento. [sobre campanhas/ações que a Universidade e/ou o curso de Biblioteconomia para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais] Não, eu vi um folheto que tinha bastante tempo, acredito eu, que deve ter uns dois, três anos, que era tipo um, um folheto assim que era "não à intolerância religiosa, não ao, não ao preconceito", basicamente, mas ação, ação a si mesmo a favor, não, não, não tem. Eu vejo lutas, eh, como dos estudantes e, e a luta de alguns programas dentro da universidade para isso, mas a universidade em si, em si mesmo, ela não, não tem ações, ações para isso, na verdade. Eu acho que o curso, ele, ele, ele tem muito potencial para mudar isso. A gente está num curso de gestão de informação, a gente está num curso de que, que, que trata da informação, que trata de levar informação para as pessoas, não só de levar informação para as pessoas, mas tornar essas pessoas capacitadas para procurar as próprias informações, né? Então, assim, o curso, ele deveria, acho que, primeiro, colocar o curso de relações étnico-raciais e, e, quando eu digo colocar esse curso, é colocar uma pessoa bibliotecária, um gestor de informação que ele possa fazer esses laços entre o curso e relações étnico-raciais, sabe? **Eu acredito que os professores, eles podiam também fazer mais trabalhos com relação, com relação a isso, porque tem, sabe, estão interligados, a informação, você, eh, eh, eh, como, como curso, eh, eh, eh, disseminar informação de que existem as cotas, falar para as pessoas o que é que são as cotas, né, para que que elas servem, sabe?** Então, o curso, ele tem essa capacidade de, de, de pelo menos fazer um, um, um, não digo talvez mudar, mas, mas ser um, um precursor dentro da UD'ESC para que, para que essas conversas sejam, sejam feitas, sabe? **E também a gente precisa de professores pretos**, porque a gente sabe que pessoas brancas, elas não vão até a segunda página, já não vão além disso aí. Então, a gente precisa de pessoas que realmente falem sobre isso, que realmente estejam engajadas nisso, porque o curso, ele tem, ele tem esse potencial e eu, eu vejo, porque a gente puxa esse, esses assuntos em diversas matérias, em diversas disciplinas. Eu e meu colega, a gente puxa esses assuntos, a gente traz pra gente, a gente problematiza, hoje a gente problematizou com a professora esse, esse da CDD. Então, a gente, como aluno, consegue trazer para algumas matérias isso, então o curso tem capacidade. **[sobre uma situação que aconteceu na disciplina de Representação Descritiva e a CDD]** Então, foi que estava, estava num, num certo trecho lá, acho que estava em, eh, ah, esqueci, é, estava em pessoas, ah, esqueci agora o termo, mas era grupos étnicos, eram grupos étnicos, se eu não me engano, e isso me causou um incômodo muito grande, só reforçou esse, esse, isso que essa, essa realidade que a gente já tem de que pessoas brancas são normais e pessoas que não são brancas têm raça e têm etnia, porque os brancos são normais, sabe? Só vê isso na minha cabeça quando, quando eu vi aquilo ali. E o mais, e o mais triste ainda era que na problematização que eu fiz com relação a isso, **houve aquela passada de pano para "é que é antigo, foi feito aí", eu fiquei, OK, eu, tá, aham, sabe?** Então, enfim, eu acho que talvez, eu fico pensando, né, o Eu antes da universidade, se, se deparasse com isso, para ele não ia ter algum impacto, sabe? E agora, pensando nisso de agora, teve esse impacto, acho que foi uma evolução muito grande. **[sobre o entendimento das cotas atenderem as demandas dos ingressantes cotista]** Ah, eh, sim, eu optaria pela, pelas cotas, se eu voltasse no tempo, até porque a gente tem que exercer esse direito que a gente tem das cotas e não, não abrange, acho que na, na UDESC só são, eu lembro que era 15% e eles estavam tentando para 20%. E o que que eu penso, né, dentro da, da de Florianópolis, existem, três quilombos e foi até uma, eu vou falando, vou, vou lembrar de assuntos, uma conversa com uma colega minha, ela falou que assim, "ah, acho que as pessoas não estão aqui na universidade porque não tem muita gente preta, eh, muita gente negra aqui em Florianópolis", né? Falei, "tem, tem, amiga, tem, mas elas estão no morro, elas estão no morro, por isso que você não vê". Então, assim, não abrange 15% de cota, não abrange o número de pessoas que, que tem, sabe? Eu acho que poderia ser muito mais, tem capacidade para ser bem mais. **[sobre as perspectivas como futura bibliotecário]** Olha, eu, eu quero, olha, eu, eu até hoje estava

*vislumbrando, hoje a gente tem uma matéria de gestão de projetos, né? Então, eu imagino dentro de uma biblioteca, eu imagino dentro de uma biblioteca, eu, eu me imagino fazendo projetos com a comunidade, eu me imagino, sabe, tagando as pessoas e trazendo para dentro da biblioteca, para esse espaço acolhedor que não é só de livros, mas também de muito aprendizado, sabe? Eu me vejo rodeado de pessoas na biblioteca, eu me vejo enquanto pessoa bibliotecária no, no futuro e exercendo essa profissão, sabe, com muito orgulho e sempre, eh, eh, também, eh, eh, mostrando para as pessoas que próprias pessoas como eu, pessoas pretas, homens, mulheres, de que elas podem estar, eh, eh, nessa posição, eh, eh, de bibliotecário, do que elas quiserem, sabe? **Acho que eu quero ter esse papel dentro da biblioteca, não só como bibliotecário, mas também como educador, acredito que nós também somos, somos educadores, então eu quero ter esse papel dentro da, dentro da biblioteca, espero no futuro conseguir ou que pelo menos eu esteja junto com as pessoas, esteja ajudando da maneira que eu puder, sabe, com o conhecimento que foi criado aqui na universidade.***

Aparecida

Nascida em São Luís e com 21 anos, Aparecida, estudante da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), se autodeclara preta e tem bolsa de iniciação científica. Cursando o 8º período, ela ingressou na universidade em 2021 e tem histórico escolar inteiramente público.

“a pessoa não tinha orgulho de ser preto. Então, com o passar do tempo, poder, eh, dizer isso com orgulho, “eu sou preta”, é assim, é uma algo a se comemorar, é algo a se comemorar.”

[Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade] “Olha, eh, assim, antes de entrar na universidade, eu já tive uma experiência, porque eu também ingressei no Instituto Federal e foi também graças à cota. Então, antes de entrar no IFMA, eh, eu tinha muito essa concepção de que não, eh, se eu tentasse para algo privado, eu não teria como, muitos fatores seriam limitantes em relação a esse ingresso. Então, a cota, ela contribuiu muito para isso, para me levar a lugares que talvez, se não fosse por ela, eu não poderia estar hoje onde eu tô, por exemplo, em pesquisa numa universidade pública. E com certeza, e desde quando eu tava no ensino médio, no IFMA, as oportunidades que eu tive desde o IFMA, se eu não tivesse, eh, por exemplo, quando eu tava no IFMA, eu vi as pessoas que, eh, estudavam comigo, como eram pessoas que tinham, eh, tinham, assim, privilégio, eu vou dizer, privilégios totalmente diferentes do meu. Então, aquelas pessoas sendo minhas concorrentes, quando eu olhava ao meu redor ali, eu via, que se não fosse as cotas, talvez eu não teria entrado, porque com certeza, eh, muitas outras pessoas poderiam tomar uma vaga que era minha. Então, as cotas, ela ajudou, eh, a chegar assim em lugares que talvez, por conta das minhas condições serem inferiores às de outras pessoas, então ela acabou me ajudando bastante em relação a isso, a chegar em lugares que talvez, se não fosse por ela, eu não teria chegado até aqui. **[como compreendia as cotas raciais antes de usa-la no IFMA]** Era um conhecimento muito limitado, era tipo assim: “Ah, eh, tu é preto, então, tenta”. Às vezes nem sabia o que se tratava, só era só tentar, mas tipo assim, quando a pessoa acaba, eh, conhecendo mais, acaba entendendo que a... a importância que ela tem, e eu só pude entender isso depois que eu entrei na universidade. **Eu entrei com a cota, mas só que eu não tinha esse conhecimento assim tão profundo a respeito dela, mas depois que eu entrei foi que eu consegui ter uma percepção melhor sobre o que se tratava, qual a importância dela e o porquê, eh, ela é tão... a cada dia mais ela... ela continua sendo importante ainda pro... pro ingresso de outras pessoas. [que fatores levaram a compreender melhor sobre as cotas dentro da universidade]** é assim, participando de eventos,

*aí surge aquela curiosidade, aí da curiosidade vem um texto, assim, a pesquisa e vem um texto, aí isso vai despertando, vai ajudando na reflexão, tal, a respeito do tema, vendo até mesmo, eh, a... o contexto, vendo o cenário atual, eh, tendo o senso crítico maior, porque acaba que com a leitura dos textos vai tendo aquele senso crítico, desenvolvendo aquele senso crítico e acaba assim, a gente não consegue... consegue ter essa percepção só olhando assim, mas quando a gente vai ver dados, vendo quantas pessoas conseguiram entrar na universidade, quantas pessoas pretas hoje em dia, por meio das cotas, tiveram essa maior oportunidade, aí a gente acaba refletindo a importância que elas têm. **[Sobre as motivações para o entendimento de achar que não teria condições de ingressar em uma universidade]** Eu acho que, além da cor, a questão socioeconômica, que **para as pessoas pretas, a gente sabe que é uma realidade, as condições socioeconômicas serem, eh, inferiores**, então, em alguns casos, então olhar, por exemplo, uma pessoa que tem uma condição de pagar um cursinho muito mais caro, uma pessoa que consegue ter acesso às informações que muitas vezes as pessoas periféricas não conseguem ter, isso acaba desmotivando, acaba levando para, eh, um pensamento tipo assim: **"Eu acho que mesmo tentando, eu não vou conseguir, porque tem uma pessoa que vai estar mais bem preparada porque ela tem os recursos"**. Eu acho que mais ou menos por esse caminho. **[quanto ao entendimento político do corpo negro, de afirmar-se negra]** Porque eu acho que, eh, assim, era algo que não era... que era fruto de preconceito, **a pessoa não tinha orgulho de ser preto. Então, com o passar do tempo, poder, eh, dizer isso com orgulho, "eu sou preta", é assim, é uma algo a se comemorar, é algo a se comemorar. Então, eu ajo assim com muito orgulho e, principalmente, é uma forma de repensar e lutar, continuar lutando por melhorias**, porque a gente sabe que ainda tem muito, eh, a se melhorar... o que mais tem são casos de racismo diário. Então, uma pessoa que ela age assim e principalmente uma pessoa que tem esse senso crítico, que pensa assim, não, vou atrás de melhorias... e tudo isso assim, é, eu penso, eh... eu acho... eu acho que é importante que a pessoa tem essa visão que vai muito além de dizer: "ah eu sou preto", eu acho que é vontade, por isso, por isso, **[sobre o acolhimento da universidade no seu ingresso]** Da universidade em si, graças a Deus, foi o acolhimento aí e o acolhimento, eh, verbal, mas também assim, vendo o contexto assim, professores pretos, eh, assim, um local de acolhimento no sentido de ver, eh, várias pessoas pretas além de mim, porque, por exemplo, quando eu estudava no IFMA, era um local que na minha sala, por exemplo, só eu era... eu era uma das únicas pessoas pretas da minha sala. **Então, chegar numa universidade e ver que é uma realidade totalmente diferente, isso também, eh, sai assim como sendo um acolhimento, a pessoa se sente acolhida vendo... vendo esse cenário. [sobre a quantidade de professores negro na faculdade]** Ah, sim, eu acho que uns sete. Uhum. Sete. Claro que a gente sabe que ainda não é o ideal, né? Mas de ver que... que tá avançando é bom. **[sobre a motivação para a escolha do curso de Biblioteconomia]** Eh, o curso era... sempre foi... era um sonho de infância assim. Eh, eu tenho uma prima que é bibliotecária e, além disso, desde criança, eu sempre fui muito assídua em relação à biblioteca. Então, conhecer a profissão desde criança me ajudou a assim, a despertar esse sonho. Com o decorrer do tempo, por incrível que pareça, eu nunca tive dúvidas, tipo assim, não, não, eu quero outro curso, não, agora surgiu dúvida, não, sempre foi um desejo, graças a Deus se realizou. **[sobre o curso de Biblioteconomia promover ações voltadas para a discussão ou menção as cotas raciais ou sobre ações étnico-raciais]** ... não, não, não, não sobre as cotas raciais. Eu tive sim uma aula, inclusive me ajudou a despertar esse interesse por entender mais sobre a questão, ainda mais que era uma aula voltada para a questão da Biblioteconomia, questão racial. Então, isso acabou despertando ainda mais o interesse em compreender um pouco... um pouco mais a respeito. Eh, no caso, era uma aula bem dinâmica em que a gente tinha que... eh, era uma aula sobre marketing e a gente tinha que criar um marketing para as bibliotecas, para eventos a respeito da questão étnico-racial. Então, foi muito bom, foi bem dinâmico. **[sobre campanhas/ações que a Universidade e/ou o curso de Biblioteconomia para a discussão sobre o racismo]** Ainda é muito tímida, principalmente no que diz respeito ao... o departamento em si. Na universidade existem algumas ações de outros cursos, principalmente os que são voltados para essa questão, eh, por exemplo, o curso de estudos africanos acabam tendo essas ações, mas em relação ao departamento é algo que ainda é muito tímido, é pouco falado. **[sobre já ter ouvido falar dentro do curso sobre o conceito de Informação étnico-racial]** Não, nenhuma vez. Perfeito. Na verdade, olhando assim, eu vejo o curso como sendo assim muito... o curso no geral muito tímido para essas questões que deveriam ser discutidas, deveriam ser discutidas e, assim, a função do... do curso em si, ela vai muito além dessa... dessa questão*

da informação, como você falou, da... no caso, tem muita gente que diz: "Ah, que no caso, a intenção é só o tratamento da informação e acabou". **Mas só que a biblioteca em si, ela tem esse sentido de, eh, disseminar conhecimento e é nessa disseminação de conhecimento que a... os bibliotecários, eles acabam sendo agentes ativos para essas... para essas questões. Então, disseminando esse conhecimento é possível, eh, conseguir formar, eh, usuários, eh, uma comunidade, por exemplo, com senso crítico, com que possa refletir mais sobre a sua realidade, que ele melhorar.** Então, eu vejo o curso pouco discutindo sobre essas questões, como o bibliotecário, ele pode ser importante para mudar essas realidades e, principalmente, nas comunidades periféricas, que são comunidades que têm menos acesso a esse conhecimento e a biblioteca, ela pode permitir chegar essa informação até ele. Então, é muito pouco discutido algo que deveria ser levado em consideração, o quão bibliotecário é importante para transformar essa realidade. **[quanto ao entendimento sobre as cotas raciais atenderem as demandas dos ingressantes, ou sua efetividade]** Eu acho que elas me ajudaram muito, eh, no ingresso à universidade, mas eu acho que, eh... **eu acho que ainda precisa melhorar, principalmente no que diz respeito a essa questão mais, eh, de assistência.** Então, ao entrar na universidade, a pessoa, ela tem, eh, esse, digamos que esse benefício, mas depois que entrou, aí é outra realidade, mas, eh, continua... eh, acaba que não tem outra assistência. Entrou, tal, tudo bem, e agora? Então, por... no meu caso em específico, quando eu entrei, eh, dois anos depois eu consegui também por cota uma bolsa de iniciação científica, ação afirmativa. Então, eh, se não fosse por ela, eu passei dois anos, eh, sem nenhum tipo de sustento assim, sem nenhum tipo de, de emprego, estágio, nada. Então, eh, foi graças à ação afirmativa, graças a essa bolsa que eu consegui me manter no decorrer do curso, mas para as pessoas que não tiveram essa oportunidade e que entraram assim como eu por cota, é algo assim que fica a mercê, digamos assim. **Então, ao entrar com a cota, mas depois que entra não tem essa assistência. Então, ainda é algo que eu acho que precisa ser melhorado. [sobre já ter sentido algum constrangimento por ser cotista racial]** Como eu falei assim, eh, no início que... antes de... antes assim que eu entrei foi que eu comecei a ter o melhor conhecimento a respeito da cota. Então, depois que eu tive esse conhecimento, eu comecei a ver, eh, assim, não ter essa vergonha, tipo, eh, se alguém pergunta, eu falo com orgulho que sim, eu entrei pelas cotas, elas me permitiram viver exatamente o que eu vivo hoje. Então, eu acho que é mais a questão do conhecimento que faz com que a gente se retraia em relação a isso, porque antes de, de saber podia ter esse sentimento. Inclusive das próprias pessoas que não concordam com as cotas, muitas vezes é pela questão da falta do conhecimento em relação ao assunto. Por isso, sim, ingressaria novamente, porque eu vejo mais como uma questão de direito nosso, então é algo que deve ser usado. **[sobre se gostaria de mudar alguma coisa na lei de cotas raciais]** E assim, mudança seria justamente o que eu já tinha falado em relação à assistência, né? Que é algo que, eh, a pessoa preta quando ela entra, como eu falei lá no início, é uma pessoa que, assim como eu, muitas vezes as condições econômicas são inferiores. Então, ao entrar na universidade, eu não digo nem só a questão da, eh, questão econômica, mas, por exemplo, como já foi dito, **o próprio acolhimento na universidade, o amparo a essa pessoa, eu acho que é algo que precisa ser melhorado e é algo que como sugestão seria muito bem aproveitado dentro das universidades, esse acolhimento, essa assistência. [sobre as perspectivas como futura bibliotecária]** Eu acho que, eh, eu mesmo, meu desejo atualmente é me formar e, se Deus quiser, eh, conseguir o mestrado, porque o meu... meu sonho até um tempo atrás era ser a bibliotecária e hoje é ser... e hoje é quem sabe um dia seguir a carreira docente. **Então, então eu acho que ingressando na carreira docente seria uma nossa, uma contribuição e tanto, tanto na formação de outros bibliotecários** como também nessa questão da bagagem da experiência com o decorrer do tempo, eh, eu acho que é um desejo meu, se Deus quiser, ainda mais que eu me interessei muito pelo assunto, um dia se realizar de poder contribuir para outras pessoas também essa informação."

Dagoberto

Nascido em Niterói e com 26 anos, Dagoberto se autodeclara pardo e atualmente dedica-se à pesquisa acadêmica, financiada por uma bolsa de

iniciação científica na Universidade Federal Fluminense (UFF). Cursando o 6º período, ele ingressou na universidade em 2022, tendo trilhado todo o seu percurso escolar em instituições públicas.

“O que eu já senti a respeito de ser um estudante cotista é que eu tinha que fazer valer a pena a oportunidade que eu recebi, porque não sou só eu, né, que tô precisando disso, tem muitas outras pessoas precisando”

[Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade] “Olha, como eu sempre fui um jovem que gostava de pesquisar sobre coisas aleatórias, só para satisfazer a própria curiosidade, então o tema das cotas, ele chegou a mim cedo e eu sempre entendi o sistema de cotas como uma espécie de oportunidade de abrir um espaço para pessoas que não geralmente não teriam esse espaço dentro, eh, das universidades, dentro dos concursos, dentro das escolas, um espaço que seria predominantemente ocupado com gente branca, ou pessoas com poder aquisitivo acima da média. **[sobre a compreensão da Lei 12.711/2012]** Pelo meu entendimento, eu explicaria que as cotas foram estabelecidas justamente para facilitar o acesso de pessoas, eh, mais vulneráveis, né, no contexto social, ao **espaço universitário, que é público, é para todos, entre aspas, mas não acolhe todos da mesma forma. Olha, eu me recordo de ter tido uma conversa a respeito disso ainda no período da escola, do ensino médio, mais especificamente, em que eu escutei um colega meu falar que, abre aspas, “para ele esse negócio de cota é uma palhaçada”,** fecha aspas. Eu não preciso nem de escrever que ele era um jovem branco que estudou praticamente a vida toda em escola particular, isso por declaração dele mesmo, né? E que se achava muito mais inteligente do que todo mundo porque ele teve acesso a uma educação que, eh, seria considerada superior à educação das instituições públicas. Isso a gente pode associar ao **sucateamento, né, das escolas públicas, a pouca atenção que o ensino, ensino básico, que a educação básica recebe, né? Que muito se fala em investir em universidade, mas as pessoas não, as pessoas não estão atentas ao investimento da educação básica, que é o que vem antes, né?** Que é, é o que leva o ser humano ao espaço universitário. Então, essa foi a primeira vez que eu tive alguma conversa com qualquer outra pessoa ao meu redor sobre o tema das cotas, foi com esse colega, discordando da existência delas, eh, e também discordando de tudo o que tá por trás, né, do que chamam de **reparação histórica, né?** Muita gente associa a isso a reparação histórica, a oportunidade de equilibrar um pouco o jogo, mesmo sabendo que ele não vai ser equilibrado, não é assim que as coisas funcionam. E é isso, essa é a minha lembrança. Eu me lembro que eu já tinha um entendimento de que algumas pessoas falam esse tipo de coisa porque não precisam daquilo, né? E que ele provavelmente se sentiu prejudicado, dizendo que foi roubado ou alguma coisa do tipo, mas eu naquele momento só encarei como uma pirraça da parte dele, porque na ampla concorrência ele foi incapaz de competir com as pessoas naquela modalidade, **então ele tava procurando alguma coisa para culpar e ele culpou aquilo que não interessava a ele e que não fazia juízo a ele,** né? Não dizer respeito a ele. Aí eu só senti um pouco de desgosto, admito, mas não falei nada a respeito porque não valia a pena na minha cabeça. **[sobre o histórico escolar]** Eu estudei em instituição pública a vida toda, desde o ensino básico, estudei em colégios municipais aqui da região, depois eu passei para um colégio estadual e agora tô numa universidade federal, quase uma escadinha, né? **[sobre a escolha pelo curso de Biblioteconomia]** Olha, antes de fazer esse curso de Biblioteconomia, eu tentei uma graduação em tecnólogo por uma universidade particular, pela [nome da universidade particular], só que eu não consegui ir até o fim dessa graduação por motivos de dinheiro, era o que me faltava na época. Eu até consegui o meu primeiro emprego de carteira assinada, só que a jornada de trabalho não me permitia frequentar as aulas. Eu trabalhava para [uma grande franquias de lojas] e dispensei apresentações sobre o estilo de trabalho que tem lá, né? E depois eu fiquei um período de tempo ali sem, sem estudar, quando fui demitido, né? Até que o, o por incentivo da minha tia, que é professora aposentada atualmente, eu tentei o ENEM novamente e ela disse: “Ah, você tenta isenção, se você conseguir isenção, você faz a prova, não custa nada”. Aí ela me incentivou, fui, fiz a prova, consegui média suficiente e escolhi o curso de Biblioteconomia porque, vou ser honesto, era o que a nota permitia. Não vou

mentir, não vou dizer que eu entrei no curso porque eu sou apaixonado por leitura ou porque os livros me levam para um lugar mágico ou porque eu sou diferente dos outros garotos, mas eu acabei gostando desse curso, vou dar um spoiler, acabei gostando dele, me desenvolvendo bastante, eh, ao longo da formação. Então eu ingresso no curso pela afirmativa, se não me engano, L1 [L1 refere-se a uma modalidade de reserva de vagas para candidatos que tenham cursado integralmente o ensino médio ou fundamental em escolas públicas e cuja renda familiar bruta per capita seja igual ou inferior a 1,5 salário mínimo.], acho que um, que é tanto cotista racial quanto cotista de renda, né? **[quanto ao entendimento político do corpo negro, de afirmar-se negra]** Não sobre esse assunto, mas sobre outros, até porque eu entendo que gênero, etnia, tudo isso é construção do ser humano, isso não é atribuído naturalmente, os animais não, não sabem que são animais praticamente, são coisas que nós construímos e que ocasionalmente poderiam ser diferentes em outros contextos. **Em poucas palavras eu me declarar uma pessoa parda, seria te dizer: "Eu tô aqui, vocês vão ter que me engolir", porque eu tenho uma particularidade que eu tenho, de altura, mas eu sei que as pessoas não me olham assim com espanto por onde eu passo só por causa disso, nem todas. Algumas me olham porque, olha, um cara de cor andando por aí, que tem tempos são esses? Quem deixou ele sair?", alguma coisa assim.** Então, para mim é isso, se declarar negro é dizer: "Ó, eu tô aqui, vocês vão ter que me engolir e eu sangro vermelho da mesma forma que você". **[sobre o espaço da universidade]** Olha, para falar a verdade, eu, para minha sorte, nunca passei por nenhum tipo de experiência desagradável sobre sofrer ou observar alguém sofrendo atos de racismo, de preconceito dentro da universidade. E, no máximo, realmente **escutei esse tipo de reclamação sobre a existência das cotas, mas isso aí tem a ver mais com a frustração da pessoa de não ter atingido determinado resultado porque supostamente foi roubada, né?** Foi desfavorecida só porque alguém nasceu com uma cor diferente, vamos dizer assim. Mas como é que eu vou dizer, me escapou a palavra. **Ah, sim, o que eu observo, na verdade, ao contrário, observo algumas pessoas, eh, debatendo esse tipo de tema de racismo ou, eh, eh, ou situações envolvendo o conceito étnico racial, eh, com muita imaturidade.** Pessoas que batem o pé e falam, eh, que alguma coisa tá errada porque é racismo, coisa do tipo, quando não tem a ver com aquilo. Só que essa pessoa se recusa a enxergar com mais profundidade a situação e por isso atribui ao racismo e acaba desvalorizando o debate sério, porque quando você levanta muito uma bandeira e exagera a respeito dela, quando realmente é para levantar, as pessoas já não dão mais atenção, já não dão mais. Por exemplo, tenho, eu tenho um amigo que faz o curso comigo também e ele também é negro e uma vez nós estávamos discutindo sobre uma situação envolvendo demissão, se não me engano, não tinha a ver com a faculdade em si, mas nós estávamos dentro do ambiente da faculdade, estávamos conversando, então acho que é válido. Nós estávamos falando sobre demissão e o meu amigo supôs, sem ir a fundo, sem procurar mais detalhes sobre aquilo que determinada pessoa foi demitida porque ela era negra ou coisa do tipo. Só que se ele tivesse ido atrás dos fatos, ele saberia que aquela pessoa que passou por esse processo de demissão não estava apta ao cargo. Não procurava se dedicar, não chegava na hora, não era consistente, não se portava, não era educada, não se portava eh com respeito dentro do ambiente de trabalho, mas mesmo assim, ele atribuiu única e exclusivamente ao fato de a pessoa ser negra e, na minha opinião, isso é **esvaziar o tema**, é deixar o tema banal, vazio, usar palavras e termos ao vento só porque tá na moda ou só porque traz algum impacto naquele momento. É um desserviço, como dizem, né? Porque você tira o peso do debate real. No final das contas, daí quando ele é levantado, as pessoas pensam: 'Ah, não tem que dar atenção porque todo mundo fica falando isso o tempo todo'. **[sobre reclamações dentro da universidade sobre as cotas]** Foi dentro da Universidade, pessoas dizendo que queriam ter feito cursos um pouco mais eh, como é que eu vou dizer, mais populares, mais populares no sentido de popularidade mesmo, não de feitos para o povo, né? De pessoas dizendo que queriam ter feito o curso como medicina ou então direito ou então engenharia, aquele tripé que nós adoramos detestar, né? **E diziam que não tinham conseguido fazer porque foram roubadas por cotistas, né?** E quando você observa o comportamento dessas pessoas no dia a dia, elas também demonstram essa falta de comprometimento, falta de maturidade e não conseguem reconhecer que elas não estão onde acham que deveriam estar porque, de fato, elas não foram capazes, não foi porque o cotista roubou a vaga delas, mas novamente essa história de enxergar das pessoas que não precisam daquilo, enxergar a cota como se fosse um presente, um privilégio, **quando na verdade é só uma tentativa de equilibrar um pouco o jogo, de trazer um pouco as pessoas que não estavam ali dentro pro campinho.** **[sobre campanhas/ações que**

a Universidade e/ou o curso de Biblioteconomia para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais] Olha, para falar, por exemplo, da conduta dos professores, eles fazem questão de deixar claro de que existem problemas a respeito disso e trazem pra pra aula, pras discussões, a importância dessa desse olhar assim mais atento ao tipo de coisa que acontece em relação a pessoas pretas, em relação até a pessoas trans também, que é outro tema que é bastante importante que é deixado de lado eh sob o disfarce de um exagero, né? Dizem que é mimimi, que não é importante, justamente porque as pessoas exageraram temas em certos pontos que não não faziam sentido, né? Aí agora o que é importante de fato não recebe a atenção que deveria. Mas nas disciplinas têm aparecido alguns alguns textos sim, envolvendo debate étnico racial e eu confesso que no currículo mínimo ali, no corrente que a gente aprende, não tá ali na grade, não aparece tanto. Aparece mais o que eu o que eu chamaria de Biblioteconomia neutra, que apesar da gente saber que a Biblioteconomia tem um olhar sensível para cada tipo de usuário, para cada tipo de idade, ela não fala tanto especificamente sobre comunidades negras, ela fala sobre comunidade no geral, como se você estivesse oferecendo serviço sem olhar a quem. Só que nós sabemos que quando a gente se aprofunda mais, principalmente nessa questão de estudo de usuários, nós sabemos que as pessoas têm comportamentos informacionais diferentes e têm a ver com os seus contextos, têm a ver com a sua vivência, com a sua visão de mundo eh com a sua relação com a sociedade. Então falta essa distinção, né? De cada caso é um caso. **Eu diria que as disciplinas, elas são mais voltadas realmente ao tratamento da informação registrada, ao tratamento do contexto e origem da escrita, do armazenamento informacional, de como isso pode influenciar o mundo, mas não fala tanto sobre essa questão étnico racial e** o máximo que eu consigo disso alguns professores eh aprofundarem a discussão nesse lado por conta própria, né? Que a pessoa gosta de falar disso ou se eu fizer alguma disciplina optativa ou eletiva que tenha esse tipo de de discussão, esse tipo de autoria, né, na bibliografia corrente, mas não não não identifico assim eh como é que eu vou dizer, não identifico assim na literatura obrigatória ali uma coisa muito específica para temas étnico raciais, nem temas de gênero, nem nada assim. **[sobre ter professores negro]** Olha, sim, mas numa proporção assim, por exemplo, talvez dez ou vinte professores que eu conheça apenas dois são pessoas negras. **[sobre já ter sentido algum constrangimento por ser cotista racial]** Na verdade, não. **O que eu já senti a respeito de ser um estudante cotista é que eu tinha que fazer valer a pena a oportunidade que eu recebi, porque não sou só eu, né, que tô precisando disso, tem muitas outras pessoas precisando** e eu conheço eh um caso até muito particular de um aluno que ele é totalmente o contrário do que eu sou, enquanto eu penso o tempo todo em entregar tudo na hora e correr atrás em fazer tudo direitinho, em manter a postura dentro de sala de aula, ele é o retrato do desleixo e ele abertamente disse para mim que só estava enrolando o no curso para poder pegar estágios remunerados, mas especificamente falando, então eu penso que existem pessoas que, apesar da oportunidade, não dão valor a ela, né? Que tão nessa vida a passeio e tem pessoas como eu que enxergam que não é fácil, não é um presente, não é não é um milagre, **muita gente teve que brigar, botar a faca no dente por essa oportunidade que eu tô tendo, então eu faço o mínimo ali para fazer jus, né?** Já que eu tô tendo a oportunidade, eu vou fazer o melhor que eu puder dentro dela, mas eu nunca senti constrangimento por falar que eu sou cotista, só que eu também nunca senti a necessidade de falar eu sou cotista. Eu sou o tipo de pessoa que sabe reconhecer ali o neutro, para mim, por exemplo, dizer que eu não gosto de uma coisa não é a mesma coisa de dizer que eu odeio, mas também não é mas também não tem motivo para gostar, eu gosto de trabalhar com neutro e dessa mesma forma eu enxergo essa questão da cota, eu não sinto vergonha de ser cotista, mas ao mesmo tempo eu também não sinto a necessidade de ficar falando por aí o tempo todo quando esse não é o assunto ou quando a oportunidade não permite. **[sobre o entendimento das cotas atenderem as demandas dos ingressantes cotista]** Olha, eu acho que talvez eu adicionasse também, fizesse caminhar junto com a lei de cotas eh as iniciativas Ah é isso é iniciativa que fala, tinha outro termo que eles usam, mas as iniciativas para **auxílio à permanência dos estudantes**. Eu acho que eu faria as duas caminharem um pouco mais próximas, porque muitos dos estudantes que entram pelo sistema de cota eh étnico-racial, eles também estão em algum tipo de situação de vulnerabilidade socioeconômica, então talvez eh fazer bom uso eh dos dados que se tem eh a respeito de renda, esse tipo de coisa para fazer essas duas iniciativas andarem juntas, porque, por exemplo, **eu, a época em que eu ingressei na universidade, eu não tinha dinheiro para ir para a faculdade de ônibus, eu não tinha dinheiro para ir até lá, então na teoria eu teria que andar 5 km ou seis para assistir a aula, independente**

de ser de manhã ou no final da tarde da noite e depois eu teria que voltar a pé e se eu tivesse sorte, se voltar a pé seria no meio da tarde, se eu não tivesse sorte seria depois das dez horas da noite voltando pra zona norte e aqui em Niterói isso significa exatamente o que parece a zona norte porque tem lugar contrário, por exemplo, na cidade de São Paulo, se não me engano a zona norte é a zona boa, né, de se viver é a zona mais rica, enquanto a zona sul não é, aqui é o contrário, aqui a zona sul é a zona bonitinha e a zona norte é aquela zona que fica mais deserta, que é onde as pessoas no máximo têm um comércio, mas não têm tantas casas em certos trechos, é onde o pessoal realmente só dorme, depois eles têm que voltar pro centro da cidade para trabalhar, né? Mas é um lugar mais perigoso e tal e eu não teria como pegar ônibus. **Eu tive sorte de ter um pouco de jogo de cintura, combinar com algumas pessoas e tal, correr atrás coisa,** ter quem me ajudasse e agora eu tenho a bolsa de iniciação científica que tem me ajudado muito na permanência, mas quando eu tentei eh fazer uso do das ações afirmativas, lembrei agora das ações afirmativas para permanência, eu falei por o sistema eletrônico, ele não atende o aluno, ele diz que é para, por exemplo, lar certos documentos em um formato, você transforma naquele formato, ele diz o formato é inválido, a página não salva, quando você tenta salvar parcialmente zera tudo de novo, entende? Então se o aluno entrou pelo sistema de cota racial e entrou eh e foi identificado pelo banco de dados que eles quiserem usar **e aquele aluno tá em situação de vulnerabilidade socioeconômico, ele deveria ser contemplado com algum tipo de auxílio, alguma coisa para a permanência dele, porque isso ajuda até a diminuir aquela evasão, aqueles números de evasão de pessoas que não conseguem terminar o curso porque não têm como chegar lá, que moram às vezes no município ao lado, há dois municípios de distância,** tem esse caso, pessoas que moram, não sei se você conhece eh São Gonçalo é aqui do lado de Niterói, mas tem Maricá, né? Fica um pouco mais na borda do outro lado, é outro município, tem pessoas que vêm na capital para cá porque não conseguiram na UFRJ, não conseguiram na Uerj e não têm como curar uma universidade particular por lá, enfim, tem gente que precisa e não é assistida por esse sistema de cota **porque você dá vaga pra pessoa ali, é bacana, deixar que atitude ali é bacana, mas se ela não conseguir chegar ali não vai valer de nada. [sobre a sua vivência com estudante cotista dentro da universidade pública]** Eu acho, eu me sinto como de fato alguém que pode influenciar positivamente nos números, porque quando você entra com esses sistemas eh querendo ou não tem uma expectativa a seu respeito, né? É como se estivessem oferecendo a você uma espécie de bolsa em Universidade em universidade superior e em universidade particular e quisessem que você tivesse determinado resultado. **Eu, como estudante cotista, sinto que eu tenho que ter determinado resultado para fazer valer a pena aquelas pessoas que não conseguiram entrar, né, por nenhuma das maneiras e eu me percebo me percebo realmente como como um competidor, né, naquela naquela busca por terminar a faculdade.** Nesse contexto, nessa situação eh e que tem gente que eh adoraria estar no meu lugar, então eu tenho que fazer valer a oportunidade que eu tive aqui, então eu me sinto basicamente numa maratona. **[sobre as perspectivas como futuro bibliotecário]** Olha, tem pessoas que quando ouvem falar no curso de biblioteconomia, a primeira coisa que elas perguntam é Bíblia o quê? [risos] Depois isso é um clássico, né? Isso é um clássico, todo mundo faz faz essa declaração, né? Fala que escutou isso de alguém e tem gente também que pergunta se tem que ter faculdade para organizar livro numa estante, isso também é outro clássico. Eu particularmente não sabia que o curso de biblioteconomia existia na minha época de escola, não sabia. Depois que eu entrei na faculdade, eu não sabia que a pessoa que tá responsável pela biblioteca escolar na qual eu me escondia de vez em quando para evitar gente chato ou coisa do tipo na hora do recreio, ela precisava ser formada em alguma coisa específica. Eu achava que era só uma professora e tecnicamente em muitos lugares realmente é só uma professora, quer dizer, não só uma professora não vamo né desvalorizar a formação da professora, né? Mas é uma professora readaptada que chamam, né? para cuidar ali do espaço do espaço da biblioteca que eles chamam de sala de leitura para escapar dessa obrigatoriedade de ter bibliotecário. Eu não sabia que o curso de Biblioteconomia era chamado Biblioteconomia e Documentação na UFF, ele te oferece outras oportunidades, um leque maior, porque já que você aprende a lidar com a informação registrada em vários suportes, não só no livro, mas também no formato digital, também no formato de documentos de de outras naturezas, eu comecei a enxergar oportunidade. Tem gente que não sabe que precisa um profissional com essa formação, seja arquivista, seja bibliotecário, não sabe precisa dessa pessoa, então você tem que saber se apresentar, né? Olha, eu sou formado nisso e eu posso fazer isso isso com você, né? Então hoje em dia eu me vejo principalmente

trabalhando em algum lugar que tenha ar condicionado, por causa desse calor, né? [risos] Então provavelmente eu vou querer ingressar em alguma área eh mais específica pro eh para a organização da documentação mista, principalmente na área do direito, provavelmente é onde lida onde com muita documentação, vários formatos e evidência, pode ser o caso porque também é dotado de dados e metadados, tem gente que precisa de alguma e alguma informação ou instrução para tá catalogando, registrando, armazenando e depois recuperando para dar acesso desse tipo de documento e até o momento é para onde eu acho que eu vou apontar, porque eu vou chegar no final da minha graduação e de fato eu vou ter reinserir no mercado de trabalho, mas agora com uma formação diferente e é para onde eu quero apontar para esses lugares que requerem organização, que requerem atenção aos detalhes, é uma coisa que gostam é que são características minhas e eu acho que eu vou me dar bem nesse sentido. Não me vejo trabalhando nesse momento numa biblioteca e porque é um ambiente querendo ou não, ele é mais saturado, é só para esse lugar que as pessoas acham podem ir todo mundo e com quem eu tenho contato tem alguma ideia de pronto, quer ir falar, quer ir pra biblioteca escolar, é meu sonho trabalhar biblioteca escolar. Mentira, mentira quero trabalhar na biblioteca jurídica e tal, eu quero trabalhar, mas a pessoa fala biblioteca... já eu tô disposto a trabalhar em outros locais que me dê essa oportunidade de organizar informação, de destinar informação, seu armazenamento adequado e depois fornecer o acesso a ela eh de forma eficiente, de forma rápida, é para onde eu quero apontar, provavelmente para a área jurídica.”

Isildinha

Aos 29 anos, natural de Patos, Paraíba, mas residente em João Pessoa, Isildinha se autodeclara preta e concilia um estágio com uma bolsa de estudos na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde cursa o 9º período, tendo ingressado em 2020/2. Sua trajetória acadêmica é marcada por um histórico escolar inteiramente construído em instituições públicas.

“O que é a coragem, na verdade? A coragem é ir com medo mesmo assim. A coragem não é a ausência do medo, a coragem é você tá com medo, mas você vai lá e dá a cara a tapa e faz acontecer. Porque foram por causa de pessoas que não tiveram medo de fazer as coisas acontecerem que a gente tem nosso lugar de fala hoje em dia, né?”

[Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade] *"Então, antes de entrar na universidade, no curso de Biblioteconomia, quando eu tinha meus 18 anos, eu tinha tentado o SISU e eu tinha passado em Ciências Sociais e também foi por cota. Eh, falar propriamente da lei, eu não vou dizer que eu tenho conhecimento da lei, mas eu sei, eu sempre soube e sempre tive consciência da importância, né, das cotas para as pessoas pretas, com deficiência, pardas, porque a gente vive num país que historicamente, eh, ele tem uma dívida muito grande, né? Como várias pessoas, né, eh, vê-se muito essa história de que o Brasil foi descoberto, mas já tinha pessoas aqui e, quando eles vieram para cá, eles trouxeram outras pessoas de outro, de outro continente à força, escravizadas. Então, eh, quando eu era mais nova, eu não tinha esse pensamento muito crítico com relação a isso, né, porque pela minha própria criação, eh, eu sou filha de uma mulher branca e o meu pai é preto, e aí eu fui criada só pela minha mãe. E aí minha mãe sempre teve um discurso muito da pessoa branca, né, porque para ela eu não era uma pessoa preta, e aí eu não tinha muita, muita coincidência, muita consciência disso até eu entrar na minha primeira graduação e eu aprender na vivência dentro da universidade. Eh, mudou a minha mente, eh, minha mente abriu novos horizontes, eu aprendi a ler, a pesquisar sobre o assunto, eh, saí muito do meu mundo de, daquela literatura*

fantástica e comecei a ler livros críticos, eh, de pessoas pretas, eh, **comecei a me reconhecer como uma pessoa preta, porque na primeira vez que eu me inscrevi para entrar na universidade**, eu entrei pelas cotas, mas a cota, ela é sempre acumulativa, né? Pessoa preta, parda ou eh indígena, e aí ali até então, eu me entendia como uma pessoa parda, né, porque eu não tinha conhecimento, porque a minha mãe branca, meu pai preto, e sempre teve esse discurso, né? Mas eu, eu tive que entender o meu lugar na sociedade, eu aprendi que eu era uma pessoa preta, aprendi sobre miscigenação, fui aprendendo sobre vários tons e tudo mais. E aí, quando eu entro em Biblioteconomia, há 5 anos, quase 5 anos atrás, eu já entro mais consciente, né? Já, já tenho uma mente mais formada, eh, e aí eu entendo a importância, né, de entrar com as cotas, eu entendo a importância das cotas, **já bati muita boca com pessoas que ficavam dizendo e dizem até hoje que cota é exclusão, e não, mas não, porque apesar das cotas existirem, ainda existe um número muito mínimo de pessoas pretas ocupando o espaço dentro da Universidade Federal. Eh, não só isso, né, mas na nossa própria área, na Biblioteconomia e tudo mais, eu digo isso porque em cada turma que eu estou, uma, duas, três no máximo pessoas são pessoas pretas**. Então, para mim, tem uma, eu tenho um reconhecimento muito forte da importância das cotas, eu ainda acho que é pouco esse tipo de iniciativa, ainda precisa se fazer muito para, eu não sei se eu, acho que não existe, não existe uma forma de, de reformar isso, porque o Brasil, ele é um dos países mais racistas do mundo. A gente é um país que ficou muitos e muitos anos, foi o último país no mundo a acabar com a escravidão, mas ela ainda permanece de certa forma nas palavras, nas atitudes das pessoas, às vezes as próprias pessoas pretas não se reconhecem como pretas. **Eu sou vice-presidente do Centro Acadêmico de Biblioteconomia, fui presidente há um ano atrás e eu tinha feito um levantamento para entender quantas pessoas pretas tinham no curso de biblioteconomia, fiz um levantamento e muitas pessoas se declararam pardas, que elas não tinham esse reconhecimento de que era uma pessoa preta, até hoje elas não têm, elas se dizem pardas justamente por essa falta de conhecimento**, o que é até engraçado, né, sermos profissionais de informação e estarmos tão desinformados. Então, para mim é isso. **[sobre a situação de atrito com pessoas que divergiam sobre as cotas raciais]** Uma bem recentemente, por sinal, eh, eu sou uma pessoa muito assim do debate, sabe, do diálogo, e sempre eu tento de alguma forma passar informação para as pessoas, porque eu sei que existe, historicamente tá explicado porque que as pessoas têm essa falta de conhecimento. **Eu acho que faz umas duas semanas que tinha um aluno aqui dentro do Centro Acadêmico que ele tava falando que achava desnecessário essa questão de uso do, de cotas, que todo mundo era igual e tal. Aí eu disse: "Querido, se todo mundo fosse igual, essa universidade ia ter mais de 50% de pessoas pretas, porque mais de 50% de pessoas pretas no Brasil existem."** E aí eu tive que fazer todo um diálogo, explicar, eh, pedir para ele ler sobre a lei e tudo mais para ele entender, porque no lugar de pessoa branca, ele não conseguiria entender isso, interpretar a importância das cotas. Então a gente teve esse diálogo, ele fez: "Nossa, eh, desculpa e tal." Disse: "É, é, você tem que se informar, você tem que se informar, porque se isso não lhe afeta, então você não tem lugar de fala." **[sobre a falta de conhecimento da população quanto as questões étnico-raciais]** Então, eu acho assim, eh, eu acho que na minha área, na nossa área, a gente debate muito a questão de que as pessoas falam erroneamente, né, precipitadamente, dizem que as pessoas no Brasil não leem, mas aí a gente olha para um Brasil que viveu **eh, mais de 20 anos de ditadura militar, que eles ditavam o que entrava e o que saía dentro de um, de uma biblioteca**. A gente trabalha muito com aquela questão de, ah, porque no governo Vargas, na era Vargas, eh, foi instaurado o INL, que é o Instituto Nacional do Livro, e aí vem ter a democratização do livro, mas não foi dessa forma, né? Porque a gente sabe que eh, eles diziam o que deveria entrar nessas bibliotecas, não era uma coisa democrática, era o estado querendo determinar o que as pessoas deveriam ler. **E a gente também tem um histórico de, tipo, acabou a escravidão, as pessoas pretas, elas ficaram jogadas ao ara, né?** Foi assim que se foi se formando as comunidades no Brasil, as favelas, como dizem,

né? E porque as pessoas não tiveram acesso à educação, não tiveram acesso aos direitos básicos fundamentais, e aí vem muito naquele retardatário de que quando as pessoas começam a ler de fato, o Brasil é um país que não lê, porque tá na nossa história, né? A gente teve uma colonização portuguesa que impunha nas pessoas aquele o acervo português, a história europeia, eh, né? E e tratava a pessoa preta como um ser doente, porque a gente era uma doença no Brasil e no mundo como um todo. E aí a partir disso, as pessoas, a, a demora para alfabetização no Brasil faz com que as pessoas, infelizmente, não tenham eh, esse, esse tipo de conhecimento, esse tipo de acesso. E a comunicação televisiva, ela é muito, eh, como é que eu posso dizer, eh, muito sensacionalista, as pessoas que a gente vê apresentando o jornal são pessoas brancas, recentemente que pessoas pretas começaram a ocupar esse lugar, eh, e eles agem muito como se tivesse fazendo um favor para essas pessoas. Ah, Maju é a primeira repórter que é âncora, eh, apresentando o tempo e tal, e ver pro Fantástico e tudo mais, e aí você vê, né, que eles acham que estão fazendo um favor pra gente, mas não estão, porque se essas pessoas estão lá é porque elas lutaram para estar ali e elas ainda lutam para estar ali. Você vê, né, quando uma pessoa preta, ela ganha destaque, como aconteceu com a Maju, por exemplo, várias crianças começam a se reconhecer nela, crianças pretas, e elas começam a entender seu lugar na sociedade, a importância de ter essa representação. Então a gente fala do acesso ao conhecimento, o acesso à leitura, eu acho que um dos, nunca vai morrer isso, que a leitura, o livro, ele é a melhor forma de conhecimento que a gente pode adquirir, e a nosso, na nossa história, os livros sempre retrataram os portugueses como salvadores do Brasil, não a história não fala das pessoas pretas, elas não falam na escola, a gente não aprende sobre pessoas pretas, a gente aprende sobre Dom Pedro, Dom João e tudo mais. Ah, era Vargas, mas erroneamente as pedagogias nas escolas, eh, de ensino fundamental e médio, elas não ensinam isso para as pessoas, e aí por causa disso, muitas pessoas crescem sem ter esse reconhecimento, sem saber sobre eh, sobre isso. Para mim é muito isso, porque que essas pessoas elas não têm reconhecimento, por que que elas não se reconhecem como pessoas pretas, porque elas não têm acesso ao conhecimento. A maioria dos leitores que estão em destaque, de autores, perdão, são autores brancos, poucas pessoas, eh, Carolina de Jesus, uma Audre Lorde, eh, e aí elas não têm esse conhecimento e muitas vezes até esse tipo de acervo, esse tipo de livro, ele é um, ele é o mais caro, né? Porque geralmente são editoras que não são conhecidas que publicam essas pessoas, e aí as pessoas por causa disso, elas não têm acesso ao conhecimento. Por exemplo, dentro da universidade mesmo, pouquíssimos livros são de pessoas pretas que a gente vai ter acesso nas bibliotecas. As escolas, pelo menos a realidade aqui de João Pessoa, na Paraíba, eh, as bibliotecas escolares estão fechadas para acesso aos alunos, os alunos não têm acesso à biblioteca e quando tem é um acervo defasado. Então, a partir disso, é complicado da pessoa ter esse conhecimento e se reconhecer a partir disso. [sobre o histórico escolar] Eu estudei em escola pública, tanto no meu ensino fundamental quanto no meu ensino médio. [quanto ao entendimento político do corpo negro, de afirmar-se negra] Então, hoje eu vim de me descobrir uma pessoa preta depois dos meus 20 anos de idade, né? Quando eu entro no curso de Ciências Sociais [risos], e aí eu começo, tipo, ciências sociais ali pega você na veia, não terminei, infelizmente, porque eu não me identifiquei com o curso, mas me abriu um "bum" na minha mente. Mas isso me fez refletir por muitas coisas que eu passei quando eu era criança que eu não sabia o que significava até eu reconhecer o que era, porque assim, quando eu estudava, quando era mais nova, eh, aconteceram muitas situações comigo criança que eu não entendia porque aquilo acontecia comigo. Eu sofria bullying [faz com os dedos o sinal de aspas], como se chamava naquela época, porque a minha mãe era uma mulher branca e eu não era branca, as pessoas não entendiam como é que uma mulher branca tinha uma filha preta, e aí passei, eu era chamada de macaca na escola, as crianças jogavam pedra em mim, já aconteceu uma situação dessa, só que eu sempre fui uma pessoa, os povos, as pessoas dizem que eu sou uma pessoa muito fria,

sabe? Porque eu nunca fui o tipo de pessoa que revidava quando era mais nova, as coisas aconteciam comigo, eu ficava calada, eu não levava aquilo para mim, eu fui, eu sempre fui muito consciente quando era criança, eu dizia, isso fala mais sobre elas do que sobre mim. Então eu nunca dei muita bola, e esse meu comportamento fazia com que as pessoas parassem de me atacar e de alguma forma me respeitassem, porque eu não revidava, tinha gente que tinha medo de mim na escola por causa disso, porque às vezes faltava uma piadinha, uma pilera e eu não ligava, não revidava assim. Hoje em dia eu não sou mais assim não, mas quando eu era mais nova, eu aceitava muita coisa calada. A minha própria mãe mesmo, quando tava com momentos de raiva, ela agredia tipo meu cabelo, e meu cabelo era bem cacheado, eh, e aí minha mãe, ela cortava para, porque ela dizia que meus cabelos cacheados davam muito trabalho, aí ela deixava bem curto, porque ele é, ele é até aqui ele é um pouco liso, mas depois ele vai cacheando, e aí por causa disso, eh, eu tive vergonha do meu cabelo por muito tempo, porque como ela cortava, ele ficava bem alto, ficava bem volumoso e aí eu ficava com vergonha de usar ele solto por causa disso. Aí eu comecei a fazer trança, eu aprendi a fazer trança, que era uma forma para mim de deixar o meu cabelo bonito, aí eu aprendi vários tipos de trança, fazia, vivia fazendo trança no cabelo. Quando eu fiz 18 anos, eu disse: "Não, não, mainha, a senhora não vai mais cortar meu cabelo não, quem vai mandar no meu cabelo sou eu." Comecei a deixar crescer, hoje ele tá na bunda enorme, dá um trabalho da moléstia. Eu deixei ele crescer para fazer trança, eu deixei ele crescer para fazer trança, e aí eu começo a aprender o significado das tranças para as pessoas pretas, né? Que era uma forma delas dialogarem e criarem trilhas para poder fugir da escravidão, né? Tinha esse significado simbólico, e aí você vai vendo a os significados através, né, coisas simples que a gente não, né, coisas simples mas que têm um significado muito forte. Mas tudo isso eu só vim, eu vim reconhecer os preconceitos que eu sofri depois que eu me entendi como uma pessoa preta, porque assim, eu sempre fui uma pessoa muito dedicada, eu comecei a trabalhar logo cedo para ajudar minha mãe, e eu sempre era a pessoa ao meu ver que mais se dedicava nos trabalhos que eu conseguia, mas eu era sempre a pessoa mais sacrificada, a pessoa mais jogada de lado, a pessoa que era tratada com qualquer coisa, com, não importasse o quanto eu fizesse, nunca tava bom o suficiente. Eh, recentemente eu tô passando por situações bem assim complexas no curso por causa disso que eu, né, eh, se uma pessoa fala é uma coisa normal, se outra pessoa fala não, se outra pessoa fala uma coisa normal, se eu falo eu sou agressiva, eu sou, eu ataco, a minha forma de falar ela, ela amedronta, eu vim percebendo muito isso. Dentro do curso eu decidi assumir o centro acadêmico há um ano, em 2023, e aí eu tinha coisas que eu não concordava, eu sempre fui o tipo de pessoa e eu fui, dialogava muito com os alunos do curso, porque o centro acadêmico aqui tava fechado há mais de 4 anos, ninguém tava atuando, e aí eu queria saber o que tava acontecendo, fui atrás da gestão antiga para poder pedir uma eleição, porque já fazia mais de dois anos que eles estavam ocupando o centro acadêmico, e aí eu comecei a fazer um movimento, eu comecei a conversar com aluno de aluno em aluno para tentar convocar uma assembleia geral, eu falava da importância do centro acadêmico, eu falava com os professores, só que aí eu até pela própria, pelas próprias pessoas que atuavam comigo no centro acadêmico, eu e mais duas, mais três pessoas, tinham 12 pessoas na gestão, eram pessoas pretas, só que eh, o meu discurso ele sempre foi interpretado como agressivo, até hoje ele é interpretado como agressivo, e isso é um processo que eu ainda tô aprendendo, porque a gente vai aprendendo no dia a dia, e eu ficava me questionando por que que as pessoas estão dizendo que eu sou agressiva, eu não, eu não conseguia interpretar isso, porque quando a uma pessoa branca da gestão falava uma coisa era normal, quando eu falava a mesma coisa eu era agressiva, e aí isso acaba acontecendo tipo, eh, recentemente eu tive um desentendimento com a com a coordenação do curso, e aí porque eu fiz uma crítica às metodologias que são utilizadas no, no curso, porque são metodologias defasadas, são, eh, a metodologia daqui não aborda política pública, a metodologia daqui não

aborda eh, a questão da, da biblioteca negra, a Biblioteconomia daqui não, não trabalha com nada. E aí eu tenho uma coordenadora que ela, observando você diz que ela é uma mulher preta, mas ela não se reconhece como mulher preta, e ela acha um absurdo quando um aluno preto diz que é preto, ela disse: "Não é preto, ele é moreno", ela fala esse tipo de coisa, e aí tipo, críticas que eu faço mesmo, e aí eu, né, acontece essas situações, dizer que **ah, tome cuidado com ela, ela é ameaçadora, ela é agressiva,** eu só publiquei isso e estão dizendo que eu sou, eu tenho um discurso agressivo, e aí a partir disso você começa a interpretar o que isso significa, por que que a outra pessoa branca falou a mesma coisa que eu falei e ninguém dá a mínima, mas porque eu falei eu sou agressiva, eu sou perigosa". E aí, tô passando por essa questão assim de estar visada pelos professores por causa disso. Eles dizem que eu sou perigosa, que eu sou agressiva, que a minha fala é agressiva. **[sobre a escolha pelo curso de Biblioteconomia]** Bom, eu assim, eh, eu não queria estudar Biblioteconomia, na verdade, foi minha segunda opção. Eu queria cursar Direito, mas alguma coisa dentro de mim, toda vez na hora que eu fui fazer a escrita, ficou dizendo: "Bota Biblioteconomia como segunda opção, bota Biblioteconomia como segunda opção". Aí eu coloquei. Eh, eu não passei por causa de uma pessoinha só em Direito, mas eu passei em Biblioteconomia e aí eu comecei a estudar Biblioteconomia. Por que que eu botei como cotas? Porque eu já tinha consciência de que eu era uma pessoa preta e aí, eh, para mim, por mais que, porque assim, hoje em dia tá tendo essa questão, né, de que se uma pessoa preta tiver uma nota muito alta, ela não vai entrar com cota, ela vai deixar a cota para outra pessoa entrar. Mas na época que eu entrei no curso, não tinha isso ainda. **E aí eu entrei porque assim, para no meu ponto de vista, seria a única forma de eu entrar na universidade, seria através das cotas, porque se fosse pela ampla concorrência, eu não iria conseguir,** por mais que a nota fosse razoavelmente baixa, mas eu acredito que era um, é um, era um direito que eu tinha que exercer, meu. Então foi por isso que eu me inscrevi. E Biblioteconomia foi uma paixão, eu me apaixonei, eh, quando eu tava no meu primeiro período, meu primeiro dia de aula, eu tive uma aula com a professora [cita o nome da professora], e ela falou muito da paixão dela pelo curso, ela, o amor dela transbordou, né? Eu gosto, posso dizer assim, e eu achei muito interessante a forma como ela falava com amor do curso, porque a gente vem pro curso com uma visão muito fechada de que, ah, vai fazer uma graduação para organizar livro. E a partir do momento que eu entro em Biblioteconomia, que eu começo a estudar de fato, que eu começo a fazer pesquisas, porque eu sempre fui uma pessoa muito curiosa e o que era dado em sala de aula nunca era suficiente para mim, então eu sempre ia pesquisar mais, ia ler mais e a partir disso, eh, eu começo a entender a importância da Biblioteconomia para a sociedade, né? O curso de Biblioteconomia foi o segundo curso do país, deveria ser um dos cursos mais valorizados do Brasil, ele não é e isso se deve muito ao próprio profissional que não dá o seu devido valor. E aí a partir disso, eu começo a ver que é preciso ter uma luta pela Biblioteconomia. Eu não sei assim, dentro de algum, **no meu alto ego, eu disse que eu ia fazer alguma coisa para mudar, para melhorar e eu tô tentando fazer o que eu posso.** Eh, e aí eu comecei a me apaixonar, comecei a mostrar para as outras pessoas. Foi por isso que eu entrei no centro acadêmico, porque para mim seria uma forma de mostrar para as pessoas que estavam entrando no curso a importância do curso para a sociedade, para elas continuarem, porque a grande maioria não entra porque escolheu, eh, mas nos últimos tempos eu tô pegando muita turma que escolheu fazer Biblioteconomia e tá querendo, porque tá aqui porque quer. E aí para mim é, eu sou uma pessoa suspeita porque eu sou muito apaixonada pelo que eu faço, muito apaixonada pelo que eu faço, então eu hoje eu vejo que não era para ser Direito, era para ser Biblioteconomia mesmo. **[sobre campanhas/ações que a Universidade e/ou o curso de Biblioteconomia para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais e a quantidade de professores negros no departamento de Biblioteconomia].** Então, aqui dentro do meu curso que eu possa contar, deixa eu contar aqui quantos professores pretos: [cita o nome de alguns professores do departamento] são três professores que se

consideram pretos. Eh, temos esses três de um total de 44 professores, né? Professores, temos três professores que se declaram pretos e uma dessas, desses dois, na verdade, desses professores não são de Biblioteconomia. Aí, mas, eh, são três professores do departamento que se declaram pretos, o resto são declarados pessoas brancas. **Eh, dentro da, da aqui no meu centro, no curso, desde que eu entrei, nunca teve um debate falando sobre cotas raciais ou falando sobre Biblioteconomia negra, por exemplo. Eh, isso é um déficit muito gritante que tem aqui no nosso curso, essa, isso é um, eu acho muito preocupante isso, porque aqui a maior preocupação deles é só dar as aulas deles, enfim, eles não querem esses tipos de debates porque para eles é desnecessário. Eh, eu acho que se tivesse outros professores com esse reconhecimento de pessoa preta, o número de pessoas pretas seriam maior, de professores pretos, porque para mim, na minha interpretação, teria uns sete professores pretos, mas eles não se consideram e ainda são racistas, porque ainda acontece isso aqui, falas racistas em sala de aula. Eu tenho uma professora aqui na, no curso que ela teve uma fala tão absurda em sala de aula uma vez que ela foi dizer que não entendiam por que que as pessoas iam para a África, que ela achava desnecessário estudar as pessoas pretas, isso é só para dar um exemplo do que acontece aqui no curso. [sobre situações preconceituosas e ou ate mesmo racistas dentro da universidade]** Então, diretamente não, né? Diretamente não, mas, eh, de certa forma tem essa, aquele, aquele racismo velado, né? Mas a comigo nunca aconteceu diretamente de alguém falar ou por questões disso, mas o que a gente, o que tem muito é falas dentro de sala de aula mesmo. **Tipo, já teve uma situação com uma aluna que ela me relatou, ela é uma pessoa preta e ela disse que uma vez a bolsa da professora caiu, ela foi apanhar a bolsa da professora para entregar para ela e a professora limpou a bolsa porque ela tinha tocado na bolsa e isso foi o que ela me relatou, ela se sentiu muito constrangida com isso. E aí tem essas, esses racismos velados dentro do curso, a não, às vezes por falas indiretas ou por atitudes mesmo, mas aqui é muito preocupante o que acontece ultimamente no curso de Biblioteconomia, porque assim, eu não vou justificar porque para mim não existe justificativa pro racismo, mas eles se valem muito da questão de idade, porque dizem que é um tempo diferente, que acha desnecessário. O outro relato que aconteceu há um ano e meio atrás, teve um concurso para professor substituto e aí só era uma vaga, mas botaram no edital porque diz na lei, né, que terá uma vaga de cotas depois de a partir de três vagas, né? E aí, eh, esse, esse professor que se inscreveu, ele se inscreveu como uma pessoa preta e aí ele não passou, ele não atingiu a nota mínima. E aí foi questionada a cor da pele dele, teve uma reunião departamental para questionar isso, a comissão na época que fez o concurso ficou dizendo que devia acabar com isso, tem que acabar com isso de cota, que eu acho desnecessário, falas de professores e inclusive era a pessoa que tava como comissão que achava desnecessário e aí ele entrou com a causa na justiça. Pronto, pode recontar aí que é quatro professores que declaram pretos que eu me tinha lembrado disso recentemente. Eh, ele entrou na justiça com processo e aí ele conseguiu a vaga, aí hoje ele tá ministrando aula, mas isso é só algumas coisas que acontecem aqui, esses tipos de questionamento quando tem concurso que acha desnecessário ter essa questão de cota preta, que não tem para que ter isso e tudo mais. [nesse momento a participante cita suas experiências positivas com alguns professores do departamento, por questão de sigilo, essa parte da conversas foi retirada]** **[quanto ao entendimento político do corpo negro, de afirmar-se negra]** Então, eu acho que isso é uma frase muito, eu acredito muito nisso porque, eh, tem muita gente que às vezes não se declara preta por medo. **Então, para mim, dizer que eu sou uma pessoa preta é um ato político porque a gente tá num país que mata pessoas pretas como se fosse nada no Brasil.** Então, é muito necessário, é muito importante que a gente se, se reconheça como pessoa preta, reconheça a nossa história e se afirme assim, porque é uma forma de lutar, é uma forma de sobreviver, porque uma pessoa preta passa perto da outra, ela é acusada de, de assalto, a gente vê vários casos diariamente, já teve muitos absurdos no Brasil de uma pessoa ser morta porque dando a

justificativa de que ela tava armada sem ter verdade. Então, é uma forma da gente lutar e de sobreviver, então a gente se afirmar, se reconhecer e se descobrir como uma pessoa preta é muito importante por causa disso, porque, eh, historicamente a nossa cultura, ela é, ela é afro e ela é um, é indígena. Então, a partir do momento que a gente reconhece isso, a gente se reconhece, a gente sai daquele estigma de europeu dentro do Brasil, isso é, é muito preocupante as pessoas ali não se reconhecerem assim, porque quando a gente não se reconhece como a gente não se afirma, acontece o que acontece. Então, é, é importante que todo mundo se junte, todo mundo lute, cause, que as pessoas saibam lutar pelos seus direitos porque acaba acontecendo isso, essa alienação que acaba acontecendo, muitas pessoas vão querer dizer para outro que ela é, ela não vai se reconhecer como aquilo que ela de fato é. **E quando a gente tá na nossa comunidade, quando a gente se reconhece como pessoa preta, é um ato político sim, porque estar vivo é um ato político, a gente existir é um ato político, entende?** Porque todo santo dia as pessoas tentam apagar a nossa história, tentam nos diminuir, eh, a gente vê, por exemplo, o carnaval, uma das maiores culturas brasileiras que é uma cultura preta que todo mundo se apropriou dessa cultura e aí a pessoa diz, eh, comidas, eh, costumes, danças, formas de se vestir e tudo mais são culturas pretas e as pessoas não reconhecem isso, se apropriam da nossa cultura e diz que a cultura é delas. Então, eu acho que tá na hora de se acabar, da gente dizer que isso é nosso. Isso pertence a gente, eh, eu acho que eu não acredito mais naquela questão de tipo relativizar, eh, deixar outra, uma pessoa branca ter esse lugar de fala, porque por mais que ela, eh, entenda, porque é o papel dela é entender isso, **o papel da pessoa branca é entender isso que historicamente as pessoas brancas, elas fizeram isso com as pessoas pretas, os europeus fizeram isso com as pessoas pretas, então ela é não é mais do que a obrigação dela reconhecer o papel dela na sociedade, mas isso não dá ela o lugar de fala, o lugar de fala tem que ser da pessoa preta.** Então, eh, esse, por para mim é por isso que dizer que eu sou uma pessoa preta é um ato político, é um ato de sobreviver e de viver na sociedade. **[sobre já ter sentido algum constrangimento por ser cotista racial]** Eh, então, nunca me senti envergonhada de ter entrado com por cota, nunca me senti envergonhada por causa disso, eu não acho que seja um motivo de vergonha. Eh, e se eu tivesse que voltar no tempo, eu entraria sim, claro que assim, eu sou uma pessoa muito que eu não gosto de tirar o lugar do outro, então se hoje, né, eu fosse entrar na universidade, se eu fosse fazer o Enem e eu tivesse uma nota muito alta que eu saberia que eu entraria para a concorrência, eu não entraria por cotas porque eu queria dar uma vaga para uma pessoa que quer entrar na universidade, eu teria essa consciência hoje, mas eu não me arrependo não, porque eu sei que eh, é a justiça social que a gente tem por enquanto para entrar na universidade. **Então, para mim é muito importante e para mim as vagas ainda são poucas para pras cotas, são, eu não é uma coisa que eu nunca vou entender porque que as pessoas gritam tanto.** Ai, meu Deus, vai me fazer lembrar de outra situação. Eh, recentemente, né, que tô em final de curso, não tô fazendo concurso e aí teve uma situação, né, que eu tenho uma colega de estágio que ela é de Arquivologia e aí, eh, teve, teve uma situação que a gente tava falando sobre pessoas pretas e eu fiquei muito feliz com a coisa que aconteceu quando saiu o resultado de Arquivologia das vagas que tinham para Arquivologia na Justiça Federal, oito pessoas que passaram eram pessoas pretas, elas tiveram as maiores notas no concurso e eu achei isso de uma coisa incrível, eu fiquei feliz, eu fiquei tão feliz vendo isso e **essa menina, ela é uma mulher branca e aí ela simplesmente ela ficou indignada porque ela ia, né, porque tipo, ela na cabeça dela, ela perdeu uma vaga porque tinha vota pra pessoa preta, só que assim, independente da cota, essas essas pessoas elas tiveram as maiores notas, independente da vaga de costas.** Então, o número de pessoas pretas entrando poderia ser muito, entrando serão muito maior porque além de ter as os 2% obrigatório ainda tem essas pessoas que passaram com a maior as maiores notas e aí ela ficou assim porque ela foi desclassificada, ela teve uma nota boa mas ela não conseguiu passar e aí tava lá a lista de que das pessoas que foram para que vão ser botado lá, né, que tem aquela questão da, tem as

vagas e tem a vaga reserva dessas 20 pessoas 15 vão ser pessoas pretas que vão estar nessa vaga e eu disse, cara, eu achei muito eu achei muito foda eu tava comemorando super feliz e ela toda assim calada e meio que com medo eu acho de falar alguma coisa que ela fosse se arrepender depois, mas eu percebi na atitude dela, no comportamento dela que ela não gostou disso e ela ela soltou um tipo: "ha não sei para que isso de cota", só que ela se arrependeu e pediu desculpa pelo que ela falou e aí eu falei eu disse "Minha filha você tem que valorizar as cotas minha querida você é uma mulher privilegiada pelo amor de Deus." E ela dizendo "Ô mulher não sei o quê..." não você tem que aprender isso cara você tem que entender isso ó pessoas pretas estão tendo as notas máximas foram as pessoas que tiveram as melhores notas entenda isso independente de você conseguir ou não é um elas conseguiram por mérito delas elas estudaram para isso entendeu" e aí eh eu fiquei super feliz eu disse que parecia que era eu que tinha entrado que tinha conseguido, eh, e eu fiquei muito feliz com isso. E aí, tipo, eh, veja esse exemplo, né? Tipo, a pessoa, muitas vezes, a gente ainda tem esse papel de educar, né? **A gente tem que educar as pessoas com relação a isso, que às vezes é um pouco cansativo. Uma pessoa que está dentro da universidade, já estudando, o mínimo que ela tem que fazer é se formar, mas a gente ainda tem que educar essas pessoas da importância das cotas e das pessoas pretas estarem dentro da universidade, porque são essas pessoas que, com isso, vão fazer pesquisa, vão ser exemplo, vão ser exemplo de luta, de causa e tudo mais para as outras pessoas que ainda estão sonhando entrar na universidade, para ver a importância.** [sobre o entendimento das cotas atenderem as demandas dos ingressantes cotista] Não, não acho que atende. Não acho que atende. Eu digo isso quando eu caminho nos corredores da universidade, eh, é muito pouco. E era justamente o que eu queria completar desse pensamento de ter pessoas incomodadas com a existência das cotas, como se isso tivesse roubando o direito, roubando a vaga delas, o que não é verdade. Porque você vê, a gente, o Brasil, mais de 50% da população brasileira é pessoa preta, é pessoa preta, e essas pessoas não têm destaque, essas pessoas não estão sendo mostradas assim, não têm a oportunidade de atuarem, e são pouquíssimas pessoas que têm essa oportunidade, que lutaram para alcançar isso, gritar e falar e atuar politicamente. Então, para mim, não é suficiente, para mim, não é nem 2% suficiente do que ainda precisa acontecer. Essa justiça social que tanto se busca acontecer no Brasil ainda tem muito caminho para lutar, muito caminho mesmo. A gente, vou no meu viés político aqui, a gente só teve 20 anos de democracia no Brasil, 20 anos de democracia, porque a gente passou pela escravidão, depois veio ditadura, aí tivemos governos de extrema direita, tivemos governos de centro que não tinham como viés essa causa de lutar pela equidade social, a equidade racial e tudo mais, mas a gente teve só 20 anos desse, e foram esses 20 anos desse governo que promoveram essas cotas, que deram oportunidade. Não é muito, não é o suficiente, mas é alguma coisa, né? É alguma coisa, mas precisa lutar muito, precisa ter muito movimento ainda, eh, tem que mudar muito isso ainda. Acho muito pouco, porque você vê, fazer um concurso com 10 vagas e só 2% é para pessoa preta, isso não é suficiente. [sobre as perspectivas como futura bibliotecária] Então, eu sou uma pessoa muito ativa politicamente, então a minha perspectiva não é nada além disso, de lutar pela Biblioteconomia, pela valorização da Biblioteconomia. A minha área de pesquisa é políticas públicas, eh, **meu TCC vai ser sobre atuação bibliotecária, porque para mim ainda existe um déficit muito gritante de atuação dos bibliotecários nas lutas pelas políticas públicas.** Eh, então para mim, eh, eu sou uma pessoa ativa politicamente, eu tô em Centro Acadêmico, eu pretendo atuar em Associação Profissional de Bibliotecários, eu pretendo atuar em CRB, CFB, tudo que for político eu pretendo atuar, porque eu acho que é muito importante essa atuação política na nossa, não só na nossa área, em todas as áreas. Então, eu, ah, minha filha, eu sou o tipo de pessoa que vai militar, que vai para a rua. Eu participei de DCE, o DCE que eu participei foi um dos mais ativos politicamente que teve dentro da universidade. O DCE que eu participei foi o DCE que lutou no CONCEP para ter cotas de vagas para pessoas pretas na pós-graduação da

UFPB, porque não tinha vaga destinada a pessoas pretas. O DCE que eu participei lutou para ter vagas para pessoas trans na pós-graduação e vagas para as pessoas da pós-graduação na residência universitária, e tudo isso eles conseguiram porque mais de 70% dessa gestão era pessoa preta, era pessoa LGBT, era a pessoa que tava em condição de rua, são pessoas muito, muito ativas politicamente, e eu aprendi muito com elas também, aprendi muita coisa com elas, porque, eh, quando você junta tudo, você é uma pessoa LGBT, **eu sou uma mulher lésbica, eu sou lésbica e sou preta, e quando você junta tudo isso, você é uma pessoa LGBT, você é uma pessoa preta, a luta da gente é muito maior, então, porque, né, tem graus e graus de racismo e** tudo mais, que além do racismo ainda tem o preconceito, eh, tudo, o preconceito é geral, né, no caso, mas é tudo estrutural, tudo tá, tudo ali naquela tabelinha. Então, para mim, eu não vejo eu fazendo outra coisa além de ativar, de atuar politicamente, e é uma coisa que eu eu falo muito para os alunos que vêm aqui, e eu falo muito isso, que é muito importante que a gente lute, porque se a gente não lutar, as coisas vão cair, e o Brasil cada dia tá na corda bamba, a gente, né, saiu de um governo, eh, autoritarista de extrema direita com discursos de ditadores, então se a gente não lutar, esses tipos de pessoas vão ocupar esses espaços, como está acontecendo nos Estados Unidos, que, né, o país mais racista do mundo, que mais mata a gente preta no mundo, tá com essa questão aí, e o Brasil pode ir pelo mesmo caminho, então se a gente não lutar, se a gente não ficar na luta, vai acontecer o pior aqui também, então a gente não pode permitir que essas pessoas tomem o poder e deem continuidade a esses massacres que acontecem. **[sobre a sua vivência com estudante cotista dentro da universidade pública]** Rapaz, eu não sou muito boa falando de mim, não, mas vou ver quem eu sou, né? Bom, eu sou uma pessoa completamente apaixonada pelo curso que eu faço e eu quero transbordar esse amor para outras pessoas também. Eh, quero lutar pela Biblioteconomia. Eh, eu sou uma pessoa ativamente política que vai lutar por tudo que eu puder lutar. Vai, se tiver que enfrentar processo para isso, eu vou enfrentar processo. Eh, não tenho medo de nada, porque eu acho que a gente ter medo não resolve, não tem solução. A gente tem que ir além do medo, né? Porque o que é o medo? **O que é a coragem, na verdade? A coragem é ir com medo mesmo assim. A coragem não é a ausência do medo, a coragem é você tá com medo, mas você vai lá e dá a cara a tapa e faz acontecer. Porque foram por causa de pessoas que não tiveram medo de fazer as coisas acontecerem que a gente tem nosso lugar de fala hoje em dia, né?** Quando a gente olha a história do feminismo, por exemplo, as mulheres pretas que estavam à frente disso, dessa luta, né, e foram marginalizadas e jogadas para escanteio pelas feministas brancas... Não estou aqui querendo dividir, mas isso é a história, é a realidade. A gente vê a história do feminismo negro nos Estados Unidos, por exemplo, as mulheres negras trabalhavam, atuavam e ainda tinham tempo de militar e de lutar. Mulheres negras que abriram os caminhos para os escravizados fugirem lá, as mulheres negras aqui também abriram caminhos para que fugissem também. Então, eh, tem que ter muito esse reconhecimento de luta, né, de de de interpretar. Então a história, ela nos mostra que tipo, essas pessoas lutaram para que a gente estivesse viva hoje, para que a gente tivesse os direitos que poucos mais temos, temos hoje. Então a gente não pode deixar isso morrer, a gente tem que continuar lutando, porque se a gente anda hoje, foi porque outra pessoa abriu o caminho para poder a gente caminhar. Então a gente tem a responsabilidade social de abrir caminhos para outras pessoas e eu carrego muito isso comigo. Eu tenho muito essa responsabilidade comigo, que eu tenho uma responsabilidade social gigantesca na sociedade, tanto como pessoa preta, como pessoa LGBT, como pessoa aluna de Biblioteconomia. Então, isso para mim é essa, eu acho que eu me defino assim."

Cida

Nascida na capital do Rio de Janeiro, Cida, de 21 anos, que se autodeclara preta, concilia um estágio com seus estudos na Universidade Federal Fluminense (UFF), onde cursa o 6º período, tendo ingressado em 2022. Sua trajetória escolar foi integralmente realizada em instituições públicas. Cida atualmente está fazendo estágio em uma biblioteca municipal.

“Ah, eu me entendo como vencedora, porque é graças às cotas que eu tô ali estudando, conseguindo ter uma profissão, né, me formar. Então não me sinto uma resistência tá ali, que cada coisa que eu já passei também.”

[Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade] “Então, é, eu estudava, né? Sempre estudei, mas só que, tipo, eu não tinha ciência. Meus pais assim não conversavam comigo, inclusive meu pai era contra cotas. Aí eu fiquei, “Querido, eu acabei de passar por cota, quer que eu faça o quê?”[risos]. Tô discursando, aí ele conversava comigo. Minha mãe também, né, como ela só estudou até o fundamental e tal, e o meu pai foi até o ensino médio, mas deu uma parada aí. **E ele falava, né, o discurso dele era que isso tornava o preto inferior, né?** “Ah, porque isso tá dando vantagem pra gente”. Só que a gente precisa dessa vantagem porque a gente sofreu muitas, eh, muitas, como é que eu vou dizer? A gente não teve nada, né? A gente não teve uma política social pra gente, tudo foi tirado da gente, a gente que foi conquistando devagar, né? Então, o “Eu” de antes não conhecia a questão das cotas, entendia pouco e foi basicamente isso. **[sobre a fala do pai quanto a não aceitação das cotas raciais]** Não, não imagino, não entendo, não sei se foi discurso assim de colegas de trabalho, não, não entendi muito, que ele só tinha essa ideia, por causa de um amigo conversou com ele, mas agora já metade do curso, aí ele, “Não, agora eu entendi porque fulano me falou...”. Aí eu não entendo, nunca entendi, nunca sentei para perguntar o porquê também. **[sobre o ingresso na universidade pelas cotas raciais, o porque da escolha]** E não, fui mó cara de pau, eu, ó, nota tá baixa, tem que recorrer a alguma coisa [risos]. **[sobre campanhas/ações que a Universidade e/ou o curso de Biblioteconomia para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais]** Deixa eu ver, hum, bom, dentro de sala de aula não só os professores acabando com a nossa raça [risos], mas assim, o assunto de cotas não foi falado sobre, ninguém menciona. Eh, não sei, o centro acadêmico abandonado, né? Então quase não tem movimentação da parte dele. Eh, quase não vejo, quase não vejo mesmo. Tenho só uma professora negra. Olha, a gente não conversa sobre isso, a gente fica mais focado em fatos, não sei o que, ditadura, não sei o quê, censura. A gente fica mais, nessas questões que são fomentadas mais essa parte aí de ação afirmativa, né? Questão social, não, nada. No máximo um professor que fala mais dessa parte social, que é o meu orientador, né? Puxo muito o saco dele, mas com razão, mas só ele [risos]. **[Sobre o entendimento das cotas raciais, agora dentro da universidade]** O entendimento que assim salva vidas, né? É muito necessário, a gente precisa muito, porque me salvou. Minha nota foi horrível, então se não fosse pelas cotas ia ficar aí, ó, batendo cabeça, tentando arrumar dinheiro ou parar de estudar porque eu tava trabalhando, né, no sistema da CLT, sem, sem tá estudando, e era sempre o desejo meu continuar estudando qualquer coisa, porque eu queria fazer Farmácia, eu não queria fazer Biblioteconomia. E quando eu vi que eu tinha nota para passar, eu, “Essa aqui que eu vou”. Aí eu me apaixonei pelo curso, eu tô até agora. **[sobre a escolha pelo curso de Biblioteconomia]** Eu sentei, assim como teve a segunda edição, né, que eu passei na segunda edição, eu sentei, eu falei, “Calma aí, eu vou fazer, eu vou ver todos os cursos que tem”. Eu fui estudando um a um, aí eu vi, “Pô, eu na verdade, é, eu fui estudando assim, maneira esporádica assim, mas quando eu fui sentar mesmo para pegar assim uma lista reta assim”,

aí eu parei entre arquivologia e biblioteconomia, eu falei, "Olha, acho que isso aqui é uma opção". Aí eu vi, fiquei entre Arquivologia e Biblioteconomia, mas eu falei, "Pô, acho que eu vou para a Biblioteconomia mesmo, né?". Aí eu vi a questão da documentação, porque eu sempre quis trabalhar com papel, com documento, coisa chata, né? Aí eu falei, "É, é, é sobre isso". Aí quando eu vi eu falei, "Ah, qualquer coisa, quem tá com chuva pra se mudar não vai dar certo", e deu certo [risos] **[sobre as perspectivas como futura bibliotecária]** Eu espero fazer um mestrado, né? Que eu conseguir, é, eu espero fazer o mestrado, quero trabalhar em dois lugares, dentro de uma biblioteca e em um outro lugar na parte de documentação. É assim mais ou menos onde eu queria trabalhar, tô vendo ainda, né? Porque é um leque, a Biblioteconomia tem um monte de áreas e eu quero ver qual que eu quero parar mesmo, que eu quero conhecer todas. **[sobre como compreende o curso de Biblioteconomia para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais]** É um Processo. A gente tá caminhando, eu vejo os professores, discussões, a gente tá caminhando, mas a princípio agora não tem, não vejo assim. Sim, assim, tem debate, discussão, mas trazer a questão da lei, as cotas, assim, falar de maneira bem direta sobre, não tem ainda, mas eu acho que a gente tá para isso. **[quanto ao entendimento político do corpo negro, de afirmar-se negra]** É, é um ato político, né? Que a gente entra nessa confusão, que nem eu fico confusa, eu sou preta, sou parda, que que eu sou? A gente fica muito preso nessa questão. Eh, eu tinha uma matéria, desenvolvimento, eh, tem um e dois, eh, eu cursei a a primeira e no final das aulas a professora, ela sempre fazia uma roda de biblioterapia e ela tinha uma colega de trabalho, e ela trouxe um livro da Conceição Evaristo, "Olhos d'água", né? Eu não sei se foi esse ou se foi outro, mas foi um dos livros da Conceição Evaristo que ela trouxe, que ela narrou algo do tipo a questão de tipo você tem que assumir que você é, né? Acho que tava, não lembro bem, mas era questão do de um livro que tava falando de de uma trajetória de uma mulher negra desde o pré-escola até a faculdade, aí quando a menina chega na faculdade ela se depara com essa questão e ela, né, que ela é negra, né? E e falam isso para ela, pra menina, ela gostava de alisar o cabelo, né? Aí falam para ela assim, "Ah, você tem que assumir o que você é". **Então foi basicamente isso, você tem que assumir o que você é, né? Se você é preta, você tem que assumir que é preta, não fugir disso, né? E é muito importante isso na minha cabeça.** **[sobre se a ação em sala de aula a fez refletir sobre quem ele é]** Então me fez pensar que basicamente eu fui fazendo as coisas sem ter noção, eu fui me assumindo negra sem ter noção, porque minha mãe era branca, aí ela destruiu meu cabelo, eu fiquei careca no fundamental, eu ia nem aí, mas ela não queria cortar esse cabelo, eh, continuasse alisando e eu falei, "Não vou cortar". Ela que chorou no meu lugar. **Então fui fazendo as coisas sem ter noção que isso me ajudou a a me tornar preto de fato, entendeu?** Porque eu só fui fazendo as coisas, né? Fui, fui indo atrás de de brincão, né? Porque normalmente mulher preta gosta de de brincão, não é uma regra, não entendeu? Mas sabe essas coisas assim, meu, eu não vi a minha mãe usar, toda minha mãe, aí, minimalista, aí, que não sei o que, cabelo liso, não sei o quê. Então dava muito, bate aquele negócio e eu fui fazendo as coisas sem perceber. Aí quando eu vi eu, gente, vocês, vocês estão, agora eu tô meio lá atrás. **[sobre o histórico escolar]** Estudei em colégio público particular, acho que foi do primeiro ao terceiro ano assim fundamental, aí o ensino médio eu cursei todo no no CIEP lá em Caxinas. Os professores assim, os melhores eram a das ciências humanas, né? Aí os melhores saiu na frente eram esses professores. Então foi muita coisa que assim, aprendi História, Geografia, Língua Portuguesa, essa foi essa parte, porque Matemática, Física ficou muito apagado para mim. **[sobre as discussões quanto as relações raciais durante o período escolar]** Deixa eu tentar lembrar. Olha, tentando assim, poucos eram os professores que falavam sobre. Teve um professor que ele tentou fazer um trabalho assim, ficou, ficou bom. Ele tentou, foi legal a intenção, porque ele tentou fazer um trabalho para reunir todas as entidades religiosas de cada religião, assim, representante da religião, aí foi tipo uma peça, só que aí desandou algumas coisas, né? Tipo, chegou na parte de matriz africana, de candomblé, ele chamou uma pessoa branca para fazer Iemanjá, homem ainda, que o rapaz era homossexual, enfim, aí eu fiquei, não, não deu, entendi a intenção mas não gostei. **[sobre a sua vivência com estudante cotista dentro da universidade pública]** Olha,

meu pai que botava medo, "Olha só, você, ó, é do Candomblé, cuidado que as pessoas de Niterói são racistas, não sei quê". Aí eu cheguei lá, eu, dentro da bolha do meu curso, as pessoas sempre me acolheram bem, os professores sempre buscaram entender meu lado, né? **Tem alguns que são difíceis mesmo, mas nada exorbitante, bem tranquilo.** Assim, eh, como é que eu vou tentar falar? Teve uma professora, ela simplesmente, tipo, a gente entrou em greve, aí a professora pegou, foi de férias, mas não falou para ninguém, ficou quietinha, aí os monitores dela ficaram dando aula. Quando ela voltou, não sei se ela voltou com a pá virada, aí o único texto que eu não tinha lido que ela mandou, ela, "Gente, vamos ler texto tal, que não sei o quê". Ela foi falar, daqui a pouco ela parou a aula assim, olhou para um lado, olhou para o outro, "Gente, vocês não leram o texto, não?". Aí eu, "Não". Ela, "Mas por quê?". Eu falei, "Foi o único texto que eu não li, eu estava sem tempo". Aí ela, "Ah, mas também se você for desse jeito, tu nunca vai conseguir estudar nada". Aí ela perguntou para uma amiga do lado, ela, "Ah, que você não olhou o texto?". Ela, ah, a minha amiga explicando que tinha gente doente na família, que ela não tava com cabeça, fala, "Ah, minha filha, você nunca vai ter cabeça então, né? Porque vai ter sempre alguém doente". Isso aí, essas velharias aí da UFF... **[sobre o entendimento das cotas atenderem as demandas dos ingressantes cotista]** Assim, eh, ela é muito necessária, ela me atendeu bastante, entendeu? Só que chega na assim, perde meio que sentido. Por que perde meio que sentido? **Porque a gente consegue a cota para entrar, sabe? Mas para conseguir auxílio estudantil, questão de moradia, é todo mundo igual, acabou. Só que não é, a gente precisa muito caminhar.** Tem, eh, a UFF tá até caminhando, tá até melhorando né, nas para pegar auxílio e onde fica as pessoas negras não tem, entendeu? Eu tinha auxílio, mas só que acabou, porque tem que ir atrás de edital, coisa que eu acho horrível também, que a pessoa tem que esperar, enquanto isso as aulas vão acontecendo. Ah, é exatamente, aí tem que esperar edital para poder renovar e tal, uma coisa que deveria ser automática, né? Porque nas outras universidades é automático, se você entra por ação afirmativa, você já ganha bolsa direto, dependendo da sua cota, né? Eu acho, né? Acho que para todas as formas assim. E uma coisa que não acontece na UFF **[sobre a sua vivência com estudante cotista dentro da universidade pública]** Ah, como entendo como vencedora, eu entendo como vencedora, porque é graças às cotas que eu tô ali estudando, conseguindo ter uma profissão, né, me formar. Então não me sinto uma resistência tá ali, que cada coisa que eu já passei também. E eu acho que é o mais ou menos assim, a gente precisa melhorar muita coisa, mas só o fato de tá ali, mesmo sendo um grupinho assim, pequenas pessoas, até que em Biblioteconomia vejo eh bastante pessoas negras, pessoas negras, né? Porque tava lendo assim uma matéria ou é acho que foi uma matéria que que diz, né, que negras conseguem, né, eh, avançar, ter uma produção através da Biblioteconomia, entendeu? Consegue se levantar socialmente através da Biblioteconomia. Ô, chegar na universidade para estudar, acordava 3 horas da manhã, aí meu pai gostava de me deixar no ônibus, aí eu tinha que acordar junto com ele basicamente também, se eu não acordasse eu não conseguia chegar no horário das aulas que é 9 horas. Dificuldade para arrumar estágio para poder manter as passagens e até um aluguel perto da universidade, às vezes dinheiro pro bandejão, apesar do bandejão ser barato demais, mas falta, às vezes não tem. Pobre sofre com dinheiro assim. E é, foi basicamente a dificuldade de locomoção financeira para se manter. Eu já pensei várias vezes em trancar. ”

Francilene

Nascida em Cachoeirinha, Rio Grande do Sul, mas mora em Gravataí, Francilene tem 21 anos, identifica-se como parda e dedica-se integralmente aos estudos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Cursando o

5º período, ela ingressou na instituição em 2022, tendo construído seu histórico escolar inteiramente em escolas públicas.

“Eu não sei se talvez a sensação de que eu não tenho... eu não tenho tempo a perder, eu não tenho o privilégio [...] . Eu já estava ali no... no segundo semestre, ainda que no início, eu não tinha coragem de trocar porque eu já tinha passado por muita coisa até ali, eu já tinha gastado muito dinheiro com passagem, eh, eu já tinha gastado muito dinheiro com... com lanche, eu já tinha feito meus pais se sacrificarem muito. Então, ao mesmo tempo em que eu tinha uma vontade de não estar ali, eh, eu sentia que eu tinha que ficar ali, sabe?”

[Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade] "Antes da graduação, eu lembro de só saber assim, que existe uma coisa chamada cotas raciais, mas não cheguei a ter um conhecimento sobre isso. Por exemplo, no terceiro ano do ensino médio, os professores não falavam disso. ãhn, não ouvi falar sobre isso na família porque minha mãe estudou acho que até a quinta série, meu pai até a quarta, então eles não têm assim, sabe, um conhecimento maior sobre as coisas. ãhn, e sabia assim, pouco, pouco, acho que só sabia que existia algo chamado cotas sociais, que eram essas vagas reservadas para pessoas eh, negras, quilombolas, indígenas, mas não sabia como isso acontecia, como eu ia chegar lá. Bom, deixa eu ver o que eu lembro. Eu acho que eu pensei assim, ó, por ampla concorrência, pode ser que eu não consiga, então eu vou, vou colocar as cotas. Eu lembro que eu coloquei também aquela da pessoa que vem de escola pública. E também a cota racial. A única coisa que eu lembro assim. Então, o meu processo, ele foi bem turbulento porque não tinha conhecimento de nada. ãhn, eu fiz o ENEM, eh, aí eu lembro que minha nota foi toda uma média de 500, eu tirei 500 em tudo e eu achei aquela nota muito ruim por algum motivo e eu não me inscrevi nem no Sisu, nem no ProUni, mas eu fiz o vestibular da UFRGS, e logo em, a gente tinha vagas remanescentes da, porque a gente tava ainda na pandemia. Então, um desses, desses cursos de vagas remanescentes era Biblioteconomia, porque quando eu fiz vestibular, eu não fiz para biblio, eu fiz para Educação Física, só que eu não, não, não consegui a nota suficiente, né? Então, só consegui para Biblioteconomia. E aí me inscrevi naquela, naquela vaga e passei. E aí ali tinha a opção de colocar, né, a ampla concorrência ou a cota racial, eu coloquei por cota, por cota racial. Tô gostando do curso, tô gostando sim, apesar de muitas questões, muitas situações, né? Eu acho que se eu, se eu não gostasse tanto, eu já teria trocado. **[sobre situações preconceituosas e ou ate mesmo racistas dentro da universidade]** Sim, basicamente isso, porque então eu tô no Rio Grande do Sul, né? 80% da população é de pessoas brancas, 20% são pessoas negras e desses 20%, pouquíssimas estão na universidade como estudantes. Na UFRGS, por exemplo, no campus que eu tô, que é o campus saúde, **tem muitos profissionais negros na limpeza, por exemplo, jardineiro, as moças que limpam o banheiro, ãhn, quem fica na, na portaria, os homens que ficam na portaria, mulheres que ficam na portaria.** Já a gente assim, eh, como estudantes, somos poucos e na Biblioteconomia menos ainda, né? Então, eu acho que a Biblioteconomia em si, por ter esse caráter assim mais elitizado, já é complexa, principalmente pela questão do aqui do currículo, né? Eu não sei como é em outras universidades, mas aqui a gente não, não tem assim um currículo que vá abordar, eh, eu acho que autores não europeus, por exemplo. Isso é, é muito difícil se identificar assim e querer ficar no curso quando a gente se depara com isso e também quando a gente se depara com as pessoas que estão à nossa volta, que estão no curso, né? Os professores que são a maioria brancos também. Eu fui ter contato com uma professora negra, foi acho que só no segundo ou no terceiro semestre, que foi a professora [nome da professora], eh, e foi justamente ela veio de, de Minas Gerais e foi justamente nesse momento que ela veio para cá que ela passou por um caso de racismo. Aí o pessoal da Universidade se organizou, fez um super ato e foi a partir dali que eu comecei a ficar

mais próxima dela, identifiquei mais com ela também e eu acho que foi um dos motivos que me fez ficar, ter criado um vínculo com ela. Eu me senti, eu acho que primeiramente assim, muito vulnerável, como se isso não foi comigo, mas como se fosse também, sabe? Por ser uma coisa assim tão perto, uma coisa que foi uma pessoa do próprio curso, eh, que se sentiu confortável para fazer isso, sabe? **Pra ameaçar uma professora, para cercar uma professora numa escada, se eh, se o racista fez isso com a professora, para ele fazer com uma aluna que não tem a mesma autoridade, é, né, é o mesmo que nada.** Então acho que eu me senti assim, vulnerável, me senti, eu acho que agora me fugiu a palavra, mas frágil, eh, diante de tudo isso, sim. **[sobre o caso de racismo que aconteceu com uma professora dentro da universidade]** Foi assim, eu tava voltando para casa de ônibus, eram acho que 08 ou 07 da noite, porque na época eu tava estagiando ainda e como eh, Porto Alegre fica 2 horas mais ou menos de Gravataí, aqui da, da minha casa, eh, eu demorava bastante assim para chegar, então eram mais ou menos o deslocamento total dava 3 horas. Então se eu saía de lá às 05, eu chegava aqui no meu bairro umas 08 horas mais ou menos. E aí eu lembro que falaram isso no grupo do WhatsApp, alguma pessoa falou: "Gente, vocês viram o que aconteceu com a professora [nome da professora], que ela foi ameaçada?" E quando falaram assim, ameaçada, nossa, foi, fiquei muito preocupada, porque ameaçada, ameaçada de quê? E aí eu lembro que eu comecei a tremer, o meu olho começou a lacrimejar assim, aí eu descí, ãhn, fiquei na parada de ônibus acompanhando o grupo, aí eu falei: "Gente, a gente tem que fazer alguma coisa." Aí eu na época não era tão próxima da [nome da professora], então eu enviei um e-mail para ela perguntar como ela tava, para tentar acolher ela também. Eu também disse alguma coisa sobre **"eu entendo como tu se sente porque essa Universidade não me acolheu desde o momento da minha verificação racial"**, uma coisa assim, porque minha verificação racial, porque a UFRGS, eles colocam, eu não sei se nas outras universidades é assim, mas eles só colocam uma lista no, no portal da Universidade dizendo as pessoas que estão sendo convocadas, o dia e o horário que essas pessoas têm que ir lá. E como eu não sabia absolutamente nada, porque eu não tive, eu não tive ninguém para me ajudar em todo esse processo de entrar na universidade, eu fiz tudo sozinha, fiz tudo sozinha e eu não sabia disso, eu não sabia que tinha uma lista que eu tinha que olhar aquela lista e acompanhar aquilo lá. Então perdi a minha verificação racial e no outro dia eu fui até lá, porque não respondiam por e-mail, eu fui até lá com a minha irmã, aí a gente não sabia onde era a tal da, da Reitoria, a gente ficou dando voltas e voltas pelo campus perdidas e uma coisa, uma pessoa falava que era por um lado, outra pessoa falava que era pelo outro lado e aí finalmente a gente, a gente chegou lá. **Eu lembro que as pessoas ãhn, que iriam remarcar a minha verificação foram bem grosseiras, não foram nada receptivas** e aí eh, disseram para eu voltar no outro dia num horário tal para fazer a verificação. E aí no outro dia eu fui lá, mas enfim, só para explicar que foi uma coisa bem turbulenta também. E aí eu falei pra [nome da professora] sobre essa questão, né, de que desde, desde a minha verificação racial eu não me senti confortável em ser uma pessoa negra na UFRGS e obviamente não comparando a situação, né, porque são, a gravidade é muito maior, mas eh, para tentar realmente, né, ãhn, fazer com que ela se sentisse acolhida também por alguém e mandei esse e-mail para ela. Aí logo depois, acho que na, na semana seguinte ou algumas semanas depois, até a poeira baixar, a gente teve aula com ela, daí ela explicou tudo o que tinha acontecido. E aí uns alunos do, dos, dos centros, dos cursos eh, se organizaram e se organizaram também com os eh, os diretórios acadêmicos de toda a Universidade, de vários âmbitos da Universidade se organizaram e daí fizeram um ato, né? **Eh, pela expulsão do racista. [sobre o acolhimento dentro da universidade]** Eu acho que isso mudou de um tempo para cá, mas ainda não é um, um lugar em que eu me sinto confortável, que eu me sinto bem e não é um lugar em que eu sinto, me sinto segura para ser eu e também para me expressar. Hã, eu lembro que no início ali, primeiro, segundo semestre, eu tentava falar alguma coisa, por exemplo, na sala de aula, naquele entusiasmo de, de pessoa que tá iniciando e logo já, já tinha alguém para rebater

o que eu tava falando ou algum professor para dizer que, para contrariar, para dizer que não é bem assim. **Enfim, eu lembro também que teve uma aula, foi sobre a classificação da Dorothy Porter e aí eu falei alguma coisa sobre uma, uma colega falou alguma coisa sobre: "Ah, por que isso é esquecido? Por que isso é silenciado? Por que não se fala da classificação da Dorothy Porter", que eu me lembro, ela fez uma, uma classificação sobre questões sociais e daí ela falou: "Ai, ela é uma pessoa branca", ela falou: "Ai, por que não se fala disso? Por que isso é esquecido?" E eu lembro que eu falei que foi é pelo mesmo motivo que não se fala, por exemplo, dos lanceiros negros que luta, que lutaram aqui no Rio Grande do Sul na Revolução Farroupilha, pelo mesmo motivo que não fala de, de vários líderes negros, né, que atuaram em várias lutas, em várias revoluções no Brasil, que é o racismo, né? Que é o apagamento de tudo o que remete aquilo que é não branco. E eu lembro que depois da aula, no final, a professora me, me falou que eu tinha que ter cuidado com o jeito que eu falo as coisas, porque ela acha muito importante eu ser assim, ela acha muito importante que o meu corpo se porte dessa maneira, mas eu não posso falar dessa forma porque não são todas as pessoas que entendem o que eu digo, sabe? Então ela me podou de certa forma. Então foram, são, foram várias situações assim que foram acontecendo que tu precisa ter muita força para, para resistir, sabe? Para continuar sendo o que tu és, para continuar e tendo um corpo negro em meio a todas, tantas pessoas que não querem que tu esteja ali, que não querem que tu fale o que tu fala. Então foi isso [voz embargada]. **[sobre já ter sentido algum constrangimento por ser cotista racial]** Bom, eu acho que eu não me sinto envergonhada, apesar de ter muitos motivos para me sentir envergonhada e para me sentir acanhada, porque eh, eu acho que como eu posso dizer assim, o meu, a minha não minha formação, mas o meu conhecimento sobre questões raciais e em saber que eu sou uma pessoa negra, né? **Porque aqui no Rio Grande do Sul, pela formação assim do Estado eh, e também pelo processo de embranquecimento da população, dado tão certo isso, eu sinto que afetou muito também as pessoas negras** e é muito aquilo que o Fanon fala sobre o racismo internalizado. As pessoas negras aqui têm um racismo internalizado muito grande a ponto delas serem nitidamente negras e não, não reconhecerem que são negras. Tem pessoas aqui, eh, pessoas negras retintas que não se consideram negras, tem pessoas aqui negras que não me chamam de negra, me chamam de morena ou se declaram morenas, sabe? É uma coisa assim bem triste, bem problemática, mas apesar disso e desde muito cedo eu tive, tive esse reconhecimento de que eu sou uma pessoa negra, né? Eu acho que também muito pela influência do meu irmão, que ele é uma pessoa da cultura hip hop, então sempre teve muito, sabe, essa ligação com questão racial, com a cultura de rua, com a resistência e ele me influenciou muito nisso, eh, desde a minha infância. Inclusive ele me mandou uma foto esses tempos que ele achou num computador dele que tá nós dois juntos, eu acho que eu tenho uns cinco ou seis anos na foto e eu tô de punho cruzado e eu não sei assim, não tenho a mínima ideia, sabe, de, de onde que saiu aquilo, nem me lembrava da foto, mas eu achei incrível porque eu era muito pequenininha e eu tava na foto de punho cruzado. E então eu acho que isso, graças ao meu irmão, né, graças a à influência dele, eu, eu acho que eu sempre estive muito preparada para essas coisas, né? Não preparada porque preparada a gente nunca tá, por mais que a gente estude, por mais que a gente leia, toda a situação racista que acontece é um baque que te paralisa e te faz pensar: "Nossa, sabe, tô sem reação, tô sem palavras" [voz embargada]. E mas enfim, continuando, eu sinto que eu não, não tenho problemas em, em falar que eu sou cotista, em conversar sobre isso, em trazer questões raciais para sala de aula. Eh, já fiz trabalhos também sobre, sobre a questão das cotas raciais, sempre tento trazer e sempre tento trazer para sala de aula a questão, as questões sociais, a questão da negritude, a questão do feminismo negro, **porque isso me atravessa, sabe? Porque eu sou uma mulher negra, porque isso é o que eu vivo e não tem como separar isso de mim.** Foi na cadeira de psicologia social e foi um seminário em que foi em dupla e aí a gente tinha que falar sobre alguma questão que a professora, que a professora colocou assim, uma lista. Então**

tinha a questão de racismo, tinha história da loucura, eh, questões de gênero, várias coisas. E aí eu optei por falar sobre racismo. E como tinha um, um outro colega negro na, na sala que quis falar sobre isso também, a, a gente optou por falar sobre a nossa vivência enquanto pessoas negras, né, na universidade e aí falamos da questão das cotas sociais. **[sobre a sua vivência com estudante cotista dentro da universidade pública]** Então, eu acho que inicio ali pelo processo que eu falei anteriormente, de que foi bem turbulento, primeiramente... primeiramente conseguir acessar ali essa questão da universidade, a questão das cotas, por não ter um... um respaldo, tá? **Por ter que fazer isso sozinha, por desde o início já estar num processo de solidão. E eu acho que depois, quando eu entro, eu percebo também que eu continuo sozinha, sabe?** [voz embargada] Mas ainda assim, alguma coisa me faz ficar, alguma coisa me faz ficar. **Eu não sei se talvez a sensação de que eu não tenho... eu não tenho tempo a perder, eu não tenho o privilégio de já estar no segundo semestre, que era uma... uma coisa que eu pensava muito. Eu já estava ali no... no segundo semestre, ainda que no início, eu não tinha coragem de trocar porque eu já tinha passado por muita coisa até ali, eu já tinha gastado muito dinheiro com passagem, eh, eu já tinha gastado muito dinheiro com... com lanche, eu já tinha feito meus pais se sacrificarem muito. Então, ao mesmo tempo em que eu tinha uma vontade de não estar ali, eh, eu sentia que eu tinha que ficar ali, sabe?** [voz embargada] E... e apesar de ser bastante doloroso também. Bom, agora já estou no quinto semestre, estou... eu acho que assim, na metade, né, da graduação. E acho que continua sendo um processo, um processo solitário. Eh, apesar de ter a professora [nome da professora], que é uma pessoa que me inspira muito, é uma pessoa que me faz querer ficar, uma pessoa que me dá muita força também. E agora está me dando vontade de chorar [voz embargada], nesse momento paramos um pouco, perguntei se a participante gostaria de continuar ou deixar para outro momento mas ela quis continuar]. Hã, deixa eu ver onde eu estava? Falando da professora [nome da professora]. Ela... ela sabe de tudo isso, ela sabe dessa nossa relação de... eu acho que de... não sei se uma relação de mãe e filha... ela diz que ela... que eu sou a filha dela, ela tem várias alunas que são filhas dela, né? Mas eu acho que é uma relação assim muito... eu acho que de irmãs, talvez, não sei. É um sentimento bom, um sentimento de que eu tenho para onde recorrer agora. Eh, muitas vezes também eu já... já falei para ela de situações e tal. **Eh, ela diz para eu mandar as pessoas à merda, mas eu não... eu ainda não tenho... ainda não tenho essa coragem, ainda não consigo... ainda não consigo fazer isso com os racistas, apesar deles serem péssimos comigo.** E... eh, não consigo agir dessa forma, mas vou agindo de outras formas, né? Eu acho que continuando em pé, continuando fazendo o que eu quero, porque eu quero e não porque... não porque eles me fazem... eh, ter vontade de desistir, sabe? Apesar disso, eu **estou lá porque no fundo eu quero e hum... porque eu mereço isso também. Nós, pessoas negras, a gente merece isso também. Ah, é tão difícil acessar, né, esses lugares. E aí depois, quando a gente acessa, tem esses obstáculos que fazem querer a gente sair correndo, mas não dá, a gente tem que... tem que se unir, tem que se unir.** **[sobre ter passado por situações de racismo dentro da universidade]** Então, eu acho que todas as situações que eu passei são muito veladas, muito sutis assim, mas que eu acho que por eu ter o conhecimento sobre isso, me... me pega muito, sabe? **Eu acho que se eu não soubesse reconhecer, eu não... não doeria tanto, mas como eu... como eu reconheço, são coisas que me machucam.** Por exemplo, um... esse caso que eu falei da professora foi algo bem ruim. Eh, também uma vez em que foi no primeiro semestre, eh, uma professora falou assim, eu não lembro exatamente o contexto, **mas eu lembro que ela falou que aquele discurso de que as pessoas são pessoas e daí a gente tem, aí, uma pessoa aqui que é branca, uma pessoa com deficiência e eu... eu não vi quando ela fez isso, mas uma colega viu e aí ela apontou para mim e disse: "Ah, a gente tem uma pessoa bronzada". E gente, eu não sou bronzada, né? E eu na hora não... não me toquei que ela estava falando de mim, justamente porque ela falou que era uma pessoa bronzada e eh... não foi assim algo que nossa, que me... que me machucou, que foi horrível, mas**

foi uma coisa bem desnecessária, né? **Uma coisa que invalida toda... toda uma história.** Hã, deixa eu pensar em mais alguma que seja da universidade que agora eu não consigo lembrar. Mas eu sinto que... que tem tantas coisas. Tem uma que eu lembro que foi num estágio, né, de Biblioteconomia, e eu já estava lá seis meses e duas vezes a pessoa da portaria, quando eu entrei, ela pediu para eu guardar minha bolsa. Só que eu... eu já estava trabalhando lá seis meses, eu via essa... essa pessoa da portaria todos os dias, era uma recepcionista. E aí duas vezes eu cheguei lá e ela falou: "Ah, tu pode guardar tua bolsa, por favor?". Aí eu... eu lembro que teve a primeira vez que eu parei e só fiquei assim olhando para ela, acho que esperando ela me... me reconhecer, reconhecer que eu sou uma pessoa que trabalhava ali. E... e daí da outra vez eu lembro que eu falei: "Ah, mas eu trabalho aqui". E... e foi isso assim, e ela basicamente... basicamente me via todos os dias, não olhava para minha cara, né? **[sobre campanhas/ações que a Universidade e/ou o curso de Biblioteconomia para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais]** Assim, além deles, [três professores negros que ela citou] não, eu não sinto que os outros professores são abertos para isso, não. E eu sinto que os professores nem sabem falar disso. **Eh, sinto que eles são bem despreparados, apesar de serem doutores, apesar de terem... eh, não sei quantas qualificações, eu... eu sinto que para isso eles não são abertos, eles não estão preparados, eles falam muitas atrocidades. E... e a Biblioteconomia, o curso em si, hum, eu acho que isso acaba refletindo aquilo que os professores são, né? Porque se a gente tem professores que não... não estão preparados para falar sobre cotas raciais, para falar sobre questões étnico-raciais, a gente vai ter um curso que não... que vai formar bibliotecários que também não pensam sobre isso. [sobre mobilizações da universidade, mas antes da questão de racismo que aconteceu com a professora]** Hum, eu acho que talvez... eu não lembro, só que eu não lembro se foi antes... eu acho que foi depois que teve um... que teve... todo ano tem novembro negro, só que eu só tive a oportunidade de participar de... eu acho que um até agora que foi de 2023 ou 2024 não foi... então ou foi em 2024 não foi... já tinha acontecido. Eu acho que quem faz essas coisas mesmo... mesmo são mais os alunos negros assim, é muito difícil de... de ver essas... esses debates, essas coisas acontecendo, movimentos. **[sobre as perspectivas como futura bibliotecária]** Eu ainda não tenho certeza, mas eu penso ou em fazer concurso ou em trabalhar em bibliotecas... biblioteca escolar, porque bom, concurso é a opção que a maioria das pessoas têm. Também não... não pretendo seguir carreira acadêmica e biblioteca escolar porque eu fiz um curso de auxiliar de alfabetização enquanto eu estava no ensino médio, então eu dei algumas aulas de reforço, tive esse contato com criança e eu gosto bastante. Então essa é uma opção também. **[sobre ainda em futuras oportunidades optar pela política de cotas raciais]** Eu acredito que sim, acredito que sim, porque é um direito, né, que eu tenho, então não tenho por que eu não... eu não optar pelas cotas. **[sobre o entendimento das cotas atenderem as demandas dos ingressantes cotistas]** Hum, se ela atende as demandas... demandas no caso... bom... to com medo de ser contraditória, mas vou falar o que veio à minha mente. **Ãh, eu acredito que ela funciona parcialmente, por quê? Porque não sei se ela está chegando a todas as pessoas que ela pretende chegar, eh, apesar de que... eh, ela já tem o quê? mais de 20 anos .** Então, eu acho que eu vou continuar o meu raciocínio dizendo que eu não acho que parcialmente porque não sei se ela chega a todas as pessoas, se ela atende a todas as pessoas que se pretende atender, se pretende chegar. Não sei também se apesar desse tempo as universidades têm... eh... estrutura para... para lidar com isso, para falar sobre isso e também para... para acolher esses estudantes, para fazer com que esses estudantes se sintam pertencentes... pertencentes, eh, além de ou então serem vistos só como os estudantes cotistas, sabe? **Fazer com que a gente se sinta parte disso e não algo à parte. Eu acho que é isso."**

Carla

Nascida em Porto Alegre e com 23 anos, Carla se autodeclara negra e atualmente é bolsista dentro da universidade, conciliando essa atividade com seus estudos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde cursa o 4º período, tendo ingressado em 2020/2. Seu histórico escolar revela que cursou um ano do ensino fundamental em escola particular e o restante de sua formação em instituições públicas.

“para muitas pessoas negras isso realmente é, é um grande evento da universidade, sabe? Representa uma grande coisa, uma ascensão não só financeira, mas uma ascensão de, de vários aspectos para a família, sabe?”

*[Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade] “Eu tive contato com esse assunto desde muito cedo, assim, né? Ahn, porque eu tive uma abordagem racializada dentro de casa, né? Eu sou filha de um pai branco, né? Mas aqui no sul, ele é considerado “encardido”, e a minha mãe, negra. E eu fui educada e criada pela família da minha mãe, né? Tive sempre contato com os meus avós, tanto que atualmente estou morando com eles. Ahn, e aí, desde muito pequena, eu tive essa questão racial muito forte, assim, ou cresci dentro de casa ouvindo que “**parda era papel**”, sabe? Ahn, eh, quando era, por exemplo, quando eu era muito pequena, quando eu tinha uns 3 anos de idade, teve um grande evento aqui no Rio Grande do Sul, que foi no, ahn, é como se fosse um quilombo, que é, a gente tem a questão da tal da Revolução Farroupilha, né? E aí, lá na região dos Farrapos, é de onde é a família da minha mãe – eh, Pinheiro Machado, Pelotas, Rio Grande, essa região que teve a questão dos Lanceiros Negros –, teve um evento da comunidade negra, eh, promoveu isso lá em 2004. E aí eu fui, quando eu era pequena, tive muitos momentos de participar do movimento negro durante a minha trajetória como indivíduo, assim, sabe? Meus pais sempre levaram. Eh, participei de grupos do movimento negro quando era adolescente, **então, quando eu entrei na universidade, eu já tinha essa, essa consciência racial, essa, ahn, essa identidade racial, né?** Então, ah, a minha irmã também, ela é cotista, ela, ela é minha irmã mais velha, né? Seis anos mais velha. Então, ela já tinha entrado na universidade também, não na mesma, ahn, ela tinha entrado em Pelotas, em Santa Maria, nas federais de lá, como cotista racial também. Então, a gente, a gente sempre teve esse tipo de, de coisa discutida dentro de casa. E também aqui no Sul, ahn, não tem muito essa, essa dúvida. Muitos ambientes são ambientes predominantemente brancos e que a gente é racializado ao adentrar esses lugares, assim. Não tem muito, quando a gente acessa alguns ambientes que são principalmente mais, ahn, assim, de, de classe mais elitizada, né? Ambientes mais elitizados geralmente são onde tem presença maior das pessoas brancas, e as pessoas brancas, principalmente que vêm do interior, elas já te, já te colocam assim, né? **Te colocam uma placa, não tem essa questão de, de se questionar se eu sou parda ou se eu sou preta, qual dessas nomenclaturas, porque automaticamente já tem isso, sabe?** Então, foi isso a minha trajetória, questão racial. *[sobre as cotas raciais]* Ahã, era uma coisa que eu sempre ouvi dentro de casa, até porque meus pais são professores, né? Então, era uma coisa que, como eu já tinha visto a minha irmã, ahn, entrando na universidade antes, né? Ela entrou acho que foi em 2013, então, muitos anos atrás. Os meus pais, eles participaram também dessa questão da, eh, da luta pela questão das cotas raciais, assim, né? Eles, eles tiveram, ahn, essa questão de manifestações, eles tiveram, ahn, eh, nessa, nesses, nessas movimentações lá no começo do, do século agora. Então, é uma coisa que eu sempre tive contato. Não tive muito um questionamento*

de não, ah, não utilizar, sabe? ãhn, assim, eu, eu tendo um contato com outras partes do campus, né? O meu campus é o campus saúde, então, ele é o campus mais elitizado dos três é que assim, o que que acontece? Isso uma professora minha contando, uma professora branca, uma das mais antigas do curso, ãhn, ela contou que na época da ditadura, eles trouxeram os cursos da Comunicação e da Ciência da Informação ali pro campus da Saúde, porque era um ambiente para tirar eles lá das Ciências Sociais, pessoal de História, e trazer para um, para um lugar que tivesse menos contato com isso. Então, deixaram perto do pessoal da Medicina, da Enfermagem e tal, e aí colocaram o campus ali. Era para ser provisório, tem, tem o nosso prédio lá, que é o anexo, que tem esse nome ainda, que era para ser anexado, enfim, trouxeram. Aí tinha uma imagem também de que o pessoal da da Biblioteconomia, era mais certinho e colocaram junto com o pessoal do Jornalismo, com o pessoal, ãhn, dessa área. Então, é meio aleatório assim, no meio, o resto tudo ali é, eh, Farmácia, é só, eh, na área da Saúde. Então, ãhn, eu, eh, tenho tido muito contato com pessoas da área da Saúde, né? E até minha bolsa é ali no campus, eh, no prédio do curso de farmácia, e eu vejo como é elitizado, sabe? Como o acesso à universidade pública é extremamente elitizado, porque quando eu vou no campus da área da Educação, que eu já fiz cadeira lá, é tipo outro universo, sabe? Porque ali na, até vi vários colegas brancos reclamando, e desde o começo do curso, de que eles não iam comer no RU ali da área da Saúde porque se sentiam incomodados, porque é um ambiente muito elitizado, a maioria dos cursos são da área da saúde, e aí é, é só a gente branca, é, é gente que, que ganha viagem para, sei lá, para a França, ãhn, para os Estados Unidos como presente por tirar boas notas, esse tipo de coisa, sabe? Eu sento no, eu sento no RU, às vezes, se não é o pessoal da Comunicação, né, o pessoal do Jornalismo, ãhn, ali daqueles cursos que são nesses cursos ali que nós ainda tem uma grande presença da, da negritude, mas o pessoal da área da saúde é um ou outro, sabe? Agora, nos últimos anos, ainda tá tendo mais presença, por exemplo, na biblio, quando eu, **quando eu entrei, era só eu e mais uma assim, negra, e não era muito, pouco, pouco se via.** Agora, dos últimos três anos para cá que eu tô vendo bastante gente entrando no curso e tal. E aí, ãhn, em relação, né, a isso da, de **como eu me vejo dentro da universidade como cotista e tal, eu vejo que é, é ainda, ainda tá muito desigual, sabe?** Essa porcentagem tá muito desigual e parece assim, até relacionando ao pessoal dos indígenas, né? A gente tem o ali, Campos, tem a moradia indígena, estudantes indígenas, até eu já tava na universidade quando eles conseguiram fazer protesto, ação para conseguir aquele espaço, né? Porque, ãhn, a questão do, do, dos povos ali, eles têm essa questão de contato familiar, coletividade, né? Então, ela foi uma coisa, uma conquista muito, ãhn, bonita que essas pessoas conseguiram para conseguirem ocupar a universidade de uma forma mais próxima e mais respeitosa com a própria cultura, né? Mas enfim, eu vejo que é muito desigual ainda, sabe? **Que, e eu ainda ocupando e, e circulando pela universidade, eu ainda não, não me vejo, ãhn, sendo um reflexo da sociedade, sabe? Sinto que ainda é extremamente necessário,** assim como, sei lá, outras cotas, por exemplo, para mulheres trans, é uma coisa que realmente tá, tá muito desigual ainda e que ainda acaba sendo muito nichado e, ah, é uma coisa muito recente assim que eu vejo de pessoas negras acessando a biblio, sabe? Ou a área da informação, tipo em Arquivologia, que é ali, e Museologia, eu quase não vejo pessoas negras acessando esses outros cursos que são da área, eh, também são considerados a área da informação ali, sabe? Então, eu acho extremamente necessário, **eu me veja como uma parcela da resistência, assim, dentro da universidade, que é tão difícil se permanecer,** sabe? Ahã, só vai ter uma noção realmente de como é viver a vida de universitário quando tu entra na universidade, porque vai ter colegas ali que têm todos os acessos possíveis, que, ah, **depois da aula vão dormir, vão, sei lá, no cinema, vão cochilar, e tu precisa, sei lá, fazer bolsa, precisa fazer estágio para conseguir pagar o, o básico, assim, pagar o transporte para ir para a faculdade,** sabe? Esse tipo de coisa que é só, parece que são mundos diferentes, né, coexistindo ali. [sobre a escolha pelo curso de Biblioteconomia] ãhn, no finalzinho ali do ensino médio, eu tava muito em dúvida do

que cursar, assim. Eu também já tinha cogitado ir para a área da saúde, né? No ensino fundamental era uma coisa que eu sonhava, assim, que era ir para a área da saúde, fazer Fisioterapia, ãhn, para essa questão humanística, assim, de contato com as pessoas e tal. E depois, ãhn, eu tinha cogitado fazer Pedagogia, só que assim, meu pai é formado em Pedagogia e a minha mãe também é professora, né? Daí eles barraram essa possibilidade, falaram assim que já era difícil, a minha irmã já tinha ido para as Ciências Sociais, já tinha ido para essa área assim da, da educação, e aí eles barraram, né? Então, eu fiquei pensando ali, eu, eu vou ser bem sincera, eu pesquisei no Google, ãhn, aqueles, tem um, aqueles chats que tu, tu faz lá o estudo e aí ele diz, eh, qual curso, personalidade, e aí eu fui, fiz vários, fui pesquisando as cadeiras que tinha. E aí eu cheguei a Biblio, sabe? Era uma coisa, eu sempre gostei de, eh, das bibliotecas escolares, sempre foi um espaço de refúgio, eu acho que acaba sendo padrão de comportamento da grande maioria que faz Biblio, né, de ter essa coisa afetiva muito forte com a biblioteca, né? E aí eu cheguei a Biblio dessa forma. Olha, eu gosto bastante, eu, né, durante o curso eu tive que trabalhar para conseguir, mas viver, né? E eu, grande parte do tempo, eu consegui estágio na área, né? Então, eu tive algumas experiências de biblioteca pública, especializada, agora universitária, né? E, e para mim foi muito interessante assim, eu acho, eu acho que, ãhn, a prática me deu mais gosto pela, pelo cursar, né? E a prática assim, eu, eu aprendi muito mais na prática muitas coisas assim da rotina de um bibliotecário, ãhn, do que na própria sala de aula, assim. E eu tenho um apreço muito grande assim pela a Ciência da Informação, né, que é uma coisa que tá ligada direto ali, que é uma coisa que eu fui descobrir que eu não tinha noção nenhuma, a, a, a escola não, não nos dá nenhum preparo, nenhum nada em relação, principalmente escola pública assim, eh, eu não tive, ah, muitas das escolas que, que eu estudei, a biblioteca ficava fechada, trancada, quando abria, ãhn, era assim, era um espaço para você ficar, passar tempo, mas não tinha assim essa questão de, ãhn, de te mostrarem, né, a, a biblioteca, como é que funcionava, tipo, eh, catalogação, eu nunca tinha ouvido falar dentro do período da escola, assim. E, e é outro mundo, né? A gente, a gente percebe. E aí, até tendo contato com bibliotecas escolares do meio das bibliotecas, eh, particulares, eu percebo como o universo é totalmente diferente, né, para quem vem de escola pública e não teve essa coisa da educação de, sei lá, os professores introduzirem a leitura, esse tipo de coisa, essas práticas assim que a gente vai ter contato, né? Então, foi muito, muito louco assim, é, e é, né, continua sendo. **[sobre campanhas/ações que o curso de Biblioteconomia para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais]** Uhum, assim, eh, de reclamações de colegas ou de pessoas em relação a, a cota racial, eu não presenciei, não cheguei a presenciar. ãhn, eu vi muito, ãhn, o, o curso, o pessoal que geralmente faz, eu acho que é um pessoal diferenciado, pelo menos aqui na, na federal daqui. E o que que eu, ãhn, eu peguei uma alteração de currículo durante o, o meu, meu início ali, e também, ãhn, o que que acontecia? Quando eu entrei no curso, lá na faculdade de Biblio, só tinha um professor negro, né? ele tem a formação, ah, na especialização na área étnico-racial, assim. Então, ele já é uma pessoa que ele traz algumas coisas para a dinâmica de aula dele e ele tem essas abordagens. ãhn, e depois de um tempo lá em 2022/23, entraram duas professoras negras, né? Então, ãhn, elas, as duas são mineiras, ah, também, e eu acho que até por elas serem de outro estado e um estado assim em que até as pessoas, elas têm, ãhn, uma, uma questão cultural da negritude mais, eh, forte, em maior escala, eu acho, né, do que a que, ãhn, elas trouxeram muito essa, essas discussões para dentro da sala de aula, sabe? Então, ãhn, elas trouxeram, ãhn, muito essa questão, de falar em primeira pessoa das experiências delas, como foi na, na graduação delas, na, na pós, na, no doutorado, e eu acho que isso trouxe discussões muito boas assim. Eu vi vários colegas brancos, eh, se posicionarem de forma, ãhn, muito consciente e muito respeitosa em relação às questões raciais. E teve uma das minhas professoras que ela sofreu, mas, ah, teve isso, mas eu não presenciei, né? Eu não tive essa aula com ela que ela sofreu um caso de racismo com um colega. Eu cheguei a estudar com os colegas num outro

semestre assim, e até teve um protesto e o, nosso curso de Biblio e de outros ali da ciência da informação ficaram em peso, teve manifestação no nosso campus e todo, todos os cursos ali, os alunos, eles foram, ãhn, apoiaram bastante e se mostraram muito, ãhn, solícitos em relação a esse ato que ela sofreu, né? E eu, eu assim, dos meus colegas brancos, em grande maioria, eu vejo uma consciência, ãhn, muito legal assim, sabe? De, de respeitar, e eu acho que, eh, o pessoal tem trazido muito isso, sabe? Acho até pelo contato com o pessoal do, do Jornalismo, da, da comunicação ali, que eles têm uma questão, eh, eh, assim, eh, quando tem os novatos assim, eles têm toda uma questão da foto dos estudantes negros, então é uma coisa que movimenta aquele campus ali, né, que chama, são dos outros cursos assim que frequentam aquela parte. Então, eu acho que é uma influência muito interessante. ãhn, eu não presenciei, né, mas teve esse, esse caso com uma professora, né, de um estudante branco que, ãhn, foi racista com ela. E enfim, eu até me perdi um pouco no que eu tava falando. **[sobre o caso de racismo vivido pela professora]** Ahã, assim, eu estudei com os alunos que tiveram aula com ela, né? E aí, alguns colegas que eram amigos assim, eles... ah, essa questão da denúncia e essa questão de se revoltar partiu por parte... Foi por parte dos estudantes que presenciaram essa cena e essa situação assim. **Foram os estudantes que se compadeceram, sabe? Porque a comunidade de... como professores não teve essa questão, né? Não teve, eh, assim, eh, opinião particular, né? Eu sinto que os professores, eles foram mais... ah, assim, eles não... não se... não se colocaram para defender ou ter uma empatia assim.** Ah, eu sinto que a presença dessas professoras também, ah, vindo de outro estado, eh, elas também são, acho que são cotistas, né? **Eh, meio que abalou ali a estrutura do curso, porque era um curso maior de maioria branca, ainda continua de professores brancos. Essas questões raciais, elas são quase nada assim, são pinceladas por cima, não... não são... não são consideradas grandes pautas para estudo ou até para orientação, esse tipo de coisa, né? E é uma resistência muito grande de outros professores com a presença dessas, eh, dessas professoras.** Eh, assim, eu, como aluna e pertencente a, a, aos discentes assim, eu sinto que como um grupo de estudantes, eu me sinto acolhida, sabe? Eu sinto que caso eu passe por algo, eu tenho outros referenciais de pares meus que vão se compadecer de alguma forma, sabe? E a manifestação que teve em decorrência disso, que partiu do nosso centro acadêmico, né? Foi o centro acadêmico que, ah, chamou o protesto, foi o centro acadêmico que organizou. Eu participei, ah, dessa manifestação como anônima também, né? Tava lá a professora que eu tive, ela é... eh, eu tava fazendo uma cadeira que era da Psicologia, que é no... no outro, outra parte do campus assim, ela se mostrou empática, né? Mas aí ela já é uma professora disruptiva, né? Já é diferenciada. **Eu observei que alguns professores não tinham liberado para a manifestação, assim, então, ah, esse não liberar eu também, ah, acho... acho meio suspeito assim em relação à abordagem dos próprios professores, porque é uma temática muito pertinente e que pra gente que é racializado, a gente sabe que isso mexe com todas as estruturas da vida, né?** Não é simplesmente passar por uma... um momento ruim, uma situação ali, eh, mexe em toda, todas as particularidades da nossa vida, né? Desde da... do eu estudante ali, até o eu aqui na minha intimidade, na minha família, sabe? No eu saindo na rua para pegar um ônibus, é tipo uma coisa que mexe com... abala toda a nossa estrutura, sabe? **E eu sinto que foi mais... ah, os estudantes se sentiram mais... ah, né? Tiveram mais empatia do que os próprios docentes assim, né, nesse sentido. [sobre a resistência de alguns professores pela chegada de professoras cotista]** Ah, acredito que alguns professores ali, apesar de não demonstrarem opiniões muito fortes em relação a, da questão de cotas, ainda assim, ah, algumas coisas não são ditas, mas dá para sentir no posicionamento assim de, eh, como se as questões raciais e étnico-raciais não fossem caso de urgência ou pertinente o suficiente para aquele ambiente, sabe? Como se tivessem questões mais, eh, pertinentes assim. E, e até na questão da, sei lá, da Ciência da Informação, como se a, a essa universalização do que é informação, né? Como se informação escrita, **informação, ah, eurocêntrica fosse a informação**

mais, ah, mais adequada pro meio acadêmico, né? E aí eu sinto... eu sinto essa, essa, essa resistência e sinto assim na abordagem, como se fosse uma abordagem muito eurocêntrica ainda, sabe? E, ah, geralmente os professores que, que falam, que se mostram, ah, né, se mostram, ah, solícitos em relação a essas, essas questões, são professores que são mais de disruptivos, que são mais diferenciados, já tem aquele... aquele nome, já se tem um nome famoso assim. Tem... **eu vejo muita acomodação assim, sabe? Principalmente do, do pessoal que já tá muito tempo, sabe? Que já tá, sei lá, anos na universidade lecionando, que saiu da, do curso e já foi dar aula assim, que, sei lá, pegou...** pegou a época que não era obrigatório ter doutorado ou mestrado para dar aula. Tipo, vejo muita resistência ainda, sabe? E essa questão racial ali no nosso campus é uma coisa muito atual, sabe? Que eu vejo discutindo... até eu tive, ah, chefe de estágio que tinha estudado lá e que nunca tinha... que nunca tinha visto esse tipo de discussão dentro da Universidade, né? Ali do curso. **E que é uma coisa muito atual e que, ah, por exemplo, em relação a questões, eh, de gênero, né, de sexualidade, era uma coisa que, que tá mais evoluída dentro do, do campus, porque já é uma coisa que colegas brancos já vêm de muitos anos trazendo, discutir sobre a questão de pronome, que foi uma, uma questão de luta muito forte ali para alguns professores respeitarem pronome e esse tipo de coisa. E que a questão racial é muito mais... muito mais ali no Campus da Biblio, é muito mais recente, parece, sabe?** Pelo menos as experiências que eu tive, né, de contato com colegas que estavam há mais anos no, no curso. **[sobre o curso de Biblioteconomia para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais]** Então, enfim, é isso. Então, eu assim, eu não tenho muito contato com pessoas de que estudaram em outras universidades, universidades desse curso assim, sabe? Até, por exemplo, agora eu tenho três, ah, chefes bibliotecárias que eu tô na bolsa e das três, duas são formadas ali, né? Até uma delas a filha dela entrou recentemente pro curso dali também. E, ah, não sei em relação a essa... Por exemplo, essa minha chefe que se formou em outra universidade, não acho... no na formação dela não teve também isso, sei lá, anos atrás assim. Ah, é uma coisa que eu vejo que é muito recente mesmo, sabe? Até no começo de curso ali tinha muitas formações, muitas formações e eu vejo que essa questão de trazer, eh, questões raciais para a Ciência da Informação, para a Biblioteconomia, sempre tem que... acaba sempre parte de pessoas racializadas, né? Eh, e por exemplo, a questão da sexualidade, de, ah, de identidade, eh, eu vejo que mesmo pessoas que não são, por exemplo, da comunidade LGBTQIA+, elas já trazem isso, né? Já trazem essa, essa construção, enquanto a questão racial ainda, ela tá dentro da área, parece que ela tá, que é muito recente, sabe? Ah, quando eu entrei no curso, tinha... eu... eu fui ler um pouco porque era a área que eu... eu queria ir para essa área de pesquisa no meu TCC, sabe? Mas eu acabei, ah, tô acabando que não tô indo, ah, por n questões. Mas enfim, lá no começo eu vi que tinha muito pouca produção na área da Ciência da Informação abordando a questão étnico-racial e eu veio... vejo que de, ah, anos para cá aflorou muito assim, sabe? Teve muita... teve um aumento muito interessante assim, sabe? E ali na Biblio eu vejo muito pouco ou quase nada. Vejo mais essa, essa presença desses professores que são ralizados, mas eu não vejo por parte de outros professores assim, sabe? Até teve uma palestra... um evento dentro ali da, do nosso, nosso espaço, que era um evento que era internacional, que teve gente da, do Uruguai, da Argentina, da Universidade da Argentina palestrando e me causou um incômodo assim, porque o título era algo assim como, ah, **Ciência da Informação e latinoamérica. E aí falar assim sobre a, os latinos dentro da ciência da informação como algo assim, como uma comunidade, né? Como um grupo só que só tinha pessoas brancas, sabe? E as pessoas, as pessoas que estavam palestrando, todas elas eram brancas, né? Tanto os professores da Universidade quanto de outr... das outras universidades assim. E não sei por... não sei se pelo meu histórico de racialização me causou muito o desconforto essa, essa questão de abordarem essas, ah, essas questões sem trazer, ah, uma pluralidade maior, né? Um, um trazer o latino-americano com outras facetas, né? Sei lá, o, o pardo, o pardo indígena ou pardo negro, né? Mas não... não**

tinha... não tinha... eu... eu... eu vi o título, eu pensei que eu ia ver uma coisa e quando eu... eu tava lá assistindo, eu vi que era outra assim, sabe? Não tirando mérito assim e até, por exemplo, eu vejo professores que são chamados assim para, ah, tem uma professora, por exemplo, que vai semana que vem para, para uma, para um evento e geralmente esses professores que eu vejo, eh, indo para evento, sendo chamados assim para eventos que falam sobre a questão latino-américa e Ciência da Informação, são professores brancos assim. Então não é que essas pessoas não tenham uma construção, algo para acrescentar no meio da Ciência da Informação, mas eu sinto que a partir do, a perspectiva que, que eles têm, sai de um lugar, sabe? Um lugar que é frequentado por similares, né? Os pares deles são... não são os mesmos pares que, que representam, sei lá, a comunidade brasileira da Ciência da Informação, né? Como que a gente vai abordar algo tão delicado que é a informação, que passa por todas as outras ciências, né? A gente, se não tem um alguém ali verificando os sites, ah, os tesouros, as bibliotecas, eh, que como é que essa organização vai acontecer, né? Não tem organização da Informação da Ciência como um todo, do meio científico sem a, né? E quem são essas pessoas assim, né? Eu sinto que sinto muitas vezes, sen... muitas vezes ... nas aulas que eu participei que era... parecia ser sempre um mesmo olhar, o mesmo ponto de vista, sabe? Pra isso. E, enfim, os exemplos que eu tive assim de, estudo de construção, eu vim de, de estudantes mesmo, de Mestrado, Doutorado, de, eh, até da graduação falando, tendo essas formações. Eu peguei muito na pandemia isso, né? As formações que, que traziam essa questão de como a Ciência da Informação relacionado à questão racial ou, por exemplo, tava tendo construção de um tipo de tesouro dos saberes indígenas, né? De trazer eles pra escrita, ah, que eu vi isso, sei lá, dois anos atrás, nem pesquisei para ver se já estão finalizando, como é que tá, mas eu tinha visto acontecendo aqui na comunidade brasileira, né, de informação. E são coisas que eu não vi dentro da... trazendo para dentro da Universidade que eu tô, sabe? Eram coisas que eu vi em outras universidades de outras pessoas, mas parece que é sempre uma ou outra pessoa, ah, discutindo e trabalhando de nisso **e parece que sempre, ah, tipo, as pessoas racializadas que têm que ter... tomar partido disso, sabe? Interesse, como se as outras pessoas, os outros, os outros pares não pudessem se interessar, sabe?** E também porque, por exemplo, ah, eu tive cadeira na uma eletiva lá com pessoal de História, das humanas, né? Pessoal da Pedagogia. O pessoal da Pedagogia é totalmente racializado, né? Tipo, a grande maioria, eh, mesmo as pessoas brancas, elas, elas têm leitura racial e tal. Eu vejo uma grande diferença assim, porque tu vê o interesse de pessoas brancas de agregarem, de construírem, de de ajudarem a construção da ciência deles, né, sendo da pedagogia, da história. E eu sinto que na nossa comunidade ainda é muita... é muito de partir de nós e os **nostros pares da Ciência Informação, eles parecem que não... não estão andando juntos**, sabe? E eu sinto isso ainda dentro do meu curso, de todas as cadeiras que eu fiz assim. **[sobre as perspectivas como futura bibliotecária]** Assim, ahã, a grande esperança, passando num concurso público e conseguir uma profissão estável, né? Sei lá, uma biblioteca, talvez uma biblioteca pequena assim. Eh, eu tive contato com muitas pessoas de biblioteca que eram estressadíssimas assim, ah, em relação à própria profissão ali. E, sei lá, eu... eu sou filha de pais mais velhos assim, né? Eles me tiveram quase 50 anos, então eu já parto dessa percepção de querer algo mais estável. Mas tendo esses professores assim diferenciados e, enfim, tendo contato com outras pessoas dentro da faculdade até e tendo essa, essa questão de percepção da ciência da informação algo muito recente que eu tive, eh, assim dentro da, do curso, eu quero continuar escrevendo a respeito, sabe? Eu quero, ah, ainda escrever. Eh, quero fazer mestrado na Filosofia, mas trazendo essa relação da filosofia com a Ciência da Informação assim, até porque sinto que aqui no Brasil a gente não tem muito, muita, ah, muita construção científica nessa relação, até porque, sei lá, em outros países a, a Ciência de Informação, ela é uma pós-graduação, né? A Biblioteconomia, ela é uma pós-graduação. E lá eu sinto que que a gente e tem pouca construção, sabe? E, e é um grande interesse assim, até pela influência da minha irmã que é Ciências Sociais e a abordagem e a

abordagem dela é étnico racial, né? A minha irmã, ela traz muito isso na, no desenvolvimento de, de tese dela, teórico e eu queria trazer isso pra Ciência da Informação, mas de uma perspectiva um pouco mais... um pouco filosófica, sabe? Assim, de... mas isso pensando no mestrado e não na profissão, né? Na profissão eu penso mais em algo mais na catalogação assim, essa coisa do dia a dia, ah, de de ter contato com o público talvez e esse tipo de coisa. Ah, Biblioteconomia de referência é algo que eu gosto muito assim, né? De ajudar na pesquisa das outras pessoas, de encontrar fontes e referências que contribuam assim, né? Eu acho. **[sobre o entendimento das cotas atenderem as demandas dos ingressantes cotista]** Assim, ah, eu, no início do, do curso, eu tive uma bolsa no Por Dentro da UFRGS, que é, que é vinculado ao DS, que ele tá rela... portanto da UFRGS, ele é um projeto que a gente aborda muito a questão, ah, de cotas, né? Então tem a questão de... e nas escolas tem as formações de alunos que tiram dúvidas, vem a gente... eram acontecia assim, palestras, formações, né, para essa questão de auxiliar quem tá ali no ensino médio de como que vai adentrar a universidade, né? Então por isso o Por dentro da UFRGS. E lá eu tive contato com outras pessoas de outras cotas, né? Ah, por exemplo, a de renda, na UFRGS é uma grande questão, né? Porque, ah, em muitos anos, por exemplo, essa questão da cota de renda teve muita gente que não... não pertencia à cota de renda, né? Porque vende... porque... porque mora nos Jardins, a família dos Jardins, a família sei lá Gramado, a família é, é de fazendeiro, é, eh, de isso, daquilo e que consegui entrar na cota de renda, né? E aí enquanto uma pessoa que vem, sei lá, do interior do Rio Grande do Sul, que vem de até de outro estado, né? Acontece bastante. E aí a pessoa é, sei lá, é filha de mãe merendeira, de pai que trabalha com obra e tal e aí, sei lá, não consegue. Por exemplo, eu tive uma colega dentro dessa bolsa que o pai e a mãe dela eram pequeno agricultor, tipo, não era fazendeiro, era pequeno agricultor, tipo, ela mandava foto pra gente dos porcos que ela que eles tinham lá, sabe? Esse tipo de coisa. Só que aí, ah, por exemplo, ah, tem a... eles podem fazer empréstimo, né, financiamento, tal. E aí eu sei que, enfim, tinha dado umas questões lá, ela teve que comprovar, foi um stress, ela chorou muito, foi todo um, um trabalho assim para comprovar que, ah, o dinheiro que tinha entrado tinha uma coisa relacionada à fazenda, mas que não era algo muito grande. Vi outra colega também que deu, tinha dado problema, não sei nem se ela continuou. Que uma menina lá, o pai dela tinha morrido. E aí, nesse de pai morrer, ahã, os irmãos combinaram de vender a casa assim e aí entrou um dinheiro, e era um dinheiro muito grande, né? E aí, como é que tu vai comprovar? Porque ele tem que pegar o histórico, tal, e aí foi todo um, um, BO, não sei se ela, se ela conseguiu também. E aí muito se fala de cota só como se fosse só cota racial, mas tem outras cotas, né? Como a cota de, de, e de quem vem da escola pública, né? Então, a gente, eu, por exemplo, vi nessa trajetória de ensino médio e, barra, começo de universidade, né? Por exemplo, eu, quando eu tava no ensino médio, teve gente que estudou a vida inteira em escola particular de renome da cidade. E aí, quando chegava no ensino médio, ia pro ensino médio na, na, na escola pública, fazia cursinho, né? **E que depois entra por cota, mas aí não fala porque é uma pessoa branca, né? Então, ah, não vai falar que também é cotista, né?** Que também entrou na universidade por cota. Então eu vi, eu vi vários assim, ã, pessoas no, no médio que onde eu estudei, ã, e eu até fui estudar nessa escola porque era uma escola melhor assim, questão do que no bairro que eu morava, né? E, ã, e eu vi várias, várias pessoas que foram estudar lá só para fazer o ensino médio e que fazia cursinho, que fazia coisa assim, começa ali de semestre, é só os cursinhos assim, sabe, as camiseta "Ah, eu venci", eu que... Tem muita gente que, que vem junto, que ali é o pessoal da Medicina, o pessoal da Enfermagem, dos cursos que são muito visados, Psicologia e tal. E aí chega aí, tu vê assim, quatro, cinco com camiseta de pré, de pré-vestibulando assim, do cursinho tal. Tu vai ver no final das contas, o cursinho dá para comprar um carro assim, carros populares, e é muito discrepante assim. Eu acho que as cotas, elas, é uma coisa muito delicada, por mais que tenha tido assim, por exemplo, tem a banca verificadora, né? E esse um dos responsáveis pela minha bolsa, ele tava explicando pra gente

como é que funcionava, né? Porque lá no começo ali da UFRGS não tinha banca verificadora, então vinha lá, pegava, ele disse, pegava a lista. Aí era o Mateu Ludvi, não sei o que, porque tem os sobrenomes em alemão aqui, italiano, né? E aí tu olhava, e aí quando tu ia ver era um, um alemão assim, de olho claro, loiro, 2m de altura, etc., aí, mas ele se considera pardo, porque sei lá, a bisavó dele era indígena, a bisavó dele era isso, aquilo. Então tinha muito isso. E aí eu sinto assim, vejo um pessoal que entra na faculdade aí e aí reclama, sei lá, da banca verificadora. Ah, porque a banca verificadora é chata e tal, mas aí tu vai ver umas pessoas muito sem noção, é porque assim, tem umas pessoas que vêm de colono e aí na cidade de colono qualquer um para eles é negro, tipo, ah, tem um cabelo cacheado, um cabelo crespo, cabelo escuro, aí tá lá no meio da alemoada, então para eles é. Ah, meu pai, por exemplo, é um cara, é uma pessoa branca, esses tempos ele teve no Rio de Janeiro, ele tava falando, tava bem faceiro que tá, ele é branco, que todo mundo vê como branco, né? Ele foi pro Rio de Janeiro, mas aí na cidade que ele nasceu, que é de colonização alemã, eles chamavam ele de bugrão, porque tipo, ele é, a gente chama aqui de encardido, né? Que é o branco mais escuro que tem uns traços assim, o cabelo que é, não é, não é crespo, não é cacheado, mas é um, um do lado mais escuro, o nariz que é um pouco mais largo, um lábio mais largo. E aí eles já chamam assim, já, já vem como diferente, né? Mas que não é o suficiente para dentro de uma sociedade, ã, que é muito racista ainda, para ser visto como negro, né? Tipo, é uma coisa assim discrepante assim, né? E é isso, eu, eu vejo que ainda tem certas resistências, tem assim muita, muito uma coisa muito delicada, né? Principalmente nessa na cota financeira, porque é muita documentação, muita gente consegue, né? Sempre tem os golpistas. Mas eu ainda acho que é muito necessário. Eu não, dentro do campus que eu tô, **dentro da faculdade que eu tô, eu não vejo ainda essa igualdade ou essa equidade racial.** Não vejo, por exemplo, uma coisa que eu acho muito pertinente, eu vou concluir que, por exemplo, no RU, **o pessoal da limpeza do, da universidade, a maioria é negra, a maioria são de pessoas negras assim. O pessoal que trabalha, ã, com a questão de, são as terceirizadas, né? Que trabalham com a manutenção da universidade, de tempos em tempos tem, ã, gente tem muita, muita obra dentro da, da faculdade, né? Até ali que é um campus antigo. E é a maioria negro assim. Eu vejo muita, muitas meninas da minha idade, poucos anos, trabalhando na limpeza, sabe? Eu vejo mais pessoas negras trabalhando na limpeza, na, a infraestrutura do, do prédio, ã, ali no RU, na recepção. Ah, no RU, na parte da, da cozinha servindo, a maioria é negro. Aí a gente, ah, "que o sul é branco", mas a, por, como é que eu, sério, é uma coisa que eu realmente vejo e eu já, já contei, a maioria das pessoas que trabalham nas terceirizadas dentro da universidade são negras. E aí como é que eu não vejo essa, essa mesma coisa dentro do, da minha sala de aula, sabe? Eu tive muita, muitas vezes, eh, eu peguei cadeira que eu era a única pessoa negra, sabe? E aí, sei lá, por exemplo, entrar numa relativização assim de que, ah, eu não sou, eu sou parda, não sou tão negra assim, ou não sou tão retinta, não sei lá, mas como é que ainda sou a única, muitas vezes a única pessoa negra ali, sabe? E por exemplo, meu professor até, até dois anos atrás, ele era o único professor negro do, de toda, de toda a área ali da, da biblioteconomia, né? Tanto na do doutorado, na quanto do pós, da pós-graduação, quanto da graduação, sabe? Ele chegou agora recentemente duas professoras. **Então eu vejo que essas cotas são extremamente necessárias ainda, porque a universidade ela não representa o mundo. Sabe?** Às vezes eu, às vezes eu, eh, eu tenho contato com pessoas que não são do meio acadêmico. E aí eu vejo como é a discrepância, sabe? De que, ã, eu vejo muitos lugares que eu frequento assim, ã, h, que eram, que são predominantemente negros assim, sabe? **Eh, de vários ambientes. E e sei lá, eu sei lá, tem começo, começo de curso assim, o pessoal fala de onde mora e tal, e eu não vejo, ã, nunca, h, poucos colegas assim que são de da periferia da capital, sabe? E não vejo gente da Rubem Berta, que é, ou da Restinga, são, ã, bairros predominantemente, eh, negros em relação a outros bairros aqui da de Porto Alegre, né?** Não vejo pessoas falando que são da COAB, que vêm pra universidade, sabe? E quando vejo um ou outro que são dessas regiões, eu**

vejo como é difícil, sabe? E e vou agora eu vou realmente concluir, sento assim às vezes no RU e eu fico prestando atenção nas conversas, né? **E aí, por exemplo, tinha dois, dois meninos que eles eram da, da Medicina, e aí eu vi, isso é muito similar a abordagem de professores, que era um menino negro retinto e um cara branco, né? E esse cara branco dava para ver que ele era de família assim, sabe? De, aí, pai advogado, médica, esse tipo de coisa. E aí eles estavam conversando e eu vi o sofrimento do menino negro, né? Não sei se ele era cotista, mas enfim. E aí ele tava falando que tava meio, tava difícil fazer Medicina, tava muito complicado e tal. E aí o outro cara, que era o cara branco, e é muito bizarro porque eu vi isso na minha frente, né? O cara branco tava falando, ah, que já tinha feito História, mas tinha largado porque tinha tido a pressão dos pais para fazer Medicina, mas que talvez, talvez fosse desistir e tal. E aí falou para ele, ah, mas se tu tá tão estressado, se tu tá tão cansado, se tu quer realmente fazer o outro curso que era de humanas, eu não lembro qual, e se tu, se tu quer, por que que tu não larga? É só vestibular, vai, vai acontecer ali. E aí eu vi tipo, ele, o outro menino, né, o menino negro, parou um minuto, acho que para respirar, e aí ele falou, não é que a minha família bota muita expectativa nisso, sabe? E para minha família, realmente eu tá cursando Medicina é um, uma grande coisa assim, é muito exaustivo, tá sendo demais, mas eu não posso, tipo, não é uma opção, eu queria desistir desse curso, mas para mim não vai dar. E aí tu, tu via, tu via a forma de comportamento assim, sabe? E até a questão assim de, de, de se portar, de, de se vestir, a diferença, ã, grande assim, de que **para muitas pessoas negras isso realmente é, é um grande evento da universidade, sabe? Representa uma grande coisa, uma ascensão não só financeira, mas uma ascensão de, de vários aspectos para a família, sabe?** E eu vi aquilo, sabe? E aí eu, eu, eu vejo como aquele cara branco não, não conseguiu sentir, sabe? Não sentiu. E aí eu, eu senti o que a fala do outro menino, eu senti o que que ele queria dizer com ele não pode, ele não deu detalhes assim sobre a família dele, mas eu percebi que realmente era uma questão de ascensão, ascensão cultural, ascensão, aspectos para a família, sabe? **E eu vejo que é, é, ainda a gente tá muito longe de, de alcançar uma equiparação assim racial.** Eu acho que é muito importante e e que a gente não tenha cotas só para, para cursos que são extremamente necessários, visados, sei lá, Medicina, tipo, ah, Pedagogia precisa de aula, mas outros cursos também que, que contribuem com a ciência, contribuem com a sociedade, como a Biblioteconomia, sabe? Você ter uma cientista, cientista da informação que seja negra, sabe? E e represente isso. **Por exemplo, uma coisa que me incomodou muito no início do curso e que eu ainda agora eu entendo, né, mas que não entendia, por que que na, ã, pra cota indígena no, na faculdade só podia para alguns cursos que era Odontologia, Medicina, Enfermagem, esses cursos. E aí uma menina indígena foi me explicar que era o que trazia retorno pra comunidade, né? E aí eles tiveram que optar quais cursos, porque a universidade deu poucas opções assim, né? Então eles tiveram que optar por cursos que dessem realmente retorno para a comunidade indígena.** Então, por que que não, não pode ter cota indígena para, sei lá, ser bibliotecário, né? Ou cota indígena para, sei lá, ser, fazer Teatro, né? Não lembro o nome específico de Teatro, mas para fazer Artes Cênicas ou ou de outras coisas assim, sabe? E é isso, concluo."**

Virgínia

Natural de Frei Paulo e com 23 anos, Virgínia se autodeclara preta e concilia um emprego formal (CLT) com os estudos na Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde está no 8º período, tendo ingressado em 2019. Sua trajetória escolar foi percorrida integralmente em instituições públicas.

“É tipo assim, só ter a oportunidade de tentar ingressar pela cota já foi muito para mim, porque eu venho do interior, de uma família pobre mesmo, que eu não teria essa oportunidade de entrar numa universidade particular, por exemplo. Estar numa universidade federal, sendo a primeira da minha família a se formar, então, já é muita coisa,”

[Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade] “Então, é o meu momento mais assim, né, de conhecimento sobre essa causa, sobre a cota racial, né, que foi muito discutida junto com a eleição do Bolsonaro, a primeira eleição do Bolsonaro. Eu estava no ensino médio ainda, né, no segundo ano do ensino médio. Foi quando teve muita discussão sobre isso, e eu fui tendo mais ciência desse lugar de pertencimento, né, do da cota racial, qual a importância dela. Vi muitos vídeos assim que estavam muito em pauta, então estava muito recorrente a questão de vídeo, né, de vídeos curtos que explicavam mais ou menos, muita gente que relatava sobre como conseguiu entrar na universidade a partir dessa cota, né, da existência dessa cota. **No terceiro ano foi que ficou muito mais forte isso, que eu comecei até a defender, a debater sobre isso também, ainda no ensino médio.** E aí foi quando eu ingressei após o final do ensino médio, só que a gente, a gente que é cotista, né, a gente sempre, a gente entende a importância, né? **A gente faz o uso dela, que é a nossa, a nossa oportunidade, só que a gente ainda também se sente um pouco, pouco, eh, coagido, eu diria, sobre falar que é cotista mesmo, né?** Eu entrei por cotas, tanto racial como de escola pública e renda, né? E assim, não falava muito na minha casa sobre isso, porque consegui entrar era o importante. **Mas aí, quando eu entrei na universidade, eu vi muita gente que era contra essa cota, né? Até dentro do meu trabalho mesmo, que também fica na universidade. Eu sou, eu trabalho numa empresa terceirizada de apoio administrativo na UFS, na Universidade Federal de Sergipe. E aí, tipo, eh, foi pouco tempo antes de eu entrar na universidade que eu consegui esse emprego, né? Por eu fui bolsista, eh, e aí, a partir desse meu local como bolsista, que conheci outras pessoas e tive essa oportunidade. E aí eu tive que ouvir muito de pessoas que achavam, eh, totalmente errado ter essa cota, né? Sendo que eu era cotista, que eu tava ali, tipo, não não não era amplamente conhecido, mas eh, ao mesmo tempo que eu queria defender, eu também me sentia coagida de ter entrado pela cota, sabe? Mas o meu, o primeiro acesso que eu tive sobre esse assunto foi realmente no segundo ano do ensino médio, [sobre já ter sentido algum constrangimento por ser cotista racial]** Eh, toda vez que eu escutava um assunto sobre isso, era como tipo, diretamente tava me atingindo. E isso trazia outras questões. Eu sabia da minha realidade como pessoa negra, né, como pessoa preta aqui no interior, que vim do interior de Sergipe, e eh, tinha todo esse arco político que tinha acontecido. Então, quando eu ouvia de um servidor que ele era contra as cotas porque isso tirava a oportunidade de outra pessoa que estudou mais que eu, indiretamente, né, já que eu tava sendo atingida também, eh, isso não não me dava vergonha de usar, mas tipo assim, **às vezes eu ficava me questionando: "Será que realmente eu tirei a oportunidade de alguém sobre isso, né?"** Porque agora o sistema do Sisu mudou, se eu consigo entrar pela ampla, eu saio da cota, né? Mais ou menos isso. No meu tempo ainda não não tinha alterado, eh, e era assim que eu me sentia. Ficava: **"Caraca, eu sou cotista, eu tô tendo que ouvir isso mesmo que indiretamente, como se a gente tivesse cometendo um crime, né, sendo que tá na lei, é permitido."** Sempre era um ataque, mas não uma conscientização, sabe? Nunca era "Ah, mas por que existe?" e tipo, nunca tinha esse porquê, mas eh, era mais um ataque mesmo direto às cotas. **[sobre a escolha pelo curso de Biblioteconomia]** Eh, eu escolhi biblioteconomia a partir de um professor que era historiador e bibliotecário, né, no ensino médio também. Eu tava meio indecisa sobre o que fazer, mas eu eu lia muito, sempre tava lendo lá, e um dia ele chegou para mim e falou assim: "Por que você não faz biblioteconomia?" E eu fiquei assim: "O que é isso? Que curso é esse?" Aí ele falou: "Só dá uma pesquisadinha." E aí eu fui pesquisar, né, fui me aprofundar, gostei. Eh, eu já tinha um namorado, e aí ele já era universitário na UFS, né? E aí eu pedi para ele pegar um livro

na biblioteca para mim sobre o que era a biblioteconomia, porque eu não queria entrar assim, né, sem sem um conhecimento prévio de onde eu tava indo. Acabei gostando, pensei que poderia ser o meu lugar mesmo, já que eu não tinha uma ideia do que fazer assim, foi o que eu me identifiquei diante dos cursos disponibilizados. E aí decidi entrar, consegui através da cota. **[quanto ao entendimento político do corpo negro, de afirmar-se negra]** Sobre tornar-se negro, isso tem um peso, né? Eh, eu só eu só conheci, só comecei a reafirmar essa minha identidade justamente após as minhas discussões no ensino médio, no terceiro ano, que eu tinha um amigo que também era negro e um grupo que era mais que a maioria era branca, né? Então, eh, ele também tava muito ativo sobre essas questões e a gente começava a conversar muito sobre esse essa coisa de ser negro, é tudo que a gente tem que passar, todo esse ataque que nenhuma oportunidade que a gente tem de usufruir é atacado, é negligenciado. Então foi a partir do terceiro ano que eu comecei a me eh me identificar, mas não como uma pessoa parda, mas como uma pessoa preta mesmo, uma pessoa negra, né? E acho muito importante porque no Brasil a gente tá tendo algumas discussões sobre a questão do pardo, tem muita gente sobre que não sabe, não sabe o que é, tipo, não sabe como se identificar ainda. Eu acho que quando você decide se identificar como negro, tem tem várias outras questões que vêm junto, né? Eu não tinha nenhuma discussão muito acerca disso, algumas ações só na escola mesmo, dia de consciência negra, então era bem limitado, né? A gente, eu sou do interior aqui do estado, então eh as únicas ações que eu tinha sobre a sobre a questão da de racismo, né, da da aceitação negra e tudo mais, era só durante o período da consciência negra, depois disso sumia, então era muito fraco. Começou mesmo no meu terceiro ano, que foi quando eu fui tendo também mais uma consciência de classes, uma consciência, né, do que de política também do que tava acontecendo no Brasil. E após a universidade, eh, quando eu entrei na universidade, eu participei de algumas discussões também, né? Tipo, fui ouvinte de palestras e tudo que achava interessante, e a universidade, ela dá muitas possibilidades para você conhecer melhor, né, esses debates. Então, quando eu conseguia por causa do trabalho, eu participava. **[sobre campanhas/ações que a Universidade e/ou o curso de Biblioteconomia para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais]** Então, eu acredito que alguns [referindo-se aos professores] sim, eu conheço alguns que são que buscam trabalhar essa temática junto de trabalhos acadêmicos, né, no TCC, e recentemente teve alguns trabalhos sobre Biblioteconomia negra no departamento. Mas ainda é algo bem recente, a maioria dos professores, eu diria que não se atentam muito a essas questões, não trabalham muito questões, são mais voltados para tecnologia, sabe? E aí fica fica um pouco vago dentro do departamento, vago, eu diria. Teve até, uma dessas professoras que participam, eh, que têm que buscam, né, sempre debater sobre isso, ela participou de uma banca eh que era voltada sobre eh pessoas negras na universidade e a sua permanência. A discussão era sobre eh entrar e continuar na universidade, não abandonar. E teve, e foi, ela falou algo que eu gostei bastante, porque no mesmo, era semana acadêmica aqui, que tem muitos, muitos eventos, e ela falou uma coisa que eu achei muito interessante, porque os os eventos do departamento, ele geralmente não sai de uma temática, né? E aí ela falou assim, esse eh ela tava na banca desse evento sobre pessoas negras e ela disse que eh tava triste porque o departamento dela atualmente tava se preocupando mais com IA do que com seus alunos negros, e a maioria do curso é negra, eu diria que a maioria negra, né? Então eh foi algo que eu fiquei assim, caraca, é mesmo, porque a gente não sai da mesmice, eu diria, a gente não não vai além do que a Biblioteconomia ela permite, né? A gente tá aqui nas coisas técnicas, se preocupando com a tecnologia, se preocupando com a IA e o seu avanço, mas outras questões são deixadas de lado. Por exemplo eu tenho três professores negros. Olha, que me vem na cabeça são três, que me vem assim rapidão, são três. Uhum. É uns três são negros e são tipo, dois deles são os que eu mais vejo fazendo sobre essa temática, né? A outra ainda não tive oportunidade de ver trabalhando nesse tipo. **[sobre o entendimento da universidade atender as demandas dos ingressantes cotista]**

Olha, eu diria que ela tenta, ela tenta atender, mas não é ainda não é muito eficiente, né? Em tanto em questões de de apoio financeiro, como também na em trabalhar as temáticas, né, sobre as discussões, eh, eventos que realmente tragam a a universidade que seja produzido por ela, que eu digo universidade e a direção, né? Geralmente os os eventos que eu mais vejo tratar dessa temática são de eh diretórios de estudantes, de algum departamento, de algum grupo de estudo dentro da Universidade que geralmente traz essas discussões. Mas assim, uma questão de vir da direção da Universidade, da Reitoria, eu acho que ainda é muito fraco. Eles sabem, tentam, mas ainda não é ou são coisas bem pontuais mesmo, **[sobre as perspectivas como futura bibliotecária]** Eu pretendo sim, eh, seguir na área, uma área que eu gosto tanto a parte técnica como e a humana, eu diria, né? E aí eu pretendo sim, pretendo prestar concurso ou se surgir outra oportunidade, já que aqui é um pouco difícil para trabalho fora da do do âmbito dos concursos é muito difícil, mas eu pretendo sim, pretendo fazer uma pós, fazer um mestrado aqui no departamento mesmo, de preferência, e é isso, vou ver o que o que dá para desenvolver agora, né? São são muitas, ao mesmo tempo que são muitas oportunidades, também o leque se fecha com a realidade, e é isso. **[sobre o entendimento das cotas atenderem as demandas dos ingressantes cotista]** Então eu acho que ainda é muito pouco, ela fornece muito pouco, eh, poderia dar uma ampliada maior porque tem essa essa questão, né, que foi trabalhada no evento da que a professora estava, que é sobre a permanência das pessoas que que entram, às vezes não conseguem se manter, e para você ter uma uma nova oportunidade de ingressar pela cota, isso demora quase um ano depois, né? Então acho que até isso era bom dar uma modificada, porque você não consegue agora, mas sei lá, depois de meses sua realidade já melhorou um pouco, você quer ingressar na universidade, mas não tem mais essa oportunidade. Mesmo assim eu ainda escolheria as cotas para entrar na universidade. Perfeito. **[sobre a sua vivência com estudante cotista dentro da universidade pública]** É tipo assim, só ter a oportunidade de tentar ingressar pela cota já foi muito para mim, porque eu venho do interior, de uma família pobre mesmo, que eu não teria essa oportunidade de entrar numa universidade particular, por exemplo. Estar numa universidade federal, sendo a primeira da minha família a se formar, então, já é muita coisa, né? E aí, me emocionei [voz embargada]. Tipo, eu sempre falo, eu sempre penso, na verdade, muito sobre isso, sobre como a universidade, ela te proporciona pensar diferente, né? Você tem vários meios de pensar, você aprende a pensar, você aprende a pesquisar, principalmente no nosso curso de Biblioteconomia, até aprendi, eh, fontes de informação que realmente vão te auxiliar no que você quer. Então, eh, eu não sei se foi o curso, eu não sei se foi a universidade, eu não sei se foi a junção dos dois que me ajudaram bastante nisso de ver o mundo de outra forma, de procurar entender, eh, as coisas de outra forma também, né? E, então, isso foi um pulo, né? Eu tenho certeza que se eu não tivesse ingressado tanto no curso como na universidade, eu ainda seria limitada, eh, saindo do ensino médio, principalmente porque nossas discussões, elas diminuem, nossa importância para essas questões também diminui. **Então, quando eu consegui entrar pela cota na universidade, eh, isso já foi gratificante como uma forma, eh, de forma pessoal mesmo, né, de conseguir entrar na universidade.** E, a partir disso, eu consegui participar desses eventos que eu, que eu pude visualizar melhor como acontecem as coisas, como, eh, existe toda essa construção por trás, né? Tem discussões também, ter debates, conhecer outras visões de mundo, né? Que a universidade é gigante para isso. Então, acredito que mudou muito. Hoje, eu me vejo uma pessoa diferente do que eu era no ensino médio, outro pensamento, mas ainda um pouco limitada para algumas questões, eu acho que posso melhorar sobre isso. **[Por que que tu acha que tu se emocionou?]** É, acho que pela realidade mesmo. Meus pais não, meus pais não conseguiram terminar nenhum ensino fundamental. Então, a primeira a se formar, como uma pessoa preta e pobre também, né? [nesse momento a participante ficou bastante emocionada] É, foi, vai ser muito especial, na verdade. Coisas, são muitas coisas. **[sobre campanhas/ações do curso de Biblioteconomia para a discussão sobre as cotas raciais]**

*e/ou sobre as relações étnico-raciais]Eu acho que ela tem, tem que buscar os meios que ela dá, né? Ela nos dá todos os caminhos para discussões sociais, e eu vejo muita, muita abordagem nisso em outras universidades, né, em outros cursos, mas, por enquanto, aqui na minha, na minha região, tá meio obsoleto, eu acho, tá meio parada, tá meio pouca discussão. **Acho que eu só vi uns três, quatro trabalhos sobre Biblioteconomia negra no departamento**, uma foi da minha amiga, né, de turma, foi TCC, foi, [voz embargada] Desculpe, eu não participo muito assim dessas coisas de entrevista sobre isso ou de debate assim, eh, com minha cara lá estampada, né? Mas como é questão de, eu achei muito interessante, fui buscar pensando que era formulário, porque eu gosto geralmente de responder através de formulário, mas como era entrevista, eu falei: "Ai, meu Deus, é entrevista!". Mas você tentou, tá mesmo assim, já que é questão das cotas, eu acho importante, então quis participar. Muito obrigada por mandar para nossa universidade nessa pesquisa."*

Franciéle

Natural do Rio de Janeiro, com 25 anos, Franciéle se autodeclara preta, sendo a opção parda também considerada. Atualmente, ela usufrui de uma bolsa permanência enquanto conclui o 9º período e o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde ingressou em 2021. Seu histórico escolar é inteiramente proveniente de instituições públicas.

"Estar na universidade pública e eu tinha parado muito tempo de estudar, não imaginava que eu ia tirar uma nota boa, foi uma surpresa para mim quando a nota veio porque eu tinha parado de estudar tipo quatro anos atrás e passei,"

*[Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade] "Então, eu moro numa comunidade quilombola no Rio de Janeiro, né? E por ser no Rio de Janeiro, em uma área que é, como é que posso dizer, procurada para investimento e crescimento para pessoas ricas, né? Então, eu comecei na política em 2014 né? Tinha 15 anos e eu comecei a entender o que que era ser negro e ser parte de uma política e estar sendo expulso de local para pessoas que são mais importantes que você, né? Hoje em dia, não fomos removidos, temos certificação. E aí, essa construção política eu já tinha, justamente, né, por esses problemas, problema com o governo e tal, na minha família como um todo. **E eu não me entendia, até então, como uma pessoa preta, porque eu achei que todo mundo tinha sua cor própria e não precisava da gente falar sobre, né?** E eu venho de uma comunidade majoritariamente negra, então nunca tive problema em ser ou não ser, né? **E aí, quando eu fui sair de Vargem Grande, né, que é o bairro onde eu moro, eu comecei a ver esse tipo de situação e me informar também sobre o que seria isso, né? Como eu me colocaria no mundo, né? Algumas pessoas dizem, algumas falam que eu sou uma mulher preta de pele clara, e minha mãe fala que eu sou, eh, sarará. E a maioria das pessoas, né, diz que eu sou índia, porque, né, eu tenho um cabelo muito preto, tenho uma pele mais amarenada, mais clara. Então, eu queria entender quem eu era nesse mundo e qual comunidade eu fazia parte.** Então, desde... eu sempre fui uma criança muito precoce, né? Então, eu fui aprendendo algumas coisas, eu leio muito, até por isso escolhi Biblioteconomia, eu achava que eu ia ficar numa biblioteca lendo o dia inteiro, tá? Essa era a minha perspectiva de trabalho. Não é isso que eu faço o dia todo [risos], de ler muito e estar*

numa biblioteca, e uma biblioteca antiga, não é nova, não, tipo Harter, e era isso a minha perspectiva de trabalho, né? E aí, dentro do técnico que eu me descobri, né, profissional de biblioteconomia, eu era monitora da biblioteca e lia muitos livros. Então, a bibliotecária falava sobre o curso dela, que ela é formada pela UFRJ também, e aí ela falava: 'Não, porque eu gostava muito de ler, me formei na UFRJ'. E eu fui procurando saber... a primeira vez que eu tentei o curso, eu não passei, né? Entrei em ampla concorrência e não passei. Na verdade, passei, mas não vi a lista de chamada lá, enfim, eu não sabia como é que funcionavam as listas de espera, né? E aí, quando eu fui tentar uma segunda vez, né, que foi em 2021 depois de ter trabalhado... trabalhei como atendente de mercado, operadora de caixa... e aí eu trabalhei, estudei mais um pouco, fiquei 4 anos parada, né? Só... só trabalhando e vivendo o meu mundo. E depois eu voltei a tentar, [risos] né? **Quando teve a pandemia, eu decidi que eu seria menos concorrente. E aí eu falei: 'Ah, vou tentar'. E aí a minha nota dava para ir para concorrência, mas aí dessa vez eu não quis arriscar e eu coloquei no... para cota para negros. Eu acho que a minha maior dificuldade nesse processo foi a entrevista de heteroidentificação. Eu fiquei muito nervosa, tá? Eh, eu fiquei... não sei... sei lá... eu acho que eu achei que ia ser tipo votação, sabe? E aí eu falei: 'Gente, mas o que que eu faço agora? Como é que eu vou dizer que eu sou negra? Como é que eu explico para eles? Como é que eu me entendo?', né? Só que aí tem... tem lá, tipo, eles explicam, né? Antes de você começar a falar, eles falam tipo: 'São fenótipos, tem que falar o que que você tem fenótipo de uma pessoa preta'. Então, é simples, você não precisa explicar que você tem uma história de um... de... de uma família, é só falar sobre características físicas suas que te fazem uma pessoa preta. E aí eu falei da minha pele, meu cabelo, mais tranquilo, né? As pessoas estavam lá também, me acalmaram bastante, e a minha mãe foi comigo, então ela ficou assim: 'Qualquer coisa me chama aqui, aqui' [risos]. E ela assim: 'Tem como negar que você... que você é preta também, tal'. E aí foi isso, né? Eu descobri durante o ensino médio, aprofundei mais, né, sobre, eh, sobre algumas questões também do acesso, né, dificuldade de **acesso à educação, porque minha mãe teve muita dificuldade, porque ela sofreu racismo na escola dos professores. Então, ela parou de estudar e voltou só depois de adulta, depois que eu já era nascida, no caso porque na época que ela era criança, ela sofreu bastante, né, na escola.** Então, ela não quis continuar e não pôde também financeiramente, né? E aí foi isso. **[quanto ao entendimento político do corpo negro, de afirmar-se negra]** É, eu entendo mais ou menos, né? O meu processo, no caso, né, de me aceitar como eu sou e mostrar para as pessoas que elas podem se aceitar também. **Eu até aos 15 anos eu alisava o cabelo com hene porque eu queria ser índia, né, seu realmente cabelo liso e parecer mais branca, porque esse era o ideal de beleza que se tinha até então. Então, eu queria ser o mais clara possível, não queria pegar sol, não queria ir em praia, como se isso fosse me... me transformar em uma pessoa branca.** E aí a minha mãe fala: 'Não, não, marrom'. Então, não tinha como tirar, não tinha como diminuir a cor. Então, quando eu fui pro ensino médio, que eu saí do meu bairro, né, que era um das pessoas mais simples e fui para um um bairro que hoje é tomado, né, por criminosos e afins, Santa Cruz é um bairro bem perigoso aqui do estado do Rio de Janeiro, né? E aí a minha história dentro de uma comunidade, né, desse desses conjuntos que tem lá, só que eram crianças ricas, porque era um um ambiente que você tinha que fazer prova, então geralmente quem se candidatava às provas eram crianças que tinham tido uma educação de elite, digamos assim. E eu fui para a escola mesmo não sendo rica, mas eu fui. E aí eu tive que conviver com muita gente diferente e gente de outras cores também, majoritariamente brancas. Então, eu comecei a ver algumas coisas sobre, **por exemplo, eu nunca tive um namorado na escola, né, nunca fui considerada a pessoa mais bonita da escola,** eu não era considerada feia, tá? Tinha uma menina mais feia, tá? Eu não era a mais feia, **mas tinha uma menina que que foi assim, hostilizada totalmente. E foi quando eu descobri, né, na verdade, a minha parte militante, porque ela era uma uma menina negra retinta, né? E as pessoas começaram a, desde o primeiro dia, a falar: 'Ela fedia', e ela não fedia, e eu idiota****

falando assim. Eu chegava perto das pessoas e falava: 'Ela não fede, ela não tá fedendo', e as pessoas faziam... e esse tipo de brincadeira com ela, e não era brincadeira, sabe? E eu falei pra minha mãe: 'Nossa, se fosse eu, eu teria saído da escola, certeza, eu não ia aguentar três anos as pessoas dizendo que eu fedo o tempo todo'. E aí ela se sentiu muito mal, teve uma orientadora educacional, tá, que agiu muito bem, chamou os pais das meninas para fazer, né, aquela tipo acareação, né, conversar sobre, falar para eles mudarem o que as garotas estavam fazendo. Só que uma das meninas que faziam era negra também sabe? E ela ajudava a fazer bullying com outra menina. E aí eu era meio que aceitável, né, dentro desse pessoal, então eu não era julgada. Mas a partir do momento que eu me posicionei contra as meninas, me atacavam também. E foi quando descobri a biblioteca, né? E aí me refugiei na biblioteca. Mas aí foi que eu descobri que dentro do movimento, a gente não precisa só se aceitar negro, a gente precisa também lutar para que as pessoas sejam aceitas também, né? Eh, e essa menina, no caso, que fazia bullying com essa outra que também era negra, hoje em dia ela mudou muito, porque ela se descobriu negra também. E eu fiquei feliz, né, porque ela tenha se sentido, tenha mudado o pensamento dela e também tenha se afastado das suas meninas que eram claramente racistas, né? Mas eu entendo que ela também tava tentando fazer parte do grupo, sabe? Então, todo mundo ali tava tentando sobreviver um pouco. E dentro ali, eh, os negros da escola não eram amigos, eram... um tentava outros grupos para fazer parte e daquele colégio e tal. Eu tinha... era afim de um menino, né, que era, eh, negro também, mas ele não saía com meninas negras, ele só saía com meninas brancas, porque elas eram as mais bonitas. E aí até hoje ele é assim ele não mudou, ele continua assim, inclusive ele vai casar, inclusive, né? A esposa dele é uma mulher branca, tal. Mas ele não tem consciência nenhuma de classe, sabe? De de de cor e de nada. Para ele é como se só porque ele se casou com uma pessoa branca, ele virou branco também, porque ele luta contra todo tipo de de cota, todo tipo de, eh, ação, né, social que que tem a ver com cor, com discussão sobre colorismo e tal, ele não não aceita, né, e não faz parte de nenhum grupo desse. E a maior parte das pessoas que eu conheci nesse colégio mudaram bastante, né? Porque também teve a mudança aqui, né, falando sobre que os negros também são bonitos e mostrando mais pessoas negras na televisão, pessoas negras como símbolo sexual, pessoas negras como símbolo de inteligência. Então assim, eh, houve mais exemplos que a gente poderia ser e não só tipo um agregado ali para fazer parte do couro, no caso [voz embargada, nesse momento devido a emoção da participante questionei se ela gostaria de continuar, e a resposta foi que sim].

[retornando a sua memória sobre o entendimento de beleza compreendido na adolescência] Na época, a gente tinha claramente, né, as definições de pessoa bonita que era ter a pele clara, cabelo liso, natural, alisado, no alisado não vale [risos], né? Porque o meu era, era liso, né, mas era liso falso, né? E se fosse loiro, era um bônus, né? Mas eles aceitavam, eles aceitavam cabelo preto também, mas quem tivesse mais próximo ali, se você fosse essas características nordestinas também não valia, tinha que ser branca, branca, branca, né? Traços finos, né? Sempre mais clara e cabelo liso era preferência, mas se você fosse branca de cabelo cacheado também tava, tava sendo chamada de bonita, entendeu? Olha, eu nunca tive essa concepção, porque o meu núcleo, né, a minha família é toda negra, então eu sempre aprendi a ver beleza nas pessoas negras e eu sempre gostei do sexo oposto, né, negros, então não mudou muito a minha perspectiva, mas eu me sinto mais bonita, no caso, eu me vejo mais bonita e acho as minhas características bonitas, né? No caso, antes eu queria fazer, né, mudar várias características minhas para ficar bonita para as pessoas, e hoje em dia, eh, a pessoa fala que eu tenho bico, né? Aí eu faço mais bico ainda na fala [risos]. E aí assim, hoje eu me sinto muito mais bonita do que eu me sentia quando era adolescente. [sobre a escolha pelo curso de Biblioteconomia] Então, eu sempre li muito, a minha vida foi com livros, né? Eu sempre ganhei muitos livros, isso muito antes do ensino médio, né? Eu aprendi a ler com 2 anos de idade. E aí a minha mãe, né?

Ela é pedagoga atualmente, mas na época não era, fala que não ensinou a ler mesmo, eh, sem ser formado em pedagogia, né? E aí eu leio qualquer coisa, se você me der um folheto, pode ser de qualquer coisa que eu gosto de ler. E esse, na verdade, foi um dos motivos que me fez me aproximar da biblioteca do colégio. E aí, primeiro eu queria ser advogada, advogada porque eu falo muito e defendo tudo que eu acredito, sempre, qualquer discussão eu sou a última a falar. E aí quando eu comecei a ler mais e a frequentar mais a biblioteca, a ter conversas mais com a bibliotecária, e aí ela foi me explicando como é que a Biblioteconomia funcionava. E aí, claro que ela falou mais da parte técnica, né? E eu comecei a pesquisar sobre o curso, eh, a maior parte não foram coisas positivas, a maior parte das pessoas disseram que o curso não valia a pena ser feito porque a biblioteca ia acabar, né? Por causa do advento da internet, Kindle e afins, só que não é bem assim, né? Só que eu entrei mesmo com medo, entrei porque era o que eu queria fazer de verdade, as coisas que eu me sentia mais próximo. Dentro do curso eu descobri uma nova paixão além de leitora, né? Aí foram as partes realmente do curso que eu gostei bastante sobre história da biblioteca, né? As primeiras matérias que a gente tem sobre história da biblioteca. E aí fala sobre queima de livros, sobre como é que foram construídos os livros e tudo. E aí me surgiu um novo interesse, foi saber como construir um livro, como montar um livro e tal, e aí me levou para a parte da conservação, que foi que eu trabalhei no meu estágio, trabalhei dois anos num estágio em conservação de, conservação e encadernação de livros, e essa é a minha paixão atualmente da biblioteca. Claro que tem a parte social, né, a parte acadêmica, a minha perspectiva inicial era me tornar uma professora de Universidade, né, na área de Biblioteconomia, mas tá me ganhando a parte da ação, né, de trabalhar numa biblioteca e restaurar livros e afins. Então essa é a parte da Biblioteconomia que eu mais gosto, eh, e foi isso, eu acho, eu acho, eu sou apaixonada pela biblioteconomia desde a primeira fase. **[sobre campanhas/ações que a Universidade e/ou o curso de Biblioteconomia para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais]** Então, a UFRJ, ela teve uma mudança de currículo e dentre as matérias, né, que que aborda, tem a étnico racial. Eh, e aí, dentro dessa disciplina e também de algumas outras, a gente discute sim, eh, com eh contribuições de pessoas pretas, indígenas, aí são são várias etnias, né? E na UFRJ tem muito essa discussão porque sempre tem ratos racistas dentro da UFRJ, tá? Sempre tem, às vezes vindo de próprios professores, às vezes vindo de alunos, eh, as pessoas acham que somos menos capazes por conta das cotas, né? Ah, vocês entraram por cotas, então vocês são menos importantes, menos alunos. Então muita gente não fala que entrou por cota racial, né? Não comenta. E só que tem alguns cursos que colocam a lista de aprovados na na parede, né, da do prédio, afins. E aí as pessoas acabam sabendo, algumas pessoas sofrem algumas represálias assim, tipo, ah, eu não quero essa pessoa no meu grupo, não quero fazer trabalho com essa pessoa. Eh, nunca aconteceu dentro da minha turma, tá? Minha turma nunca teve esse tipo de situação. Uma situação que foi racista, mas foi mais, não sei se você já ouviu que pessoa falar que é racista a nível Senhorita Morello [personagem da série dos EUA intitulada Todo Mundo Odeia o Chris], né? Ela tem preconceitos e ela acha, mas ela não é uma pessoa ruim, mas ela tem alguns, umas perspectivas diferentes. Tinha uma professora que ela, quando eu falei, né? No início você tem que se apresentar e a gente tava online por conta da pandemia. E aí ela falou, a gente todo mundo se apresentou, não sei que, ela, quando chegou minha vez, eu falei, eu sou uma aluna, né, quilombola, não sei que, não sei que lá, aí eu falei, né, meus pais e minha mãe, meu pai é meio indígena, e ela falou assim: "Abre a câmera. Deixa eu ver essa mistura louca". E aí eu falei assim, ela tá brincando [risos], ela tá brincando, com certeza não é verdade. E aí ela falou assim: "Não, abre a câmera. Abre a câmera sim pra gente ver". E aí ela, ela tava sentada no no quarto, né? Aí ela "mostra, janela mostra como é que é a casa, como é que é", aí eu vi a cozinha aqui na frente, né? Então o meu quarto tá de frente pra cozinha e ela: "Nossa, geladeira, ar condicionado" [risos]. E aí eu virei pra janela, tinha floresta lá "dentro da

floresta!" [risos], e aí foi uma situação um pouco constrangedora, mas não foi algo que realmente me deixou triste, achei mais engraçado do que triste. E ela melhorou bastante, tá? Que ela, ela nunca tinha visto uma quilombola na vida, ela ficou entusiasmada. E aí eu acho que do meu curso a única situação foi essa, né? **E eu virei cheque de de informações de pessoas pretas, né? E aí tinha uma professora, uma outra professora, já não é mais essa, é uma outra professora, que reclamava sempre do meu atraso e tal, eu expliquei para ela que eu trabalhava em uma loja no Meier e tinha que me deslocar até a Zona Sul do Rio de Janeiro, que a Zona Sul do Rio de Janeiro não é sul, ela é no final da cidade, praticamente. Então, é um caminho bem longo e tinha trânsito, enfim, o trânsito é horrível. E aí eu fui contando para ela, né, que eu trabalhava e eu tinha que comer e tal. E aí, depois disso, ela ficou, né? Tudo que ela tomava de 'negro', ela falou: '. Eu falei: 'Moça, não sei nem a matéria que você está dando, mas tudo bem, é isso que você está dizendo?' [risos].** Você está dizendo que é... ela era de CDU, aí ela falava qualquer coisa relacionada à África, ela falava: '**Né? Não, com certeza, deve ser você. Você está dizendo, você é especialista, né, doutorada, né, e tudo, então, com certeza é isso que você está dizendo.** Mas foram as únicas questões que eu tive. **[sobre já ter sentido algum constrangimento por ser cotista racial]** Eu nunca senti vergonha de falar, tá? **Mas quando eu entrei, eu me senti um pouco insuficiente, eu me sentia, eh, como se as pessoas fossem extremamente inteligentes e eu fosse uma pessoa muito burra. E aí eu ficava, tentava ali superar, estudava muito, eu estudava muito, muito, muito mesmo, porque eu achava que eu ia estar menos do que as pessoas, né?** Descobri depois que não, todo mundo nem sempre a pessoa é extremamente inteligente, né? Mas, por exemplo, como eu fiz técnica em administração, então eu sabia muitas coisas de ABNT que meus amigos não sabiam, então eu sabia fazer slide, eu sabia fazer, eh, planilha no Excel, fazer planilha animada. Então, tipo assim, eu comecei a mostrar as coisas que eu sabia fazer e aí eu fui me sentir mais pertencente ali, porque eu tinha uma inteligência diferenciada ali no meio do curso. Mas nos primeiros períodos, eu fiquei um pouquinho, um pouquinho assim, balançada **[sobre a disciplina, de relações étnico-raciais ser ministrada por um professor ou professora negro]** Ah, sim, sim, eh, são duas professoras, são duas. Que são justamente essas duas na matéria específica [risos]. De todo o corpo docente de Biblioteconomia. E eu acho que tem tipo uns 20 professores e são duas pessoas negras, sim, sim. **[sobre o curso de Biblioteconomia prestar uma atuação informacional quanto as cotas raciais ou as relações étnico-raciais]** Então, o curso da UFRJ é muito voltado para a área social, né? Tem a parte técnica, obviamente, mas tem muitas matérias sociais, né? Então, a gente sempre discute os pontos de vista, contextos e afins. E aí sempre tem discussões relacionadas a raça, classe social. O curso é assim, eu tenho colegas da UNIRIO que falam que não têm esse tipo de discussão dentro da universidade, mas na UFRJ existe muito essa discussão, além dessa matéria, a matéria própria para isso, obviamente, né? Fala sobre, né, autores negros, eh, fala sobre autores indígenas, a gente sempre fala sobre, mas as outras matérias sociais, né? Tem uma que eu fiz também, foi comunicação e realidade brasileira, a gente falou economia, a gente falou muito sobre também classes sociais. Então, assim, tem, a UFRJ tem uma abordagem mais para casos, para esse tipo de casos. Eh, não sei nas outras universidades, né? Na UNIRIO, que eu tinha colegas nesse sentido, e na UFF também, eu acho que não tem muito essa discussão, não. Então, a maior parte dos professores, são abertos pra essas discussões, tá? **Ah, mas tem alguns professores que acham que não deveria, né, ter discussão nenhuma, na verdade, para eles, eh, deveria ser só passar a matéria embora. [sobre a sua vivência com estudante cotista dentro da universidade pública]** Então, a universidade é, tem essa essa pegada assim social e tem muitos benefícios para cotistas, tá? Seja de renda, você se inscrever e tal, **mas é ainda majoritariamente branca. E o meu campus é um campus na Zona Sul do Rio de Janeiro, então é um campus elitizado, sim, tá? É um campus que eh não tem, por exemplo, na na Cidade Universitária tem dois bandejões em cada prédio, na Urca tinha restaurante, tem restaurante para você comprar**

comida dentro da universidade e o bandejão é uma adaptação que era um refeitório de funcionários do hospital ali, era o nome, tem Hospital Psiquiátrico, era mais voltado para área de Saúde, Medicina, só que aí construíram no fundão no e o curso de Medicina foi pro Fundão, então a lá ainda tem um curso de psicologia e ficou mais ou menos Psicologia, Jornalismo, a faculdade de educação também tem ali e Biblioteconomia tá ali porque ela não tem prédio, então Biblioteconomia não tem prédio até hoje e o resto é tudo no Fundão, né? E a IA também não tem prédio no Fundão, a gente também é agregado de Letras. E aí, dentro desse desse contexto todo, eu estou num campus que é majoritariamente branco, tá? E eu, o meu grupinho é um grupinho mais eh foi um grupo aleatório, mas foi um grupo assim, são pessoas pretas também. Eles são de Biblioteconomia e, consequentemente, a gente conhece outras pessoas pretas de outros cursos porque somos uma comunidade menor ali dentro e a gente **a gente acaba se conhecendo porque você olha o outro negro ali na faculdade todo dia, vai: 'Oi, tudo bom?'**, e **você tem mais essa ligação.** A universidade, né, as pessoas falam muito sobre, né, essas festas universitárias, eu nunca fui porque elas são proibidas, né? E são meio que um crime que você tá fazendo ali, então as pessoas, eu acho que as pessoas que vão, né, têm uma segurança muito grande que elas nunca vão ser presas pela polícia, geral, eu não tenho esse tipo de confiança e aí eu nunca fui. Mas tem essas essas festas, né, dentro da universidade que aí tem uma interação melhor que aí a universidade, a UFRJ e Unirio são coladas assim de parede, então sempre quando tem festa na UFRJ vem a galera do Unirio e sempre quando tem festa no Unirio vai a galera da UFRJ. Então, são duas universidades que se conhecem bem, as pessoas estudam lá, se conhecem, mas dentro da faculdade tem um grupo que é mais riquinho assim, que não não fazem parte do curso de Biblioteconomia, tá? Que o Biblioteconomia, sinceramente, tem um outro ali que estou que é rico, tem uma pessoa no meu curso que a gente pode considerar que é, duas pessoas que são consideradas ricas, um que veio lá de Campos dos Goytacazes, pai dele é fazendeiro lá, sei lá de quantas, e a outra que é filha de médico, mora ali na Zona Sul, ela, a faculdade que ela mora aqui, isso. Ah, tá, e tem uma outra que é sobrinha de um cantor muito rico lá que eu não lembro quem é, mas tem essas três pessoas que são bem ricas, né? Que a gente, elas são legaiszinhas, convivem com a gente porque são obrigadas da nossa turma, mas de outros cursos, assim, eles se escolhem para conviver dentro da bolha deles, né? E realmente não tem essa essa conexão, muito difícil você ter um amigo de classe social extremamente diferente, tá? A gente tem, por exemplo, eu tenho amigos que são classe média, que é bem diferente da minha classe, e aí o aí eu tenho amigos de classe média que aí você fala, não, ele é de classe média, né, tem um poder de compra um pouco maior do que o seu, mas os ricos eles não se misturam com a gente, não. **A gente tem a bolha deles, eles sabem quem são, se se eu acho que é, tem algum cheiro diferente, alguma coisa, sabem quem é muito pobre, quem não tá dentro da da do nível dele. [risos].** **[sobre a sua um possível arrependimento de ter escolhido as cotas raciais]** Cara, não me arrependo porque foi o que me possibilitou, né? **Estar na universidade pública e eu tinha parado muito tempo de estudar, não imaginava que eu ia tirar uma nota boa, foi uma surpresa para mim quando a nota veio porque eu tinha parado de estudar tipo quatro anos atrás e passei,** mas ali eu acho que se eu voltasse no tempo ou tivesse uma outra oportunidade de fazer um outro curso, eu faria o mesmo curso. Se eu tivesse que escolher um outro, eu faria História, eu gosto também, mas ficaria ali realmente na ciência social, é na verdade, nas sociais aplicadas, né? Mas eu gosto muito da parte das humanas, né, ciências humanas, e o curso dentro da universidade tem uma característica mais voltada para ciências humanas. A gente tem muitas matérias, né, técnicas de administração também, porque é nossa, é economia e ciências da computação, mas é administração de unidade de informação. Então a gente tem muita matéria de administração também. Eh, e aí eu faria mais relacionado à área de humanas mesmo, que é a área que eu mais gosto. **[E usaria as cotas para facilitar o teu ingresso ou por algum outro motivo?]** Eu acho que para facilitar o meu ingresso mesmo. **[sobre a sua vivência com estudante**

cotista dentro da universidade pública] Então, dentro da Universidade, do meu curso, eu já fiz algumas coisas, né? Como uma das negras do curso, eu já fui, já fiz várias apresentações dentro dessa matéria, né, de racial, e eu faço muitas apresentações relacionadas, tipo assim, construção da língua, né? **E também sobre a pauta indígena, é porque a gente não tem estudante indígena, então ficou para mim essa parte também [risos].** E aí, dentro dessa, de língua portuguesa também, nós falamos sobre, né, autores indígenas, autores negros e nessa matéria racial a gente também fala. Então, dentro do curso, eu falo sobre isso em algumas aulas porque a professora sempre me chama para fazer esse tipo de apresentação porque eu tenho uma didática melhor, tá? **E já tive caso de algumas perguntas assim, bem, eh, como vou dizer, né, umas perguntas bem, mais não vou dizer racistas, mas umas perguntas bem tendenciosas nessas apresentações, né? Por que falar sobre autores negros, né? E são só autores, mas aí a gente não pode tirar o autor do contexto dele, né? Eh, e aí a construção do livro que ele tem é justamente por ele ter essa cor.** A gente, eu fiz uma apresentação sobre o Krenak, né? E aí eu falei, né, sobre a construção dele como autor e a construção dele como indígena, né? Porque ele fala sobre a infância indígena, adolescência indígena, e indígena como acadêmico também, né? E aí a gente foi falando sobre isso e uma dos questionamentos é: se ele não fosse, seria autor? E aí seria sim, mas só que não seria um autor indígena [risos]. Eh, então assim, a gente sempre tem essas discussões dentro do curso porque é um curso, né, como você disse, ele tem uma nota de corte um pouco menor, então algumas pessoas entram para poder trocar de curso no meio. Então, tem algumas pessoas que entram com essa perspectiva, né? Ah, na, a faculdade, ela tem tipo uma, você faz acho que seis matérias do curso que você quer, pega essas matérias e aí depois você faz uma prova interna para mudar para esse curso. Então, tem esses casos de dentro da UFRJ. Então, muita gente escolhe alguns cursos com uma nota de corte menor para poder migrar para outro curso e aí tem uma galera que não entende muita coisa do assunto e aí acaba tendo esse tipo de discussão e **para mim é super válido porque nós temos que ter essa discussão, porque se a gente não tiver essa discussão dentro da Universidade, você chegar lá fora, você não vai saber nem se defender ou falar sobre, né? Né? E eu sempre fui muito do debate, então se você tá de uma maneira respeitosa falando sobre, eu acho, mas começa essa parte, né, superioridade branca, né, que tem lá, algumas, algumas pessoas lá da, da, já aconteceu, tá um menino lá, falou que ele é seguidor de Hitler, alguma coisa assim, e bateu num aluno que tava falando lá, tinha uma reunião que era para falar sobre atividade negra, tem o coletivo negro lá na UFRJ, e aí esse aluno tava apresentando sobre algumas questões, tal, tinha muitos alunos para escutar ele falar e esse aluno, eu acho que ele foi jubilado, tá, mas não tenho certeza, ele entrou nessa reunião e bateu nesse rapaz que tava discursando, fez falas nazistas, depois ele disse que era maluco, mas enfim, ele era do Curso de Economia, né? A gente tem um prédio de Economia, é o mesmo prédio de Educação, então a gente sempre se bate com essa galera de Economia, administração e afins que estudam lá também. E aí tem uma galera que realmente eles querem ser superiores, eles realmente querem que a gente volte a ser escravo. Eles, eles, as pessoas falam: "Ah, vocês querem privilégio", né? Mas não, eles não querem ser seres humanos igual a eles, eles querem que a gente volte realmente a escravos, já aconteceu comigo trabalhando, tá? Um senhor, eu trabalhava geralmente no caixa de idoso porque eu sou muito calma e aí me botava no caixa de idoso sempre. E aí o caixa de idoso é mais lento porque são idosos que estão passando as compras e aí ele chegou no meu caixa, ele falou assim, e ele primeiro ele falou disfarçadamente, falou: "E vocês sempre trabalham devagar", parei olhei mas continuei, aí tudo bem, continuei passando as coisas, aí falou assim: "Dá para você passar mais rápido" aí eu falei assim "Não, porque tem que ler o código de barra e tal", ele falou assim: "Vocês só trabalham bem no chicote". Aí eu fiquei assim olhando pra cara dele e eu não sabia reagir e eu fiquei assim, passar não, e aí eu pedi para sair do caixa, né? Obviamente tinha um fiscal, um homem negro imenso, aí ele falou assim: "Eu vou ficar no seu lugar, eu quero ver ele repetir isso**

que ele tá falando". E pro homem ele não falou nada, mas para mim ele falou porque eu tenho 1,50m, mas o cara de 2 m de altura ele não falou isso, mas naquele dia eu fiquei completamente desestabilizada, eu não sabia reagir, sabe quando a pessoa, aí, eu vou dar um soco na cara, eu vou discutir, eu vou falar alguma coisa, e eu já me entendendo como pessoa preta, eu não consegui reagir. Eu fiquei assim sem chão e eu fiquei o dia inteiro assim meio chorosa, sabe? Qualquer coisa eu ficava assim, eu chorava de novo, meu Deus, foi e é assim, Rio de Janeiro é assim, você vai encontrar muita gente que realmente entendeu que a gente não é mais escravo, mas você vai encontrar muita gente que vai falar, te dar uma lavoura assim, e eles falam de uma maneira assim tão tranquila que parece que não é crime, eles falam assim, tipo, toma aí para você acabar, para acabar com seu dia e eu vou viver o meu feliz e contente porque eu acabei com o seu. **E como a minha universidade é na zona sul, então eu tenho, eu não fico na zona sul, tá? Eu tenho essa regra para mim mesmo e eu termino, eu vou pro meu ponto de ônibus, eu pego e vou embora e eu desço na frente da Universidade, eu entro na universidade, não, não fico andando por lá, eu só ando por lá quando eu tô acompanhada, os meus colegas de turma são pessoas brancas. E aí eu meio que eu tô ali validada porque eu sou, tô ali acompanhando. Bom, tem um shopping do lado do meu, da minha universidade, que é um shopping extremamente elitista, né? Igual o Shopping Rio Sul, tem todas as marcas famosas de gente rica, né? E aí, por exemplo, eu não fico andando aleatoriamente no shopping, "vamos comer no shopping?", não, vamos comer aqui no bandeirão, galera, de preferência, vamos fazer aqui num mais separadinho porque as pessoas, é, não sei se você já pensou por isso, com certeza já, e as pessoas têm um olhar diferente, você sente o olhar, tipo de meio que repulsa. E aí você sente, as pessoas não percebem? Percebem esse olhar, você percebe, eles te olham com um olhar de "esse não é o seu lugar, esse não é bem o seu lugar" e aí você fica tipo, você vai se encolhendo sozinho sem nem a pessoa precisar falar nada porque ele já te olha como se você teve a audácia de entrar aqui e aí eu prefiro não entrar em nenhuma loja, nem nada, nem na farmácia, eu entro, eu prefiro comprar tudo no meu bairro especificamente porque não sei se teria um problema comigo, mas eu prefiro não arriscar. [sobre o entendimento das cotas atenderem as demandas dos ingressantes cotista] Então, dentro da Universidade, você, né, porque a Reitoria te aceitou como aluno, mas geralmente os casos de racismo que não são gravados e dispostos em redes sociais não são levados a sério. Teve um caso em Biblioteconomia, em primeira mão, gravado e o vídeo foi, foi mandado por direção de uma menina que eles, estava, eh, é um curso, é uma aula de Competência e Informação e ela é de debate. E aí tem, cada, cada dia tem um texto que dois alunos apresentam. E aí teve um texto, eu não vou saber dizer qual, mas falava sobre eh racismo e internet, sobre as pessoas que eh as pessoas que se achavam que podia falar qualquer coisa na internet e aí tinha um falas racistas dentro do do ambiente, né, online e achavam injusto quando eram tipo, tinha alguma sanção realmente real, né, tipo de eh ser preso, processado. E aí tinha essa discussão, esse era o texto e uma das alunas que apresentou, ela era negra, só que não foi do meu curso, meu curso é de manhã, foi do curso da noite e aí uma das alunas brancas desse curso à noite falou para ela, falou alguma coisa, começou a discutir sobre o texto falando que o texto era tendencioso, não sei o que, não sei o que lá e falou, aí a menina que tava falando sobre o texto tentou defender a autora, defender não, tipo, porque você tá com texto, você tem que debater sobre o texto, responder, e ela falou assim: "Ah, fica quieta, mucama". E essa garota: "O que que você tá dizendo?" E aí ela falou assim: "Mucama". E tem um vídeo, tá? Tem um vídeo, não foi tipo aconteceu e só tem testemunha, tem vídeo. E aí essa menina teve uma reação melhor que a minha e pulou em cima dessa garota para agredir e eu falei "isso aí e aí" essa aluna não foi expulsa, ela está terminando o curso, ela vai se formar em Biblioteconomia mesmo depois desse dessa situação toda porque ela falou que ele é autista e aí ela pode xingar todo mundo, ela pode falar qualquer coisa, ela pode ser racista, mas ela é deficiente, então ela pode falar qualquer coisa. [E o professor, professor que**

*tava na turma, o que que ele fez?] Falou, falou que ela deveria ser expulsa do curso sim, mas é uma professora mulher já foi menosprezada por outros sentidos dentro da UFRJ e inclusive tá com processo lá para poder conseguir assumir dois concursos, né? E a desculpa que deram para ela que ela não poderia trabalhar como pesquisadora da FIOCRUZ e professora da UFRJ **era porque ela era mãe e aí ela ia perder momentos bons com o filho dela.** Será que falam isso pros homens que são pais? Eu tenho um professor que foi fazer doutorado na Espanha enquanto o filho dele tava aqui, então, mas e eh então ela também tá tá lutando lá a batalha dela e então tipo assim, a UFRJ como o meu curso tem defeitos também, né? Porque quem decide isso da professora também são os outros professores e então tem essa discussão também e os **o próprio curso mesmo com as matérias, né, falando sobre racismo, tendo curso racial e tudo também não tem tantas ações assim contra o racismo quando acontece, né, dentro da do curso, por exemplo, a pessoa não é tipo, a pessoa não tem nenhum tipo de consequência, ela leva uma advertência lá, ela é é conversado com essa pessoa que ela agiu errado, mas não tem uma consequência real pra pessoa, né?** Então assim, a universidade ela põe para dentro, se você quiser você fica, né? Você leva, por exemplo, eu levo na esportiva [fez o sinal de aspas com as mãos] algumas as coisas que acontecem, né? E aí assim eh se você não levar na esportiva você não consegue se enturmar, né? Porque você vai você vai sentir essa angústia toda vez chegar na universidade. **Eu não, por exemplo, né, como eu já tinha dito antes, eu não fico nas áreas de convivência da faculdade, não vou, se eu tiver com fome, eu compro meu saudável e vou para dentro da sala, eu vou no Bandejão e vou para dentro da sala, não fico nas áreas de convivência para não calharde eu ser a odiada da vez, e aí meio que a gente acha o nosso lugar, né, de se esconder ali dentro de ninguém achar e torcer para que ninguém veja a gente fazendo algum tipo de discurso e quer dar um soco na nossa cara.**”*

Sueli

Aos 25 anos, natural da cidade de Barreirinha, Sueli, que mora no interior, no Quilombo de Santa Tereza do Matupiri, no Amazonas, autodeclara-se preta quilombola e iniciou sua jornada acadêmica em 2025 na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), cursando o 1º período. Sua trajetória escolar foi integralmente realizada em instituições públicas. Não está trabalhando nem é bolsista, e vive a universidade com a ajuda dos pais.

“E assim a gente traz um pouquinho de orgulho de tá ali, de entrar ali, conseguir, eh, ver a tua família lá do interior feliz porque tu tá conseguindo aos poucos e é um gostinho muito delicioso de tô conseguindo.”

[Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade] “Bem como eu disse, eu sou do interior de Barreirinha, né? E sempre os, as, a base da nossa comunidade, eles sempre, eh, conversaram sobre isso abertamente, né, pra gente procurar buscar. **Se não conseguíssemos passar, que entrássemos pelas cotas.** E foi isso, e vários alunos lá do interior conseguiram entrar pelas cotas por ser quilombola ou preto. **E eu acredito que isso veio, como é assim, é difícil, né? Já é, você já nasce negro, já vem com aquela, a partir do momento que você nasce preto, meu Deus, eu acredito que vem, eh, degrau por degrau para você subir.** Mas aí tá, você vai

ter as suas escolhas e a base de tudo, eu acredito que é a força de vontade, porque as pessoas, elas falam: 'Tá, você vai ter o direito, você tem o direito de ir pelas cotas, tudo bonitinho, mas aí o esforço vai de você'. E bem, eu me esforcei, eu estudei pelo Enem e tentei, e agora eu consegui pelo Sisu, mas pela cota, usando as cotas como pessoa negra quilombola. **[quanto ao entendimento político do corpo negro, de afirmar-se negra]** Bem, eu acredito que o capital, ele, ele influencia muito a política. Eh, a gente vive numa, numa sociedade em que o dinheiro fala mais alto, a posição, eh, eh, a família influenciar mais, se você vem de família, eh, humilde ou se você vem de famílias que têm uma carreira política, vai influenciar muito em tudo na tua vida. [sobre a possibilidade das cotas raciais quanto uma equidade racial] Eh, bem sinceramente, é muito complicado, envolve muita coisa. E bem, gente, eu não sei como explicar isso sinceramente [risos], porque é uma situação assim que tem muito preconceito político. **A comunidade onde nós vivemos, ela, ela não recebe recursos como deveria, o nosso povo, a nossa escola, as crianças, então é, é muita escassez de recursos para dentro da comunidade quilombola e isso prejudica muito, influencia e vai prejudicando as crianças, influencia o estudo, as decepções, né, ao estudar e desistir de repente, não conseguir alcançar seus objetivos por conta dessa escassez de recurso. [sobre usar as cotas]** Bem, desde 2017 sempre foi pelas cotas. Aliás, não, em 2017, eu não fiz, eu com ampla concorrência para não usar, né? E aí eu não consegui, aí eu continuei fazendo, eu continuei fazendo porque eu queria fazer odontologia. E aí eu queria ampla concorrência, mas eu não consegui, mas eu acredito que se ao longo desses cinco anos eu tentasse pela cota, eu com certeza tinha entrado, mas aí não, aí quando foi esse ano, eu literalmente decidi, não vou, eh, fazer nada, não vou estudar, fiquei rebelde, né? Aí tá, parei, não queria nada com nada, aí quando fui, fiz o Enem, tá, vou meter a cara, fiz o Enem, aí fui tentando, vou tentar, se eu não conseguir passar em Odontologia, vou tentar o que der, aí fui, fui pelas notas, pelas cotas e aí até que eu não consegui, aí eu vim para pra Biblioteconomia, que era a minha segunda opção, aí tá, e consegui passar. **[sobre a escolha pelo curso de Biblioteconomia]** Eh, eu amo ler, eu gosto de ler, então e a minha tia também, ela é bibliotecária e aí influenciou um pouco, né? Aí ela fala das, das experiências dela, então rega uma plantinha aqui dentro e aí eu fui, aí eu tá, eu vou me arriscar e ela super me apoiou também, os meus pais e aí eu fiz, graças a Deus consegui entrar. **[sobre campanhas/ações que a Universidade e/ou o curso de Biblioteconomia para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais]** Bem, até o momento a gente ainda não discutiu sobre as cotas e isso, isso ainda não, isso ainda tá sendo um pouco, eu acredito que é porque a gente acabou de começar, né, e ainda não foi discutido, mas, eh, bem **quando a gente fala que a gente entrou pelas cotas, muita gente olha com aquele olhar meio que, né, é meio assim, ah, tu não conseguiu passar direto, né, ficou ali, aí então é um pouco constrangedor, né, os olhares,** mas a gente ainda não teve aula de ética sobre racismo, eh, racial, essas coisas, nada. Bem, a gente tava na sala e alguns grupos vieram e a gente interagindo, aí vocês passaram por, vocês passaram direto? Como foi? Ampla concorrência? **E eu falei que eu tinha passado por cota, né, por cota e eu tava na lista de espera e todo mundo, ah, que legal, né? É um sai um arzinho assim não muito sincero, né? Aí bem, porque ficou três pessoas da sala e eu fui uma das pessoas que entrou por cota. E aí na, no dia de apresentação de onde vocês vieram, quem vocês são, o que vocês queriam estar fazendo e aí eu falei que eu vinha de Barreirinha, do interior**

e aí os olhares foram bombardeadores em cima de mim ainda mais, entendeu? Povo do interior. Então é um pouco assim, tu se sente meio acuada, né? Mas tu tá lá, eu me senti assim, mas eu tô lá enfiando a cara. [sobre professores e colegas negros no curso] Bem, ainda não conheci todos os professores, mas só tem um negro. Uhum, só um. Até o momento só vi um negro. Sou eu, sou eu negra só. Somos em 28 alunos, e só eu negra. Então é por isso que eu tô falando, os olhares se fuzilam. Eu me senti um pouco assim mal, né, pelo simples fato de cair tipo numa sala de aula só com pessoas claras. Daí eu fiquei, eu fiquei um pouco acuada, mas quer saber, a minha tia conversou comigo, tu tá lá porque tu tem potencial, então tu vai continuar lá. Então eu tô lá e eu tento me destacar em tudo que eles falam, eu me envolvo, os professores pedem uma opinião, não, eu vou lá e falo, comento o que eu, que eu sei, pelo menos o que eu entendo e vou lá. Mas assim, eu já fiz amizade, eu só conhecia a minha tia e mas agora já tô me envolvendo com outras pessoas também. Estamos marcando viagem para fazer e diversão assim, coisa divertida, né, entre colegas e tá até que tá bem legal, não são todos, mas são acho que cinco pessoas da sala. [sobre as perspectivas para o curso de Biblioteconomia] Bem, eu cresci ouvindo dizer, Biblioteconomia é o curso que tu vai guardar livros. Isso já caiu a ficha que não vai ser assim, então sim, eu tô preparada para ser bibliotecária, eu tô preparada para assumir essa função, eu tô preparada para me destacar e tô aí, vou seguir firme e forte [risos]. [sobre se grade curricular oferece disciplinas sobre as questões étnico-raciais] Bem, até o momento não. Uhum, a gente tava conhecendo os professores, a gente passou uma semana conhecendo eles, aí quando foi na quarta teve a aula pra a gente conversarmos, tivemos a introdução sobre Biblioteconomia e aí foi fluindo aula de Biblioteconomia, Sociologia, mas nada envolvendo outras coisas, somente sobre a o curso. [sobre a sua vivência com estudante cotista dentro da universidade pública] Bem, a minha irmã ela já é formada, então ela, primeira filha, primeira neta, primeira bisneta ali que tem uma graduação e eu espero ser a segunda, com certeza espero ser a segunda e me destacar. E assim a gente traz um pouquinho de orgulho de tá ali, de entrar ali, conseguir, eh, ver a tua família lá do interior feliz porque tu tá conseguindo aos poucos e é um gostinho muito delicioso de tô conseguindo. [o que que tu quer dizer quando tu diz assim que tu vai se destacar?] Quando eu falo que eu vou me destacar é porque talvez eu não seja a garota estudiosa estudiosa, mas a garota esforçada, a que quer e a que vai se esforçar para estudar, para compreender as matérias e com certeza para eh apresentar bons trabalhos, claro, né, sobre de dúvida e é isso e é isso mesmo, [sobre se continuaria optando pelas cotas raciais] Acredito que se eu estudasse bastante, bastante cursinhos para vestibular, com certeza eu passaria com ampla concorrência, sem sombra de dúvida e não precisaria usar as cotas, mas como é meio complicado e difícil, não tem cursinho na minha cidade para Enem, né, aí fica meio difícil, eu tive que entrar por conta disso, mas mesmo assim eu estudava, tentava ao máximo entrar por ampla concorrência sem precisar de cota, mas infelizmente não fui possível. [sobre a existência das cotas] É só para facilitar mesmo. Uhum, pro aluno negro, indígena, quilombola entrar. É como se ele se o sistema tivesse te dando uma mão ali, aham, para te levantar, né? Mas mas vai ter que dar algo em troca uma hora ou outra. E é assim, vou te dizer, eu senti um pouco de vergonha quando eu entrei por cota, claro, né, eu senti um pouco de vergonha, aí não, mas depois quer saber, eu entrei porque eu me esforcei também, eu tô aqui, teve gente que veio

muito antes de mim que lutou por isso e conseguiu, então eu vou conseguir também. [sobre as perspectivas como futura bibliotecária] Bem, eu sonho com doutorado, né? Ah, não, eu vou ralar horrores, eu deixei minha família lá no interior, eu quero chegar no doutorado, eu vou chegar no doutorado com orgulho e com honestidade, eu vou chegar lá. [sobre o entendimento das cotas atenderem as demandas dos ingressantes cotista] Não. Porque tá faltando aprimorar e mais... tá faltando, eh, destacar mais isso, tá faltando um cuidado, uma... Tem necessidade aí que tá passando despercebida. Por exemplo, Bom, o menino preto sonha em ser Doutor, o menino preto sonha em ser Dentista, sonha em ser várias coisas, e o sistema, às vezes, ele dificulta isso de uma forma que não dá para explicar. Talvez quem vive, né... é complicado. Infelizmente, no Brasil, o passado não é passado. A pessoa negra ainda vai, ainda vive, ainda sofre muitas coisas que não deveriam sofrer, e eu espero muito que, no futuro não tão distante, eu esteja no topo, sem pisar em ninguém e com todos aqueles que me deram a mão, com certeza, e eu vou chegar lá. [risos].”

Andreia

Com 35 anos e natural de Salvador, Andreia, servidora pública que se autodeclara preta ou parda, atualmente cursa o 2º período na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde ingressou no segundo semestre de 2022. Sua trajetória escolar inclui o ensino fundamental em escola particular como bolsista e a conclusão do ensino médio em uma instituição pública. Antes do curso de Biblioteconomia, Andreia já tinha graduação em licenciatura em matemática.

“Eu vou colaborar porque eu sou fruto disso. Tá? Eu sou fruto de de você, eh, ver que tua família, tu é a primeira a se formar na universidade e tu passa no concurso para federal sendo a primeira negra da tua família a estar assumindo esse cargo.” Então, assim, é muito gratificante, sabe?”

[Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade] “Então, fazendo um breve histórico, né? O que acontece é que eu sou aluna de escola pública, assim como já falei para você. O início da minha carreira estudantil foi como bolsista, mas porque foi uma cota também, né, da empresa que o meu pai trabalhava e teria que ter pessoas negras e tudo mais, eh, pelo Ministério da Educação, numa escola particular. Então, assim, também era como se fosse uma escola pública, né? Aí, voltando para o nível médio, a gente teve, eh, o ensino básico no estado, né, na educação do estado, os três anos seguidos. Eu nunca perdi um ano, sou uma aluna exemplar. Só que o que acontece é que a minha vida foi muito pautada assim, no medo, no, respeito, no que que a gente pode falar, no que que a gente pode fazer, a gente sendo mulher negra, né? Eu não digo periférica porque eu nunca morei em periferia, mas os... a gente sempre tem o receio do que a gente pode falar. Eu sempre fui aluna exemplar, sempre tirei notas boas e sempre corri atrás, né? Com 14 anos 15 anos eu entrei como bolsista na Universidade Federal da Bahia, na escola de dança, né, que era um projeto social também. Sempre participei de projetos sociais que eu acho importantes e vagas. Já fiz trabalhos voluntários também, tudo na área educacional. E quando foi em 2007 eu passei pelo Enem, pra

estudar em uma faculdade particular, né? Fiz o curso e tal, formei. E aí, de lá para cá, eu sempre tenho visto essa questão, eh, racial muito importante. **A gente teve grandes vitórias com essas cotas de concurso e a gente consegue, eh, estar no mesmo nível que as pessoas, né, que a gente estuda. A gente tem capacidade para estar presente. A questão é que não tem como você competir quando você tá com fome, quando você tá com preocupação, quando você tem, eh, contas para pagar, competir com uma pessoa que simplesmente chegou lá e o papai bancou todos os livros, você só teve que abrir e ler, né? E eu sou, eu sou a pessoa da primeira fala que tem que, que tem que trabalhar.** Então, quando eu consegui ingressar na Universidade Federal da Bahia, eu sempre quis esse curso desde a minha primeira faculdade, mas eu não conseguia passar porque sempre não tinha vaga no vestibular. Todos os anos, todos os anos, você não passou, você não passou, que era outra estrutura de vestibular. E aí, a última vez que foi a última, a última, a última, eh, possibilidade da estrutura do vestibular que era antigamente, que se fazia provas vários dias, coisas e tal, eu passei. **Mas para eles não me darem a vaga que eu sabia que tinha, eles disseram: "Você não está dentro do número de vagas. Você está aprovada, mas não está dentro do número de vagas." E eu disse: "Nossa, que estranho, né? Tu tá aprovada, mas tu não pode entrar na universidade para estudar." E aí eu fiquei assim, nossa, eu vou conseguir passar nesse curso. Aí eu fui, estudei trabalhando e tal, eh, não na área que eu estudei, porque eu estudei para ser professora, fiz vários concursos, mas a gente tá selecionado, mas não, não consegue a vaga por um mistério que a gente não consegue entender, né?** E a gente sempre vê que tá faltando professor, que tá faltando, eh, profissionais de todas as áreas da educação, mas o concurso nunca te seleciona. É impressionante. OK, ponto. Aí eu fui trabalhar em outras áreas, áreas de saúde e sempre fazendo concursos públicos. Consegui em 2022 que eu era, eh, auxiliar de creche da prefeitura de Salvador, concursada, né? Eh, passar no processo de vagas residuais da Universidade Federal da Bahia, né? **Que a vida da gente que trabalha sempre tá, tá entre trabalho e estudo, caso, então a gente não tem como separar, né?** Não existe uma, um histórico linear, a gente passa por várias questões. Aí tudo bem, eu passei, indo para o segundo semestre. Dessa vez tinha vaga, né? Porque eu já tava na graduação, na segunda graduação, então tinha vaga. Aí tudo bem, começamos os estudos. Aí vem a outra dificuldade: tu entra na universidade, mas o professor, ele bota as aulas, uma aula de 50 minutos, entre 10 da manhã e 11 da manhã. **E pra gente que estuda, não tem condições, né? E aí vai se prorrogando, pega uma disciplina à noite e aí tu falta o trabalho, tu já começa a ter vista de cara feia com as suas colegas, tudo mais. E a gente vai lutando para vencer, né?** Eh, OK. Aí o que acontece? Como eu sempre fui concurseira, fazendo os concursos, eu passei no concurso aqui em Florianópolis, pelas cotas, né? Então, assim, eu sou super a favor das cotas. É como eu te falei nisso, quando eu vi a tua, tua, eh, pesquisa, disse: **"Eu vou colaborar porque eu sou fruto disso. Tá? Eu sou fruto de você, eh, ver que tua família, tu é a primeira a se formar na universidade e tu passa no concurso para federal sendo a primeira negra da tua família a estar assumindo esse cargo."** Então, assim, é muito gratificante, sabe? E assim, continuando sempre, então eu, eu falo assim porque hoje eu não tô mais na área de educação, tô na área de saúde, então não tenho mais como influenciar meninas que têm cabelo crespo, que são negras, que um processo social muito difícil eu dizer assim: "Olha, você consegue vencer também. Você não precisa ficar só parindo de um carro de homem que vai ficar te batendo, te humilhando e deixando com fome." Sabe? Então, assim, eu acredito muito nos projetos sociais, independente do partido, do político que esteja no poder, porque eu acredito que esses projetos sociais, eles não vão morrer com a troca de, de, de políticos, porque é um projeto que tá consolidado, firme, sabe? Hoje você consegue, enquanto mulher preta, enfrentar qualquer pessoa que ele seja racista, que ele seja social, porque você tem mídias sociais para enfrentar isso, sabe? Você não precisa se vitimizar, você não precisa se depreciar, tá no canto dizendo assim: "Ah, eu não consigo", porque hoje tu consegue tudo, sabe? **E isso foi, eh, resquício de uma criação boa que eu tive, sabe? Eu faço questão de sempre**

apresentar essas pessoas porque a gente vive numa estrutura social, eh, defasada, desestruturada, sabe? Inexistente para muitas meninas negras. Então, hoje, como estou grávida, não sei se é um menino ou uma menina, mas sendo uma menina, eu vou trabalhar tudo isso com ela e sendo um menino mais ainda, porque hoje a gente tem que ter medo. É, eu sei que eu tô quase militando aqui, mas a gente passa a fazer isso porque a gente vê que a gente não é sozinha, sabe? **No setor que eu trabalho, eu sou a única negra mesmo, de verdade, no setor, não na unidade, mas no setor eu sou a única negra. Então, a gente fica assim, olha, assim, exato, a gente procura se identificar, a gente procura dizer, podia ter mais pessoas aqui, sabe?** Pessoas capacitadas que a gente vê que simplesmente não passou porque você tava aprovado, mas você não tá classificado para passar aqui dentro, por que você não tá? Entende? É uma pergunta que ninguém consegue responder. Então, eh, eu sou totalmente a favor das cotas, sou totalmente a favor dos projetos sociais, sou totalmente a favor de dizer assim: "Olha, hoje a gente vai entrar na favela ali, vamos fazer uma, um projeto cultural, um projeto social." Eu faço trabalhos voluntários quando eu tenho tempo, mas eu faço trabalhos voluntários em relação a isso, sabe? Algum grupo, eh, me convidar para participar, eu vou, porque é muito importante você mostrar assim: "Olha, você consegue vencer." **E se for menino, né, no caso meu aqui que eu puxo pro meu lado, a gente tem que se preocupar com as questões policiais, com as questões das drogas, com as questões de, de assédio que o homem também sofre assédio, sabe?** Essa semana eu tinha uma colega minha falando que o irmão dela que é negro, ele, quando ia voltar para casa à noite da faculdade, ele tinha que tirar, eu tirava a camisa para ficar parecendo que fosse, entre aspas, né, o estereótipo que a gente cria na nossa cabeça, ele fosse um ladrão, porque aí ninguém pararia ele, né? **Então, você vê que o homem também tem medo. E hoje a gente criar filhos negros tá difícil, tá muito difícil. [sobre a escolha pelo curso de Biblioteconomia]** o curso de biblioteconomia? Eu sempre quis fazer ele por quê? É um curso que a gente trabalha educando e a gente não precisa estar em sala de aula. Eu tenho um curso de, de técnica de arquivo, eu tenho um curso de auxiliar de biblioteca feito pelo Senac, que foi um projeto social, claro, a gente desembolsa um valor ali irrisório, mas tipo assim, tem um projeto social com professores bons. E aí eu passei nesse curso de Biblioteconomia e Documentação na UFBA e Biblioteconomia na UFSC, por quê? Porque hoje eu eu tenho receio, tenho medo de trabalhar na sala de aula, medo mesmo, literalmente. Então, assim, a minha primeira formação eu quase, não uso ela, a gente usa sim, informalmente, mas efetivamente a gente não usa. Então, assim, Biblioteconomia eu sempre quis me de lado quando eu formei no ensino médio, por quê? Porque é uma área tranquila para tu trabalhar, entre aspas, né? Mas tipo assim, é uma área tranquila, tu tem que ter todos os conhecimentos, tu vai aplicando teu conhecimento muitas vezes sem, sem encontrar alguém, mas tipo assim, se for dependendo a biblioteca que for, ou escolar ou ou universitária, né? Eh, a gente vai ter um, um direcionamento melhor para trabalhar, uma comodidade, sabe? E assim, mesmo que tem que pagar os conselhos, mas assim, é uma área que eu gosto, gostaria de trabalhar, né? Que eu não trabalho nela porque tu sabe que a gente estuda, estuda, mas a gente só consegue trabalhar na área que a gente estuda é uma sorte, né? Ainda mais a gente que tem essas convivências sociais bem difíceis de eliminar. Eu não sou filha de rico, sabe? **Meus pais são pessoas carentes, me deram o que podiam, tirando deles para me dar. Então, são, são pessoas, eh, negras também, que não tive oportunidade de estudo, sabe? E, então, ele, hoje eu sou muito grata a Deus pela trajetória que eu consegui fazer, né?** Eu sei também que tem muita gente que tenta, hoje em dia não é uma questão de oportunidade, é uma questão de você, eh, estar no momento certo, no lugar certo, sabe? Porque assim, a oportunidade, ela não é criada. **Tem muita gente boa aí, boa mesmo, mas essa oportunidade nunca vai chegar para elas, nunca.** Infelizmente, é uma realidade que a gente tem que buscar dizer assim: "Olha, oi", não, infelizmente hoje é uma realidade que a gente tem que dizer assim: "Olha, não vai chegar para fulana, mas a gente tem que continuar tentando", sabe? Porque eu vejo muita gente

boa se perdendo e a gente tem, eu mesmo sou assim, eu tipo, eu não sou uma pessoa de enfrentamento, sabe? Pelas questões raciais, às vezes, de fato, tu nunca sofreu racismo nessa tua trajetória? Eu trabalho com pessoas brancas e, e eu já chego falando, em algum momento, oportunidade, **o racismo não é problema meu, não sou eu que tenho problema com o racismo, o racismo é de pessoas que não conseguem identificar que o outro é um ser humano.** Então, assim, ah, porque tu já sofreu racismo? **Eu não, nunca sofri, digo para te de verdade, nunca sofri racismo, porque uma vez que quando eu vou no shopping que o segurança começa a me seguir, eu ando o shopping todo até ele cansar as pernas. Se alguém me disser alguma palavrado diferenciado, digo, eu não entendi o que que você está falando, até a pessoa se situar que o problema não é meu, entendeu?** Porque assim, a gente não pode hoje tudo se vitimizar. Se tu abre um processo judicial contra o racismo, claro, tem que existir, se for agressão, tudo mais, mas se tu abre, tem necessidade que mesmo tem que provar e fazer um desgaste fora do comum, entende? Então, assim, eu tento ao máximo passar isso para as pessoas que estão ao meu redor, **o racismo não é um problema de nós negros, hoje eu sou negros, o problema é de pessoas brancas que não conseguem entender isso, sabe?** E eu sei que é muito difícil, eu sei que o tom da minha pele de negra é muito mais claro do que um negro retinto, eu sei que se passar dor, eu e a pessoa retinta ficar muito mais claro que ela é a, a assediadora, o ladrão, tudo mais do que eu, sabe? Porque esse estereótipo a gente tem que quebrar, sabe? E eu sou muito a favor, muito mesmo a favor disso, eu sou muito a favor das cotas, eu sou muito a favor da universidade aberta, eu sou muito a favor da, da do direito das pessoas de ir e vir e se expressar, respeitando, claro, os limites, mas assim, jamais, como pode falar, mais uma vez, a sua pesquisa é ótima, sabe? Tem umas vertentes boas, porque assim, quando eu vi o tema, até mandei para minha amiga, não sei se se ela viu, porque ela faz federal também e ela é bem dessas questões raciais, se faz a inscrição, porque assim, ó, quanto mais dados tu puder coletar, né, vai ter mais pessoas, eu acredito assim, que vai ter mais pessoas que vão querer ler e vão se interessar para dizer, não, se ela conseguiu, eu também consigo. Tem muita gente boa se perder, muita gente, sabe? **[sobre o curso de Biblioteconomia quanto a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais]** Olha só, hoje a gente vive assim: "Se tu não falar, eu não vou te ouvir. Se tu não questionar, eu não vou te responder." Por quê? **Eh, temos professores totalmente despreparados para as questões atuais, sabe? Porque são sobre professores sobrecarregados de disciplinas que são boas, mas que não são voltadas para a realidade do aluno.** Por isso que muita universidade tá se perdendo. Sim, eh, dentre esse universo de professores, eu tenho apenas um professor, um professor que consegue trabalhar essa questão racial dentro da sala dele, pronto. Agora, os demais é assim, tipo, tu finge que eu tô falando sobre isso, sobre esse assunto, e eu tô sendo legal contigo, porque a sala, tem uma mescla 90% de pessoas brancas e 10% de pessoas negras. Essas pessoas negras, você vê visivelmente que são pessoas estrangeiras. E essas pessoas que são estrangeiras não conseguem a dicção nem a audição e interagir com o português brasileiro. Ou seja, essas pessoas, elas estão sempre sentadas no fundo, no mesmo grupo social. **E ali estamos dizendo que temos uma integração, quando aquela foto social vai para a sociedade, tipo assim, 'estávamos todos juntos ali, né?'. O recorte social, estávamos todos juntos: negros, pretos, amarelos, pardos. Porém, a gente sabe que a aula está sendo dada apenas para pessoas brancas, que têm tempo e disponibilidade, que estão respondendo o que o professor quer ouvir. E eu passo por isso, sabe?** Então, tipo, essa semana mesmo, eu estava pensando até em desistir, até conversei com a minha família se eu vou desistir, trancar. Mas aí eu pensei: 'Poxa, se eu trancar, eu vou ter que sair, ele vai deixar de se incomodar comigo ali'. Então, tenho que ir, nem que seja para ele ver minha presença, sabe? Porque, eh, eu sei que em alguns momentos eu não estou aprendendo muita coisa, eu sei que em alguns momentos ele não está falando para mim, sabe? Porque ele é professor de universidade, ele não quer esmiuçar, ele simplesmente quer te dizer o assunto e você que trabalhe, ok? Eu sei que

*faculdade é isso, mas quando você tem um professor que ele não consegue, eh, descrever sobre o assunto dentro da aula, ele fala assim: 'Ah, livro de tal e o livro tal, e aí você tem que se livrar, se virar para ler'. Ele não fala sobre o assunto. Eu tenho um professor mesmo, especificamente, a gente tem vários professores, né? Eu estou pontuando algumas histórias que eu lembro. Ele chega na sala, ele diz que a chamada dele é feita aleatoriamente, ou seja, só o tempo todo na sala, você não pode sair para lancha, não pode sair nada. Ele tem a das 18h até às 22h. Isso é ótimo, né? Para quem tem carro e tem moto, mas para quem precisa vir andando à noite, é péssimo, né? Porque ele não tem nenhum intervalo durante a aula e ele fica assim, falando palavras soltas, ele não fala português direito. E quem é que está errado nessa situação? Somos nós, alunos, porque a gente tem que ter aula com ele, porque ele é o único professor da disciplina. Ou seja, se eu pegar ele agora, esse semestre, ou daqui a 10 semestres, eu vou continuar pegando ele igual. E aí, qual é a diferença disso? Palavras soltas, eu não consigo nem compreender a palavra, porque não é meu ouvido brasileiro, é o português dele que não consegue, eh, chegar na dicção adequada, né? **E a gente fica assim, nesse navio negreiro, né? Sempre a gente no porão e o pessoal em cima, entendeu?** Infelizmente, e é isso. [sobre campanhas/ações que a Universidade e/ou o curso de Biblioteconomia se prestam uma assessoria com relação à informação para esses alunos cotistas raciais] Não, eu nem te contei a questão da minha, da minha entrada na UFSC, eu vou te contar porque agora tu lembrou dessa questão aí. Quando eu pedi transferência externa, né, da UFBA para UFSC, o que acontece? Tinha um edital, eu li o edital e o edital informava que o resultado era x dias, eu não lembro o dia, mas o resultado era x dias. OK, fiz todo o procedimento, tirei foto, soltei cabelo, falei: 'Sou negra', tenho tudo registrado aqui. No dia do resultado, só sai o resultado das pessoas brancas. E aí eu estou te falando isso para, para tu entender o não, porque o não é assim, tipo, não tem, **tu está num deserto e tu esteja com a tua garrafa de água e com a tua comida, porque senão tu vai morrer ali e ninguém vai nem te procurar, te enterrar, porque quem vai te comer vai ser ali o urubu mesmo e tua carcaça vai sumir no deserto.** E aí eu fiquei em dúvida, aí eu liguei para o número que estava no edital, a mulher disse para mim assim: 'Esse setor não existe, esse setor não existe, nunca existiu aqui na UFSC'. Eu disse: 'Nunca existiu? E por que está escrito no edital?'. Eu sei que, resumindo a história, porque foi muita coisa, eu fiquei mais de 20 dias para saber o resultado da questão das, das cotas, eh, raciais, né, que é o setor de, eh, equidade aqui da UFSC. Tudo bem, eu perguntei onde é o setor e aí ficava ligando, ficava mandando mensagem e tal, aquela coisa toda que a gente fica procurando, porque assim, eu não queria perder minha vaga, porque senão tinha que fazer vestibular de novo. Aí tudo bem, nesses 20 dias, Kariane, várias pessoas, vários funcionários atendiam, e aí no setor 'não existe', 'o setor não funciona'. Aí quando eles cansaram, eles viram que eu, eles já estavam gravando meu nome todo dia, falei: 'É **[trocar nome]** , se é aí assim'. 'Olha, **[trocar nome]**, esse setor eu vou procurar saber aqui se tem um funcionário para te atender'. Aí o setor já passou a existir, só que não tinha funcionário. 'Existe o setor e não tem funcionário'. Eu disse: 'Vem cá, eh, porque aí eu tive que, a gente tem que fazer uma ameaça, né? A gente tem que se mostrar, eh, que a gente não é leiga'. Eu disse: 'Olha só, eu trabalho bem com o reitor aqui e aí eu estou quase perguntando para ele'. Eu não perguntei ainda, porque assim, eu não estou admitindo que uma universidade tão grande, com tantos funcionários, o setor de negritude, que tem pessoas negras estudando aqui, não existe. Aí o, aí o funcionário apareceu, aí o funcionário apareceu, isso foi outro dia já, apareceu e tal, 'olha, é porque eu estava de férias, voltei e tal, estou aqui'. Sabe se tu vê assim, eu descaso. Aí no outro dia das férias, ele não achou meu nome, minha matrícula, eu com minha matrícula na mão, ele não achava lá no sistema. Passou, eu disse: 'Olha, o senhor quer que eu vá presencialmente?'. 'Não, não precisa'. Tipo assim, pegou um bode expiatório e botou ali que era funcionário. Aí beleza, se eu quiser que eu vou presencialmente. Tudo bem, eu já estava mesmo assim, estava irada, estava bem irada mesmo e disse: 'Olha, ou vocês resolvem hoje, ou eu vou fazer uma, uma*

manifestação aqui para botar nesse site'. Aí nesse mesmo dia, porque eles viram que eu estava virada, disse assim: 'Olha, a gente vai botar ali no site que o resultado das cotas sociais vai ser depois da análise dos vídeos'. A gente mandou vídeo, mandou tudo, **só que sempre parece que é só você, sempre parece que só existe você criando situação, só criando problema, mas não é.** Aí eles foram lá no site, colocaram: 'Olha, o resultado das cotas vai sair tal dia, 20 dias depois'. E a aula já tinha começado e nesse lenga lenga. E eu disse: 'Eu vou perder as aulas'. 'Ah, a gente vai fazer retroativo'. Eu disse: 'Como vai fazer retroativo? Como é que você vai retroagir uma aula que você já foi dada?'. Aí, ah, por **e sempre um porquê, um porquê, um porquê, você vai se enchendo, isso você vai ficando chateada e você vê que só é contigo que está acontecendo aquilo, porque se fosse uma pessoa branca não estava acontecendo.** Aí teve um anjo de Deus iluminado que apareceu, não sei como, porque eu não consegui ver ninguém presencialmente, tudo por telefone, por, por rede social, que disse assim: 'Olha, o teu nome apareceu aqui'. Aí eu disse: 'Ah, que bom, apareceu'. Ele mandou o comprovante para mim por e-mail, meu nome estava escrito errado. **Ah, assim, 'ah, a gente não estava te achando porque teu nome é com dois L e tinha um L só'. Eu disse: 'Não foi por causa disso que você não estava me achando, porque eu vim da UFBA toda cadastrada, entendeu?'. E aí para melhorar a situação, alguém botou que era branca o meu cadastro. Só apareceu porque botaram que era branca da Argélia, sabe?** Tipo assim, eu vim uma estrangeira para aqui, entendeu? Então é nesse nível que a gente fica aqui, é porque às vezes a gente tenta sorrir, a gente tenta amenizar, mas assim, não é fácil, sabe, Kariane? **A gente dá um sorriso, 'ah, está sempre sorrindo, está sempre linda', mas por, é por isso que às vezes a pessoa adoce, a pessoa morre e não sabe o que aconteceu, porque você tem doenças assintomáticas causadas por pessoas que não querem trabalhar,** causadas por pessoas que fazem concurso e simplesmente dizem: 'Ah, ela é negra, ela se f***, ela se sabe', não vou falar o palavrão porque ia sair, entendeu? Então assim, não é fácil, UFSC não é fácil a convivência com pessoas que não têm esse discernimento, não é fácil, por isso que eu sou a favor das cotas, assim, tem que ter muito mais pessoas negras no serviço público, em cargos de confiança e liderança, **porque a gente está sempre limpando, limpando a pia, limpando a mesa, recolhendo o lixo, sabe? Eu vejo isso todos os dias, eu vejo quando eu chego que sento na minha mesa que pessoas acham que isso para elas é inadmissível, e eu ainda dou um sorriso de deboche, dou sim, porque eu conquistei aqui e pretendo em nome de Jesus conquistar muito mais. Eu vejo várias pessoas da minha cor que estão sempre recolhendo lixo e estão sempre passando assim de cabeça baixa, cabisbaixa, porque estão cansados, exaustos de fazer o trabalho deles e dos outros.** E sempre eu tenho uma pessoa branca dizendo: 'Ai, eu trabalhei tanto hoje'. Sabe? Você vê o deboche que a pessoa está usando o dinheiro do serviço público para comprar besteira, para fazer orgia, para fazer coisas que não vão ajudar em agregar em nada na vida de ninguém. Não pega aquele dinheiro para aplicar numa favela, para aplicar numa comunidade, para pegar numa igreja, mas se precisar do dinheiro para fazer uma ostentação e viajar quilômetros de distância para dizer: 'Estou aqui morrendo de frio', faz. E eu não estou falando isso agora, sabe? Eu sempre pensei assim, **a gente vê que a estrutura social, ela é falha.** Ah, tem dinheiro, tem, mas a questão não é que a pessoa tem dinheiro, é que a pessoa é boçal, é que a pessoa não tem nada dentro de si. Infelizmente, a gente tem que conviver com essas pessoas todos os dias e no dia que a gente desvia, a gente está estressada porque a gente está vendo a merda que está acontecendo ali, a gente é errada porque a gente está muito estressada, a gente é mulher negra que está muito assim, antissocial, está precisando relaxar, entendeu? Então, o que é que eu faço? Eu fico calada, mas quando eu tenho a oportunidade de falar, tenho certeza que eu falo, mas a gente não tem essa oportunidade todo dia, a gente não tem oportunidade de assumir uma chefia todo dia, sabe? Porque no dia que tu assume, vem alguém para te derrubar, aparece até um homem negro, vamos botar um homem negro para dizer que a gente não é racista, né? **Aquele cargo sempre foi dos brancos, mas tinha uma mulher negra tentando, vamos botar**

um homem negro aqui porque a gente vai mostrar que nós não somos racistas e ela não vai conseguir. É isso que acontece, a gente vê, a gente sabe, sabe? E a gente não, e eu particularmente não falo muito dessas questões, eh, eu aproveito assim um momento como esse porque eu sei que vai ser bem estruturado, porque se eu falar, vou ser tachada como louca, como eu já vi amigas minhas sendo taxadas como loucas. Eles mudam as perguntas, eles mudam as, as, os questionamentos, os caminhos. Se tu está acertando direto, ele vai lá e muda aquela história ali, e aí quando tu vai tentar de novo, diz assim: 'Olha, tu não tem capacidade', como hoje eu vi que eu não sei fazer um ofício. Eu não é que eu não sei fazer um ofício, eu não quis fazer porque eu tenho uma pessoa que chega, eh, para trabalhar 4 horas, ela trabalha 2 horas e as outras duas horas que ela diz que trabalha, ela passa no celular e é todo dia isso, sabe? E assim, 'vamos fazer isso, vamos fazer aquilo'. Então assim, são coisas que a gente vai engolindo e não adianta trocar de lugar, mas dizer assim: 'Ah, vai trocar lá para Nárnia, vai trocar lá para a Amazônia', vai ser a mesma coisa, porque a estrutura, o racismo estrutural é isso aí. Infelizmente, quando a gente tem oportunidade de burlar o sistema, a gente tem que burlar sim, entendeu? Antes eu trabalhava numa escola municipal sendo humilhada, eu me lembra assim, porque a gente vai trabalhando, o pessoal só joga para cima da gente. Quando eu troquei de emprego, eu fiz esse concurso, eu passei numa colocação boa, passei em quarto lugar, quase ninguém acreditou, no mínimo várias, 'meu Deus, você conseguiu, você fez o quê?'. Só não disseram que eu tive que dar para alguém, porque público, porque se fosse particular era isso que eu ia dizer, entendeu? Então, infelizmente, esse é um momento de desabafo que a gente vê assim, olha, eu posso mostrar o que eu sou, eu não preciso ficar me fingindo de retardada, não preciso ficar dando risada de umas merdas que a gente ouve, entendeu? Porque assim, tem coisa que a gente tem que botar uma máscara todo dia, infelizmente, porque se a gente for dizer assim todo dia, 'olha, tu está gastando esse desse dinheiro público aí com uma porcaria que não vai servir nem para seis meses, mas tu quer gastar porque é teu, tu diz que tu trabalhou para aqui, né?'. E tem um monte de gente ali, de criança passando fome, precisando de um brinquedo e não tem, entendeu? Infelizmente, não vai mudar, não é questão de ser rico, é a questão de ser sociável, é a questão de você ajudar, né? Tu pegar do teu guarda-roupa ali duas, três pecinhas de roupas, 'eu vou ajudar a fulana de tal', e depois tu vai ostentar por Paris, Alemanha e tudo mais, isso não é ajudar, entendeu? E para concluir, que eu sei que eu to hoje tinindo [risos], eh, Deus sabe das coisas que a gente tem, entendeu? Deus sabe do que a gente é capaz de fazer e graças a Deus eu faço meu trabalho bem. Essa questão do ofício que eu te falei aí, eu já fiz outros, só que as pessoas, então foi o que eu disse, até a pessoa que eu não vou dizer o nome porque não vai entrar, eu disse, eu já fiz outros ofícios de outras pessoas, mas isso daí não tem condições porque simplesmente se tu chega para o teu trabalho, tu pega a porcaria do teu celular e passa a tarde nele comprando na Shopee, eu não tenho o que trabalhar por mim, por ti, sabe? Não tenho. Eu também tenho Shopee, eu também fico querendo comprar, eu também tenho dinheiro público, entendeu? Então, não é engraçadinho, 'ah, porque eu posso, faz aí para mim', e não diz assim tipo, 'faz aí para mim', sabe? **E a pessoa sempre tem problema com pessoas negras, sempre tenta pejorar, pejorar as pessoas negras, entendeu? E é um histórico que já chegou para mim, já foi contabilizado, eu estou falando só dessa pessoa, mas tem outras pessoas também.** Então a gente tem sempre assim, ó, vamos pensar na nossa vida, a gente, eu vou ver nos exemplos das, das escritoras negras, das mulheres negras, por onde passaram, que a qualquer momento que ela tentava se reger um pouquinho, era morta, era estuprado, era esquartejado. Então, infelizmente, a gente tem que ver essa informação e fugindo de retardada, e deixa passar, porque se a gente se mostra o que a gente é, se eu falar o que eu estou falando para ti hoje aqui todo dia no meu trabalho, você é tachada como louca, amiga, sim, exatamente, é nesse nível. E elas dizem para mim: 'Eu sei que você não é isso aí'. Eu digo: 'Que bom que você sabe', porque tem hora que a gente tem que fingir tanto ser retardado, tem que dar tanta risada e tipo assim, 'olha, ela está

vendo que a gente está tentando fazer com ela, mas a gente não está conseguindo e não vamos conseguir porque ela sabe o que é que ela está a fazer', entendeu? É nesse naipe. E quanto mais tu sobe, mais querem te derrubar, mais querem derrubar, infelizmente, a realidade. Por exemplo, eu tenho só um professor negro e não é brasileiro. **[sobre o entendimento das cotas atenderem as demandas dos ingressantes cotista]** Não, eu acho que a lei, ela precisa ser ampliada. Hoje, ela atende assim a galera que, tipo, eu, né? **A galera que tá aprovada, mas não tá classificada. A galera que tá sempre na porta ali, tentando arrombar a porta mesmo, sabe?** Ela não atende aquela galera que tá na favela, aquela galera que tá na comunidade, aquela galera que tá lá dentro, dentro, dentro, sabe? Aquela galera que tá nos quilombos. Ela não atende. Ela atende aquela galera que é, é como eu falei, eu, que tá ali na porta, que tá sempre com a porta fechada, mas tá tentando abrir a porta, tá batendo na porta até que a porta se abra, sabe? Porque assim, ó, a gente teve muitas conquistas durante todos esses períodos aí, né? **Que eu te falei aí, porque toda essa minha vida foi pautada nesses períodos que a gente tá vivendo hoje. Eh, as universidades, as ampliações delas, é tipo um boicote que fazem com essa história que eu te falei dos professores, de todos os professores que eu tenho. Eh, e poucos mulheres, não tem nenhuma mulher negra, tem uma, tem várias mulheres brancas e tem um professor negro que é estrangeiro. Eh, ele deveria ter um par, porque tem duas, são duas disciplinas que uma deveria ser ele e outra outro para ir acompanhando. Ele não tem o par. Por que será que ele não tem o par? Porque simplesmente, tipo, ele é um homem negro.** Ele disse, ele disse na primeira aula: "Eu poderia dar as duas disciplinas, mas eu não vou ganhar por isso. Queria ter muito mais turmas, muito mais esforços e sem estar ganhando por isso". E ele é um homem negro. Eu sempre enfatizo isso porque assim, nós, mulheres negras, no ranking social, nós ganhamos muito menos do que todos eles e trabalhamos triplicadamente, temos uma rotina exaustiva e no dia que a gente tá estressada já, a gente já não presta, né? Questões sociais, questões psicológicas, enfim. **Resumindo a história, eu acredito que precisa ampliação dessa lei, sim, né? E se dependesse de mim, ela seria ampliada pá, rapidamente. Mas eu sei que tem os cortes, boicotes, as questões de tipo assim, não vai ser feito porque é você.** E eu fico isso lá no trabalho, eu digo isso aí, eu, eu, aí eu, eh, porque assim, eu também não fico calada, eu não sou uma mulher calada, sabe? Quando eu tenho oportunidade, eu falo, tipo, olha, semana passada mesmo, "Ah, porque você é nova no serviço público aqui". Eu disse, e eu procuro bem a palavra para falar, eu disse, "Olha, eu não sei o que acontece contigo, porque a gente tem que se fingir de louca, né? Eu não sei, mas assim, eu já tenho só de serviço público, eu tenho 10 anos na série estado municipal, estadual e federal, fora de serviço voluntário que eu já tenho mais de 10 anos também". Então, assim, eu não tô vendo a novidade aqui para, para mim, sabe? Porque as pessoas acham que tu chega nova, tu tem que te F***, entendeu, esse lance do ofício. Hoje mesmo, assim, eu vi que ela não gostou, porque assim, era visível que, tipo assim, vamos botar para ela, se F***. Eu digo assim: "Não, eu vou dar uma olhadinha depois, tu olha ali como é que eu quero igual aquele ali". Eu disse: "Tá, não te preocupa, não, mais tarde eu te, porque a gente tem que bancar a servidora, mais tarde, quando eu tiver um tempinho, não te preocupa, eu vou olhar". Tu olhou? Também não olhei, porque ela tava na Shopee e eu também queria ir para a Shopee, então, então alguém teve que fazer, né? E não foi eu [risos]."

Lívia

Com 23 anos, natural do Rio de Janeiro, Lívia se autodeclara preta ou parda, é bolsista e cursa o 6º período na Universidade Federal Fluminense (UFF), tendo ingressado em 2022/2. Sua trajetória escolar é com a parte da

alfabetização em ensino particular, e o restante realizado em instituições públicas. Lívia tem uma filha de 4 anos, e o seu maior desejo era fazer UFF.

“Eu me sinto uma pessoa rara e eu não queria ser uma pessoa rara, eu queria muito encontrar pessoas parecidas comigo, similares a mim, eh, na faculdade, eh, ter uma identificação, uma sensação maior de pertencimento ao local, porque quando eu entrei, eu tive que me esforçar muito para ter essa sensação de pertencimento, de eu estou aqui porque eu merecia estar aqui, eh, porque eu tive nota e um monte de coisa, mas tive que trabalhar muito mentalmente isso.”

[Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade] "Olha, eu fui ter uma sombra de assunto sobre cota no final do meu ginásio e começo do ensino médio, que também tinha, né? Eu também estava fazendo umas provas para as escolas de ensino médio e também tinha as cotas para o ensino médio. **Eu não entendia muita coisa porque era uma questão nova para mim, eu era muito nova. Mas quando eu comecei a entender, eu não entendi de verdade, porque eu tinha muito... Veio com uma visão preconceituosa para mim quando me contaram sobre. Veio com uma visão preconceituosa, uma visão de desmerecimento, de que não, de que não valia a pena, porque todo mundo tinha que ser ampla concorrência, porque era injusto com todo mundo. E veio para mim com um monte de discurso preconceituoso, e eu, como eu era muito nova, altamente influenciável, era um discurso que eu acabava reproduzindo, né? E acabei, eh, reproduzindo durante muito tempo o discurso de que cota, as cotas eram um desmerecimento, de que não, não precisava existir, e me arrependo amargamente disso. Mas era um discurso que eu reproduzia porque chegou para mim através dessa visão, né? E eu acabava repercutindo. Eh, outra coisa que eu falava também, não acho que eu não vou lembrar agora, mas era muito... Ah, que as cotas eram mais excludentes do que a ampla concorrência, porque era muito limitado, porque é muito limitado.** Então, na época, né, acreditava que, na verdade, limitava mais o ingresso das pessoas destinadas às cotas do que realmente ajudava. E eu fiquei com essa visão durante muito tempo. Ao longo, eh, eu entrei no ensino médio via prova, né? Acabei fazendo FAETEC e lá, fazendo as matérias, Sociologia, eh, Filosofia, as matérias sociais, eu acabei ampliando muito mais a minha visão sobre isso e entendendo realmente a história da coisa, né? Porque eu gosto muito de, de raiz, de ver as coisas no surgimento, da raiz do porquê surgiu, eh, como aconteceu. **E entendendo sobre isso, mais adquirindo também um computador, internet, graças a Deus, eu não uso internet só para bobeira [risos], eh, pesquisando muito também, foi quando eu tive um conhecimento mais amplo e muito, infinitamente menos, quase nulo de preconceito. [sobre já ter sentido algum constrangimento por ser cotista racial]** Não, hoje eu sou muito escancarada, hoje eu falo abertamente. Ninguém tá falando nada, eu falo que eu entrei na UFF porque eu sou cotista e passei em primeiro lugar na vaga da... até esqueci, acho que era S5 alguma coisa assim que, que puxava, eh, racial, eh, vulnerabilidade social, que é financeira, né, e escola pública, lembrei. Eh, esses três, eh, puxava junto esses três, eu entrei nessa vaga muito feliz porque eu demorei, eu, eu suei para entrar e eu, eu falo abertamente. Sem problema nenhum. Dificilmente também aconteceu de alguém, eh, tentar desmerecer minha vaga porque eu entrei por via cota. **Quando surgiu uma sombra de que iria acontecer, eh eu geralmente eu contorneio o assunto dizendo que, pô, era uma vaga super importante, contextualizando e dizendo o quanto eu fiquei feliz com aquela vaga, geralmente o assunto morre. Mas só me ocorreu pouquíssimas vezes, eu só consigo me lembrar de uma e, e foi bem no início, bem lá em 2022 mesmo. E a UFF era a faculdade que eu queria, não tinha outra que eu quisesse, e acho que foi porque quando eu consegui entrar na UFF efetivamente, foi que eu fiquei tão feliz que eu ignorava qualquer questão que fosse. [quanto ao entendimento político do corpo negro, de afirmar-se negra]** Não tenho

muito entendimento sobre o corpo negro ser político. **[sobre a sua vivência com estudante cotista dentro da universidade pública]** Mas dentro da Universidade me sinto uma raridade, assim resumidamente. Porque quando eu sento numa sala de aula do meu curso mesmo, ah, nem preciso ir para outra, outro curso não. **Quando eu sento na sala de aula no meu curso mesmo, eh, às vezes tem eu e uma colega, ou eu e uma pessoa que eu não conheço, mas é muito pingado.** Eu sinto que quase não tem pessoas, pessoas negras que dizem que são negras, porque às vezes a pessoa também é parda, mas não se reconhece como parda, eh, se reconhece como pessoa branca. **E então, quando chega lá na sala, pessoas que se declaram pretas ou pardas são muito poucas, muito poucas mesmo. Eh, vendo no geral, tem muito mais pessoas brancas do que pessoas pardas ou pretas. Às vezes ocorre numa sala de aula eu estar sozinha enquanto pessoa negra e, por mais que isso deva ser comum, né, não ser estranho, eu às vezes me sinto até estranha de ser uma única pessoa da minha cor, sou uma única preta no meio de tantas pessoas brancas e, às vezes, muito raramente me chega até ter a sensação de eu não deveria estar aqui, de não pertencimento.** É muito raramente, mas quando eu tô numa sala que só tem eu de pessoa negra, eu fico com essa sensação de que talvez eu não deveria estar ali. **Mas uma professora minha, que por sinal não era, não era negra, era uma pessoa branca, ela diz que, por eu, não direcionada a mim, né, ela disse que por uma pessoa negra estar na faculdade gera uma, uma grande, uma grande glória assim, um grande, um grande vislumbre, um grande brilho. Se ela tá sozinha numa sala, é aí que ela deveria se vislumbrar, eh, se vislumbrar não, é se gostar mais mesmo, se sentir que deveria estar ali mesmo, justamente porque, infelizmente, não tem, não é um desejo tão grande...** Eh, estávamos conversando essa semana na UFF que não é um desejo mais, não é divulgado mais esse negócio, esse negócio de faculdade, poucas pessoas, principalmente pretas e pardas, não almejam faculdade, às vezes vão direito pro emprego ou diz que faculdade não é muita coisa e acaba que diminui cada vez mais, infelizmente, a presença de pessoas negras e pardas nas salas de aula de uma graduação, não? E, e vai diminuindo conforme vai subindo o nível, eh, mestrado, doutorado, Pós-Doc. E às vezes eu me sinto estranha, mas também fico feliz por conta disso que uma professora disse, que infelizmente eu não lembrar a professora que disse agora, mas eu sei que foi uma professora e que ela era branca, ela não era negra, que eu lembro que eu fiquei impressionada com o que ela disse, justamente porque não era a área assim, um sentimento dela, não, não era algo que ela vivesse e mesmo assim ela conseguiu ter esse olhar. **[Por que que tu acha, que cada vez mais tem menos pessoas negras na faculdade, menos mesmo com, com incentivo das cotas raciais?]** Acredito, que um pouco por conta disso que eu acabei de falar, né? A falta de disseminação e também porque atualmente a gente vive muito numa situação emergente, a precisar trabalhar, precisar ir para o mercado de trabalho mais rápido, mais urgente possível. **Eh, eu, por exemplo, eu não sei se eu sustentaria ficar, ficar na faculdade, estudar efetivamente, se eu tivesse que trabalhar e estudar, por exemplo, como eu vejo muitas colegas minhas que fazem, trabalham e estudam, eh, fica pesado, às vezes tu não consegue pegar matéria e acaba saindo da faculdade nos primeiros quatro períodos, tu nem entrou direito na faculdade, mas tranca, sai, alguma coisa por conta desse negócio de trabalhar e estudar.** Eh, eu, eu, eh, eu consigo porque, mesmo tendo uma filha, né, que agrava um pouquinho mais a situação, eh, eu tenho que agrava um pouco mais a situação porque, porque eu sou casada e meu marido se, meu marido e minha mãe, se minha mãe é aposentada atualmente, então ela se propõe a ficar nesse revezamento de ficar com ela enquanto eu passo o dia em Niterói. Eh, eh, mas muitas vezes eu vejo como essa, como essa situação emergente mesmo de não ter condição financeira ou de não ser motivado, **porque nós não somos criados para estudar, a gente é criado muito pensando que precisamos, precisamos ajudar a família, precisamos dar mais, eh, dar mais suporte à família, eh, a gente precisa ajudar, ganhar dinheiro, ganhar dinheiro mais rápido, o que eu posso fazer para ganhar dinheiro, tanto que a gente aprende a fazer trabalhos manuais mais cedo, a gente aprende a, a**

cozinhar mais cedo, a gente aprende a fazer muitos trabalhos em casa ou trabalhos manuais mais, mais rápido e mais cedo nessa situação emergente de ficar precisando de dinheiro o tempo todo, ou então, eh, daquele negócio, né, seus pais não estão em casa, eh, você tem que aprender a se virar muito cedo porque seus pais têm que trabalhar para te sustentar e eles trabalham muito. Acredito que vem de muito tempo esse, essa falta de incentivo para as pessoas pretas e pardas, eh, por conta da, da situação da emergência de precisar de dinheiro, de ajudar em casa e nessas coisas. [sobre a escolha pelo curso de Biblioteconomia] Ih, foi uma, foi um negócio longo que eu prestei ENEM três vezes até decidir prestar ENEM para efetivamente biblio e eu escolhi biblio, tem uma história bonitinha e tem outras outras pequenas historinhas que, como eu sou, como eu sou do Rio, sou do Rio, a minha mãe gostava muito quando eu era criança de fazer passeios culturais, passeios que me fizessem enxergar as coisas do jeito que elas são e não ficar naquele negócio de desenho, fantasia o tempo todo. Em um desses passeios, a gente foi passear no centro e ela me levou lá na BN, lá na, na Fundação Biblioteca Nacional. [nesse momento paramos um pouco porque a filha da participante foi até a sua mãe] Voltando um pouquinho na história, nesses passeios, ela acabou me levando na BN e na época, hoje, hoje não pode mais, né, só em visita técnica, mas na época, eh, a gente podia circular por toda, por toda a biblioteca, por todos os nichos e, como, como eu era criança, eu era menor, era mais fácil ter acesso a muitas coisas. E circulando pela biblioteca, eu entrei no, eu entrei na área onde fica os livros de horas, onde fica o, o acervo em si e ali eu vi, eu vi as pessoas, eh, mexendo nas gavetas, eu vi o funcionamento da BN, né? E eu vi aquele acervo enorme, bonito para caramba, todo madeirado, com coisas diferentes e ali eu fui me apaixonando pela biblioteca em si. Eh, com o passar dos anos, eh, eu descobri que eu gostava muito de trabalho de escritório, esse negócio de mexer, mexer com papel, mexer com acervo, eh, até com digital também, mas pouco. Eh, eu cheguei até a cogitar administração por conta disso, eu gostava muito da área administrativa e quando eu fiz o ensino médio, como eu comentei, eu fiz FAETEC, eu estudava banco de dados e era a única área que eu gostava de TI, que era mexer com banco de dados, ali eu mexia com todo o prazer, com todo o amor que eu tinha pela matéria. E quando eu fui para prestar ENEM, eu falei, cara, eu gosto disso, disso e disso, como que curso, o que que faz que eu posso juntar isso tudo? E eu demorei a achar, demorei, demorei mesmo porque eu ficava pesquisando muito. Aí tudo indicava de eu fazer administração, mas eu falava, não, não vou fazer administração, é cálculo, eu não quero fazer cálculo, muitos cálculos. Aí eu fiquei, depois de um tempo, eu achei arquivo, Arquivologia e eu falei, tá no nicho que eu quero, mas ainda não é isso porque eu também gosto muito do atendimento ao público, atendimento ao público em especial o atendimento a criança e eu falava, poxa, é, tá num nicho que eu gosto, mas ainda não é exatamente isso, até um dia que eu achei biblio, né? Porque faziam aqueles comparativos, né, Arquivologia e Biblioteconomia, veja as diferenças, eu vi outro vídeo também e daí eu escolhi biblio. Mas quando eu fui pro ENEM que eu tive que escolher o curso, eh, eu já queria, já sabia que eu queria que fosse na UFF e isso eu já sabia, mas aí a gente tem que ter plano A, B, C e etc, né? Eu ficava pensando, e se eu não, não passar efetivamente pra UFF, ah, vamos tentar o UFRJ. Ah, só que eu descobri, né, pesquisando currículo e também vendo pelo nome que a Biblioteconomia na UFF é Biblioteconomia e Documentação e a Biblioteconomia na UFRJ, Biblioteconomia e Gestão de Documentos. Eu falava, eu gosto um pouco dos dois, olhei a grade curricular, li a ementa do curso e o que mais se encaixou, graças a Deus foi a da UFF porque eu não queria mexer com gestão, né? Porque eu queria muito lidar diretamente com, com público final, com o público cliente, aquele que tá ali para conversar com você e você dá um suporte para ele, eu queria mexer com essa galera e gestão não mexe muito, é muito mais a coisa administrativa mesmo, é muito mais aquilo e eu não gostaria dessa área. Aí corri, fiz tudo para passar para biblio na UFF, eu já queria mesmo, oh, e acabei ficando para lá. Eu gosto muito do curso, óbvio que a gente não vai gostar 100% do curso, que nada é 100%, tem umas áreas que

eu gosto muito mais que outras, tem pesquisas que eu gosto de fazer mais que outras, mas no geral eu gosto muito, é minha paixão, eu não vejo problema nenhum em fazer essa viagem diária que eu faço daqui para Niterói porque é minha paixão. **[sobre campanhas/ações do curso de Biblioteconomia para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais]** A abertura tem bastante, mas não vejo como uma discussão que se tenha normalmente, até porque, como eu comentei há um tempo atrás, muitas vezes eu entro na sala e eu sou a única pessoa negra ou eu tenho pouquíssimas colegas, duas, três colegas que são pessoas negras. **Eh, no departamento, até hoje eu só vi uma professora negra e, por mais que tenha abertura para ser falado, conversado, às vezes o que a gente conversa é mais entre alunos do que entre aluno e professor,** mas ocorre e o professor, ele ajuda, ele ajuda muito, conversa com a gente. Tem uma disciplina que a gente faz, que é Aspectos Legais, que a gente lê algumas leis e nessa disciplina a gente conversa muito sobre a questão racial também, os direitos, deveres. Eh, a gente conversa muito lá sobre, acaba conversando sobre cotas também, por conta da lei, né? **Mas, tirando isso, é tudo uma conversa muito mais simples do que efetivamente, eh, explicativa, rebuscada.** É muito mais uma conversa, aí. **[sobre as perspectivas como futura bibliotecária]** Eh, difícil, difícil, porque a gente pensa muita coisa. Como eu falei, eu gosto muito de balcão, eu gosto muito dessa interação com o outro, mas também gosto muito da biblioteca escolar. Eu sou mais tendenciosa para a biblioteca escolar do que para balcão de uma biblioteca grande, eh, porque lá dentro, lá dentro da biblioteca escolar, eu vejo que a gente instrui muito mais, trabalha mais direto, eh, com a ilustração de livro, tipo de leitura, ah, guiar, né? Que tipo de leitura para cada tipo de idade e também é onde a gente tem que ficar mais por dentro dos assuntos que estão rolando efetivamente, eh, até para poder instruir melhor, porque é um público que é muito jovem, então não sabe muita coisa ou, se sabe, acha que sabe porque pesquisou. É onde você tem uma, eh, uma abertura melhor para oficinas, porque estão aprendendo a pesquisar, não não sabem pesquisar efetivamente e eu gosto muito dessa área da, da instrução à pesquisa também, que eu faço na faculdade, eu faço até pelos corredores da UFF, eh, eu sou mais tendenciosa para essa área e porque é uma área que eu, porque eu vejo que é uma área muito negligenciada, deixada de lado, por mais que exista a lei, né, que obriga cada escola ter uma biblioteca com um bibliotecário pelo menos, é uma lei que é muito deixada para lá e não, você existe a lei, mas você não vê ela sendo posta em prática efetivamente e eu gostaria muito de, no futuro, né, ter a oportunidade de ser bibliotecária escolar até para ajudar na luta também, né, que isso é uma luta de, ah, que tá sendo. **[sobre se ainda escolheria as cotas raciais]** Sim, com certeza e no mesmo curso, eu não me vejo fazendo outra coisa. **[risos]** **[sobre o entendimento das cotas atenderem as demandas dos ingressantes cotista]** Hum..., atende, mas em parte, porque vendo não só o público de biblio, né, mas vendo no geral, eh, você continua vendo pouquíssimas pessoas, pessoas negras e pardas na faculdade. É, você vê, óbvio que você vê, mas você não vê naquela mesma massa que você vê de pessoas brancas e quando você, você vê isso muito nitidamente quando você tá num RU, por exemplo, num restaurante universitário, é onde eu vejo com mais amplitude isso. **Eh, a questão da de ser cotista também, de ser bolsista, eh, não é muito integralizado, você, você tem direito a ser bolsista a partir do momento que você é cotista, pelo menos na aonde eu estudo e, mas não é divulgado, poucas pessoas sabem disso e eu tive que pesquisar muito para entender direito isso e pesquisar até lá dentro mesmo, né, com alunos, com alunos, porque muitas vezes a professor, outros, outras pessoas não sabiam responder, não sabiam o que dizer.** O e-mail, e-mail não é, era, é, você manda e-mail hoje, é respondido daqui a dois dias e por aí vai. Então eu acho que atende, mas poderia ser melhor, porque atende pouco, atende muito pouco, poderia ser divulgado mais, eh, **os direitos que a gente tem como cotista dentro da faculdade, eh, que são muitos que eu descobri depois, eh, e acho que é isso, acho que poderia ser divulgado mais, que a gente não tem conhecimento dos nossos próprios direitos, a gente sabe nossos deveres, mas os direitos, porque os deveres fica praticamente**

escrito num papel em todo o corredor, mas os nossos direitos não ficam, não fica tão explícito, não tem um canal para isso reservado. Eh, quando, quando às vezes tem, não tem muito atendimento e eu acho que poderia ser mais divulgado, mais explorado para ficar melhor. [sobre campanhas/ações que a Universidade pode fazer para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais] Eu acho que a gente tem que fazer uma coisa que, uma coisa que chame, né? Chame pessoas e que faça elas ficarem ali efetivamente assistindo. Uma professora minha, eh, disse que a melhor maneira de chamar atenção de universitário é dizer que vai dar hora, vai dar hora extracurricular e fazer palestras com isso é a melhor coisa que tem, porque todo mundo vai esperando hora curricular [risos] e é onde a gente descobre muitas coisas interessantes nessa de ir atrás de horas. Chega um momento na universidade que tá todo mundo correndo atrás de hora desesperado e aí essas palestras que ocorrem desse jeito geralmente tem muito público. [sobre como se compreende como cotista racial] Eu me sinto como uma pessoa rara, [risos] né? Eu me sinto uma pessoa rara e eu não queria ser uma pessoa rara, eu queria muito encontrar pessoas parecidas comigo, similares a mim, eh, na faculdade, eh, ter uma identificação, uma sensação maior de pertencimento ao local, porque quando eu entrei, eu tive que me esforçar muito para ter essa sensação de pertencimento, de eu estou aqui porque eu merecia estar aqui, eh, porque eu tive nota e um monte de coisa, mas tive que trabalhar muito mentalmente isso e eu desejo que no futuro, como quando a minha filha ou minha prima que tem oito anos hoje for entrar na graduação, desejo que elas entrem, que seja motivado, ensinado que a universidade é importante, que trabalhar diretamente nem sempre dá certo, que é importante estudar mais, ter estudo e desejo que além disso, que elas não se sintam diferentes num local, que tenham mais pessoas iguais a ela para ela não se sentir sozinha.”

Petronio

Aos 28 anos, natural de Recife, mas residente em Petrolina, Petronio se declara negro e atua como bolsista na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Cursando o 9º período, com ingresso em 2019/1, sua trajetória escolar foi construída inteiramente em escolas públicas.

“Então, a respeito da história das cotas raciais, né, eu achava que, na minha perspectiva, as cotas eram para servir a pessoas negras, pardas, indígenas, mas para mim se tornou uma coisa tão identitária para as pessoas que não têm entendimento de classe e sim só de raça, que eu abordei a questão, unir essas duas questões, né, entre questão de raça e classe.”

[Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade] “É, então, eu sou filho, né, de um ex-sargento, né, da terceira patente do Exército Brasileiro e de uma dona de casa, né? Então, minha família sempre foi meio a meio, né, em relação a discussões. Eu vivi numa família totalmente assim, envolvida com movimentos sociais, né? Minha mãe era uma delegada da, da, da associação de moradores, minha avó também, né, de um bairro operário, né, periférico, operário, né, da cidade do Recife chamada Chico Mendes, e que era, a gente sabe que foi Chico Mendes, né? Após a morte dele, o bairro foi batizado com esse nome, mas antes o nome era Palestina, né? Então, a respeito da história das cotas raciais, né, eu achava que, na minha perspectiva, as cotas eram para servir a pessoas

negras, pardas, indígenas, mas para mim se tornou uma coisa tão identitária para as pessoas que não têm entendimento de classe e sim só de raça, que eu abordei a questão, unir essas duas questões, né, entre questão de raça e classe. Então, era um debate muito profundo lá em casa: 'Ora, eu sou classe operária, quer dizer que eu não ocupo só pela minha cor'. Então, era uma coisa que chamava bastante atenção na nossa casa, mas sempre teve essa discussão de dizer: 'E raça e classe são as mesmas coisas? A condição do negro e a condição do classe trabalhadora, quem é a maior?'. Minha avó chegou uma vez e disse: 'Qual é a maior classe que trabalha, a negra ou a branca, classe operária?'. Então, essa condição é tipo assim, no ano 2018 de que eu tava estudando febrilmente, né, para a universidade, eu descobri que não foi o governo, eh, mais progressista, né, de 2013 a 2016, que criou as cotas, e sim o movimento negro que cresceu exigindo a, a, a, a cotas raciais, né? Exigiu o currículo da história negra, né, afro-brasileira nos currículos, né? Então, tudo isso eu peguei, né, comecei a estudar bem antes disso, tinha jornais da época, a própria Lélia Gonzales já dizia sobre isso, Abdias do Nascimento, Clóvis Moura. Até porque eu sou militante, né, e sou, faço parte de uma frente negra hoje, que é a Frente Negra Revolucionária, né, que inclusive apoiei e apoio o Presidente da República, candidato Leonardo Pericles, estudou biblioteconomia, né, sou um dos fundadores do partido que hoje ele é presidente nacional. Então, toda essa questão não identitária foi que me fez entender a questão do negro no Brasil e as cotas raciais. Então, tipo, tudo isso eu devo ao movimento negro e não aos governos progressistas, assim eu posso dizer. E quando eu adentrei dentro da universidade, é total elitismo, né? Ainda há um elitismo grande dentro das universidades, né, e que me fez eu tomar partido, que me fez eu entrar mais ainda nos movimentos sociais. Eu já era dos movimentos, eu já era do movimento estudantil desde a época do, quando eu era de ensino médio, né? E aí eu enxerguei na minha sala mesmo, tinha, eh, cinco filhas de prefeito, né? Uma era sobrinha de um senador da República aqui, e duas eram, eh, sobrinhas de dois governadores de outros estados. E aí, sendo que para elas era uma praticidade tão grande, dizia: 'Você pegar ônibus?'. Então, tipo assim, elas nunca vivenciaram isso, nunca comeram no RU restaurante universitário. Então, eh, graças ao movimento negro, né, que a gente tem, aí teve à frente um MNU, que a gente adentrou, inclusive, na, na minha sala, no centro que eu estudo, é o que mais tem, eh, pessoas de vulnerabilidade socioeconômica, né, pessoas negras, pardas, inclusive tive o prazer de estudar com a indígena, né, do tribo Tapuia, porque eu acho que quando a gente fala da questão cota racial, a gente só aborda a questão negra e a questão indígena, cigana, né? Então, eu acho que isso a gente deveria abordar mais, né? Quando eu entrei no curso, também tem uma cadeira chamada, eh, étnico-raciais, Informações étnico-raciais, que era dado por uma professora parda, né? Assim eu posso classificar, não sei, né? E ela ministrava mal, assim eu posso dizer, porque não tinha realmente monte da gente beber realmente, né, sobre informação negra, né? Tipo, jornais, livros, ela passava muito assim, mais, eh, sites falando sobre a questão negra, acho que faltou muito disso dela, né? Eu acho que ela deu uma péssima aula, né? Ela deu assim, ela passou livros, né? Por exemplo, 'Pele Negra, Máscaras Brancas', do Frantz Fanon,

passou também sobre o professor Munanga lá da USP, né? Eh, mas informação negra não houve. Ela pediu pra gente ler o livro, uma parte do, um capítulo do livro e fazer um resumo oral, né? Porque foi na pandemia que eu paguei essa cadeira. Então, elas, essa professora já tem uma fama de não dar uma boa aula, né? Tanto que eu paguei Fundamentos da Biblioteconomia com ela e não foi uma das melhores. Aí depois eu, depois de muito tempo assim, eu já tava no oitavo período, nono período mais ou menos assim, eu conheci o professor, eh, [nome do professor], é um professor negro, né, lá do Ceará, que veio dar aula aqui na UFPE, é um professor negro e que pegou essa cadeira e não, não, não paguei nenhuma essa disciplina mais com ele, mas é um professor muito, eh, engajado, né? É um professor que tem um grupo de pesquisa agora, né, que tem uma bibliotecária no nosso centro também, que ela é negra, né, né? Ela faz pós-graduação também no departamento, então pegou também um amigo meu, que hoje ele é meu amigo, né, pessoal, que é uma pessoa negra, né, de pele retinta, né? Tô falando pessoas negras retintas que está nesse grupo de pesquisa. **Então, tipo, com a, com, com, com o, o a chegada do professor, acho que deu uma repaginada grande no nosso departamento, porque o nosso departamento é muito, tem muita pessoa branca, né, de famílias políticas, né, intelectuais, né, da, da sociedade pernambucana, né? Então, assim, e tem uma elitização muito grande, né?** E aí, só nas, acho que no departamento só tem quatro, eh, professores negros, quatro numa, num colegiado que abrange mais de 30 professores lá. Já vi, já ouvi até de estudantes racismo, né? Então, tipo assim, eu cheguei na universidade no sonho, né, de todo estudante, né, de estar na universidade, foi um processo assim muito doloroso para mim, porque primeiro eu não queria depender dos meus pais, né? Eu queria ser independente, né? Meu pai, no início, meu pai e minha mãe, no início, me ajudou muito assim na passagem de ônibus, mas chegou o tempo de eu faltar a aula, de ir a pé à faculdade, porque a faculdade era uns 5 km da minha casa, né? Então, cheguei aí a pé, voltar a pé, e, e quando abriu o edital, me inscrevi, botei vários documentos, foi um processo muito assim, né, grande para ser aprovado e para pessoal, enfim, um monte de coisa que aconteceu e **fora o assédio moral que eu sofri, né, que sofro dentro do meu departamento, que as pessoas se excluíram de mim porque eu fazia, faço movimento estudantil, e eu acho que isso, né, para pessoas militantes dentro da, principalmente do movimento negro, são excluídas, eh, fala sobre questão, eu sou muito, eh, debato muito a questão, a gente não deve se apropriar só o debate da raça, mas da classe, como eu falei, né, como eu fui criado com meus avós, pais, tal. Então, tudo isso, eh, tornou para mim um ambiente de exclusão também.** Eu já vi amigas minhas desistir do curso, inclusive eu homenageio nos agradecimentos a [nome da amiga], né? A [nome da amiga] desistiu do curso porque não tinha condições de continuar, ela chegou a vender pipoca no departamento, professora da faculdade, sanduíche natural na época fazia eu, assim, depois que passou esse período do, da bolsa, né, foi, foi o que mais me tranquilizou também, depois daquele ano que foi 2019 que eu entrei na bolsa, com um ano depois eu fui fazer estágio no SENAI, eh, ganhei muito bem, né? Foi o ano assim que eu fiquei maravilhosamente ganhando bem, depois eu entrei na Fundação Joaquim Nabuco de pesquisa social, onde trabalhei

na, na biblioteca. E aí que, *eh*, eu queria muito ajudar ela, mas aquele negócio, não pode, né? E aí, sendo que eu me senti um pouco também culpado porque ela pediu minha ajuda várias vezes em entrar no, no auxílio emergencial e ela não podia, né, e eu não podia, não estava mais mandei edital, é aquele negócio, né? Você se tome sua responsabilidade, eu fui dentro da faculdade, dentro do departamento principalmente, *eh*, assumo sua responsabilidade, e tipo assim, eu sempre fui de ajudar as pessoas, **então, tipo assim, para eu caber nesse ambiente egoísta, né? Eh, esse ambiente egocêntrico, eu tive que fazer isso, então, eu acho que eu me senti um pouco por causa disso, né?** E por isso, né, a [nome da amiga], a [nome de uma segunda amiga] saíram do curso e, *eh*, ficaram poucas pessoas. Por exemplo, *eh*, não só é questão racista aqui dentro do departamento, mas também uma questão capacitista que tem dentro do departamento, né? Quando a gente fala de acessibilidade das bibliotecas, é tratado como secundário, né? E não como algo, *eh*, deve ser combatido, né? Combatido, eu digo assim, o capacitismo, né? Então, tem um pouco do capacitismo, a elitização da ciência, por exemplo, hoje, **porque eu, eu quando eu entrei na faculdade, eu pensei: 'A ciência é pro povo, né? É para além dos muros, né? É para desenvolver pro povo'.** Eu tenho uma certa admiração pela UFMG, porque a UFMG é dada como uma das melhores faculdades que fazem pesquisas, ciência, essas coisas, **então o que que eu pensei?** Eu acho que a gente é igual a UFMG. Então, eu entrei num, num pesquisa do núcleo, eu sempre fui voltado para movimento, foi o Núcleo de Documentação sobre os Movimentos Sociais da UFPE, e lá a gente investigava a CUT, os sindicatos, movimentos estudantis, né? Eu nunca, **para você ter uma ideia, foi a, o assédio moral foi tão grande que eu nunca fiz pesquisa no meu departamento e eu nunca fui monitor de nenhuma disciplina do meu departamento, para você ver o quão o assédio moral chegou, né? Então, tipo assim, ah, não coloca ele, ele é militante, tanto.** Não só eu, mas o cara que provocou isso também, ele é militante e ele também foi evitado de fazer muitas vezes, né, ser monitor, o cara que provocou, ou seja, ele deu um tiro que ricocheteou, né? Então, por isso assim, há uma exclusão muito, principalmente para pessoas militantes dentro da, da nossa no departamento e também pela ciência, porque tem professores, **inclusive, não foi, foi de mim que saiu disso, foi de um professor que saiu de mim e falou: 'Ó, a tua pesquisa é excelente, porque sobre documentação e memória sindical, eh, sobre, sobre classe trabalhadora, documentação, então chama muita atenção, e tem professor que não utiliza sua pesquisa porque não dá dinheiro', ou seja, a nossa ciência é uma mercadoria.** Eu cheguei assim a pensar, a nossa ciência virou mercadoria porque não dá dinheiro, né? Porque essa lógica do capitalismo, a gente tem que nosso tempo é dinheiro, nossos braços, mãos é dinheiro, nosso conhecimento é dinheiro, porque é disso que tem professor lá que é assim, entendeu? **Então, por isso que a universidade, ela, eh, ao mesmo tempo que ela acolhe, ela expulsa seus alunos, entendeu? Então, tipo assim, eu já vi, por exemplo, tinha muitas mulheres trans no meu, no na faculdade, na universidade, né? E que hoje elas são prostitutas, são negras e mulheres negras, né? Então, tipo assim, a única que eu posso dizer assim se salvou foi a professora [nome da pessoa], hoje ela é professora de filosofia, ela é concursada, né? Ela**

passou agora na Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, que hoje é professora do estado, né? E tipo assim, só a gente sabe, né, enquanto pessoas negras, periféricas, moradoras, né, da periferia, né, principalmente de origem operária, a gente sabe o que passa, né? Então, tipo assim, a universidade não foi nenhum pouco assim sentimental pros seus alunos, né? Então, quando a gente debate uma questão negra, não pode debater questão negra porque é algo muito militante, e mais assim, eu acho que por um lado foi bom a abertura étnico-racial porque deu uma repaginada no nosso departamento, principalmente com a chegada do professor [nome do professor], acho que o professor [nome do professor] é um professor assim extremamente muito assim quando fala sobre bibliotecas antirracistas, né? Então, mídias informacionais negras, né? E o professor contribuiu muito para isso, e eu acho que a chegada dele enquanto professor negro, né, e que pegou essa cadeira, porque tem outro professor negro, né, que é diretor do Centro de Artes e Comunicação, que ele também, e não pegou essa parte porque não era dele, né? Ele não, não tinha, mas ele é engajado, ele, eu acho que ele é filiado, não sei, a um partido, mas ele é muito engajado assim nas lutas sociais, mas ele prefere estar nos bastidores, mas, eh, o único que pegou essa cadeira, né, que tomou de uma professora que soube ministrar bem essa questão da questão negra. Mas assim, para te falar, o único departamento que me acolheu, minha pesquisa, né, minha, eh, todas as, foi o departamento de História e de Serviço Social, né, que me abraçou assim de uma forma que disse que assim me senti muito abraçado, porque disse: 'Você é muito bem-vindo', né? E me senti acolhido, as pessoas de História, a gente assim troca uma ideia muito massa, a gente conversa bem, né? Porque hoje em dia só quer saber de Ciência da Informação, mas e a Ciência da Documentação, onde ela tá, né? Então, eu tava conversando aqui com a bibliotecária do Instituto Federal do Sertão Pernambucano aqui de Petrolina, ela disse que é, as pessoas só querem saber de Ciência da Informação, , e a Documentação, porque veio antes dela, né? Então, é como fala aqui meu conterrâneo, o professor Edson Nery da Fonseca, ele diz que, eh, a ciência da informação, ela veio para complementar a ciência da documentação. Então, hoje em dia assim, para você falar também, não existe também tanto assim, eh, eh, algo que fale sobre ciência da documentação. É muito raro. Então, tipo assim, eu acho que minha pesquisa também foi um pouco colocada de lado porque é documental e também não dá dinheiro, como eu falei para vocês, não dá dinheiro, eh, é mais uma pesquisa mais científica, anti militante, né? Por exemplo, se chegar um acervo da cultura negra revolucionária como a de Zumbi dos Palmares, eu acho que ela não chegaria no nosso departamento, obviamente, porque primeiro não dá dinheiro, vai dizer logo, não dá dinheiro, sabe? Então, eu paguei uma cadeira também, gestão documental, eu tava falando da minha pesquisa, professor, e ele colocou a pesquisa dele do Diário de Pernambuco. Eu não sei se você tá sabendo, mas a digitalização desse acervo do Instituto da Associação de Imprensa de Pernambuco, que inclusive tá o jornal mais antigo do estado, né, que é o Diário de Pernambuco, tem 200 anos, é mais antigo do que a Globo, que o Estadão, é mais antigo que eles, e tá sendo digitalizado, o professor colocou na frente e disse: 'Não, isso é pesquisa e tal', porque tá dando

dinheiro, aí tá dando retorno, tá dando bolsa para ele, sabe? Dentro desse jornal tem vendas de pessoas negras sendo vendidas, né? Porque como um jornal da época colonial, da época e monarquia, onde os negros eram mercadoria, né? O professor, ele, ele tratou como algo assim: 'Nossa, como é que pessoas negras..., como se não soubesse, né? Como se não, eh, tivesse ideia do que que tava acontecendo naquela época. Ah, nossa, pessoas negras eram', inclusive o próprio jornal apoiou o nazi-fascismo, né? E tem lá campanhas inclusive a Hitler, né, dizendo: 'Hitler chegou à Polônia graças e tal', **e tipo assim, incrível que pareça, eu fui fazer, fui pegar nesse jornal e tinha venda de pessoas escravizadas, uma mulher descrevia a mulher, catalogava a mulher para poder a mulher, aquele homem, né, para ser posto à venda.** Então, tipo assim, algo tratado como, né? Então, tipo assim, como eu falei, a, a chegada do professor [nome do professor] foi que deu uma repaginada muito grande daquele departamento, né? Quando ele colocou a pesquisa sobre, eh, o grupo de pesquisa né, chamou uma bibliotecária negra retinta assim como ele, assim como o meu amigo, né? Assim como, eh, outros, inclusive nesse, **não sei se você soube, o CBBB foi aqui ano passado, foi aqui, eu fui um dos monitores e tinha uma bibliotecária do Sul que chamou nós de preguiçosos, né? Ela disse que ela numa fala dela, inclusive isso é racismo, né, a xenofobia ao mesmo tempo racismo, porque o garçom que estava servindo a gente, ele era negro, disse: 'Porque não tava fazendo café, porque os nordestinos são preguiçosos'.** Foi isso que ela disse, né, na frente assim de todo mundo, né? E ela, com isso, falou como se fosse uma piada, né? Então, para você ver, ainda há um racismo muito grande. Eu trabalhei num, por exemplo, eu vou citar você, eu fui, trabalhei numa dessa Fundação, né, que eu falei, a Fundaj, a Fundação Joaquim Nabuco. Ela foi fundada por um racista, né, que é o Gilberto Freyre, que é um, assim, para mim, dos misóginos e racistas da crítica social e que ele coloca a teoria da democracia racial, né? E aí, dentro desse, dessa Fundação, já não se fazem concursos há mais de 24 anos, lá por volta desses ou até mais, eu não sei explicar, e dentro dessa, da biblioteca, tem racistas, por exemplo, no meu, no meu andar que eu tava, eu era da processamento técnico, eu conheci a [funcionária 1] e o [funcionário2]. São dois terceirizados, o [funcionário2] limpava, né, era auxiliar de limpeza, e a [funcionária 1] era recepcionista da bibliotecária chefe, né? Os dois são do cultura negra, matriz africana, né, religiosa, e que [funcionária 1] é branca, o [funcionário2] é negro e o Henrique é gay, né? Ele é casado com o [nome da pessoa], e que eles sofreram racismo religioso dentro de, de lá, e todo dia assim, eh, "Kariane", né? E aí, sendo que assim, Kariane, todos os dias, desde quando eu entrei naquela biblioteca, era caso de racismo, todos os dias. E a [funcionária 1], a primeira vez que eu conheci a [funcionária 1], eu não sabia a religião dela, e ela subiu toda, né, vestida, ela subiu toda, eh, com as vestimentas da, da religião dela, e tinha uma bibliotecária que cruzou com ela nas escadas, ou seja, ela esperou a [funcionária 1] descer para subir, né? Elas duas não, não subiram ao mesmo tempo, então a [funcionária 1] disse que era para ela, era intolerância religiosa. E a mesma coisa foi com o [funcionário2], né? O [funcionário2] estava de turbante, ela perguntou se a bibliotecária chefe perguntou se ele estava com piolho, né, ela sabendo a religião matriz

africana. Então, tipo assim, todos os dias tinha racismo, casos de racismo, eh, assédio moral, eh, em vários aspectos, inclusive até eu sofri assédio moral. E aí, sendo que as duas bibliotecárias são brancas, filhas de grandes intelectuais da, das ciências humanas do Brasil, né? São assim, são, não são, eh, não posso dizer classe média, porque elas estão acima da classe média. O marido da bibliotecária chefe é um grande escritor, assim, um escritor bem elitizado sobre o Cangaço brasileiro, inclusive ele, eh, coloca Lampião como um bandido, mas ao meu ver, ele, ao nosso ver, Lampião não é um bandido, inclusive ele é racista com o próprio Lampião nos livros dele, e que ele é membro da Academia Pernambucana de Letras, né? E ele trabalhou juntamente com o Gilberto Freyre. **E nisso tem a questão da [nome de uma amiga], né? Ela, ela é hoje bibliotecária, mas na época entramos juntos para ser estagiário da biblioteca, e eu estava na Bahia, eu fui para a Bahia nesse ano, foi o ano de 2022, e quando eu cheguei do recesso, que eu tava em recesso, voltei, eu tava na Bahia, e disseram para mim que ela tinha sofrido racismo. E aí, sendo que ela, perguntei o que era, e ela tem um cabelo cheio, ela é forte, né? Ela tem um cabelo, hoje não, mas ela emagreceu bastante, né? Ela tem um cabelo cheio, né, né, o cabelo dela é cheio, ela é parda. E aí, sendo que ela ficava no atendimento ao público, né? Não sei, atendimento ao público, que era o meu, mas ela ocupou, e uma vez essa, nesse dia, né, conversando, né, ela disse: "Olha, eu tava de cabelo solto, eh, [a chefe] entrou, que é a bibliotecária auxiliar, né, e entrou na sala e pediu para ela prender o cabelo porque ela tava assustando os usuários". E aí, tipo assim, é, por um lado, eu perguntei a [amiga], disse: "isso é racismo, você poderia ir à ouvidoria", e ela querendo apaziguar, né, a situação, porque para ela não, não foi só porque eu tava com o cabelo mesmo assim meio solto, querendo apaziguar a situação da, da própria racista que fez isso. E, tipo assim, eh, ela mesmo falou, tinha falado lá, não poderia porque ela tinha primeiro medo de perder o emprego, porque ela dependia muito do, do estágio, tanto que até hoje ela ficou tão apaziguando, tão apaziguando a situação que ela ficou. Mas para mim foi um livramento tão grande, né? Então, tipo assim, eh, quando eu ia para as aulas, né, e tal, aí o pessoal sempre falava mal desse Instituto aí, ó, "não fala tão mal dessa Fundação", eu disse, "realmente". Aí eu tive que jogar o jogo, ó, "é realmente, [nome da amiga] sofreu racismo, teve isso, tem racismo religioso, tinha tudo isso, mas ainda o nosso curso, ele ainda é elitizado, quer ser elitizado, por quê? Porque para ser um bibliotecário excelente, você precisa estar nos tribunais, bibliotecário do tribunal, bibliotecário do STF, bibliotecário dos, dos órgãos federais, né? Porque é esse o status que tem. Ah, aí você chega num evento como o CBBD e diz: 'Eu sou bibliotecário escolar'. Ah, não, mas eu sou bibliotecário da Advocacia Geral da União, eu sou bibliotecário do Tribunal de Justiça do estado de Pernambuco, eu sou bibliotecário do TCE", ou seja, a elite ainda não mudou nada. "Sou bibliotecário de uma Fundação como a Joaquim Nabuco, porque ali entra dinheiro, muito dinheiro, vou dizer para você, entra bastante dinheiro na Fundação Joaquim Nabuco". E aí, sendo que é isso que a gente vive hoje, é uma, é elite, eu quero falar assim, a questão elitista do nosso curso, tá certo? A nossa, a nossa ciência virou mercadoria, né? Por um lado, eu não posso fazer ciência mais**

porque ela não dá dinheiro, eu vai ser meio que jogado do dinheiro fora para a, pra Capes, da CNPQ, né? Não pode estudar mais movimento social, parece que a gente tá fazendo na ditadura militar, não pode mais fazer pesquisa sobre movimentos sociais, ditadura, né, documentação, não pode mais, né? Ah, pode, mas qual é o professor que vai cuidar disso? Tanto que agora tem um professor do meu departamento, né, que ele foi para esse núcleo de documentação que eu sou pesquisador para formar um, né? Eh, que é a gerenciamento eletrônico de documentos, que digitalizar com força, eu até agradei ele, né? Eu até fico assim bastante, né, e, eh, bastante assim, eh, elogio às vezes, que é porque eu foi pelo menos um professor da área que investigar isso, porque eu era o único estudante, de Biblioteconomia nesse departamento, nesse núcleo de pesquisa, porque só tinha muito Serviço Social, Ciências Sociais e História, não tinha ninguém da área de Biblioteconomia. **Então, assim, para dizer a você, a nossa ciência enquanto estudante de Biblioteconomia e Ciência da Informação virou negócio, e nossa, eh, pautas que falam sobre racismo, LGBTQIfobia, deu pauta militante, né?** Tanto que os alunos que trabalham nessa pesquisa, se não pega um professor, eh, que tenha um, um certo grau de conhecimento da área, aí o estudante vai fazer que nem eu, né, vai ser colocado de lado. Inclusive, eu tenho até crítico ao meu orientador, ele é do Sul, sabe, Kariane, ele é do Sul, e aí, sendo que na minha, **o meu TCC é sobre memória da Resistência, né, memória da Resistência que fala sobre a classe trabalhadora, o que que meu orientador disse no meu, no meu, no meu TCC? Tem falando sobre a resistência do Zumbi dos Palmares, né, na luta contra a, a, a Colônia, Brasil Colônia, né? Então, tem não só o, o, o Zumbi, mas também é, também um símbolo de resistência da Dandara dos Palmares, tal. E ele olhou pro meu TCC e disse: "Você tem que tirar Zumbi dos Palmares, tevar Dandara dos Palmares, porque não é símbolo de trabalhador",** ou seja, como se ele não reconhecesse que na época, antes de existir a classe trabalhadora brasileira, quem eram os trabalhadores da época, Brasil Colonial e Monarquia, né? **Então, assim, é um professores ainda que é um pensamento limitado à ciência brasileira, né? Ela segue aos moldes de dizer, "não é isso e aquilo não deve colocar mais que isso". Então, tipo assim, eu até tirei, né? Eu disse, se ele vai parir por causa disso, é melhor tirar, né? Então, tipo assim, eh, eu tirei, inclusive é um professor branco que vai falar sobre a questão da Resistência, que inclusive tem professores no departamento, como eu falei, a maioria é branca, nunca trabalhou na vida, né? Sempre dependeu da academia, né? Saiu da graduação, foi direto pro mestrado, foi depois pro doutorado, depois foi pós-doutorado, então, tipo assim, não sabe a dinâmica do estudante trabalhador, né?** Por exemplo, eu tenho uma amiga mesmo que ela tem um filho, que ela virou classe trabalhadora e mudou de curso, foi pra gestão da informação, né? Então, porque o curso de gestão da informação é à noite, né? Então, tem essa troca também. Então, tipo assim, virou algo de conhecimento científico militante, né? Uma ciência vermelha, ou seja, a gente tá na mira dos professores que não querem pegar uma pesquisa sobre movimentos sociais porque não dá dinheiro. Ah, eu vou entrar na pesquisa sobre mulheres. Teve até um sobre mulheres aqui, tem uma, uma pesquisa sobre documental sobre mulheres negras,

rede de mulheres negras do estado aqui de Pernambuco, e a pesquisa para o pesquisador tava dando R\$ 1.000, ou seja, cresceu os olhos, por quê? Porque tá dando dinheiro, tá sendo financiado pelo governo do estado. E e o meu? que não tem nem sala direito, que tá precária, que inclusive o, o os fundadores dessa minha, desse núcleo, tem uma briga ferrenha com o professor que é minha banca, né, que ele tá na minha banca, inclusive vai ser até engraçado que os dois vão estar na banca, né? [risos] E aí a gente vê o que essa trocada de olhares vai ter, né? Então, por isso contribui também as cotas. **E para finalizar assim, as cotas para mim, ela me deu a possibilidade, porque eu sou cotista L2, as cotas, ela me deu uma, uma apaziguada para ela, para eu entrar, mas e eu permanecer, foi isso que a estratégia da gente não pensa, por isso que hoje os movimentos estudantis fazem isso, não basta entrar, é preciso permanecer. Foi a mesma coisa que aconteceu com a [cita o nome de três amigas], porque saíram todas elas, tem algo em comum, comum, são pessoas negras e que saíram do curso, né? Porque não tinha financeiras, então, ou seja, as cotas para mim, ela foi uma abertura grande assim, eu entrar, né, na, na universidade, mas a permanência foi o que realmente, né, tem dificultado muito a minha vida na vida acadêmica, né?** Então, além da exclusão, há também, né, uma grande, eh, uma grande, um grande assim esquecimento sobre sua pesquisa, até porque sua pesquisa não vale dinheiro, então não serve para nada. Minha pesquisa também envolve a população negra, né, que é classe trabalhadora e sua maioria é negra, certo? Então, aí essa contribuição aí que eu quero falar, não só a minha vida, né, de pesquisa, mas minha vida, eh, pessoal, a vivência no departamento. Lembrar também que a Biblioteca, que os, os, os profissionais da biblioteconomia ainda são elitistas, né, de o tribunal, é essa que vai dar o nome, o norte a você. **[sobre a escolha pelo curso de Biblioteconomia]** Ahim, eu não escolhi, eles me escolheram, né? E aí, tipo assim, eu queria muito fazer História, era o curso que eu queria, fazia, queria, amava história, tanto que minha parte da minha, do meu, tanto que o meu TCC é voltado para a história, história social e história do trabalho, né? Então, foi a nota que deu no Enem, eu disse, bom, vou fazer, fiz, acabei gostando do curso, né? Tinha algumas coisas que eu não gostava, tirei, por exemplo, Ciência da Informação de lado, para mim a única coisa da Ciência da Informação que eu gosto é a digitalização, e também pela prática também que eu tive assim, fui bastante elogiado nesse estágio que eu fiz na Fundação, que eu fui muito elogiado pela indexação, né? Sou muito assim bom na catalogação e pela indexação em resumos, aí eu sou bem realmente especialista assim, eu posso dizer. **[sobre o entendimento das cotas atenderem as demandas dos ingressantes cotista]** Eh, como eu falei para você, uma parte sim, por uma parte não. Tipo, o PINAES, o PINAES, ele é uma política assistencial para os estudantes de vulnerabilidade socioeconômica, em que sua maioria são pessoas cotistas, né? Então, por uma parte é realmente assim. Falta muita política a respeito também dentro da Universidade, **porque dentro da Universidade não há esse apoio institucional para esses estudantes, entende? Por isso que acontece como aconteceu com minhas amigas, saíram do curso, né? Então, por isso, né, deu, não é esse apoio total, então falta muita coisa, por exemplo, estudantes sem residência, estudantes mães sem**

residência, né? Então, por isso que isso não atende todos os estudantes, isso é uma falácia imensa, né? Não, ah, a gente atende a todos os estudantes, mentira! Por exemplo, a maioria dos, se você chega, por exemplo, aqui na UFPE, ainda chamado de triângulo da morte, porque é, é o triângulo do pensamento crítico, né, que é o CEFICH, o de filosofia e humanas, o Centro de Educação, né, que é pedagogia, inclusive o CE foi fundado pelo Paulo Freire, né, Paulo Freire aqui pernambucano, o Centro de Artes e Comunicação, né, que tá o curso de Biblioteconomia, Artes Visuais, Cinema, Jornalismo e etc, e que, eh, a maioria cotista, tudo ali. Mas quando você começa aí pra área de saúde, pra área de biológicas, né, pra área ali das Ciências Sociais Aplicadas, ela vai embranquecendo, e quando chega nas Engenharias também, ou seja, a política de cotas, ela também não atinge aos cursos que a gente almeja fazer. Por exemplo, quando eu nas minhas passagens em salas para fazer eleição de DCE, a o curso de medicina é a entrada, eh de 120, aí entra na primeira chamada, no primeiro semestre, né, e no segundo semestre mais 60, 60na primeira, 60 na segunda, a maioria tudo brancos. A mesma coisa no curso de Direito, o curso de Direito, não sei se você sabe, aqui em Pernambuco, ele é separado do campus, porque aqui foi fundada a primeiro curso de Direito do Brasil, né, que é a Faculdade de Direito do Recife, ou seja, quando a gente também chegou lá, o auditório onde estudou Castro Alves, onde estudou Clóvis Beviláqua, grandes juristas que iam dirigir esse país, que inclusive Castro Alves, tô falando poeta negro, né? Então, tipo assim, em sua maioria é branca, ou seja, um ou dois é negros, ou seja, numa entrada de 60, e que dois são negros, isso é uma queda muito grande, ou seja, principalmente nos cursos, né, de Saúde, Biológicas, Exatas e, né, o Direito, né, o curso de Direito, né, que a gente vê que isso é uma queda muito grande. Saiu uma pesquisa, eu acho que foi em 2019 ou 2020, sabe, Kariane, que eh 57% da dos estudantes universitários são negros, aí falaram, ah, graças à política de cotas do governo Lula, do PT e tal, ou seja, isso é um apagamento na história do movimento negro e colocar o Lula como centro do movimento, né, que foi criado pelo MNU. Então, por isso, né, há essa grande quantidade? Sim, há sim uma grande quantidade, mas todos eles são licenciatura, são futuros bibliotecários, são futuros sociólogos, pedagogos, né? Principalmente porque os cursos noturnos, a maioria, né, porque trabalha e tem que vir à noite estudar. Isso, isso, ó, dentro da UFPE, isso é totalmente abrangente. Não tem como a gente negar isso, tanto que os cursos de saúde, tudo, a maioria é manhã, tarde, e aquele estudante que depende, estuda, não tem. Então, assim, a política de cotas, né, essa lei que você citou, ela abrange em parte, mas por outra parte, totalmente nega essa existência dos estudantes estarem lá. Tá certo? [sobre a sua vivência com estudante cotista dentro da universidade pública] Eh, primeiro, né, através de muita luta do movimento estudantil na UFPE, porque eh, o histórico da UFPE, o movimento estudantil sempre foi grande, sempre efervescência, sempre foi, né, muito grande, e a UFPE, ela não tem dado nada, não, se não fosse o movimento estudantil. Por exemplo, a gente agora teve o vestibular indígena, né? Então, tipo assim, uma coisa que era para ter saído em 2014, veio sair em 2023, vê? Então, assim, a questão sobre debater cotas raciais, ou seja, só é por doutores e pelo movimento estudantil. Então, cadê

o movimento negro inserido nisso? Quando eu cheguei na UFPE, mesmo para fazer minha heteroidentificação, que hoje em dia não existe mais isso, né? Porque acho que meu ano foi o último ano que teve, que levava as matrículas para fazer a matrícula, ia presencialmente, ia lá, pintava-se o rosto, diretório acadêmico, bem-vindo e tal. No mesmo dia aconteceu para mim o exame heteroidentificação, ou seja, tinha que ter um pesquisador, um aluno e um movimento, e os movimentos sociais, né, para fazer essa comissão. E lá eu fiquei admirado, né? Porque eu só cheguei lá de meio-dia, saí de lá umas 7 horas, né? Porque tinha que fazer esses dois, né? Aí entra a heteroidentificação. E aí, sendo que ultimamente na universidade só tem debatido através de grupos de estudos, movimento estudantil, debatendo sobre a importância, **inclusive teve uma aluna lá que nem sabia que era cotista, ela veio saber quando ela passou, né, num exame lá para ser pesquisadora e tinha lá, fulana, tal, tal, tal, cotista L2. Ela, o que que é L2? O que que é L1? O que que é L3? Ela não sabia, né? Então, tipo assim, nem isso a a universidade disponibilizou uma cartilha, certo? Então, ela não sabia.** Eu vim saber que eu era cotista L2 porque lá tinha na aprovação, você é cotista L2, lá no SISU, né? Até hoje eu tenho essa, e no Facebook lá, a minha nome, né, cotista L2, né? Então, tipo assim, muita gente não sabe o que é cotista na universidade. Então, vim aprender através da minha militância, porque se não fosse isso, eu não queria saber. Ah, o movimento de aí, pessoal, a maioria academicista, né, não sabe, não envolve movimento social com academia, inclusive isso é uma exclusão muito grande que eu acho dentro da academia, de excluir esse debate, né, uma coisa militante, né? Que nem a USP, né? Tem, toda a maioria das pessoas odeia a USP porque a USP condena a militância, né? Então, é isso praticamente, sabe? E tipo, para mim, se eu dissesse há quatro anos atrás, eu ia dizer, espere mais um pouquinho, espere mais um pouquinho, porque você vai entrar no curso que você quer, mas não agora, espere mais um pouquinho. E também eu acho que eu exagerei um pouco demais, né? Quero entrar logo, sou um pouco ansioso, quero entrar logo em algum curso na universidade, eu quero estudar, e eu queria muito estudar, né? E aí que entrei e, de cá para de lá para cá, eu vejo que as instituições de ensino superior estão fazendo exames simplificados, né? **Então, eu acho que eu deveria ter falado isso, espere mais um pouquinho, a universidade não é esse mundo todo que os professores de pré-vestibular têm a dizer,** na minha época era pré-vestibular, acho que hoje é pré-enem, né, não sei. E aí, sendo que, espere mais um pouquinho, você vai passar de alguma forma, certo? Então, eh, é praticamente isso que, né, tem acontecido nas universidades, né? Questão negra junto com o avanço do fascismo, isso prejudicou bastante a gente, e vou lhe dizer, foi uma coisa que, **primeiro, que os isentões da Reitoria querem se sentir isentos, ah, não vamos fazer isso para não virar uma coisa militante e virar uma polêmica, né? Então, tipo assim, tratar a gente enquanto cotistas, eh, separado, ah, não faz isso, a gente não pode fazer isso porque acha que vai ser algo muito militante,** né? Então, é uma política da Universidade falar sobre cota racial, e isso não tem abrangido muito. Ah, tem uma bibliotecária, ah, era uma pessoa, é bibliotecária negra e tal. Há pouco tempo o CRB lançou uma cartilha sobre o letramento racial, e isso foi bastante importante a gente ter debatido, né, sobre essa

questão dentro do CFB, né, do Conselho Federal de Biblioteconomia, mas dentro da universidade para estudante, muito paupérrimo, inclusive, eh, casos de racismo mesmo do movimento estudantil, né, colocar o Lula como negro, não sei se você já viu um adesivo que uma certa juventude colocou, Lula negro, ou seja, estavam e caracterizando o Lula negão, né, o Lula negro, foi isso, inclusive departamento tinha Lula árabe, Lula negro, né? Eh, totalmente um caso de querendo colocar pauta maior, né, do Lula, o Lula para eles é pauta superior, né? Então, você não pode também criticar o governo Lula lá no departamento, né? Mas também você também eh, não pode, não vão ficar calados. Então, eu sou um adepto muito grande da crítica ao governo Lula e também em defesa dos estudantes cotistas raciais, né? Até porque eu sou cotista, inclusive eu até inclusive fui eh, fui perseguido, né? Porque disseram que eu não era cotista, que eu era contra as cotas, que eu era contra isso, e tipo, eu sou cotista L2, eu sou cotista, né? Então, foi uma perseguição muito dura que eu vivenciei.”

Sandra

Nascida em Serrano do Maranhão, Sandra de 22 anos, que se identifica como preta, encontra-se no 9º período da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), onde ingressou em 2021. Atualmente, ela concilia os estudos com um estágio, e sua trajetória escolar foi toda realizada em instituições públicas.

“Eu espero que as pessoas continuem adentrando a universidade, as pessoas negras continuem adentrando, utilizando desse desse marco legal, porque é direito, é uma coisa que foi tirada por muitos anos das pessoas pretas, o direito de estudar, o direito de de ter uma vida melhor.”

[Sobre o entendimento das cotas raciais antes de usá-las para o ingresso dentro da universidade] “Eu entendia bem pouco, mas eu tinha um professor de história e ele falava muito sobre a questão da escravidão no Brasil e a questão de que o **Brasil nunca vai conseguir trazer, nunca vai conseguir, praticamente, eh, pagar, em outras palavras, entre aspas, o que fizeram com a população negra por muitos anos.** Foi obrigada a trabalhar e não ter as mesmas oportunidades que as pessoas brancas de estudarem. **Então, ficou uma defasagem muito grande na educação, principalmente da população negra,** e eu tinha mais ou menos assim, noção. E mesmo também com outras pessoas que eram contra, que não são pessoas negras, mas que eram contra a cota, por dizer que eh, **tá minimizando a dor que a pessoa é, é menos por usar cotas,** mas eu usei a cota mesmo. Foi meio assim [risos], eu poderia não usar, só que depois eu soube, eu poderia ter usado, mas eu acabei usando sem saber, né? Porque eu poderia ter passado no quadro de vagas, só que aí, por desconhecimento até do próprio Sisu, eu acabei colocando cota mesmo não tendo a, tipo assim, mesmo podendo passar na lista normal, o que favoreceu agora, né, com o novo sistema do Sisu, né? Que agora tu só vai para o quadro de vagas para cota se tu realmente tiver precisando dessa cota. Então, eu gostei muito depois dessa nova roupagem do governo. *[sobre os relatos que ouviu sobre as cotas]* Eu acredito que seja um pouquinho da convivência. Eu acho que seja mais pela questão do meio que a pessoa vive. **Eh, então, eu**

*acredito que ela acaba sendo levada a acreditar que ela é, ela tem que estudar mais, ela tem que ser menos... Eu até cheguei durante a faculdade, né? Eh, eu vi uma conversa assim do nada, assim, uma conversa na rua, do nada, uma falando assim: "Ah, as pessoas não estudam mais, acham que tudo é cota, tudo..." As duas pessoas conversando: "Tudo é cota, em vez de estudarem mais, eles acham que são o quê?" E tipo assim, eu vendo assim uma situação assim na rua, e aí eu parei para, muito tempo quando eu entrei na cota, para eu entender o processo, né? O processo que as pessoas negras passam na sociedade. Eu falo muito assim do meu irmão, né? Que meu irmão é, é mais tipo assim, eu sou praticamente parda, né? Considerada parda assim pelas instituições, mas o meu irmão é considerado preto. E eu falei assim: "Quanto mais preto tu for, mais preconceito tu tem." Então, tipo, eu não vou sofrer tanto preconceito quanto meu irmão vai sofrer. E as pessoas que estão vendo de fora, principalmente essas pessoas que estão vendo de fora, que às vezes têm pouco conhecimento porque não estão dentro de uma universidade, acabam que essas pessoas que têm um poder, entre aspas, maior, acaba fazendo com que essas pessoas, elas digam que não vale a pena ou que isso aí é só apenas para a pessoa se favorecer e que a pessoa não estuda, sendo que a gente estuda, a gente tá num quadro de vagas e a gente estudou e a gente tá disputando de igual para igual, que não é tão igual assim, a gente veio também de uma defasagem de uma escola pública. Eu sou de uma cidade quilombola também, a minha cidade é quilombola, eh, tem partes que é quilombola e também é uma população de 90 poucos por cento de pessoas pretas comprovadas pelo IBGE. Então, na minha cidade, eu nunca, nunca sofri, para todo mundo é preto, né? Claro que tem uma questão aí de, de entre pretos e pretos, mas enfim, mas eu vou sofrer bem menos preconceito do que quando eu vim para cá, para, para São Luís. Enfim. **[sobre a escolha pelo curso de Biblioteconomia]** Eh, eu vou trabalhar com sinceridade, enfim. Eu entrei, eu queria fazer arquivologia, eu não sei, mas eu tinha a questão da Arquivologia primeiro. Eu queria ser Jornalista, né? Vamos por aí, eu queria ser jornalista e tal, só que eu não sei por eh, eu não, eu tipo assim, eu venho de uma família que é pedagoga e eu também tinha aquele contraste, ah, eu queria fazer Pedagogia, eu não queria, não queria, não queria. E aí o que acabou acontecendo é que eu queria sair da minha cidade, eu queria sair de qualquer jeito, então tinha que passar em alguma coisa de primeira porque aí eu tinha que sair da minha cidade. Eu tinha uma pretensão muito grande, eu tinha um negócio assim que eu tinha que sair, eu tinha, eu tinha que ver porque eu sabia que eu sou uma aluna, eu era, sou, eu era uma aluna muito exemplar na escola, mas eu sabia que a minha procrastinação era maior do que isso. Então, tipo, eu sabia que se eu parasse um ano, eu ia ficar parado lá. Então, eu sabia que eu ia me frustrar, eu também tinha questão de frustração, então falei assim: "Não, vou ter que passar em alguma coisa, eu tenho que..." Aí eu comecei a investigar sobre Biblioteconomia, a questão das notas do quadro de vagas, me interessei pelo curso, segui algumas pessoas até conhecidamente, depois algumas pessoas que fizeram com que eu continuasse no curso. Eu passei para Pedagogia, eu passei, mas eu continuei no curso até porque eu tenho uma pessoa da minha família que trabalha na área também e a minha mãe também foi grande apoiadora de eu continuar no curso porque eu ia trocar de área e aí eu acabei ficando no curso, mas a pretensão mesmo foi porque eu que tinha que passar em alguma coisa e eu tinha que de qualquer jeito sair da bolha que eu tava, enfim. Eh, e o curso de Biblioteconomia, eu tinha muito medo do desemprego, sempre tive muito medo do desemprego, acho que é uma coisa que assola muito a gente da área de Biblioteconomia. Eh, a questão do desemprego, a gente fica assim, será que... Mas assim, atualmente, eu falo que o curso abriu portas que eu não, talvez eu não teria oportunidade em outros cursos. Eu fui do PET, eu fui de projeto de pesquisa, eu escrevi trabalhos, eu fui para outras cidades por conta do curso de Biblioteconomia. Eu sou muito grata a todos os professores, né? A todos os professores que a que me ajudaram a chegar onde eu cheguei através da pesquisa, hoje como um pouco da pesquisadora que eu sou por causa do curso de Biblioteconomia. E mesmo que eu penso em*

continuar na área, eu tô trabalhando numa na biblioteca que é voltada mesmo pra área, então eu penso em continuar minha formação, fazer um concurso público ou continuar na área de primórdio. Eu queria ser professora da área de Biblioteconomia, eu queria ser professora universitária, que é algo incrível e o curso de Biblioteconomia foi uma, tipo assim, eu falo, eu sou muito grata ao curso, eu acho que mesmo se depois disso eu sou muito grata, acho que mesmo com outro curso, fazendo outro curso, eu acho que eu vou ter menos dificuldade porque eu trabalhei tanto com pesquisa, tanto com pesquisa que o, o, eu sou praticamente a mãe da ABNT, entre aspas [risos]'. Então, a gente tem um conhecimento sobre pesquisa que outros cursos eu sei que não trabalham tanto como o curso de Biblioteconomia. **[sobre campanhas/ações que o curso de Biblioteconomia para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais]** Eh, no curso Biblioteconomia da UFMA, as discussões estão emergentes, no caso, porque tem muitos professores da temática, muitos professores estão se interessando pela temática. Eh, é no caso, a bibliodiversidade, muitos falam, a gente teve formação de leitores da bibliodiversidade, eh, também em planejamento, várias outras áreas como projetos, **a gente fala sobre a questão racial, a questão da literatura étnica racial nas nas bibliotecas, que fala que a professora fala muito sobre a questão da bibliodiversidade.** E por isso também eu até participei agora de um de uma escrita de um artigo falando sobre a questão étnica racial, né, da lei 10.639. Então, falando sobre a questão das do dos materiais, né, que falam sobre a literatura africana, afro brasileira. Então, tipo, dentro do nosso curso, a gente tem muito incentivo a partir das disciplinas porque tem vários professores eh, que estão abrindo essa esse novo espaço, né? Porque já tinha um espaço, mas agora ainda mais com essas esse as questões emergentes, né, da questão racial, principalmente pelo Enem, né? Que o Enem ele deu uma ênfase maior para essas questões no ano passado, então aumentou ainda mais essa essa pressão da sociedade arcar com a lei que tá tá estabelecida há muito tempo. **Então, o nosso curso, eu acredito que tá bem bem adiantado nessas questões. [sobre a quantidade de professores negros]** Ixe, deixa eu, deixa eu ver, ah, para eu lembrar, eu tô lembrando só de dois até agora e são mais de dez professores no departamento [nesse momento a participante acessa o sit para confirmar quantos professores negros tem no curso de Biblioteconomia] Eu acho que são três. **[se por exemplo voltasse no tempo, e soubesse que se tu preencher a nota para a classificação geral manteria as cotas, ou não?]** Optaria pela classificação geral. **[sobre a sua vivência com estudante cotista dentro da universidade pública]** Eh, no meu curso eu acredito que tem bastante pessoas negras, eh, um curso bem diversificado e só que assim, em alguns outros cursos da universidade, principalmente no curso de Direito, eh, eu já tive situações assim de de ver um aluno preto na sala de direito, eu vi assim o pessoal tudo passando assim, apenas menino eh, negro negro dentro da sala de de um curso de direito e aí eu fiquei pensando até falei pro meu amigo, né, falei assim, eh, como o curso de Direito, né, principalmente um curso considerado de elite, eh, ainda não abarca muitas pessoas eh, pretas e aí eu senti assim uma uma grande diferença assim, uma coisa assim bem... **[sobre campanhas/ações da Universidade para a discussão sobre as cotas raciais e/ou sobre as relações étnico-raciais]** Nunca vi, mas eh, acredito que a UFMA em si ela não sei teoricamente falando por ter um curso de estudos africanos eu acredito que **a UFMA deve se preocupar de alguma forma com a comunidade negra, né? Até porque tem um curso dos africanos que não têm qualquer universidade. É, então mesmo que eu não tenha visto eh eh evento, mas tem um evento agora na UFMA sobre a questão da população da África Negra,** eu não sei como é o nome do evento, sei que vi no estado de algumas pessoas, eu tô até querendo escrever nele que fala sobre a questão étnica racial também é um evento. Então acho que a a UFMA, a UFMA no caso administrativa a parte mais não vejo essas ações, mas a própria universidade no caso os alunos que fazem compõem o corpo da universidade eu acho que tem essa preocupação geral principalmente o curso de Ciências Humanas, né? Os cursos de ciências de CH se preocupam com essas eh temáticas principalmente o a universidade a União Nacional de Estudantes, né?

Tem essa preocupação. **[sobre o entendimento das cotas atenderem as demandas dos ingressantes cotista]** A cota ela é só uma porta de entrada. A ela as pessoas falam assim: "Ah, ela é cotista, tudo certo", mas normalmente esses cotistas como eu que sai de uma cidade pequena, sai de uma cidade que não tem estrutura, tem uma estrutura boa, às vezes a gente sai, eu saí com uma família estruturada, uma família estruturada, minha mãe estruturada, mas tem pessoas que são tipo da minha cor que sai totalmente desestruturado, família totalmente desestruturada, não tem condições de se manter. Eu tinha uma amiga minha que ela mesmo aquela luta mesmo para manter se manter no curso, até mesmo a xerox é uma questão é muito triste para que a gente não às vezes não tem dinheiro nem para isso. **Então se manter no curso que é complicado para entrar, às vezes a cota tá tudo certo, a cota faz tu entrar na universidade, mas te manter ela não te mantém.** Então mesmo com todos os aparatos que a universidade possa te propor, os valores de bolsas, principalmente, não correspondem com a realidade dos estudantes. Os estudantes ainda sentem que as coisas estão ainda mais caras, né? Então, uma bolsa de R\$ 400,00 ou tu escolhe comer, ou tu escolhe te vestir, ou tu escolhe simplesmente estudar, que não tem como eh medir o quanto que isso recai sobre os estudantes. **Mas a cota em si é muito boa, mas ela não vê as outras questões por detrás, eh, que os estudantes passam na universidade, para além, muitas vezes para além do racismo.** **[sobre a sua vivência com estudante cotista dentro da universidade pública]** Eh, é minha vivência, né, assinar a universidade desde quando eu entrei a partir das cotas foi bem tranquila, até porque eu encontrei pessoas que são da mesma vivência que a minha, encontrei pessoas também que são do interior. Foi uma vivência tranquila em relação à questão racial, até porque eu eu sou uma pessoa, não sou militante, mas acho que se acontecesse alguma coisa comigo, eu iria reagir, mas eu sou uma pessoa tranquila em relação a isso. Eh, hoje em dia, o que eu espero com a lei [Lei de cotas], né? **Eu espero que as pessoas continuem adentrando a universidade, as pessoas negras continuem adentrando, utilizando desse desse marco legal, porque é direito, é uma coisa que foi tirada por muitos anos das pessoas pretas, o direito de estudar, o direito de de ter uma vida melhor.** E para além disso, eu espero que a lei ela contemple além disso, que não fique somente eh a lei, e também espero que a lei seja efetivada, porque muitas vezes não são pessoas pretas que entram por essas cotas, então muitas vezes tem casos de pessoas que não entram por essas leis, mas não são pessoas que realmente precisam dessa lei. Muitas vezes esses estudantes usam para que eh como mais fácil, como eles falam, mas às vezes eles não precisam disso. Então, que essa lei realmente seja utilizada por pessoas que realmente precisam e que ela seja vista para além da para além da da do de adentrar a universidade, mas veja as questões também econômicas, a questão da onde ele vem, da onde que o estudante vem, o que que ele tá fazendo, será que ele vai conseguir se manter? **Que é uma lei, somente uma lei, claro que é um marco legal extraordinário que por muito, por muito tempo e muitas pessoas ainda querem tirar, sendo que foram mais de 300 anos de escravidão que não vão pagar nunca, nem se fosse por muito tempo eles não conseguem pagar o que as nós, no caso, né, nós passamos eh todos os dias e espero os atos de racismo dentro da universidade.** Que eu não passei, mas tem pessoas que passam todos os dias, principalmente em outros cursos que são eh mais de pessoas brancas e com certeza devem passar aí por esse racismo estrutural de alguma forma. **Eh, espero que a universidade, né, ela faça essa consciência das pessoas, que ela mostre o poder que a lei tem, que não fique só na cabeça das pessoas pretas, ah, a gente tem esse direito, mas que as pessoas brancas elas vejam o porquê desse direito, saber o porque a gente tá ali e saber o porque aquela lei foi efetivada e continuar lutando todos os dias para que essa lei ainda seja eh mais ainda eh efetivada e também aprimorada de acordo com os anos.** É normalmente eu não sou eu não sou muito eu não sou muito de tá de ser sujeito de pesquisa, mas só que eu achei a pesquisa interessante, eu falei assim, eu vou dar uma oportunidade, porque eu não gosto, principalmente de questionar, mas só que eu sei que se eu fosse fazer uma pesquisa, meu TCC mesmo, eu não

quis ter eh sujeito de pesquisa por agora. Então, eh, quando eu tava fazendo levantamento, né, que eu fiz uma pesquisa aí sobre bibliotecário com deficiência e eu acabei precisando, né, de pessoas sujeito de pesquisa, eu percebi a dificuldade que as pessoas procurar eh sujeitos de pesquisa, eu falei: "Não, eu vou dar uma oportunidade, acredito que a temática é boa" [risos]. Espero que você consiga."